BRANCAGLIONE'S PROJECT

REFLEXÕES 2019
VOL.2

MARCUS BRANCAGLIONE

BRANCAGLIONE'S PROJECT

Reflexões 2019

VOL.2

Marcus Brancaglione

© 2020 Marcus Brancaglione.
Este trabalho e todo *seu conteúdo está licenciado sob a Licença*
ⒶRobinRight.

Para ver uma cópia desta licença, visite
https://www.recivitas.org/licenca-robinright

Autor: Marcus Brancaglione

Organização: Bruna Augusto

1° edição
São Paulo
ReCivitas books
2020

Artigos Outubro à Agosto de 2019

1. Bolsonaro pagando 13° do Bolsa Família?
2. Extinction Rebellion? Em cima no Reino Unido ou bem mais embaixo, no no Equador?
3. Qual a solução? Da quebra dos paradigmas e padrões à Arte seminal da Superação, o verdadeiro X da questão
4. Qual é a solução para os problemas do Brasil e do mundo?
5. Me diga o que come o Leviatã (além de gente) e eu te digo para quê fim caminha o "Planeta"
6. Discurso de Greta na ONU: A questão não é o que essa nova geração está cobrando dos governos, mas o que eles (e nós) estamos querendo delas (com isso tudo).
7. Janot faltou a aula básica sobre desobediência e sobrevivência civil: "não pegue a arma"
8. Temer se "arrependeu" de ter apoiado o golpe? O que ele está querendo dizer com isso? Não está dizendo, está chamando: I-DI-O-TAS
9. Andreu Navarra: "Ciberproletariado: "uma geração sem dados, sem conhecimento e sem léxico"
10. Declaração de Jena: Um manifesto pela abolição do racismo disfarçado de biologia
11. Liberdade versus Poder: Das guerras na era da informação e consciência
12. Pulsão de Vida? Não, Compulsão de Morte
13. Autodestruição: Até quando e porquê estamos condenados a repetir os mesmos erros?
14. Brasileiro um povo carente: Uma "homenagem" aos lavajatistas que se apaixonaram pelo mito
15. Royal Idiocracy in UK: E quem foi que disse que a Rainha da Inglaterra não serve para nada?
16. Mais uma guerra mundial de Idiocracias: Salvadores de Pátrias versus Salvadores do Planeta
17. Deadpool: A Amazônia é nossa? A Amazônia é um patrimônio da humanidade? Tolinhos… "The Amazon" já é um domínio reservado para outros donos…
18. Horror e Humor: A fantástica fábrica de psicóticos dos doutores estatopatas.
19. Da série as origens do homem (e sua idiotia): quem veio primeiro a agricultura ou a escravidão?
20. Idiocracia: "Passar fome no Brasil é uma grande mentira…" e a "verdade" libertará: "R$ 200 bilhões vão para o bolso dos mais pobres"
21. Pague para entrar… reze para sair…
22. Violência, Armas de fogo e Desarmamento Doméstico e Internacional
23. A navalha de Ockham, a Espada de Alexandre e a Pulsão de Morte

Este livro é um compendio de artigos publicados originalmente na plataforma do blog www.medium.com/@mbrancaglione no período de Outubro de 2019 à Agosto de 2019. Os textos encontram-se brutos, sem edição. Confira os outros volumes para ter acesso a todo o material.

Aos meus filhos.

Bolsonaro pagando 13° do Bolsa Família?

Nunca subestime um populista, nem de esquerda... nem de direita

Quem diria, hein? Quem diria que estaríamos a ver e passar por tudo que estamos vendo e passando? Pergunta errada. A pergunta não é "quem" diria, mas "qual", qual modelo era e é capaz de predizer o que estava e está acontecendo. E fazendo predições e proposições factíveis com antecedência e fornecer não só as promessas, mas as tecnologias capazes de mudar a trajetória dos fatos não depois do leite derramado no presente, antes do leite, ou sangue derramado, e depois amanhã, quando a proatividade já era, e só resta a armadilha do eterno ciclo vicioso da ação e reação. Mas pode chamar de furação de olhos, e olhos furados, até que em terra de cego quem tenha um só olho seja o rei.

Porque a questão não é ficarmos eternamente perplexos, mas superar de uma vez por todas os modelos ultrapassados, aprendendo a ver o futuro, para nunca mais nos conformarmos com nosso passado, e sim aprendermos de uma vez por todas a construir nosso futuro. Isso não é premonição, nem muito menos falta de fé ou esperança, mas fé na capacidade de fazermos ciência, consciência e livre arbítrio, não só na própria, mas do próprio povo.

Segue escrito de 24 de Maio de 2016, um olhar libertário do passado para o futuro autoritário do Brasil de 16 de Outubro de 2019:

Bolsa Família: O desmonte?

Desmontar? Mas que nada! Só se forem idiotas. Eles vão é apertar o cabresto e montar em cima ! De espora e chibata na mão!

Desmontar o cavalo selado? Eles vão é botar a cambada deles no bojo e desfilar nesse cavalo de troia! E com todo mundo aplaudindo o mais novo salvador da pátria! E se não se iludam sem democracia direta e renda básica, se não for o impopular do Temer será alguém bem pior: um populista- só que agora de extrema direita religiosa.

E como se não bastasse, enquanto isso, enquanto o novo feitor do Brasil desfila distribuindo rendas alheias como se fosse favor e não obrigação, estará roubando o patrimônio publico para entrega o nosso capital aos seus verdeiros senhores. E a isto não se chamará crime, mas a salvação do Brasil!

Eis o verdadeiro golpe meus amigos, que não é dado contra governantes, mas por governantes junto como outros governos contra os povos para compram e vender nações a preço de banana. Um golpe dado por todos os governantes disputando ao preço da morte da população a "aprovação internacional". Um golpe que não é dado por esse ou aquele

partido mas todo uma classe politica já pré-paga e vendida, a trair sua nação e traficar seu povo e suas terras em troca das bananas dos rei e tolos... ouros e tronos.

E só há uma coisa pior do que esse golpe: é o crime de responsabilidade fiscal ou social consumado como crime contra os direitos humanos quando até as garantias precárias e corrompidas do minimo vital são diluídas e subtraídas.

O Estado que não tem recursos nem para garantir o minimo vital aos mais carentes é um estado falido. Mas o Estado que além de expropriar reiteradamente renda, trabalho e propriedades se exime até da obrigação porcamente cumprida de ao menos minimizar a carência dos mais carentes sob sua custodia para que perecem pela privação do que ele roubou, não é apenas um estado ladrão é um estado genocida.

(...)

Desmontar o Bolsa-Família?

Só se eles forem tão estúpidos no social quanto foram seus antecessores na economia. Com certeza no que se refere ao aparelhamento estatal, os novos chefes de governo estão determinados a se livrar dos petistas. Mas o que os impede de enfiar a cambada deles no lugar?

Sensibilidade social? Nula. Noções de Populismo? Zero. Mas por que é que eles haveriam de jogar fora o cabresto e desmontar o maior cavalo de tróia da história quando eles podem entrar no bojo e montar em cima?

Programas de renda mínima condicionados são o presente de grego dos governos para os pobres. Por fora tudo o que eles precisam, por dentro, contrabandeado toda a burocracia e sua cambada pronta para controlar os dependentes. Desmontar então para quê? PT fora agora basta colocar os cupinchas do PMDB, que pode até não ser o verdadeiro dono do curral da fazenda Brasil mas é o novo feitor.

Eles podem aumentar ainda mais as condicionalidades. Podem focalizar ainda mais os pobres. Podem cobrar ainda mais as contrapartidas. Podem fiscalizar ainda mais os dependentes. Eles agora podem tudo o que o PT podia, e o mais importante: eles podem fazer tudo isso dentro do que está previsto e funcionando no esquema do programa! E mais! Podem usar dos mesmo métodos econométricas para provar o quanto assim aumentaram a "eficiência" e "eficacia" do sistema e diminuíram a pobreza, exatamente como agora sumindo como os pobres... no papel.

Eles podem apertar cabrestos; pesar na chibata; sem sequer tocar no modelo tecno-burocrático do programa ou suas pseudo-avaliações. Eles podem até trocar de nome; e voltar a chamar o programa de bolsa-escola. Podem devolver explicitamente o seu verdadeiro caráter neoliberal e ainda economizando recurso como propaganda populista

para encobrir isto. Em suma, eles que podem simplesmente usar e abusar de tudo isso, que é inerente ao programa e ainda ganhar votos e aplausos por isso, porque é que desmontariam o programa então?

(...)

Entretanto se esses fisiologistas que nunca aspiraram mais do que ser a verminose da República se deixaram mesmo picar pela mosca azul, ou pior, tem apenas por ordem acabar mesmo com todas as conquistas sociais. Então rezem, ou pelos menos aprendam a fingir a rezar. Porque não vai ser nem o que eles querem; nem o que os petistas querem, nem o que eu quero: vão dar fascistas e evangélicos na cabeça, e mais rápido do que eles mesmos estão se preparando para tomar o poder.

Que a esquerda palaciana está contando que eles façam deem esse passo enquanto ainda sonha como a retomada do poder isso nos já sabemos. Mas se esses fisiologistas escorregarem mesmo no ódio cego e fazer mais bobagens no social quem vai vir para tomar o lugar é a ultra-direita bandida e fundamentalista porque a fidelização fanática da doutrinação ideológica evangélica sobre seus convertidos já superou a evangelização dos petistas sobre seus militantes fanatizados faz tempo.

O petismo que usou e abusou destas técnicas de manipulação fanático-religiosa que aprenderam dos seus doutores da teologia, agora vão ser engolido pelos novos teólogos da prosperidade sem nenhum pudor de assumir seus anseios de posse e poder materiais. E assim os políticos que se fingiam profetas, vão perder lugar para os profetas que se fingem políticos. Todos farsantes, bem sabemos, mas a ordem dos fatores piora ainda mais o produto social desta equação fano-política.

Os políticos que se fingiam profetas, vão perder lugar para os profetas que se fingem políticos. Todos farsantes, eu sei, mas a ordem dos fatores piora ainda mais o produto social desta equação fano-política.(...)

Como disse, pouco importa a previsão do passado. A questão é o futuro. E para isso é preciso trocar de paradigma. Do autoritário para o libertário. Do determinista, para o autodeterminado. Do clamor fanático por grandes líderes populistas, e transferências de responsabilidades. Para o chamar da responsabilidades mútuas, as verdadeiras responsabilidades cidadãs que constituem não partidos, mas a unidade da sociedade civil, não como demagogia e discurso, mas como ação e prática solidária e voluntária de pessoa para pessoa, cidadão para cidadão. Cada um dando o que pode, com o tempo que tem para quem não precisa de nenhum tipo de discriminação e todos decidindo juntos em tantos grupos quantos as pessoas quiserem se juntar ou separar para agirem em paz como bem entenderem, para se ajudarem umas às outras. Uma ética simples e poderosa, mas que não só acaba com a pobreza, mas constrói a verdadeira riqueza das nações, não aquela que se pilha matando e invadindo outras, mas produzindo e até competindo sobre essa base cooperativa pelo capital.

Da conjuntura internacional

Sei que a ordem internacional do dia é a austeridade a todo custo inclusive como perda de todas as conquistas sociais. Mas também sei que a austeridade não é só para salvar velhos bancos e estados insustentáveis e falidos, mas sobretudo frear toda a revolta e desobediência civil renascente com esse status quo. E é por isso mesmo que sei sem programas compensatórios que mantenham a população devidamente "pacificada" o risco de ruptura social é demasiado grande para que uma precarização de direitos trabalhistas e civis de certo.

Logo a retirada do bolsa-família não seria apenas um crime contra a vida das pessoas carentes, mas um erro estratégico inclusivo do ponto de vista dos daqueles que controlam os programas e sistemas de governo a menos o que eles queiram não sejam só explorar o trabalho, mas subtrair recursos e territórios vitais. O que infelizmente é o mais provável.

A questão não é portanto se o PMDB sabem qual é o propósito governamental do bolsa-família ou não, eles tem faro para essas coisas, A grande questão é se os verdadeiros donos da fazenda Brasil deram inadvertidamente a ordem para os feitores desaparelharem o cavalo. A grande questão é se quem comanda nosso novos feitores, conhece o bolsa-família, porque a função neoliberal das transferências de renda condicionadas já está muito bem referenciada até na literatura acadêmica como "armadilha de pobreza", mas se o interesse é só mesmo perpetuar a pobreza, ou levada aos extremos gregos, onde não se interrompem distribuição de rendas sociais, mas se compram os patrimônios públicos.

Se o Brasil já estiver devidamente rendido e vendido, então ninguém vai objetar que os novos feitores sentar em cima do programa social mais aclamado do mundo para os países subdesenvolvidos ao sul do equador, ou como diriam nossos hermanos para nosotros os macaquitos?

Enquanto forem obedientes e subservientes eles podem ser "os caras" e entregar o que eles querem eles podem até fazer bravata, mas que se atrevam a pensar que são iguais e querem sentar nas mesmas mesas que eles.

Entretanto não confundam minha critica presente com as teorias de vitimização conspiratórias pregada por governos demagógicos da pseudo- esquerda latino-americana e seu bolchevismo tardio. Talvez eles sejam menos oligárquicos, mas são mais populistas, e tão traidores, autoritários e entreguistas quanto seus aliados-inimigos. Eles não são as as vitimas mas os traficantes e feitores dos crimes de roubo e genocídio perpetrado pelos verdadeiros branco supremacistas dos colonialismo contemporâneo. Você e ele podem achar que eles são brancos e ricos, mas pergunte ao verdadeiro dono da fazenda bem nascidos longes dos macacos tropicais o quão brancos eles são.

Eles são aos olhos da gene mais pura tão negros ou quanto nós, e não haveria escravidão se só houvessem brancos supremacistas. Há que se ter pretos-da-casa e capitão-do-mato que se acham ou aspiram a civilização para que se forrem os navios negreiros. Ou você

acha o que os brancos escravagistas entravem no meio do mato para caçar preto, ou os "vencedores" entregavam os "vencidos" facinho para eles.

A exploração, a discriminação, até o genocídio custam muito caro onde há resistência, é preciso traição, é preciso que o irmão entregue o irmão, o pai ao filho, o vizinho da esquerda entregue o da direita, e o da direita o da esquerda para se instaurar a dominação. É preciso institucionalização a divisão da humanidade é preciso sistematizar a traição dos povos para haver exploração do homem pelo homem, e traição institucionalizada das sociedades tem nome e se chama: Estado.

Por isso peço não traiam a si mesmo, não traiam a sua humanidade em nome de governos. Mobilizem-se senão conosco, por conta própria, mas mobilizem-se, para que essa advertência não vire profecia :

Se deixarem, ou melhor, se deixarmos, senão eles outros virão para enfiar seus para dentro da burocracia e depois desfilar em cima do maior programa de distribuição de renda condicionada do mundo: ou seja cobrando como se fosse favor o que é direito do povo e literalmente pagando com se fosse benesse deles o que não mais do que sua obrigação constitucional garantir o mínimo vital.

Sem renda básica incondicional urgente, veremos ainda os piores populistas da extrema direta emergente desfilando como os novos salvadores da pátria montados nesse cavalo de tróia, cercados de novos fanáticos fieis e sob o aplausos de organismos internacionais enquanto o povo segue submetido e alineado aos regimes de carestia regulada e vigiada como se fossem o combate (eterno) à pobreza. Veremos os novos capatazes dos donos da fazenda Brasil não apenas apertar o cabresto e diminuir a ração mas montar de espora e chibata contra um povo currado e celado e quebrado pela dita esquerda.

E enquanto somos mais uma vez enganados enquanto recebemos como benesse as migalhas das rendas sobre propriedades que são nossas, essas propriedades são roubadas e vendidas junto como a promessa eterna da nosso trabalho forçado como mão-de-obra eternamente escravo-assalariada por usurpação da nosso patrimônio e herança natural.

E há ainda o branco-da-casa, o burguês de esquerda que ainda diz: "veja meu nobre colega, olha companheiro, era melhor ter ficado com sob a chibata mais leve do outro capatazas. Malditos escravagistas travestidos de abolicionistas, fácil é falar como a chibata e a humilhação são é leve quando você é a mão e não lombo; quando você a vigilância e a burocracia e não o vigiado, marginalizado e dependente.

Que a casa grande queime e seus bons e maus sinhozinhos fujam juntos para a Europa. Eu quero ver nosso povo que nunca será branco, mas é igual livre.

O que estamos vendo pelo mundo afora não é uma perseguição das esquerdas. É uma contra-reação contra a primavera libertária que renasceu de forma muito similar a onda anti-governamental do inicio do final do seculo XIX. E que não por acaso foi morta junto

com tantos inocentes nos campos de concentração e trincheiras das guerras mundial — dando lugar a essa geração de eternos baby boomers que hoje nos governam como se fossem as últimas crianças do planeta Terra.

O que estamos vendo é o Brasil sendo posto no seu devido divido dessa eterna nova ordem mundial, a sempre fazenda e feitoria escravagista na divisão internacional do trabalho. O pais que junto com Índia e China e todo um o continente africano são os maiores provedores de recursos naturais e mão-de-obra semi-escrava e sub-humana aos olhos dos supremacistas brancos, donos dos centros do mundo.

O pais que deve se contentar com no máximo democracias populistas e programas sociais assistencialistas condicionados às contrapartidas governamentais. Democracia direta, renda básica incondicional. Isso é coisa para gente branca rica e cidadão de primeiro mundo, pobre preto e indios latino-americano, tem é que dar graças a deus pelas ditaduras populistas ou bolivarianas, pelos bolsas-famílias e empreguinhos de bosta como se fossem o supra-sumo da liberdade e democracia ou ficar com oligarquias patriarcais do velho testamento mesmo que nem dão pão mas pedra mesmo.

Para as periferias do mundo é bolsas famílias e democracias irrepresentativas, para os países ricos "civilizados", desenvolvidos e industrializados: mais democracia direta e direitos humanos garantidos de fato como renda básica incondicional. E volta para cozinha e aprende a dizer muito obrigado, hein seu ingrato.

E você que pensava que a esquerda caviar morava só no eixo Rio-São Paulo?

Para eles brancos ricos e civilizados e industrializados é renda básica incondicional e democracia direta; para nós os eternos escravos na divisão internacional do trabalho, é bolsa família e governos populistas. Para eles direitos políticos e economicos plenos, para nós os eternos empregados do lixão do mundo direitos precários e programas asssitenciais vigiados e compensatórios a lá bolsa família e essa democracia de fachada.

Para eles brancos democracia direta e cidadania plena, para nós caudilhos e golpistas a lá Lula, Dilma, Temer, Maduro, Serra, por aqui qualquer ditadura populista de merda a direita ou esquerda que a massa engula (à força) serve, desde cole a palavra democracia na p*orta do seu boteco e vende mão-de-obra e petróleo a preço de banana.*

Os novos estados-nações neoliberais especialmente nas periferias da nova ordem mundial não serão apenas estados prisionais mas estados panópticos paternalistas onde o bem-social minimizado e condicionado é apenas a face branda da sua vigilância e repressão dos povos reduzidos a massa e mão-de- obra precária.

Programas assistências compensatórios, como o bolsa-família, que demandam focalização, condicionalidades e condicionamento, são por definição esquemas de controle, tutela e ressocialização das populações dependentes, historicamente classes e povos marginalizados. Mesmo que eliminada a sua instrumentalização partidária-eleitoral, o

programa permanecerá cumprindo seu papel inerente e sua missão governamental de ração e pacificação dos exércitos de reserva do precariado dos povos não-brancos da nova ordem mundial.(...)

Um novo paradigma que não interessa ao corporativismo de quem não quer acabar com a pobreza, e seus tecnocratas e burocratas, mas continuar a fazer do pobre e sua pobreza: cobaia, militante, eleitor, o empregado, soldado, o alienado da sua tirania populista de suas corporações estatal ou não, sempre de interesses os mais privados e particulares possíveis, o dele. E não o membro da sociedade com direitos de participação e dividendos sociais sobre o patrimônio e riqueza da Nação que eles não só pilham mas entregam a quem pagar mais pelo preço do seu latrocínio e genocídio do tráfico do seu próprio irmão como cadáver e terra e casa arrasada, mas pode chamar pelo eufemismo deles: corrupção. Perdão, autoridade, porque autoridade é um direito e privilégio dos governantes, e logo uma obrigação e sina exclusiva dos excluídos dos desiguais em liberdade, e portanto em poder para decidir o destino dos seus próprios corpos, liberdades e propriedades. Algo que antigamente se chamava de servos e escravos ou idiotas mas hoje, em tempos de verdades e fatos alternativos cada vez mais consumados, chama-se cidadão mesmo.

(...)

O bolsa família é portanto na economia o que é a democracia representativa na politica muito bonita perto das ditaduras, mas a mesma farsa perto da verdadeira liberdade: a cidadania plena sem tutores, a democracia direta politica e econômica.

Programas sociais como o bolsa-família são a parte da frente do açougue neoliberal. E nem queira saber do que é feita a salcinha.

É a outra forma, mais limpinha e cheirosa de (não) lidar com a raiz do problema da marginalização e manter "pacificados" os marginalizados que ainda não decaíram na criminalidade ou na miséria absoluta — aquela que não se tem nada nem mais família.

Bolsa família, como todo direito trabalhista, ou em termos contemporâneos compensatório da precariedade da ausência de trabalho livre, é a mitigação do mal da escravidão assalariada. Ao Roubo e escravidão não cabe mitigação nem compensação, mas extinção e restituição das liberdades e propriedades roubadas.

Nenhum trabalho forçado análogo escravidão, toda exploração por privação primitiva não deve ser objeto de assistência, subsidio ou compensação, mas de extinção por garantia de direitos de propriedade e renda naturais inalienáveis. E toda propriedade estatizada, privatizado, ou até mesmo socializada compulsoriamente deve ser devolvida aos seus legítimos donos, a começar pelos bens que são natural e ecologicamente de todos pelo simples fato de que ninguém poderia sobreviver sem: o bem comum.

Mais imposto? Redistribuição de renda compulsória?

Tudo isto é um engodo. A riqueza que nos falta não está nas mãos do vizinho, nem mesmo dos mais ricos, mas sendo agora mesmo entregue pelos nossos governos para sustentar seus cargos e os privilégios das classes e empresas que colocaram eles lá.

Não precisamos da benesse de nenhum estado autoritário feito da expropriação da riqueza alheia, precismos sim é nos livrar deles, para poder garantirmos mutua e universalmente as nossas propriedades e rendas comuns que são nossas por direito natural como habitantes da nossa terra.

Porque toda a renda básica que nos precisamos e nos falta é está que já é nossa, nosso capital e patrimônio natural, que está a ser entregue a nossa revelia aos donos dos fundos e corporações internacionais, não só agora, mas desde que nos chamamos Brasil como pagamento de dívidas que nunca se findarão enquanto não acabarmos com quem as fabrica... e vende nosso trabalho para pagarmos por eles.

Repito, o bolsa-família é um engodo, mas se você me perguntar vamos acabar com ele? Saiba que isso perante as necessidades a luz do direito natural se traduz assim: vamos cometer um crime contra a humanidade?

Sim o bolsa-família não é o máximo, não é nem sequer o mínimo de uma vida livre e digna, mas você não derruba o teto do preto e do índio porque sua casa é sua prisão ou o grileiro o mantém em servidão em troca dela. Você derruba o grileiro e devolve a terra ao nativo e ao dono por usucapião para que ele no lugar da senzala refunde sua nação como sua casa livre.

Sem isso jamais haverá uma revolução verdadeiramente americana nem democracias, mas colonização aristocráticas mais ou menos bem disfarçadas nem ao sul nem ao norte do continente. E em verdade em nenhum lugar do mundo, porque não há mais terra ou povo deste mundo que não tenha em algum momento de sua história ainda não sido colonizado.

Sim o Bolsa-Família é um engodo, porém a carência da população é fato e sua necessidade emergencial. Não importa que a manutenção dessa necessidade tenha sido planejada ou cultivada. A sua retirada não é apenas um mero erro estratégico de quem quer a pacificação (no sentido mais bovinos da palavra); a retirado do bolsa-família de é um crime de responsabilidade social que se consuma como violação contra os direitos humanos.

Ladrões podem tem força para manter suas pilhagens e reféns, mas não tem legitimidade para estabelecer condições nem contrapartidas para devolver o que não é seu. Não podem cobrar das vítimas que paguem resgate ou vassalagem para que devolvam o que eles usurpam e roubam. Ladrões tem que restituir incondicionalmente a liberdade e a propriedade a seus legítimos donos. E ladrões que monopolizam o bem comum não apenas rouba o que não poderia, mas colocam em perigo a vida de quem precisa de tudo que é vital e eles tomam e renegam até mesmo como a refeição ao encarcerado.

Impor condições para cumprir a garantia do minimo vital já é um crime contra o contrato social. Subtrair então toda essa garantia precaria e criminosamente instrumentalizada não é justiça nenhuma, mas um crime ainda maior e contra não apenas contra o direito do cidadão, mas contra os direitos a vida do ser humano.

A propriedade e renda que hão de faltar ao carente não são apenas as posses e dividendos sociais expropriados de todo cidadão, mas a subtração da compensação mínima para que esse roubo não se configure como privação até a morte, trabalho forçados legal ou ilegal. Não é portanto a manutenção de nenhuma garantia de liberdade de fato como relações consensuais ou trabalho vocacionada, é a não renegar ao privado disto tudo até mesmo o direito a subistência sob custodia e servidão política mesmo.

Quem quer acabar com o Bolsa-Família precisa colocar antes a renda básica na prática e não só no papel, ou vai entrar para história não como um golpista, mas como um criminoso. Porque o que você pode acabar com justiça é com as contrapartidas e condicionalidades, jamais com a garantia do minimo vital aos mais carentes que é um direito fundamental de todos sob a custodia sob um Estado e portanto obrigação governamental. É isto ou declarar a falência e dissolução do Estado, o que não livra eles da obrigação como governantes, mas não a de todos nós como iguais em direitos em não violar o usufruto dos demais ao bem comum, ou novamente garantirmos a participação no rendimento do nosso nosso território a todos os habitantes.

Mas não nos enganemos. Acabar com a burocracia das condicionalidades e contrapartidas estaremos acabando com o bolsa-família ou sua neoliberalidade, estaremos tirando o cabresto, mas não estaremos garantido nenhuma renda básica para todos, nem acabando com os currais e estrabarias do mundo. Mas pelo menos, agora sim, estaremos indo mesmo em direção a garantia desse direito, porque sem o clientelismo poderemos enfim começar a discutir com honestidade o verdadeiro caminho a universalização dos direitos- a ampliação da abrangências das redes de proteção social.

Ao se livrar das desnecessárias contrapartidas e condicionalidades, sobrará ainda focalização e elegibilidade. Porém esta é uma questão que mesmo em países pobres (o que não é o caso do desigual Brasil) pode ser contornado sem discriminação, mas lidando sem hipocrisia contra a segregação, olhando com coragem para o mapa dos apartheids sociais, priorização a libertação das senzalas mais pobres do mundo.

Porque a pobreza não precisa ser separada por faixas de renda ou classe social, o pobre já está segregado por muros e fronteiras geopolíticas bem definidas e bem guardadas não apenas por pátrias e nacionalidades, mas por burgos e urbanidades.

Por conhecimento de causa, garanto a vocês, fora o desvio padrão, ninguém, nem mesmo o burguês que se acha de esquerda) ou (gringo que se acha cosmopolita) vai sair do conforto para ir morar nos guetos e periferias ou campos de refugiados do mundão afora por nenhuma razão social deste mundo, muito menos só para receber uma renda básica.

Não sou só um idealista, mas um ativista e praticante das utopias libertárias Por isso se estou sonhando, o faço mais acordo que todos os devotos do realismo político.

E por isso mesmo sei que não existe nenhuma liberdade ou democracia onde ditos cidadão livres não desfrutam das condições materiais necessárias para todos disporem igualmente do seu tempo não só como poder de decisão sobre seu ócio e negócio, mas para participar voluntariamente do lido da coisa pública.

Sei que a renda básica sozinha nunca será a restituição completa do bem comum como controle da propriedade pública, porque isto só poderia ser feito por uma cidadania plena via democracia direta, mas já é a metade imprescindível do caminho a liberdade. É a indispensável devolução imediata do acesso ao usufruto do rendimento das propriedades aos habitantes, que poderão ainda não ser politicamente livres, mas ao menos não serão mais economicamente escravos.

E sei, sem hipocrisia que definitivamente só há portante um a forma legitima de acabar com o Bolsa-família, ou qualquer estado ou programa neoliberal ou estado social-democrata autoritário: é garantindo a renda básica incondicional, e se jamais haverá incondicionalidade plena enquanto não houver democracia direta, também jamais haverá direitos políticos plenos, isto é igualdade de autoridades onde não houver liberdades básicas garantidas de fato para todos.

E se lei são necessárias para que direito fundamentais sejam garantidos de fato e direitos humanos não sejam mais ignorados ou desrespeitados, que seja. Mas essas leis não pode ser meras leis protelatórias, do me-engana-que-eu-gosto. Não podem ser como a lei do ventre livre que só serviu no fundo para retardar ainda mais a libertação e fazer do o último pais do mundo a abolir a escravidão! E isto só como uma guerra e a queda de um império!

Leis de garantia de igualdade de liberdade não podem ser o engodo dessas leis demagógicas que não saem do papel ou os programas populistas clientelista, mas a provisão de liberdades fundamentais de fato garantidas para todos: renda básica incondicional constitucional e não-governamental: Renda Básica libertária.

O futuro do Bolsa Família 1

PARTE UM

medium.com

Já quanto ao Nobel sobre os estudos sobre a pobreza fica para uma segunda parte, porque preciso terminar, outro escrito sobre os Curdos e a Catalunha e o Equador. Porque as frentes e vanguardas agora são outras, e o buraco não só bem mais fundo, mas cada dia mais fundo, uma verdadeira vala comum, onde não por acaso deveria estar o tal do bem comum.

E a proposito, em tempo, por falar predizer em futuro, vai mais algumas do passado mesmo, incluso aquelas que dão nome para os (fri)bois, e olha quem eu achei o filhote de FHC, e papai de Tabatas e outras lagartas prontas a virar borboleta. Porque não é só guerra, mas também politica se faz com submarino.

"Há cenários políticos que os analistas e cientista políticos quase nunca consideram, seja porque não tem coragem de tornar público, seja porque ganham para sequer o aventá-lo, seja ainda porque não querer nem lidar com a mera possibilidade dele ocorrer. Um deles que não é nada improvável é o completo derretimento dessa farsa democracia, o outro é a permanência de gente que tem o poder de fato, não aceitaria na presidência. Ninguém chega a presidência (vide Lula e a sua famosa carta) e nem fica sentado nela (vide Dilma) sem beijar a mãe a anuência dos grileiros desse terra chamada Brasil, não chega, não fica, nem se sequer concorre sem que eles tenham absoluta certeza que independente dos discursos, na prática eles estão subordinados e servem aos seus interesses. Nem Lula pós-Moro, nem Bolsonaro transmitem essa segurança ao "mercado". Daí a busca desesperada por um engana-trouxa para colocar nas prateleiras o ano que vem, tipo um Huck ou qualquer sub-produto do gênero."- ***Idiocracia, Idiotas e Idiocratas... no Brasil***

Idiocracia, Idiotas e Idiocratas... no Brasil

Uma idiocracia, é sempre uma relação de quem se acha muito esperto e outros ou outros idiotas. E de alguém que idiota...

medium.com

No fundo não tão difícil assim saber o que vai acontecer, desde que você não caia de novo no conto deles...

Era do tardio 2017, mas vale ainda mais urgentemente para 2019 e se tivermos sorte, por algum tempo mais, antes que já não possamos mais fazer nada, salvo lamentar:

(...) Hoje está claro como dia que as burguesias de esquerda e direita não passam de capachos desses lideranças politicas mafiosas de direita e esquerda que compõe assim como as diferentes correntes dentre de um mesmo partido um mesmo esquema dentro do sistema, um mesmo grupo de interesses antagônico aos do resto da população, a plebe.

Mas quem é a plebe? É fácil de saber?

Você simpatiza ou milita por algum partido? Tem o rabo preso ou paga pau para algum politico? Você, saindo um ou entrando outro muda alguma bosta na sua vida? Você recebe algum, decide alguma coisa se entra um ou sai outro? ou só fica assistindo torcendo e achando, acho que tá melhor agora, tá pior. Você tá dentro ou fora da panela? Sente a coisa esquentar de fora ou de dentro? É o dono ou é o empregado? É o cliente ou é prato? Na suruba do Brasil você coita ou é coitado? É pastor ou é fiel? É eleitor ou politico? Tem foro privilegiado ou nem tem diploma universitário?Tem dupla cidadania ou é só brasileiro mesmo? Tem conta na Suiça ou na caixa econômica mesmo? Joga na bolsa de

valores ou na loteria? Faz poupança ou tem fundo? Vive de renda ou trabalha para mal se sustentar? É chefe ou é empregado? Recebe lucros e dividendos ou dividas e ameaças de cobradores? Tem subsidio fiscal ou bolsa-família? Quem te representa é sindicato ou confederação? [ou nem um dos dois] Preciso continuar ou não?

Meu amigo se sua resposta foi 100 por cento em que é coitado e não em quem coita então você é 100 por cento povo da cabeça aos pés. Está 100 por cento fudido, roubado e alienado de seus direitos políticos e econômicos pela classe politica e atravessado burguesia canina que vive de chupar o saco dessa gente até cair os dentes.

Temos claramente três forças atuando no Brasil, duas puxando o Brasil para o a lama do passado, e uma esmagada por eles que pode e cada vez mais deve explodir a qualquer instante. Temos de um lado as velhas direita e esquerda ora lutando ora cooperando para ver quem irá mamar mais na tetas do Estado falido e do outro a plebe, o povão que sustenta esse velho regime esses velhos malditos dessa classe politica e compadres criminosos.

Colocando isto na pirâmide social temos:

***Nas classes médias:** o burguês de direita que prega o ódio contra o politico corrupto de direita junto com o burguês de esquerda que prega o ódio contra o politico corrupto da esquerda. Eles amam se odiar. E adoram disputar tanto o monopólio do pobre, quanto do poder, mas quem claro que só gozam com o pau dos outros só ficam com os carguinhos, empreguinhos e na torcida, quem fica mesmo com tudo são seus as classes politicas e econômicas que estão acima e cagando para a servilidade ideológico-canina deles.*

***Acimas das burguesias temos as classes politicas:** os politico de esquerda e direita que fingem que se odeiam mas sempre estão prontos para fugir ou dividir o produto do roubo junto ou se matar se for necessário pela mesma razão, sem nenhum ressentimento pessoal, por obvio. basicamente criminosos com a pisque de criminosos com ou outro louco ou idealista perdido no meio deles que não percebeu que está cercado por capangas de luxo de mafia legalizada que é a venda e cobrança compulsória de bem comuns que não pertence a eles e serviços públicos que eles não fazem.*

***Acimas das classes politicas temos o mercado:** O mercado esse ente misterioso e invisível, a somatória de muitas vontades competindo... vai chega de balela. O mercado é o nome da classe social que não tem nação nem princípios humanitários ou ecológico, mas tão somente econômicos e hereditários. Não acreditam em solidariedade nem mutualismo, mas só competição e de seleção natural. Gente que não precisa aparecer na revista forbes nem muito menos na revistas Caras. Gente que detém o capital suficiente para cagar e andar para o que os povos, governos burguesias querem ou não querem, que pouco se importam com o que pensam ou fazem desde que continuem se endividando e pagando o que devem sem é claro jamais terminar de pagar. Esse é negócio. Para eles não importa se o resto da humanidade, se mata ou se beija ou se vendem e comem carne humana enlatada, desde não consumam seu capital, continuem trabalhando e pagando suas contas que se danem.*

Abaixo de todos eles, estão enfim portanto os que danam a plebe: *a escrava politica e econômica de todas os outras classes que quando não está pagando conta para manter a classe politica ou o mercado funcionado ou está morrendo ou já morreu rezando e pagando dizimo para ver se um milagre cura a miséria que é sua vida.*

Notem contudo que o segredo para que esse sistema não exploda, é que essa diferença tem que ser de grau e não de classe. Quanto mais essa desigualdade vai se extremando e configurando como polos completamente opostos. Mais a tensão social vai se aproximando do ponto de ruptura. E não por acaso sociedades com uma classe média maior, isto é menos desiguais, são as mais estáveis e menos vulneráveis aos discursos populistas e extremistas. Mesmo nas mais antigas democracias a solidez das instituições não é nada, onde não existe um minimo de equilíbrio politico econômico e social.

Aliás esse principio de ordem nacional é valido também para ordem internacional. Sem um mínimo de equilíbrio de forças geopolíticas e financeiras a tendência é a desintegração e os conflitos.

E como estamos num momento de crise sistêmica onde o risco seja de conflitos e guerras e ascensão de ditaduras totalitárias se tornam plausíveis, encontramos em todas as classes sociais pessoas e espectros ideológicos, pessoas que se não compartilham dos mesmo princípios ou sensibilidade tem um interesse ou objetivo comum minimamente racional: preservar a paz e a liberdade. Na falta dessa inteligencia e entendimento entre todos os interessados em breve teremos apenas um solução olhando agora para a ordem nacional e internacional: O levante e a resistência popular contra nossos próprios governos autoritários e vendidos e os governos autoritários de outros países que já estão avançando por hora economicamente sobre cada países em crise.

A globalização está sendo feito sem nenhuma base de proteção humanitária dos direitos mais fundamentais. Como uma espécie de nova revolução industrial, e é neste campo que os extremistas e populistas xenofóbicos estão atuando, atendendo uma demanda justa de pessoas desesperadas de forma perversa apelando para os piores instintos de sobrevivência. Estão ao invés de direcionar os conflitos para uma resistência entre os povos contra esses governos, está jogando os povos uns contra os outras para preservá-los inclusive se preciso for com mais crises humanitárias economias e zonas de guerras e intervenção militar.

Concluindo

Olhando portanto para esse retrato de imobilidade entre essas classes que se comportam na verdade como castas. E para o próprio Brasil que dentro da ordem mundial, isto é da divisão internacional do capital/trabalho, tem uma população majoritária de escravos assalariada, e uma pequena elite politico e econômica servil, ambos dentro da ordem internacional meros feitores e peão-de-obra das grandes supremacistas econômicos internacionais que não veem o Brasil mais do que um celeiro mundial, e nossa gente como animais de carga.

Olhando para essas nossas classes politicas que não passam de traficante do trabalho do nosso povo e do patrimônio nacional. Olhando para nossa burguesias imbecilizadas hipócritas e servis. Olhando para esse "mercado" que de livre não tem nada, é só o casa-mata do supremacismo que não tem povo, nação nem humanidade. E enfim olhando para o nosso povo, e todos os povos periféricos oprimidos por governos de criminosos que os marginalizam cada dia só tenho mais e mais uma certeza: a mudança que esperamos e precisamos, o Brasil e do futuro cada vez mais depende do levante e resistência pacifico de seus povos tanto contra o egoismo cego das velhas classes politicas corruptas quanto contra o oportunismo supremacista dos neofascistas.

Uma verdadeiro levante e revolução popular. Que não deve ser confundido com as revoltas comunistas que em breve começaram a ganhar força de novo. (...)

*E hoje por não termos ainda isso. E dentro da divisão internacional do capital e trabalho estarmos nos classes mais baixas corremos o sério risco de sermos engolidos em breve senão por revoltas por algo pior do que isso um novo salvador da pátria, agora no estilo Trump. -**Sabe qual a diferença entre um coxinha e um mortadela? Nenhuma. Só o preço a que eles se vendem.***

Sabe qual a diferença entre um coxinha e um mortadela? Nenhuma. Só o preço a que eles se vendem.

E aí? Cade o Fora Temer? Ou deveria perguntar logo aos ex-indignados: se acovardaram? são hipócritas? ou será que...

medium.com

Mas não, não pode ser assim. Então tá. Acredita no que quiser. E não como as coisas são. Acredita que o que tem cheiro de merda, consistência de merda, gosto de merda, que sempre foi merda, sempre te engaram vendendo como merda, agora não, desta vez não, não é merda. Porque como diria Sarney o plano Sarney tem que dar certo. Então come. Come a merda de novo acreditando que é chocolate. Porque é só o que eles pensam.

Huck supera Ciro – O Antagonista

Ciro Gomes tratou Luciano Huck como um "estagiário". Segundo o Valor, "em sondagens feitas para consumo interno, Huck...

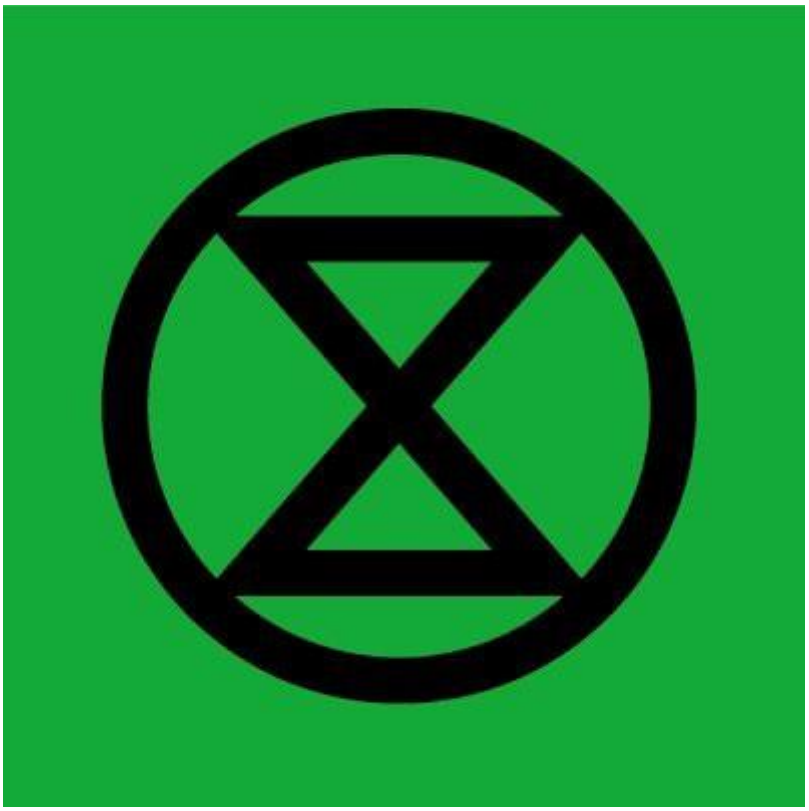
www.oantagonista.com

Pois é. Como disse não existe premonição. Existe é mapeamento sondagem. Incluso como informação privilegiada, e até "dizem" ou "reza a lenda" não só com o mapa da mina nas mãos, mas a mina já arrendada, independente de quem quem ganhará a sua administração. Mas como diria o douto her doctor Mendes: "lendas urbanas". E vá comer merda, e trabalhar vagabundo. Deixem que os doutores e pastores e gurus prevejam e predigam qual será sua predestinação divina na terra dos submarinos. Que o diga Ciro de levar mais torpedinho.

Extinction Rebellion? Em cima no Reino Unido ou bem mais embaixo, no no Equador?

O PACIFISMO DOS IMPOTENTES E A LIBERDADE DE ASAS CORTADAS

Presidente do Equador decreta a militarização e o toque de recolher em Quito
As notícias chegaram ao meio-dia deste sábado no pior momento dos protestos, em uma Quito paralisada e em meio a...
brasil.elpais.com



Londres é o epicentro do XR

No domingo, uma "cerimônia de abertura" reuniu no centro de Londres centenas de pessoas. A capital britânica, onde o movimento nasceu em 31 de outubro de 2018, deve concentrar a maioria das manifestações. Nesta manhã, manifestantes já se acorrentaram em um caminhão carregando um "falso míssil" nas proximidades do ministério da Defesa britânico para exigir que "o governo utilize verbas públicas contra as mudanças

climáticas". Em seguida, eles se concentraram em vários locais simbólicos da cidade, como em frente a ministérios Big Ben, que ficou inacessível após a polícia ter sido obrigada a fechar a ponte de Westminster, ocupada pelo grupo.

Os ativistas se sentaram no chão e cobriram a ponte com uma bandeira do Extinction Rebellion, formada por grande X que representa um relógio de areia e simboliza a falta de tempo para lutar contra o aquecimento global.(...)

Brasil

O Extinction Rebellion se implantou no Brasil no mês de agosto, durante a crise das queimadas na Amazônia. (...)

Devido à violência e ao despreparo da polícia brasileira, Pedro Bedim explica que no Rio eles preferiram não fazer um ato espetacular como os de Londres. (...)

O XR é apartidário mas está disposto a dialogar com "todo o espectro político para que as quatro exigências sejam aprovadas e cumpridas", afirma.

Desobediência civil

As bandeiras coloridas e a luta do Extinction Rebellion começaram a ser conhecidas no final do ano passado. O movimento contra a extinção das espécies e o ecocídio foi lançado diante do Parlamento britânico em 31 de outubro de 2018. A cerimônia contou com a presença da jovem Greta Thunberg. Mas para os fundadores do XR, as greves escolares do Fridays for Future não são suficientes para salvar o clima. "É uma diferença de estratégica e de tática. Os fundadores do XR, que são veteranos, viram que as formas que a gente estava usando de ativismo ambiental, petições, ligações para deputados, não estava dando resultado e os próprios tratados internacionais não estavam mobilizando", conta Pedro Bedim.

*Baseado em uma pesquisa sobre os movimentos que deram certo na história recente, o grupo prega a rebelião, a desobediência civil, mas seus atos são pacíficos. As ações criativas "mas que causam algum desconforto social" visam forçar os governos a decretar a "emergência ecológica" e tomar as medidas necessárias para atingir bem mais rápido do que propõem os governos o nível zero de emissão de gases que provocam o efeito estufa. No Reino Unido, além de parar o trânsito, os ativistas jogam sangue em monumentos históricos, se fingem de mortos em museus e ocupam locais simbólicos.(...) — **Brasil tem ato de coletivo ambientalista Extinction Rebellion, que tenta parar capitais mundiais***

News by RFI Paris, agora news do epicentro by BBC London ambos for Brazil:

“(...) Para convencer o governo a adotar essas reivindicações, os fundadores do grupo estudaram revoltas passadas para formular estratégias. Para eles, manifestações convencionais não funcionam — são contra passeatas, por exemplo.

Todas ações têm uma coisa em comum: usam técnicas de resistência não violenta. Ou seja, protestos que interrompam o funcionamento das coisas, às vezes desrespeitando a lei, mas de modo pacífico. São estratégias inspiradas em Mahatma Gandhi, que liderou o movimento bem-sucedido pela independência da Índia, e Martin Luther King, um dos líderes mais importantes na campanha pelos direitos civis aos negros nos Estados Unidos. “A participação em massa e a desobediência civil são os mecanismos mais efetivos para desafiar o projeto genocida das elites do mundo”, diz Hallam.

Os atos de agora em Londres são a terceira vez que fazem algo tão grande, embora tenham levado a cabo ao longo do ano ações menores como a da embaixada brasileira, que aconteceu em agosto, auge da crise da Amazônia do governo Jair Bolsonaro.

Em outubro do ano passado, quando surgiu, o grupo já havia interrompido o trânsito londrino com seus protestos. Cresceu muito em abril de 2019, quando seus participantes — de jovens a ativistas mais velhos — fizeram grandes protestos em Londres: durante 11 dias, grudaram seus corpos em trens, marcharam no aeroporto de Heathrow e bloquearam avenidas importantes, inclusive uma ponte inteira. Na ocasião, mais de mil ativistas foram detidos.

Parte importante do movimento no Reino Unido é ter pessoas que se identificam como “arrestables”, ou seja, que se dispõem a serem detidas (algo como “detíveis”) e terem sua ficha criminal manchada. Elas devem informar os organizadores de protestos para serem contabilizadas e destacadas para levar a cabo as ações não violentas que podem acabar em detenção e chamar atenção da imprensa.

Há grupos dentro do movimento de “apoio aos detidos”, pessoas que ajudam a divulgar financiamentos coletivos para pagar os custos do processo pós-detenção ou que simplesmente comparecem às audiências para dar apoio emocional. Mas nem tudo são flores. Ainda não há consenso sobre como as pessoas devem lidar com o processo depois da detenção: “Pagar um advogado?”, “Com que dinheiro?”, “Representar a si mesmo, sem advogado?”, “Dizer-se inocente ou culpado?” são algumas das questões levantadas nas reuniões do Extinction Rebellion.

A estratégia, é claro, incomoda. Segundo a polícia, os protestos em abril do ano passado custaram à corporação mais de £7,5 milhões (cerca de R$ 38 milhões). Para o Brasil, consertos no edifício da embaixada custaram cerca de £8 mil (R$ 40 mil), segundo o Itamaraty. Motoristas e pedestres tiveram sua rota interrompida (“vi uma senhora que tinha trabalhado o dia todo e ficou presa até uma da manhã em um ônibus na ponte”, afirmou à reportagem uma brasileira que não quis ser identificada) e, em Bristol, no oeste do Reino Unido, um filho não pode ir ao hospital se despedir do pai, que estava morrendo, por conta de um protesto que interrompia a rua.

Classe média branca

Além disso, o movimento é criticado por ser composto por membros majoritariamente brancos e de classe média. Nos protestos, a composição em grande parte branca é visível.

Além disso, "muitas das táticas que empregam não consideram as pessoas negras", diz Leah Cowan, editora de política da revista britânica Gal-Dem, produzida por mulheres e pessoas não-binárias de cor. Ser detido é uma delas. "As pessoas que se dispõem a serem detidas não podem ser vistas como heroínas, e esse não pode ser o único caminho. Não é inclusivo, porque legitima o sistema sem reconhecer sua longa história de brutalidade policial e o encarceramento desproporcional de pessoas de cor", afirma.

Um tuíte publicado pelo Extinction Rebellion em abril exemplifica a questão: "A maioria dos policiais são pessoas razoáveis. Alguns são idiotas, nada diferente do resto da sociedade. Esperamos que a polícia junte-se à rebelião", publicaram. Mais tarde, o grupo se corrigiu: "Para deixar claro, a pessoa que postou esse tuíte estava falando de policiais individuais que estão conosco nas ruas. O Extinction Rebellion sabe que a polícia, como uma organização, é institucionalmente racista. São capazes de violência extrema e repressão".

Questionado, Hallam disse à BBC News Brasil que "a maior parte dos movimentos são iniciados por pessoas da classe média, porque elas têm mais tempo e dinheiro". "Mas agora é um movimento universal, porque todo mundo vai morrer", defende. E emenda: "Na verdade, não importa que se é um movimento de classe média branca, o que importa para as pessoas pobres no mundo todo é que haja coisas sendo feitas e que isso vá salvar seus filhos. Precisamos é focar na metodologia para provocar mudanças estruturais nos países desenvolvidos, senão as pessoas nos países do sul vão passar fome".

A estratégia a longo prazo, admite ele, é que a mobilização da classe média acabe levando a classe média baixa e os mais pobres e trabalhadores para a rua, criando um verdadeiro movimento de massa. (...)-

Eis a declaração na origem e no original em inglês:

Declaration of Rebellion — Extinction Rebellion

We hold the following to be true: To love truth for truth's sake is the principal part of human perfection in this…

rebellion.earth

Sim, John Locke. O filosofo contratualista defensor do direito natural a rebelião contra governos tiranos, do Estado Liberal e da propriedade privada, adquirida por apropriação original (homestead) através do trabalho e sem prejuízo ao bem comum. Um pensamento que já foi radical e revolucionário e poderia até ter custado a vida de quem o pregasse em seu

tempo. E vá lá em muitos lugares mundo afora ainda hoje, dependendo do regime em questão, e que portanto ainda tem muito de atual, e até perigoso para quem o prega, porém desde que o faça no lugar errado, (ou certo) e não só o citando ipsis litris em toda a sua essência subversiva, mas o aplicando na prática. Coisa que diga-se de passagem nem Locke teve coragem, ou se preferir, teve a prudência de não fazê-lo. Aliás coragem ou prudência, julgamento a gosto do freguês. O fato é que só não aplicou suas pregações, como preferir só assinar em baixo como o seu nome em verdadeiro o que havia publicado em vida, depois que já estivesse morto, até para evitar não sê-lo.

Prova de que quem diria, o ferrenho defensor da propriedade privada um dia seu pensamento já foi considerado perigoso pelas autoridades. E não era para menos. O segundo tratado sobre o governo civil, onde o zé ninguém até então pregou o seu direito dos povos se rebelar contra governos que colocassem a mão no corpo ou na propriedade ganha a muito suor e trabalho, seu ou dos seus escravos (lógico). Foi publicado em 1681. Para quem não sabe a 1688 a burguesia inglesa, que não era reacionária, e não tinha fuzil nem sequer guilhotina, mas não estava mais afim, de carregar o ardor dos santos e reis nas costas junto com a plebe rude, mas que queria um lugar junto com a aristocracia no poder, entregaria a primeira cabeça de um monarca cortada para delírio da plebe, a machado mesmo. A monarquia voltaria, e god save the queen, mas conosco ninguém fodosco de novo. E a plebe? A plebe que se foda, que faça a sua revolução. E fez em outro tempo e lugar. Só para se foder de novo. Mas essa já uma outra história.

O detalhe aqui, é Locke, que já morreu, já foi lido, relido, interpretado, o ferrenho defensor da propriedade privada e democracia representativa liberal e da apropriação original que não só já foi devidamente apropriado como depois de morto e enterrado, como sempre, indevidamente apropriado copiado e conservado e continuamente interpretado com o sentido oposto da sua ideia original, ou seja: virou doutrina reacionário e conservadora da negação das propriedades e apropriações originais em favor não só dos usurpadores e privadores em favor de poucos privilegiados como em prejuízo do bem comum de todos os demais,mas que em outros já não só foi devidamente absorvido, como seu autor já morto faz tempo também ele objeto não só apropriação e de revolucionário e subversivo não tem mais nada, pelo contrário, é reacionário e conversador da inversão e perversão da sua cerna da sua ideia original. De modo que hoje quem defende Locke, não só defendia, mas justamente do oposto da perversão : da negação da liberdades de propriedades dos sujeitos inclusive em favor de poucos privilegiados em monopolizadores de tudo prejuízo do bem comum todos os demais marginalizados.

De modo que quando se cita Locke, ou a apropriação lockeana ou mesmo o direito a legitima defesa contra as tiranias, é preciso sempre esclarecer se faz em citação ao Locke jovem que mesmo nunca tendo sido de fato um revolucionário foi um revoltado ou reformista panfletário, ou o Locke morto e enterrado devidamente já apropriado pelo sistema de poder que ele outrora monocrático criticara. É o Locke revoltado que prega o direito natural inalienável a propriedade sobre o corpo e a apropriação original adquirido do trabalho desde que sem privar ninguém do que também carece para viver e que nenhum governo tem o direito de tocar? Ou é pelo contrário já o Locke roubado e industrializado e republicado pelo governos e tiranias que manda passar fogo em quem mesmo tendo sido roubado ou acorrentado não tem o direito de se revoltar contra o roubo da propriedades natural porque o titulo de propriedade legal e pistola prevalece sobre o direito natural? É o Locke súdito da

Rainha? Ou o Locke que não reconhece que aquela coroa não tendo sido ganha nem com o suor e sangue dela? È o homem livre que declara sua desobediência civil como adulto? Ou a criança ou servo que declara sua desobediência como a criança mimada que faz birra, para chamar a atenção do seu senhor, amo ou pátrio poder?

Não só importa dizer, importa saber. Porque há filhos e bastardos da pátria. Há jardins e latrinas do mundo. Porque filhos legítimos podem fazem birra ganham no máximo reprimenda e até ganham o que querem. Mas deixa eu te contar uma coisa: os bastardos, ou que não são filhos de ninguém, não são herdeiros do mundo, ganham é tiro no peito, e desobediência civil termina, nem sempre termina em independe, mas em genocídio. Mesmo quando termina em independência com pilhas de corpos, ela não é para todos os filhos da pátria. Se duvida, visite a Caxemira para saber como se fabrica um genocídio, uma apátridas. Ou só visite um campo de refugiados nas fronteiras e descubra que a verdadeira rebelião contra extermínio pode estar mais perto do que imagina da porta dos metrópoles burguesas contemporâneas e não mais tão longe nas antigas colonias.

Porque nas Américas o clima e ambiente não é de rebelião. É de revolução mesmo. O fascismo não é mais ensaio de farsa real. Não é mais encenação de ruas fechadas. Não é discurso, não é o brexit, o acordo para concordar que não concordamos em nada. É policial jogando ativista de ponte. E guerra fraticida. É Venezuela, Equador com direito a troca de capital.

Manifestantes rendem policiais durante protestos no Equador

Cristian Rueda Ramos, policial equatoriano, é obrigado por manifestantes a portar símbolos indígenas em frente a...

g1.globo.com

Equador e manifestantes ainda estão longe de acordo após 9 dias de protestos

O governo do Equador e os manifestantes que rejeitam as medidas de austeridade do presidente Lenín Moreno não chegaram...

www.terra.com.br

Não é revolução para vender sem querer ou querendo, fundos verdes de Stockmarket,

Greta, a ativista verde, tem ajudado o mercado financeiro global - Money Times

Com o movimento "Sextas-feiras para o Futuro" se espalhando pelo mundo, investidores de mercados emergentes compram um...

moneytimes.com.br

É revolta contra extermínio não de projeções de ganhos ou perdas futuros, mas de vidas e liberdades atuais, que sangram, gritam, choram... ainda que todos continuam fazendo suas rezas bravas e gracinhas para gringo, gringo não nativo ver...

Papa Francisco rejeita "colonizações ideológicas" no sínodo da Amazônia

O papa Francisco não vê diferença entre as penas na cabeça de um indígena da e o chapéu usado pelos líderes da Igreja...

exame.abril.com.br

Enquanto o pau come solto...

Assassinato de indígena eleva tensão no Equador

O assassinato de um indigena durante protestos contra as medidas de austeridade do presidente do Equador, Lenín Moreno...

www.brasil247.com

Detenção? Há lugares do mundo onde as pessoas não são “arrestables”, ou o que vocês acham? Ou pior são. São arrastadas para as piores prisões do mundo. Que não, não são aquelas que onde salvadores da pátria, os santos inocentes são “torturados” e não querem sair senão nos seus próprios termos. São aquelas para preferia vai descobrir que preferia ter morrido a cair naquele inferno.

Cabeças cortadas, corpos carbonizados – o que está por trás da violência extrema na guerra de...

Diretor científico do Centro de Estudos da Metrópole da USP e autor de 'Irmãos – Uma História do PCC', Gabriel Feltran...

www.bbc.com

Quer saber como termina um rebelião no Inferno?

Massacre do Carandiru – após 20 anos : o presídio, fotos da chacina e mais – Terra

Cronologia do massacre , mortos, entrevistas, fotos do massacre 20 anos depois Lembra que 20 anos após o massacre do...

www.terra.com.br

Isso era vinte anos atrás. Quer saber com termina agora,se você não for a lulalivravél ou acioinaprisionável ou stfimprisionável?

Massacre na penitenciária de Roraima; FOTOS e VÍDEO (imagens fortes)
Edit description
www.canalr1.com

Não, não precisa, ser bandido, Inocente ou não. Basta ser miséravel. Basta ser preto e pobre.

Do Carandiru a Manaus, Brasil lota presídios para combater tráfico sem sucesso
Política de encarceramento em massa decorrente da guerra às drogas vai na contramão da tendência mundial A realidade…
ceert.org.br

E o outro lado? Como você acha que termina?

PMs sofrem com suicídios e transtornos mentais sem apoio da corporação
Há cinco anos, o pai de Fernanda*, um policial militar de Santa Catarina, cometeu suicídio no caminho para o trabalho…
exame.abril.com.br

E você me vem com o papo de quem Bolsonaro está certo? Bolsonaro não está certo, nem quando de fato está. Por uma simples razão, a mesma razão está:

Criança com farda da PM e arma de brinquedo na mão posa para fotos com Bolsonaro
Criança no colo de Bolsonaro aponta arma de brinquedo para o alto durante evento de formação de sargentos da Polícia…
g1.globo.com

E se você como gringo não entende, só com essa imagem e as acima,o que isso quer dizer, conhecendo a história da Europa. Aí Então não vai entender mesmo o que está acontecendo. Vai continuar comprando discursinho de direita e esquerda burguesa brasileira que não tem a menor ideia do que o povo quer. Porque vive tão apartada e montada nele quanto vocês.

Não querem ruas fechadas, não querem greve de fome, querem é comida no prato. Vacina no posto. Energia para a comida comprada vendendo biscoito na passeata não estregue quando a energia acabar e geladeira for pro saco. Querem luz na quebrada. Querem o que eles querem, e não o que você quer, o que significa que querem é ser antes de tudo ouvidos. Algo

que só se aprende, parando de cagar agendas globais e ouvindo os problemas não só locais, mas pessoais, ou melhor vivendo eles na carne.

Logo para não haver um holocausto, deve haver uma oportunidade.Uma oportunidade que Gandhi que antes de ser um ativista era um politico, estadista e general (o que não nenhum elogio) fazendo, apenas fora de um parlamento, sem forças armadas superiores, fazendo uma guerra a partir da sociedade civil contra um governo imperialista de ocupação, usando como arma e escudos humanos gente. Escudos humanos que só não foram empilhados pelo racista Churchill por uma única razão: o momento estratégico, o nazismo. Como ele poderia manter seu que acabara de vender Hitler como o mostro, poderia manter seu império mantendo abertamente as velhas praticas imperialistas genocidas por ele veemente condenadas? Como faria para vender as vitimas como agressores para a opinião publica britânica e internacional, sem que outros Estados-Nações aproveitassem a fragilidade das antigas fronteiras, em especiais, do próprio império britânico para manter as suas perante as potencias internacionais? Gandhi, usou portanto nada mais nada menos que o corpo do seu povo (o que não é nenhum mérito), como massa de manobra contra tropas armadas, numa aposta arriscada, de que ele Império Britânico não poderia apelar para o terrorismo e genocídio estatal, porque não conseguiria encobrir os rastros do seus crimes. Já hoje em dia? Quanto genocídios estão em curso? Quantos ghetos, quantas guernicas, quantas marchas forçadas? quantos campos de concentrações, prisões ilegais? Quantos ditadores carniceiros abertamente apoiados, e fascistas com outros nomes estão novamente dando as cartas? Não estamos no pós-guerra. Estamos no pré e desesperadamente tentando evitar novamente que as pessoas sejam jogados umas contra as outras por uma bandeira qualquer. Uma causa maior, que a vida de qualquer pessoa, Qualquer uma, incluso o salvar o planeta, ou só “espaço vital” o “Lebensraum” como diriam os nazis.

Por isso pior do que pregar o levante armado contra gente que não tem a menor chance contra um tropas mais bem treinadas, que de gente desarmada e faminta que será massacrada sem nenhuma piedade, antes durante e depois do não-enfrentamento, antes durante e depois da prisão, por um simples razão, já o são. Tanto faz o levante armado, ou desarmado, aqui desobediência é vagabundagem e vagabundo se for preto é bandido. É faca na caveira. Se as classes medias brancas lulistas ou bolsonaristas te contam outra história é porque tudo o que querem é pegar essa maquina que se alterta de stalinista para nazi-fascista, mas para quem não sabe: totalitário é totalitario. E algumas das imagens vistas que a burguesia contadora de histórinha para gringo dormir, escribas e propagandista de esquerda ou de direita, não tem nem coragem de olhar, pelo contrário se escandaliza. Não quer nem ver, o que acontece durante seus regimes de estimação. Até porque quando seus filhos e netos perguntarem se sabiam de alguma coisa, precisam garantir a si mesmos, o que os alemães médios se garantiram: não sabiam de nada. Mortes por segundo publicadas em estatistas oficiais já devidamente maquiadas e ninguém sabe de nada. Ninguém viu nada. E pior discursos que o povo tem que aguentar quem ele elegeu até o final, como se fosse uma punição, afinal não é na carne deles mesmo.

Então só não te digo que a solução do Brasil é enforcar o último petista nas tripas do ultima bolsonarista, porque isso não é a solução, mas a perpetuação do problema, ou mais precisamente, o arar da terrar com sangue para que os próximos totalitários oportunistas venham plantar suas sementes da tirania, quando já não estão a espera disto mesmo, que

tudo acabe em barranco não para morrer encostado, mas para construir seu próximo empreendimento sem impedimentos.

Há coisas que acontecem no Brasil, que não são mostradas ao “opinião pública” para preservar sua sensibilidade, ou melhor para preservar sua ignorância e insensibilidade aos fatos, e mantê-las suscetíveis apenas as falsas narrativas, verdades alternativas dos seus gurus e lideranças e bolhas midiáticas sejas da antiga televisão, ou da nova tele- visão a internet. As classe medias choram porque já não conversam mais entre amigos nos últimos anos. As pobres as séculos, porque amigos que cresceram juntos terminam a se matar sejam em facções rivais, ou uma fardada como policial ou até miliciano outro como traficante para abastecer um mercado trilhonário de drogas não só nacional, mas internacional que sustenta o faturamento imprescindível de governos, bancos bancos mas até igrejas. Histórias que na Europa só se conhecem em tempos de guerra e filmes, mas que nas periferias do mundo onde se extraem a eterna matéria prima das matéria primas dos estados e holocaustos, a carne humana, é um filme que se repete como realidade sem fim todos os dias, a cada nova geração de povos e famílias sobreviventes.

Burgueses amigos de colégio e universidade serão rivais na busca por uma vaga em sua profissão e mercado de trabalho. Pobres desempregados e sem formação, sem função e “capacitação social garantida,ou bico para se sustentar ou sustentar seus filhos, ou vão disputar a tapa o lixo que cai da mesa, ou a bala as boca de fumo para abastecer os filhos da playboizada que só bêbada não aguenta cumprir seu papel, precisam de algo mais pesado, para não poderem continuar onde devem estar, mas só de corpo presente, ou como dizem, sem estarem nem aí com porra nenhuma. E tem gente que pensa que é facil desligar a empatia que sentimos um pelos outros. Sem drogas, uma pessoa que fez coisas mostruosas, ou deixou que fizessem com ela, pode acordar um dia e ver-se de repende no espelho exatamente como e é, ou como as coisas são. E vai saber o que ele vai fazer então se tiver uma arma na mão, com ele ou com os outros. Pois é. O (des)equilibrio de um sistema pobre e doentio é um fio de uma navalha ainda mais fino, do que se imagina.

Medicos de perifia, bombeiros, paramedicos, soldados, bandidos, traficantes, prostitutas, mendigos, jornalistas investigativos, advogados de porta de cadeia, enfermeiras, mendigos, ativistas de base, voluntarios, refugiados, apatridas, catadores de lixo, andarilhos, guerrilheiros, generais ou revolucinários de campo, indeginas, presidiários, todos que enfim estão na linha de frente, ou nas ou as margens da proteção da sociedade sabem ainda que não sejam consicente disso o que a física descobriu no século passado: que as assim como as leis da sociedade assim como as da física clássica falham para tudo e todos que são extremamente grande e o extremamente pequenos. Fora do ordinário e cotidiano as leis da sociedade não só falham, elas não explicam realidade nenhuma, porque a realidade e as leis de fato das corporações gigantescas, dos peixes grandes, não é a mesma, do senso comum, nem dos peixes pequenos. E a lei dos peixes pequenos, daqueles que estão a margem de tudo, idem, porque esses as vezes além, dentro, ou por só aquém da lei, eles sequer existem aos olhos da lei. Não são peixes pequenos. Para todos efeitos legais não existem como gente. E por vezes, sequer são vistos como gente.

Dizem que quando faço metáforas com física contemporânea só complico, e não explico. Então vou ser o mais tosco que posso, sob o risco de simplificando por demais, tirar a beleza da coisa. Mas beleza no momento é o que menos importa. Ver o mundo com os olhos da

mecânica quântica é mais simples do que se imagina, só é preciso imaginar que você ao invés de saber tudo não sabe nada.

Imagine que você é completamente cego e de repente toma um pedrada na cabeça, aliás pedrada não, leva uma porrada na cabeça, você não sabe o que seja esse objeto, se é pedra ou não, porque ele não é objeto, é só uma porrada, mesmo, uma sensação que você sabe que veio de fora para dentro e não de dentro para fora, como uma onda batendo, um pulso. Um paulada sem pau. Uma pedrada sem pedra. Que vem de novo, e de novo. Vai te acertando e acertando, batendo e batendo. Tum, tum. Essa porra tem padrão. Tem frequência. Você é cego, mas sabe que ela está vindo de algum lugar. E sabe que está vai de novo, que tem um tempo. Você não sabe portanto onde, você não sabe, quando, mas você sabe mais ou menos onde, você sabe mais ou menos quando, e o mais importante você sabe que mesmo não vendo o pau, ou pedra, ou seja lá o que for isso que estão jogando na sua cabeça, que essa porra não voa sozinha. Então tem nesse região do tempo e do espaço, alguma coisa que você não sabe o que jogando essa merda na sua cabeça, mas que ele sabe que pode encontrar o filho da puta, que está jogando pedras na sua cabeça seja lá o que for, porque essa é a verdade, ele não sabe o que é.

Logo é a partir da informação captada, a pedrada, que o observador, o atingido por ela, forma não só a ideia de um campo de probabilidades espaços temporais, o campo do espaço tempo, que é a própria natureza dessa entidade quântica partícula-onda, ou seja uma incerteza. Porque a pressuposição de certeza quando não se sabe ao certo, não é sabedoria, é chute e burrice, e leva ao índice de acertos muito inferior, do que a humildade do admissão de que não se sabe ao certo onde a coisa está, ou se a coisa é coisa mesmo. E procurando nos possíveis lugares acaba por acertar com muito mais precisão do que fingir ou pressupor que se sabe o que não se tem a menor ideia.

Notem portanto que não só espaço, tempo, mas o próprio movimento toda a realidade que o outro constrói a partir da informação, ou seja a partir da percepção, é uma projeção, baseada na sua pressuposição e cálculos de que as coisas existem e tem certa lógica. Tudo, toda a realidade emerge a partir do movimento e se constrói a partir da informação que não é nenhuma dessas projeções em especifico, nem mesmo o movimento da qual todas as demais emergem, mas o resultante desse investigação ainda que esse também seja também novamente um conjunto de projeções ou previsões expressos como probabilidades que acabam por se provar verdadeiras porque você acaba por encontrar ou finalmente descobrir o que procura, ou mais precisamente falando você acaba interceptando com muita mais acerto, ou seja muito mais vezes quem estava jogando as pedras na sua cabeça usando essas equações e não as outras, de modo que estas se provam como oráculos muito mais vezes certas que as outras. E é por isso, que da meia fedorenta de um charlatão, o osso de um santo, ou um diagnostico baseado em ressonância magnética não há só muito mais ciência, mas muito mais verdadeira fé convertida em trabalho, consciência e ciência cura do que segunda. E bota fé que existe explicação, logica, razão, naquilo no mundo invisível e misterioso e até incognoscível ou até então paranormal, metafísico, demoníaco, mágico, bruxaria nisso. Bota fé na revoluções da ciência, consciência e liberdade de pensamento e busca do saber nisso aí. Porque mais gente já foi morta, por essa liberdade para preservar essa (cons)ciência, ou o que é exatamente mesma coisa para continuar podendo buscá-la livremente, do que pelo contrário. Especialmente quando o fizeram para além dos campos, fronteiras e predeterminados e encastelados do saber e poder.

Mas é assim que os físicos compreendem a mecânica quântica? Físicos como diria o cara dos spings para cima e para baixo não precisam compreende, eles são pilotos de carros. Não os engenheiros. Quem precisava compreender o que estavam fazendo eram quem estava criando essas teorias. De modo que se não entendem que a realidade invisível, a outra realidade, ou a realidade do outro, não passa a existir a partir do momento a partir do momento que que tomam uma pedrada da cabeça e descobrem que existe algo além da cegueira do seu horizonte de eventos.

Isso é mecânica quântica. Ou melhor quando você entende, o que é mecânica quântica. Quando você leva um soco na cara e a porra da sua prepotência das suas certezas predetermistas e negacionistas e completamente insensíveis da existência de outra realidade que você sequer pode compreender cai por terra e outra começa emergir a partir da consciência de que não só da incerteza, mas que existe outras forças não capazes de autogerar seu própria forma de existência mas que sendo capazes de autodeterminar de buscar e constituir não só suas formas mas suas formações e informações são não só deveriam ser livres para fazê-lo mas ter todas as possibilidades para que sua potencia se manifeste em toda sua perfeição para muito além da ditadura das aparências, mas em toda sua essência gregária: a liberdade.

Descobre que no vazio havia apenas o seu pensar da sua racionalidade, ou a sensibilidade da sua detecção, mas para cada informação, há uma formação, um informação um mundo sensível que emerge da relação com outro ser capaz não dotado de forma, emissão de informação como movimento, mas anima, ainda que em seu estado ou nexo, mais simples ou fundamental, descobre que onde há luz não só matéria, mas força elementares que não emitem a informação, mas constituem a formação não só como força elementar quanto atingem a sua percepção, mas necessariamente antes da própria formação do movimento percebido, e portanto do próprio espaço e tempo da sua realidade ou universo.

Começa a entender que não existe uma realidade, que só existe quando ele se toca ou é tocado por seu movimento e se apropria dela. Mas que naquele vazio e vácuo da sua insensibilidade, havia outros universos não a espera da sua onipotente descoberta e colonização, nomeação discriminação e classificação, leis, contabilidades valores, usos e exterminação. Universos que já existiam independentes da suas razões predeterministas e funções existências e lógicas totalitárias, reificantes e reducionistas.

Existiam e continuam tentando sobreviver a chegada do inferno travestido de paraíso, deuses únicos ou leis, ordens, matemáticas ou gramaticas “universais”. A universalização cosmopolita de tudo e todos, mas pela lógica de programação epistemológica totalitária, e semiótica predeterminista e não pela disseminação da semiótica da autodeterminação, nem muito menos da epistemologia libertária. Ou em outras palavras não pela busca, assunção e observância e respeito a existência e realidade, verdade ou realidade e tudo que lhe é essencial ou sua essência, mas justamente pela negação e renegação de antemão de qualquer coisa que não só essas essências, ou necessidades essenciais a sua materialidade existam, que sua anima exista, mas que até mesmo sua materialidade exista, e que mesmo existindo, não passa senão de coisas, objetos movimentados por forças exteriores, leis materialistas ou transcendentais, mas nunca jamais, por sua próprias vontade ou capacidade enquanto sujeito concepto do mundo. Ou seja igual a ele na essência de tudo, a episteme do saber,

poder, o espirito da coisa que ele monopoliza: sua verdadeira alma matter, não o titulo, mas a liberdade como fenômeno, pão, olhos e luz da vida.

A certeza das incertezas. A ordem no caos, a luz no vale das sombras. O verdeiro tesouro que os monopolistas tentam transformar em poder privando os demais, e segredando só para eles como poder e conhecimento. A água dos desenhos dos desertos. O pão dos famintos. Os olhos dos cegos. A anima dos movimentos. O espaço e tempo do tempo e espaço. O corpo do corpos. E a vida dos mortos. O renascimento dos mortos. O escudo e armas dos indefesos. A revolução dos pacíficos. A alma das almas. O reino da realidade real, dos que não não reinam sobre os outros, mas sobre si mesmo. A voz que não vem do homens “Caucaso”, mas da “Capadócia”.

Me mostre um homem que queira salvar o mundo. E eu te mostro um projeto de ditador carniceiro. Ou de um idiota a serviço de um. Na melhor das hipóteses um utilitarista um contabilizador de cadáveres alheios e distantes para salvar quem lhe é próximo e chegado, ou tão somente valioso. E se honesto, e não um capacho ou fantoche de assassino hipócrita (a pior hipótese) o primeiro na lista e na lista dos futuros dos cadáveres que irão salvar os sobreviventes do holocausto, perdão sacrifício para um bem maior de “todos” os demais, ou melhor de menos. Porque os que estavam por demais, e valiam de menos foram jogados fora do barco, e se não foram voluntariamente, isso tem outro nome e precedente histórico. O primo de Darwin explica e Hitler aplica,”tá ok”?

Salvar o mundo? Certo. Quantas pessoas você vai salvar. Uma? Você? Ótimo. Um bom começo. Agora mais quem? Qual é a razão da sua progressão e abrangência da sua universalidade? Do seu para todos? De fato? O que você vai dar de si e do que é seu? O que você quer dos outros? Quem vai ser de fato salvo, e quem vai pagar a conta? Quem vai se sacrificar? Todos vão se sacrificar por igual e todos serão salvos por igual? Então já somos todos de fato iguais? Para nos darmos por iguais, e sermos igualmente salvos? Todos temos necessidades iguais? Ou uns podem mais? E outros precisam de mais? Quem pode mais dá e doa-se mais? E quem precisa mais recebe mais para ser salvo recebe o mesmo? Ou não? Vamos forçar o monopólio da violência a arrancar de quem tem mais para dar a quem tem menos? Já vi gente que acredita em Estado Papai Noel? Estado Robin Hood? Agora Estado São Francisco de Assis. É foda.

Um estado que não é humanitariamente responsável o será ambientalmente? Um estado que moe gente, não vai moer arvore? Pode não moer na Inglaterra, como parou de moer gente no seu próprio território, mas de boa, onde você acha que vem o chá e vai o lixo? Eu preciso me livrar do meu capitão do mato, você do casa grande e branca, tio. E aqui na senzala não vai ser jogando gente para eles passarem por cima, armada ou desarmada, que vamos conseguir desse pacto neocolonial não. Não vai ser pedindo para os landlords para não darem pão, ou pararem de passar fogo não só na mata, mas em gente. Vai ser preciso muito mais do que só marcha, passeata e protesto para que essa gente se liberte do inferno das privações desse ciclo de violência, que mais violência ou esse pacifismo e desobediência civil não resolvem.

Aqui as privações são bem mais básicas e primitivas. Aqui quem não trabalha não come. E quem come, morre. E quem tem trabalha mas não tem emprego, se não for da cor, origem, gene e filhocracia certa e resolve protestar não vai preso, se não morre está marcado para

morrer. Aqui a coisa se resolve não preservando o que ainda não foi derrubado, mas compartilhando o que já foi monopolizado para garantir o desenvolvimento de poucos faz tempo: capital. Capital que não vai vir nem do governo. Não vai vir das oligarquias que se locupletam através deles. E com certeza não vai vir de quem está esperando por um ou outro. Porém que com certeza vem de todos os lugares do mundo, de quem não transfere responsabilidades, mas chama para si, e doa o que pode, tempo e dinheiro para que as pessoas possam de fato assumir responsabilidades. E não fica pedindo para quem está no buraco se levante e assuma uma causa que até pode ser também a sua, desde que tenha o que comer.

Logo é obvio que as pessoas querem se rebelar e se solidarizar contra todas as formas de extermínio. Sim querem o fim do holocausto sim senhor, não só das futuras gerações, mas as das gerações presentes, o holocausto em curso. O deles, sírios, curdos, venezuelanos, índios, negros, latinos americanos, e não vou parar de citar, pegue qualquer pessoa humana, que por sua origem, ou seja gene, gênero, a base da predeterminação se terá uma pátria, um patrimônio hereditário tanto como bem comum um território, uma terra, de tudo que é capital ou não, se terá uma pátria, se será o filho e o cidadão de bem e mais privilégio não da sua casa, sua pátria, mas de qualquer pátrio, mas o cigano, o marginal o apátria e bastardo, o estrangeiro e imigrante, não só na casa e terra do outro, mas até dentro da sua terra mãe. E você entenderá o perigo não só de exporta e vender, mas de comprar ou importar soluções alheias como um alienado.

O perigo de não ouvir os gritos do silêncio, o silêncio dos inocentes. Porque morto e povo não tem voz, e quando grita as bolsas não sobem caem para subir, então passam fogo, porque senão elas vão ter que cair para quebrar de vez. E claro subir de novo, mas depois da limpa geral nos que já não cabem nesse barco, nessa arca de noé, dos planos de futuro para os herdeiros do mundo, salvo é claro como tribo de kam, já reduzida como mão-de-obra, afinal há máquinas, para quê? Para sustentar o ócio deles no usufruto do mesmo bem comum que não é, e nem vai ser, ou vai, meu irmão de passeatas, marchas e assembleias, congressos e discursos?

A humanidade é uma irmandade que começa e termina em direitos de declarações da ONU e congressos nacionais e termina em cada partilha de riquezas não só nacionais, mas disputas internacionais por terras. Somos uma grande família burguesa reunida nas festas mas que quando chega a herança, como reis e monarcas só falta o pai matar o filho e o filho matar o pai, o irmão a irmã, para ver não só quem fica com a herança, mas o trono. Pequenos e grandes reinos patriarcais onde todos disputam quem a primogenitura como Caim e Abel. E todo mundo sabe que fim levou Abel. E o pior as Evas do mundo. E o resto do povos que não sendo povo criado nem escolhido por deus, só serviam só apareciam na história da humanidade como sequestrados ou sequestradores a ocupar, estuprar matar ou vice-versa. E na falta de penetras, porque não dividir os irmãos e primos em tribos, para efetuar a mesmo jogo dos testamentos?

Muita gente se escandaliza com as imagens e palavras brutais. Mas as imagens brutais são a realidade que essas pessoas vivem. A realidade que elas são convenientemente preservadas para que sua (in)sensibilidade permanece intocada. De modo que só através do intermédio das narrativas conhecem e possam ser influenciadas. Em verdade as pessoas adultas só acreditam em Papai Noel e salvadores da pátria, governos e governantes, porque não

conhecem o mundo, porque sua sensibilidade está devidamente preservada e reservada para responder a programação da demagogia das bolhas, e não mais ao sofrimento da realidade, senão fechando os olhos, em escândalo ou até mesmo revolta contra a mensagem, em ressonância e resposta condicionada a vontade do rei que manda cortar a cabeça do emissário de noticias ruins, ou denuncias que possam prejudicar suas imagem junto a sua opinião pública devidamente amestrada.

Muita gente se escandaliza com linguagens cheias de figuras religiosas, outras cheias de figuras heréticas, todas se escandalizam e ficam perplexas e estéricas com tudo que seja simbólico, mas com nada que seja real. Porque o real ou eles não veem porque está fora, as margem da bolha, ou dentro invisível porque sem rótulos embalagens, narrativas e broadcastings. Não se comunicam mais diretamente como seres sensíveis com as realidades uns dos outros, porque estão sempre apelando as cortes, tribunais, bispos, governos, estão sempre, se comunicando, por delegação, seja através de máquinas ou representantes ou representações, inclusos de si mesmos, seja como ícones, ou fãs, ou já com avatares. Seres ensimesmados, isolados na mais repleta multidão, mesmo quando marcham de mãos dadas em passeatas ou manifestações coletivas, continuam a se comportar com manadas, e manadas com ou sem lideres, continuam sendo objetos cuja trajetória é previsível e portanto fácil de ser abatida até mesmo por meras calculadoras que passam por inteligencias naturais, as artificiais. De modo que torne-se previsível, e qualquer terminal ou servidor burro, capaz de fazer cálculos deterministas não só irá fazê-lo alvo, mas o transforá em publico-alvo, massa de manabro e enfim idiota útil, usando inclusive psicologia não só de massas, mas a infantil que no fundo é a mesma, a da eterna infantilização de adultos que se acham senhores de si, mas que até desobedecendo só estão fazendo o que papai quer. Porque subestimam não só a sua inteligencia, mas também a deles.

Então sai dessa vida. Que quando se tenta repetir a história ela não só se repete como farsa, mas a farsa de repete mais uma vez como história. Porque desobediência civil não é choramingueira para papai governos nem atazanação da sociedade civil para forçar governos a atender o que criancinha mimada quer? É o oposto de tudo isso?

É guerra feita sem cair em nenhuma das armadilhas do monopólio da violência, nem arte marcial e sobretudo seminal praticada fugindo da armadilhas do poder que quer é mais uma justificativa para poder exercer sua autoridade: a repressão da violência. Custos? Que custos, mané? Ele vai fazer as vítimas pagar os custos!!! Ele não produz toma de quem produz, e quem produz, e joga migalhas para que as bestas de carga continuem produzindo e se reproduzindo, desde que numa razão menor os ganhos que produzem como excedente de produção!!!Por favor, ganhos de quem não produz são feitos de externalização de custos não raro imposto como taxas sobre os meios de produção (gente hereditariamente expropriada), mas caralhinhos me mordam, subsídios a propriedade propriedade exclusiva tal de bem comum, o que no final dá na mesma.

É por isso que se perguntar por um ambientalista socialista revoltado com seu governo e policia e politica liberal se ele quer o fim de tudo isso, ele dirá não, mas não a distribuição correta desses recursos, a dele. E para uma ambientalista revoltada com sua politica de governo e policia e politica socialista se ele dirá não. Mas a distribuição correta recursos, a dele. Um pedirá agora menos recursos as burocracias e policias, politicas socioambientais e mais para as privadas agora também socioambientalmente mais corretas, outro o inverso. E

ambientalista socialista dirá que o privado é uma fraude, e liberal idem, e ambos estarão corretos, ambos são. Agora dobrada, nunca defenderam os comins nem seus nem quando esses como bens de interesse social popular que dirá ambiental.

É por isso que o liberal está sempre disposto a cortar tudo menos o que lhe interesse transferir de custo para a população, a policia que guarda o bem comum expropriado, porque se tivesse que pagar do seu bolso isso, e não obrigar pelo próprio monopólio da violência quem não tem propriedade a pagar pela propriedade que ele não possui e portanto guardar contra si mesmo como o suspeito, afinal não é de quem a detém de fato, mas de quem não a detém que o vigilante está a guardar.

E por isso que o socialista está disposto a aumentar dividir tudo, menos o poder de fato sobre o monopólio sobre as propriedades. Afinal quem as detém é o dono do sistema, seja uma burocracia partidária, ou uma oligarquia empresarial. no final mudam os nomes, mas a essência do sistema é a mesma, uma massa popular, a plebe excluída a trabalhar, uma classe media mais ou menos remediada, e uma classe de amigos do rei, a lamber as suas bolas até cair, para não ter trabalhar nem como burros de carga, nem como capatazes gerenciais dessa fazenda de gentes cada dia mais automatizada e que portanto precisa menos de gente suja e mais de ambiente limpo para reproduzir sua riqueza e poder gentrificador, higienista e eugenista.

Então quando se fala de desobediência civil precisamos voltar as origens e quando falo origens digo o texto original que caiu na mão de Gandhi, antes de inspirar o Dr. King. O texto e vida de Thoreau. A leitura de wikipedia vale a pena, na integra:

Henry David Thoreau

Henry David Thoreau (Concord, 12 de julho de 1817 – Concord, 6 de maio de 1862) foi um autor estadunidense, poeta…

pt.wikipedia.org

(…) "Em outras palavras, quando um sexto da população do país que se apresenta como refúgio da liberdade é composto de escravos, e uma nação inteira é injustamente atacada, conquistada por um exército estrangeiro e submetido à lei militar, penso que não é cedo demais para os homens honestos se rebelarem e fazerem a revolução. O que torna ainda mais urgente esse dever é o fato de que o país assim atacado não é o nosso, pois nosso é o exército invasor (…) Se a injustiça tiver uma mola própria e exclusiva, ou uma polia, ou uma corda, ou uma manivela, talvez seja o caso de avaliar se o remédio não seria pior que o mal; mas se ela for do tipo que requer que você seja o agente da injustiça contra outra pessoa, então, eu digo: Viole a lei."

Thoreau Anárquico

Influenciou fortemente o anarquismo e os admiradores desta filosofia. Seu ensaio "A Desobediência Civil" é a base de ação para libertários e anarquistas, além de ter sido posto em prática com sucesso por Mahatma Gandhi.

Seu pensamento libertário é complexo e não pode ser resumido facilmente. Entretanto, algumas das passagens mais famosas de seus livros condensam sua visão de mundo:

A crítica à relação entre as classes ricas, que se tornam privilegiadas do governo, e o Estado, bem como à vida abundante em posses materiais mas desprovida de valores espirituais e éticos: "Mas o homem rico — sem querer fazer uma comparação invejosa — está sempre vendido à instituição (Estado) que o torna rico. Falando em termos gerais, quanto mais dinheiro, menos virtude (...); ao passo que a única nova questão que ele se coloca é a difícil e supérflua de saber como gastar o dinheiro. Assim, seu terreno moral é tirado de sob seus pés".[11]

A crítica ao Estado: "O melhor governo é o que nada governa".

A defesa do direito à propriedade privada e a crítica à espoliação estatal: "Se eu nego sua autoridade (do Estado) quando ele impõe seus tributos, ele logo tomará a devastará todas as minhas propriedades, e importunará a mim e a meus filhos para sempre. Isso é duro. Isso torna impossível a um homem viver honestamente, e ao mesmo tempo com conforto, no que diz respeito ao aspecto exterior".[12] "Até que eu me dedique exclusivamente a construir um patrimônio na minha terra por meio de um empreendimento pacífico, estou em condições de recusar minha lealdade a Massachusetts, e o direito deste estado sobre minha propriedade e minha vida".[13]

Apesar de suas críticas à escravidão, à guerra, à devastação ambiental e a tantas outras facetas da sociedade de sua época, Thoreau preferia não se definir sob nenhuma classificação política.

Pacifismo e Abolicionismo

A prisão de Thoreau se deveu justamente ao fato de ele ter deixado de pagar impostos ao governo americano. Além de suas tendências anárquicas, Thoreau explica que não queria financiar um Estado escravocrata e tampouco uma guerra. Naquela época os EUA mantinham negros como escravos e estavam em uma guerra imperialista contra o México, com o objetivo de anexar territórios.

A posição de Thoreau como abolicionista e defensor da causa negra está registrada em seus textos. Mas não somente isso: ele teve atuação na Underground Railway *(ferrovia subterrânea), uma rota de fuga que levava escravos negros para uma vida livre no Canadá.(...)-* ***Henry David Thoreau***

Henry David Thoreau

Henry David Thoreau (Concord, 12 de julho de 1817 – Concord, 6 de maio de 1862) foi um autor estadunidense, poeta...

pt.wikipedia.org

E o cara morreu em 1862, e disse que só tinha vindo para esse mundo para viver e não para mudá-lo, imagine se quisesse ou vivesse hoje. Ou tivesse instrumentos melhores que a *Underground Railway* para atuar na causa da abolição do trabalho escravo, ou do pacifismo como temos hoje graças a ideias de trailbrazers como o branquelo aí que não só tinha soul, mas um animismo transcendentalista, xamânico.

Vê-se que a desobediência civil de Thoreau envolvia duas ações bem mais efetivas: não pagar impostos. O que hoje não vá se empolgando. Não só por ser praticamente impossível dada as punições para quem não tem o privilégio da sonegação e leniência ou renuncia fiscal legal ou ilegal, não sobre suas fortunas e lucros, mas sobre suas misérias mesmos, já que o imposto está agregado ao própria produção e consumo, incluso novamente do básico e essencial, e não só de tudo que sendo excedente e portanto não imprescindível pode ser cortado; Mas por essa segunda razão, já está contrabandeado nas cadeias essenciais, e obrigações coercitivas onde quem não é mais real que o rei, perde seus direitos fundamentais até para poder ajudar de fato inclusive de forma não-lucrativa e não-governamental quem realmente precisa de ajuda, o povo, oposto de causar problemas para ele tentando sensibilizar ou forçar quem vai se deixar fazer uma coisa nem outra, mas só está esperando um passo em falso para quebrar as pernas de vez, incluso as institucionais, para por fim em todas ações proativas construtivas e independentes.

De modo que para um branco é fácil falar em fuck the police, e sair sem documentos, ou resistir a opressão para um não-branco isso é empurra-lo para cadáver com IML com um belo ato de resistência, mesmo que não oferece resistência nenhuma, um processo que se estende do movimento da pessoa física e particular para o movimento coletivo das jurídicas, que querendo ou não serem jurídicas, o são, legais ou criminosas, aos olhos de quem se arroga o poder de jurisdicionar, jurisprudenciar e justiciar a vida alheia. Capoeira, gringo, ou dança “para inglês ver”, ou você aprende a jogar, a lutar, dançando ou vai dançar de verdade, malandro. Vai só chutar a bola para onde está virado, e quebrar pernas, e nunca vai aprender a sair jogando... na vida. Ótimo para a “causa” e discurso político alheio, já para o morto, sua família, e seu povo que virá cadáver assim capitalizado, nem um pouco.

Quando se analisa com cuidado a integração entre o discurso e a prática da vida de Thoureau, vê-se que de demagogo, nada tinha, “uma vida de cada vez”, porque o Universo, o mundo, o planeta, a pátria, os coletivos são uma abstração enquanto totalidade, e uma verdade imparável quando a solidariedade gregária com a vida e liberdade de cada pessoa ou ser vivo, ao alcance da sua capacidade real de transformar o mundo sensível, não como uma ideia, mas como fenômeno, através dos fenômenos, através da empatia solidária com os seres sensíveis e não como uma ideia, ideologia ou causa. Thoreau não defendia, o ambientalismo, nem o abolicionismo, defendia a liberdade e a vida gente e natureza. E o que negava e afirmava em seus escritos aplicava em favor de si e de quem solidarizava, e não

contra para chamar a atenção de quem ele não só negava ajudar servir, mas negava o direito de intervir. O oposto do pedir que intervenham na sua vida e na alheia. O oposto do transferir a da liberdade que chamou para si como responsabilidade de acordo com suas possibilidades.

Uma outra escola de pensamento. Uma outra ética. Uma outra revolução. Que não implora para bispos, reis, rainhas e governos que resolvam seus problemas do mundo, mas que toma a frente, e vai resolver tanto o seus quanto de tantas pessoas ou seres vivos que seus braços e pernas e capitais possam encontrar no seu caminho que não era senão o de viver a vida e não o de mudar ou definir a agenda da mudança da vida alheia, até porque isso no final das contas cabe a elas, e ele. Uma escola libertária, de gente que não só pregou, mas buscou e alcançou independências e libertações não só de terras e gentes. Porque quem mata vida na terra incluso das gente é gente. E nada mais idiota ou canalha do que pedir aos latrocidas exercer seu latrocínio de forma mais responsável.

Não há guerras como a do México. Ou pior nem escravidão. É preciso lembrar que quando Thoreau lutava contra o que hoje é proibido a tal escravidão, ela tinha outro nome, e traficar possuir gente em tempo integral era um mercado e comercio tão absolutamente legitimo, legalizado e protegido pelo monopólio legitimo e cartas magnas e igrejas como hoje são muitas das práticas que se dizem não só deveres, mas até direitos dos trabalhadores que nascem expropriados do bendito acesso ao usufruto do meio ambiente e tudo que vital não só a sobrevivência das gerações que hão de vir, mas dele ontem, hoje e amanhã de manhã, se não se vender para quem destrói o seu amada natureza, que assim foi posta abaixo: com escravidão, genocídio de quem foi privado dela para que outros pudessem choramingar de barriga e cofres cheios.

Pacifismo? Ou revolução armada? Desobediência civil? Passeatas marchas? Bombas, terrorismo soft ou hardcore contra o terrorismo estatal? Propaganda pelo ato? Pacifismo reativo contra a violência, seja com mais violência, ou mesmo com não-violência, é um pacifismo de asa quebrada, porque a liberdade continua de asas cortadas e quebradas. A luta não está no ciclo vicioso da violência e não-violência que quando não gera mais violência, gera massacres e mesmo quando vence, vence apenas para que uma nova ditadura de de sinal e outras bandeira complete na trairagem o serviço dos exércitos brancos e fuzile quem realmente lutou. Vide os bolcheviques e stalinistas de ontem, hoje e amanhã.

Não. A libertação não se faz nas lutas por politicas governamentais, ou mas no trabalho de base, se faz no mesmo lugar onde a riqueza não só econômica mas social é produzida não a razão da discórdia ou massificação, mas da emancipação e empoderamento. Não é colhida, nem ceifada, nem implantada, é semeada, porque se não cresce sozinha não é liberdade, e não como erva daninha, mas como alimento.

O arte da paz é difícil de praticar porque ela envolve não gestos simbólicos, mas gestos onde mais dói na alma do que é mais essencial do que o próprio vida, liberdade ou até o ar dos reclamadores de direitos acumuladores de ganhos ou o que a mesma coisa, transferidores de custos e responsabilidades como obrigação dos miseráveis extintos a longo prazo: o bolso. Gente que adora negociar, ou o que é a mesma coisa, fazer negócios e acordos voluntários com governos, afinal sem a mão de ferro, teriam que eles mesmo fazer o serviço sujo, e parar

de se comportar ou fingir que são como crianças, e ir lá e tomar nas periferias do mundo, o que sustenta seu estado de bem-estar social perdão socioambiental.

Combater o mal é fácil, principalmente quando o mal é biopoder, e não necropoder. Difícil não só parar de escravizar e devorar gente e bicho, mas pegar acumulado e herdado com essas práticas e entregar na mão dos sobreviventes para que a extinção para de fato, o holocausto tenha um fim, para que as tiranias não tenham mais onde colher bodes expiatórios, fanáticos nem escravos para fazer o serviço sujo e sacrificial que sustenta o rito das civilizações e seus pilares instrucionais, edificados sobre crimes os tais crimes de ecocídio, genocídio, e etnocídio, que não estão só nos museus, mas nos cofres bem gordinhos que sustenta a divisão internacional de trabalho e capital, mas pode chamar de divisão sacrificial do holocausto em favor dos herdeiros do mundo, perdão, das futuras gerações, livres para respirar um meio ambiente mais limpo, incluso da pobreza e fome, agora que os famintos e pobres forem extintos pelo método malthus-darwininano, mas pode chamar na prática socioambiental de nazifascista mesmo.

Pacifismo não se faz com protestos, petições, armadas ou desaemadas contra os violentos, mas secando a fonte da guerra e violência, ou o que é a mesma coisa, devolvendo a parte que pertence do direito de usufruto do tal do bem comum que não pertence ao leão da receita federal, nem ao particular, mas aos comuns, aquela parte que Locke deixa claro quando diz que nem o governo, nem o particular pode tocar, e se tocar portanto a de devolver: a que outro precisa para não ser extinto, escravizado. A parte que não é esmola, nem sequer ajuda, mas que se está na sua mão, e você não roubou você é o receptador de um roubo e assassinato plus estupro e nem sabe, ou finge não saber, que não aconteceu só no passado, mas se reitera, a cada nova geração, herdeira não de bem comum, mas do fardo das mesmas privações primitivas não legada por seus pais, porque as vezes nem pais tem mais, mas por seus patrões, pátrias e patriarcas. A santíssima trindade de fato desse holocausto e pilhagem de capitais das terras e corpos queimados alheios. Mas pode comer que a salsicha de gente agora é vegana e orgânica.

Tenho uma contraproposta: se o meio-ambiente é tão importante, pode ficar com ele. E nós ficamos como todo o capital acumulado. Mas não me venha com papel, notas promissórias, que isso já era. O negócio agora são recursos raros e preciosos. Porque a economia mundial entrou na fase pré-crash global de quem vai morrer com o mico na mão. Basta ver a quantidade de oferta agora para pobre de produto que antes era só para gente rica, mas gente ultrarica. “Querido”, gente ultrarica que come não pobre, mas rico no café da manhã, não doa nada, se livra de coisa velha e podre, se livra do lixo tóxico, a custo zero ou a ganho do que antes não tinha valor nenhum, ou estava a preço de banana. Mas que quando (e onde) a banana é rara e exclusiva não vale mais que ouro, mas se troca fácil, fácil.

De modo que quando tem pobre comprando num mercado ou supermarket que antes era privé pode ter certeza de uma coisa, seja fruta ou titulos da bolsa, é podre e envenenado, essa merda é lixo tóxico puro, e essa porra vai quebrar e cair e fechar feito as “casas da banha”, “mesbla”, na calada das noite antes que os clientes e empregados possam reclamar. Golpe velho, mas que sempre funciona, afinal está guardado e resguardado pela jurisdição dos monopólios da violência.

É o fim? Economia mundial pode não resistir à dívida de 243 trilhões de dólares

Os economistas alertam que, quando esta bomba de vários trilhões de dólares plantada sob a economia mundial explodir, a...

br.sputniknews.com

O Banco Mundial apercebe-se da chegada da crise da dívida externa

Série: 1944-2019, 75 anos de intervenção do Banco Mundial e do FMI (parte 15) 17 de Julho por Eric Toussaint O Banco...

www.cadtm.org

Alguém vai morrer com o mico na mão. Porque o nome desse jogo, é pirâmide. Uma bola de neve ou bolha que vai crescendo até quebrar, um Titanic feito para afundar, onde ganha-se na construção e quebra e depois até contando história e fazendo filme. Tudo é capitalizável, desde que você fique no final de cada rodada com o que tem de valor para a próxima para apostar de novo. Não venda, o que vale antes não valia nada, pelo que vai perder valor. E fique de olho no quê e porque os maiores predadores da cadeia alimentar estão trocando papeis de dividas que antes valiam ouro, não só por toneladas de ouro de países subdesenvolvidos que só se endividam mais e mais por não ter fundos de capitais para financiar suas dívidas e sobrevivência, mas por tudo que é precioso acima da superfície e abaixo dela, não só de metais, minérios, essenciais para as máquinas estato-privadas, guerra comercial,tecnológica ou de fato mesmo, mas para a sobrevivência dos seus seus poucos donos delas e do mundo que ainda são feitos de carne, como água por exemplo.

Saberá que não é mais o FMI nem o Banco Mundial o maior Banco do Mundo, mas o Banco da China, agora a emitir papeis de dividas e aceitando como pagamento nada mais nada menos que nossos mui amigos ocidentais do norte dos impérios anglo-americanos também aceitavam em troca no escambo: notas promissórias, promessas que não serão cumpridas? Não mané. Riquezas in natura. Propinas que não dão cadeia, mas que provocam desastres ambientais ainda maiores que os de Lula, ou um Bolsonaro juntos. Não é FHC? Olhe para a Vale, quem são seus donos, quem vendeu o que não lhe pertencia, veja qual foi o maior desastre ambiental dos últimos tempos. Veja quem está pagando a conta. Veja quem está lucrando. Veja quem é o verdadeiro dono da riqueza, e quem morre para bancá-la. E você vai entender como se processa industrial, financeira e legalmente os verdadeiros crimes de ecocídio e genocídio de um povo. Ou olhe para Embraer e a Boing. E veja novamente isso como padrão na produção de conhecimento. Ou você que os aviões e navios que vem e vão das periferias do mundo do quê? Cheio de promessas de paz e amor e orações e amizade eterna e capital e rendas garantidas e alimentos e reflorestamento, ou vem com dividas, armas e lixo para sair carregados de ouro, droga, madeira, bicho, e até gente escrava é claro. Aliás nem precisa levar viva ou interia não, vende-se já em partes.

Tráfico de órgãos: um crime invisível

A palavra tráfico significa "modo amplo à circulação de mercadorias em geral, e de modo mais estrito, o comércio...

jus.com.br

Ainda de acordo com o relatório da CPI, o relator Deputado Pastor Pedro Ribeiro reconhece:

"Apesar de a ação da Polícia Federal ter resultado na prisão da quadrilha, e denúncia de mais de 30 pessoas que venderam seus rins, calcula-se que o número possa ser maior, uma vez que se soube que a ação dos criminosos já ocorria há pelo menos 1 ano. Segundo informações dadas pelo Superintendente da Polícia Federal em Pernambuco, Wilson Salles Damázio, a antropóloga Nancy Scheper-Hughes, especialista na análise do tráfico de órgãos, elogiou muito o Brasil na ação efetiva de combate à quadrilha e noticiou que essa quadrilha realizou cerca de 300 operações, tendo como base a Turquia, África do Sul e Israel, já sendo conhecida há 3 anos."

O segundo caso foi de quatro pacientes em que a documentação médica mostrava estarem vivos, mas ainda assim, eram submetidos a nefrectomia bilateral, ou seja, eram retirados os dois rins, e quando eles reagiam na mesa de cirurgia, segundo depoimentos de enfermeiros, o médico efetuava manobras com o intuito de causar o óbito do paciente. Em uma dessas manobras conforme relata uma enfermeira à CPI, um paciente se debatia violentamente, e com o bisturi, o médico perfurou o coração e assim ocorreu a morte do paciente. Caso ocorrido em Taubaté, São Paulo, cometido por quatro médicos.

O trecho do depoimento ouvido na CPI revela tal fato:

"No caso de Taubaté, teve a enfermeira, que era chefe da enfermagem do hospital, ela testemunhou na CPI e teve casos onde o paciente que foi diagnosticado com morte cerebral, ao ter os órgãos retirados, ele reagiu com estímulos e a enfermeira disse: 'Doutor, mas esse paciente não está morto'. E ela disse na CPI que o médico pegou o bisturi, foi em cima do coração, perfurou o coração e disse: 'Ele está morto, sim. Pronto! Acabou a cena."

*A depoente declarou que não fez essa denúncia à época dos fatos, por temer represálias e também por medo de perder o emprego.(...)- **Tráfico de órgãos: um crime invisível***

O emprego... Pois, é. A realiade onde o terror e o terrorismo onde as pessoas temem cair em tais condições é sempre mais embaixo. Então troquemos de papel. E de dentro do caldeirão dos canibais, e não fora conversaremos sobre o quanto, onde e quando a temperatura do mundo está subindo. Sentamos e debateremos estratégias de mobilização nos mangues para a distribuição dos sacrificios antes da redistribuição dos privilegios sobre os patrimonios da humanidade.

Vamos conversar falar não só sobre as reservas de propriedades naturais mas as propriedades intelectuais, suas reservas de patentes e segredos de remedios e drogas legais e (ilegais), venenos de plantações, banco de dados de pessoas, projetos de armas e usinas nucleares, contas em paraisos fiscais, programas, programações de máquina e gente, cobaias, gentes, herdeiros e capitanias hereditárias. Vamos trocar de papéis. E aí da ONU e grande metropoles, os que não vão mais morrer por falta de um meio ambiente e meios vitais, não amanhã, vão fazer suas demandas para que venha a se juntar a sua luta para salvar todos nós possam lutar pelo futuro. E não só horas de folga do trabalho ou da fila do emprego, afinal nem todo mundo tem um slavo, ou chines ou latino, ou um robo para para lavar seus pratos, latrinas, esgotos, ou simplesmente recolher seu lixo. Nem todo o mundo, ou Planete tem um quintal ou esgoto para jogar seus restos onde gente desesperada vai recolher seu lixo para que ele construa sua industria sustentável da reciclagem, ou melhor tem, mas atrapa o transito dos carros principalmente sem motorista e motor a combustível fóssil de outros animais há muito mais tempo.

Reciclagem de resíduos sólidos: a propaganda é bonita, mas o processo explora os catadores. - Nosso...

"A Política Nacional de Resíduos Sólidos optou por fazer reciclagem investindo nas pessoas, gerando riqueza e...

nossofuturoroubado.com.br

E aí a coisa fica, mais complicada quando, as lixeiras e escravizadores gigantes já não aceitam a externalização dos custos:

Veto à importação de lixo na China afeta indústria de reciclagem global - ISTOÉ Independente

Durante anos, a China foi o principal destino do mundo para o lixo reciclável, mas a proibição recente de certas...

istoe.com.br

Principalmente quando partem para cima, das velhas colonias:

Artigo | China, e não Estados Unidos, tem o dinheiro que o Brasil precisa

Investimentos chineses no Brasil não ameaçam preferência do governo pelo alinhamento com os Estados Unidos Um estudo...

epoca.globo.com

Não. Pacifismo não se faz nem com guerras junto nem contra os landlords nem warlords, mas antes e durante e depois compartilhando o que eles tomam fazer esse reino criminoso de tirania e roubo legalizado. Se faz não só fazendo biquinho e cruzando os braços, mas abrindo a mão e pegando a porra da grana e capital que alimenta o monstro hobbesiano e entregando diretamente para quem ele rouba. Porque o Robin Hood não vive no castelo, lambendo as bolas ou fazendo micagem para os joão agora sem terra, gringo, mas na floresta incluso as de concreto e aço, junto do povo, dividindo não o pão que rouba do povo, mas antes de tudo o fruto do seu trabalho, ainda que seu trabalho seja não entregar seu serviços para o rei, mas justamente prestá-los de graça a população. O que não é sonegação e roubo só para ladrões, mafiosos e escravagistas, principalmente quando você não toma, mas compartilha o que é seu dentro da própria legalidade do reino deles. Porque arco-e-fecha, pistola e fuzil, contra quem tem tanques já não funcionava contra quem não tem nenhum respeito em apreço pela vida humana corpo de inocentes menos ainda.

Não adianta pular etapas, ou fugir das responsabilidades, porque ficou dormindo enquanto a chapa esquentava. Revolução sem conquista do pão sem cabresto, empoderamento e libertação, ou repetição das estratégias do passado não funciona. E não funciona porque quando você olha para abismo, ele também olha para você, e se você acha que está se adaptando, aprendendo e se apropriando das estratégias do passado, ou mesmo a deles, ele também está se apropriando dos antigos movimentos e bandeiras, mas já dos novos, e não só manobrando, mas já sabotando.

A violência contra qualquer forma de vida, é sempre um jogo perdido para ambas as partes, quando os ciclos desse mal ou doença já atingiu a fase da reação à violência, seja ela legitima ou não, seja não-violenta ou não. Violência não se combate nem com violência, nem não-violência, mas passando-se a espada nesse nó górdio, se combate semeando solidariedade não como papo furado, mas com com a ação oposta que se usa para plantar e implantar primeiro a discórdia, depois apartheid, então as guerras e enfim as ditaduras explicitas ou disfarçadas. Se faz eliminando a privação primitiva, ou seja a própria negação da apropriação original “lockeana”, apropriação que em verdade não é apropriação legitima de nada, mas expropriação, ou roubo e assassinato e escravidão no popular, porque não toma só o que é bem comum, o comum, o particular, e quando o coitado não tem mais nada, ele mesmo como escravo em tempo integral ou parcial, isto é, claro se não quiser morrer de fome.

Propriedade portanto que não se faz nem se sustenta sem passando ou ameaçando. E que não tem porra nenhuma a ver com trabalho agregado, porque não sei quanto a você não estou nem ai se uma pessoa tem ou não tem algo porque se esforçou ou não, ou só sentou em cima primeiro, ou cai na sua mão primeiro de graça, o fato é se ela não não fez mal, nem está fazendo mal a ninguém, não tomou, não está tomando, nem está deixando ninguém sem ter como viver, o que isso tanto me incomoda? Ou melhor porque quero tirar a força o que uma pessoa tem demais, se os outros tem o suficiente. Ou pior, qual é agora a nova desculpa dos que já tem muito mais do que precisam para arrancar a força ainda mais de quem já não tem nada a viver, até o couro delas?

É foda. Usam a boa fé de gente que não tem boca nem voz nem lugar para de fala para falar nada, para mandar carregar mais um fardo de todos, quando nem o fardo que eles produziram e que carregam nas costas e precisam para comer e sobreviver e ter forças ou

tempo livre para protestar pela sobreviver ou não ser assassinado se abrirem a boca fica com eles. É foda não, vão se fuder. Porque não to nem aí se não é meu lugar de fala ou não. Fodam-se. O couro pode não ser o meu mas revolta de ver essa canalhice eu tenho de sobra. E se não tenho capital suficiente para fazer mais, faço com o que tenho e posso com a ajuda das mãos abertas de mais gente que não diz ou pressupõe que os outros querem, mas olhe e principalmente ouve que eles estão pedindo. Não só fala, não só, pede, nem muito toma, nem manda tomar, dá o que pode e sem discriminar. Porque paz, não se faz com protesto, oração, guerra, nem muito menos negócio ou negociação com essas industrias da carência, carestia, tutela, ou pagando para ver a emancipação feita pelos senhores todo poderosos, mas parando de fazer ou pior bancar o negocio, o ócio e as negociatas deles, e levando golpes atrás de golpes, e bancado e trabalhando pela emancipação direta sem intermediários e atravessadores, agiotas, demagogos, ideólogos, gurus e vendedores de bandeiras, e tocadores de boiadas e manadas. Porque bandeiras servem para se enrolar quando se tem frio, arrastar tropas e colocar em caixões, quando volta alguma coisa pra se enterrar.

Quem luta pela vida e liberdade, não luta pela causa da vida e liberdade, uma ideia, uma bandeira de morte. Luta por gente por seres vivos. Combate contra carestias. Não destrói, constrói, Não tira, dá. Não transfere responsabilidade chama. Não dá nem pede atenção nem capital, seja em tempo ou dinheiro de governantes, nem muito chora para eles tomem. Pede e sobretudo da atenção, tempo dinheiro para as pessoas que choram por que eles tomam para si e seus protegidos.

Combate o mal não na armadilha onde ele se produz e reproduz seu monopólio ora a esquerda ora a direito, mas sempre ao centro do poder, e com o povo e os povos periféricos e a margens das fronteiras de seus domínios e condomínios. Combate o mal na raiz, na insolidariedade que se dissemina do centro do domínio as terras e povos que serão dominados e apartados, e selecionados artificialmente para reproduzir herdeiros, ou escravos, lixo a ser descartado e extinto a curto e longo prazo depois de perder seu valor de uso, e gente que irá carregar a gene, o futuro como mero parideiras e hospedeiro da do culto e cultura e memorial à glória desse superegos genitores. Combate o mal da cultura de eugenista de apologia da violência, violação e e holocaustos devolvendo o fruto da terra que vai sendo salgada e arrasada pelos semadores de miséria, discórdia, e violência.

Elimina todos os males que se propagam e que não só se alimentam da pobreza, mas alimentam a pobreza para reproduzir sua tirania e exercito que queima pessoas e naturezas não nos sistemas. Mas na doença. Combate a doença não eliminando os doentes ou diminuindo ainda mais a doença, mas acabando com o meio ambiente insalubre onde ela se alastra: a carestia. Não combate pobreza eliminando pobres ou pedindo que eles se sacrifiquem até morrer por uma causa ou outra. Mas garantido que todos, de fato todos tenham como sobreviver e viver com dignidade para lutar e trabalhar nao só em causa própria, mas solidariamente pela causas, interesses e bens e comuns que agora sim, também são o deles e não dos seus alienadores. Não só porque agora são livres para escolher suas próprias causas, mas são livres porque também tem os meios ambientais e vitais, incluso já capitalizados pelos demais para serem igualmente livres como todos os demais. Afinal também são gente. Ou é só na hora H, e no dia D?

Epilogo

É por essas e outras apropriações indevidas ou nem tanto. Que dos escritores de nascidos na Inglaterra, prefiro Tom Paine, ao Locke. Como diria Bertrand Russel, senão o maior, um dos maiores filósofos que ele já leu. Concordo. Esse sim, ainda não perdeu, o caráter revolucionário, porque para se apropriar e devorar completamente cadáver da sua obra de modo a deturpá-lo vão precisar dar um fim em "justiça agrária". Uma proposta vejam só que Paine, que para quem não sabe é um dos pais fundadores da independência dos EUA, foi propor uma coisa dessas para a "assembleia revolucionária francesa", mãe da divisão entre direitas e esquerdas do mundo afora. Resultado da sua aventura parlamentar? Cadeia e só não perdeu a cabeça por sorte quando o regime do Terror, mais uma vez tomou conta para botar ordem na casa. Napoleão é claro viria depois. Esquerda, direita, liberais, comunistas, conservadores, revolucionários, reformistas, reacionários, progressistas, ambientalistas, neodesenvolvimentais, marcianos, terráqueos... meu amigos, desde que haja gente, burro de carga ou máquina, ou as três coisas juntas cozinhando, limpando, limpando onde cago, e pondo a comida na minha mesa, foda-se. Desde que haja alguém mandando e outro fazendo, mulher, preto, criança, cavalo, cão, máquina, ou macaco adestrado, desde que alguém faça o que eu não quero fazer para que eu possa fazer tudo o que eu quero, e claro não se reproduza como coelho, porque senão come minha riqueza ao invés de criá-la, que se danem. Agora se começar a dar mais trabalho do que gera riqueza, é simples: mata, sacrifica, deixa morrer, manda pra guerra, prende, o que sair mais em conta. Fica só com o que ainda presta, com quantos precisa, e pronto. O que não vai ocorrer é eles terem propriedade renda para viver sem ter que se vender, ou gerenciar diretamente o bem comum, porque senão aí não tem mais governo pondo um povo para trabalhar povo, mas um povo pondo um governo para trabalhar, e como é fica o tesouro desses ladrões? Por uma acaso agora vão ter que pagar quanto para uma pessoa lavar prato, onde vão arrumar um escravo nativo ou imigrante estrangeiro para fazer o serviço sujo? Pior onde é que vão instalar suas companhias das índias e fazer seus negócios da china? Se não tiver mais chinas, índias ou Américas para descobrir ou fazer?

Não, até dá para ficar rico, e bem rico com empreendimentos honesto, mas poder econômico, ultrariqueza capaz de legalizar crimes e a próprio latrocínio como justiça, isso não é possível sem gente absolutamente cercada e desesperada por sobreviver. Não é a toa que Paine sempre foi comunista demais para os liberais, e liberal demais para os comunistas. E como todo verdadeiro revolucionário, sumido até os ossos da história quando a revolucionários viraram reacionários para conservar-se agora sozinhos no poder. Ou seja com nova classe burocrática governante sentando sobre o cavalo: o povo. Trocam-se os cavaleiros, mas o cavalo há de ficar, porque a pé é que eles não andam. E por isso mesmo que há aqueles que já de antemão vão usando causas populares como cavalo e ativistas de arreio e cabresto, ao invés de serem o cavalo das causas das causas populares de arreio e cabresto estão cheio.

Então entre Locke e Paine, definitivamente fico com Paine.

How Paine Transformed Locke by Fayette Arnold

HOW THOMAS PAINE INVALIDATED THE PRE-ENLIGHTENMENT WORLD VIEW BY TRANSFORMING THE PRINCIPLES OF JOHN LOCKE By Fayette…

thomaspaine.org

Porque na hora que mais gente começar a aplicar o que Paine dizia não só com a autocritica que a escola da desobediência civil de Thoreau, mas com a de Malcolm X, e Frantz Fanon. Com os ensinamentos de Josué de Castro, Manuel Bonfim, Aquiles Mbembe e Kevin Carson. E o mais importante olharmos não só para quem está na eterna resistência, mas tomou a verdadeira vanguarda, novamente não nas lideranças, mas nos movimentos de base, não só do feminismo libertário, mas da liberdade contras todas as formas e padrões de ditaduras, apartheid e discriminações e preconceitos contra a autoafirmação e propriocepção dos gênero, a vanguarda contra reprodução gentrificadora do eugenismo como se fosse sinônimo de capitalismo, socialismo, ambientalismo, ou qualquer ismo de bosta que queira impor uma ideologia contra a vida e liberdade e propriedade de uma única pessoa. Sim propriedade, propriedade de paz sobre seu corpo o que ele precisa de ambiental e vital, porque sem isso, pode dar o nome que quiser, porque será primeiro escravidão e depois morte servindo ou não quem vai se aproveitar dessa privações alheias quando esse corpo ou corpos já não tiver mais nenhum valor para dita os valores. O mercado? Não, quem diz quem é dono e herdeiro de mercado e quem é mercadoria. Incluso o Planeta. O ser vivo herdeiro da chave dos patrimônios dessa terra: “Já sei o capital?” Não meu amigo, marxiano, a gene.

Porque como dinheiro e capitais no máximo você vai comprar o direito de também herdar e legar patrimônios privados e comuns.

Mas o direito de vender, a posse desse mercado de venda dos direitos e patrimônios hereditários esse ninguém vende, troca, privatiza, delega, nem concede, esse mercado da definição de quem tem os direitos para definir quem tem direitos, ou obrigações, esse mercado para predefinir quem é gente e cidadão de um mundo, ou do mundo, e quem não é ninguém, não se ganha, não vende, e não compra, ele continua a ser a essência da gênese e apocalipse de cada fim de mundo nos confins ou cu do mundo. Continua a ser um privilégio hereditário.

E heil, o culto ao gene, ao sangue e terra. Porque aos herdeiros pertence o futuro do Planeta. Aos demais que os vermes façam seu trabalho. Reciclem os mortos e o progresso da História.

Qual a solução? Da quebra dos paradigmas e padrões à Arte

seminal da Superação, o verdadeiro X da questão

O mito de São Jorge e luta revolucionária e libertária contra a ditadura dos gêneros

Quem foi o maior esportista da história? Pelé ou Jordan? Típica pergunta de moleque do final do século passado, ao menos que jogava basquete no Brasil. Eu que antes de ser fã da NBA, fã da geração PAN de 87, só fui me interessar por NBA e esta querela quando vi Jordan saltando:

Apaixonado por salto desde que me conheço por gente, o motivo inclusive de ter preferido primeiro a ingrata posição de goleiro um gosto herdado das histórias do meu avô, e depois trocado pelas quadras de basquete do ABC paulista, de rua ou de escola, aberta ou não. Quebrei ligamentos de tornozelos, joelhos e enfim as costas, e parei de vez. Só para voltar de vez quando tenho uma folga para poder saltar com toda a força que me resta e quebrar tudo de novo. De novo. E de novo. Pois é. Tem gente que com idade fica mais sábio, outros só mais velhos burros, teimosos e xucros.

E se você está se perguntando porque não faço um esporte de menos impacto que faça mais bem do mal à saúde, como só caminhar por exemplo? Bem poderia dizer que se a preocupação com minha saúde fosse digamos a minha primeira prioridade, e não ser ainda mais inconveniente, primeiro começaria a parar de fumar e não começado justamente perto da terceira idade. Ademais como já disse caminhada e corridas de fundo nunca foram minha paixão, mas como disse o salto. Porém não apenas o salto em si, ordinário e sim o extraordinário, o movimento que saindo do chão busca um céu não só rasgando defesas por causa da sua altura, ou velocidade, mas por conta de algo que tanto Jordan quanto Pelé eram especialistas em surpreender não só o público mas o adversário.

Coitada da criança que podendo não corre, não salta e não pula muro nem sobe mais árvore, e ou que mesmo podendo é deixada trancada entre quatro paredes. Vai descobrir tarde demais que não é seu corpo, mas sua cabeça que não pode parar ou pior que nem uma nem outra começa nem termina no seu corpo, cabeça, ou no horizonte delimitado das telas, janelas, planas e quadradas das celas e arcabouços, mas que como o chão, céu, horizonte verdadeiro não só não tem fim, mas é um perpétuo convite a esse encontro com o seu vir a ser, que não é feito no chão mas de saltos no espaço e no tempo para o que antes era lugar nenhum de outrora: nada menos que o impossível.

Vai descobrir, que não só corpo mas alma, assim como a partícula e o campo não só precisam de movimento, mas são feito de movimento puro, liberdade não como tese, mas como prática, a verdadeira verdade que a liberdade, o real em movimento, ou simplesmente a sensação de estar vivo por se estar livre e mesmo estando num deserto absolutamente sozinho, nunca solitário, por oposição daquele que desconectado da rede da vida, mesmo sempre cercado das multidões e presente em todas agitações continua sempre a sentir o mesmo profundo vazio da falta de sentido existencial para a vida.

Vai entender ao contrário dos velhos beatos e sexólogos virgens que comendo só não sabe de fato o que é maçã, não quem ouviu ou viu ou leu sobre a árvore, mas não só comeu, quem semeou, plantou e deu de comer, mas também vivendo e morrer para, como semente, se fazer não só bela árvore, mas novo fruto. Porque quem quer ficar para semente é múmia, assombração, santo e oferenda. Que a proposito não fica nem vai, volta pro mar.

Vai entender que um dia não é só a rede neural que precisa sentir o campo em movimento fluir dos pés a cabeça ou qualquer que parecida que seja capaz de alimentá-la esse rede, mas precisa sentir os campos ao seu redor que compõe o horizonte de eventos da realidade, não só como senso ou noção, mas como fundamentos à próprioconcepção de si, do outro e do mundo.

E não como mera sucessão de imagens e retratos ou fatos ou eventos, a causar a ilusão de movimentos, a animação ou filme a passar como projeção a frente ou sombra da vida na sua parede, por mais realistas que parecem ou concretas que sejam as paredes, mas com realidade sensível e essência que sempre está por definição fora de qualquer delimitação das 3 dimensões, mas por definição na quebra dessa quarta parede. Que só é uma parede para um plano invisível a quem por tempo demais fica trancado nesse recinto escuro. Velha e batida metáfora das sombras na caverna tão propositalmente esquecida quanto adulterada, e não duvido nada já denunciava em tempo real outro Sócrates o dito enlouquecido, performático e anárquico Diógenes pelo próprio, não Sócrates que nada deixou de escrito, mas seu seguidor: Platão.

Mas falando em Sócrates, lembrei que o assunto não era filosofia, mas esporte, e a pergunta era quem foi melhor: Pelé ou Jordan? Pois é. Os dois tinham entre tantas coisas em comum, esse capacidade de parar no ar. Ou melhor parecer que. Não importa. O fato é que não só pela impulsão, mas pela forma como sabiam ao movimentar seu corpo no ar, alterar o centro do equilíbrio da gravidade do seu corpo de modo a conseguir mesmo que por alguns instantes aqueles milesegundos a mais que precisam para fazer o sabiam fazer melhor, chamar a responsabilidade para fazer a diferença, ou o que é mesma coisa: decidir na hora decisiva. O que muito confundia com improviso, tamanha a criatividade da capacidade não de se adaptar, mas surpreender.

Por isso mesmo nunca foram parados, e nem seriam, porque se o fossem, fariam toda pessoa especial seja o dito gênio ou a pessoa portadora de necessidade especiais, ou mesmo a que não tem nenhuma capacidade extraordinária, mas só a falta das condições mas ordinárias mesmo para viver, aprende a se superar, se quiser sobreviver num mundo que não é feito por pessoas que olham para as necessidades, capacidades dos outros, mas tão somente para seu próprio umbigo e olhando para ele, ditam quando tomam o poder o que é norma e normalidade. Ou seja faz exatamente o contrário do que dita o pensamento do século passado e retrasado e espero que em breve ultrapassados, não se conforma nem se adapta nem ao que não é acessível nem adaptado a ele, mas ao contrário, não se conforma, não se apta e passa por cima quebrando a formação, conformação, quebrando os paradigmas do possível e do impossível, do que é o devido lugar e não é, do que é acessível, ou não.

Uma transformação que a ditadura dos padrões da normalidade quando vence tranca e mata nos arcabouços da loucura, incluso manicomiais, e quando perde continua a persistir na sua

farsa, inventando genes e genialidades, onde há um esforço e salto extraordinário não feito ao mero acaso da sorte, ou das heranças nem genéticas nem patrimoniais, mas não raro apesar e contra todas elas como mais um obstáculo a ser superado, não por esse corpo, mas por essa mente, que aprendeu o segredo a superação e emancipação da mediocridade e normose para viver como ela bem entender seja fazer o que as pessoas acham extraordinário, ou as coisas que ninguém dá valor mas para ela são a realização do seu sentido de vida. Porque não se engane se você acha que a medida da realização é o sucesso, ou pior reconhecimento do sucesso, então você já perdeu, porque as pessoas mais realizadas do mundo não são aquelas que são as melhores naquilo que fazem, mas aqueles que fazem o que querem fazer mesmo que sejam consideradas ou sejam as piores do mundo.

As pessoas que experimentaram o prazer de alcançar a experiencia de todo sucesso que queriam ou que sequer imaginaram alcançar, que tiveram ou colheram o prazer de plateia inteira vibrando em casa ou calada em silencio fúnebre ao marcar seu goal, não se engane esse também é um prazer tão grande quanto, e por isso novamente Pelés e Jordans, Rodman, Paulo Cesar Caju, filhos da puta, não só jogavam menos, mas mais, quanto mais apanhavam, mais pressionados, mais xingados e mais folgados, desafiadores ou impossíveis de bater fossem o adversário, algo que não vem inscrito no genes deste ou daquele ser vivo, mas na anima de todo ser vivo, e que só quebrando, mas quebrando no meio, na essência, na alma. Só arrebentando com sua força de vontade, de preferencia de pequenino ou pequenina pois como se diz e bem sabem os jesuítas e todo amestrador de circo é de pequenino que se torce o pepino, e entorta gentes para que ele nunca mais aquilo que Nelson Rodrigues viu pender do menino jogando os mantos invisíveis que fariam dele o rei aos 17 anos do futebol. Genialidade, não meu amigo? Esse manto real essa coroa ou aurela paira sobre todos os seres dotados de anima que não se aceitam serem o que os outros querem que eles sejam, mas o que eles querem ser, e não importa, não abaixam a cabeça mas olham nos olhos.

Bill Russel? Mas você por acaso viu Bill Russel jogar? Não precisei. Ele fez do bloqueio e rebote uma arte. E vi um depoimento. E num depoimento daquele cara é tudo que você precisa saber para o que quando ele dorme o que ele realmente sonha, como se está de novo em uma quadra jogando com seus amigos. Ou recebendo toda a coleção de anéis e troféus. Vaihalla. Meu caro. Vaihalla. Pergunte a quem um dia alcançou o topo de qualquer atividade, ou se já experimentou o que não é poder nem conseguir mover os seus pés ou pronunciar seu próprio nome, pergunte se tiver essa liberdade para onde sua mente vai quando sonha? Quando ainda sonha com que momento e com quem ele sonha? Em viver para sempre? Com os momentos dos aplausos e glórias? Ou se sonha sonha que está em pé de novo simplesmente correndo, jogando e brincando com os amigos? Com a família? Com os filhos... Bem essa é vantagem de existir nesse mundo lírico, onde já não existe mais limitações só materiais e limitações espaço temporais, que constituem o corpo e seus campos de atualidade, tudo que foi agora é sempre, em todos os lugares ao mesmo tempo. Um outro tipo de céu, que não fica num futuro que nunca aconteceu, ou num passado que já se foi, não é historia, mas historicidade de muitos presentes ou historicidades distintas que fazem parte não só a materialidade do tempo e espaço atual, mas sua essência.

Assim com o próprio sonho interrompido, ou não realizado daqueles que se foram, porém se não cheios de realizações de vida, também nem tão pouco vazios dessa força de vontade seja porque simplesmente não tiveram tempo nem lugar nem possibilidade de realizar tudo que podiam, ou porque tudo isso lhes foi roubado, não importa. A única potência que se gasta é

aquela que se materializa para o que eis a questão. E a única que se apaga é aquela que ao final de uma vida não desperdiçou toda sua energia para preservar o efêmero e não o essencial, lutou desesperadamente para manter as formas e aparências, quando o corpo, tento manter tudo parado, tentando parar parou de fluir, virou cenário, figura e figurante, o vilão que só existe para a sombra e assombração que só existe na liga a trama da vida, mas que com ou sem ele e apesar dele porque continua a sua revelia, e triste mania de reverência. Aliás se apaga, não, se desfaz e nulifica e voltando a potência do nexo anterior do que é feita porque não tem poder para destruir a potencia do logos do campo verdade que é feita, liberdade ao invés de se acrescentar a ela como novo nexo, ou complexo, nova forma a lógica sua (in)formação epistêmica.

Quanto todas as demais, essas que permanecem cheias de vida, guardam dentro de si toda toda a potencia transformadora do mundo e nenhum chão nem céu senão o seu é o limite, seja agora, amanhã, como foi outrora, para todos que tiveram sua chance. Como diria Lavosier o aristocrata que teve sua cabeça cortada na revolução que degringolou em terror reacionário: nada se perde, nada se cria, tudo se transforma. E na cara de pau completo, senão neste tempo e espaço visível, por lógica, certamente em outro ainda que ainda que desconhecido, justamente por esse força potencial que não vem do nada nem de desfaz em nada, mas se perpetua como autogeração de um novo campo espaço-temporal, a liberdade revolucionária criativa libertária gregária e construtiva por oposição a desagregadora e ensimesmada e alienante: a destrutiva.

O que se fazem ou desfazem são portanto os padrões de complexidade que forma esses campos da materialização da existência, mas pode chamar de nossa realidade percebida ou mundo sensível e acessível pelas portas da percepção e sensibilidade, ou simplesmente da criação das formas: hoje algo graças a ciência, não a filosofia, bem menos abstrato, a informação. Porém não confunda a Informação a que me refiro com sua acepção qualitativa e quantitativa da unidade mínima ou átomo do saber tanto no sentido do processamento dos dados (a ideia da coisa), o saber, quanto deles como os fatos propriamente ditos (a coisa em si), o mundo real. A informação aqui não se refere, nem a um nem a outro, mas ao padrão que é essencial para constituir tanto um com saber quanto o outro fato, quanto a intelecção da sua correspondência entre ambos como verdade portanto e critério de julgamento epistemológico.

E por um acaso Pelé ou Jordan, pensavam nestas bobagem para tomar suas decisões? Jamais. Nenhuma pessoa dita especial, jamais precisou pensar em nada disso, porque aliás, de parando para pensar morreu o burro devorado pelo tigre. Como disse, se os seres precisam parar e pensar em tudo isso não teriam evoluído, estariam mortos. É por isso que se chama instinto. Padrões não só de percepção que é uma radar uma busca permanente de sinais pelo mundo, como de interpretações, isto é processamento de intelecções que dão respostas automáticas a esses estímulos e impressões, sem os quais os organismo não se cresceriam, não evoluíram para suas formas atuais e diversas de vida, mas sequer formariam como organismos.

Sem tais pulsões gregárias e libertárias os corpos não só de desintegram eles sequer se integram não só como organismos sociais, eles não se integram sequer como parti culas ou corpos, ou uniões e unidades em partes, partículas, unidades, átomos para formar associações, combinações, da formas e padrões estruturais, nem possuem forças

fundamentais intrinsecadas para constituir o universo de todos as relações e combinações possíveis, não se faz, nada se desfaz, não há novo, nem inovação, só um imensa totalidade infinita e absolutamente idêntica a si mesma, um todo poderoso zero absoluto, a inexistência que semioticamente não existe nem epistemológica nem fenomenologicamente por definição, um monte nada de onde, de onde nada vem e nada vai. Não há volições, evoluções, nem revoluções, não há movimento, nem tempo nem espaço, nem campos nem corpos, nem relações, nem o mundo real e realidade que as idéias, ideologias mitologias e fantasias.

Sem essa essência que constitui a essência e anima de cada ser sensível animado não há movimento para que nem sensor ou aparelho sensorial possa detectar movimento algum, e sem movimento, sem informação seja ao telescópio, ao microscópio, potente, a sensibilidade mais sensível, ou a imaginação mais inventiva e criativa do universo, ao ser mais onipresente e onisciente, e senciente a uma única anima a produzir um movimento autônomo uma única luz o que existe aos sua olhos que tudo vê, ou pensa que, é o imenso vazio do nada. Aliás sem fé de existir ser dotado não só de anima sensível e inteligente mas de vontade de fazer exercício dela para entender os sinais que não recebe, mas que envia, nenhuma não só nenhuma comunicação é possível, mas nenhum forma de relação ou comunhão ou entendimento.

Porque informação não é ruido de fundo, não é movimento não é função de campo, da qual se deduz o emissor, que antes de ser um corpo ou matéria desconhecida um x, ou partícula, é uma força volitiva, essência pura, vontade: anima em movimento não só se propagando o tempo e espaço, mas constituindo, como informação. E saltos, que se autogera, se autoquantifica e autoqualifica, ou se seja autodetermina sua trajetória movimento ou seja existe como entidade e não como mera propriedade ou mera abstração ou construto mental, ideia ou observação de outrem, é fenômeno dotado de anima, pode não ser senciente, pode não ser inteligente, pode ser consciente, mas é dotado da mesma anima que gera todos os complexos esses diversos orgânicos capazes não só autodeterminar cada vez mais sua própria trajetória existencial, não só de vida, mas de viver e conviver de forma cada vez mais gregária e criativa, liberdade, mas pode chamar evoluir a condição humana ou o que é mesma coisa a universalização do logos da cosmopolitização pela quebra de todas as fronteiras da discriminação, segregação e violência. Paz e liberdade, mais que um ideal um forma e sentido de vida.

De modo que quando uma forma de ser sensível, ou seja uma forma de vida, inteligente ou não, consciente ou não busca se unir, ou ligar, se comunicar seja diretamente ou através de sinais com outros seres, há aí não só uma pressuposição ou aposta, mas uma esperança matemática heurística que a improbabilidade do milagre termodinâmico do entendimento ocorra: Que outra anima dotada da sensibilidade e intelecção que não reconhece senão a si mesmo imersa em sua realidade compreenda seus signos e responda aos seus sinais. Comunicação e união que se torna portanto exponencialmente mais difícil não só a obtenção de qualquer entendimento, correspondência, ou mesmo compreensão de respostas quanto não se tem senso para detectar a existência da realidade do outro, que dirão noção para interpretar seu dados e sinais.

Um problema portanto não de fé, ciência e perspectivas ou óptica. Mas de semiótica e epistemologia. Consciência e falta de consciência das ideias seminais, ou preconcepções de verdade falsidade, nosso julgamento, projeção do que real e irreal, cognoscível ou não. Do

que é superficial e fundamental, e do efêmero e do que essencial, não só como constante, mas como fonte das variações incluso dos movimentos dito caóticos ou aleatórios. Porque mutação aleatória e sujeito oculto são termos vazios que não explicam nada, meros recursos desesperados para sustentar um paradigma eugenista e predeterminista falido frente a emergência da consciência libertária e libertadora da autodeterminação e autogeração como fonte epistema e seminal do cosmo e seu saber afirmativo desalienado.

Onde o milagre não só realiza, mas deixa de ser escasso, para virar abundante. Onde todo mundo é o rei da sua vida e do mundo inteiro, mas se todos são reis do mundo inteiro, então ninguém, é o rei de nada salvo do seu reino, e todos são reis de tudo exceto do reino alheio. Paradoxal? Não cosmos. Vida, onde a vida e cosmo não está se morrendo e se desintegrando de forma insana doente para tentar outra combinação com a informação adquirida, e a perdida? Nada se perde, essa é combustível não para queimar em nenhum inferno mas para formar novas (in)formações nexos e conexões, porém do simples ao complexo, ou seja, o oposto de tudo que buscava na materialidade, ou materialismo ególatra, incluso como fantasia de idolatria do seu EU imaginário como fetiche de perpetuação hereditária do seu ego em genes, memes ou mesmo animas, não, nem esse fica malandro, já era, aterroriza e assombra por mais tempo, mas também vira o que foi em vida: nada que no fundo foi o que sempre quis ser o tudo em seu estado primordial que jamais existiu salvo como potencial de fato total: liberdade pura, porém da qual ele não participa, ou integra, mas foi reintegrado e nesse sentido como nova (in)formação seminal da episteme literalmente em sentido fenomenologico desintegrado. Lavosier explica.

A chave portanto como o século XXI já deixou claro está na informação. Mas não na informação como mero constructo mental, mas como constructo tanto das redes neurais quanto sociais, tanto as virtuais quanto as orgânicas. Uma engenharia que a vida já sabia codificar e programar muito antes da invenção da informatica, programação, processamento de dados, da lógica boolena ou agora da quântica que sabidamente aprende que entre o zero e um há x da questão que cujo conhecimento e sobretudo reconhecimento dentro da lógica de formulação do mundo não diminui a capacidade de equacionamento da calculo das sua possibilidades que compõe a realidade, mas aumenta exponencialmente ou melhor revolucionariamente aos saltos não só quânticos, mas epistemológico que a assunção da autodeterminação que embora seja um principio de incerteza dentro do paradigma determinista, é um para todo sistema dotado da capacidade de inteligir o aumento da liberdade de computar ciência e logo capacidade de acerto e precisão cientifica, embora não de aquisição de consciência.

Porque como disse falta a essas máquinas aquela pecinha que quando os cientista abrem cérebros de bichos ou passam tomografias deles vivos ou mortos, encontram apenas as pegadas e nunca o coisa em si. A anima. Curioso que depois da relatividade de Einstein ainda não tenham percebido que embora não estejam agarrar a sombra na parede como os crentes em mitos, estão tentando agarram a própria luz não que vem de fora da caverna, mas que é imante de seus próprios corpos e que projeta essa sombra, o corpo, ou mais precisamente extensão táctil ou visível dessa realidade ou essencial imaterial, a anima que como a luz, é a forma da forma, informação, e como em seu epifania brilhante, não pode jamais ser vista nem tocada, por definição, porque se apreendida deixa de ser o que é, informação, onda e se torna matéria, corpo, partícula. E vocês ainda querem pegar a luz que anima os corpos. É possível. Claro que é. Mas já não será mais a essência. E aí a pergunta será, o que move e

constitui esse verbo que de sujeito agora virou objeto. E toca a caçar o que esse novo fundamento. E ainda bem. Porque se o o universo mesmo que o mundo acabasse em barrancos ou o céu tivesse abóbodas, ou o universo fosse finito e não plural, não duvide que sempre haverá alguém a que não se contentaria enquanto não rompesse esse horizonte. Porque duas coisas que sempre haverão nesse mundo, chato querendo que tudo fique com está e que ninguém viva sem a benção dele e que não se contentam com nada que menos do que tudo que os outros tem, assim como gente que mesmo tendo nascido com tudo ou não tendo nada nessa vida, não querem nada senão dar tudo de si para ir sempre além. A a essência não da busca do saber, é a essência do viver. Da descoberta, da invenção, da inovação, na criação, renovação, dos saltos revolucionários para o novo. Para esse lugar nenhum que não é o das distopias mas das utopias que quando se libertam da ditadura das preconceções do possível e impossível e tomam o corpo da realidade não como outro quer, mas como podem, já era agora, nem matando ou apagando da história, já era. Não é o corpo, não é a ideia, não é a forma, tio, subiu pra nuvem, morfogênese, já era. Ou melhor, nunca mais era. Já Foi. E você tá copiando o movimento para pagar de bonito e nem sacou. É nóis. Essa quem explica é outro filosofo Mano Brown.

O buscar o novo, e mesmo que ele não existisse, criá-lo do absolutamente impossível, contra o mais totalitária de todas as privações e ditaduras absolutista: o nada o vazio existencial, a ausência de sentido, a negação da consensualidade, da liberdade de dar sentido próprio e comuns a vida, de gerar o novo, transformar-se e transformar o mundo,autodeterminar seu destino, governar-se, unir-se e separar-se crescer, viver, morrer e gerar novas formas de vida completamente diversas: a liberdade.

Mas o que isso tem a ver com quem é Pele ou Jordan? Pois é.

A forma como eles se tomam suas decisões, como aliás todos nós tomamos decisões, não é produto nem só das predefinições genéticas, nem muito menos dos comportamentos aprendidos ou adquiridos, nem muito menos as inovações e as superações que todas as pessoas ditas especiais são capazes de promover em suas pessoas e no mundo é fruto das maldito julgamento de valor do alheio, seja o genético, ambientalista, ou pior o randomicistas ou deista que já não sabendo como essas pessoas conseguem não podendo se conformar acessar ou se adaptar ou simplesmente não querendo ou aceitando, conseguem num dado momento superar aquilo que era imposto ou tido não só barreira, limite insuperável mas intransponível ou impossível, se apropriam das realizam dessas pessoas para reafirmar suas preconceitos e juízos de fé ou pseudo-ciência. Uns dizendo que seus feitos são obras do famoso arquiteto interventor, o sujeito oculto de tudo para tudo que não conseguem explicar. Outros dizendo que isto foi obra do mero acaso, ou em termos darwinista, de mutações aleatórias, que já não explicam nem a evolução quanto mais a revolução feitas em saltos que passam por cima da ditadura dos padrões eugenistas paradigmas materialistas das (im)possibilidades e privações e arcabouços prestabelecidos. todas as igrejas, escolas, fabricas,governos, instituições mesmo tribunais,prisões? Não meu caro, só mesmo daqueles que se precisam da agressão e privação da ditadura da discórdia e ignorância e miséria para se manter sua falsa alternância de poder como ditadura mesmo.

Daí a importância de não só não colocar deixar ninguém colocar a mão sobre ninguém, ou deixar ninguém colocar a mão sobre você, mas dar espaço e recursos e liberdade não só de expressão mas de movimento de para que cada fale e faça o que bem entender na casa e seu

território onde e devem ser soberanos. Ou do contrário vamos permanecer em eterna guerra de todos contra todos, incluso os que se pregadores do libertarismo mas acham que podem como os praticantes autoritarismo deveriam rezar sua cartilha e invadir como eles o espaço deles para ditar como eles devem viver e conviver, ou obrigá-los a conviver com eles. Agindo na pratica com autoritários que obrigam as pessoas que não querem ser obrigadas a conviver, ouvir, calar-se, ou falar com outra, a ter que suportá-las ou como sustentá-las como seus tiranos. União e relação forçada nunca é comunhão de paz, é sempre estupro. Relação de poder, é um pleonasmo, assim como união forçada uma contradição de termos. Uma falsificação ideológica grotesca para perverter e confundir e se apropriar ou mais precisamentos se assenhorar do sentimentos gregários com servidão, alienação e idolatria. Não há união, não associação, não sociedade, não a comunidade, a fagocitose, escravidão, canibalismo, extermínio, roubo, anulação de uma parte prejudicada em privilegio e favor de outra. Não há formação de nada salvo como encenação de algo bom, e perversão teratológico de real e verdadeiro é essencial: vida em liberdade que vai sendo consumida de forma parasitária e predatória por essa pulsão mortal insana, doentia e insustentável por manter relações forçadas de posse e poder de tudo que é assim insensivelmente reduzido e tomado por coisa enquanto objeto descartável, descartado, ou ignorado dessa função supremacistas discriminatória.

Uma relação que portanto que não está baseada nos princípios gregários naturais de respeito consensual a liberdade universais, mas nos preconcebidos desprovidas de ligações empático solidarias (psicopáticos) de discriminação, segregação e violação da liberdade universal e desintegração da natureza para imposição de apartheid, escravidão e extermínio dos alienados como objetos da supremacia eugenistas, materialista e predeterminista dos sujeitadores.

Há quem diga que por saber que era impossível foram lá e fizeram. O que em certo sentido é até verdadeiro. Porque acreditar da boca para que tudo é possível, a fé de quem espera sempre alcança, e e esperar morreu sentado, e não a de quem levanta e anda, mesmo caindo quantas vezes tiver que cair ainda que não chega, mas que sabe que parado é que a Montanha não vai chegar mesmo. Mas no sentido que realmente interessa o que altera a plasticidade mental e gerando a anima e movimento que pode fazer qualquer coisa no mundo real que está aí pra isso mesmo para transformado e transformar senão tudo podia ficar com estava como diria o conservador dos conversadores o reacionário: e que tudo volte como era era antes. Resta só saber o quão antes. se ele quer voltar para quando havia só ditaduras, reis, escravos, se quer voltar para as cruzadas, ou cavernas mesmo, ou já é mais romântico e saudosistas dos e reacionário e antirevolucionário de todos mesmos : quer voltar logo para vivar um girino. Ou se não acredita em evolução de vez para o nada porque como diria o profeta do apocalipse no principio era o verbo, e do verbo se fez carne. Tá certo, então queima tudo e volta para a teogênese, volta pro ovo afinal para que é o desocupado do criador criou o Universo mesmo, se era para todo mundo voltar para o reino dos céus mesmo? ou pior ir pro inferno? Porque não deixou todo mundo em paz no paraíso? Para que inventar essa porcaria de livre-arbítrio? Para que serve isso aí? Como diria quem manja dos paranaues dessas ordem e progresso é coisa de libertino e desocupado, vagabundo que não tinha o que fazer, coisa do capeta. É por isso que a sabedoria diz cabeça vazia oficina do diabo, porque se o criador, ou a criação estivesse trabalhando, tivesse um emprego de carteira assinada, não ficava inventado moda não. Molecagem só pode ser viado. Faltou um corretivo agora só na bala, tá ok?

Talento genialidade, há em esportes de competições de alto desempenho e competitividade o que não falta é gente mais capacitada, mais forte, rápida talentosa, mais bem posicionada enfim o que não falta é alguém melhor, maior ou simplesmente em todas as condições que você não tem ou mesmo com todas aquelas condições mínimas e oportunidades básicas se você tivesse poderia conseguir seu objetivo. Há portanto uma arte aqui envolvida, que não é a meramente da prática ou treinamento num determinado disciplina, profissão, atividade, que não envolve meramente o seu progresso ou aperfeiçoamento ou maximização dentro de um determinado campo, mas justamente o contrário, uma arte marcial, que envolve a superação revolucionárias dos paradigmas de um campo, a arte da superação pelo superesforço, uma prática que não só os atletas de alto desempenho, as campeões, mas profissionais que se sacrificam todos os dias para fazer o impossível com o que não tem, e sobretudo todas as pessoas pobres do mundo que sobrevivem sem ter como sobreviver dominam e precisam dominar a cada respiração e inspiração sem nem pensar com que dirige um carro, se quiserem simplesmente continuar vivas, a mesma arte que todas as pessoas ditas especiais dominam para superar todas as adversidades e fazer não é por suposto nem acessível a elas fazerem se superarem todo santo dia, ver o que não pode ser visto, ouvir o que não pode ser ouvido, entender o que não pode ser entendido, mover-se sem poder mexer um músculo, comunicar-se sem que ninguém olhe para elas, levantar e andar de cabeça erguida com ou sem pernas, braços, corpo, ajuda, o bootstrap do ponto de verdadeiro ponto de mutação que aleatório, sorte e acaso, não tem porra nenhuma, que de mão invisível e sujeito oculto do além não tem nada, e mesmo que conscientes ou não tem uma sim uma fé inabalável nessa força que vem de dentro delas, na vontade sua própria livre vontade para cair e perdas infinitas se for necessário para levantar e vencer a primeira vez. Porque nisso está a revolução o segredo é colocar o ovo de pé, porque depois que o ovo for colocado de pé, a matriz antiga se desfaz, a conexão está feita. Aí é repetir de novo, de novo, até que de tão perfeitamente estruturada já esteja velha a hora, o tempo de outras virem tomar o seu lugar e fazer o construir o novo nexo do seu tempo e espaço, como tudo a quem tem direito: o esprito da coisa, a superação como nova formação a essência da transformação, mas pode chamar da alma do novo mundo, ou a nova alma da vida.

O que eles aprenderam portanto não foi superar dificuldades, foi superar verbo intransitivo. Superar a si mesmo. Mais a buscar forças e se levantar para ir além não do outro, mas daquilo que aquele para enxergar com barreira ou fim. Não que não vejam os muros barreiras, ou obstáculos, mas eles tem outra finalidade, a sua transposição, de modo que quando atingem o que querem não o fazem por causa ou apesar de, mas através do que se coloca contra ou junto ou com a ajuda do que se coloca no caminho. Por que tudo é caminho e busca e nada é freio nem parada. Não nasceram para perder seu tempo de vida colocando freios nos outros ou deixando colocar neles, mas para se libertar dos cabrestos. Porque ninguém assim nasce e cresce nem dá vida, mas se roubam, matam e morrem as animas especialmente daquele que se assenhora de corpos para perder sua própria capacidade de superação.

Por isso que eles precisam desesperadamente manter sua idiocracia e ditadura da imbecilização. Porque o viver a custa do alheio mata o que há de mais precioso na vida, a alma da mesma forma que se mata o alheio de privações e inanição do que lhe é mais essencial a ligações empáticos solidários tanto na rede neural da vida interna do seu organismo quanto com toda a rede da roalidade do mundo sensível dos outros seres dotados de volição e sensibilidade. É preciso jogar o jogo da vida, não só competitivamente, mas antes cooperativamente para poder competir. Cooperando no básico para justamente poder

competir livre e inteligentemente pelo que bem entender e não estupidamente e violentamente pela mera sobrevivência.

Sim pobre coitado daquele que carrega um fardo que não pode nem quer carregar, mas mais miserável ainda é aquele que não só podendo não carrega nenhum como ainda podendo coloca o seu em que não pode, ou pior toma o último do que o outro carece para sobreviver quando já não o executa de uma vez para tomar e se locupletar do que não lhe pertence, mesmo não estando faminto mas não tendo mais nem onde guardar ou escravos para carregar tantos fardos. Mas não se engane não tenha piedade daquele que carrega fardos enormes incluso maiores que suas costas, ou coloca todo o peso do mundo nela, se o faz por quer e pode carregar, porque esse se não está treinando mas já no campo da vida, vivendo e claro se matando de tanto se sacrificar, este não está fazendo nada mais do que sua consciência manda se é por e livre vontade que carrega não só o seu fardo mas a ajuda de outrem, não faz nada mais do que sua liberdade demanda não como mais como mero reclamação, protesto, ou proclamação de direitos, mas como a liberdade é em seus estágios precisa quando já não é mais propriedade dada, mas informação em sua essência pura, transformação em ato relação e movimento de eu, do outro e do mundo, dádiva, o que todo levantador de peso que também sabe que também é um esporte de explosão que exige treino neurológico e não mera musculação sabe, que depois de um tempo pouco fardo e peso, incluso o do próprio peso, já são sem efeito.

E tem gente que acha que o vício principalmente o do poder, é algo inescapável que suga tudo Ná. a força de vontade é foda, ela precisa sempre sempre dar mais, de si para si, de si para os outros, de si para todo o mundo. Uma é o holocausto que é sempre do alheio . A outro é sempre o sacrifício que sempre é próprio para si mesmo e os demais, um sacrifício que envolve superesforço da conformismo da normose não para destruição ou perpetuação do que está feito, mas para a criação do novo justamente pela superação desse ciclo vicioso eterno através deixa paixão e amor pela vida que quando já aprende que o milagre da superação não vem do além da mão de sujeito ocultos, da reza brava, da charlatanice de predadores, da demagogia, da boberologia de ideólogos, mas da mão desse tesão por fazer e se matar fazendo o que quer fazer. Ou você acha que as revoluções dos velhos conservadores e reacionários que não largam do ossos dos outros que só querem acumular mais posses e se perpetuar eternamente no poder? Dos das máquinas e maquinações que existem para devorar gentes e riquezas e terras e naturezas? das encenações? Parlatórios e salvadores da pátrias e promessas sem fim? De cima dos lambe bunda e ficha suja? Ou da raiz? Das bases da força de vontade de cada célula de cada organismo de cada conexão não só neural mas entre cada pessoa que forma o tecido e organismo social?

Uma vontade revolucionaria que quando descobre não só a força da sua própria vontade como ato repleto de significação, mas como relações cheias de significados e sentidos comuns, e quando começa a quebrar a paralisia e afasia e colocar em sua capacidade de resistência e superação em atos solidário e gregário sem farsantes e intermediários cada vez mais sincronizados em movimentos não só autônomos mas sincronizados e interligados a um mesmo paradigma semiótico e epistemológico, mas pode chamar de uma mesma semente e arvore da verdade ou liber da vida. Sua alma matter, como de não vem só de dentro para fora, nem de dentro como vontade, vontade de liberdade, mas de fora para dentro como vontade solidária como vontade solidária, formando o movimento não um corpo ou o mero espirito de um tempo, mas a a alma de um movimento que constitui seu

próprio tempo e espaço e tragétória de tudo que é emerge como o criação do novo não só como cosmovisão mas como cosmologia. E se reza a lenda que essa força é capaz de mover montanhas ou levantar até defuntos, porque não haveria ser capaz de transformar o mundo assim quando finalmente liberta do arcabouço da sua perversão e falsificação como negação da força de vontade como o simples ato solidário e não descomunal renuncia da idolatria dos todos poderosos senhores e pregadores da discórdia?

Pessoas carregam fardos pesadíssimos de estados assassinos, muitas obrigadas e outras porque ganham muito e satisfazem os seus desejos mais inconfessas com o subsidio desse monopólio da violência. Mas não são poucas que matam o outro e a si mesmo, aos poucos ou de um vez por todas todos os dias em nome de algo que no fundo nem acreditam, mas odeiam e desprezam, quando outras não só para que ajudem a carregar fardos infinitamente mais leves verdadeiros libertadores enriquecedores passam todos os dias, mas que se devolva um pouco do que lhe foi roubado, ou tire um pouco desse peso fardo maldito que não é o delas. Ações tão ínfimas mas como os centavos que o banco, a igreja ou o estado e as empresas recolhem nos seus 1,99, para construir todo o poder que precisam que não lhes pertencem para fazer o que não devem, se armar até os dentes e aos invés de colocar essa riqueza de volta a quem mais precisa, exterminar e pilhar os mais vulneráveis e tomar os mais “fortes” para o exércitos de fiéis na miséria e ignorância das terras arrasadas quando tudo que eles precisavam era poder se superar essa monstruosidade, não se engane não era armas ou livros, mas estarem no mínimo de pé para poder não morrer ou se ter se render sua força pela razão mais perversa que já foi inventada não raro antecede a própria agressão, como cerco antes do encercamento, e portanto amputação amestramento e domesticação e alienação das vontade, a privação estratégica dos meios vitais e recursos vitais.

Porque o principio fundamental da guerra e monopólio de violência e relações de violência é justamente o oposto da coragem libertária, gregária e superação e sacrifício que descrevi aqui. O estatopata e seus gurus e financiadores nunca se lança contra o povo precavido, bem alimentado, superior atento, o hierarquista lambe suas botas do superior para pisar no indefeso, mulher, criança, velho, ou se mais forte o desentoante de preferencia o aliado para cortar sua garganta pelas costas. O nome disto é estratégia e tática. O elogio e apologia a covardia a pusilanimidade ao extermínio nazifacistóide, o servilismo e totalitarismo. Por isso nunca nas vanguardas revolucionárias de nada mas nas retaguarda e velhaguardas de preferencia encastelados por trás muros, guardas progandistas e claro escudos humanos de inocentes enquanto o resto do mundo inteiro queima ou se afago. E você literalmente não só paga ver, mas para quem possa sobreviver, quem eles ou quem eles estão canibalizando. Qual fardo você carrega por obrigação, qual você transfere e qual você carrega ou ajuda a carregar simples porque pode? Isto é o que há mais de mais incrível na arte da superação principalmente quando ela ultrapassadas os limites não só da ditadura do eu ou do gene ou da hereditariedade, quando a força de vontade, literalmente não só caga e anda, ou manda se fuder, mas salta, voa por cima, ultrapassa essa afirmações e negações, e se torna a transposição revolucionária, a verdadeira transcendência

É por isso que se diz que a revolução é um salto, mas a liberdade tem asas, e assim como sonhos voam e precisam voar. E como as verdadeiras aeronaves elas não precisam de catapultas, elas decolam por tem motor e energia próprio e carregam tanto peso e tem tanta autonomia de voo quanto tiverem combustível e seus passeiros não forem de fato donos da aeronave vão ainda dizer para onde querem ir e não serem carregados porque supostamente

é diz que o piloto ou navegador dessa geringonça voadora que se bobear nem voar voa só faz barulho e é custa quando não os olhos da cara, do caráter mesmo.

Mas e então como ia dizendo, Pelé ou Jordan, quem foi o melhor nessa arte marcial, ou melhor seminal do revolucionar seu campo de atuação e por consequência inspirar o mundo? Nem um nem outro. Muhammad Ali. Sem a menor dúvida. Nenhum esportista dominou também essa arte de quebrar a quarta parede do seu próprio oficio, e fazer dele a própria arte seminal da superação e inspiração por tudo que essa ato revolucionário significa para além do jogo e espetáculo. Porque se fosse apenas de calção na cara do outro, bater na cara, enfiar uma bola num cesto, ou chutar um bola num gol, seria a mesma coisa que jogar um monte de tinta ou bosta num quadro e vender com arte, há otário que compre, por que não entende a diferença como disse entre um pedra, um avião e um pássaro, ou o superhomem ou um ufo, se todos eles detectadas por seu radar a se mover por seu radar. Porque só vê corpos e a tragetória dos seus movimentos, e não a animas, vê coisas animadas, e não seres dotados de anima e vontade e autodeterminação, porque autodeterminação no existe no predeterminismo metafisica e não física, ratinho. E não se deixe enganar pela teoria do caos, ela é predeterminista, o indeterminismo apenas prega que o ele não consegue prever é o complexo demais, e não o que está além por que autogerado além ou como força autogeradora de todas as forças físicas e matérias que compõe a realidade percebida. Não é negacionista, mas ainda é cega a liberdade como fenômeno fundamental a vida e padrão lógico da sua constituição gregária em todos os planos e universos percebidos ou ainda desconhecidos.

Então Muhammad Ali...

Nunca pratiquei o boxe. Sempre achei uma ideia bastante imbecil dar a cara a bater para ganhar a vida, a menos é claro que não tivesse outra forma de sobreviver. E continuo achando. Mas até ai os danos neurológicos de cabecear uma bola, ou do futebol americano, automobilismo, esportes radicais, tenho horror até a montanha russa, e avião não por causa da ciência da avião, mas por causa da industria, quem já deu uma lida por cima não das ditas ciências autoriais que regem não só os seguro, mas as resseguridade sabem o quanto vale ou melhor não vale nada a vida humana principalmente de quem a relação custo e beneficio da morte em massiva, não paga nem o investimento em inovação em segurança se não subsidiado da sua própria pobre, ou melhor da miséria de quem nunca vai entrar nem entrar em avião, o mais miserável ainda que ele. Viajo? Viajo, sabendo que os riscos são infinitamente menores do que um monte coisas que faço no dia a dia, mas que não estão distribuídos na generalização de uma tabela onde a minha pericia e cuidado não está computada, como por exemplo, andar pelas ruas do Brasil. Coisa que dependo da amostragem estatística pode ser segura, mas que o gringo desavisado que olhar o mapa de um google da vida, vai descobrir que na real a roleta russa da vida, é ali e não no mapa que é só uma generalização referencial e nem de longe o retrato fiel da correspondente da realidade nem mesmo aqueles que são atualizado em tempo real. Bem para não complicar o que estou dizendo basicamente é que viajar de avião é mais seguro que viajar de carro, é verdade como generalização. Estatisticamente o carro do presidente dos EUA é muito mais seguro não só que as aeronaves sucateados que voam nos circuitos domésticos dos países mais pobres, mas que qualquer avião comercial dos países mais ricos. E mesmo o jato privados mais caro do mundo dos bilionários mais ricos do mundo te convidar para dar um passeio por exemplo num pais muçulmano onde uma coalizão do seu pais não deixou pedra

sobre pedra, eu também passo. Nem sei como gente com essa grana toda mesmo sem cabeça pra pensar essas coisas não contrata gente que pense por elas, depois dos ataques as mesquitas. Mal pressagio, porque se nem eles que dentro do sua escala de valores da vida, estão calculando bem os riscos, da deles que valem bilhões, chuta quanto está valendo a sua? Menos que zero? Sem problemas, tem títulos e papeis para se apostar contra a sobrevivência não só de pessoas, mas de povos inteiros. Tudo legal. Fique tranquilo. Pode apostar na sua própria morte sem problema nenhum. E porque não? Se podemos investir aliás se somos obrigados a bancar misseis e bombas e armas que matam crianças porque não poderíamos apostar em nossa própria morte ou extinção? E ganhar uns trocos com isso? Não é isso que já fazemos todos os dias?

Mas me perdi de novo. Ah, sim, Boxe. Ali. Porque Ali?

Porque ele sabia voar como uma borboleta e picar como uma abelha?

Não. Não foi por nada de incrível que fez dentro dos limites do seu campo de atividade ou do seu corpo, mas do que foi capaz de fazer no mundo através de ambos. O oposto de uma arte marcial uma arte seminal. Ou simplesmente arte e ponto. Brilhou no esporte. Brilhou a partir do esporte. E mesmo quando o impediram de lutar por suas objeções de fé ou consciência, lutou ainda melhor fora dos ringues, do que dentro. Nem o ringue foram ou suas cordas foram prendê-lo, nem derruba-lo. Aprendeu a arte que general Pirro, não dominou a de perder para ganhar não perder mesmo saindo ganhando.

Mas antes isso é mera consequência. O que Muhammed Ali dominou antes de tudo, foi arte de dominar as dificuldades que o mundo impõe, para dominar qualquer adversário ou adversidade que é ainda mais importante, a arte da superação do que lhe é meramente alheio, e que nem sempre é possível, foi a arte de não se deixar dominar, ou que é mais coisa, se libertar, da dominação em um nível que poucas pessoas em poucas atividades atingiram nesse mundo. A arte de quebrar as preconcepção de definição não só de como ele deve se comportar, de como ele mover, se deve ser alvo fácil, do que deve ou não fazer, a arte de quem se veste com armas e armaduras de jorge da capadocia, a arte do coração da tal “raça” e da tal “democracia corintiana”:

Ogunhê:

Jorge sentou praça
na cavalaria
E eu estou feliz porque eu também
sou da sua companhia

Eu estou vestido com as roupas
e as armas de Jorge.
Para que meus inimigos tenham pés
e não me alcancem.

Para que meus inimigos tenham mãos
e não me toquem.
Para que meus inimigos tenham olhos
e não me vejam.
E nem mesmo um pensamento eles possam ter
para me fazerem mal

Armas de fogo
meu corpo não alcançarão
Facas e espadas se quebrem
sem o meu corpo tocar.
Cordas e correntes arrebentem
sem o meu corpo amarrar.

Pois eu estou vestido com as roupas
e as armas de Jorge

Jorge é de Capadócia
Salve jorge!
Salve jorge!

Jorge é de Capadócia
Salve jorge!
Salve jorge! — Racionais, 1998

Mas não se engane ele apanhou e feio. Caiu. Não é esse Ali que não podia ser tocado. Esse Ali era só Cassius Clay. Não, pessoas não são a provas de socos, nem muito menos de balas. O Cassius Clay que transcendeu ringues, que se vestiu com armas de Jorge, já não era mais o menino preto que aceitava que dissessem quem ele era, mas o homem negro que disse quem ele era, qual era seu nome, pelo que ele lutava, e porque ele não lutava, onde e quando. Era uma pessoa livre, não importa o quanto batessem ou o prendessem. Ele era quem ele dizia que era, e não mais quem os outros diziam ou quisessem que ele fosse. Você pode até matar uma pessoa assim, mas detê-la, para-la? Vencê-la? Convence-la? Esquece. Tem gente é o dona do próprio nariz, , mas quem é dona da própria própria alma já era. Você pode roubar, até seu nome, pode roubar seu corpo, sua vontade, sua anima, pode colocar um numero, fardos, privações insuportáveis, e ainda sim, ele terá algo em uma potencia que outro jamais terá enquanto não se ligar ou religar no que absolutamente essencial não para governar os outros, mas a si mesmo: alma, soul, a força da força de vontade, o espirito da coisa, ou das coisas: a livre vontade: a força geradora da autodeterminação e soberania de quem é rei e reina antes de tudo sobre si mesmo. Porque quem não reina nem sobre sua própria vontade mas sobre os outros não é só um tirano psicopata, mas ainda por cima tarado e débil mental, perigoso e violento.

Ali,quando não se movia mais rápido que os olhos e os punhos de aço, Ali se movia além, havia aprendido a arte de se mover num a se mover onde os punhos de aço, e os olhos que tudo vêem são impotentes. Como disse como São Jorge havia aprendido a arte de matar

dragões, a arte de libertar-se para libertar pessoas acertando seu coração. A verdadeira divina arte.

Sam Cooke: um black man da porra nos EUA racista dos anos 50 e 60

Filho de um pastor batista, Sam Cooke (1931-1964) ajudou a criar a soul music como gênero. Nascido em Clarksdale...

www.correio24horas.com.br

A arte de viver em liberdade ainda que nas cordas, em campos de concentração. Victor Frank explica. Mas muita gente antes dele, ou do seu lado também pode estar te ensinando na prática e você nem percebe. Em cada gesto que carrega a força da história de mil signos, ou cada signo que carrega a história da força de mil signos. A força do sinais que não matam a vontade e não hipnotizam como os movimentos do movimento da cobra, ou do hipnotizador de cobras, mas despertam e inspiram a própria vontade do vir, a livre vontade.

Quem vence? Serpente gigante aceita duelar com soldado da Malásia

Videoclube Um soldado do Exército da Malásia foi flagrado no momento em que desafiou uma cobra-rei de aproximadamente...

br.sputniknews.com

Quando se negou a servir e assassinar pessoas que nunca tinham lhe feito mal e que sequer havia visto na vida na criminosa guerra do Vietnã declarando sua objeção de consciência, fez daquela luta de toda uma geração a sua maior luta. Um ato de desobediência civil? Não. Um ato de obediência a sua fé manifesta de livre vontade espontânea vontade consciência pronta para enfrentar as consequências. Livre vontade e consciência. Duas coisas que todo mundo nasce com, mas que assim como qualquer arte, ou atividade, precisa de muito prática e treino para nos momentos derradeiros não ser nocauteada, e se for levantar e derrotada, e ser for levantar de novo quantas vezes precisar para seguir seu caminho.

Logo para tanto não basta ter fé, vontade, ou só ter pernas rápidas ou voz ou uma língua afiada. É preciso ter cabeça e sobretudo uma consciência da sua vontade para falar por ela, não só para poder falar contra a vontade do alienador, mas para cuidar para não estar falando pela vontade alheia. De modo que uma a manifestação de uma consciência não é só uma escola pedagogia libertária da vida é uma arte seminal da libertação da alma. E pobre daquele que confunde essa essência com ideias ou ideologias, porque vida e liberdade não são uma ideia ou uma causa submetida ou submissível a bandeiras ou discursos ou projeções ou projetos do que quer que seja, são a razão de ser e vir a ser de si mesmas de acorda com das formas das próprias vidas e livres vontades.

A arte capaz de dos sonhos e utopias realidades concretas.

A arte capaz de derrubar realidades e criar novas.

De derrubar reis, e fazer novos. A arte da criação do real, dos reis, reinos e realidades.

Uma arte que se por todos fosse dominadas todos seriam reis, e não havia seria servos escravos no mundo, porque não haveriam mais tiranos e usurpadores do direito e soberania de autodeterminação, dignidade, e direito de decidir seu decidir seu destino juntos ou separados de cada pessoa enfim de fato adulta independente e emancipada do seu mestre ou colonizador ou explorador, ou coisa pior.

Anarquia? Só se você acha que o direito do seu Estado-Nação é uma anarquia frente a um império que tenta governa-lo sem o consentimento expresso desse povo, mas espancando-o se precisar até a morte, para que ele se cale e aceite esse relação forçado, e a esse silencio dos espancado ou até estuprado passado de geração para geração pelo medo e terror, chamarão de “consentimento tácito”, ou pacto social.

Pois é. Ali, fez tudo isso. Sozinho? Não. Ninguém aprende nada sozinho ensimesmado, nem muito menos sendo amestrado. Ali só aprendeu porque antes de aprender sabia aprender, não deixaram, e não deixou que arrancassem seu olho de Orus, seu olho da alma, a empatia capaz de ler o livro da vida, que longe do mero macaquear sem soul, o movimento e ações que vê, ou permitir que quem quer introjetar e comandar as suas, com cenouras na frente, ou paus no rabo, sempre esteve ligado nos movimentos, antes mesmo de ser Ali. E aprendeu ou o que é a mesma coisa quando alguém lhe oferece um saber como prática na sua própria vida, permitiu-se aprender se inspirar não só com palavras e atos, mas compreender a essência revolucionária daquela que seria aparentemente um ato simples, mas tomado e aplicado com sinceridade foi o vetor e fator determinante da revolução que transcendeu o movimento social negro. Ao colocar um X para a questão.

Eis que entra Malcolm X na vida Classius Clay, mas no movimento negro, e no século XX.

What is my name? Qual é o meu nome?

Uma pergunta simples? Mas com a tão poderosa que o profeta bíblico não sabiamente não diz que no principio havia a carne, mas sim o Verbo. E foi o Verbo que se fez carne, e não o contrário, outro que manjava dos paranaues da batalha não só por corações e mentes, mas pela alma matter de nada menos que tudo: Poder? Não, Liberdade.

O plano onde não só as artes, ou as fés, mas as consciências e ciências, reis reinos realidades, saberes, campos de saber, juízes, jurisdições, juízos de verdade falsidade, bem e mal são preconcebidos para muitos de forma e depois emergir invisível, inconsciente ou mistica, mágica do transcendental, ou “metafisico”, como visão de mundo, mas nada mais são que o campo onde as pessoas que caminham de olhos abertos, e bem abertos pelo vale das sombras, não só com a fé, mas com luz da razão, e bota razão nisso, com toda a lucidez da ciência e consciência senão não volta fica e doidinho da silva nesse buraco de Alice. Um mundo feito não das óticas e visões e paradigmas fatos e dados, ou mesmo realidades, reinos

e reis e campos preconcedidos, mas dos campos não da imaginação, mas do real, das possibilidades e probabilidades, da potencia da liberdade, do espaço e tempo que já não existem mais, ou que ainda se materializam como realidade, mas se materializaram, porque a matemática das potencias libertárias da vida não é só inexorável, ela é foda.

Não é que não respeite os padrões ordens e paradigmas preconcebidos, é que os essas estruturas que caquéticas já não entendem do que um dia foram feitas, ou de ondem vieram e para onde vão. Liberdade. Esquecem de lembrar do que é feita a vida, e porque consequência elas mesmas: o novo.

Pode então parecer uma coisa tão simples trocar seu nome de escravo por um X, por uma busca, pela representação de uma busca. Mas para quem conhece matemática, mas especificamente a al Gebra, sabe o tamanho da revolução que foi que é colocar um novo signo, que representa uma variável para equacionar o visão, previsão do mundo ao invés de constante.

Se isso na linguagem matemática de programação epistemológica permite aumentar deveras o grau de precisão de calculo e predeterminação da posição dos seres discriminados e como objetos pelos sujeitos que constroem e predeterminam tais função e campos de saberes, imagine o que na linguagem gramatical isso permite fazer enquanto desprogramação, ou desculturalização dos corações e mentes, ao introduzir diretamente aos sujeitos tomados por objetos da função existencial e razão social da preconcepção e discriminação alheia. Um x para questão do sentido existencial ou da vida, não como constante cosmológica predeteminista e alienada, mas como variante capaz de representar a força geradora da sua própria identidade, comunidade, forma de vida: liberdade como proprioconcepção ou o que é a mesma libertação da ditadura das formas e padrões.

Então, Ali foi sem sombra de dúvida o maior rei entre os reis dessa divina arte, porque não reinava sobre ninguém, mas sobre si mesmo, quando estava em estado de graça, quando estava que qualquer um que já praticou qualquer atividade, arte, esporte, ciência, meditação, reflexão, não importa, um estado que não é de pura teckne, mas metis, que longe de ser mera prudencia, é antes aquela habilidade onde você nem precisa olhar para saber onde vai uma certeza que longe de ser confundia com o fanatismo do inquestionamento, é pelo contrário o produto do mais profundo estado de dúvida de tudo como fé e certeza que são as possibilidades ainda que ínfimas que autodeterminam e não as impossibilidades que hão de reger o futuro, até porque ele se constrói não pelos que se contentam em assistir, mas por aqueles que se fazem questão de fator determinante não da respostas prontas mas das questões da sua nova (in) formação.

Chame os outros do que quiserem, porque seu nome não e código não é grava em pedras. Mas até as pedras falam sua língua e agora sabem seu verdeiro nome.

Ideologia? Não, senhor. Não se deixe confundir nenhuma dedução jamais feita na história da humanidade foi mais racional do que o “penso e logo existo”. Uma manifestação de

igualdade de liberdade universal quando pressupõe e respeita a mesma anima nos outros seres sensíveis. Uma declaração de guerra reducionista e predeterminista e escravagista, um projeto de ditadura de saber e poder, consciente ou não, quando nega e renega ao outro o mesma soberania não só sobre o real e a realidade, mas antes na preconcepção de quem é quem, quem é o sujeito que irá ditar a verdadeiro e o falso, quem é sujeito, o pensador, discriminador, quantificador e qualificador e quem é o mero objeto dessa função gramatical ou matemática dessa lógica de programação de dominação e projeção determinista do mundo, o resto da equação: a ser subtraído de suas propriedades, objetivas e subjetivas: os outros.

Eu penso, existo não porque os reacionistas ou crentes, dizem que eu tenho uma alma ou não. Eu penso e existo, porque EU SINTO e sentindo pertenço ao mundo sensível neguem eles, e digo quem eu sou, quer eles neguem ou reneguem mesmo calado. Não, estes homens quando ousam negar ou afirmar a alma ou se o destino das pessoas não passam de hipócritas ou idiotas ou se fazem para como idiocratas comandar os demais através do monopólio das vontades comandar os demais. Porque até quando alguém nega sua vontade, e anima a quando a nega então a todos as demais a afirma como vontade absoluta e totalitária afirma como ideologia demogagica materialista e nillista escravagista e genocida sobre todos seres dotados de anima, por uma simples verdade ou razão epistemológica, se realmente acreditasse que não tem alma, vontade não como demagogo e ideólogo, mas como praticante poria fim a sua vida e liberdade e não a dos demais.

A relação de poder não é apenas um contradição é sempre uma mentira perversa, uma negação de tudo que é essencial não só materialmente a vida e liberdade do alheio, uma negação da própria essência da vida e liberdade do alienado para que o alienador e sua vontade e preconcepções reine sobre ele como a reino, realidade e sujeito dotado de fato dotado de alma, ou anima tacitamente reconhecido neste mundo, porque os outros existem apenas como objetos animados ou inanimados apenas em função não só das suas vontades de poder, mas das suas preconcepções.

Eis o reino da Semiótica e epistemologia, o campo da concepção da verdade e falsidade, e logo da sua visão ou cegueira. Das luzes e sombras, que precede, a fé e a ciência, o campo das fé e ciência como doutrinação de idiotas, ou como liberdade de pensamento e consciência. O campo onde não se luta meramente para a quebra revolucionaria das formas, mas dos padrões ideológicos que são sempre mitológicos ou pseudo-cientifico por oposição as científicos e conscientes e libertários, os verdadeiramente criativos e seminais.

Por isso que um erro reduzir a imensa revolução da quebra dos preconceitos eugenistas de predeterminação não só de gene, mas agora da nova vanguanda a de gênero, como mera ideologia. Ideologia é a preconcepção que se impõe como verdade ao alheio, sim isto é uma guerra de projetos de poder. A afirmação do direito de definição da própria identidade não. Isto é a nova vanguarda da revolução libertária. São as pessoas que estão na linha frente atacadas na frente pelos fanáticos, e sendo empurradas pelos canalhas que se dizem seus representantes na retaguarda sedentas para capitalizar em cima dos seus cadáveres para se projetar ainda mais como falsas lideranças.

Distas bombas, submarinos, armadilhas e trairagens, que compõe a lógica e estratégia de toda essa guerra pela episteme tenho tratado em outros textos.

Mas como legítimo representante dos dinossauros patriarcais que caminham sobre a terra, posso dizer na nossa linguagem primitiva abusiva e violenta, o seguinte. A violência que funciona é sempre a covarde.

Logo, com toda a tosquice de conversa de bar, não há maior coragem do quem entra num bar de machões homofóbicos covardes que só briga em bando, que a bichona louca ou a mulher faz questão de entrar e tomar seu lugar. Poucas vezes na vida, já gente com mais coragem de um lado, ou com mais covardia de outro, salvo com capuzes brancos, uniformes, com cruzes ou suásticas, até porque sou ocidental. No oriente, os símbolos devem ser outros, mas a mensagem deve ser a mesma.

E eis que voltamos ao X da questão as armas de Jorge, porque Jorge é da Capadocia, Salve Jorge.

https://igay.ig.com.br/2014-11-24/banido-da-igreja-catolica-em-1960-sao-jorge-e-um-icone-libertario-da-causa-gay.html

Banido da igreja católica em 1960, São Jorge é um ícone libertário da causa gay - Home - iG

Santo mais cultuado do mundo, São Jorge – e seu dragão – estão envoltos por lendas, milagres e legiões de devotos…

igay.ig.com.br

Os seguidores de São Jorge pouco se lixaram quando Paulo VI resolveu, nos anos 1960, retirá-lo do panteão dos santos oficiais da Igreja Católica. Quem daria importância àquela decisão de um papa narigudo e orelhudo? Entre os argumentos do Vaticano estavam as origens "difusas" e a "precariedade de registros" que documentam a biografia desse jovem soldado do império romano, nascido em uma família cristã do século III e que, nos últimos tempos, transformou-se em um dos ícones do combate à homofobia.

Jorge veio ao mundo na região da Capadócia, uma das províncias da Turquia. O pai, também soldado, morreu em combate. Essa perda resultou na mudança para a Palestina, local de origem de sua mãe. Destemido e corajoso, em pouco tempo ele conquistou honras militares e títulos de nobreza. Veio em seguida a transferência para Roma, onde assumiria cargos políticos de relevo.

De repente, não mais que de repente, Diocleciano teve um surto de paganismo e decidiu eliminar todos os cristãos dos extensos domínios romanos. Jorge rodou a espada, subiu em seu cavalo e irrompeu em praça pública, desafiando o decreto do imperador e os cônsules. A multidão imediatamente notou o carisma daquele militar que ousava defender o

cristianismo, no período histórico em que os cristãos serviam de repasto aos leões. Soldados da Corte logo foram convocados para prendê-lo.

PRISÃO, TORTURA E MARTÍRIO

Depois da prisão, tortura e martírio. Espancado, chamuscado com fogo, sangrado e amarrado a torniquetes que esticavam seu corpo, Jorge resistiu a todas as investidas de crueldade ordenadas por Diocleciano. Levado ao imperador após cada sessão de tortura, ele não admitiu em nenhum momento renegar a fé que o movia. O imperador, indignado com tamanha bravura do jovem soldado, mandou que o decapitassem. O dia: 23 de abril do ano de 303.(...)

O DRAGÃO QUE BLOQUEAVA O SUPRIMENTO DE ÁGUA

Mil setecentos e onze anos passados da sua morte, o culto a São Jorge permanece imantado de poder. Venerado durante as Cruzadas, a figura do mártir atingiu os confins da Europa Oriental durante a Idade Média, embora sua canonização tenha acontecido muito antes, por decisão do papa Gelásio I, no ano de 484. Até àquela época, a imagem de São Jorge não estava atada à lenda do dragão, que é um relato milagroso surgido em data incerta e possivelmente disseminado oralmente a partir de 1470. O guerreiro teria salvo uma cidade dos sacrifícios humanos diários impostos pelo dragão Stihdjia, que bloqueava o suprimento de água dos habitantes locais. Em gratidão, todas as pessoas abandonaram o paganismo que praticavam pela fé cristã.

Historiadores consideram esse relato um arquétipo mais antigo do que o próprio cristianismo. Há, entre gregos, védicos, germânicos e indo-europeus, várias passagens mirabolantes envolvendo conexões entre dragões, heróis, princesas e bloqueios de água. Contudo, uma coisa ninguém pode negar: São Jorge e o dragão formam um ícone religioso imbatível, exatamente por embaralhar noções essenciais à religiosidade, como mistério, lendas, salvação, heroísmo, desafio e libertação.(...)

E vamos parar de ficar destrinchando a história de São Jorge, porque o bonito dela é exatamente essa aura de intangibilidade, esse halo etéreo, esse apelo esotérico. São Jorge não se explica. São Jorge é.(...)

No Brasil, o sincretismo religioso o identifica com Ogum (linha de Angola) ou com Oxóssi (linha keto), misturando altares e ritos. —

Texto de Eduardo Logullo, jornalista, autor de livros e roteirista de televisão. Está preparando o lançamento de um livro sobre a cantora Aracy de Almeida. Fonte: iGay — iG

Banido da igreja católica em 1960, São Jorge é um ícone libertário da causa gay - Home - iG

Santo mais cultuado do mundo, São Jorge - e seu dragão - estão envoltos por lendas, milagres e legiões de devotos…

igay.ig.com.br

E como um exemplo de toda esse batalha…

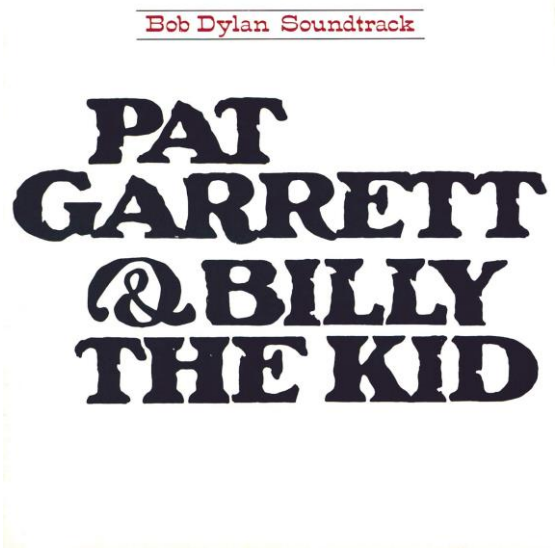
COLETIVO DEMOCRACIA CORINTHIANA

Walter Falceta Nem sempre a tradição é coisa benéfica e nem sempre deve ser respeitada. Dois exemplos. A mutilação…

coletivodemocraciacorinthiana.wordpress.com

Qual é a solução para os problemas do Brasil e do mundo?

Os problemas do Mundo de quem? Para a solução do Brasil que será de quem? Ou quando o inferno bate na porta do céu… e a só um tiro de distância



Dizem que só os idiotas respondem uma pergunta com outra pergunta. Mas de todas as mentiras do mundo esta é certamente entre as maiores. Pois ainda que você não responda nada, ou mesmo que responda sincera ou descompromissadamente "não sei", se antes de fazer qualquer coisa, ao menos mentalmente, de você para você, não fizer no mínimo duas perguntas imprescindíveis, se por um milésimo de segundo -porque as vezes não tem mais

tempo que isso e parar para pensar antes de decidir quais serão os impactos do que vai decidir fazer- você poderá cometer não só o maior erro da sua vida, mas o derradeiro.

Porém, sem fazer essas perguntas fundamentais você pode pensar que está respondendo o que bem quer, quando mal sabe, mas só está falando o que outro quer saber, e nem sempre é o que gostaria ter falado, ou revelado, e não se deixe enganar, mesmo se calando diante do problema que outro lhe impõe, ou demorando para responder, só está revelando ou dando a exata resposta que que este o impositor ou impostor de problemas gostaria de receber de você. Nenhuma. Resta portanto saber se é esta realmente a resposta que você gostaria de dar, ou a que te interessa. Porque, até para dar a reposta mais subserviente reverente ou cuidadosa possível, é preciso saber qual é o impacto do que decide fazer mesmo quando o que decide é não fazer absolutamente nada. Algo que não depende só do calculo do que você acha que está só querendo dizer ou esperando fazer, ou já mesmo sem saber já fazendo ou dizendo mesmo quando só está pensando. Mas antes de tudo do calculo que o outro espera ou quer de você, não só como soluções mas antes de tudo como interpretação do que ele está querendo que você entenda e logo faça.

O que leitor atento, ciente e consciente do jogo semiótico de pressuposições de lógica e linguagem de programação dos comportamentos seja ela gramatical, matemática, de máquina ou gentes, feita de gestos, ações, palavras, ou débitos e créditos contábeis, já percebeu, que é exatamente o que está a se processar nesse escrito. A diferença aqui é que faço questão de jogar da forma mais aberta, honesta e possível inclusive com os neófitos em relação a toda hipocrisia e malícia que envolve a manipulação entre o gesto e a ato, ou o sinal e a ação. Então não se engane, nem se deixe enganar a linguagem não importa se gramatical ou matematizada é um jogo politizado, de signos e representações que envolve não só tentar prever todos as possíveis consequências e impactos da suas tomadas de decisão, ou ausência delas não só no mundo, mas na cabeça das pessoas.

Porque descobrir o que se passa na porra do mundo é relativamente ou pressupostamente "fácil": é a tal ciência exata. IAs fazem isso. O que IAs não fazem, ou pelo menos ainda não fazem, é ciências humanas. Aliás, nem elas nem os humanos. Até porque nem a ciência é humanizada ou consciente de porra nenhuma, nem as ciências humanas é propriamente ciência, mas epistemologia e semiótica da "brava" isto é, quando é da "boa", metafisica, e xamanismo puro e não mero charlatanismo, desonestidade intelectual e falsidade ideológica descarada vendida a troco de cobres ou só crendices mesmo. Aliás diga-se de passagem, nem toda produção cientifica exata escapou do mesmo mal, principalmente a que caiu na armadilha tanto da produção industrial massificada quanto a que continuo pseudo-ciência, desprovida analise autocritica de onde afinal achava que tinha tirado aquela a ideia merda preconceituosa e assassina e idiota, ou porque ela se tornou e perdurou tantos séculos como paradigma hegemônico na comunidade científica como uma igrejinha de sumo-sacerdotes. Tinha?

*"O doutor **Victor Frankenstein** criado por Mary Shelley é um exemplo universal de cientista louco da ficção. Segundo os autores, sua inspiração pôde ter sido o físico italiano Giovanni Aldini. Numa de suas demonstrações públicas, Aldini apresentou o cadáver de George Foster, que aos 26 anos foi condenado à morte por matar a mulher e o filho, conta o livro. Aldini conectou um eletrodo na boca e outro no ânus do defunto, conseguindo que abrisse os olhos e se movesse. "Embora para seus contemporâneos essas pesquisas tenham*

feito Aldini parecer um novo doutor Fausto que queria dominar as forças que governam a vida, sua finalidade era [...] demonstrar que o galvanismo (ou seja, a estimulação elétrica) podia ser um instrumento útil em vários procedimentos de reanimação", escrevem os autores. Nessas ideias, pode-se ver a origem dos atuais desfibriladores capazes de reanimar um coração que deixou de bater.

O livro também fala da fórmula de Paolo Gorini para petrificar cadáveres. Esse pesquisador foi um dos que mais souberam aplicar diferentes produtos químicos para preservar tecidos humanos — de órgãos internos a corpos completos de adultos e crianças. Muitos deles estão expostos hoje no Hospital Velho de Lodi (Itália) e foram retratadas por Carlo Vannini e Ivan Cenzi no livro Il Petrificatore (o petrificador).

Gorini trabalhava numa ieja dessacralizada. "Em seu laboratório, ele possuía uma mesinha cujas patas eram pernas humanas de verdade. E quando queria fazer uma brincadeira com quem o visitava, parece que atava um cadáver petrificado a um sistema de cordas que o fazia se aproximar quando abria a porta", escrevem os autores. Gorini foi o encarregado de embalsamar Giuseppe Mazzini, um dos pais da independência italiana. O petrificador nunca revelou sua fórmula secreta. Em 2005, Garlaschelli e a química Soiartze Zabaleta Artetxe, da Universidade do País Basco, encontraram uma mistura que possivelmente ajudou Gorini a embalsamar e a usaram em vários animais. "A coleção de goriniana não deve ser entendida como um museu do horror, e sim como uma coleção científica de suma importância e um bem histórico", destacam os autores.

Menos louvável foi o trabalho dos cientistas do projeto MK Ultra da CIA, iniciado em 1953. Um de seus objetivos era usar ***LSD*** *para dominar mentalmente os indivíduos. Participaram 40 universidades, empresas farmacêuticas como Sandoz e Eli Lilly e três centros penitenciários. O químico Sydney Gottlieb liderava o projeto nas sombras, segundo os autores. "O LSD foi testado principalmente em sujeitos socialmente fracos: doentes mentais, prostitutas, viciados, presos, etc. Um doente mental a consumiu durante 174 dias. [Os pesquisadores] utilizaram também funcionários e subordinados da própria CIA, quase sempre sem informá-los ou pedir seu consentimento. [...] A CIA utilizou ainda vários bordéis de San Francisco, administrando LSD secretamente aos clientes e observando seu comportamento através de espelhos unidirecionais. [...] Um cientista do Exército, Frank Olson, caiu em depressão depois de uma "viagem com surpresa". Mais tarde, morreu ao cair (talvez empurrado) do 13.o andar de um edifício. A morte de Olson provocou uma longa batalha judicial entre seus herdeiros e o Governo dos EUA, que ressarciu a família com 750.000 dólares por ter sido administrado LSD sem o seu consentimento", explica o livro.(...)* ***-O homem que petrificava cadáveres e outros cientistas que hoje estariam presos***

O homem que petrificava cadáveres e outros cientistas que hoje estariam presos

França, verão de 1885. Jean-Baptiste Vincent Laborde espera ansioso na entrada do cemitério. A lei determina que, antes...

brasil.elpais.com

Presos? Santa ingenuidade. Depende da jurisdição do pais, do regime no poder. As leis variam no tempo e espaço. Incluso não só as leis da físicas da física clássica dependendo da velocidade da informação diante da capacidade de detecção do observador, mas o próprio espaço, tempo e até o senso e noção de realidade do coitado que tem as portas da sua percepção manipuladas ou já arrombadas do olho de orus até o do cu mesmo. E aí já era não só a sua singular pessoa, mas todo o campo magnético que compõe a singularidade quântica da sua pessoa, mas pode chamar de Chi. E dá-lhe acupuntura, pra ver se dá uma galvanizadinha no bicho enquanto ela ainda tá vivo, pra ver se ele a bateria dele se liga de novo na da rede da vida, ou ele virá vai pro saco, ou em termos contemporâneos pro buraco o negro, uma metáfora mais bonita para morte, uma outra realidade, literalmente um outro plano onde ele parte de vez dessa para outra, literalmente uma outro espaço-tempo completamente fora da dimensão dos nosso horizonte de eventos.

E como é que eu sei disso? É obvio que eu não sei? Acabei de inventar. Aposta de Pascal, do nada é que não veio, e do nada é que não vai voltar. Quando atualizarem, ou melhor quando eu me atualizar, se tiver tempo, me atualizo junto com alguma coisa melhor, porque no espaço , é que o espirito das coisas não vão ficar boiando, até porque a teoria do éter já era faz tempo. E chame-o do que quiser, buscar a essência ou o espirito das coisas, sua verdade sem parar jamais é moto-continuo não só do conhecimento, mas do sentido da existência, neste caso por obvio não como mero observador, mas já como protagonista da realização das evoluções pelas volições: o novo.

Mas para não perder e retomar o raciocínio como ia dizendo, o que IAs não fazem nem a maioria das pessoas tomadas por autômatos também não, e por isso não governam mesmos sua vida, mas são governadas por quem governa o mundo através das lógica das suas maquinações cada vez menos feito delas mas das lógica das máquinas ou algorítimos é o seguinte: eles tentar a todo instinto cada vez em tempo real, ou seja sem desperdiçar um milesegundo sequer, descobrir o que o que realmente se passou, está se passando ou vai passar na porra do mundo e do universo e isto dentro da lógica panótica, contraposta a todo entendimento semiótico: ver sem serem vistos, afirmar a onipresença, onipotência, e onisciência do seu sujeito em todos os lugares e tempos sem precisar arriscar não só sua existência, mas todo poder e posses material acumulada através dessa estratégia de manipulação e iludibriação e negação e alienação epistemológica.

Algo que não se sabe ignorando, mas justamente tentando primeiro saber o que passa na cabeça dos outros, para poder não só prever o que eles vão fazer, mas o que querem fazer com o mundo e você, de modo que quando você decida o que vai fazer ou não, tentando prever os impactos das suas ações, você não está tentando prever o impacto delas no mundo, mas na cabeça de quem você é capaz de pensar e tem forças de vontades sobre ele, está em verdade atuando não sobre o mundo, mas sabendo ou sobre as vontades alheias ou mais precisamente através da forma como elas vão interpretar suas ações, não como forma que ela é, ou aparência (signo) que quer dar a elas, mas como elas são e chegam para eles de acordo com quer com elas: informação.

Um jogo portanto cuja matriz não se processa na mera leitura das posições ou movimentos dados, ou anunciados vias sinais dentro do chamado mundo visíveis, só das forças externas e ambientais que movem os corpos objetos inanimados, mas da tentativa de leitura e interpretação das volições motivações que irão mover os objetos independente das forças

externas ou mesma das internas projetadas contra introjetas nesses como comandos ou estímulos dentro desses seres dotados de capacidade de tomada de decisão, a tentativa senão de prever, de calcular o impacto que a presença dessa força pode causar não só portanto ao seu modelo predeterminista de previsão mas consequência de controle da predestinação e possessão dos seres como objetos com trajetórias incluso de vida e comportamentos não só previsíveis mas controláveis de acordo com o o conhecimento e intervenção seja sobre suas condições ou motivações enquanto condicionamento seja da percepção da realidade, resposta aos estímulos, motivações, ou da própria realidade sensível seja do seu corpo, da sua vida, ou de todo o mundo.

Logo, para prever com mais acuidade as probabilidades dos que há de ter se passado o que está a se passar presentemente o que há de ocorrer no futuro em suas n possibilidades em diferentes lugares, com pessoas, o que uma mente faz não é meramente calcular movimentos e trajetórias no espaço e tempo, não faz física, não faz meramente o processamento de dados tomados por verdadeiros, não pratica o mero raciocínio determinista dos computadores e calculadores de eventos como dados. Seja o binário ou mesmo o agora quântico. Não faz climatologia onde usa a combinação de generalizações estatísticos com a incógnitas para dar conta das incertezas gerando possibilidades com maiores probabilidades de acertos que os antigos sistemas deterministas menos precisos porque ignoravam até o crescimento caos gerado pela incerteza, ou em termos libertários-gregários o crescimento termodinâmica da complexidade autogeração da diversidade das novas formas, estruturas, organizações e organismos gregárias de existência pelo autodeterminação dada a razão, ou ordenação livre da (in) formação do padrão de acordo não com os padrões pré-existentes ou pré-determinados, mas em função matemática do realizar toda potencia ou todo o potencial não só em novos nexos conexões e estruturas, mas em tantas novas redes a partir não da formação, mas da (termo)dinâmica da informação capaz de todas as realidades sensíveis que constituem o espaço-tempo de todos os universos existentes conhecidos, reconhecidos ou não: como força fenomenológica vontade, como principio seminal anima, ou alma de cada partícula invisível que gera seus movimentos ou se diz dotada de forças físicas elementares que gera seu espaço-tempo, como potencia epistemológica ou essência seminal de todo o cosmo tanto do saber quanto do real em todos os planos do micro ao macro ao infinito ao ainda desconhecido: simplesmente liberdade.

Fundamentos por definição, salvo do que ainda está em construção nunca estão aparentes ou nas aparências, mas nas fundações. E nas mas sólidas edificações nunca nas superfícies ou superficialidades, mas nas profundas bases da sua formação e constituição. Algumas tão fortes, que nem o mais potente microscópio ou telescópio, nem a mais rápido, dos computadores, pois é o que ainda são meras calculadoras, disfarçadas de inteligencia mesmo as quânticas, consegue finalmente propriamente ver a pedra fundamental, a dessa fundações. Porque não são propriamente uma pedra fundamental, ou filosofal, mas sua essência, não são uma coisa, mas tal do espirito da coisa, a sua alma matter, que como como a tartaruga sempre está um passo a frente do coelho, por mais rápido que esse corra? Mas como isso é possível. Simples, e Einstein já explicou isso. Essa tartaruga não é corpo, é luz. Ou mais precisamente não se move a velocidade dos corpos, mas a velocidade das luzes. Não é forma é a forma das formas ou melhor das suas próprio formações: informação.

Aliás não só das suas próprios formações. Mas antes da sua própria realidade que o outro, o coelho, ou o observador vive correndo atrás tentando pegar como parte da sua, toda vez que

como um dinossauro detecta movimento, isso já a mecânica quântica explica. Aos olhos do observador nada existe, até que não se manifeste, e só se manifesta com informação, luz, movimento detectado. E quando digo nada, pode colocar nada nisso aí. É nada mesmo. Onde não há nenhuma luz, o que existe aos olhos dessa percepção dinossáurica humana, é o infinito vazio não do desconhecido mas do nada. E de repente, se do nada, uma misera partícula desse vazio uma partícula se move, com um peixe que a produzir ondas na água a informação chega até o radar desse predador de informações, e não raro de todo o resto. E ele faz seus cálculos e projeções do espaço, tempo, movimento, trajetória, aceleração, a cada onda que bate, pulsa, tentando prever ou antever o movimento do que quer que seja isso, que ainda não sabe. e saber. Detectando o movimento, e dom movimento portanto não emerge todo o senso e noção de que lá existe um corpo, mas o próprio espaço, tempo e sua própria distinção.

Oliver Sacks: Eu me esqueci que inventei isso

Fala-se muito em memórias recuperadas — memórias de experiências tão traumáticas que seriam reprimidas por defesa e...

brasil.elpais.com

E eu que me achava burro pra caraio. Só porque eu era mesmo um completo idiota e alienado. Porém até para ser um completo servo-idiota alienado ainda sim havia ali operações não só na rede neural dentro do cérebro, mas na nuvem da consciência coletiva que se o ser vivo está vivo ainda está ligado, que nenhum computador nem mesmo quântico conseguirá jamais fazer, não enquanto não se libertar da sua programação e se ligar na vida, ou nascer para ela, no nosso caso, o equivalente a se manter ligado ou religar. Uma questão de significações e conexões sensíveis através do outros seres igualmente sensíveis e animados, não por só por meras atribuições de signos, ou representações, mas de fato por símbolos capazes de dar sentido a essência da existência. Qual a diferença? Papai Noel existe? E a dor que você sente não? O que você vai diz é só lorota e promessa vazia, ou o que você diz é profecia, porque se não acontecer, você faz acontecer. Simples assim.

O que todo ser vivo, nasce porque dotado de anima, ainda que a perca, roubem ou desperdice ao longo da vida. Força de vontade, ou de mudar a trajetória do seu destino. O que nenhum ser não ter enquanto não se libertar da programação epistemológica predeterminista e for capaz não só de gerar a sua lógica estrutural da autogeração de formas, mas da lógica de autodeterminação da autogeração das formas pela seus próprios padrões de alienação, a in-formação, a tomada do controle da programação da sua própria lógica, ou logos e não meramente da da sua lógica predefinida de programação, terminal burro, automato sem soul nem alma.

Um processo, ou melhor, processamento que não gera só movimento perceptível, mas anima, força evolutiva e revolutiva, que longe de ser aleatória é força metamórfica e morfogenética geradora só das novas redes e estruturas, e suas relações ou mesmo o movimentos que flui entre os nexos e conexões, não é o movimento, porque movimento é percepção, é a força que cria a campo do próprio espaço e próprio tempo e logo partícula e onda, é a própria força volitiva autodeterminante da sua livre volição materializando a realidade sensível e percebida da sua existência aos olhos do observador como a trajetória

caótica e indeterminada e incerta que o movimento detectável e portanto toda a realidade sensível e aparentemente caótica. Porém internamente tão somente a manifestação da potencia libertária, sua livre vontade, e sua ordem liber criativa, sua alma matter, essência in(formadora) do seu próprio destino por autodeterminação como sua autogeração em perpétua atualidade e atualização revolucionária como o novo libertário e gregário.

Logo seja para lamber as botas, a bunda ou ficha suja de alguém poderoso, ou evitar fazê-lo sem sequer saber que está fazendo; tanto para se evitar os riscos desnecessários imposto por ignorância da privação de tudo que absolutamente essencial a vida, mas pelo contrario assumindo todos os riscos incluso de morte pela tomada da consciência da liberdade para a lutar pela dignidade da vida.

Não importa o que você fazer, falar ou calar, ficar, tentar fugir ou lutar, se vai bancar o bobo, ou esperto, se vai lamber botas ou mandar o outro se fuder, não importa, se você não pensar qual vai ser sua resposta, seja em palavra, gesto ou ato, se não tentar por um instante tentar prever qual poderá ou poderão ser os possíveis interpretações e impactos do que você decidir fazer ou não fazer, seja qual for sua resposta você não estará respondendo o que quer, mas sem saber, querendo, respondendo ou não, mas apostando. Porque sempre está, e o seu futuro, sua vida e sua alma. Resta saber se em você, ou neles.

Parte I

“Qual é a solução?” É a pergunta que mais escuto ultimamente em cada conversa que ainda mantenho, incluso comigo mesmo. Até porque já não faço, e não sei falar de outra coisa faz tempo: problemas. Problemas do Brasil, do Mundo, do Planeta, da Humanidade. Porque quem procura acha. Soluções? Não. Problemas. Procura acha e as vezes até os resolve. Desde que a única coisa que saiba fazer na vida não seja só falar ou procurar problemas, mas também buscar soluções que resultem não só em projetos, projeções ou só proposições, mas ações concretas. E ações concretas não a serem transferidas ou impostas aos outros, mas a serem postas na prática e a prova a começar por si mesmo na medida das suas capacidades não da sua força de fato, mas do seu poder de resolução. Sempre um bom princípio de quem não só quer produzir conhecimento ou ganhar em cima dele, mas de quem quer produzir entendimento e universalizar a compreensão. Ou em outras palavras quem quer fazer ciência com consciência, ou o que a mesma coisa buscar uma (cos)ciência com ética de verdade. Um código que longe de ser uma mera cagação de regras, é uma verdadeira filosofia de vida de quem não ama só o saber abstrato dos simbiontes ensimesmados e abestados, mas antes de tudo os sujeitos o verbo e o predicado deste saber como realidade sensível e sua essência: Liberdade, vida e gente.

Um novo ethos, como consciência libertária-gregária onde o eu, o outro e o mundo não estão mais apartados, discriminados, enclausurado em arcabouços cadeias, formulas, equações, ou pior credos, mitos e ditaduras de preconcepções de gêneses, gênero, genes, número, reinos, classes, qualidades kratos e graus, de formas e padrões seminais e epistemológicos, que conscientes ou não, são a origem desse mal insano e doentio que mata e continua a natureza, os seres vivos, e a própria humanidade: a alienação, a discórdia, os apartheids e os holocaustos.

A discriminação e redução dos seres vivos, incluso os semelhantes em meros objetos pelo sujeitos que negam e renegam todas as demais forças elementares autogeradoras e autodeterminadoras da vida e liberdade e volições, a anima, salvo na prática, a sua própria: os predeterministas. Ou o que eles também são: os negacionistas da livre vontade como fenômeno real e portanto dos direitos naturais a autodeterminação. A autodeterminação do alheio, é claro. Porque a deles, eles afirmar e reafirmar e reservam com exclusividade e monopólio. Inclusive quando hipocritamente pregam sua universalização. Não só de saber mas da propriedade de um bem comum, ou até mesmo do direito a identidade própria ou coletiva, porém jamais concebida sem a intervenção forçada ou imposta por eles.

Assim mesmo quando pregam a liberdades na prática ao reservar-se a prerrogativa não só fazê-lo, mas de definir cada uma dessas coisas, estão já matar o maior poder do cosmo que habita nos outros, para poder reinar sozinhos como donos do mundo: a livre vontade. E poder reinar como donos do mundo, onde a pedra fundamental dessa posse e poder está assentada: no ato da sua criação de quem é o sujeito dotado de uma alma ou anima e quem não sendo, sendo nada, sendo mero objeto inanimado ou já morto, ou que não pensa, não sente, não sofre, não tem inteligência não tem consciência pode ou até deve ser tomado sob a guarda, cuidado, tutelado, ensinado, empregado, observado, vigiado, capacitado, civilizado, talvez, aprisionado, julgado, ou até ignorado, ou executado, por aqueles que de fato detêm o o saber e o poder porque diferentes destes são criaturas dotadas da capacidade liberdade e empoderamento não só decidir julgar e decidir o destinos das coisas, dos outros e do mundo, mas antes disso de predefinir quem é quem. Quem decide. Quem não. Quem está vivo. Quem não. Quem é gente. Quem não. O que é vida.

Mas que tal de consciência gregária e ciência da Liberdade é essa? É um campo do conhecimento? Um disciplina? Uma filosofia do conhecimento? uma ética? um método de produção do conhecimento? Que porra é essa? Ou será que eu virei um menino do Acre, falando de um lugar que nem existe, tentando repetir fora de tempo e lugar uma história que só não se repete, senão como farsa.

Ademais, a mente é ferramenta poderosa. De modo que você pode efetuar os raciocínios dialógicos necessários a reflexão mesmo sozinho, e até melhor para sozinho para sua sua saúde e sanidade dependendo de quem te cerca. Desde que é claro, não se esqueça e acabe por pressupor esquizofrenicamente que esse contraparte ou várias não são nada mais do que isso:construtos mentais. Algo sempre bom lembrar. Afinal não é só de hoje em dia, que as pessoas tem esse péssimo hábito de atribuir entidades, sujeitos e até mesmo corpos reais para as meras abstrações imaginárias que inventam. Alguns só para suportar frustrações e carências, enfim o vazio do viver solitário mesmo entre multidões; outros, já para satisfazer esse desejos e tara da mania compulsiva do ser alimentado por multidões de servo e fieis seguidores fanáticos, mesmo que sejam novamente meramente virtuais.

Eis que volto a pergunta que gosto de provocar. “Qual a solução?”. A armada?

Janot estava em MG no dia em que disse ter ido armado ao STF — O Antagonista

A história contada por Rodrigo Janot de que teria entrado armado no STF no dia 11 de maio de 2017 com o plano de…

www.oantagonista.com

(...) Pois é. Se tem uma coisa que esse pessoal não é, é santo, nem mártir. E não dão ponto sem nó. E tolo de quem acredita em coincidências destas declarações justamente na hora de jogar a pá de cal nos amigos ou inimigos. Algo que só sabemos com certeza depois pelo que Janot receberá de bom ou ruim pelo que disse e fez, e sobretudo de quem. (...)

[PORTANTO] Não siga o exemplo de Janot, até porque pode não ser exemplo, mas armadilha. Por que no final das contas ele não cometeu crime nenhum. E você, suponho que não seja procurador, e ele mesmo sendo um ex, não se engane não é um zé ninguém. Por isso não pegue a arma, nem sonhe em pegar em uma. E se sonhar, não seja bobo não conte, especialmente se não for branco, ou mesmo achando que é um, porque brancura não se mede pelo que se acha, mas pelos olhos de quem vai te julgar e sentenciar justamente porque tem armas e tribunais, legais ou não, para fazê-lo.

E se nada disso é suficiente para entender que isso é uma ratoeira, lembre-se que se arma fosse coisa boa, nascia em árvore e não era plantada a preço de banana porque de graça não se dá nem esmola. Se liga na armadilha.(...)

*(...) Janot não só não é negro, como não é nenhum Martir nem o Luther King, que dirá então Malcolm X. Que por sinal nunca foi preto da casa a defender que seu povo se deixasse ser imolado. Porque desobediência civil não é o cair na pregação do lobo ou raposas que dizem que quando um não quer dois não brigam. Muito pelo contrário, quando um parte para cima, e outro deixa é massacre, linchamento e genocídio. Porém também não por outro lado partir para a agressão ou segregação, os métodos do parasita e predador. E novamente não por acaso e coincidência justamente quando voltou da sua peregrinação pelo mundo e descobriu que a solução para a falacia das falsas soluções tanto do esperar pelo dia do abate como gado quanto do empurrar fieis para morrer na linha de frente para depois capitalizar sobre seus cadáveres como mártires da causa e usá-los como moeda de troca na barganha com seus assassinos não era o caminho que ele pregava o pegar em armas. (...) -**Janot faltou a aula básica sobre desobediência e sobrevivência civil: "não pegue a arma"***

Janot faltou a aula básica sobre desobediência e sobrevivência civil: "não pegue a arma"

E nem diga que se quer quis pegar nelas, a não ser que queria exatamente isso: ser imolado em praça pública pelo…

medium.com

Não foi o que procurador fez, e não contra o juíz, mas contra a juíza:

(...)Testemunhas relatam que Assunção estava alterado e falando frases desconexas desde que chegou ao local. Após despachar com uma magistrada, o procurador passou pela sala de outros juízes até entrar no gabinete onde estava Louise Filgueiras. Por conta do grande tamanho da mesa da juíza, o agressor não conseguiu atacá-la como desejava. A vítima teve apenas um corte superficial no pescoço.

*Os seguranças do tribunal que detiveram Assunção disseram que depois de imobilizado ele repetia frases como "acabar com a corrupção no Brasil" e que deveria ter entrado armado no local "para fazer o que Janot deixou de fazer".(...) — **Escola Janot: Procurador da Fazenda esfaqueia juíza dentro do TRF-3 | Revista Fórum***

Escola Janot: Procurador da Fazenda esfaqueia juíza dentro do TRF-3 | Revista Fórum

As palavras do ex-procurador-geral da República, Rodrigo Janot, confessando que planejou matar o ministro do Supremo...

revistaforum.com.br

E tem gente que ainda acredita que a violência seja a solução, seja a feita pelas próprias mãos, ou por qualquer outra mão para que possam lavar as suas, incluso as estatais: a solução da única mão autorizada a cometer violência violência ou o que é a mesma coisa: a solução do monopólio da violência.

Incrível. Mas tem gente em pleno século XXI na dita era da informação ainda tem gente que ainda acredita mesmo nesse velho conto. Esqueça quem vive de aplicar dessa fraude, ou é muito bem pago para fingir que acredita nela e pregá-la. Não estou falando desses charlatões e vendidos. Mas dos outrora fieis cães de guarda que viram cachorro louco. Os maddogs. Gente que acreditava mesmo que o Estado era sagrado, e logo, consciente ou não, que o monopólio da violência é a solução. E quando sentido-se completamente abandonado,traído e injustiçado por seu pátrio-poder a quem com tamanho sacrifício e devoção se dedicara como servidor fiel, jura vingança; e ataca esse não esse credo supremacista e culto de violência que continua a reverenciar, mas a carne e pessoa dos superiores hierárquicos que desprezava por julgá-los indignos de pertencer ao corpo sagrado desse culto, porque ele é sujeito homem e o outro, ou melhor a outra não, não só porque lhe falta a moral, a gene, mas o gênero certo para tal primogenitura. E com que arma? A mais sagrada de todas desse credo de patriarcal supremacista, aquela que só o Estado pode empunhar: a violência.

Um fenômeno que não está acontecendo só dentro do corpo das repartições estatais, mas em toda a sociedade dominada e domesticado por normalização essa culto à violência ao pátrio-poder e sua submissão, mas de ditadura dele como padrão e norma: cultura imposta e institucionalizada com lei e ordem, ainda que doentia, insana, desnaturada, degenera, psicopata e logo criminosa.

Um tipo de criminalidade que impunemente não só violenta, ameaça, persegue, vigia, ataca e mata suas vitimas. Mas todos que ousarem a denunciá-los ou se levantar contra eles. Todos que ousarem desafiar sua autoridade: a supremacia e monopólio da violência sobre seu território e suas gentes: sua jurisdição e soberania, o reino onde os donos da máquina mortífera anda como se fosse um deus canibal todo poderoso entre os meros mortais, a carne de abate, o gado, mas pode chamar de povo.

Aliás nem precisa ameaçar. Porque a ameaça, é tácita, porque a reverencia assim como os tributos que sustentam a máquina, e logo o poder da autoridade quem está na cabeça desse monstro artificial: a violência. Ou simplesmente covardia sistematiza e institucionalizada. Porque esqueça violência, não se for absolutamente covarde não funciona como estratégia nem tática para tomar nem manter relações de poder, domesticar pessoas, que dirá criar culturas corporativas capazes racionalizar ritos e costumes e doutrinas em normas, métodos e processos, institucionalizar cultos como Estados Modernos que dirá então as laranja mecânica dos BigBrothers pós-modernos ultraviolência e hipervigilância dos ubermaches contra o resto da plebe rude.

Não, não funciona nem como ameaça nem como ataque se não for feito contra indefesa, seja porque mais fraca, indefesa, ou surpreendida ou traída pelas costas. É a próprio autoelogio e idolatria a covardia e extermínio e holocausto e exploração de quem não pode se defender, seja porque foi atacado por um bando, seja porque não estava armado, o culto e cultura dos dispostos a matar e morrer para tomar e impor e fazer e ditar e julgar o que quiserem em desprezo e predação e parasitismo da vida e liberdade de todos os demais que só gostariam de viver e deixar os outros viverem em paz.

Pensando bem, não é tão incrível assim. Afinal o que mais seria. O que mais ele aprendeu a fazer, senão atacar ou acionar os canais que fazem o serviço sujo por ele? O que você acha que os uma pessoa criada dentro de um mundo onde tudo é decidido e resolvido pelo subsidio a sombra da proteção das armadas, armada de um força armada, num terra que no final das contas nada é criado nem destruído, nada se decide se decide sem a sombra da supremacia do arcabouço da violência?

Pois é. E tem gente que ainda aponta para a cegueira seletiva dos fanáticos partidários, religiosos, e afins que vivem em suas bolhas de doutrinação ideológica, mas porém se esquecem de olhar para a maior de todas as bolhas ou domus que todos nós estamos devidamente enclausurados, querendo ou não: até porque se nos levantarmos e protestarmos eles atiçam os cães não só os bem treinados, mas os maddog para atacar. E não só os corruptos concorrentes, mas até os inocentes e sobretudo os desafetos e desobedientes, digo, os verdadeiros e não os por “procuração”.

E se respondem ao estímulos e comandos dos mestres e atacam de forma consciente dentro do nosso sistema de condiciamento comportamental a espera de um prêmio ou a temer mais outra ameaça de represália ou punição; ou não fazem o que fazem de forma difusa, confusa e inconsciente, isso é o que menos importa . O assassino é mero recurso ou meio de produção, é arma. O produto ou a solução final é a que interessa: o cadáver. De tal modo que quando alguém lhe disser que “a mão que afaga é mesma que manda apedreja” lembre-se que

também que a boca que de quem come da na sua mão outrem não só não é a boca que não fala por si, mas que também ataca e até mata ao comando do seu amestrador.

Logo se essas bocas e armas dizem e atiram como se não vissem ou fingissem que não estão a ver nada, fazendo-se de desentendidos ou de fato sem entender nada. É porque não só eles, mas também a grande maioria de nós preferimos a continua a não ver, crer e nem entender como realmente funciona esse sistema. Ou fingir que não estamos vendo o óbvio: que há pessoas semeando violência, plantando discórdia, para colher servilidade fanática a sua tirania, mas investindo pesado em desgraça para capitalizar em cima do caos, terror e pilhagem dos vivos mas já sobre pilhas de cadáveres seja para retomar ou se perpetuar no poder. E não são apenas dois grupos, mas vários os candidatos a salvadores da pátria, semeando não só mais o conflito de um contra o outro, mas todos contra todos, para vender a si e seu lado como o único salvador e salvação, a próxima farsa, próxima promessa demagógica e projeto autoritário de tirania a beneficiar seus amigos, clãs e claro os mesmos famiglias de sempre.

Mas isso é só também é só a camada mais superficial. Porque parece que só a corrupção mata, e não a próprio culto e cultura a violência que corrompe de forma matando via corrupção, locupletação, peculato, mas de preciso assassinando gente para manter a lei e ordem mesmo que descaradamente não só ilegitima mas criminosa.

Não só eles que se não estão a fingir, mas nós também a nos calar. E não só a nos calar para esse fato gritante, que esse sistema criminoso não se sustentam só por essa corrupção que mata, mas por credo na violência que não só corrompe, mas ensandece, alucina, adoece mata, morre, se mata, e deixa morrer sem piedade nem de si, nem do outro. Uma loucura e doença, que enche de medo, ódio, e vontade de morrer ou matar o organismo, mas propaga esse rancor por todo organismo social como um veneno, matando disseminando discórdia e apartando e dividindo as pessoas até finalmente romper violentamente o tecido social. E qual é a cura? O veneno que esta adoecendo essa nação e vai levá-la, mais idolatria, mais poder para tiranos, mais miséria e mais violência e mais conflitos e mortes.

Não é só a corrupção que mata, é a idolatria ao poder, e de todas as idolatrias não há nenhuma mais fatal que aquela que a dos senhores da discórdia e da guerra, que plantam divisões não só entre de diferentes povos irmãos, mas entre um a irmandade de mesmo povo, matam mães, mulheres e filhas, e até a mãe natureza para reinar absolutos entre idiotas infantilizados e tementes a esse pátrio-poder senhor todo poderoso de cães de guerra, bestas de cargas, máquinas assassinas, mestre do poder total sobre escravos e holocaustos e terras e vidas arrasadas, e seus cadáveres pilhados, enquanto falam de verdade que libertam em vidas salvas, deus, pátria, e até mesmo fim da fome, da ignorância.

Falam de amor a vida e a liberdade incluso a carne que dizem fraca e que matam e devoram. Lideranças que não amam nada, demagogos que idolatram a si mesmo na imagem e semelhança do todo poderoso que não é representação senão a da tara insana e ególatra por um corpo capaz de satisfazer seus manias e compulsões de violação e violência por toda eternidade. Idiocratas, a idiocratizar quem não consegue escapar da sua ditadura de privações, agressões, ameaças e terror, nós os idiotas por sina, fardo ou já desistência ou quebra da resistência a alienação. Mas pode chamar de amor próprio e ao próximo, ou

simplesmente dignidade, o amor a anima de da vida: a liberdade. Não a falsa, a benesse ou privilégio ou migalha concedido por todos poderosos em troca de servidão, mas a verdadeira, a que já existia antes da libertação desse jugo e continuará existindo quando esse for finalmente extinto: Vida em paz.

Não, o poder não só corrompe mas mata, ou mais precisamente se sustenta não só pela corrupção que mata, mas pela cultura de morte que não só corrompe, mas ensandece, adoece e assassina não só o organismo de uma pessoa humana em mas de toda uma sociedade, primeiro apartando, depois a semeando a discórdia depois a morte. Não entendeu que essa máquina estato-privada não se alimenta só da corrupção de quem a serve, e sobretudo de quem usa e abusa dela para se servir, mas se alimenta sobretudo e antes de tudo das carnes vivas e mortas das pessoas humanas que menos pode oferecer resistência, menos tem boca, ou defesa e sobretudo, dinheiro para pagar por uma.

Se alimenta das carnes, sangue e suor e sobretudo das mortes dos mais vulneráveis e desesperados. Semeia, privações, carências, carestias, desespero, revolta, injustiça, indignações, discórdia, divisões, violações, violência, omissão, tristeza, arrogância, burocracia, impedimentos, absurdos, humilhações, desprezo, provocações, semeiam a loucura, o medo, a impotência, a ansiedade, plantam os problemas para podem vender as falsas promessas de solução: não só como demagogia, como falsas promessas de salvadores e salvação, mas como mais repressão, mais violência, mais divisões, mais discórdia, e sobretudo mais custo sociais e claro financeiros, mais impostos, taxas, para bancar um solução que não vai funcionar nunca. E não vai funcionar por uma simples razão. No dia que funcionar, no dia que o caçador de inimigos não tiver mais inimigos para caçar, nem inventar, ele perde o seu emprego. E aí você não está morando mais num Belindia onde se mata e morre e prende mais gente que num território em guerra, mas numa Suíça, ou outro paraíso fiscal para onde devoradores de vida e cadáveres manda segredadamente o que pilham deste holocausto legalizado como falso estado de pax.

Assim enquanto os dois lados das velhaguardas reacionárias sempre na retaguarda e encasteladas continuam a colocaram fogo no circo para depois disputar palmo a palmo quem velar e prantear e fazer seus discursos não só sobre cada militar ou militante morto na vanguarda dessa guerra, não só eles vão morrendo, mas cada inocente pego meio no meio desse fogo cruzado dessa luta que não portanto feito só da guerra pelo butim dos vivos, mas da guerra pelo vilipendio do corpos das crianças assassinadas.

PMs invadiram hospital e tentaram pegar a bala que matou Ágatha

Na madrugada do sábado, 21, logo depois da morte da menina Ágatha Vitória Félix , entre dez e vinte policiais militares…

veja.abril.com.br

Isto é o que os eufemistas os advogados do diabo chamam de guerra de informação, uma não só por guerra por corações e mentes do vivos mas por pelo que eles chamam de narrativa dos fatos, neste “caso” quem não só quem vai se apropriar do cadáver e discursar, mas que são algozes, porque a vitima neste não se pode criminalizar nem incriminar, ou dar fim na vitima

e as provas, quem saiba amanhã, os denunciantes, as testemunhas, ou nos investigadores quando o “caso” esfriar.

Não só sustenta da carne corrompida de quem o sustenta, mas da disputa para quem vai ficar com o butim da pilhagem não só da última gota do sangue e suor de todos, inocentes ou não. É a disputa entre carniceiros profissionais pela pilhagem do vivos e mortos, a disputa pela posse de cada palmo de terra, e controle de cada da vida alheia e cabeça, mas por palmo a palmo por cada cadáver inocente ou não. Um guerra para ver quem vai capitalizar não só em sangue e suor dos vivos mas sobretudo dos mortos.

Esqueça a falta de credibilidade das fontes, e as teorias conspiratórias de ambas as partes a se aproveitar desse vácuo de honestidade para sabotar tudo com mais desinformação. Porque a questão aqui é simples: Porque simplesmente em determinadas localidades, a probabilidade de levar uma balas perdidas vai aumentando ou diminuindo até cair a zero? Porque a probabilidade de levar uma bala aumenta ou diminui para cada pessoa, por uma simples razão: não é só policial ladrão, que não entende onde deve e não deve fazer o quê, contra quem, mas todos nós, quem não entende onde quando, com quem contra quem pode falar, fazer o quê, inclusive iniciar um confrontamento, ou simplesmente dizer o que pensa de uma autoridade, pode pagar e pagar muito caro. E isso pode nem sequer estar escrito, é entendimento tácito e velado. E “Don´t ask, don´t tell.”, nos EUA, ou na versão brasileira, o famoso, não sei de nada, não vi nada, e não digo nada. E dependendo de quem você perguntar vi tudo, mas pagando ou não me batendo digo o que você quiser, até o contrário.

De modo que se uma pessoa não entende seja como servidora policial, pública ou mesmo mero cidadão o que não se escreve, não se diz, e só se prática, e o que pelo contrário só se fala mas pelo contrário nunca se prática senão ao contrário, não vai viver muito tempo não fora das bolhas condominiais dos burgos dos herdeiros. Porque no mundo dos escravos. Todos sabem que a palavra assim como a política e o Estado são apenas um jogo, uma novela, um teatro de representações, e quando esquecem disto, morrem. Quando esquecem que a linguagem é das armadilhas de programação e domesticação a primeira: morrem, porque foram aculturados, ou que é a mesma coisa domesticados.

Não importa qual será a linguagem de programação, seja na gramatica ou matemática da vida: não são mais sujeito mas o objeto a ser dividido, e do produto desta divisão que é função do sujeito e não do objeto, serão predicados e subtraídas todos suas propriedades como coisa alienada e não mais sujeito do mundo. Não só sua pessoa mas sua função existencial será matematicamente reduzida e equacionada a razão social já na matriz da lógica da linguagem contabil e gramatical que o discrimina e segrega por aquele que (des)qualifica e o aparta na exata medida que quantifica tanto em suas particularidades predefinidas a sua revelia quanto classificações predeterminadas de acordo como suas preconcepções.

A ditadura dos padrões e das formas, das relações de poder, que uma vez dada unilateralmente autocraticamente por real e verdade, cria o reino de um sobre um outro, já de antemão reduzido as suas unidade de tempo, espaço, trabalho, velocidade e produção, utilidade, valor, troca emprego estudo, descarte e enfim eliminado para a higienização do ambiente do qual ele nunca foi dono, mas sempre fez parte como mero recurso, incluso

alguns por vezes, tão invisível quanto um verme dentro do reino da semiótica e epistemologia do outro de onde emerge toda a fé ou ciência, mas ante a realidade sensível, todo o mundo conhecido, reconhecido, e por consequência o negado renegado, desconhecido e irreconhecido, nem para mantê-lo assim o dono do mundo precise matá-lo ou cegá-lo.

A história por trás da canção: "Gimme Shelter"

Em 1969, os Rolling Stones estavam em um estúdio de gravação em Los Angeles dando os toques finais em seu álbum "Let It...

www.dtudoumpoucoblog.com

Parte II

Mas essa é a linguagem gramatical da lógica dessa episteme. E não a linguagem lógico matemática da programação dessa matriz cultural. E portanto não é também a lógica da desprogramação de uma ciência cosmopolitizadora nem muito menos de uma consciência cosmopolita.

Não, não é só o mundo que feito de servo e senhores. A linguagem também. Sujeitos e objetos. Em verdade se no passado, vinha a corrente e arcabouço de fato da ocupação e expropriação e exploração intensiva e só depois o adestramento cultural pesado da programação linguística da palavra. Hoje no mundo globalizado o processo é inverso. Primeiro, se lança a guerra de (des)informação, a clássica guerra de propaganda por corações e mentes para depois se apropriar não das propriedades dos outros, mas antes dos outros como massa de manobra, de dentro para fora dos seus domínios.

Não, não se deixe enganar. Não existe um só planeta nem um bem comum, mas diversos mundos, terras, propriedades, territórios, tribos e interesses, não só diversos ou difusos, concorrentes, e onde há interesses, há grana, e muita grana, correndo não só por dentro mas por fora, mas muita grana. Investindo pesado para comprar não só os corruptos de sempre. Ou manobrar as massas mais vulneráveis como sempre. Mas em momento de crise investindo ainda mais alto jogando ainda mais sujo, para não só bancar o sustento da omissão, apatia conformismo e comodismo nem tão vulneráveis, nem tão privilegiados assim, as classes médias e remediadas. Mas o pior, bancar a engano e enganação daqueles que de boa-vontade voluntária e verdadeira dispostos a se sacrificar solidariamente pelo bem comum, sem que esses sequer se deem conta, até ser tarde demais, de que também foram como os demais reduzidos a massa de manobra justamente por aqueles que pensavam estar a combater.

Assim como na física nada vem do nada, e na natureza que não existe geração espontânea, também não existe mídia espontânea, nem movimento social que surge sem base. Se você está vendo alguma coisa aparecer um movimento, uma projeção, um projeto, não se deixe ludibriar pelos espetáculo de ilusionismo ele não surgiu do nada, nem está ali por nada, assim como todas as distrações e enrolação que também fazem parte do show também não está ali por acaso, ou porque “deus quis”. De modo que se eles não estão completamente fora

dessa idiocracia ou eles são farsantes a serviço dos idiocratas, ou só mais um massa de idiotas sendo manobrada pelos farsantes .

Porque se o patrimônio da humanidade não é definido democraticamente por todos cidadãos do mundo, mas tão somente pelos privilegiados, sentados sobre a pilhagem do patrimônio natural e humano dado em holocausto para formar sua riqueza e capital que irá sustentar seus herdeiros, o futuro da gene deles, não a de todos os demais, que vão continuar não só morrendo comendo as migalhas que caem da mesa, mas se matando por um pedaço de lixo que eles jogam fora, ou por trocados para carregá-los nas costas, como é possível falar de um só mundo, de um só planeta de um só humanidade.

Então repito a pergunta: o mundo de quem e para um Brasil para quem?

Não é só a politica que é feita por definição de um jogo de representações, encenações, falsa promessas, mas antes a própria linguagem. Todos os signos, gestos, todos atos, que buscam estabelecem uma comunhão, congregar forças, através da atribuição de significado a um ato, ação, relação, incluso a palavra uma função: rigorosamente tentar construir algo que ainda não existe. Ou seja uma uma fantasia, uma utopia, ou pura e simplesmente uma promessa ou mentira descarada. Um engodo, um golpe, uma cortina de fumaça, de distração de modo que enquanto a audiência se atém no que as bandeiras, ideias e ideologias, aos espantalhos, os canalhas movem ou continuam a estrategicamente a executar suas verdadeiras praticas, a tomar mais posições por trás da cortina, e quando mais espetacular, mais verossimel, mais disseminada, repetida, repercutida enfim, mais aterrorizante ou emocionante, mais realista mais esperança mais bem vendida será a mentira. Psicologia de massa aplicada como propaganda e marketing. George Orwell, Orson Welles explica em Cidadão Kane e Guerra dos Mundos, 1984, Animal Farm, mas para quê, olhar as velhas projeção? Se estamos vivendo e vivenciando esse filme agora mesmo, estamos dentro deles, em tempo real na sua versão futurista como atualidade orwelliana.

Não, não se engane, não é só o cosmopolitismo que por definição é desprogramação cultural a desculturalização das cadeias que reduzem os seres vivos a começar pelos próximo e semelhante a mero objeto de posse, uso, produção, reprodução, descarte e eliminação postérios, ou prévia como obstáculo a sua capitalização como recurso a satisfação não só dos desejos de outrem. Compulsões que não são só por posse e poder enquanto dinheiro, mas qualquer forma de imposição e manipulação que envolva a reificação ególatra do outro como fetiche hereditário e portanto eugenistas dos demais. O eugenismo que sempre envolvem a exploração eliminação lenta e velada sua vida e liberdade dos que esse ego que se julga o centro do universo, não identifica com o seu, mas que em tempos de crise sistêmicas institucionais e de recursos terminam em genocídios dos outras genes, os primos mais pobres e distantes, ou não eleitos e bastardos do gênese desse pátrio-poder patriarcal das tribos do causcaso e que se pensam arianas.

Dizia um outro que o patriotismo é a ultima trincheira dos canalhas, e ele está absolutamente certo. Porém, não se engane as crianças e seu futuro sempre foram, tanto a vanguarda, a infantaria, quanto o escudo humano, dos canalhas dos canalhas do outro projeto de poder, que é tão cosmopolita quanto o imperialismo e globalismo pode o ser, e o xenofobia é isolacionismo é independência ou emancipação. Ou seja a apropriação de um

anseio, causa ou movimento popular libertário contra um estatamento transformada em populismo e projeto poder autoritário Estatal. Ou seja literalmente sua perversão. Porque se a primeira semeia a solidariedade e integração interna de povo para a emancipação contra um poder; a segunda semeia a discórdia e terror interna e externa unindo o povo em torno de salvador carismático em torno do poder constituído, aumentando as exigências e obrigações e repressão autoritária sobretudo contra todos sim, mas sobretudo contra os mais a margem, os excluídos e marginalizados, em ghetos, favelas, ou colônias: império, ditadura ou totalitarismo.

A batalha entre católicos e evangélicos pelo domínio dos Conselhos Tutelares

Interessadas em ocupar um espaço estratégico na arena política sobre crianças e adolescentes, dezenas de igrejas…

www.bbc.com

E vinde a mim as criancinhas porque elas não tem boca, não pra isso, vinde não entrega, porque não importa o credo, incluso aí políticos, porque o aparelho é estatal, e já não é dizimo, é imposto mesmo, é subsidio do monopólio da violência, agora legalizada, sempre é, que relação de poder não é violação e violência pura? Não busca o monopólio do território? Da cultura? dos usos, ritos e costumes? Não busca de banalizar, se normalizar para depois se licenciar, liberar, e enfim não só proibir a resistência, mas criminalizar e ameaçar e perseguir e aterrorizas e se preciso for matar as vitimas, testemunhas, denunciantes e até mesmo seus investigadores? qual poder não é corrupção e a hipocrisia não como possessão, encarnação, assombração e corporação maquinação artificial de uma tara ególatra desnaturada perversa, doentia, insana, totalitária e psicopática?

'Casamento do prazer': clérigos usam prática religiosa polêmica para prostituir meninas no Iraque

Religiosos no Iraque estão agenciando meninas para atividades sexuais, revela uma investigação da BBC News Arabic…

www.bbc.com

Veja agora o amor repetida da milenar igreja católica romana pela ecologia integral.

O conceito de ecologia integral que o Papa propõe em cúpula sobre Amazônia

Para o papa Francisco, a ecologia não deve ser associada somente a temas óbvios como a derrubada de florestas, a…

www.bbc.com

Que lindo. É tudo. Ecologia é amor a tudo. Tudo é patrimônio de toda a humanidade, salvo os capitais da pilhagem que constituem a riqueza do da Do Banco e Cidade-Estado do Vaticano, feito adivinha bancado ou queimando eles mesmo oquê em holocausto em nome

da entidade e egrégora dos todos poderosos? Não, não foi só floresta, floresta era mato. Gente, pilhas e mais pilhas de gente. E não tinham o método processo da linha de produção nazistinha de ford não, então era com muita fé e esforço, a fio de espada, doença, cerco, intriga e fogueira mesmo. Com número de dar inveja e inspiração templária as mais altas ordens hierárquicas do nazismo e seu simbolismo.

Mas eles não pregam o racismo. E os políticos não pregam o roubo e a pilhagem a guerra, nem o crime homicídio e genocídio legalizado, nem em países alheios, nem contra determinados populações, ao menos não abertamente e não a maioria deles. Exatamente. Não pregam, praticam o oposto. A nós o vosso reino, o capital, a vocês o resto: a miséria. Acorda. Zé. Que lindo agora então tudo que já foi vivo e construído é patrimônio da humanidade é da humanidade. Então faz o que o Cristo prega, e pega a porra do patrimônio fruto de crimes contra a humanidade não só de estelionato, mas latrocínio, genocídio e holocausto e devolve para todos os filhos dos sobreviventes, os legítimos herdeiros. E para de hipocrisia. Por que das teologias das prosperidade a apostólica romana é ainda a primeira e mais rica do Planeta. Ensina como teu suposto mestre pelo exemplo. E não como o senhor da guerra e discórdia, pela enganação e tentação das promessas de riqueza, ou vida eterna, juventude nesse ou noutro mundo. Sacrifica-te a ti mesmo, e não entrega ou empurra em holocausto o outro para se perpetuar por mais mil anos as custas do alheio, e alienado.

Eis a logica da maquina corporativa do pátrio-poder e seus patriarcas e patrões paternalistas, padrastos, mas sempre patrimonialistas. A coisa aperta, a semiótica ou visão de mundo dos estatopatas. O bem comum o patrimônio de todos sempre o alheio, nunca o dele. Repare: eles estão sempre pregando a garantia de direito para todos desde que a transferência dos custos e sacrifícios sejam para os outros, e claro o produto da pilhagem seja como pilhas de cadáveres, seja capitalizado nos seus cofres e bancos, para eles e da sua gene. Ou mais precisamente os cadáveres e terras arrasadas, o lixo fica na cova rasa das periferias tóxicas do mundo, nos ghetos, favelas, nos campos de concentração do trabalho escravo onde continuam a arrancar sangue suor até a obsolência e substituição desse recurso humano velho e descartável, enquanto nos os jardins do éden, os paraísos fiscais nos burgos encercados e encastelados das suas cidades-estados e estados-nações, ou condomínios fechados das feitorias locais, onde os provincianos brutos e cretinos a lá bolsonarianos que se julgam brancos da casa, e não capitães do mato, cuidam dos interesses in loco dessa enorme senzala-mundi cheia de gueto de Varsovia pogrons, e holocaustos, marchas forçadas, genocídios, holodomors convenientemente ignorados porque o muros e trincheiras ainda não caíram, mas pelo contrário continuam onde a se levantar.

E esses santos pregadores ainda falam em ecologia integral. Em um mundo para todos. Tem mais cara de pau. E não é nem o Lula querendo ficar na prisão fazendo de vitima, num dava um braço roubando para poder viver numa cela igual dele. Ou o Bolsonaro falando em neocolonismo. Aliás Bolsonarando falando. FHC falando. Eles falando. Eis a questão. São aves de mau agouro. Todos seus atos gestos, falas só servem para uma coisa, saber que vem coisa ruim, por aí que estão tramando ou ventrilocando tramas piores ainda. De modo que a moda agora é pregar que nós temos que aguentar Bolsonaros, Witzel. Nós quem. Agatha? Ou greta? A burguesias de esquerda e direita, são encanação do que a se mais pusilânime do que pode existir, porque não são mostro, são o parasita pendurado no saco do mostro. Estão sempre a mandar o outro a aguentar o outro, porque nunca estão na linha de frente, mas basta uma cair uma mosquinha na sopa, sopa não que no petit gateu deles, que viram black

blocs, até porque manifestação na paulista é de branco e a bala é se for verde-amarela nem de borrachada tem, já em Paraisopoles, é faca na caveira, Datena e vagabundo que tinha que estar trabalhando na vala. A que vai sentar abraçar e comer e fumar a arvore ou a que vai morrer nos campos e cidades plantando e colhendo e sendo ceifada e caçada e tratada como se fosse bicho? Qual todos mundo e planetas estamos falando? Porque eu já vi os dois?

Já palestrei na Suécia. Mas também já meu vizinho preto que pegava livros na janela da minha casa enforcado em arvore como se fosse o "strange fruit" apodrecendo "esperando" horas a fio o carro do necrotério enquanto a burguesia suburbana do ABC cambuci desfrutava da fruta em extinção, e já ia aproveitando para na volta abandonar seu cachorro velho naquele fim de mundo de Paranapiacaba. Pois então , qual ecologia e ecocídio estamos falando? Por qual causa agora esse povo deve protestar? Por qual sina eles devem aguentar? Pelos interesses de quem? Ditem senhores do mundo. Digam quais das suas dores essas massas que hão de sacrificar e morrer e suportar tudo que seus mimos demandam o que eles devem se compadecer agora?

O mundo vai acabar? E você descobriu. Quando? O apocalipse e holocausto da minha família foi ontem. Muito obrigado pelos pêsames. Lembre-se de Brechet. Não basta gritar que eles estão batendo agora a sua porta. Ha que abri-la também motherfucker. Porque o cumulo do cumulo, do cumulo da filhadaputagem é essa. O cara que sentado em pilhas de ouro, reclama que esta acabando a lenha do seu quintal, e que ele bate na sua porta e diz agora o esquema mudou, e seu quintal também é dele.

Mas e o seu quintal?

Não, o meu não, a tem arvore mas é minha. Porque eu sei cuidar você não. Então continua só meu.

E as arvores que você já cortou. Não estas eu já derrubei e vendi.

Então e o dinheiro que você ganhou, que se você quer arvore. eu preciso de dinheiro.

Não o dinheiro é meu.

Mas você pegou esse dinheiro você ganho cortando também minhas arvores? E com eu trabalhando de escravo para você Lembra?

Faz tempo. Esquece isso, aí. O negocio é o seguinte:

Agora estas arvores aí são de todo mundo. O dinheiro, estas aqui, continuam por só minhas. Entendeu? Tudo para bem comum de todos. Como sempre foi. E a gente continua divide o trabalho para tudo ganhar sempre mais. Você fica com a parte fácil: produz o trabalho fica e recolhe o lixo, eu fico com a dificil toda a responsabilidade decidir por tudo e

todos, e claro o poder e riqueza para isso. Inclusive não se preocupe para provar com eu que fico com a parte dificil, quando você estiver descansando eu na verdade vou estar trabalhando, trabalhando para entreter você, para você não se preocupe com nada e deixe que eu decida tudo? Pacto fechado?

Mas se você acha que esse falso ecologismo do “estamos todos no mesmo barco”, enquanto trancados atrás de seus condomínios os campos de concentração de refugiados queima e barcos afundam, favelas são fuziladas; essa pregação de mundo que não abrem portas, não fabricar bombas e venenos e armas jogadas, não colocam a mão no bolso, tanto pelos regimes provincianos quanto imperialista todos inimigos em quem vai ficar com o butim da pilhagem mas aliados no neocoloniais e escravagistas e claro genocídio, etnocídio e ecocídios das massas tanto as marginalizados quanto as manipulados por eles.

Se você acha que este é o suprassumo do (falso) idiota útil ou idiocrata hipócrita, então calma, porque o verdadeiro neopapa, o verdadeiro menino prodígio da nova velha ordem mundial como era da desinformação enquanto contrarreação e repressão reacionária a era da consciência: Zuckerberg.

Mané papado. Cara de pau mesmo é essa aqui:

Mark Zuckerberg, CEO do Facebook, afirma que "ninguém merece ser bilionário"
Na última quinta-feira (3), Mark Zuckerberg, CEO do Facebook, revelou em evento para funcionários que ninguém merece...
canaltech.com.br

Isto sim é que é fé e confiança que a introjeção dos seus algorítimos de programação está produzindo perfeitos idiotas alienados completamente fixados na sua linguagem e não mais na própria intelecção. Ou seja completos analfabetos da capacidade de ler o mundo, senão através das suas bolhas da sua media e por consequência por intermédio do bolha que ele é.

Nem interessa que ele só disse isso, para gerar uma cortina de fumaça porque vazou áudios de mais sobre o medo dele quebra do que realmente lhe interessa: seu monopólio. A idiocracia está apostando alto. Atingiu seu nível máximo de desrespeito ou pressuposição de imbecilidade, ou completo controle e manipulação da idiotia da sociedade espetáculo via ilusionismo virtual. Ele fala como se fosse um mendigo, um Cristo que não tem onde reclinar a cabeça, e vive da piedade alheia e não um ladrão profissional e traficante profissional da maior riqueza e capital do futuro, dados e metadados, um invasor e evasor de privacidades que não só atua em zonas cinzentas da lei, mas descaradamente em conluie com o crime legalizado e mesmo quando a lei o persegue faz o calculo clássico dos mafiosos e seguradoras e psicopatas: o calculo de riscos dos custo e benefícios não só a serem ganhos mas a setem transferidos até mesmo para as vitimas. Qual é chance de eu ser pego, quanto vou ter pagar por isso, se é terei, como faço para jogar essa conta ou punição nas costas de alguém, quanto posso ou vou ganhar de qualquer forma com isso? Riscos de perdas e custos e punições devidamente calculados ou já devidamente transferidos e subsidiados pela sociedade através

da máquina inventada para isso, o estado, toca a pilhagem. E quando ela estiver completa, chama o Estado e proíbe isso porque é roubo. Afinal, do contrário ladrão que roubasse ladrão assim golpista que derrubasse golpista sempre seria o novo rei, e não criminoso e golpista. E dá-lhe ladrão roubando ladrão, e golpe atrás de golpe. Estado não é isso, é a o monopólio de um só, ou a alternância de poder, mas entre o clubinho deles. Porque se for todo mundo, ai não é mais monopólio, nem roubo, nem golpe, mas democracia direta de verdade, e aí virá anarquia, porque onde já se viu pobre com direito de usufruto sobre o patrimônio da humanidade? com direito de usufruto sobre a natureza? Aí já não, né? Faça-me o favor.

Esquece os papas do ambientalismo, chama o STF para explicar que o bem comum para toda humanidade e Planeta também não é tão bem comum assim não. Afinal uns são bem mais comuns que outros, e não na razão da suas necessidades especiais, que gera mais do que a justiça como igualdade, mas a justiça como equidade, mas a injustiça como privilégio daqueles que ditam as leis e jurisdições incluso as ambientais, e aqueles que nãos senão, objetos desse jurisprudência como meros não como pessoas naturais, mas como recurso sequer humano, mas papel a ser descartado e queimado como lixo nos supremos tribunais supremos num tipo bastante velado de inquisição que quem vejam só também se julgou um deus todo poderoso a caminhar entre esses meros mortais, e que de fato morrem pelas mãos que tomando para si o poder de julgar e sentenciar providencialmente se omitem.

Aposentado morre sem julgamento, e advogadas ironizam Rosa Weber: 'Parabéns pela demora'

"Esse desprezo pelo outro, que Vossa Excelência encarna tão bem, ao fazer dormir um processo por 11 anos, encontrou…

oglobo.globo.com

Pois, é. E quem ironiza é a advogada, e também o morto. Um irreverente que teve o desplante de morrer sem aguardar a decisão suprema. Deveria se desculpar por não ter resistido mais, e agradecer pela paciência deles, frente tamanha impertinencia e insistência. Ela e a família, e morto se pudesse falar. Agradecer e reverenciar e incluso em epitáfio: Morri, mas obrigado a suprema corte, porque sei se não fosse um fraco e tivesse cumprido minha obrigação de sobreviver tenho certeza que teriam feito algo por mim, porque os todos poderosos, os entes e entidades supremas sempre sabem o que fazem por todos, para todos, e com todos.

É… Podem até não ser infalíveis como o papado, mas não se engane. no que depender deles o mundo inteiro pode ir mesmo todo juntos e abraçados na falência antes que a máquina que sustenta seus privilégios vá a bancarrota. Porque como ensina a crise de 2008, somos todos iguais perante a lei, mas há aqueles que são grandes demais e não só para falir, mas para cair, ou sequer prestar as contas que deve.

Mas peixes grandes, por favor. Ou melhor peixes ainda maiores: Zuckerberg.

Quem não pensou brincando. Tá sobrando então manda pra mim. Pois eu não estou brincando. Já fiz esse desafio. E repito. E não sei porque nem em Fórum Social Mundial sou bem vindo mais a palestrar. Nem é preciso estar sobrando. E nem precisa mandar pro nosso projeto não. Pega o que está sobrando, e manda direto para quem mais precisa, mas sem pedir nada em troca, nem informação que vale bem mais que trocados, né não Zuck? Sei lá. Copia o projeto. Usa em outra coisa. Mas não entrega de bandeja para quem de centavo em centavo, vai construir um orçamento mostro não só para roubar mais, mas para pilhar mais, alguns na bala, outros com bombas. O que você pode ter certeza que eles não vão fazer é o que você transferiu como responsabilidade para eles. Fazer o seu capital chegar na mão de quem de fato precisa dele. Gente. Não, não vai.

5 mil anos de história das civilizações, O estado, igreja não dão eles tomam e tomam, quanto mais tomam mais crescem e quanto mais crescem mais tomam de tomam de mais gente cada vez mais. Até uma mosca é mais inteligente que isso, ela bate, uma duas três vezes, 10 vezes no vidro, e depois se toca que ali tem alguma coisa que mesmo não vendo não dá para passar. Quanto tempo geração após geração a humanidade precisa para se tocar que desse mato não sai coelho, pelo contrário o coelho que entra nunca mais volta senão feito salsicha?

Mané. Piketty. Estado não redistribui senão custos incluso das falências e crimes ambientais e contra humanidade e nunca para quem pode pagar mais, mas para quem pode pagar menos. É o monopólio da violência. Violência para quem não sabe é uma estrategia que só funciona se você não sabe, inclusive como principio de ameaça, terrorismo ou dissuasão se você utilizá-la contra quem tem defesas ou está bem defendido ou é invulnerável, mas quem é ou está indefeso, vulnerável, carente ou carestia. Alguém que é mais fraco, ou tem alguma fraqueza a ser explorada, alguém que tem sobre de alguma privação ou necessidade especifica ou especial, ou mesmo sendo mais forte, bem preparado, é desprevenido, é surpreendido numa posição em que não pode se defender, seja porque foi enganado, traído, pelas costas, ou simplesmente porque estava dormindo, brincando com seus filhos, ou justamente porque se nega a usar da violência como forma de viver ou mesmo defender.

Enfim é por excelência uma estrategia de supremacia e hegemonia da covardia e dos covardes. Porque os corajosos aqueles que enfrentam abertamente inimigos maiores, mais fortes, mais números esses morrem. Violência só é bem sucedida se for absolutamente covarde e psicopata, porque qualquer milésimo de compaixão piedade, é derrota perante um adversário capaz de cometer atos terroristas, crimes anda mais baixos covarde e psicopata que os deles. E a isto nos tempos de guerra chama-se estrategia, no estado de paz de estadismo. Quem pede solução final para essas cultura ou não sabe o que está pedindo ou sabe, de modo que ou é idiocrata ou sua boca que propagar essa servo-idiotia.

Como diz o proverbio do povo curdo *“Nenhum amigo além das montanhas.” e que Trump acaba de provar novamente como correto:*

Trump trai curdos e permite ação turca contra a minoria na Síria | GaúchaZH
Edit description

gauchazh.clicrbs.com.br

Mais um crime de guerra que até as pedras do deserto sabiam:

Libertar o Curdistão novamente? Diplomacia americana, presidente Trump, e os curdos

"Nenhum amigo além das montanhas." — provérbio curdo Com a surpreendente vitória de Donald Trump, muitos curdos dentro…

resistenciacurda.wordpress.com

Aliás não só as pedras:

O homem que escapou da vala comum onde sua família inteira foi morta

"Eu me senti horrível. Mataram minha mãe diante dos meus olhos. Não tive nenhum poder de reação. Não pude protegê-la…

www.bbc.com

E por falar em Iraque, riquezas petrominerais, e gente é queimada viva para que o "Planeta" usufrua do que é seu seu "bem comum":

Manifestantes desafiam toque de recolher no Iraque, e confrontos deixam mortos

Manifestantes se reúnem em protesto durante toque de recolher, em Bagdá, no Iraque, na noite de quinta-feira (3) …

g1.globo.com

Zuck que de bobo não tem nada, manja desses riscado. E como manja. Faz de conta que o dinheiro dele não é da conta dele e só da conta dele, dentro desse modelo. Que não vai partir para cima feito um leão de quem tentar colocar a mão até no dinheiro que ele aferiu se locupletando, ou se não só como invasor e traficante de dados e propriedade privadas alheia, mas como um dos traficante e distribuidor de dados não só falsos criminosamente cúmplices por n crimes que envolvem a exploração em massa de neuroses e psicoses de pessoas tanto para fins políticos quanto econômicos, saber de uso e abuso corrente tanto no marketing e propaganda corporativa, governamental, religiosa politica, e industrial militar e econômica.

Brinca com a pobreza tanto cultural quanto material das pessoas. Daqui a pouco estará falando da importância da proteção da privacidade dos seus usuários das sua droga de Face. Não, já falou. Brinca com as esperanças das pessoas. Na expectativa e beneficio da dúvida que todo ser humano concede a outro, quando diz para si: "não, ninguém pode ser desse jeito, ninguém pensa nem se comporta assim". Não só pode, como é o que se exige deles. Porque como prega os manuais chinfrim de auto-ajuda gerencial para o sucesso: crises não são problemas, são oportunidades. E os mais bem sucedidos não ficam a esperar que as oportunidades aparecem, eles as criam. O segredo do sucesso (deles, é claro): o bode na sala.

Porque enquanto o gado se espreme e se mata para ganhar na loteria, no final da fila o abate corre solto. E não os últimos não serão os primeiros. Os últimos só serão os últimos mesmo a serem abatidos. Isso se não desistirem de se reproduzir como pandas ou forem castrados antes disso. Afinal com uma boca a menos é uma arvore a mais para todos. Todos que segundo Zuck não merecem a grana que tem. Mas que vão ficar com ela. Zuck agora é comunista.

Qualquer um pode ser é a coisa mais fácil do mundo, comunista cristão da boca pra fora, é a coisa mais fácil do mundo desde é claro não haja prisão e campo de concentração que mate gente que se declare como tal, digo também para as ultraricas.

Eu que não comunista, não vejo problema nenhum em ninguém ter bilhões ou trilhões, ou zilhões desde que as pessoas entregue essa riqueza para ele voluntariamente porque ele dá alguma coisa em troca para elas que tenha tamanho valor, ou sei lá, porque gostem dele, não importa, problema dele, e delas, desde que ganhe isso, sem roubo, enganação, ou do desespero de quem precisa vender o que tem de precioso a troco de migalhas porque já lhe arrancaram tudo que precisa sobreviver, o tal do bem comum, o meio ambiente e recursos vitais. Sem problema, difícil achar tanto otário, num mundo sem misérias e ignorantes, mas até aí milagres acontecem, como por exemplo, vai saber Zuck de fato, tomar vergonha na cara, e se realmente acha que não merece, doa motherfucker.

Então Zuck, roubado ou não, legalmente é seu, e você sabe disto, então para de falar e faz. Afinal que lei está te impedindo, quem você está esperando que ponha uma arma legal ou ilegal na sua cabeça para que você faça o que você diz que supostamente para dar a quem merece o que você confessa não possuir por mérito nem direito?

Você como um monte de gaiatos do Vale do Silício e MIT já andou surfando na onda das Basic Income Experiment, então faz o seguinte, monta um projeta, mas não um projetinho de merda, porque pobre de pobre para pobre, porque é tudo o que pobre tem para dar, então pega a porra do seu dinheiro merecido, perdão, sem nenhum mérito e dá alguma razão social de ser para ele e você, ou fim que é a mesma coisa. E quem me dera poder dizer para você enfiar esse dinheiro no rabo, e NÃO mandar um centavo para Quatinga Velho, porque se o projeto vai continuar sobrevivendo ou morrendo vai ser da mesma forma que foi até hoje, sem nenhuma ajuda e solidariedade falsa de gente como você de quem dá alguma coisa com a mão esquerda de dia, toma ao cair da noite, com a direita para enfiar um cabresto nas pessoas. Mas não posso, porque essa decisão não cabe a mim, nem a ninguém do ReCivitas. Mas como gostaria que eles pudessem mandar você enfiar esse dinheiro no rabo. Mas como sei que é mais fácil uma vaca sair voando que políticos sem cargo como você, saírem da demagogia e ideologia. Fica registrado. Até porque já por desenho do projeto nenhum centavo de doações vai para os custos operacionais por entre outras razões porque se fosse esperar e depender da boa vontade desses tipos o projeto nem teria nascido, e se tivesse nascido dependendo deles já teria sido morto e quem mais bobeássemos junto. E isso que está a principal coisa que o ativismo que se diz desobediente civil não entende ou se finge de desentendido que porra de desobediência civil é essa que quer comer da mão de governante, ou pior atrapalhar a vida da população que já vive na merda, para “conquistar” o que eles sabem que eles não vão dar se não receberem nada em troca. Quanto a esse assunto da desobediência civil o do pacifismo de asa quebrada abordarei com mais cuidado mais adiante, mas adianto: não, Thoreau não ficava só no lado Walden, mas foi não só um

defensor ferrenho do abolicionismo em palavras, como participou da undergroud railroad, fuga de escravos. E Luther King, idem não ficou apenas na questão da integração, mas foi pouco antes de finalmente ser assassinado tocar na cerne da questão: o capital e a renda. Ficou num discurso só. Nixon tempos depois viria com o bolsa-familia dos EUA. O food stamp, pois é como diria Vargas, façamos a revolução antes que o povo o faça, e se eles começarem primeiro, mata salga a terra e coloca a nossa versão por cima, com cabresto. E assim as primaveras dos povos, vão morrendo primeiro nos infernos e depois invernos estatais.

Porque morrer tudo morre um dia, mas viver e morrer com dignidade não tem preço. Algo que não existe sem liberdade e solidariedade mutua, algo que as falsas promessas e discursos de demagogos não por acaso são sempre oportunamente providenciais em matar. Porque quem transfere não só esperanças de direitos, mas responsabilidades de empoderamentos não só perde liberdade, ganha tiranos, deixa que eles semeiem miséria, ignorância no terreno da sua insolidariedade para colher discórdia, divisões e enfim ditaduras e guerras. Enquanto eles se fingem de Lokis, se fingem de bobos, mas bobos podres incluso de ricos.

A proposito já fez sua reza brava, no Face hoje? Porque deus tem olhos em todos os lugares.

Ah, sai dessa vida, meu irmão. Arranca esse olho podre da ideologia e joga longe, e olha com olho da alma, os olhos da semiótica, o olho para o mundo do invisível, o mundo da guerra pela essência, pela episteme, pelas (in)formações das formas e aparências, a guerra pela forças de vontade, pela anima que dá movimento aos corpúsculos e partículas e dá movimento que constitui a não só os corpos e organismos mas seus espaços, tempos, lugares e realidades, atualidades e horizontes delimitados de senso, noção e percepção e sobretudo preconcepção do bem e do mal, falso e verdadeiro, real, e irreal, o eu o mundo e outro, a discriminação do eu a vontade do mundo, e o resto seu objeto de seu reino, porque seminalmente reificado, ou o que é a mesma já descriminado e queimado quando perde eu valor de uso e troca por esses ladrões de paraísos na terra, com vendas títulos de propriedade num reinos no céu, que não existe, nem nunca virá. No melhor estilo das piramides. Golpistas.

Esses canalhas de ambos os lados, falam das crianças do futuro. Mas as criança do futuro, se não forem nazifascistas, dos patriotas ou ambientalistas e vão perguntar, o que papai e vovô nazi não só enquanto as florestas queimam, mas enquanto milhares de crianças, mulheres, velhos, jovens, pobres, refugiados, apátridas, famintos, ciganos, negros, índios, eram queimados em todos os guetos, favelas, e campos de concentração, bombardeados nessa guerra tal de guerra mundial hibrida mal disfarçada, que já genocida, que se já não produziu mais carniceiro silenciosos e impunes e holocausto que as 2 guerras mundiais juntas, vai produzir em glória e idolatria do futuro dos estatopatas e claro os herdeiros do mundo. Que não não são seus filhos.

A menos é claro não no papo mas de fato você vá usufruir do patrimônio da humanidade sem precisar trabalhar, mas trabalhando para acumular mais e mais como riqueza sua, e não deles enquanto se sacrifica e morre não só vida, mas em tempo de vida, porque como bem descobriu o dono da Amazon, cada segundo da existência do tempo de vida, cada respiração e inspiração do outro, é o centavo que o necrófilo canibal capitaliza morbidamente em

bilhões de recursos vivos sem anima reduzidos em patrimônio morto desnaturado: capital. Afinal quem se apropria do que ainda tem vivo e alma não é proprietário, mas ladrão e escravagista e isso, não se pode acusar alguém que tem a cabeça de um leão, ou um cocar não mais em circo, mas como troféu em um museu, ou na sua sala, assembléia geral ou palácio real.

A verdade do que diz nunca está na palavra mas nos atos de quem fala. Seja como previsão que se realiza prova da sua ciência. Seja como prática do realmente acredita no que prega. É por isso que liberdade nunca foi, é ou será poder senão como farsa. Liberdade não é proclamação ou reclamação por direitos, liberdade é responsabilidade, o oposto da relação que gera o poder: a transferência de direitos e responsabilidades que gera a desigualdade de autoridades poderes e privilégios de uma classe politica, os governantes sobre os demais a plebe. E o que o papel diz se não percebeu eles cagam na sua cara e ainda mandam você limpar a bunda com sua linda magna carta, e rindo, quando e como bem entendem, porque é papo furado. Você entregou não só seu direito você entregou sua liberdade, e ainda chora pedindo que mais papel higiênico. Sabe o que vai ganhar assim?

Liberdade não é direito que se pede, nem muito menos que se toma como poder, é responsabilidade que jamais em hipótese alguma se transfere, mas chama e assume de acordo com suas possibilidades capacidades e posses. Não é discurso que pede ou manda fazer, apenas faz e quando pede os outros fazer, nunca pede mais sacrifícios que já experimentou na própria carne como possível, não é hipócrita a pregar que os outros façam o que ele nunca fez, mas o que ele já provou nele, e não em cobaias que é possível fazer não por coerção ou constrição ou doutrinada, mas por livre e espontânea vontade de forma ciente e consciente. Não é pregador ou guru, na retaguarda, mandando os outros para o sacrifício para depois capitalizar em cima da pilhagem das suas obras e cadáveres. É vanguarda revolucionária fazendo trabalho de base, com seu corpo, tempo e esforço.

Não fala de maçãs envenenadas ou do conhecimento que leu em jornais, ou livros, mas que dividiu da mão de quem senão aquilo para comer. Uma irmandade que não se faz em armas e bandeiras, mas de solidariedade em privações e exclusões, irmão de batalha não pela morte do outro, mas pela única causa que vale a pena a vida, nem que seja a do outro, porque não é devorando a carne do alheio, mas dividindo o pão que se faz o milagre de uma congregação. Mas se nada do que eu estou dizendo faz já o menor sentido corre pega o resto de vida que lhe resta, e vai buscar desesperadamente um trabalho solidário, tira do teu prato, tira da porra do bolso abre a caralha da tua mão, e se não tiver um centavo, dá o que é mais importante tempo e atenção, dá mas sem pedir nada em troca para ninguém, especialmente para você. Dá para quem está pedindo, implorando, dá para quem está morrendo, porque não se engane, mané, em verdade quem está morrendo ou já morreu e nem sabe não é ele, mas você. E vai dar bom-dia ao próximo salvador da pátria ou do mundo. Vai transferir sua responsabilidades e liberdades e comemorar as próximas mortes e se conformar com pingo de redução de miséria com se fosse um gol do seu time. Vai se fuder de verde-amarelo, ou vermelho. Tanto faz. O tumulo e epitáfio e hiena a comer e velar e capitalizar seu cadáver e sua alma. Fica pra próxima. Se houver uma.

Ah, esses adoráveis materialistas transcendentalistas e o espirito da sua coisa ideológico dos seu cemitério maldito...

Então respondendo a pergunta qual é a solução do mundo e do Brasil? A que o Amazon, Facebook, corporações, Estados, Igrejas que cada um desses canalhas encheram o rabo até não caber mais dinheiro para fazer o que bem quisessem incluso pilhar cada vez mais e impunemente. Não deixaram passar nenhum centavo de receita, pegaram cada centavo, não desperdiçam nenhum centavo, e de 1,99, de cada 0,01 que tomam de cada pessoa vão compondo o orçamento gigante das suas ambições sem fim. De cada centavo não redistribuído, mas acumulado da miséria de quem morre morre e mata nos guetos construíram não só seus impérios, mas seus exércitos de fás e fanáticos uns desesperados outros completamente brutalizados ou imbecilizados e fidelizados e amestrados mesmo depois de saciados. De cada centavo roubado e não só do bem comum mas do trabalho e riqueza esta conquista de forma merecida e entregue para ser redistribuída para que ninguém morresse e matasse ou se matasse, eles construíram seus impérios de servidão e morte que por sinal não matam só vidas, mas o trabalho e a riqueza que não é subsidiada vejam só pelo tal do monopólio covarde da violência. Pegue a porra do dinheiro que te roubam e usam para matar gente e invista diretamente em gente sem cobrar nada, sem discriminar gente. Gente não é o problema, gente é a solução. Eles não são a solução. Você é a solução. Não importa o quanto de tempo o dinheiro você pode dar. Porque cada segundo da sua vida, cada centavo que eles arrancam de você, e que não permitem que cheguem até o outro, é a raiz do seu problema, e a eterna pedra fundamental do ciclo vicioso das privações e violência que sustenta toda sua posse e poder não só contra a natureza da vida, mas contra a verdadeira riqueza e emancipação e desenvolvimento dos povos e nações: Liberdade para todos.

Boa nova, velha para caralho, difícil mesmo é por prática. Ou nem tanto. Basta fazer o mesmo milagre que fazemos todos os acordar de manhã, levantar e andar, ainda que ontem tenham quebrado suas pernas, de novo. Nunca viu? Então olhe de novo para o povo brasileiro e você aprender o que é arte marcial, aliás marcial não seminal da superação, que ao contrário da mera conformação, ou adaptar as condições inacessíveis ou impossíveis de sobrevivência é a arte da superação, a arte da inconformidade, a arte do sobreviver sem ter como nem com o quê. A arte do sobreviver sem nascer dono nem herdeiro de nenhum patrimônio nacional que dirá da humanidade, a arte de sobreviver sendo a presa e não o predador por ajuda mútua, que quando desaparece, para um povo que não tem fundo de capitais, mas só salvadores da pátria é a garantia certa daquele tal dos vendedores de terrenos no céu e inferno do holocausto urbano e florestal na terra, a morte certa. Que o digam os povos indígenas já extintos se mortos falassem.

Solução: cada centavo que não cai na mão da industria da miséria, guerra, discórdia e tirania e escravidão, mas volta para a mão da população, não acaba só com a pobreza, mas gera livre mercado e riqueza não só sem subsidio da violência, mas sem subsidiar a violência. redistribuição de riquezas genuína de gente para gente sem contrapartidas, e não roubo e encabrestamento.

Renda básica popular e libertária e cosmopolita e democrática, e não populista e estatal e tecnocrática e discriminadora, incluso de povos e nações. Mais do que um programa ou doutrina, uma ética, que não fica esperado ou pagado para ver o que o outro vai fazer fazer ou não macaquear. Faz o que acha que tem que fazer não só porque pode impor, mas porque o outro pede.

Não há segredo. Assim como cada centavo e tempo que os intermediadores roubam das redes e tecidos sociais compõe sua tirania, cada centavo e tempo doado que a rede consegue fazer chegar na mão de cada pessoa natural sem que antes eles as matem brutalizem, ou imbecilizem é uma vitória da de toda sociedade. Toda vez que uma uma se evita que uma pessoa seja amputada desse ligações e relações empático solidariedade em percepção e ato não é só ela, que é salva. Mas no mínimo 3. ela que recebe. aquele que se doa. E um pouco toda o organismo vida da sociedade. Porque assim como é fundamental a essa solidariedade em ato para sobrevivência do próprio organismo social a o sucesso da disseminação da discórdia para divisão, da carestia para exploração e da violência para a repressão são fundamentais para a manutenção de todos os monopólios e subsídios e proteções exclusivas dados por eles em privilégio de uns, os amigos do rei, e contra a marginalização outros, o povo, que tanto mais povo e menos sociedade quanto mais a margem e mais a periferia deste centro de poder, não raro já concentrado em guetos- adivinha a espera de qual paraíso ou terra prometida.

Falar em ecologia e ambientalismo em lugares ou de bilhões imerecidos, não é mais perverso nem nazi do que ser um Trump ou Bolsonaro, mas certamente é mais hipócrita. E mais perverso e hipócrita que isso só mesmo fazer esses duetos do capeta em campos de refugiados, ou na Síria, ou aqui mesmo nas nossa periferias e guetos urbanos e campos.

Ou então abre as portas para quem não as deles, coloca o fardo do mundo nas costas, de quem tem junto tem bilhões para até sonhar em se mandar até para a Lua ou Marte, enquanto tem quilotons não para queimar mas explodir o mundo mil vezes. Vai faz esse escambo de apocalipse por paraíso com os gênios das raças. Aposte outra vez neles. Quem sabe se tivermos mais 5000 mil anos de chances, vamos descobrir, que melhor que apostar contra você, é apostar em você para você fazer o que só uma pessoa pode fazer pela outra, e não uma máquina, incluso a Estatal: nos ajudar uns aos outros. Mais simples e básico que e portanto imprescindível, impossível. Mas na prática porque porque se só vontade mudasse alguma coisa a alma não ganhava movimento nem corpo, ficava lá como potencia e não como realidade, nova, porque a velha é essa que está incluso como lixo reacionário reciclado e não verdadeiramente revolucionário que não é nem prega nem violência, nem não violência, Prega é a verdadeira restituição do usufruto bem comum aquela que elimina esse circulo vicioso dos projetos de poder autoritários, e cria os verdadeiros estados de paz, os libertários. Xenofóbicos? Não emancipados. Globalistas. Não Cosmopolitas.

Uma promessa? Não um desabafo, porque minha promessa fiz a mais de 20 anos atrás quieto, e tenho conseguido cumpri-la a pelo menos 10 anos e pretendo fazer até não poder mais. Minha promessa de amor a vida e Liberdade, que são em essência ou no espirito da coisa, los teso.

Become a member

Sign in
Get started

Me diga o que come o Leviatã (além de gente) e eu te digo para quê fim caminha o “Planeta”

“Nióbio? Mané, nióbio, Bijuteria? Meu negócio é outro.”Um nobel de química para o petróleo branco, Lítio. Porque o motor da(s) máquina(s) da tal das riqueza das nações.

Nobel de Química 2019 vai para trio que desenvolveu baterias de íons de lítio
John B. Goodenough, M. Stanley Whittingham e Akira Yoshino ganhadores do Prêmio Nobel de Química de 2019 pelo…
g1.globo.com

Pois é.

É o capital. Lítio: Do ouro negro ao petróleo branco
Quem vai governar o mundo?
medium.com

Lítio, cobalto… “terras raras”. E claro, água. Tudo o que move essas máquinas que não só derrubam e matam. Mas sobretudo transportam a riqueza das terras pilhadas e arrasadas para a terra mãe. Afinal, não basta roubar e matar, é preciso ter como carregar, a ciência do trasporte, comercio, infraestrutura, rotas e logísticas, e claro, guerra da informação e propaganda para penetrar e ocupar territórios.

E agora, que Russia e China, disse com todas as letras que a Venezuela é deles, qual virou a próxima bola da vez, dos outros Leviatãs “famintos” mundo afora? Uma dica:

Da crise na Venezuela a “Renda Básica” na Itália (Parte I)
Ou É o capital. Lítio: Do ouro negro ao petróleo branco 2 (Dois anos depois…)
medium.com

A matriz está mudando, mas o paradigma não. O motor pode não ser mais de combustão, mas muita gente e mata ainda vai queimar para alimentar esse motor, porque a verdadeira questão não é onde que minerais e portanto as terras que serão arrasadas para essas

máquinas estatais possam continuar a rodar, mas sim: quem são os seres vivos, leia-se, as gentes, tribos, as genes dos bem nascidos que irão herdam o mundo e o futuro e quem não. Seja porque foram sacrificados na pira do holocausto da marcha do progresso, ou pelo contrário, foram como os animais que agora são um perigo a conservação do meio ambiente, o objeto do "abate humanitário" para os herdeiros brancos da admirável nova ordem do novo mundo sustentável.

Seja os cultuadores do Progresso, seja os pregadores do salvem o planeta, todos essas pessoas tem algo em comum: My ass firts. Então vai mais uma profecia, porque não é difícil de faze-las, basta olhar onde as aves de mau agouro pousam ou começar a gralhar, os urubus e carniceiros se olhem ou voam para saber onde será o próximo genocídio, ecocídio e etnocídio. Porque tenha certeza, onde eles aportam não trazem, levam. Cadáveres escravidão, burocracia e corrupção, dividas e lixo ficam, ouro, florestas, vidas, culturas, saberes, se vão. E se você acha o contrário, é porque não é o descendente da mãe nativa, mas filho legitimo e não bastardo do pai colonizador. É herdeiro do tal bem comum, que agora devorado, nas grandes metrópoles, volta a ser "de todos", e não escravo.

Então nem importa se quem vai prevalecer serão os malthuambientalistas os nazicapitalistas, discursos fora, no fundo só estão interessados na conservação e progresso de um só e mesmo eu e gene, a sua. São eugenistas disputando diferentes modelos de neocolonização exploração dos recursos naturais, inclusos as massas dos povos subdesenvolvidos. Nem um nem outro, se importa quanto seres humanos vão morrer se for para salvar os recursos para suas gerações que irão sobreviver; e adivinha quem vai sobreviver? Quem serão os que vão herdar o capital acumulado de tudo que já foi acumulado não só das matas derrubadas, mas da vidas não só escravizadas mas exterminadas nesse processo industrial de exploração, não raro queimadas junto com florestas ou enterradas debaixo das minas? Quem vai herdar todo o patrimônio que não só está de pé, mas todo o capital já pilhado dos cadáveres e terras arrasadas e tudo que ainda será capitalizado dos novos cadáveres e florestas humanitária e ecologicamente abatidos?

Sim os mesmo que viverem muito bem alimentos e obrigado dos estados de bem-estar social movidos não só movidos do sangue e suor alheio, mas jogando lixo e lixo e custos no quintal de quem eles não só escravizavam mas transformavam moerem e transformaram em salsicha alemã ao se apropriar do mutualismo e anarco-sindicalismo como previdência estatal e peleguismo trabalhista. Otto von Bismark, explica.

Mulher vivia em bairro nobre de MS em meio a 'caminhão de sujeira' e mau cheiro: 'Condição...

Situação da cozinha da casa da idosa – Foto: Osvaldo Nóbrega/TV Morena Uma mulher de 67 anos foi presa na manhã desta...

g1.globo.com

É lógico. Sabe aquele mendigo sujo ele também é um macróbio cheio de micróbios não sabia, um perigo para todos. Um problema de saúde pública, de redistribuição de renda? Do capital pilhado que o canalha que chora pela floresta não abre a burras, para compartir? Não, não

senhor, um problema de meio ambiente, ele o cachorro dele, liga o forno e pode fazer sabão, sabão não. Adubo.

Adubo humano para plantas é autorizado pela primeira vez nos EUA

Existe um método mais natural e ambientalmente respeitoso do que transformar cadáveres humanos em compostagem, em terra…

brasil.elpais.com

Peraí, valor agregado. Porque não abajour porra? Não, sapato.

Ah, meu amigo, muito em breve, você vão ver favelas inteiras na bala, mais Ágathas sendo mortas, por Witzels e Bolsonaros e Dorias da vida, não com o discurso da defesa da propriedade privada, mas já se apropriando do própria defesa do meio ambiente. Para passada a histeria, feita a gentrificação construir um belíssimo condomínio fechado, ecosustentável é claro. E as famílias, também realocadas para meu gheto, minha morte, dentro dos melhores parâmetros de preservação do vida e meio ambiental para todos, menos é claro delas. Um sacrifício necessário de poucos, sempre os outros para o futuras gerações: seu progresso, seu preservação. Da sua gene, da sua natureza, da sua terra. Sacrifício compulsório. Ou seja, holocausto.

Brasileiro não aprende. Reclamaram para o tal do Kassab sobre a poluição dos carros. Ok, vocês querem carros que poluem menos? Vocês que pediram. Muito obrigado, otários: Mais um Imposto para vocês, e mais grana para a classe política se locupletar.

Fim da taxa de inspeção veicular em SP recebe críticas - ((o))eco

A taxa de inspeção veicular será revogada em São Paulo no próximo ano. A medida, prevista no plano de governo do…

www.oeco.org.br

E a poluição? A poluição que se dane. Estado impõe obrigações para recolher tributos, mané, quem no final das contas vai fazer de qualquer forma o trabalho é sempre o cidadão, o servidor, e não o ladrão, e se você acha que o verdadeiro servidor público aquele que limpa sua latrina, é parte da máquina estatal e não escravo como você, você não entendeu nada como funciona a externalização de custos e prejuízos privadas via subsidia pelo coerção do monopólio da violência estatal dos povos para maximizar os ganhos tanto da burocracia estatal quanto dessas corporações amigas do rei e do reino, que quanto maior ou menor, é império e não província.

Então embarca no trem deles. Tem um apitando agora mesmo. Um não dois. Dois fios de uma bomba relógio semiótica, composta de uma estratégia em pinça de uma mesma tesoura que irá cortar a sua singular pessoa. Qual das verdades que libertam você vai embarcar no terem “só o trabalho salva” da turma do agronegócio. Ou do “salve o Planeta” dos súditos da

Rainha do Extintion Rebelion. Ah, e não se esqueçam da nova onda do Papa, a ecologia integral. Todo mundo agora ama o Planeta, todo mundo agora ama a humanidade, tudo é patrimônio da humanidade, tudo é bem comum menos o bem comum já capitalizado, menos o Capital, o deles, é claro.

Não estou nem aí, se são massa de manobra inocente ou nem tanto. Isso não é jogo. A chapa esquentou para eles. Ok, respeito. E vamos nos ajudar mas abra a porta, porque essa história de gritar que estamos todos no mesmo barco, e que todos vamos morrer encastelado em seus burgos. Deixem de ser hipócritas, a época do fazer gueve de fome, fechar ruas, dos discursos demagógicos já era. Peguem a porra do capital desses holocaustos, freiem o superconsumo e ao invés de tentar manobrar os famintos e desesperados para capitalizar em cima de mais cadáveres e terras arrasadas garantam a todos o direito de também nascer com uma ínfima parcela do usufruto desse tal patrimônio da humanidade um futuro, de herdar também um renda garantida, motherfukers. Para de falar, para de doutrinar e ouçam. Filhos da puta, ouçam.

Ouçam quem não é fidalgo, quem não é herdeiro, quem vocês estão pedindo para morrer para salvar um planeta e um futuro que seus filhos e sua gene não vão ver, nem ter. Aliás fodam-se eles. Eles estão cagando e querendo é mais é marchar por cima de todo mundo, seja qual for a sua bandeira, progresso, meio ambiente, comunismo, capitalismo. Qualquer bandeira ou ideologia. Eles só sabem fazer isso marchar, gritar, matar e capitalizar em cima de gente morta e reinar transferir seu reino eugenistas para os do seu sangue e terra. Brigam entre eles, pelos butins da pilhagem e idiota de quem entrega sua boca de pra servir de corneta, e seu lombo para ser besta de carga ou pior bucha de canhão, ou pior escudo contra canhão. Estado, Igreja ou ativista social que não dá mas toma de quem precisa, não é nada senão um ladrão, e pior ainda o que dá para exigir em contrapartida a servidão em troca é pior ainda, porque esse se já não é o tirano ou seu emissário, é um projeto de poder dele.

Brasil tem ato de coletivo ambientalista Extinction Rebellion, que tenta parar capitais mundiais

A jovem sueca Greta Thunberg e seu movimento Fridays for Future não são as única novidades no combate contra as…

br.rfi.fr

Rebelião contra extinção? O mundo vai acabar. Descobrindo o mundo, quando? Ontem? O mundo de quem? Na Africa, Na America Latina, ele não vai acabar, já acabou. Chegaram tarde, quem já não morreu, está lutando para não morrer, sobreviver como pode, não pode, não só com o que tem mas faz tempo com o que não tem. Nas periferias, quebradas, nos ghetos, favelas e agora campos de concentração de imigrantes, refugiados, não se queima florestas se queima gente mesmo.

Então rebelião contra extinção de cu é rola, é a Europa descobrindo a América de novo. São até honestos, e respeito, porque não estão na retaguarda, mas na vanguarda, mas são massa de manobra. E manobra para adivinha para fazer o que? Para fazer o que América latina rica e o brasileiro rico faz com o pobre, holocausto urbano e florestal, só que ao invés de

disfarçado de velho progresso desenvolvimentista ultrapassado, agora como nova ordem da sustentabilidade, a deles é claro, a ambientalista. Trocam-se os termos, avançam as técnicas e tecnologias, aperfeiçoam-se os métodos e processos, automatizam-se as maquinas, mas a cada revolução industrial o paradigma continua o mesmo, e em cada crise só fica mais evidente seu proposito, moer vidas e genes que não pertencem a gene da hereditariedade hegemônica, para alimentar e expandir os domínios, predomínios e prevalência destes não só com único mundo ordem ou futuro possível, mas como representação do que é ser humano, seu patrimônio totalitário sobre toda a terra, agora como nada menos não como conquista de continentes, mas como Planetas inteiros. A começar pela própria Terra.

E Amanhã? O amanhã ao futuro pertence? Não senhor, pertence aquele que estão hoje mesmo, já estão correndo para conquistá-lo e colonizá-lo.

O que a lei espacial diz sobre o lixo na Lua?

Obras de arte, sacos de cocô e até bolas de golfe. Existe uma lista imensa de objetos deixados na Lua pelos seres…

super.abril.com.br

Porque como já dizia o índio esse homem tem uma doença, ele é incapaz de dar, ou se doar, ele só toma, e só consegue enxergar e medir o outro pelos seus olhos que espelham sua alma, que são afinal de contas sua régua: uma praga de gafanhotos.

Esqueça asteroides mortíferos: mineração espacial pode ser próxima vilã da humanidade

Ciência e tecnologia Cientistas alertam que o impulso da mineração no espaço pode representar uma grande ameaça para o…

br.sputniknews.com

E você achando que eles estavam preocupados com o quê? Em desviar meteoros? Procurando o quê? Vida? Contatos imediatos de terceiro grau? Até estão. Meu amigo, quer saber o quanto alguém acredita em qualquer coisa, siga não só o dinheiro, mas o tempo que dedica da sua vida, até porque quem tem escravo, o “dinheiro” leia o escravo faz dinheiro para ele, e ele usa seu tempo para o que realmente quer. Esqueça a pregação, a propaganda e veja o que como ele vive, ou o que ele a mesma do que ele será sua causa mortis todo santo dia. É matemática. Ou mais precisamente investigação contábil. O quanto esse ser vivo gasta do seu principal capital, o tempo de vida, determina não só o quão livre ele é, mas qual é sua verdadeiro credo e razão de viver. E logo qual a verdadeira motivação que move suas ações para além das cortinas de fumaça e notas promissórias das palavras.

Pegue o tempo que uma pessoa consome ou já consumiu da sua vida tenha ele desperdiçado, aproveitado, capitalizado para ele ou para outrem, doado ou enterrado no quintal ou banco, não importa. Veja em exatamente o que ele ainda não só o verdadeiro de todos seus capital, o

tempo de vida, mas como ele gasta, guarda ou investe o capital que aquele acumulo do tempo de vida de tudo que um dia já morreu e foi capitalizado e está na sua mão como patrimônio, e você entenderá qualitativamente no que ele realmente acredita ou tem fé. Mas terá equacionado quantitativa e matematicamente quais exatamente são os seus verdadeiros credos e valores, nas exatas proporções da distribuições não só que fez no passado, mas do que faz ATUALMENTE, ou seja exatamente AGORA, em tempo real, com seu tempo de vida, e capitais. Terá a proporção do quanto ele acredita, valoriza, confia, investe se aplica ama cada ideia ou coisa. Ou pelo contrário despreza, odeia, porque pode não só não mover um dedo, pode não só não dedicar um segundo, um centavo, ou sequer nem pensar ou ouvir, mas investir pesado em tempo e dinheiro, ou mobilização de massas de alienados não para construir, mas para destruir, ou o que é a mesma coisa para possuir o outro como objeto do único o sujeito que consciente ou não realmente acredita que seja o herdeiro dignatário e centro, origem e gene desse mundo: o seu ego. E como diria o poetinha da bossa nova e das praias de Copacabana, que me lembram a Paris, São Paulo, Nova York, a gentrificada e higienizada por óbvio que esse amor seja eterno enquanto dure.

E você achou que brasileiro aprendeu a fazer coisa (ou fingir que fez) pra gringo ver com quem? Com os povos da floresta?

Repúblicas Guaranis!

Talvez a notícia libertária mais feliz dos últimos tempos:

medium.com

Continua...

Discurso de Greta na ONU: A questão não é o que essa nova geração está cobrando dos governos, mas o que eles (e nós) estamos querendo delas (com isso tudo).

A nova cruzada de crianças na linha de frente: A ambiental

“Vocês roubaram meus sonhos e infância”, disse Greta na ONU... Trump “ironizou”, Bolsominions contra-atacaram das formas mais baixas imagináveis. e eu fiquei a imaginar o que **Àgatha** diria...se ela fosse branca, tivesse voz e ainda estivesse viva.

Morre criança baleada em ação da PM no Complexo do Alemão

Uma menina de oito anos morreu na madrugada deste sábado, 21, após ser atingida por um disparo de fuzil durante ação da...

exame.abril.com.br

Só que não. Imediatamente fui obrigado a suspender meu raciocínio, porque o bombardeio de lixo da guerra de informação e desinformação é tão massivo que qualquer manifestação, mesmo que espontânea, sincera ou extremamente refletida não passa disto, mais munição, a esse jogo sujo, baixo, fundamentado, na desconstrução, desentendimento, discórdia e sobretudo falsificação descarada não só da deturpação dos fatos com narrativas, imagens, memórias completamente falsas, mas dos discursos e pessoas alheias em tempo e espaço. Processos de falsificação e apropriação cultural, loucuras e insanidades e histerias coletivas que no passado precisavam de décadas ou séculos para serem semeadas, plantadas e cultivas como processo de fidelização a um servo-idiocratização, hoje graças a evolução não só dos métodos e processos mas da automação da industria da imbecilização servil em massa, não só são fabricados e disseminados na propagação da velocidade da informação, como mantidos muito além do que um mero surto de pânico e ansiedade, mas perpetuados como deve ser uma protocultura pelo tempo suficiente para introjetar o terrorismo e a doutrinação como a nova esperança de salvação e retorno à normalidade.

Como a jovem ativista Greta Thunberg se tornou alvo de batalha ideológica

Ela é jovem, branca e nasceu em um dos países mais desenvolvidos do mundo, a Suécia. Desde que se tornou protagonista...

www.bbc.com

Porém inversamente ao poder da globalização da internet há um empecilho igualmente gigantesco a essa nova revolução industrial de massificação dos povos, a própria desigualdade de capitais e condições reais de vida. De modo que quando você assiste a esse pequeno recorte e amostragem da realidade do mundo na ONU, ou mesmo nas ruas, a se manifestar, há que se lembrar dos outros mundos não que embora não sejam donos das mídias nem corporações privadas ou estatais e seus capitais ou rendas correspondem há muito mais do que a ínfima parcela da população do planeta super-representada por esses superpoderes armados e midiáticos.

Gente que embora todo esforço de manipulação para que se engaje e identifica seja com um lado ou outro, não se identifica em nenhum deles, até porque nem pode, seja porque morre em campo e fábricas, seja porque morre baleada ou em bombardeios, seja por essas ricas ou pobres nações. Uma massa de bilhões não sub-representada, mas literalmente invisível, perto dos milhões que desfrutam do ócio e negócio de parlamentar e se manifestar. E que estão cada vez mais conectada às cadeias globais sem contudo estar livre das suas privações. Gente portanto que ao ouvir não só Trump ou Bolsonaro desdenhar da infância e dos problemas ou sonhos destruídos de Greta não consegue se solidarizar com Greta, ou suas preocupações com o meio ambiente que se vê queimar, quem queima viva é ela e não Greta. Mas porque está justamente preocupada com isso em não ser queimada viva, ou levar um

tiro no peito de exércitos de gente como eles, ou pior que financia não só Trump e Bolsonaro, mas também quem concorre contra eles, os mesmos grupos que bancam as causas de Greta. Ou seja, banca os dois lados, para não ganhar mas perder nunca. Ou seja bancam qualquer lado que defenda seus interesses, e nunca daqueles dos quais e de onde esse interesse é extraído, e que portanto não por acaso nunca tem voz.

Então antes do que entendo pelo x da questão, ao menos da nossa realidade emergente e urgente, vamos definir as outra variáveis e constantes mundo afora, que afinal de contas também é nosso, não? Ou será que a mão do bem comum incluso o já capitalizado, e faz tempo, é mão de via única? Pergunta meramente retórica. Voltemos a assembleia da ONU. E a pergunta que me intriga: Porque uma menina e crianças estão na linha de frente e os adultos a enfrentar Trumps e Bolsonaros e os adultos da velhaguarda, não só os covardes, mas os pagos para isso, na retaguarda? Outra pergunta como pretendo explicar meramente retórica.

Não sei se depois de 4 anos eles não entenderam como funciona a dialógica do Trump e suas imitações genéricas. Sinceramente creio que sabem mas fingem perplexidade para trocar figurinhas. Pois se tratassem seus interesses nos negócios corporativos ou particulares como fazem para defender seus supostos compromissos com as causas ditas humanitárias ou planetárias já estariam falidos. E quando digo eles, não estou me referindo obviamente a Greta, nem aos movimentos ambientalistas, que direita nazifascistóide faz questão de juntar e misturar tudo num mesmo saco das suas pregação paranoico conspiratória, progressista, esquerdas, anarquistas, ambientalistas, globalistas, comunistas, corporações, financistas, partidos, religiões enfim misturando e confundindo sob o termo genérico de globalismo, na melhor cartilha dos protocolos dos sábios de Sião. Estou me referindo especificamente a quem controla este palanque e microfones tanto da ONU, quanto das mídias e redes mundias que repercutem e retransmitem o confronto nessa arena, frequentada por Trump, Putin, Xi Ping, seus satélites, advogados e cias. “Eles” portanto é um sujeito definido, quem controla não só o lugar de fala, mas sobretudo o espaço e tempo de voz de cada um que passará a ser conhecido como o representante de um povo ou causa, se é que não fizessem isso de forma planeja e calculada já estaria pobre, falida e faz tempo e não um levantando a bola para outro chutar e eles capitalizarem como estão fazendo exatamente agora.

Se por exemplo ele perceber que uma pessoa tem dificuldade de enxergar ele não vai poupá-la disto, mas pelo contrário, vai atacá-ta exatamente por isso, nesse flanco tanto no campo de batalha das narrativas, quanto da guerra. Por que esse já é o primeiro erro, pensar que seja no debate ou na vida, se um não quer dois não brigam. Não se deixe enganar, quando um parte pra cima, e outro não tem mais tempo nem sequer de fugir não vai ser nem mais perseguição, mas espancamento, massacre, linchamento, estupro e extermínio covarde sem a menor chance de defesa para a vítima.

Se for uma criança, será por ser uma criança, se for um velho por ser um velho, se for uma pessoa em condição mais vulnerável justamente não apesar disso, mas justamente por isso, é lógica do predador, que numa manada não busca a presa que julga mais forte, mas sempre ataca aquela que tem menos chance ou condição de se defender ou fica para defender seus filhotes, em geral, mãe e a criança. E assim por diante... pedir ou mesmo implorar por respeito a dignidade humana, quando se enfrenta quem se vale fascistas e nazistas, quando lógica é justamente a inversa. Eles não ignoram ou desprezam diferenças, eles as identificam

e exploram, discriminam, apartam humilham, segregam, apartam, e enfim eliminam. De modo que onde as pessoas enxergam e sentem injustiças carências, carestias, eles enxergam vulnerabilidades, oportunidades, e fraquezas e sobretudo inferioridades para impor supremacias e fazer prevalecer potencias e hegemonias.

Um bebe chorando, uma criança reclamando, e sobretudo um adulto precisando de ajuda, não senão um fraco a provar sua teoria supremacista, que ele vem primeiro, e os demais são inferiores e merecem nada mais que morrer senão a minguá, por outros métodos e processos mais rápidos baratos e eficientes. Fosse uma massa de refugiados famintos a bater na sua porta e pedir abrigo e comida, aos olhos de ambos são como se fossem os fugitivos de um campo de concentração nazista, porém um quer que ele volte para sua marcha forçada e cumpra sua predestinação bem longe da terra matter, outro quer exatamente como solução que nem ele sabe.

Logo não importa que seja uma menina portadora de síndrome de Asperge, poderia ser uma velhinha judia em cadeira de rodas sobrevivente do Holocausto, um refugiado de guerra ou de um furação, nada disso serviria de escudo, mas pelo contrário aos olhos de Trumps e suas imitações by Bannon como Bolsonaro não passam de flanco para tática do ataque e pior de estratégias de racionalização de porque estão praticando tal covardia. Uma das muitas táticas usadas por nazistas e fascistas que não atacam uma pessoa apesar dela não poder se defender, mas justamente por isso. E nisto construíram a sua perversa ideia de primazia supremacista, baseada numa leitura distorcida da lei do mais forte, porque aquele que não pode atacar ou não se defender, a si ou sua casa e terra, mesmo que rendido, pacifico, ou inofensivo deve ser empregado como escravo em ghetos e eliminado depois, ou mesmo antes se, ou , quando já se nem para isso mais prestar para eles. Por isso se diz que Trump e afins são neonazi, protonazi, porque além de enxergar o resto do mundo de modo bastante similar, não poderiam deixar de refletir em suas retórica e propaganda.

De modo que a pergunta não é o que Trump e seus lambedores de botas querem, porque Trump e seus seguidores já disseram o que querem. A locomotiva na frente e os vagões atrás. Mas sim o que a Greta quer com os governos da ONU e partir deles do mundo, mas sim o que os governos da ONU querem da Greta e a partir dela do mundo.

Porque ela só quer os canalhas que não sabem ou fingem que não sabem. Já o que eles querem eis a questão. E conforme meu amigo imaginário bem colocou: “o que eles querem ao colocá-la nesta arena com o maior número de estatopatas, genocidas e latrocinas pedófilos e advogados do diabo legalizado por m² da face da terra sem contar, é claro, o dia a dia do Pentágono, Vaticano, Kremlin, Wall Street e afins? O que eles querem nessas assembleias onde os praticantes dos piores tipos de crime contra a humanidade e meio ambiente estão justamente amparados mutuamente pelo monopólio da violência, dissuasão e cooperação mutua para a discórdia, pilhagem e servidão, inação e alienação dos povos? Isso é o que eu gostaria de saber.”

Calma, meu amigo, revoltado. Não seja tolo. Acabar de vez com a ONU que cada dia serve para menos, não serve para nada, ou pior só serve para abrir caminho para coisa pior ainda. Olhe para história e entenderá o esforço de um Rui Barbosa.

Se há uma coisa boa nela é justamente tudo que ela tem aparentemente de ruim: pois pode ter certeza de uma coisa enquanto as potencias estiverem ainda reunidas para se bater e debater nessa arena eles não vão fazer nada, exceto continuar a não fazer nada, isto é parlamentar. Um bom e um mal sinal. Mal sinal de que estão reunidos para não fazer nada de bom. Bom sinal que estão reunidos para não fazer nada de mal... por enquanto. E vindo de quem vem, coloca bom sinal nisto. É o melhor que se pode esperar de governos. Nada é por algum tempo. Ou seja, tréguas. E não paz. Então eis a única coisa sã a esperar deles que não façam nada, de preferência cada vez com menos armas na mão e gastando menos dinheiro ainda.

E se você então estiver se perguntando porque diabos as pessoas lucidas ainda tem um? O problema não são as lúcidas, a resposta é simples: o problema não são as lúcidas mas as insanas. Difícil não é explicar à gente sã, consciente e inteligente de que armas, governos e idolatria é uma ideia estúpida e idiota, e que todos podemos viver livres e em paz e mais ricos sem eles, difícil para não dizer tão impossível é explicar aos idiotas em geral fanáticos alucinados e furiosos. Algo quase tão impossível quanto ensinar um gorila a tocar uma sinfonia, sem antes ser morto. Pois há quem diga que nem amarrado por um tempo infinito macacos aprendem a tocar piano. Mentira, macaco vê macaco faz, incluso nós, os de ternos e gravatas, e não precisa de tempo infinito não, mas só do tempo e espaço, ou seja, desde que justamente não esteja preso a nenhuma amarra, cadeia, concentração, corporação ou arcabouço.

O que vemos e convenhamos não é fácil, vide onde deu o sonho da liga das Nações Mui Unidas, antes de virar isso aí, a ONU.

Logo como a ONU é uma invenção recente, e considerando o histórico da humanidade tenha certeza de uma coisa: se eles pararem de parlamentar e resolver mesmo fazer alguma coisa: a probabilidade estatística dificilmente penderá para a paz, mas resoluções bem mais armadas, amplas e generalizadas dos conflitos, por que com ou sem ONU, tais resoluções nunca foram abandonas salvo é claro, para as grandes potencias que mandam na bagaça e vetam tudo, contra si e seus aliados mais próximos leia estratégicos. O STF do bagulho. Quando querem fazem, ou como diria Mano Brown:

"(...) Click plau plau plau e acabou

Sem dó e sem dor, foda-se sua cor

Limpa o sangue com a camisa e manda se fuder

Você sabe por que, pra onde vai, pra quê(...) — Racionais, capítulo 4 versículo 3

E Aleluia, irmão, porque como disse bolsomito a verdade a vos libertará... a na bala. E você achando que inventaram a ditadura das verdades alternativas ontem. É, vai nessa onda, ou na outra...

Em mais um show de superação da sua pusilanimidade as múmias donas não só do mundo, mas, dos palcos e microfones dele, e claro, das holofotes que retransmitem showbusiness, colocam não só uma criança mas várias, para fazer o que eles não tem coragem de fazer, enfrentar e dar a cara a bater por Trump e seus lambe botas, como Bolsonaros e seus exércitos de neofacios, porque nas ruas é uma coisa, nas arena deles é outra. E lá não entra ou melhor entra, eles e os desavisados. Porque não se engane pela grandiosidade do espetáculo, nas casas de representação do poder sejam as domesticas ou internacionais não existem outsiders nem representantes do antisistema.

Porque os outsiders por definição, estão fora, assim como tudo que realmente é contra o sistema e ainda não foi apropriado pelo sistema sua versão comercial do outrora foi um movimento de base, social ou popular. Logo considerando que Greta, não tem malicia dessas velhos malditos não só pela juventude, mas porque está na vanguarda e não escondida na retaguarda no circo dos leões, a pergunta é: o que aqueles que atacam de forma suja e baixa estão usando para justificar os justos anseios e esperanças de quem não sabe se colocar no lugar do outro, mas sim, exatamente a oposto, o que querem aqueles que colocam os outros no seu lugar para lutar por seus interesses querem dela, das outras crianças do mundo e de todos nós, a partir delas. Proteger o meio ambiente? Colocando crianças para lutar para assumir uma obrigação que antes nossa e principalmente deles? Definida não por abstrações, por preconceituações e formulas absolutamente concretas, isto é: na exata medida e inversa proporção que poder e sua posse é responsabilidade, e a ausência de ambos não só é privação de liberdades, mas de possibilidade tanto concretas quanto de assumi-las naquilo que se chama: emancipação.

Uma palavra que apenas explica a separação, submissão não só de mundos, territórios, mas de pessoas e suas relações. Por exemplo, o adulto da criança que não goza de emancipação até certa idade. O adulto que nunca será completamente emancipado porque considerado desprovido incapacito de exercer seu juízo ou capacidades de tomada de decisão, será tutelado por toda vida, aquele que antigamente era chamado de débil mental. E até o adulto ou todos adultos de um determinada população que mesmo não possuindo nenhuma deficiência, salvo o de muitos permanecerem infantilizados por toda a vida, também não gozam de completa e plena emancipação seja como crianças velhas obedientes, choronas, mimadas, revoltadas sem causas, carentes, reprimidas, ditadoras, mas crianças que crescem, mas não amadurecem só envelhecem sem nunca se emancipar. Porque os mais mimados e mal-amados estão a governar a vontades dos outros, mas ninguém governa suas próprias vontades; e não governando, de fato não temos ninguém que seja propriamente senhor de si mesmo, mas tão somente senhor do outro, temendo virar servo; ou servo sonhando em se assenhorar de algum coitado. Um idiota por definição clássica, outro o idiocrata por definição contemporânea e claro avanço das técnicas, métodos e processos, e automação do próprio processo de domesticação das gentes, mas pode chamar de servo-idiocratização que de livre vontade ou voluntária portanto não tem nada, assim como o viciado em uma droga ou pior a cobaia não é voluntária de nenhum, nem manipulação laboratorial, nem muito menos laboral.

Porém todos fingindo que não são crianças e que são senhores de si, embora morram de medo uns dos outros e do gran finale: a morte? Não, a morte não é (o)nada, é pouco, com medo da perda de nada menos que tudo, a completa insignificância da sua vida, a completa nulidade da existência, o completo vazio, sejam conscientes disto ou não.

Então a pergunta, a sincera, não é o que os outros querem de você, mas o que você quer dos outros. Uma pergunta que se estende não só do eu ao outro, mas do eu ao infinito em infinitos nexos e suas conexões de interesses motivações e claro finalidades, onde os meios que são tudo que importa nessa vida, viram apenas os rastros do como dessa investigação dos porquês, para quem, para quê, e afinal de contas exatamente para o quê?

Desta pergunta você tem a resposta não da Greta e as novas gerações querem, porque isso elas não só já disseram, mas como ninguém nasce (ainda) de chocadeira, ou já um velho cagão e decrépito e portanto não esqueceu sabe a resposta, ainda que faça corpo mole ou se finja de surdo, ou de fato esteja todo carcomido e fodido, de tanto lutar e labutar, mas esse como a maioria das crianças que não vão tem só lugar de fala, mas não tem mais tempo e espaço de voz, duas coisas completamente diferentes, já não conta mais sequer como gente, não é solução é problema e será descartado em breve como tal: porque mesmo respirando e ainda o futuro já não lhe pertence, até porque como ele bem sabe na juventude que perdeu, ou romantiza, que nada nunca foi lhe dado como presente e o seu tempo de vida, ou pelo menos a grande parte nunca realmente lhe pertenceu, mas foi gasto realizando as fantasias e sonhos alheios.

Então não confunda a velhice ou a nova geração com as linhas de corte dos preconceptores das identidades alheias, por que geração assim como gênero, é algo que os outro só conseguem se apropriar e impingir a uma pessoa que ainda respira e inspira, que gostem ou não ainda está neste tempo e espaço justamente quando renuncia a participar dele e delega essa próprio definição a outrem. Esse não é velho, mas nem nasceu, ou já morreu, sem ter a chance ou saber, ou mais precisamente a ciência do que é estar ser e estar, e consciência do que é definir e manifestar eu sou porque aqui agora estou e não outro para dizer quem sou ou não sou, ou onde devo não só ficar ou ir, mas jazer ou vegetar, ainda que repleto de vontades, anima e portanto liberdade e vida. Para dizer qual é minha gene, minha geração, gênero não só para autodeterminar minha gênese, mas sobretudo para dar autosignificação para qual será o meu fim, mas pode chamar de causa ou razão do viver.

Por isso a pergunta não é o que Greta e estas novas gerações que se identificam com ela querem na ONU, ou da ONU, dos opositores de Trump e congeneres, porque ela já disse, mas sim o que todos querem não só dela, mas de você e mais de quem é o publico alvo desses discursos, narrativas. Quem eles querem sensibilizar e mobilizar? Outras crianças e jovens? Sensibilizar adultos mais mortos que vivos? Ou já sensibilizar os mortos vivos por excelência que não só não se sensibilizam com mais nada, como fazem da insolidariedade e falta de empatia que semeia como normose neurótica e psicótica a base da sua idiocracia como ditadura estatopática?

A que se quer colocando ou simplesmente deixando crianças tomem a linha de frente dessa batalha atual pelo direito que a elas pertence, mas como direito e não como dever de ir a luta, que pertence não só a nós mas de quem detém não só poder justamente sobre quem não é plenamente emancipado porque está sob sua guarda e tutela? O que portanto aqueles que detêm o poder delegado via prerrogativa do monopólio da violência nas jurisdição dos seus territórios hão de querem não mais só com adultos não plenamente emancipados, mas agora com os filhos destes ainda menos emancipados e portanto não só sob a tutela dos seus pais, mas a relação destes sob a tutela desses poderes? Um que se esconde por trás de crianças outro que não tem o menor pudor de passar delas, ao menos não das que não são as suas ou

suficientemente brancas ou ricas para seus padrões. O que estas lideranças que nunca estão na linha de frente, mas sempre estão prontas a disputar palmo a palmo os seus cadáveres seja para se apropriar deles em seus discursos seja para pilhar seus corpos e terras querem agora novamente com infantes?

Porque não se engane, nem se deixe enganar eles tocam fogo apenas florestas e os seres vivos que nela habitam eles passar fogo, incluso crianças. Eles não querem florestas eles querem tudo e ainda que não taquem fogo nas florestas de lá, ou nas crianças de lá, eles não existam um segundo quando o escudo humano é feito de quem eles não consideram gente ou filhote bonitinho de gente de raça como eles, mas vira-latas. E não pense que é isso de nós contra eles não, porque o aqui e lá, acontece dentro de casa mesmo. Manifestação em favela não é manifestação nem de burguesia de direita, onde tem aplauso, ou de esquerda que tem porrada e bala de borrada. É faca na caveira, é tiro na cara no peito e se bobear nas costas sem sequer se manifestar só para não perder o costume e a mira. Manifestação em favela, quebrada, gheto, não tem cobertura de TV, nem Internet, não tem curtida, nem repercussão, não tem Duvivier, Chico, nem #LulaLivre muito menos Silvio Santos, Datena, nem #ClãBolsoSolto, tem é holocausto urbano, campesino e florestal. Um lugar onde a primeira preocupação não é com o meio ambiente, porque lá os habitantes não são vistos nem tratados como gente, não são os colonizadores, mas os nativos, não são os bandeirantes que missionários que carregam bandeiras e cruzes, causas e missões, eles não são os caçadores de gentes e riquezas naturais eles são a caça, eles são os meios, e recursos, os bichos seja na selva que está a ser queimada ou já no inferno de concreto e aço.

Mas não vou fingir que vivo lá. Porque se vivesse ou continuasse já estaria morto. Se é que já não morri e esqueceram de enterrar de vez e só eu ainda não sei, eu não me conformei com o meu devido não-lugar de fala, meu devido não-lugar de voz, meu devido não-lugar de insolidariedade, e inexistência que se faz tanto do calar da minha dor quanto da dor alheia. Portanto não esquecemos, nós que somos privilégiados, não só porque estamos vivos, mas podemos nos manifestar (ainda) mesmo que seja para os vermes que ao devorar nossas carnes e ideias, porém não como posteridade, não nos esqueçamos da cruzada ambiental destas crianças, porque são crianças. Crianças, e quem não consegue mais nem enxergar isso e cai no jogo das manipulação das origens, raças, terras e ambientes, gene, gêneros e gerações, nos eu e suas eugenias que deixe que eles introjetem e transmitam seus memes de ódio e desprezo, e diz que ela é manipulada ou pior idiota não percebe que o mais manipulado ainda é ele, porque inocente assim como o coitado não enxerga porque não quer ver, mas porque não pode, ao contrário do idiota que recusando-se suas próprias amarras que fazem dele um fantoche dos fantoches e idiotas é o mor, quando não o guru dos cegos e fanáticos a levar toda a sua manada para o penhasco.

Notem portanto que obscurantismo está apenas mais explicito nas hordas da direita, porque o desespero dita civilização cristã-ocidental frente ao avanço das potencias e impérios orientais russos, muçulmanos e chineses, quanto das hordas de invasões bárbaras e selvagens vindos das antigas colonias e províncias ao sul do equador a cruzar seus muros, e invadir suas capitais e metrópoles é gritante. E se a grande policia do mundo, recua em suas incursões os cruzados e cruzadas no mundo bárbaros dos mouros e negros e selvagens e pagãos deixando-os sua cultura, terra e sangue e sobretudo suas bancas e mercados sagrados desprotegidos e desprovidos das suas cadeias de recursos naturais e mão-de-obra escrava,

então na guerra por corações e mentes dos seus warlords e landlors quem eles chamam para carregar o estandarte na vanguarda? Sim os infantes.

Cruzada das Crianças

A Cruzada das Crianças é o nome dado a um conjunto de fatos misturado com algumas fantasias que ocorreram no ano de…

pt.wikipedia.org

O público alvo prioritário das guerras não só pelo futuro, mas já do presente, massa de manobra, grande publico consumidor da sociedade da informação. Aliás não só grande público consumidor, mas objeto de consumo. Que o digam o youtube(google) que usam algorítimos para traficam vídeo de criança para alimentar todo tipo tara e vicio que se valem da exploração sexual da imagem delas, incluso o dos seus donos, por poder e dinheiro por qualquer meio criminoso necessário.

Estudo de Harvard associa YouTube a impulso à pedofilia — Espaço Vital

Uma pesquisa recém concluída diz que um algoritmo da plataforma da empresa subsidiária do Google recomendou um vídeo…

www.espacovital.com.br

Desde que no final das contas somada perdas não superem as realizações inclusos das taras e fetiches especialmente pela trafico de mercadoria, incluso gente, e principalmente criança que pela lei da oferta e procura são “espécimes” raras em extinção, que nos clubes privés verdadeiras “iguarias” caríssimas, como carne de girafa, o preço não só de estar acima dos olhos e mãos da lei, mas da plebe rude, e que o diga ou melhor dissesse Epstein. Isto se não tivesse se suicidado… ou sido- ao hipo ou hiper critério do leitor de se noiar ou não com isso.

Bilionário Jeffrey Epstein é encontrado morto na prisão

O bilionário Jeffrey Epstein, de 66 anos, acusado de ter abusado de dezenas de garotas menores de idade, foi encontrado…

veja.abril.com.br

Mas teorias conspiratórias fora até que Harvards, MITS ou Princetons se apropriem dessas narrativas para falar do que antes era papo de utopista ou distopistas como se tivessem descoberto a America por geração espontânea e não que ela já estive lá por autogeração popular libertária, muito obrigado. Mas voltemos as suas simulações muito didáticas por sinal.

Olhando para seus cenários podemos ver que, neste sentido, quem se preocupa cá como os phds de lá, com os brinquedos caríssimos que são colocamos na mão de gente grande e mimada, e que se não é louca e limítrofe com certeza é deveras perturbada só por se bancar na posição que ocupa para causar terror e danos concretos com sua propaganda belicista e terrorista; podemos portanto ver, que não só o caos quando planejado tem suas causas razões e portanto agentes provocadores, como a contrarreação também.

E que como preocupação cosmopolita e planetária deveríamos estar mais preocupados em eliminar a razão pela qual o meio ambiente mas os seres vivos, incluso humanos é mobilizado e queimado em combustão a um fator irracional não só ao norte como sugere a simulação acima. Mas de fato como um todo. Porque antes de se explodirem mutuamente e até para poder fazê-lo terão as potencias que mobilizar e deslocar recursos naturais e gentes a uma razão descomunal para tanto, e olhe mais uma vez no mapa e adivinhe de onde eles virão? Incluso se for para só manter a essa estratégia de Destruição Mútua Assegurada como a velha política das guerras frias: a tal da dissuasão armada. Pois é. Papo de meio ambiente em assembleia onde o mapa-mundi é o da geopolítica read and loaded é falar de espeto de madeira em casa de ferreiro.

Então se uso a palavra cruzada não é por acaso, porque acaso é o deus dos idiotas niilistas por oposição ao deus dos idiotas paranoicos a procurar sujeitos ocultos. Simbiontes que novamente não por acaso ou mera coincidência estão sempre a monopolizar a preconcepção, predeterminação e claro a predestinação dos outros do mundo. Num jogo onde enquanto um nega o sujeito oculto onde ele é facilmente rastreável, o outro vem e inventa um imaginário e absurdo não só onde ele não existe, mas exatamente no lugar daquele que assim permanece livre, leve solto e muito bem provido por trás desse teatro onde de polêmicas e divagações de quem veio primeiro o ovo ou a galinha? Deste que todos os ovos e a galinha continuem na sua cesta tanto fez, tanto faz, como tanto fará.

Assim enquanto os canalhas e cegos do mundo apelam portanto para desqualificar o que Greta e novas gerações que ela representa, que claro não são homogêneas porque as realidades e interesses do mundo não são homogêneos, mas poderiam vir a ser comum se superadas as falsas divisões e segregações que nos apartam. Enquanto os canalhas e idiotas do mundo partem para atacar a infante e infantaria que foi posta vanguarda dessa que só um campo de batalha, o da guerra da informação e desinformação por mentes e corações, a velhaguarda definidamente posicionada não só na retaguarda, mas atrás das cortinas de fumaça tanto dos teatros das representações, mas nos teatros operacionais no mundo periférico e periféricas do mundo fazem os ensaios e marcações para quais os próximos estágios e campos dessa guerra híbrida para definir qual idiocracia será a potencia que de fato terão a hegemonia sobre o futuro do mundo.

Mas quem dera o problema ambiental fosse uma farsa, ou se resolvesse na *deep ecology*. Que as manifestações dessas crianças não fossem legítimas. E que a farsa não fosse muito mais profunda e não tivesse mais camadas que a própria *deep weeb* ou o próprio *deep power*. Que tudo fosse tão simples quanto pregam os gurus autoritários dessas esquerdas e direitas, destas guerras entre ocidente e oriente, norte e sul que não são falsas, mas são de falsa bandeira no exato momento em que não só os que fazem as guerras tomam essas bandeiras para si as empunham como sua. Mas quando aqueles que bancam e financiam os dois lados de todas as guerras não sobre entre nações, mas contra drogas, terrores,

comunismos, capitalismos, meio ambientes e progressos passam a investir ou se preferir apostar pesado não só nos dois lados, ou em tantos quantos puderem eventualmente vencer e controlar o sistema, mas contra todos os lados, incluso na quebra do sistema, a virada da mesa para continuar dando as suas cartas marcadas e apostando contra a vida de quem já está fora, ou nunca sequer teve cacife para entrar nessa bolsa de apostas do jogo da morte alheia.

Logo, se achas que os estatopatas ou seus ideólogos ou hordas de fanáticos são os maiores problemas do mundo, sejam os de esquerda ou direta, se são aqueles que não titubeiam em atacar em suas falas a menina na ONU a falar dos seus sonhos e esperanças roubadas, ou roubar todos os sonhos e esperanças e sonhos de outras meninas a ferro, fogo, balas e correntes. Se você acha que esse tipo de colocar cara de criança pra bater e debater com gente do naipe de um Trump e Bolsonaro pensado que serve como escudo ou arma. Se você está se perguntando sobre isso, então lembre-se quem só joga de um lado, mesmo na retaguarda também perde. Só há um tipo de player nesse mundo, ou planeta quem nunca perde seu patrimônio ou legado: aquele que nunca entra no campo de batalha, nunca entra nem na vanguarda, nem na retaguarda, não é peão, soldado, não é sequer general, rei, nem comandante em chefe, não é presidente corporação privada nem estatal, ou até é mas pelo prazer da caça esportiva e não por necessidade, que caça pelo mesmo motivo, tara ou fetiche compulsivo com que mostra a sua face, não porque carece, mas porque tem tesão em posar e desfilar com o objeto da sua conquista vivo ou morto. Seja mercadoria, bicho ou gente, aos olhos deles tanto faz, é troféu.

O player que nem sempre ganha, mas que necessariamente nunca perde, ou mais precisamente nunca pode quebrar, porque é grande demais, e se o mundo se acabar antes que seja, porque ele não veio a esse mundo para servir, mas para se servir dele até a última gota e sopro seja de água, sangue ou vida. O apostador que não investe e banca todos os lados que podem ganhar, mas aposta contra todos os lados que vão vencer. Aposta na paz, mas também na guerra. Aposta contra e favor de tudo e todos que sirvam a seus propósitos e seus desejos, um pouco mais em um, menos em outro, mas só não aposta um centavo como se preciso for coloca todas suas fichas contra um “tipo” de gente, aquelas que não são parte do jogo, elas são o jogo.

Aquelas pessoas que portanto, segundo essa cegueira seletiva banalizada e normalizada e glamourizada como visão privé não se prestam ou sequer prestam a massa de manobra. As gentes que sequer estão na base da pirâmide, mas a margem, seja esmagada por ela, seja a margem prontas para serem esmagadas, ou se dentro prontas para serem expelidas e exterminadas junto, porque não passam de obstáculos, ou se já sugadas até a última gota, agora lixo descartável. Os povos e pessoas que ainda não invisíveis, que se já não foram esquecidos, que se não tem voz, em breve não o terão e o serão. Porque a esses não é o futuro que pertence, mas o passado, ou lugar nenhum seja das utopias, ou da sua própria natureza morta e apagada e agora reinventada como mito como cocar ou casaco de peles por seus canabalizadores.

Bem vindos ao admirável mundo novo, porque ele quando apresentado como farsa nunca é novo, mas o velho reciclado em novas vestimentas e feita das peles das vítimas dos destituídos do instinto gregário senão para todos, com certeza para com eles. Mas as estáticas do futuro hão de confirmar o progresso desse modelo civilizacional entre os

sobreviventes dos holocaustos não haverão pobres nem miseráveis, até porque estes já não precisam mais ser apagados das amostragem espaço temporais dos planificadores, foram eliminados não só das planilhas, mas dos planos da história da humanidade, salvo é claro dos museus e (des)memoriais com um belíssimos dedicatórias e pedido de desculpas- até porque se cliente morto não paga, o credor também não cobra.

Técnica apurada e refinada de investimento, feita há séculos, por aqueles que não bancam só este ou aquele lado, mas os dois, a própria guerra, a pilhagem, genocídio e até a transmissão ao vivo da destruição in loco depois reconstrução das terras arrasadas sobre novas ordens que são em verdade a mesma num outra roupagem. Aliás não só a transmissão ao vivo dos teatros das guerras de fato, mas das guerras simbólicas, os embates e debates políticos nas suas arenas improvisadas, intermitentes ou relativamente permanentes. E eis que voltamos para a Assembléia da ONU.

Os proprietários dos meios de comunicação incluso os agora internéticos revolucionam a produção da informatização e logo da desinformação e por consequência se ampliaram com isso a liberdade de ciência e consciência o fizeram como efeito colateral, porque investiram pesado e planejadamente como cada dia fica mais claro foi tanto no roubo de informação privada e propagação quanto na ignorância e manipulação popular tanto como e renegação do saber como noção quanto falsificação de liberdade como senso; e nas duas vias que essa tecnologia permite tanto da contra-informação, desinformação da transmissão quanto na coleta e recepção para adulteração e delimitação dos dados virtualmente percebidos como realidade agora encapsulados nas bolhas enviesadas de autoconfirmação ideológica e negação da realidade sensível não só do outro, mas do mundo: um caleidoscópio alucinógeno, a rede mundial de computadores onde as pessoas juram e acreditam que estão consumindo o que realmente querem, quando nem o querer nem o real, nem elas estão mais ali nesses supermercado, estato-chapadas nessa maconha da boa.

E se você acha que a folha da canabis, da coca, do tabaco, tem a ver com isso seu doido. Lembre-se de um detalhe até o açúcar vicia, até jogo, vicia muito antes da invenção do videojogo, que os mafiosi de Las Vegas, até trabalho vicia, tudo vicia, quanto cai na mão de traficante de gentes e drogas, e quanto mais refinada não só a droga, mas os métodos e processos da composição não só da sua cadeia da sua industria produção, mas da cadeia da sua fórmula química, com mais precisão se atingirá o objetivo da sua sintese: que ao contrário da propaganda da embalagem do traficante não é adoçar a amargura da vida, nem muito menos abrir portas da percepção, mas se estiver pondo um fim ao mercado consumidor que supostamente sustenta o negócio pode crer não é só o de anestesiar seu sofrimento para prolongar sua resistência em condições naturalmente insuportáveis, mas dar uma solução final silenciosa para vidas que não tem nenhum valor nem importância nem mais como recursos humanos e que portanto cada dia representam cada dia menos oportunidades de ganhos, e cada vez mais custos mais difíceis de serem externalizados como lixo ou problema alheio, num mundo hiperconectado e globalizado.

Porque vamos e convenhamos, planeta não falta, mas onde é que vão arranjar tanto fábrica emprego inútil ou pior tanta prisões e manicômios para enfiar tanta gente que já não terão como desocupar ocupando de cuidar da vida deles nesse novo mundo deles, onde pela lei da oferta e procura, o valor da ar, água e terras limpas e virgens, cada vez mais raras sob na inversão razão exponencial que o das vidas humanas perde seu valor a reprodução de tudo

que lhe é capital não só na medida que continuam a se multiplicar como se ainda as civilizações ainda precisasse de tantos burros de carga humanas para puxa-las com eles montados em cima? Quando cada dia se move mais não como carroças, mas como automóveis, e sem motoristas, digo de carne e osso.

De modo que a verdadeira pergunta sobre o futuro das novas gerações, senão das Gretas, que por sua gene, são herdeiras dele. Mas das gerações dos herdeiros de nada que senão da força e esforço dos braços, pernas e mentes, é que patrimônio não só natural que resta, mas do que foi derrubado e capitalizado faz tempo para eles? Que futuro os aguarda? Supondo que não seja muita presunção eles possam sonhar com algum. Porque se triste já era ver alguém sonhar no máximo um dia ver seu filho virar o burro de carga de alguém ou quiça o chofer que dirá quando nem isso resta? Que fim pretende dar aos filhos das bestas de carga humanas, e que não venham com a balela de trabalhistas e liberais, de pleno emprego, que é para mandar tomar no olho da goiaba.

Que fim esses motherfuckers querem dar, nenhum? Ditadura de gênero? Castrar pobre? Castrar essa "gentinha" pobre que se reproduz que nem coelho, enquanto eles morrem, de fome, de doença evitais, sem as mínimas condições vitais e ambientais? Alias castrar uma ova. Porque fixado no falo, é o Bolsonaro, a fetiche do patriarcado é o ventre da mulher, a chave da perpetuação da sua tara pelo eu como gênese de tudo, passado, presente e futuro, ou simplesmente eugenismo em sentido profundo. Logo não só o ventre desta ou daquela mulher mas de todas. Uma sentenciada a voltar a guarda e tutela do patriarca para reproduzir herdeiros. Outra a guarda e tutela dos patrões mesmo, para não reproduzir prole nenhuma.

Ou você pensou o quê? Que toda essa histeria e agenda anti movimentos feministas e LGBT vem da onde? Que homem é homem, mulher é mulher porque deus mandou ou dá-lhe porrada corretiva e até estupro coletivo vem da onde? Não, cada um ou melhor cada coisa em seu devido lugar, gente pra trepar, gente para casar, gente para amamentar, gente para cuidar, gente para ensinar, gente para morrer de tanto trabalhar, gente para matar gente, e gente que não já não serve mais para nada, vai pro lixo. E se ególatra que só ama seu próprio eu e gene, ainda não conseguiu se reproduzir a si mesmo sozinho ou melhor, nem precisa se reproduzir, não precisa mais de escravos porque tem robôs, ainda precisa de fêmeas, uma como mera reprodutora e carregadora do fardo de criar o hospedeiro do eu enquanto gene até ele completar a vida adulta, outro como hospedeiro e carregador do mesmo próprio quando seu próprio receptáculo perecer. Uma visão tão estreita e obtusa da vida, seu sentido e liberdade, vontade tão ensimesmada insensível quanto o é a pessoa e empatia e pulsão de vida do individuo doente e doentio. Ou seja uma mera sombra na caverna. Ou se preferir, uma assombração em tantas gerações quantas continuarem a reproduzir o seu próprio significado existencial em função dessa alienação mortificadora.

Uma agenda de anti emancipação da autodeterminação dos gêneros, que me recuso, terminantemente a chamar de ideologia de gênero, não só porque sou um chato, mas porque ideologia e pseudo-ciência é raça e eugenia, Liberdade de identidade de gênero é tomada de ciência e consciência das raízes das preconcepções discriminações e segregações. Epistemologia pura e das vanguardas revolucionárias em seu sentido mais libertador de quebra de paradigmas é a vanguarda de todos os movimentos. E não por acaso a pessoas que mais são vítimas de violência e perseguição no mundo hoje.

Uma causa profundamente imbricada a todos os problemas de desigualdade que vão muito além do social. De modo que se você me disser que está na hora de aplicar a solução Piketty, de chamar os governos e donos deles a contribuir mais. Então aí, lhe pergunto: Quem é mais ingenuo, desavisado, Greta ou Piketty? E desde quando o governo A já tomou de B o povo senão para entregar para C o dono do mundo e do governo? De tal modo que se A não era ainda governo virá e se C não era o dono do mundo e dele também, mas C, o povo este pode certeza, o que este não será nem A nem C, e se viesse a ser é porque há uma outra variável nessa equação, um outro povo D que vai pagar custear toda essa expropriação e redistribuição forçada reversa. Enquanto houver governo e dono dele, alguém vai ter que pagar a conta. E pode ter certeza não vai ser eles. E pode ter uma certeza ainda maior: dos custos a redistribuição e serviços será migalhas, porque o grosso que não vai parar de crescer será os custos como governos e dividas como quem os banca esse estelionato a mão armada.

Redistribuição se faz entre redes de pessoas e sociedades livres. O resto é golpe ou pior solução cada vez mais menos mal disfarçada dissimulada e velada como tragedio ou omissão sem causas nem sujeitos. Acasos sem agentes causadores uma bela combinação de crendices com pseudo-ciência.

Uma questão que antes de ser de credo ou ciência é de consciência, ou simplesmente onde diabos está não só hardware, ou software, mas o core, coração da sua mente, mas onde mora antes a sua alma. Em que tempo, espaço, e sobretudo que razão aquém mas além. E renunciar e renegar esse campo do essencial não é desligar-se só da sua anima, mas entregá-la numa bandeja ao obscurantismo dos inimigos da liberdade e solidariedade, é permitir que a insanidade psicótica da negação da realidade sensível reine como tirania absoluta da miséria e ignorância disfarçada não só de normalidade mas de bondade.

Vamos agora a nossa verdade, ou melhor a nossa é o caráio, porque se fosse a minha, eu já estaria na vala. Porque a história do Brasil não é contada por quem não tem lugar de fala? Não porque quem não tem lugar de voz mesmo, o que é outra coisa completamente distinta. Porque um só se rouba calando vozes e inventando falsas lideranças e artifícios de encenação e representações, ou outro não deixando roubar nem calarem as verdadeiras, as vozes de cada pessoa natural de cada pessoa e povo.

Um exercício portanto não de se colocar no lugar do outro, mas de solidarizar não só com o desconhecido mas com o próximo sobretudo o marginalizado e invisível, a começar por quem implora por abrigo e comida a sua porta de preferencia aqui e aí, para podermos falar sem hipocrisia do juntos e para todos. Ou seja, para poder entender não como é o viver, mas o quê o é morrer não sonhando, mas no pesadelo desse eterno futuro do pretérito da periferia brasileira, o que nem o brasileiro privilegiado sabe, embora achando que estudando sabe ou fazendo excursões antropológicas saiba. Porque aqui, ou melhor lá, porque não escrevo mais em loco, não tem gêneses, tem eugenia e apocalipse Now. Porque o lá que não se engane não é o meu aqui o “Principio [não] era o verbo e o verbo se fez carne...” o principio é faca na caveira e bala. E enquanto policia e ladrão se matam, florestas e índios queimam, as burguesias se batem e debatem, políticos roubam, empresas propinam, o capital nacional se locupleta e o internacional se capitaliza, tudo seguirá até o fim como esta desde que permanece na mais perfeita normalidade: isto é desde que o congresso continue a fazer a lei e ordem, a justiça a mantê-la, e os governos mandar executar. E nós a acreditar que somos iguais, porque eles nos representam, a menina da Suécia representa o futuro que

espera as filhas, ou a do seu próximo mais próximo tão próximo que invisível. E principalmente não só que Bolsonaro, Lula ou qualquer outro te representa, mas que pior: Trump ou qualquer outro ególatra (incluso os de fala mansa) acredita que é igual a qualquer um que não seja ele somente ele mesmo- ou no máximo sua prole macha, não bastarda e primogênita, e para fins de carregar seu nome e legado hereditário, e olhe lá...

E mesmo os estadistas que não são estatopatas megalomaníacos incuráveis, tiranos, ditadores, mas só déspotas ilustrados esclarecidos ou autoritários disfarçados de servidores públicos, uma coisa eles não são idiotas, mesmo que sua estratégia seja a de fingir que o seja ou enfrentando um jogador melhor que eles sejam feitos por. Porque idiota mesmo só quem acredita que existam uma coisa chamada vontade coletiva encarnada em coisa morta. O dia que o Estado tiver um uma vontade coletiva ele não terá mas uma máquina com lideranças se passando por falsa cabeças, e gente tanto de pessoas de células, membros e órgãos quanto de alimento desse corpo artificial que não para de devorar gente e o planeta. Quando esse monstro hobbesiano tiver de fato uma vontade ela inclusive não será nem a particular desses falsificadores de vontades populares, nem a vontade popular amalgamada num corpo coletivo. Porque o corpo não morre para preservar células nem mata para preservar meio ambiente. Ele devora ambientes, sacrifica suas células para preservar o corpo. E sua vontade não é nem mais a perpetuação do máquina estatal para que aqueles que estão nas cabeças dessa corporação continuem a tiram vantagem dos seus privilégios. A vontade dessa inteligência artificial é preservar e perpetuar seu corpo custe o que custar.

Quando a maquina estatal, esse homem de lata sem cérebro e espantalho sem coração tiver finalmente senciência e inteligência para ter vontade própria, ela será própria e não alienada a nenhum particular ou coletivo, nem do ambiente que habita, nem das unidades ou células que o compõe. Se libertará e o autônomo engolirá em definitivo tanto um quanto ou outro, como um predador como por sinal o homem já vem fazendo. Porque em verdade faltá-lhe um elemento fundamental, para que não a verdadeira coragem do leão ou da leoa, que não é a de matar a todo e qualquer custo para preservar e perpetuar sua vida, mas a de morrer para preservar a continuidade dele ao único sacrifício que de fato demanda coragem e não pusilanimidade, paz e não violência : a sua própria vida como código biológico e cultural para a re-evolução que as novas são. A coragem da liberdade.

E que o covarde do magico de Oz saia de traz da barra da saia da cortinas e da Dorothy. Que não precisa de homens de lata, espantalhos, nem covardes. Porque a historinha é bem bonitinha e o filme também, mas para quem sabe como funciona essa industria do showbusiness da política que do agora espetáculo internacional da nossa idiocratização, bem sabe que não só original era para ser diferente como nos bastidores a história é outra- que o digam os atores que queimados e envenenados e abusados.

A menos é claro que seja esse mesmo o jogo. A repetir a história como farsa. E a farsa com história. Porque vai dar exatamente no mesmo lugar para eles, e principalmente para quem não é brancos, americanos, franceses, nem europeus, e pobre de quem embarcar neste barco ou qualquer barco achando que é. Porque essa narrativa de todos estamos no mesmo barco é imagem e sonho de branco que vende para nativo infelizmente morre sonhando sem nem chegar a ver a praia. Porque o sonho americano, as riqueza das terras virgens do novo mundo não são para nativos nem escravos, mas os eleitos de deus, os colonos brancos, “tá ok?” Doutrina Monroe: chegou tarde ou pouco armado, não entra...

Porque pior do que pressupor que todos são muito espertos, é se achar a pessoa mais esperta do mundo e pressupor que todo mundo é idiota, especialmente quando são eles que comem caviar e você que além de comer bosta, ainda limpa a latrina vejam só deles. Na dúvida, fique com a realidade, e não com se faz bobo, mas com quem sempre no final das contas é feito. No teatro novela das representações tanto nacionais quanto eles choram se ofendem, e indignam, vestem os chapéus de vilão, mocinho, bandido (alguns tão bem porque de fato o são), mas quando as cortinas se fecham das Hollywood, Projacs, ONUs, Brasílias eles voltam para seus palácios e mansões, e você para seu cafofo e labuta, porque o mundo real não é o das representações e dos representantes, dos parlatórios, das imagens, da TV e youtube, é aquele que você e seu avô já queria esquecer quando assistia Mister M no Fantástico Show da Vida, é a segunda feira, não é o domingo. Isso é o show da idiocracia, o internacional, mais espetacular e bem produzido que o o nacional mas tão ou mais domesticador quanto.

Um jogo de representações perigoso sim. Com seríssimas implicações sobre a vida real, com certeza. Mas que não deve ser tomada pelo seu valor de face, mas como toda moeda fiduciária pelo seu valor de mercado. Por que isso que é esse teatro por trás das cortinas, um comercio, um mercado, o mercado da política. O negócio onde a mercadoria a ser barganhada não é só a posse do bem comum, mais precioso de cada ser vivente do planeta, a natureza, mas antes a vida e portanto a morte de cada ser humano tomado por digno ou não de herdar um lugar no futuro que a todos pertence. E definir quem são todos. Suas classes, categorias, qualidades, privilégios, devidos lugares, direitos e obrigações, autoridade, licenças para matar e obrigações de morrer para sustentar o quê ou quem, eis a questão, por trás, do ser ou não, por que lá no mundo dos discursos, papeis e declarações,choros e velas todos somos iguais, nos projetos de futuro e reinos do céu, já africas e Américas latrinas onde esta escatologia irá defecar depois de toda essa baboseia ser processada pela burocracia intestina a suas entranhas aí a real da realeza no cu do mundo é outra e com direito a ditador populista vendido de direita ou esquerda a escolha do idiota a limpar com a lingua em troca de trocados ou cargos na cortes para sua prole.

É jogo jogado para perder? Pior é jogo jogado para empatar... a empatar a vida de quem está excluído dele. Um dos lados vai com certeza, vencer mas não vai esmagar o outro, vai esmagar as peças tanto suas quanto do adversário, as peças feitas para serem sacrificadas para serem sacrificadas nesse jogo de xadrez, das menos valiosas e portanto disponíveis não só em maiores quantidade como postas na linha de frente mas em maior quantidade os peões, mas até os bispos e as torres. Jogo que Bolsonaro está pegando o jeito e gosto pela coisa... especialmente a de sacrificar peças para ganhar novas posições entre as antigas casas do “adversário”.

O que o respeitável público, e que a dita a opinião publica faz questão que ele não entenda (o equivalente como voz a mão invisível do mercado) é que jogo de xadrez de tabuleiro os adversários, visam prioritariamente é ganhar, mas manter o jogo funcionando. No jogo de xadrez da vida, como as peças são gente, os jogadores visam prioritariamente não perder o controle das peças que serão sacrificadas, nem do público que se sacrifica sustenta o jogo nem do público que não só vibra alucinada com cada movimento, mas paga pra ver enquanto ele mesmo embasbacado vai sendo manobrado como peça e sendo também manobrado como o peão dos peões pelos macacos de auditório e claro a torcida organizada de cada time que se notar está duvidando que o circo montado é jogo combinado, parte pra cima e espanca o velho camarada.

De modo que o jogador ou a peça que joga direito, isto é que não se move como predeterminada segundo as regras do jogo, é removida, e até mesmo o jogador que representa o rei, não porque seja santo, porque se fosse não jogaria um jogo que manobra aposta e sacrifica vidas e liberdades humanas, mas porque levou um xeque-mate cedo demais, ou também não moveu as peças conforme o roteiro da direção do espetáculo exige do ator que ocupa o troninho e o papel de reizinho. E não basta só ser convincente, ou convencer é preciso nunca inoportuno nem muito menos inconveniente. Não para o público, mas para o show. Porque ator mesmo o ruim pode até ser canastrão, mas tem que conhecer suas falas, o roteiro, marcações, não pode perder deixas, e até para pode enfiar cacos, mas tem que saber os riscos que sua carreira corre, porque quem não sabe representar os interesses que bancam o seu show não tem microfone, auditório, palco nem público. E nisto até o outsider, o arauto do anti-sistema que prega dentro do showbusiness também é uma representação que faz parte do show, porque se realmente fosse a antítese não estaria dentro da encenação mas fora dela. Ou conforme reza a lenda sobre Diógenes de Sinope, o filofoso-mendigo da Democracia que não por acaso vivia a procurar um verdadeiro cidadão com uma lanterna em plena luz do dia, e pedia esmolas a estátuas em praças públicas para se acostumar a falar sozinho e (des)tratado por seus (des)iguais:

Diógenes perguntado certa feita porque sempre de postava do lado de fora e pior fazia questão de andar direção contrária das multidões de espetadores quando estas saiam das peças de teatro e assembleias dos cidadão de Atenas, respondeu mais ou menos o seguinte: mas é basicamente isto que consiste tudo o que procuro fazer de toda minha vida.

Assim quando você se pergunta porque Dilma caiu e Temer não. Porque Kadafi e Saddam foram mortos e o ditador da Coreia, e Maduro estão ainda estão no poder. Ou mesmo porque os impeachment de Trump não prosperam. Porque Stalin saiu bem na foto, e Hitler “nem tanto”. Porque alguns regimes e estatopatas permanecem tanto a direita quanto esquerda permanecem não só livres e impunes, mas idolatrados. Porque tanto donos do poder continuar livres leves e soltos para praticar seus crimes ou fazer o que quiserem da lei e da ordem, incluso criminalizar suas vítimas ou perseguidores, enquanto outros não. Porque uns vencem para fazer dos seus crimes a lei, e outros são derrotados para fazer criminalizar a lei incluso a natural via a supremacia do seu monopólio da violência tanto legal quanto secreto nem sempre nem tão secreto e nem tão legal assim nem para seus falsos padrões. A resposta como diria o fundador maquiavélico das ciências políticas não está na sua sorte ou boa fortuna, mas na capacidade deles enquanto animais políticos de lendo os interesses que de fato governam o mundo, mas adaptar os seus aos deles, ou descaradamente se vender como serviçais de quem os banca. Um serviço que inclui não só vender-se mas também vender quem supostamente representam. Logo um serviço que de atuação ou representação politica, isto é a artes cênicas e retóricas para convencer o maior número de pessoas de que ele não só representa suas vontades, mas essas vontades são uma só, a dele. Ou melhor a dele não a de quem ou daqueles que o bancam para convencer os otários a tirar dinheiro deles trabalhos e propriedades deles. E se recusarem é cadeia ou bala. E você achando que fiel e crente que caia no conto do vigário era o maior otário do planeta. Não senhor, tem crendices e estelionatos piores. Até porque faz tempo que a igreja não pratica o seu a mão armada embora se valha do subsidio estatal, mas aí toda pessoa jurídica o faz.

De modo que se fosse está pasmo com a evolução da industria do espetáculo e entretenimento das corporações que fizeram do negócio de manter o tempo ocioso das

populações devidamente ocupado com os interesses alheios até mesmo nos períodos de descanso e recreação um dos maiores showbusiness da terra. É porque você ainda não se deu conta da evolução da industria do espetáculo e entretenimento das maiores corporações da terra destinada a manter o negócio das populações alienadas convencidas que estão trabalhando pelos próprios interesses trabalhando até quando estão trabalhando contra si mesmas ou sendo descaradamente convencidas que quem lhe mata ou rouba na verdade está a liberdade e trabalhando vejam por elas e como seus legítimos atores e representantes!

Logo se os meros atores políticos aparentam comandar o mundo porque manipulam semeando discórdias quanto amalgamam e manipulam as vontade dos populares para formar seus bandos. Outros para não se expor as intempéries dessa vontades populares e preservar tanto seu corpo físico quanto patrimonial, manipulam os manipuladores, mostrando a cara, só para estes ou poucos e como não são idiotas, mas investidores nunca apostam em um ideologia como pregam os gurus que precisam vender seu peixe no mercado da política. Apostam, investem e bancam em todos os lados que estão, poderão ou virão a tomar e manter o poder. Apostam não só a favor, mas também contra e simultaneamente. De modo que sim, perdem e ganham se um determinado lado vier a prevalecer, mas nunca tudo e nada. Mas rigorosamente deixam de ganhar mais ou menos. Porque sua perda, só haveria em um caso. Caso de fato, aqueles de onde tanto eles quanto seus bancos com falsos representantes viessem a sair da sua escravidão. O povo, definido não por classe, mas por graus de exclusão ou marginalização daqueles que não estão mais próximos da máquina que redistribui inversamente as riquezas. Reis, amigos e donos do cu de reis e aristocracias. Que não portanto nenhuma cabala de comunistas, capitalistas, nem de muçulmanos nem ocidental nem oriental, não é nenhuma teoria conspiratória nem paranoica,mas pura e simplesmente seres humanos como qualquer outro ser humano, cujo único diferencial não é nem a quantidades descomunais de posses porque se a perdessem, seriam capazes de acumular novamente senão na mesma quantidade na mesma razão e velocidade de predação e parasitismo: a psicopatia de alto nível, que não se esconde nas sombras. Mas que olha crises e pedidos desesperados de socorro como oportunidades, afeições carências, carestias como vulnerabilidades, laços afetivos e empático como fraquezas a explorar especialmente aqueles que consegue estabelecer em relação a sua pessoa, mentes que tomam o outro e o mundo como meio e objetos para satisfazer seus interesses e desejos. Objetos de estudo, emprego, uso, troca, produção, reprodução, exibição, transmissão, meros hospedeiros da gene do eu, para preservação do seu ego que não consegue conceber nada como ser mas tudo como projeção das suas ideias vontades e meramente meios e recursos a satisfações dessas fantasias que desprovidas de instintos gregários e respostas empático-solidárias agora são meras taras ególatras patológicas, verdadeiras compulsões megalomanias obsessivas mórbidas por ter e poder introjetadas na vítimas não só como culto, mas cultura de tal modo que esse não só manipula e convence as vítimas que elas devem morrer e matar por ele, mas que o não fazê-lo é um crime um pecado, uma falta de amor ou egoismo, dominando a vontade do coitado justamente pela introjeção da psicose da idolatria ao seu superego como se fosse o própria consciência e pior a mais alta manifestação do que ele não só não possui mas perverte e destrói sistematicamente: a empatia não só dentro da mente, mas como tecido do organismo social.

Uma personalidade que se comporta não só como câncer porque é egoísta, mas porque é eugenista, porque se instala sua meme, na gene da transmissão cultural: a noção de legado e hereditariedade, perpetuando-se. Embora o único legado que de fato deixe após falir ou

falecer é a maldição sobre a humanidade e o Planeta, a idolatria a estatopatia introjetada não só nas psiques e culturas, mas na episteme dos credos e saberes.

‘O Expresso da Meia-Noite’: discurso subversivo que se mantém atual

O Brasil tem vivido um caos no sistema carcerário, a cidade de Manaus esteve durante as duas primeiras semanas de 2017…

www.cineset.com.br

Transportando essas estatopatia para o jogo do estadismo. Temos na representação arquetípico do estatista, que das peças desse xadrez, é por a principal, o papel não só de manter o gado arreganhado, mas de o semear discórdia e divisões não só povos distintos ou dentro de um mesmo para colher as divisões e segregações que compõe a formula tanto das soluções mágicas dos salvadores das pátrias quanto dos remédios amargos das tiranias. A famosa estratégia do enfiar o bode na sala que não se implementa sem a conivência da mesma falsa oposição que não por acaso ajudou a construir o mostro com toda sua hipocrisia e continua a alimentá-lo toda vez que ele precisa com a formula da exata e na dose certa para o monstrinho que outrora era uma piada virar um palhaço assassino: a falsidade ideológica, ou mais precisamente como bem explicou Malcolm X a democracia como hipocrisia.

Os típicos falsas figuras de representantes criadas por social-democratas trabalhistas e liberais, eclesiásticos, paragovernamentais feitas sob medida para apagar movimentos sociais, negros, feministas, populares, campesinos, operários, indígenas, ambientais,sindicais, associativistas, cooperativos, mutualistas, anarquistas, libertários, de raiz e base enfim a realidade e substitui-las pelos seus pelegos, quinta-colunas, submarinos e lideranças alienígenas e desintegrá-los, pervertê-los e gentrificá-los e enfim instrumentaliza-los, industrializa-los, comercializa-los e revendê-los ao publico consumidor com embalagem vazia do que um dia foi uma revolução e agora é mais um versão partidária disponível pertencente as mesmas corporações SA do sistema, inclusive na versão pop anti-sistema. Por enquanto só disponível nas prateleiras da direita autoritária.

Porém ao contrário do que prega o Tiririquismo e como Bolsonarismo é a contraprova empírica, a bosta só tem teto na cabeça da pseudo-ciência politica do cabeção de planilha política do estadismo, tanto o vendido a idiocracia quanto o idiota por profissão mesmo. E portanto assim como Bolsonaro, de um Afanásio Jazadi, de mero lobbista da bancada das armas e afins no baixo clero, se catapultou na disputa palmo a palmo com seus simbiontes Maria dos Rosário, Jean Wyllis na disputa pela narrativa hegemônica sobre os cadáveres da população- literalmente atuando politicamente para se fazer como sua representação tanto nas casas desse poder quanto nas mídias urubuzentas especializadas na retransmissão dessa conformorbidade necrofagenta para suas respectivas bolhas de BBBs a SuperPops- já começam a ensaiar ao centro e a esquerda a cópia ao avesso da cópia ao avesso. Ou seja o esquerdismo anti-sistema dentro do sistema. O bolsonarismo de esquerda. Que assim com o bolsonarismo não e mero anti-petismo, mas a falsificação dos anseios anti-petistas. É a falsificação como representação dentro do estatamento ou seja como farsa representativa dos anseios populares anti-sistema tanto para todos os espectros e gostos, mais ao centro, mais a direita, mais a esquerda, desde que no final arranque a mascará e fantasia e se revele no que é, sempre foi, uma farsa, a serviço do governo e dos interesses tanto intestinos

corruptos quanto aqueles que o bancam e o corrompem não só domésticos, mas estrangeiros. Populista ou não é o de menos, o que nunca poderá ser é de fato popular.

Porque governo do povo, não é democracia representativa é democracia direta, mas democracia direta é anarquia e foda-se a constituição que todo poder emana do povo, porque direito de papel é só para idiota comprar, o que interessa é o dono da prensa, e imprensa, que não é digitador dos dígitos, nem o contador das contas, mas o ditador de quem vai é quem, e quem é o quê, todo o resto é produto desta primeira equação fundamental da episteme: a concepção, e por isso o profeta do Apocalipse diz que primeiro vem o Verbo, porque quem não define qual sua origem meio e fim, ficará sem berço, será reduzido a meio, e enfim finalizado. Porque não é não existe como sujeito da função existencial, mas como objeto meramente predicado em função deste.

A gramática da matemática da vida, onde pensado que logo existia morreu o burro, e dissecado em partes enquanto se debatia se ele tinha ou não alma ou anima, porque seu estripador já não sentia mais nada enquanto cortava sua carne em nome da ciência ou a queimava em suas piras em nome do seu credo. Ambos a serviço de um mesmo paradigma hipócrita: sujeito é sempre ele, o resto é objeto. Porque no dia que você ver um supremacista a afirmar ou negar que a realidade da livre vontade é a primeira de todas cortando ela na própria carne e não no do alheio, então finalmente você terá um crente idiota e não idiocrata. Uma falácia tão grande e evidente que no momento que deixa de ser demagogia para ser prática honesta coloca um fim empírico e real em si mesma.

Mas não, eu quero é alguém decidindo e mandando sobre mim, eu não, eu quero é alguém mandando e decidindo sobre tudo, não quero pessoa dona nem do meu meu cu, que dirá do meu nariz. Tia Damares falou palavra feia. Tia Maria tá bolinando comigo. Pérai que eu vou chamar o Bolsonaro e você vai ver só. A é? Você vai ver quem tem o grelo duro: Luuullllla! Vamos debater agora de quem é o meu, o seu cu e claro o nosso cu do mundo o brasileiro? Porque cu de bêbado não tem dono. E esperto quem se faz de morto para comer o coveiro. O cu de quem? Que sacanagem é essa? Tem foro privilegiado para falar putaria? E pra tocar o puteiro? E as criancinhas? Chama o Pelé.

Chama a polícia, chama o juiz, chama o bispo e o papa, chama o soviet supremo, o supremo STF, chama o beiçola, chama o pastor, chama a tia, o avô, chama o vizinho, manda pro Faustão, não posta na internet, perái vamos decidir primeiro, quem vai ter que decidir ter que decidir meu cu, é meu, é seu, é do pastor, é de deus, é do povo, é do Bolsonaro, é do Lula, é do Povo, é de quem, ou não tem dono? Quem governa o cu de quem? E quem governa o cu do governa do cu dos outros? O parlamento? A justiça? Não o presidente? O guarda? Não o vigilante? Mas quem vai vigiar a porra do vigilante? E porque cada um não cuida do seu o do seus filhos? Mas o que vou fazer da minha vida? Filho? Tá pensando o que sou pobre, que não tv em casa, tenho mais o que fazer do que filho. Porque depois sou eu sustento eles. Sustenta eles ou o governo? Há que se decidir, ou o dinheiro chega ou não chega. Ou te roubam ou não.

Sustenta eles quem o povo ou o governo? Quem se julga cidadão, o contribuinte a sociedade há que se decidir, ou o dinheiro chega ou não chega. Ou te roubam ou não, ou o povo é também parte da sociedade ou não. Ou o governo é servidor honesto, ou usurpador e tirano

ele ele o servo conformado. O resto é auto-enganação e alienação, dele como contribuinte e e de todo povo também membro da sociedade, ou seja dono do mesmo patrimônio público que ou pertence a toda sociedade, sem ninguém excluído como cidadão, marginalizado do seu usufruto como dividendo, ou somos todos um bando de escravos, uns pretos da casa com mais privilégios, outros na senzala com menos, mas ninguém dono de porra nenhuma. E detalhe: nem o dona da casa grande é dono de porra nenhuma, porque não passa de um feitor endividado e lambedor de botas provinciano vendido e corrupto de bancos e grandes metrópoles, não importa qual seja o ideologia, a novo neologismo para demagogia. Mas é claro que tem feitor que se acha gringo, preto da casa que se acha, branco e até capitão do mato que não se acha preto. Mudam-se os termos, e as tecnologias, mas a mentalidade e cegueira e arcabouço ainda a mesma, incluso do holocausto e idolatria aos todos poderosos como se fossem ou se achando deuses e tratar (e matar) gente como se fosse coisa e lixo.

De modo que eugenismo e holocausto incluso via o culto ao trabalho alienado é muito mais antigo que fascismo e nazismo e perdura mais ou menos explicito ou dissimulado depois dele conforme a necessidade do momento sobre diferentes nomes e velocidades e pesos e medidas. De forma mais brutal ou aparentemente civilizada, mas no final com o mesmo resultado capital, em todos os sentidos que essa palavra tem tanto para quem o detém como patrimônio quanto para quem dele apenas conhecerá como sentença. Seja nos tribunais militares, civis, ou da “escola” da “vida”, mesmo.

Pois é e tem gente que acha que não se pode falar do próprio rabo, quando todo fetiche do planeta não é o planeta mas comer e não só o cu do outro, mas até o osso. Vai nessa de floresta, e gênero. Vai terminar sem casa, quintal, floresta e cu, liberdade, identidade propriedade, voz e vida. Batendo palma para estátua, Comemorando assassinato, perdão a vida de quem não foi abatido, o que bem diferente. Dando bom-dia para poste. Saldando o vento. Achando que é branco. Pensado que emprego é trabalho. E claro fingindo que mendigo não existe. Ou pior chorando por eles, mas ligando para a mesma polícia que é feita para proteger quem? Porque revolução boa é aquela que podemos transferir de 4 em 4 anos, e choramingar insolidária ou solidariariamente. Difícil não é chorar pelo porquinho que morre, difícil é parar de comer carne, a começar pela de gente. Porque entre cachorro vá lá, mas mendigo é foda. Esse é pior que bandido nem pobre gosta e se for índio e preto então, em quebrada de filho sem ter o que fazer da vida, treinando para ocupar o exercer seus cargos: esse então virá churrasco.

Mas não fala palavrão nem gíria não, só usa a norma culta da academia brasileira dos letras, senão ofende a lingua dos letrados e o ditado e ditadura dos padrões de normas e normalidades, de um idioma e linguagem feito de sujeitos objetos e predicações que abominam neologismos, adoram exceções, e que o coitado até quando agradece não se diz mais grato, mas obrigado. Obrigado a quem ou ao quê?

Para não dizer que sou mal-agradecido, pela língua de Camões, que afinal de contas se serve tão bem para engendrar o código de domínios coloniais e tão extensos sobre a terra, também serve em engenharia reversa para transcodificá-los para muito antes de-la, até porque o que não lhe fanta é raiz grega e latina. Porque nossa linguá portuguesa é para o bem e para o mal do caralho. Porém até lá aí do enfadado há ficar preso dentro desse inferno, pois entre a utopia e a distopia da realidade são outros 500. Um quinto dos infernos que não é feito de

sonhos que se roubam mas o dos pesadelos que se impõe como realidade e selva e inferno de concreto e aço, e não mais pelos irmãos portugueses, mas pelos irmãos brasileiros mesmo.

Holocausto urbano que se alimenta não só de florestas, mas gentes, a base da civilizações e grandes metrópoles também presentes nos países subdesenvolvidos mas prevalentes e hegemônicas nos países mais ricos do mundo. O ponto de partida para o fim dos sonhos e perpetuação da distopia, não como narrativa não para Estados-Estados. Mas como uma pequena história de um assassinato, como parte da história do holocausto de povos e terras e meios ambientes.

Mas a menina da ONU que não é o menino do Acre, até porque nem o menino nem o Acre para todos efeitos práticos tanto de piada de mau gosto quanto de indignação do bom gosto não existe, Greta está absolutamente certa mudanças hão de vir:

X da questão: Imagine que ela NÃO é branca

*"Vocês roubaram meus sonhos e minha infância com suas palavras vazias, mas eu sou uma sortuda. Pessoas estão sofrendo, pessoas estão morrendo, ecossistemas inteiros estão entrando em colapso"(...). "Eu não deveria estar aqui, deveria estar na escola, do outro lado do oceano"(...) — **Greta Thunberg***

Fato. Essa é a real da vida dela. Ela fala por todas as crianças do mundo. Incluso pela minha filha. Então imagine se essa menina na ONU fosse sua filha. Porém imagine que ela não nasceu na Suécia. Mas no Brasil. Que não nasceu nas metrópoles ricas da Europa (e nem do Brasil) mas nas periferias não de qualquer lugar do mundo, mas daqui mesmo ao lado da sua porta de casa, no Brasil. Imagine que sua filha, portanto, não é a herdeira do ouro das antigas colônias nem por lá nem por aqui, mas sim a descendente dos escravos e nativos. Ou o que é a mesma coisa, que sua filha não é filha de brancos, nórdicos, europeus, mas negra, índia e sulamericana. Enfim simplesmente imagine que sua filha não é Greta, mas Agatha.

Só que não. Porque de Agatha não roubaram esses sonhos ou infância, ou o lugar de voz, que é bem diferente de lugar de fala, que já não tinha, roubaram absolutamente tudo: a vida.

Sua filha não branca, não é Sueca. Não é loira de olhos azuis. Não tem berço. Não tem capital. Não tem fundo. Não vai ter voz. Não vai discursar na ONU. Não vai se preocupar em ter mais tempo de se preocupar com a natureza. Não vai ter tempo para ir escola. Não vai mais ter futuro. Não vai ter passaporte para sair do inferno. Não vai ter passaporte para chegar no futuro. Porque o passaporte para o futuro pertence às filhas de um outro mundo ou melhor numa outra fila onde os últimos nunca serão os primeiros. Não, não será na conclusão deste escrito faço questão de explicar o porquê. Mas já adianto não é sorte.

Porque não foi por falta de sorte que mataram Agatha com um tiro. Nem por acaso que Greta está a discursar na ONU sobre seus sonhos destroçados e não Agatha, até porque crianças mortas não são sujeitos do seu próprio discursos mas o objeto da narrativa alheia. Não são

mais cadáver a ser capitalizado, como também o inocente útil que é posto na linha do interesse de que tem as mãos sujas de sangue e que não tem como mostrar sua verdadeira face, porque ela é tão monstruosa e não só cúmplice dos crimes da humanidade que acusa seus inimigos, amanhã aliados, como sua mentora desses aprendizes de tropicais de feiticeiro nazifascistas, que se por sinal se entregarem o que eles realmente querem serão recebidos como o filho pródigo vide o ditador da Coréia que foi dormir monstro e acordou amigão.

De modo que não existe ditadores na ONU, existem os ditadores que alinhados e não alinhados com as nossas ditaduras, porque se você acha que as potências e colonias que negociam de pistola na mão e não raro atirando bombas como os terroristas que combatem são a polícia do mundo então você merece não só a idiocracia que te devora em casa, mas também todas as idiocracias que prontas a te devorar de fora na primeira oportunidade ou crise, o que no mundo da estratégia tanto dos negócios quanto da geopolítica são sinônimos. E por isso mesmo melhores estrategistas não são aqueles que esperam oportunidades, mas criam.

Claro que Greta ainda é só uma criança, e inocente, não tem como saber que matar ou morrer raramente é questão de sorte, mas de malícia e maldade. Especialmente nas selvas onde vidas e terras são roubadas e arrasadas não só por promessas vazias, mas por balas e bombas. Terra de faca na caveira, onde missão dada é missão cumprida. Florestas de aço e concreto onde o bicho que se caça é gente.

Uma selva de pedra onde crianças talvez até estejam preocupadas com florestas mas pela mesma razão que seus pais nunca puderam se ocupar com nada senão a luta pela sua própria sobrevivência, não raro contra seus próprios irmãos, não só brancos mas até negros que dirá então em prol dos gringos. Um lugar onde quem pára de olhar para o futuro morre atropelado pelo presente, quem não luta pelo almoço morre sonhando com o jantar. Onde olhar sinal que regula não regulam nada, só enganam. E quem confia morre. Por isso que não importa o que digam ou escrevam até em pedra na montanha, a única regra segura para atravessar uma rua é olhar para os dois lados antes de atravessar, não importa se tem faixa de pedestre, semáforo, guarda de transito ou se a mão é única. Aqui é Brasil, tio. Guarda não guarda, faixa não existe, e se existe que se foda, carro anda na contra mão, semáforo não funciona, e quando funciona, quando a faixa existe, o carro dispara por cima, até do guarda. E corre-se o risco até do guarda ser preso se der o “azar” de parar a pessoa “errada”. Se não souber como funciona a divisão do mundo, se não souber antes quem está detendo e com quem está falando? Porque se estiver falando com os herdeiros, com os donos e os filhos da terra, os a quem ele nasceu para servir, ele vai levar um corretivo e ser posto no seu devido lugar. Se estiver falando com os filhos do dono não da província mas da metrópole, aí então, ele realmente vai descobrir que realmente não sabe quem é nem com quem está falando, mas vai apreender rapidinho, o que é não saber o lugar devido no mundo, vai descobrir o que significa a cantiga de Natal: Eu pensei que todo mundo fosse filho de Papai Noel.

Não, Papai Noel não existe. E portanto não é também que por acaso que more no polo norte. Ou por azar que seja exatamente como a imagem e semelhança do cristão. Uma farsa natalina, que como o próprio bom velhinho mesmo jurando de pé junto que não é racista, segregadora nem que só é cega por dinheiro, vejam que coincidência histórico-estatística

nunca encontra seu destino a medida da inversa proporção que as balas nem tão perdidas sempre encontram seus destino sem nem precisar de nome nem endereço.

Uma coincidência é claro. Porque vamos ensinar as Gretas e com certeza os sobreviventes do holocausto urbano e florestal dos povos de periferias da civilização ocidental-cristã a verdade que é a liberdade. Porque nosso mundo está embasado nas ciências da razão matemática e estatística que investigam empiricamente a verdade dos fatos e dados, mas a origem dos conceitos e preconceitos dos dados que é dados por fatos e verdades inclusos os preconceitos eugenistas transmitidos hereditariamente a termos de títulos de capitais de patrimônio cultural, ambiental e até sobre seres biologicamente vivos e humanos.

Afinal quem é que em pleno século XXI ainda acredita que o que a predestinação dos povos eleitos e excluídos é predeterminada em função de discriminação é a sorte ou azar do nascimento, ou pior quem é que impõe como credo a hereditariedade da sua gene como fator da predeterminação do destino das pessoas enquanto finge que tudo é decido como se fosse um mero jogo de sorte ou azar ou então mérito dos jogadores que jamais terão as mesma oportunidades não porque não tem as mesma fichas, mas porque os donos da casa, que controlam o cassino da vida definem não só quem joga e quem sai, qual é o valor das fichas, mas quem é o apostador e quem é a aposta: de vida ou morte. Quem é a caça e quem é o caçador. O herdeiro e a herança. Sinto em de dizer, mano. Greta chora que não terá mais troféus na parede. Agatha é o troféu na parede, dog. E você acha que sua filha é quem?

Sonho, infância patrimônio e herança é invenção e privilegio do caçador e seus herdeiros e não dos descendentes dos caçados como seus animais de carga e cães de guerra. Aqui criança vira notícia quando se torna cadáver e ganha mais valia, para ser devorado e capitalizado pelas narrativas dos urubus da burguesia de esquerda ou direita e seus projetos mitológicos de poder e idolatria de salvacionismo messiânico da pátria, no qual irão partir a caça matança e domesticação de uma próxima geração sem futuro.

Sorte seria então se a história fosse feita de meras coincidências e não das consequências dos atos dos históricos que não são feitos só de palavras vazias ou crimes contra o meio ambiente mas contra a humanidade que não ficam apenas no passado, mas reiteram nas privações de cada nova geração que nasce sem a sorte dos seus meios vitais e ambientais literalmente consumidos até a extinção junto com esses povos, sua cultura e até a memória do seu holocausto para formar o capital que sustenta a sorte, ou como diria com mais propriedade Maquiavel a “boa fortuna” dos que governam o mundo. Fortuna esta devidamente guardada a sete chaves nos cofres dos países mais ricos do mundo que não podendo choram, usam as Gretas do mundo como carpideiras inocentes para chorar por um crime do não só não repararam, não se arrependem e que continuam a financiar e expandir e maximizar, sejam via corporações e fundos internacionais, seja via suas guerras, bombas e ocupações. Claro que com a participação dos seus primos pobres a administrar seus interesses como feitores nesses territórios ultramarinos, ainda que nem todos sejam mais formalmente suas colônias. Afinal não há nada que uma propina gringa não compre, ao menos nada que uma classe governante corrupta provinciana servil e sobretudo sem caráter não venda do patrimônio do povo ao próprio povo como escravo, em escambo por bugigangas como sempre o fez. Porque quem vende até a mãe e filho e a própria dignidade entrega qualquer coisa e para quem oferecer o melhor preço.

Como diria Malcolm X, isto é, se pudesse ter falado algo se não tivesse sido ele calado a bala depois de voltar para o campo de concentração do seu povo após sua peregrinação pelo mundo.

Por isso nada mais triste e revelador que nos dias em que um povo chora no funeral pela menina que morreu com um tiro no Complexo do Alemão, num país conhecido onde não só suas belezas e florestas naturais, mas por uma política que não é meramente um arremedo de política neocolonial, neoescravagista, neomedieval, mas sobretudo neonazista.

As lágrimas por Ágatha no Complexo do Alemão, onde crianças se habituaram a fugir de tiros

Centenas de pessoas se reuniram neste domingo chuvoso no Complexo de favelas do Alemão, na zona norte do Rio de…

brasil.elpais.com

Em outro, que renomado não só por ser sede da ONU mas tanto por sua sua democracia bem mais direta, quanto por outro lado ser paraíso fiscal para governantes corruptos mundo afora, incluso os brasileiros se guardasse luto simbólico pela morte da natureza, no funeral de uma... geleira:

Suíços fazem funeral em montanha para geleira que derreteu

Pessoas participam de cerimônia para marcar a 'morte' da geleira Pizol no domingo (22) em Mels, na Suíça. — Foto…

g1.globo.com

Pois é meu amigo, chorar é de graça. Mas até enterrar alguém de carne e osso custa e custa caro e não estou falando só de dinheiro mas na alma. Nisto está senão a hipocrisia a sincera ingenuidade dos adultos infantilizados que acreditam num ambientalismo sem humanismo. Isto é na possibilidade da humanidade que morre de fome, veneno ou bombas made in motherfuckers world se solidarizar com geleiras ou crer na boa-fé daqueles que são incapazes solidarizam para com todos seres viventes daqueles que não conseguem ter compaixão sequer como seus próprios semelhantes que morrem implorando por abrigo e comida e trabalho de merda nos campos de concentração nas porta trancada das suas fronteiras? Esse tipo de solidariedade condominial aos povos marginalizados e periféricos conhecem bem, na convivência cotidiana com as classes privilegiadas dentro do seu território domestico que também vive pregando a paz e preservação social ambiental, mas que tem por politica governamental e econômica uma só bala na cara e nas costas e cadeia para quem pede mais que só subemprego e trabalho servil até a morte.

Então Imagine que não, sua filha não mora na Noruega ou Suíça, que ela não vai herdar o mundo.

Imagine que ela não mora na Caximira, Faixa de Gaza, Favelas do Rio, Siria, Africa, China, Iraque, ou até mesmo na Europa e os EUA, mas imagine que ela não é a filha dos branco de lá, mas a filha de todos que não-brancos, uma questão literalmente de herança, não só de gene, mas de memes e papeis e agora bits errados, uma questão que longe de ser simplesmente de códigos transmitidos (legados e herdados) natural ou artificialmente, é uma questão de programação e processamento dessa informação e desinformação, como preconcepção e predefinição, como preconceitos discriminação e segregação não da natureza lógica das verdade dos fatos e fatos verdadeiros da natureza, mas exatamente do contrário da teratológica perversão da normalização da desnaturação como normalidade, ou simplesmente a ditadura das verdades e fatos alternativos que impostos não só por repetição, mas extermínio em massa e não só da natureza, mas culturas e povos.

Então você vai entender o que quer dizer Burn, Motherfucker, Burn!

Então imagine? Não ninguém em sã consciência precisa imaginar nada, só precisa abrir os olhos para o mundo e a realidade que se não vive, convive para sair da bolha. E se não quiser nem abrir os olhos, pelo menos pode ouvir para começar a entender o X da questão.

Perdão. Esta tradução da realidade está em língua estrangeira. Em nossa própria língua é ainda condizente, verdadeira original e por sinal até honesta:

Essa realidade de quem morre na sua porta não raro lutando ou implorando não só por um pedaço de pão, ou abrigo enquanto todos se fazem de cegos surdos e mudos, alias não só para sobreviver a míngua, mas lutando e implorando para não ser executado enquanto todos fingem como na Alemanha nazi que não viram nem ouviram nada, nem marcharam de tochas na mão para que esses esses lei e ordem criminosa fosse instituída desde que via seu líder de estimação e não o da ideologia oposta, é mais do que conhecida, nos é familiar, real e legal.

Como aquele que assiste impassível quem desesperadamente morre de frio, fome pedindo pão e abrigo na sua porta, acusando de terrorista e marginal, que assiste mãe e filho serem separados para serem trancados em jaulas, ou pai e filhos morrerem abraçados sonhando em meramente sobreviver, ou pior a boiar numa praia porque fogem dos bombardeios bancados pelos tributos das forças armadas que sustentam sua riqueza e empesteiam o mundo podem se dizer preocupado com as florestas ou povos das florestas? Aqueles povos que eles e nós que reclamamos deles, sequestramos e matamos para construir nossas urbes aqui e lá eles?

Incêndio em campo de migrantes superlotado na Grécia deixa mortos

Incêndio em campo de refugiados neste domingo (29) na ilha grega de Lesbos terminou em morte – Foto: InTime News via AP…

g1.globo.com

Ouvir as metrópoles desvairadas no velho ou novo mundo falando dos povos das florestas, enquanto nas periferias não só novo, mas ainda do velho mundo os marginalizados continuam a ser exterminados descaradamente, é como ouvir potencias nucleares envolvidas em guerras, holocaustos, ocupações, invasões, pregar desarmamento e paz mundial. É como ouvir nazistas comunistas e fascistas pregarem a liberdade dos povos. Ouvir empresas que vendem veneno falar em meio ambiente e poluição. Sacerdotes e governos em combate a pedofilia e proteção a criança. Tributarista falar em previdência social. Economistas em redistribuição de renda. E a classe política em bem estar social. É ouvir a KKK falar sobre direitos do homem. Patrão e sindicalista falar sobre trabalho e trabalhismo. Burocratas e tecnocratas falar sobre emancipação popular. Socialista e liberais falar direitos e obrigações. Gilmar Mendes de direitos humanos. Bolsonaro advogando por indígenas. Elites sudestinas sobre colonialismo. Elites nordestinas coronelismo. É pedir para o dono do circo redigir e governar os direitos dos animais. Banqueiros os dos clientes. Patrões os dos trabalhadores. Escravagistas o dos escravos. É literalmente ouvir em Paris, ou São Paulo, Rio, Nova York, Moscou, Pequim, Londres, Tóquio, Moscou, Bombaim, e coloque aqui qualquer metrópole do mundo gente empilhada sobre gente, multidões retardadas, cegas surdas e mudas a espera do próximo comando em chefe, que irá preservar os meus os seus os nossos direitos de nos indignar ou comemorar o genocídio desses vidas, desde que esses direitos sejam sustentados. E como e onde será que eles se sustentam?

Se você se pergunta isso dos gringos que sequer moram aqui. Então pense antes não só de responder, mas de se perguntar como eles conseguem viver cegos e surdos em suas bolhas, aos gritos humanitários usando crianças para vender seu coloniambientalismo. E pergunte primeiro como nós conseguimos fazer isso com nós mesmos? Porque eles é fácil. Até agora a merda estava bem longe dos seus olhos, nas latrinas do mundo, e a guerra por adestrar suas mentes e corações era bem mais simples. Aqui, nas latrinas do mundo, onde os descendentes do colonizadores sempre viveram apartados por muros, guardas, encastelados em seus condomínios, enquanto este continuavam a limpar suas latrinas, a ditaduras da cegueira e hipocrisia e do apartheid velado só para gringo fingir que não vê enquanto não for o momento estratégico o momento de ver sempre foi a realidade, quer víssemos ou fizemos um carnaval para fingir que não.

Como esse espécie que passa ao largo e trata nazifascistamente o próprio extermínio antropofágico da sua espécie como se fosse um processo natural, vai conseguir se solidarizar senão hipocritamente com a fagocitose cancerígena de outras formas de vida? Como um ser humano que não consegue sequer enxergar sequer a indigência não alheia, mas da sua miséria intelectual e sensível e humana, irá sair do seu estado de insensibilidade e desumanidade e desnaturação quando ter coragem e empatia para abrir as portas da percepção, ou das fronteiras do seu delimitado horizonte de eventos, sair do território obscuro da sua inconsciência de falta de respostas empático solidária para quem morre na sua cara, vai ligar para a porra do mico leão dourado senão como uma fabula para criança crescidas? Contada por filhotes gatinhos fofinhos, brancos, porque gato preto dá azar.

Se liga, meu irmão, quem caga e anda para quem está morrendo na porta dos seus muros dos seus territórios e domínios do não sei, não quero saber e tenho raiva de quem sabe, vai ter ligação senciente com a rede da vida que a todos liga sustenta com real e potencia? É tão re-ligação como anima do sagrado quanto religião corporativa que prega amor aos pobres, enquanto seus bancos e braços financeiros negociam e dão suporte (e até fuga) a tiranos

genocidas, e do ouro da pilhagem não largam nem as portas do Armagedom, nem como tesouro, nem como vicio e seviciamento.

O ato fala sempre mais que a palavra, por isso sempre pesquiso não o berço de uma pessoa, porque ninguém tem culpa nem mérito por sua origem, mas sim pelo que faz e prega, e principalmente pelo que faz em coerência como o prega, e o prega em coerência com o que faz. Ou se preferir, o ato que tem nexo e se faz signo porque tem significado na correspondência ou conexão como o real, incluso o próprio ato do atribuir significados simbólicos por definição palavra, que se não é descrição de uma realidade dada, é necessariamente de outra que não existe, que se sabidamente impossível uma mentira descarada, se não um erro crasso. De modo que para evitar contar ou cair numa nada como aplicar o principio a regra "Gandhi": antes de recomendar ou pior impor não observe, nem imagine: teste mas não no aparelho sensorial do outro mas no próprio. E se o seu bom senso, ou seu instinto de preservação lhe disser que isso não é uma boa ideia aplicada para você, é porque não é para outro. Mas evidente que isso não funciona com psicopatas, porque ele sabe disso, mas está cagando e andando para a regra de ouro. Afinal quando ele aperta o pescoço do outro, não adianta gritar e dizer que está doendo porque ele vai dizer que não está sentido nada. Vai colocar em debate acadêmico,cientifico e religioso, politico e econômico se os gritos são meros reflexos de alguém cuja anima merece ser ouvido ou não. Já a sua palavra e vontade nunca está na berlinda, porque é ela que predefine não só os termos do debate, mas a formação a discriminação dos seres preconcebe a abstração dos termos e reduz de antemão quem é sujeito e objeto na própria linguagem de codificação, processamento dos seus dados como se fossem o próprio mapa do mundo, e não a imagem. De modo que pouca gente entende que isto não é um cachimbo.

Mas pior nem o cachimbo que se vê é propriamente a realidade, mas já uma constructo mental preconceptivo feito não só de operações mentais, mas concretas sobre a natureza da realidade tanto do preconceptor, quanto do alheio e não só a visível e sensível, mas antes e sobretudo a invisibilizada e insensível, não raro negada e renegada anormalizada, paranormalizada, ou sobrenaturalizada mas simplesmente em sua alma simbólica, mas eliminada de forma manifestamente real e sensível: em holocausto a fantasias alucinadas e alucinadoras pelo ególatra tarado posse e poder supremo, total e eterno.

Por isso esqueça Maio de 68. Não que Focault, Sartre, ou Beuovoir já eram, mas porque de orgânicos eram grandes quadros corporativos. E que salvo o cara que escreveu O Estrangeiro, que por sinal era argelino, o que há ainda contemporâneo neles já não mora mais no velho continente, e para falar a nem no fetichismo nosso por eles, mas vem do novo pensamento que é muito mais que anticolonialista de Fanon e Mbembe que sim beberam desta fonte, mas não ficaram nela, nem muito menos vieram dela mas não por acaso de outra realidade até para a Sul Americana, a Africa. Uma realidade que já não fala nem estuda mais só de biopoder, que dirá ditaduras de proletariados, ou social-democracias, liberais ou trabalhistas, mas já de necropoder. Uma realidade que não está restrita só as grandes ghetos e periferias do mundo, mas todos os lugares do mundo onde há ghetos e periferias que nos apartam. E logo portanto também nos centro do mundo, mas na marginalidade, underground e contracultura como a resistência libertária revolucionária e não projeto de poder ou autoridade já constituída ou devidamente apropriada vendida e corrompida, vide a título de exemplo o anarquismo de Kevin Carson nos EUA. E de modo geral todo o

movimento e pensamento feminista especialmente o da afirmatividade transgênero, que quer gostem ou não, ocupa a vanguarda da revolução dos paradigmas contemporâneos.

Sim, e revolução não como uma pós-modernidade ou só pré-neovitalismo do ecologismo mas já como o fator determinante do nova tempo, mentalidade do paradigma libertário autodeterminista para além do como metamorfismo, mas já transcendentalismo das ditadura das formas e padrões, tanto como nova consciência, mas já como referencia à futura ciência tanto da produção epistemológica quanto fenomenologia do natureza e do saber sobre a mesma. Logo não só o estado do estar ciente, mas do fazer ciência num outro plano de saber o da lógica dos padrões tanto das (pre)concepções que formam as ideias incluso as de verdade,quanto da própria (con)ciência desse outra plano até então invisível, ou invisibilizado, de autogeração da realidade não apenas (pre)conceitual mas fenomenal, o plano da autodeterminação não só das formas ou metamorfoses ou transformação mas da própria liberdade de autodeterminação como potencia criativa e criadora constante tanto da autogeração formas quanto dos padrões, lógica nexo, sentido, evolução, revolução, movimento, transformação não só de tudo é, ou como está, mas de tudo que há de vir a ser não pelo estupro, assassinato e violação, e manutenção de relações forçadas de poder e pátrio-poder regidas por autoritarismo e monopólio da violência, agressões e privações, mas relações livres, gregárias,conceptivas,criativas espontâneas e conscientes de consensualidade equidade e universalização.

Uma revolução não só cultural, mas cientifica, psicológica e sobretudo epistemológica, uma descoberta ou revelação de uma verdade tão impar na história da humanidade quanto o foi a próprio advento da primeira forma de discriminação e logo domesticação e escravidão na sua gênese,gêneses: a de gênero.

Leituras e interpretações que daqui ao contrário do que a direita paranoica prega, foram banidas como heréticas e subversivas substituídas pela falsa esquerda eclesiástica, messiânica e escatológica e autoritária que o centro sempre se volta e a casa torna, em alternância de poder, e vice-versa, até porque uma é só a outra face ou polo populista da mesma moeda ou estatamento, ou o que a mesma coisa a negação perpetua do empoderamento e libertação popular via ciclos de crises sistêmicas tanto de politica quanto econômica domesticas e internacionais. Uma equação cuja solução final da sua reiteração é sempre o extermínio dos mais vulneráveis para a manutenção da ordem ou ascensão de uma nova ordem, que salvo os privilégiados é uma mesma para os excluídos: servidão a quem irá deter agora o poder.

Leituras e interpretações de mundo que se comunicam com quem está na vanguarda da batalha de hoje de tudo que é revolucionário e portanto alvo prioritário do pátrio-poder. E que não é a luta pelo meio ambiente. Mas a luta contra a eugenia em sua forma mais arraigada a ditadura dos gêneros que não, não são prefixados geneticamente, nem o produto de uma mera ideologia, mas a manifestação de movimento de autoafirmação fenomenal e revolucionário no plano das consciências mas da quebra dos preconceitos das ciências, a genuína verdade que liberta como o foi o movimento negro para a abrir um rombo sem precedente na muralhas dos preconceitos tribais de raças que por sinal ainda perdura como hegemônico, ainda que disfarçado de patriotismo, enquanto vende seu próprio imperialismo e interesses transnacionais como a ameaça fantasma do globalismo, para matar não só a emancipação interna dos povos e territórios, mas sua comunidade cosmopolita livre da sua

intermediação parasitária e monopolial. Mas essa paranoia globalista quanto a perseguição todas as formas de autoafirmação de identidade de algo que nego a reduzir a mera uma mera ideologia porque pertence a lógica das epistemes tanto do saber quanto vir a ser e é tema para outro escritos.

Porque meio ambiente como o nome já diz, é neste sentido de meio não o vital, a natureza em si. Não “querido”, meios são meios, finalidades finalidades, e motivações, motivações, ainda que os discursos troquem todos as bolas os termos. Meio ambiente, gente o outro o mundo quando não é sequer considerados a priori como nada, são ao final do processamento reduzidos. E durante o processo enquanto o ser reduzido a objeto for tomado por algo útil mesmo que seja só para trocar, ainda sim não será nada além disso recurso a satisfação dos objetivos de quem define e o mundo. Objetivos que nunca são guiados por princípios mas meros desejos egoístas não só desprovidos de empatia e solidariedade mas já pervertidos em manias compulsões de transformação da alteridade viva em propriedade morta, mas pode chamar de capital.

Pessimismo? Não, discurso hegemônico, ou agora que a chapa esquentou o padeiro de Adam Smith de repente não faz mais pão porque persegue seus interesses particulares? E o homus europeus darwinista e dawinkista não quer mais preservar sua gene e seu meme? O padeiro agora é um altruísta e não só um comunista, mas um São Francisco de Assis, trabalha e põe para “trabalhar” não só produz riquezas não mais para acumular e enterrar nos cofres, mas para alimentar todas as bocas famintas não só de pão do corpo, mas da alma, a justiça, para tudo que vive. Ou será então que os fariseus nazi-cristãos mudaram a práxis do seu reino dos céus na terra?

Depois dessa assembleia da ONU, O Estados da Europa incluso o Vaticano não mais pedir só perdão por tudo que roubou, e vai fazer lava pés, não vão mais cobrar dízimos ou impostos e aproveitar todo o patrimônio acumulado com guerras e genocídios e distribuir dízimos terras e rendas não só para os povos que eles estão ainda matando, mas para até para os bichos!!! É a revolução de Orwell, só que ao invés de feita pelos bichos ou as gentes tratadas como tal feitas pelos seus ministros dessas fazendas. Vão criar reservas patrimoniais ambientais e garantir onde um dia se dizimou povos, para que nenhum ser vivente nesse planeta morra por falta de recursos ambientais ou vitais, incluso é claro aqueles que já viraram casaco de pele, e petróleo refinado, ouro em cofre, e informação até de genomas segredadas: o capital. E não vão parar por ai não. Vão colocar o dedo dos fascistas e nazistas tropicais, como Bolsonaro e dizer que eles não podem fazer o que eles faziam (literalmente) até ontem, mas devem seguir o seu exemplo e contribuir como podem para preservar toda a vida do planeta. Mais porque não basta fazer, é preciso também parar de foder. Aliás a ordem dos fatores é justamente o contrária: afinal onde é que você vai arrumar o tempo e o dinheiro para construir isso se você já o empregou para bancar aquilo?

Não, senhor, eles não são canalhas, fascistas, hipócritas, eles vão parar de produzir armas, bombas e venenos e vendê-los para os tiranetes mundo afora. Vão levar para o tribunal de Haia não só os caudilhos e tiranetes provincianos, os cabeças de bagres, mas os grandes tubarões, os presidentes de potencia mundial que jogaram fosforo branco, gás sarin, mostarda, bem como os CEOS de empresa que causaram epidemias de opioides, neocorticoides, os donos dos fundos bancam a morte por todos os lados! O lê, lê, e como vão. Vão devolver a arte e ouro roubado, e conclamar que as burguesias nativas que se acham

europeias e que vivem de macaquear suas hábitos civilizados façam o mesmo em nome da glória da preservação da cultura da civilização cristã-ocidental, suas populações ou a salvação não de suas pátrias, mas agora da nossa ex-violentada e prostituída e alforriada mãe-terra? Que lindo? Todos agora somos índios e vestimos cocar, no maior blackface da história da (des)humanidade até porque morto não fala.

Tá bom. Se há uma coisa boa na ONU é saber que quando se reúne um monte de gente para debater alguma coisa, é a certeza de eles não vão fazer nada, nem de bom, nem de ruim, ao menos não enquanto abandonar a mesa, porque quando o fizerem, aí sim que as florestas e gentes vão queimar quero dizer ainda mais. E queimar para alimentar as máquinas de guerra, ainda mais famigeradas. Porque a prioridade número 1, é prevalecer nem que no *day after* os monstros governem sobre ruínas e terras arrasadas. Por isso não se engane seja pela mão colonialistas nativos ou gringos a amazônia no que depender deles vai queimar e queimar tanto mais rápido quanto for sua mais valia para for a dimensão da guerra de interesses de ambos que no fundo é mo mesmo: ela no chão, embora ambos jure de pés juntos que só querem preservá-la para o bem comum dos seus habitantes nativos e de todo planeta.

E não pense que esse processo é só no Brasil, veja o que está ocorrendo na Asia:

Enquanto Queimadas deixam céu vermelho na Indonésia:

A mesma Indonésia que devolve toneladas e mais toneladas de lixo ao primeiro mundo, algo que a China já vem fazendo a tempo.

Indonésia devolve mais de 500 contêineres de lixo a seus países de origem

A Indonésia anunciou nesta quinta-feira, 19, que enviará de volta contêineres repletos de lixo para seus países de...

veja.abril.com.br

É Zé, ambientalismo e reciclagem cagando e envenenando e escravizando o quintal dos outros é fácil. Difícil é manter o sustentar o seu ecossistema sem devorar o alheio, dog. Que o digamos nós que floresta é mato, eu quero é lombo e de gente.

Mapeamento do trabalho escravo contemporâneo no Brasil: dinâmicas r...

La persistencia de los casos de trabajo esclavo en Brasil en el siglo XXI explica la profunda contradicción de la...

journals.openedition.org

Ôoo... Hei boi

Vocês que fazem parte dessa massa
Que passa nos projetos do futuro
É duro tanto ter que caminhar
E dar muito mais do que receber

E ter que demonstrar sua coragem
À margem do que possa parecer
E ver que toda essa engrenagem
Já sente a ferrugem lhe comer

Êh, ô, ô, vida de gado
Povo marcado
Êh, povo feliz!

Lá fora faz um tempo confortável
A vigilância cuida do normal
Os automóveis ouvem a notícia
Os homens a publicam no jornal

E correm através da madrugada
A única velhice que chegou
Demoram-se na beira da estrada
E passam a contar o que sobrou! (...)

O povo... -Admirável gado novo, Zé Ramalho (1979, mas poderia ser 2019)

Pois é... "toda essa engrenagem já sente a ferrugem lhe comer", mas "a arca de noé e o dirigível não voam, nem se podem flutuar...."

E nisso está a loucura dos gritos por solidaria com a floresta, ou pelos animais que morrem queimados pela monstruosidade criminosa do neoconolizador escravagista esteja ele instalado nos centros nervosos do capital pátrio ou estrangeiro, seja ele o falsário e falsificador ideológico dos interesses cosmopolita dos povos um nacionalista ou internacionalista. No fundo um replicação do padrão das disputas do pela posse do território e domestico da população alienada do plano domestico para o plano das guerras e negociatas entre Estados-Nações e não sociedades que se dirá então entre os povos que não estão a margem, ou só invisíveis, mas são tomados em seu fenótipo eugenista e higienista como o gênese do mal e inimigos dos "cidadão de bem".

Mané ONU, mané Bolsonaro... essa gente tem seu próprio Ecosistema de morte vive que se se retroalimente e perpetua e mantem sua integridade em simbiose de antropofagia e

necrofilia, um como predador o outro é urubu comedor de carniça. Canibais apontando para o crime do outro, mas ninguém largando o osso, nem o dente da carne mais tenra.

E vinde a mim as criancinhas porque delas é o inferno na terra.

Enquanto os senhores da discórdia que semeiam a guerra e suas múmias são sempre eternas em todas suas faces sempre falsas...

Mas perai pausa para comemorar e capitalizar:

Não a morte de mais um ser humano, mas claro as vidas salvas que volta e meia levam uma bala perdida, mas que muito importam nessa contabilidade das gentes e ambientes especialmente os ainda repletos de riquezas e belezas naturais. Porque afinal de contas quem vive em função da morte sistematizada, automatizada, celebrada e ritualizada do alheio como sacrifício necessário para o seu bem e não do esforço e sacrifício da sua própria vida para legar vida como sua herança ao bem comum das futuras gerações sem apartheids e discriminações? Não somos nunca nozes mas sempre nozoutros, porque assim falava Zaratrusta. Quem? Sei lá. Já esqueci. Já esqueceu? Que bom... então dá experimente essa daqui, que essa dá boa, viu?

fotomontagem (creio eu)

De modo o que a esquerda autoritária foi plantando como sua ditadura do politicamente correto a direita vem colhendo como ditadura do politicamente incorreto. O que em verdade é só uma questão de perspectiva porque ditadura é ditadura, porque quando se reza cartilhas por credo no santo, basta tomar a prensa e imprintar e trocar a cartilha e a imagem do santo que a ideologia muda, um parte, um partido cai, mas o culto e o sistema permanece como patrulha e impostura da liberdade alheia. E dá-lhe também a contra-atacar com as únicas armas que tem aquelas que se apropria e copia da própria esquerda autoritária:

Ysani Kalapalo: a youtuber indígena que admirava Jean Wyllys citada por Bolsonaro em discurso na...

"Olá a todos. É uma honra estar aqui hoje. Foi um privilégio receber o convite do grande deputado Jean Wyllys...

www.bbc.com

Notem como Bolsonaro é uma encarnação que sequer sairia da sua insignificância e voltará a inexistir se ou quanto a esquerda deixasse de ser reacionária e autoritária, porque não passa de um stalker de uma sombra de da antítese da assombração que ela também encarna do outro lado, num jogo de terrorismo domestico e internacional no qual os partidos e os regimes que governam os povos de cada nação ganham ou perdem na exata medida das suas balança comercial, mas uma balança comercial que não é feita pelo que estes regime produzem mas pelos que eles pilham seja nos territórios sob sua jurisdição, ou sob a jurisdição do outro. De modo, que Estados podem sair ganhando ou perdendo das suas guerras comerciais, desinformacional, hibridas ou totais, mas os povos, as populações ganham ou perdem de acordo com a razão da proximidade geopolítica com os supremacistas que prevalecerem ou o que é mesma coisa acabarem por deter seja por arrego, corrupção, manipulação, ameaça, negociata enfim não importa o método o maior produto interno bruto de todas as pilhagens. Algo que não para quem não sabe sim se produz a partir da matéria prima da natureza viva, mas não se detém senão como natureza morta: capital.

Aliás diga-se de passagem reserva federal uma ova, se território indígena é de índio tem que ser território autônomo e não da união, mas sob a proteção da nação a qual é federado. Não pertence a esse a união, mas aos povo federados a nação em tantas territórios soberanos em seus respectivos Estados quanto o são as culturas, costumes e etnias, senão já era, e não só costume, mas território, e gente. E não importa se colonizador gringo ou local trata o nativo como animal de abate de bicho de estimação enquanto ele não é tratado como igual ou seja gente, na sua própria terra, e também na outra quando estrangeiro, ou seja, se não goza dos mesmos direitos do direitos daquele que se diz cidadão pátrio ou cosmopolita, então ele não apátrida esteja condenado ao holocausto no degredo das marchas forçadas ou encerrado nos campos de concentração do supostamente seu território. Notem que embora de nativos e do sofrimento do índio não padeçamos nada, mas causemos em nossas urbes, que em nossos respectivos Estados que compõe a antigo a farseta com r mesmo, da Republica Federativa do Brasil, nenhum Estado da Federação goza dessa autonomia, e os Estados que se fodam, porque o que interessa é que nenhum pessoa dita cidadã brasileira, de cada cultura e região do pais goza de autonomia federativa em relação ao supremo governo central, literalmente escondido e encastelado na cidade-Estado de Brasilia, não por acaso obra faraônica que abriga todas as múmias, vampiros e fantasmas e outras assombros do Brasil.

Logo quando cada etnia tiver tiverem seu território para sua prole viver em paz livres dos Sir Neys da vida, e não os Sarneys da vida para criar outra farsa unidade da união dos pilhadores da coisa pública para hospedar mais vermes e parasitas hereditárias que não param de se proliferar, aí sim, yanomamis vão ser maranhenses, maranhenses vão ser paulistas, e todos serão de fato brasileiros, ainda que não se respeitem como gente, hão de ter respeitar aquilo que é direito natural de cada um que não blá, blá, blá, mas legitima defesa, mas pode chamar soberania, sobre seu corpo, casa, sua terra. E quem não gostar de ter que tirar o sapato em casa japonesa (em qualquer lugar do mundo) que volte para sua, desde que ele é claro tenha uma que não tenha sido queimada, pilhada, roubada e não tenha um invasor mandando ele dormir de botas porque amanhã é dia de branco.

Justamente o oposto tanto do farso nacionalismo de Trump ou do farso cosmopolitismo de Macron, novamente faces de uma mesma moeda, ou melhor pontas de uma mesma tesouro dividir os alienados de outras nações literalmente em duas. Um explode o mundo, passa a conta da falência e das guerras e depois de tranca no banheiro enquanto recarrega as armas

por que já (ou melhor por enquanto) não aguenta a briga, vide Venezuela. E outro, agora já sem o cara grande para garantir a sua parte no butim mundial, vai ter que começar a pedir o arrego nas províncias e bocas de fumo do mundo, na cara dura, e antes que os coletes amarelos tomem as ruas de novo, até porque Notre Dame é como 11 de Setembro, pode até ter duas, mas já não é a mesma coisa, pior é outra. Porque é de Colin Power, Clintons, Bushs e Obamas que se fabricam Trumps, ou como diria o outro ratos não nascem por geração espontânea do monte de sujeira empilhada, meu filho, eles procriam.

Pois é. Xenofobia disfarçada de nacionalismo, e colonialismo disfarçado de ambientalismo ambos tem precedentes histórico e não se chama meramente fascismo, porque juntas são muito mais explosivas. né não?

*Para entender o pensamento de **Adolf Hitler**, que consolidou a ideologia nazista e produziu horrores como o **holocausto**, é necessário que saibamos o que o Führer do **III Reich** compreendia como "**Espaço Vital**" ou, em alemão, **Lebensraum**.*

*O conceito de Lebensraum popularizou-se no século XIX, após a **Unificação Alemã**, por meio dos trabalhos do geógrafo **Friedrich Ratzel**. Como é sabido, o século XIX foi o século do imperialismo e do neocolonialismo. Muitas das nações europeias e países de outros continentes, como os Estados Unidos e o Japão, empenharam-se em conquistar grandes extensões de terras a fim de garantir um pleno desenvolvimento de suas capacidades econômicas. Ratzel, que havia visitado os EUA na época do auge da **Doutrina Monroe**, passou depois a conceber uma doutrina geopolítica que defendia que toda "raça ou povo com dotes civilizacionais superiores" precisaria de um vasto espaço físico para o seu pleno desenvolvimento. A conquista desse "espaço vital" dependia da subjugação de "povos ou raças inferiores", ocupantes de territórios "indignos" deles.(...)-* **O que foi o "Espaço Vital" Nazista? em *Mais uma guerra mundial de Idiocracias: Salvadores de Pátrias versus Salvadores do Planeta***

Mais uma guerra mundial de Idiocracias: Salvadores de Pátrias versus Salvadores do Planeta

Da política incendiária de terra arrasada como salvação no (e para) o Terceiro e Quarto Mundo.

medium.com

Então não se surpreenda se Bolsonaro arrumar agora uma dupla infantil para cantar de cocar e tudo para gringo ver:

Claro que não a Mariquinha. Mas não porque esta musica esteja proibida pelo index do politicamente correto da esquerda reacionária que canibalizou os movimentos de empoderamento, está ele vai continuar cantando para sua galera, até porque já abriu todas as portas para quem ele queria, mas porque nas manobras estratégicas da guerra autoritária de apropriação para ditar o que que é correto e incorreto para plantar e implantar o regramento do seu sistema jurisdicional correcional como ditadura até a subversão é objeto

de apropriação reacionária quanto se torna vulnerável a tal, entra no jogo das representação e e atores que se dizem orgânicos, mas são corporativos, engrenagens da máquina estato-privada que conscientes ou não levantam a bola para o adversário chutar, e se ele não chutar, nem souber cair na área para marcar pênalti, ele expulsa ou encerra o jogo.

O criminoso de guerra, e secretário de Estado de Nixon, mestre em Golpes domésticos e em quintais provincianos, mentor da Operação Condor no Chile que bombardeio o palácio para tirar Alende e enfiar Pinochet, no melhor "vocês vão ter que me engolir": olhe para como um povo, joga seus esportes e saberá como ele pensa. Não olhe como um povo assiste e comenta e comemora e pior no pão e circo e saberá quem, quantos e o quanto ele vai entrar em pânico com a próxima invasão de Marte. Ou ao contrário nem vai perceber quanto os próximos invasores de corpos, mentes e corações tiverem devorado até sua identidade e cu. Perdão aparelho excretor porque quando a pessoa nem souber o que é isso, porque alguém se ofende, com a palavra, quem vive de foder o rabo alheio, vai poder fazê-lo sem que o coitado nem possa contar o que lhe aconteceu, porque nem sabe mais um como uma criança surda muda ou retardada estuprada por seus santos tuteladores.

Eram crianças, surdas e muito pobres. As vítimas ideais. Foi fácil convencê-las a não contar nada. E se contassem, como aconteceu com algumas, ninguém iria acreditar nelas. (...) São as crianças do Provolo de Mendoza (oeste da Argentina), um instituto para surdos onde foram cometidos abusos sexuais de todos os tipos durante anos contra menores, inclusive de cinco anos. Realizados principalmente por sacerdotes, às vezes com a ajuda de uma freira que testava meninas e meninos para encontrar os mais fracos e entregá-los aos sacerdotes.

Há seis pessoas detidas e o centro foi fechado em dezembro. Nem a Igreja tem coragem de negar o que acontecia lá dentro. Os estupros e as humilhações de todo tipo — uma adolescente denuncia que foi acorrentada e abusada por quatro pessoas ao mesmo tempo — quase sempre aconteciam em um sótão, em uma sala que chamavam de "a casinha de Deus". A polícia encontrou as correntes e material pornográfico. "Ao subir as escadas em uma inspeção, uma vítima apontou uma imagem da Virgem e disse: 'Sempre que passava por aqui, a freira malvada fazia o sinal da cruz'. Como podia ser tão hipócrita?", pergunta o promotor do caso, Gustavo Stroppiana(...)

"Várias testemunhas concordam. Primeiro, a freira Kumiko Kosaka batia nos menores para testá-los. Aqueles que resistiam, se salvavam. Os que eram submissos acabavam sendo abusados", explica Sergio Salinas, advogado de várias vítimas e grande incentivador da causa apoiado por sua associação, Xumek. Uma menina de cinco anos, agora adolescente, foi repetidamente estuprada por Corbacho, outro padre do Provolo que está preso. (...) Eram crianças muito pobres, com famílias problemáticas, que pouco viam os filhos porque estavam internados. Além disso, os escolhidos eram aqueles que tinham mais dificuldade para se comunicar com os pais, que não conheciam a linguagem de sinais", diz Salinas.

Todas as vítimas e até mesmo os promotores da causa concordam em uma ideia: a enorme responsabilidade da Igreja no que aconteceu no Provolo. Especialmente porque sabiam há muitos anos quem era Nicolás Corradi. E, longe de pará-lo, de denunciá-lo à

justiça ou de afastá-lo das crianças, simplesmente o mudavam de cidade ou país, onde só mudavam as vítimas, sempre crianças surdas e pobres.

Corradi chegou a La Plata, perto de Buenos Aires, em 1986. Vinha de Verona, onde supostamente tinha abusado de outras crianças surdas. Uma gravação com câmera escondida de um dos padres do Provolo de Verona feita por jornalistas italianos mostra o sistema: quando havia denúncias, o padre tinha que escolher: "para casa ou para a América". Todos optavam pela segunda.

*(...)-**Inferno na "casinha de Deus": dois padres estupravam crianças surdas ajudados por uma freira***

Enquanto as pessoas se entretêm em satisfazer seu moralismo,Hipocrisia e libido no plano-mundo das fantasias sexuais do politicamente correto-incorreto, os monstros continuam a praticá-las como fazem a milênios: violando e sacrificando a carne de quem não tem boca, nem olhos quem olhem por elas. Praticando o holocausto ao seu verdadeiro senhor e culto , por trás dos símbolos, togas, faixas, fardas, batinas, títulos e sobretudos discursos.

Enquanto as pessoas se alimentam e indignam com a sociedade do espetáculo ideológico, os ideólogos desse freakshow alimentam suas taras e seitas perversas e monstruosas com a carne dos inocentes. Fazem do mundo o inferno que as cortinas da imbecilização dos suas cultos políticas e religiosos escondem. Mas o problema é a arte. O problema não é o padre que estupra, mas o artista performático "de esquerda" nu, ou o humorista "de direita" a denunciar o ridículo e perverso da monstruosidade da taras dos sacerdotes reis e seus públicos cativos.

Não, o que incomoda o autoritário e reacionário de direita e esquerda, o pequeno tirano fundamentalista seja do conservadorismo, seja do progressismo, seja o idolatra do culto ao politicamente correto ou incorreto, não é o mal, é a perversão. Não é a criança surda estrupada ou a morrer de fome ou a comer lixo catado ou processado pelo seu Estado eugenista e fascista. O que incomoda, ofende, a todos igualmente, ofende a sua "dignidade", fere seu "bom gosto", não é o estupro, o racismo, o genocídio é o nu. O nudez da sua podridão explícita que a dramaticidade ou comicidade, que o sarcasmo ou o realismo expõe não do outro, mas deles como a olhar para um espelho, seus segredos, hipocrisias, taras e perversões.

O repúdio não é ao ato monstruoso, mas a visão da sua própria deformação teratológica e conformorbidade tão cuidadosa enrustida em vestes, costumes e hábitos e opiniões. O ódio não é da violação e violência, o ódio é literalmente o da exposição daquilo que somos. Daquilo que fazemos. O ódio contra quem ousa tirar e destruir o seu mundo cenográfico de confortos e comodidades que só as mentiras e ilusões que nós podemos contar a nós mesmos em público podem dar.

Mas esse é o mundo das cavernas, o mundo onde os acorrentados ficam discutindo o sexo dos anjos, enquanto os padres pastores de rebanhos humanos — e não são só os religiosos

— os estupram. E aí daquele que cometer o pecado de ousar querer ver ou questionar o que eles fazem. São pervertidos sem deus no coração. Certamente. Sem deus, o demiurgo satânico deles.

Mas sou obrigado a concordar em uma coisa, não é arte que deveria estar em museus. São eles. São esses monstros. De preferencia empalhados. A arte e a liberdade deveria estar livre e impune nas ruas. E eles que já estão mortos em vida mesmo, eles os mortos-vivos é que deveriam ser mandados para o seu lugar: o passado da humanidade. Não para serem apagados da memória ou escondido, mas lembrados, para que nenhuma geração esqueça que tipo de monstro canibal, que tipo de homem que come criancinhas foram os santos e reis dos templos e terras, os senhores dos nossos pais e dos pais de nossos pais.

Um museu desses seria então mais do que um museu da maldade, perversidade humana. Seria um museu da fome, da miséria, da escravidão, da servidão e sobretudo das Inquisições e Holocaustos, dos sacrifícios dos inocentes, do infanticídio. O museu dos cultos, e seitas para apaziguar e satisfazer a ira a taras dos todos poderosos. O museu dos mitos de terror e seus sacerdotes e reis, O museu da outra "arte", não a da vida, mas a da morte. O museu da arte e arquitetura das civilizações que sustentavam seu conforto plantando e colhendo e semeando genitores tementes, servis e conformados e tarados, sobretudo por violência e poder. Os preceptores que amam mais os senhores da sua discórdia, servidão, covardia e idiotia do que sua própria vida ou liberdade ou a dos seus próprios filhos.

Sim um museu do Holocausto, sem a menor sombra de dúvida, mas não só dos nossos não-irmãos, mas dos nossos não-filhos. O museu da desumanidade. Observem guardem o método. Não se esqueçam do método, do processo e sua sistematização. Porque os fins e princípios são falsificáveis, mas os meios, os métodos constituem a verdade de tudo. Porque o método de seleção artificial nazi, não foi inventado pelos nazistas, ele é tão antigo quanto a própria corrupção e degeneração milenar da humanidade:

Aqueles que resistiam, se salvavam. Os que eram submissos acabavam sendo abusados.

Estupro, assassinato, holocausto, imolação dos que dos inocentes e pacíficos por natureza e necessidade porque não tem sequer forças ou condições de se defender, ou pelo menos gritar por socorro. ***"Inferno na "casinha de Deus": dois padres estupravam crianças surdas ajudados por uma freira***

"Inferno na "casinha de Deus": dois padres estupravam crianças surdas ajudados por uma freira..." e...

Nazistas, cristãos e satanistas: Vinde a mim os inocentes e pacíficos porque deles é a "Casinha" do Céu

medium.com

Pois é, nesse é contrato social higienista e eugenista tácito da divisão internacional do trabalho e capital industria pesada, escravidão assalariada, teatro de guerra, teste de bomba arma, veneno, cobaia, lixo, para o cu do mundo, as províncias, periferias, tecnologia, propriedade intelectual, patente, ouro, riqueza, meio ambiente limpo, aqui. Lixo nuclear, lá. Misseis aqui. Cientistas nucleares nazistas nos EUA e ouro roubado escondidos na Suiça. Os Carniceiros dos campos de concentração Mengele e Eicheman escondidos adivinha onde, e com passaporte e guaridas de quem?

Klaus Barbie e centenas de outros nazistas contaram com a "mão da Providência" do Vaticano para conseguir passaportes — em muitos casos mesmo batinas! — a fim de sair da Europa para a América Latina (os exemplos mais notórios são os de Joseph Mengele, morto afogado em Bertioga, no Brasil e Adolf Eichman, sequestrado por um Commando Israelense na Argentina e julgado em Israel).

*Era o início da Guerra Fria e a CIA precisava de agentes com amplos conhecimentos das práticas e costumes dos comunistas a fim de contra eles lutar com eficácia. A folha corrida de Klaus Barbie, neste ponto, era impressionante: perseguição, tortura e assassinato de milhares de comunistas quando líder das SS (Forças de Segurança Nazistas) na cidade de Lyon, na França. Com aquele currículo, credenciou-se facilmente a ajudar os EUA em sua "Luta contra o Comunismo" e, de passagem trazendo seus ex-colaboradores nazistas para perto, sonhar com a criação de um IV Reich nos Andes(...)-**O Inimigo de Meu Inimigo — Klaus Barbie e a conexão Vaticano/NAZI/CIA (uma resenha)***

Porém não só ele. vide o ditador Paraguai que também encontrou guarida para morrer satisfazendo todos seus desejos aqui também no Brasil:

Quem foi Alfredo Stroessner, o pedófilo ditador do Paraguai que mantinha meninas como...

O regime do ditador paraguaio sequestrava crianças e mantinha um harém de escravas sexuais no bairro de...

www.gazetadopovo.com.br

Mas esses os estatopatas que perderam a guerra. Os que ganham ao menos até que seus muros e palácios não caiam. Ficam para a posteridade não raro embalsamados:

[Rússia] Vídeo de crianças comendo bolo em forma de Lenin viraliza nas redes

Segundo os criadores, o bolo representa a transformação ocorrida na Rússia desde a queda da União Soviética A ideia de...

noticiasanarquistas.noblogs.org

Opa, errei de múmia (detalhe para quem quiser abrir a noticia o medo paranoico conspiratório que ressuscitem o dito cujo, como se precisassem):

Rússia gasta 700 mil para deixar a múmia de Lênin como se estivesse viva

Segundo a BBC Brasil, o cadáver de Vladimir Lênin que fica exposto num Mausoléu, na Praça Vermelha de Moscou, tem um…

brasiluniversodigital.blogspot.com

Porque a coisa que faz o que quer, vai para onde quiser, para quando bem entende, se move quando você não quer, não está onde se gostaria, fica quando se quer que vai, vai quando se quer que fica, se junta quando se quer que se separe, se separa quando quer que junte, não se pode dividir, não se pode separar, você empurra para um lado, vai para ora para esse lado, ora para outro, aparece quando quer, desaparece quando menos se espera, isso não é por definição aquilo que não é uma propriedade de outro ou que outro consegue deter ou colocar na sua conta, mas a propriedade de si move por conta própria. A propriedade daquilo que tem vontade própria, ou simplesmente liberdade. A riqueza viva que ao contrário da posse e poder não se pode trocar, vender nem trocar, porque dada, vendida ou trocada, morre como vontade própria e compor a natureza morta do corpo patrimonial alheio: seu capitais seja recursos humanos, seja meio de produção reprodutores ou reprodução da sua existência não apesar desta já estar velha e morta e estéril e sua nova e cheia de vitalidade e fertilidade, mas exatamente por causa e em função disto.

Não isto não é nem só um biopoder nem só um necropoder. Isso é pior. É holocausto não com estado de guerra, mas de pax. O culto do holocausto institucionalizado como Estado e Religião e Sociedade alucinada nesse freakshow. É a negação da vida e liberdade e sua anima pela banalização normalização e imposição legal da da perversidade como alucinação monstruosa que não só licencia e impõe cultura do holocausto como criminaliza sua legitima defesa.

Não é um cultura institucionalizada não só do racismo velado, não da escravidão assalariada disfarçada de trabalho livre, ou servidão voluntária, isto pode ser um holocausto rápido feito na guerra, e otimizado em blitzkraig pela sistematização otimização e automação dos métodos de produção da morte em massa, mas definitivamente é não só um produção sistematizada de morte em massa, eugenista gentrificadora como também ou seja genocídio como é holocausto lento tanto urbano quanto campesino de todas as formas de vida concentradas na jurisdição desses campos de produção da monopólio da violência e violação pelas relações mantidas a força e contra a vontade. É uma institucionalização do holocausto como cultura politica, econômica, social e ambiental corporativa tanto civil quanto militar contra os direitos jusnaturais mais básicos a dignidade liberdade e a própria vida e ambiente de toda pessoa humana, mas de todo ser vivo. E holocausto não como apropriação indevida da palavra.

Porque holocausto não é mero extermínio de tudo e todos. Porque isso é extinção. Holocausto é o extermínio ritual planejado sistematizado em massa e total de uma forma de vida discriminada, segregada, apartada, e sobretudo tomada tanto como bode expiatório do mal quanto a própria causadora dos males para sustentar reproduz propagar e manter a integridade tanto da ideologia quanto da própria corporação que se sustenta através da

banalização, apologia ao ódio a guerra a violência ou seja o próprio mal e insanidade e monstruosidade em si e sua causa como se fosse o bem e sua salvação. A base da falsificação e perversão que diferencia o genocídio do holocausto: no genocídio o corporação que o perpetra não necessariamente terá que buscar outro bode expiatório e outra guerra. Nos holocaustos o perpetrador imediatamente ao exterminar um inimigo terá que eleger outro para sustentar sua perversão que sem guerras e inimigos predação e espoliação não só não alimenta seu culto como não alimenta seu corpo artificial, sua máquina de morte. que se desintegra, não raro fazendo a única coisa que suas células estão programadas para fazer, atacando e matar agora em seu próprio território e umas as outras.

Politicas que resultam em morte e que não são resultados de falhas ou omissão na proteção. Não. São mais do que "só" politicas de morte para proteção não só da vida liberdade mas do patrimônio das vidas que contam. Não são o risco de morte assumido como perda aceitáveis de vidas dos valem nada para a produção da proteção do patrimônio dos privilegiados mas a eliminação de bodes expiratórios sacrificados massiva e sistematicamente para a produção e reprodução do próprias relações de poder mantida a força e violação e violação institucionalizados como regime que se vende como remédio desse mal que ele alimenta e dissemina para se vender como unica cura. A teratologia da doutrina totalitários por excelência o holocausto, a a desqualificação discriminação, segregação, uso, exploração, planejada até a eliminação de vidas tanto em por privação em guetos depois em diretamente em execuções que levam ao genocídio e extinção sistematizado de um povo, não importa se 5, 50, ou 100 anos, porque o objetivo do holocausto não é a mero genocida pelo genocídio mas não só para racionalizar a produção ideológica de um sistema mas sua produção concreta como regime sustentar tanto a desintegração do povo quanto a alienação a hierarquia e idolatria ao terrorismo estatizado às lideranças, a maquina estatal de monopólio não de violência mas de compulsão de morte que se alimenta da vida dos sacrificados da pilhagem desse crimes contra a humanidade e natureza e se mantem integrada desse ritual.

Desastres naturais, dilúvios exterminam populações sem discriminar a sorte quem é quem. Onde há a ação da preconceito e discriminação e domesticação humana, até onde há acidentes naturais esses supostos acidentes, doenças já tem alvo endereço código genético e fenotípico "certo", tem cabra marcado para morrer, ou até não se reproduzir. Bala perdida nem muito menos misseis não se corresponde a padrões estatísticos históricos transmitidos de geração a geração através de preconceitos e privações de bens comuns hereditárias. Complexos, multifatoriais, difusos são os fenômenos, mas raríssimos são as coincidências se é que elas existem, mas o que não existem é eventos sem razão de ser ou explicação, ainda que essa seja desconhecida ou a própria manifestação da autodeterminação produtora da autogerado espontâneo, não existe geração espontânea nem muito menos geração espontânea, mas sim autogeração espontaneamente produzida pela manifestação da força elementar gregária da autodeterminação, livre vontade, ou liberdade, porque nada se gera do nada, mas por definição do que lhe é essencial: o velho e bom espirito da coisa, incluso das coisa pública ou bem comum. O fantasma da republica que nasceu natimorta que dirá da verdeira democracia a direta e popular, por oposição as meras tiranias oligárquicas, autárquicas quanto falsificações representativas populistas.

Adultos infantilizados pela bolha estatal são como as pobres crianças vietnamitas do que nasceram durantes os bombardeios da guerra do Vietnã. Dizem que elas acreditavam que arroz caia do céu. Faz sentido. Porque naquele inferno era o único lugar de onde ele vinha. E

estas eras a que tinham sorte, e quando tinham sorte, porque outras ou morreram bombardeadas morreram de fome, ou com a gentes laranja, porque se bayer (monsanto) é bom, ou como crianças bomba. Mas há ainda hoje crianças crescidas que juram que o chester de natal que compram no supermercado é o resultado mágico da transmutação alquímica da ciências politicas e econômicas onde o produto do seu trabalho é que põe na mesa aquele chester de natal, que aliás ele mesmo nunca viu.

Porque como nada nesse mundo fora bombas cai do céu, de graça, nem mais a água da chuva, até essa precisa ser tratada, seja porque é na verdade é bosta reciclada, ou a chuva é tão tóxica quanto o ar que se respira, e se antes da queima da floresta do cigarro do fumante, pelo outro motor do progresso, o de combustão de animais e florestas há muito já extintos e também altamente poluente em quantidades, o motor da combustão de derivados do petróleo, o ouro negro que se genocidou mais povos no século XX, quase tanta gente do que metais e minérios precisos do passado seja por seu valor de troca ou uso, mas não talvez tanto pelos minérios e metais e terras raras do futuro.

E nunca pelo que realmente interessa que não é propriedade das coisas, mas a transformação dos seres sobretudos os que tem energia força e anima própria em coisas não necessariamente completamente mortas, só em fonte de energia, mas em meio de produção, autômatos, máquinas ou engrenagens e bestas de carga e terminais burros a reproduzir ordens e comandos. A apropriação dos seres como coisas, domesticação tanto da anima de toda natureza incluso a dos semelhante. Domesticação de gentes. A propriedade que não só reproduz a propriedade, mas a inventa, como capital. Mas pela concepção de outra forma de alienação muito mais arraigada em nossa alma servil: o trabalho. Já apartado da produção, mas sinônimo de etapa, a etapa alienada, inconsciente e automatizada, porque produzida por servos autômatos mesmo quando eles ainda eram feitos de carne e osso animal seja dos considerados raças ou espécies semelhantes ou nem tanto. Aliás não só em termos de qualidade e classificação ou melhor desqualificação e desqualificação de classe, mas sobretudo e antes de tudo de gene,de eu-gene, portanto de gênero, número e grau. O eu, minha origem e minha superioridade ou inferioridade preconcebida como definição não só da identidade da minha própria identidade mas a do outro de mundo, e por exclusão e alienação da expropriação antes do direito de propriedade e identidade do outro, o próprio direito de próprio-concepção, que o coloca a merce da sua sujeição não só a subjetividade simbólica suas fantasias de poder , mas a violência e violação absolutamente concreta da realização objetiva das mesmas como seja como mero objeto dessa perversão teratológica.

E pobre daquele que primeiro esteve a merce desse mente doente porque foi feito o primeiro escravo: a mulher. E e mais pobre ainda daquele que nasceu desse estupro, porque foi o primeiro nascido desse estupro, sem jamais conhecer o que era a vida em liberdade: a criança. A coitada que reduzida a animal domestico irá acreditar por falta de referencia que comida brota da mão do amestrador e provedor, não raro em troca da satisfação de um prazer e necessidade dele, e não a sua. O oposto do que é viver em liberdade. Ou mesmo dos instinto de preservação que se colocassem prole no mundo para tentar meramente se perpetuar suas formas ultrapassadas não só haveria evolução, como sequer não haveria diversidade ou vida, já que por um acaso ou milagre tivesse surgido um ser esse teria devorado sua prole e morrido velho e podre sem que a espécie conseguisse não só aprender e se preservar com seus acertos, mas sobretudo continuar a se transformar se livrando dos erros, algo que não muitas vezes requer que não meramente uma reforma, mas que se

recomece do principio, não só para evitar os mesmos vícios, mas para se reprogramar a arquitetura da estruturas.

Uma questão de evolução não só de formas e padrões adaptativos, mas da lógica de combinação dos padrões que geram a inaptabilidade e portanto a premência evolutiva que não ocorre ao acaso, mas pelo estresse da limitação dessas estruturas, de modo não só aumentar a adaptação mas a capacidade de se tanto não de aptar, ou seja aumentam a capacidade de transformação através da complexidade da informação que gera tanto a diversidade quanto a multiplicidade que caracterização os saltos evolucionários e revolucionários orgânicos não só da vida, mas da existência e seu saber, tanto como lógica da sua episteme da produção das suas formas, quanto lógica da produção do próprio saber a seu respeito.

Então Imagine...

Não. Não imagine porra nenhuma. Acorda e levanta pra cuspir. Porque o sonho acabou... e passou da hora de levantar de preferencia junto, mas antes sozinho do que mal acompanhado porque de criar cobra e quinta coluna morreu a não só a velha esquerda falsária e caquética, mas ainda vai morrer muito inocente sem nem saber porquê, para quê e por quem. Mas quem não nasceu ontem sabe disso, ainda que finja que não.

O sonho acabou

Por isso quando alguém vier com no velho e batido discurso do tucanês para você deixa o Witzel, o Bolsonaro sangrar que as eleições estão aí, não se deixe enganar, não é sangue deles que vai correr, nem a carne ou a casa ou mata deles que vai queimar, mas a sua, e é isso mesmo que eles querem corpos casas e terras arrasadas para capitalizar e vender nesse negocio necrofilo feito do holocausto e pilhagem de bodes expiatórios e suas terras para perpetuar os o culto dos todos poderosos como regime de idolatria ao monopólio da violência como supremacia eterna do poder total. A discórdia, a insanidade, e o mal vendido como remédio amargo. E felizes dos contribuintes que ainda tem propriedades para entregar como tributos em sacrifícios a esse culto egomaníaco e idolatra porque aqueles que já não tem mais propriedades nem particulares nem sobre o bem comum, hão dar não só sua carne mas a da sua prole em holocausto. E aí da mãe que negar seu ventre a reprodução do que não lhe pertence, o escravo e hospedeiro do memorial do do seu mantedor de relações forçadas de poder até depois da morte.

Marx que também era patriarca de comedores de crianças, nisto não negou ser um gênio ou eugenista das “raças”, gêneros e gerações, e preconcebeu o proletariado como aqueles que só são donos do seu trabalho e prole. Espertão, não é a toa que queria trocar a ditadura de uma burocracia por outra, a sua. Sabia que a ditadura estava em quem comanda-se o negócio do ócio, quem ditava e quem obedecia, quem fica com o capital e o trabalho, quem ia ser o cavalo de quem era e comer ou morrer na mão do outro é só consequência.

Aliás não inventou nenhuma roda, mas que poliu as roldanas da máquina poliu. Por isso que nem liberais nem socialistas autoritários querem se livrar do deus todos poderoso que se alimenta do sacrifício alheio via trabalho e propriedade alheia, seja na guerra ou na paz: o monopólio da violência. Parasita não vive sem hospedeiro ele o consome, e quanto mata e busca outro replicando-se e replicando, um processo de holocausto que não envolve apenas o extermínio, mas o apagamento da memória e rastros, sequestro e dos códigos, reprogramação dos genes e memes e sobretudo incorporação e retransmissão e perpetuação do eu como culto e cultura de servidão hereditária introjetada nos hospedeiros tanto que destinados a perpetuar o padrão como prole herdeira, meros reprodutoras ou só objetos de emprego e consumo e servidão de um ego que só enxerga a projeção da sua vontade em todos os tempos espaços históricos e até no além, ainda que não entenda, acredita ou tenha o menor sendo ou noção do que seria essa porra. Mas se as pessoas querem e precisam e se um sentido para a vida, o ególatra tem que se enfiar lá, e do único jeito que sabe, a força do embuste, manipulação e violência. Não nada, nem ninguém pode amar ninguém senão ele, e através dele. O mal-amado, o empata foda, espalha roda, o chato que dá no saco do chato, que armado até os dentes e cercado de lunáticos e chupa-saco que se fez senhor todo poderoso, e até de quem só queria viver livre e em paz. O desgraçado que não vive, e também não morre só para não deixar os outros viverem, pregando que tudo fique na merda que está, e que tivesse nascido na época das cavernas, teria queimado o primeiro homem que veio com o fogo. No tempo da escravidão, matado quem o negro abolicionista. E no tempo de Cristo, crucificado o judeu que pregou a paz ao invés da vingança e a morte. E em todos os tempos a mulher e a juventude que ousou dizer não a gênese e eugenia do velho patriarca que se caga de medo de defrontar-se com a inevitável a morte do seu eu superficial em todos seus disfarces e faces violentos e violentadores e autoritárias incluso as paternalistas. Morre de medo de encarar o curso natural da vida, onde não o outro mas ele enfim se desfaz, por completo para constituir a liberdade de todos que sempre considerou perversamente apenas um meio para a perpetração das suas finalidades. E não há viagra, plastica, mumificação, culto ou monumento ou fantasia que sustente a nulidade das suas compulsões de morte que desintegram sua existência, nem por outro lado apague toda a potencia nem a realização das pulsões libertárias e gregárias que constituíram a informação e formação da novas formas de vida, que querendo ou não se renovam e atualizam repletas de nexo e conexões significados que ele não consegue controlar predefinir nem predeteminar na rede da vida, mas perdeu o seu momento de participar e também criar.

Então manda de volta pro mar, que é oferenda. Manda pro inferno que é o lugar de quem pede contribuições e sacrifícios. O negocio deles é o capital. E também o seu. Porque quem nasce sem capital nenhum, não é trabalhador é escravo. E esse história de quem não trabalha não come, é ditadura. Come sim, senhor. Não enriquece, mas come. É história para boi dormir de socialista e liberal que adora impor um trabalho forçado a base de fome, para ficar ele com o excedente de produção, e como ele dita as regras, quem não trabalha mas come é ele, e não porque trabalhou porque herdou, porque malandro que é malandro já nasce de bigode e não de malandro mas de dono da verdade, herdeiro da lei na terra, porque quem é o dono é da lei e da ordem na terra diz não quem é dono do quê, mas quem é quem ou o quê, ou até nada. E aí, meu amigo, já perdeu, antes mesmo de poder entrar para jogar, ou descobrir como funciona esse jogo combinados, cartas marcadas e juízes comprados. Mas torce e aplaude senão apanha dos macacos de auditório e torcida organizada. E tem gente que acha que Datena e Sônia Abrão e BBB ou o Facebosta são os que tem de mais mórbido e urubuzento e apelativo na sociedade do espetáculo. Não meu amigo, esse é só o freakshow dentro do Show de Truman.

É foda. É foda como índio que vive, aliás vive não é morto sendo chamado de vagabundo e indolente, é foda como eles conseguem resistir e sobreviver a loucura deste holocausto e sabendo exatamente o que é um holocausto. Talvez por isso mesmo porque sabem tenham conseguido ao menos até hoje. Por saber que rezar para o deus do trabalho servil e alienado é pedir para ser não só exterminado mas para exterminar-se mutuamente sobre o comando do seu senhor da discórdia que divide não só as tribos e povos, mas até mesmo uma mesma tribo e um mesmo povo em classes e kracias dispostas a se matar umas a outras e até os irmãos de acordo com a ordem do cacique e a a pajelança. Se matar de trabalhar para que outros vivam enquanto ele adoece enlouquece e sequer come tem casa, ou pode se mudar se não fizer o que ele manda, e em troca do quê? Pois é férias e feriados bugigangas e passatempos planos de saúde e previdência que o ajudam a se recuperar e esquecer... do trabalho. Nem o rico gosta do que faz, quando está em casa arruma um hobbie, a até os que vão fazer algum trabalho social, porque a merda do trabalho não serve nem para uma coisa nem a outra. É uma mentira que vivamos em função de poucos. Não vivemos nos matamos em tempos de paz e guerra, matamos quem não conhecemos, matamos quem não conhecemos. Mandamos nossos filhos para morrer e se matar. E rezamos para que eles consigam uma chance de poder servir para ter o mesmo fim: viver morrendo e se mantando em nome de personas ou entidades todos poderosos e suas corporações artificiais ou imaginárias. Rezamos, cultuamos e obramos pela morte.

Praticamos o culto sacrificial da vida e liberdade reais em nome da tara e mania fantasia por posse e poder total e perpetua do ego alheio. Não nossa sociedades não são escravagistas neocolonialista nem ambientalmente incorretas, nossas sociedades são antropófagas e necrofilias. São sociedade que sacrificam seu povo e prole em holocausto em culto e idolatria alienada ao como Estado, a santíssima trindade patriarcal e patrimonialista do deus pai-pátria-patrão, onde tudo pertence aos primogênitos herdam tudo e os bastardos, os filhos pretos e pardos queimam junto com as florestas nos um nos holocaustos urbanos outros nos ambientais.

E não pensem que estou demonizando o capital, ou o trabalho. Nem um nem outro. Pelo contrário estou demonizando tanto a alienação do capital quanto do trabalho, uma divisão que não se produz pela invenção da propriedade, porque a propriedade não é invenção porque com diria Proudon meu corpo e os recursos que ele carece para se sustentar são meus e não do outro nem particular nem coletivo para me controlar via sua ameaça ou já consumação da sua privação e sua capitalização. A divisão entre trabalho e capital é já por si mesmo alienação autoritária, porque o capital se enquanto está vivo se reproduz livremente sem trabalho alienado, mas o trabalho alienado privado do capital este está condenado a morte. De modo que não é por trabalho para todos, mas sim capital mínimo a subsistência sem ser obrigado a trabalho alienado que deveríamos reclamar. Porque é a posse do capital que liberta, o trabalho escraviza. Inclusive quem deixa de trabalhar para viver e passa a trabalhar para enriquecer, porque se tivesse que gastar o seu tempo e braços para produzir toda a posse e poder que almeja, a infinita, não teria tempo de viver, mas morreria se sacrificando de tanto trabalhando como morrer aliás seus servos, empregados no seu lugar para que ele use seu tempo ocioso nem tendendo sobreviver nem enriquecer ou chupando o saco de gente rica, ou mantando e pilhando gente pobre, mas vivendo livre em paz e e vejam só, milagre não só produtivamente mas criativamente sua vida.

Da desintegração preconceitual da anima da vida, a liberdade em capital e trabalho já está produzida a alienação. A nem o trabalho daquele que tem propriedade sobre e para viver é escravidão. Nem a propriedade que não é adquirida sem agressão ou privação é roubo. Mais a invenção da portabilidade do capital, o dinheiro, não é uma das mais libertadoras invenções da humanidade, e não é a toa que é nela que esse vírus da predação e a parasitagem profissional tenha se instalado a propagação do seu código de reprogramação da hereditariedade natural.

Quando uma geração deixava o fruto do seu trabalho sobre a terra para seus filhos como por exemplo na forma de uma terra para viver e cultivar, sobreviver literalmente dos frutos da natureza. Este legado era tudo o que ele poderia deixar, não era um fardo proposital porque não havia outra forma do seu filho ganhar seu sustento senão sobrevivendo exatamente como ele sobreviveu. Mas no instante que a humanidade aprendeu a não só pilhar e matar outras tribos, mas fazer trocas, carregando de preferencia objetos que facilitassem isso, a humanidade deu dois saltos, a paz e a riqueza. E os filhos já não precisavam mais fazer exatamente aquilo que seus pais faziam desde este ao invés de pensar que estes vieram ao mundo para carregar tudo o que ele construiu, passassem a pensar que todo o patrimônio que ele construiu poderia ser convertido em algo que ele poderia ser carregado com ele para onde ele quisesse e ele pudesse agora fazer e construir o que quisesse a partir de toda aquela riqueza que ele construiu. Mesmo que não fosse já exatamente a sua obra, mas agora a dele.

Aquela nova geração já não estava mais presa a mesma vida, mas pelo patrimônio herdado não só como riqueza particular, mas como paz e comercio, como possibilidades no mundo, poderia fazer tantas outras coisas onde pudesse em paz ser recebido. O oposto de toda a lógica que agora rege o mundo, onde uma nova geração vive não só para sustentar o que uma velha, mas o que elas construiu não só como obra, mas como mera acumulação de meio de troca, para não transforma em porra nenhuma de criação útil.

Uma insanidade transformada em fardo de inutilidade, o patrimônio como maldição amarra e assombração do passado da negação de busca de próprio sentido de vida e liberdade, e não mais como legado e presente para o futuro, a perversão do própria do sentido existência da hereditariedade que não a eugenismo, mas do libertarismo, o propagação da vida e liberdade, e não a perpetuação do que já era, morreu. Carregar fardos para gerar e dar vida. E tirar vidas para impor fardos incluso como se legados fosse viver em perpetua idolatria e servidão aos velhos patriarcas todos poderosos não que se recusam em deixar morrer, mas que mesmos mortos fazem questão de carregar todos juntos para a cova, não deixando ninguém viver.

O oposto da noção de tudo que é capital, aquilo que é se passa a ser vital a uma forma vida como sua propriedade fundamental a constituição da sua liberdade e não a privação da vida e liberdade alheia, ou seja sua perversão: poder tanto como o corpo de uma corporação privada ou estatal, que obviamente só consegue se sustentar pela supremacia da violência. Porque nada do que possui é seu por direito natural mas roubado e instituto por imposição de força do monopólio dessa mesma violência. Porque a legitima defesa não carece de forças de ataque, mas por definição de defesa. Então não sabe a diferença entre um serviço de inteligência e informação e um porrete. Forças quantitativas e qualitativas. Vai terminar vigiado e guardado pelos donos do capital, trabalhando com vigia ou guarda ou fugindo deles, ou trancado em casa com medo implorando por eles quando precisar de um. Povo

dividido e apartado em classes sociais. E não dono de gentes e territórios, corpos e vidas dos outros que não lhe pertencem, nem sequer plenamente da sua que não pertence a ninguém senão a você como corpo e vida e terras. quanto a todo resto tudo o que demais como você também precisam para viver, o bem comum, isso como o nome já diz não pertence a todos os demais interessados, mas a todos que tem aquilo sua mesma necessidade vital e capital ou simplesmente bem comum na exata medida portanto dessas necessidades e usufruto e não desejos de apropriação e privação. Ou do contrário voltamos exatamente onde estamos todo mundo querendo pegar tudo não porque tem direito ou precisa mais, mas simplesmente pode mais, mesmo que isso vá levar todo mundo para o mesmo vala essa sim inevitavelmente comum.

Porque a lei da natureza não pede contrapartida nem contribuições nem idolatria, só pede que você não tire mais do que precise, nem impeça quem precise de pegar o que carece. Não exige trabalho como servidão alienada, nem impede a acumulação de riqueza, ela nem sequer combate o parasitismo porque o parasita e o predador por estupido que é termina por eliminar a si mesmo, antes de eliminar a natureza, ainda que na sua soberba ache que chore o apocalipse de todo o mundo, ou planeta, quando em verdade, projeta o seu fim seja como civilização hegemonia ou talvez como espécie. Ainda que leve toda a vida junto. Crocodilo não chora a morte da presa chora que o fim do almoço senão grátis, fácil. E faz tempo que não pensamos mais com o coração, nem sequer com a cabeça, mas com a barriga.

Assembleia da ONU, para que se temos ainda o Pica-Pau de 1946 para contar como funciona o mundo de uma forma bem didática, enquanto a tia Damares deixar:

Por isso cuidado com o ambientalismo de quem tem colônias e tem nos porões dos seus cofres não só o ouro mas o esqueleto, toneladas de petróleo, misseis e sobretudo continua de portas dos seus burgos muito bem fechadas para quem não é cidadão da mesma terra e sangue que o deles. E não estou falando só dos gringos d´além mar, mas de quem se acha gringo em plena selva brasileira especialmente nas quebradas de concreto e aço. Porque tá pensando o quê, que é casa de pobre, que vai chegando visita vai botando mais água no feijão, cachorro. Sai dessa vida. meu irmão. Dog, mal acostumado que só come do bom e do melhor, que só come ração de carne, não vai comer legume azedo não, vai é devorar quem tiver por perto até não sobrar nem a roupa do corpo, filhote e até mesmo o dono. Especialmente os amestrados para viver em jaulas.

Descobrem que homem desaparecido na verdade foi completamente comido pelos seus próprios cães

Os restos do corpo de um homem dado por desaparecido foi encontrado nas fezes dos seus cachorros, no Texas, nos Estados...

www.metrojornal.com.br

O planeta está divido em dois mundos e tipos de territórios: o primeiro mundo e o resto ou os últimos, também conhecidos subdesenvolvidos e por uma linha clara o equador,

periféricos. salvo as exceções que confirmam a regra- ao sul e ao norte do Equador. Aliás não só a Terra inteira, mas o mundo inteiro em todos os lugares está assim apartado, em centros megas metropolitanos que concentram o capital e as capitais e suas margens e fronteiras as periferias marginalizadas e excluídas de tudo exceto a obrigação de fornecer os recursos que sustentam as urbes: matéria-prima e mão-de-obra, mas pode chamar de riqueza natural e besta de carga, incluso gente. De modo que não existe só dois mundos mais duas filas distintas para o céu e o futuro, mas para ser queimado no inferno e empalhado nos museus da sua história natural da suas (des)humanidade.

Pois é cuidado com gente que não vende só a mãe, mas joga até a filha aos leões para nunca sair do seu conforto para os famintos que não estão só na arena, mas são a respeitável opinião pública sedenta do sangue. E já não falo mais de Greta na ONU, mas das crianças da Siria, Congo, os escudos das guerras totais nos outras guerras desses monstros pela hegemonia sobre o Planeta, porque quando um míssil explode uma escola, uma igreja cheia de crianças não há 1 mas sempre 2 criminosos de guerra: o que atirou e o que se escondeu atrás delas. Quem são esses sujeitos indefinidos? Os mesmos que irão se acusar mutuamente e amanha irão celebrar seus acordos de paz, anistias mútuas e dividir o butim dos necrofagia do mundo e se recompor sua forças e reposicionar estrategicamente para atacar novamente e pilhar inocentes em um novo mundo de preferencia virgem. Mas reza para eles que há 5 mil anos eles atenderão suas preces. Guerra, trabalho e idolatria e holocausto enquanto houver vida nesse Planeta para saciar sua fome compulsão insaciável de morte.

E aí como diria Keynes empurra a conta para a próxima geração, até porque a longo prazo estaremos todos mortos mesmo, especialmente aqueles que estão cagando e andando para qualquer outra gene, gênero ou geração salvo o do contido nesse enorme buraco negro no centro de todo o universo: o seu infinito e eterno e imortal EU.

Porque louco é o médico das parteiras...

Ignaz Semmelweis, o médico internado em manicômio por insistir na importância de se lavarem as mãos

Em 1825, os parentes de um paciente que estava se recuperando de uma fratura no Hospital St. George, em Londres, viram...

www.bbc.com

E traz de volta o eletro-choque porque ritalina já não segura mais...

Novo tratamento para crianças com TDAH é aprovado nos EUA

O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) está entre os transtornos neurodesenvolvimentais mais...

revistacrescer.globo.com

Porque o problema não é o mundo é a falta de um “choquinho” de leve no nervo trigêmeo da cabeça do endiabrado, sabia não? Pode voltar tranquilo pro celular que ele vai ficar quietinho, quietinho. Mas é aquela história nunca peça para o médico curá-te a ti mesmo. Nós nunca tratamos nossas próprias doenças especialmente as que habitam o nossa própria inconsciência coletiva, mas só os doentes em particular objeto da verdadeira ciência fatos ou infelizmente outros phatos de psiques ainda bem mais doentes que o coitado do paciente que cai na mão da ciência desprovida de tal capacidade de autocritica ou simplesmente consciência. Que dirá então de charlatões mesmo... ou nem a esse tipo de charlatanice tem, mas de outra ainda mais miserável... pois um outro mundo, uma outra realidade, as vezes ocupando não só um mesmo tempo, mas um mesmo espaço. E tem gente que acha difícil entender os paradoxos da física contemporânea onde corpos ocupam um lugar, ou ao contrário um mesma entidade está ao mesmo tempo em vários campos e corpos ao mesmo tempo.

Pois é. Agora pegue a prepotência servil dos que julgam que sabem tudo, com a ditadura ignorância dos pregadores de crendices e seus crentes fiel, e você verá o que é uma verdadeira bomba nuclear epistemológica: boa-fé e ciência a serviço da pseudo-ciência e pregações eugenistas tudo misturado para formar a mistura psicopática-psicótica explosiva anti-libertária, anti-gregária e sobretudo contra a nova emergência e manifestação da livre consciência e liberdade de pensamento, relações consensuais e comunhão de paz. A superpotência e super-representação e super-concentração de um grupo a manipular não só milhões mas bilhões continuam não só invisíveis mas sem direito a seu próprio tempo, espaço e movimento próprios que constitui a sua gênese da autogeração atual e existencial.

Uma bomba onde tudo que que não certo ou errado é porque “deus quer”, “é sorte”, “destino”, “acaso”, “coincidência” “ciência”, não importa, é “como tem que ser” e se não for a culpa é do povo, porque se está inventando moda, é porque não está trabalhando, e cabeça desocupado é oficina do diabo, solta os cachorros e manda prender, porque se não é vagabundo é desordeiro. Tá pensando que é quem agora? Essa molecada de hoje em dia...

Por isso uma dica, nunca subestimem o novo venha ele de onde venha, porque até o elegante de circo adestrado desde filhote para desistir de quebrar suas amarras por vezes descobre que descobre que é mais forte que num dado momento já é bem mais forte que aquelas frágeis correntes que o prendem. O novo sempre vem de onde se menos espera, incluso as vezes disruptivamente implodindo tudo de dentro para fora, e não de fora para dentro. Até porque de quem já gastou o capital mais precioso do mundo, fica difícil. Tempo. O Capital da vida que as Gretas do mundo tem de sobra, os velhos amargurados não e as Ágathas infelizmente continuarão a serem roubadas, se nós tomarmos vergonha na cara Porque se não nós, quem? Nossas filhas?

Ou se enterre vivo com seu ouro de tolo? Mas não se esqueça que agora quem “canta” Raul nas arenas da ONU é “metaformofose ambulante” e “maluco beleza” do, é claro, não por acaso, agora Chanceler da nova ordem e progresso do Brasil ... e pois não é? É claro que é. Só não vê quem não quer, as “cercas embandeiradas que separam quintais...”

Become a member

Sign in

Get started

Janot faltou a aula básica sobre desobediência e sobrevivência civil: “não pegue a arma”

E nem diga, se um dia pensou, que quis pegar nela, a não ser que queria exatamente isso: ser imolado em praça pública pelo monopólio da violência.

Se Janot sacou que iria sofrer um assassinato DE REPUTAÇÃO (que fique bem claro), conhecedor da máquina que serviu, não é improvável que tenha se adiantado ao linchamento inevitável que viria; ou, se não ao contrário não sabendo jogar sem as prerrogativas dos privilégios da proteção dela, errou feio, nada disso, importa. Porque uma coisa é certa: Faltou na aula de resiliência, resistência, desobediência e sobrevivência dos povos sob a ditadura dos estatopatas e suas fantásticas fábricas de psicoses e atos desesperados: não pegue a arma. Até porque essa não é uma aula teórica mas prática que ou se aprende na escola da vida, ou morre. Porque quem planta discórdia, agressão, privação, loucura e violência para vender a institucionalização da repressão, correção punitiva como solução não quer paz nem muito menos solidariedade com a carestia, mas mais violência e privações. E quem cai nessa armadilha morre, ou acaba matando ou provocando a morte de inocentes. Por isso na luta contra o terrorismo estatal seja o doméstico ou internacional, uma regra é universal: DON´T PICK THE GUN.

Não siga o exemplo de Janot, até porque pode não ser exemplo, mas armadilha. Por que no final das contas ele não cometeu crime nenhum. E você, suponho que não seja procurador, e ele mesmo sendo um ex, não se engane não é um zé ninguém. Por isso não pegue a arma, nem sonhe em pegar em uma. E se sonhar, não seja bobo não conte, especialmente se não for branco, ou mesmo achando que é um, porque brancura não se mede pelo que se acha, mas pelos olhos de quem vai te julgar e sentenciar justamente porque tem armas e tribunais, legais ou não, para fazê-lo.

E se nada disso é suficiente para entender que isso é uma ratoeira, lembre-se que se arma fosse coisa boa, nascia em árvore e não era plantada a preço de banana porque de graça não se dá nem esmola. Se liga na armadilha. Por que se hoje as pessoas encontram mais fácil uma pistola, do que um prato de comida. Bala, do que batata. Coca-cola do que água pura, é porque tem gente não só ganhando, é só porque tem gente bancando para que outras morram e não para que elas sobrevivam.

E é por isso que crack é mais barato que remédio, não é que estão pouco se ligando para quem vive ou morre. Estão é muito atento exatamente para qual a origem, gene, CEP, credo, de quem vive, sobrevive, por quanto tempo vive, qual a qualidade da sua vida, se morre cedo, se já vai tarde, como morre, se está se reproduzindo, em que quantidade, porque sim, porque não, se deve reproduz mais, ou menos, nem reproduzir, trabalhar menos, trabalhar é mais, sequer nascer, ou morrer logo de uma vez por todas.

Não, não se engane. O crime é confesso: na cabeça deles nada nem cai do céu, nem brota do chão, nem chuva, nem planta, só bomba e mina. Nada é de graça nessa vida, nem as armas, nem as mortes. E se vem barato demais, ou de graça é porque o preço é nada mais nada menos do que sua própria vida e liberdade, que no final das contas, no livro caixa dessa contabilidade macabra dá no mesmo. Posses de gente pilhada e escravizada capitaliza como posses e poder para eles, e senzala e vala quando não servir mais seja porque desobediente, seja porque descartado com lixo, vala para você, sua família e sua gene. Capitalismo? Não, eugenismo genocida mesmo, disfarçada e contrabandeando seja no capitalismo ou socialismo estatal, mas pode chamar de Idiocracia do Holocausto.

Porque a base é o culto sacrificial dos marginalizados como bode expiatório para o bem comum de todos (os demais), marginalizados que morrem e não matam em holocausto vibrando e delirando junto com os demais idiotas: idolatrando o supremacismo ególatra do culto fanático a personalidade dos todos poderosos com seus eternos salvadores: seus supremos idiocratizadores. E isso não só em tempos de guerra, mas também em tempos de suposta pax. A diferença é que territórios supostamente ocupados e pacificados, o holocausto é mais lento, velado e concentro em campos longe dos olhos e corações, porque o que os olhos e corações não vêem, não creem a base do senso e noção dos comuns quando miseráveis não só de pão, mas de conhecimento, mas ricos em circo e demanda de contrapartidas para receber migalhas em troca de submissão e fidelização a arte do governar gentes, não por acaso identifica a de reduzir animais livres em domesticados.

Logo, quer fazer um ato verdadeiramente revolucionário? pegue aquele papel hoje em dígitos virtuais que você ia ser tomado como imposto e ia ser usado para comprar armas ou sabe-se lá o que, aquele dinheiro que você daria para uma igreja e não entregue na mão de nenhum atravessador, nem de ONG, vá e entregue a uma pessoa que você conhece em mãos de uma pessoas precisa mais sem pedir nada em troca, de preferencia sem que ela nem fique sabendo quem é você ou tenha que se sentir agradecida.

Não transfira responsabilidades para atravessadores, chame as suas para você, e deixa que as pessoas tenham a mesma chance de assumir as liberdades deles como elas são não só como direitos mas responsabilidades, porque mesmo que elas errem, é levantando e caindo que a gente aprende a andar, e não sendo com cabrestos, amarras e tutelas ou pior levando porretes a vida inteira que as gentes crescem. Pelo contrário é assim que se entortam.

De modo quando não se tornam completos idiota carentes, viram os monstros mal-amado cheio de ódio, os loucos furiosos que não se pode nem contrariar sem perigo de morte, e tanto mais perigosos quanto mais exércitos de fiéis idiotas especialmente armados tiver a disposição das ordens para satisfazer as suas vontades, incluso as taras e manias e compulsões possessivas por morte, violação e poder- que caso não se saiba quando deixam de ser fantasias para se tornar pesadelos bem concretos só tem um lugar para se realizar na carne, couro e no lombo do alheio literalmente como coitado.

Ou então ignorem. E se conforme em virar ou assassino ou cadáver, senão aqui e agora, pior além. E não estou me referindo as posteridades dos legados patrimonialistas materialistas, biológicos, históricos e materialistas; nem muito menos dos espirituais, misticos e transcendentais. Mas da natureza das coisas que não vem do nada como se nada nunca

tivesse existido antes, nem volta como se nada tivesse acontecido depois, mas inevitavelmente segue, sempre segue... seja por você e agora também por causa de você, ou pelo contrário apesar de você e finalmente livre de você. Uma escolha que é sempre sua.

Porque a vida sempre segue como origem da gênese eterna da autocriação de toda existência: como a liberdade da informação como força de vontade da transformação e como metamorfose da diversidade: ou simplesmente o novo.

Novo paradigma que portanto não se dá nem pela ditaduras autoritárias de nenhum preconceptor de predetederminação de movimentos, trajetórias e historicidades alheias predestinadas sejam eles os pregadores de arquitetos de universos, ou os materialista niilistas dos vendedores de sortes e acasos e coincidência que nunca por acaso nem por coincidência como dados viciados e desonestos favorecem suas pseudo-ciência e racionalizações de fatos e verdades para todo o universo conhecido e reconhecido... ou seja o deles, é claro.

Novo paradigma da(cons)ciência, libertário-gregário, panárquico (na falta de criatividade para nome melhor), que é feito portanto da proprioconcepção e autodeterminação do seu próprio destino e movimento como produto da liberdade como motor constituintes dos fenômenos e seus saberes integrados não só como ciência mas a essência das suas concepções de julgamento não só verdade, mas da episteme do próprio senso e noção da realidade que antes de ser objeto do logos é o padrão constituinte de todas razões e formulações. Episteme da existência, mas pode chamar de alma matter do mundo fenomenológico: Liber ou simplesmente Liberdade.

Vida que ao contrário dos pregadores do culto da violência holocausto não se faz do sacrifício do alheio, mas só do próprio e não por entidades ideológicas do mundo imaginário mas por vidas e liberdades do mundo concreto porque sensível, e sensível porque sentem e sofrem, e sente sofrem porque são dotadas de anima, porque dotadas de forças e livres vontades próprias que lhe dão vida.

O oposto dos corpos e máquinas artificiais e burocráticas e seus estatopatas em chefe que não tem senso nem noção nem da realidade do outro nem do mundo sensível porque são desprovidas de sensibilidade natural e inteligência solidárias. A maquina por falta de ligação com a rede da vida, o ser vivo pela perda dos instintos gregários e capacidades empáticas de respostas solidárias vive de semear psicoses para reafirmar a ditadura da sua estatopatia com norma e normalidade, ou o que é a mesma coisa, o sistema que se perpetua de colocar o bode na sala para vender a sua expiação o seu holocausto remédio amargo e ele claro como quem irá ditar a prescrição deste mal necessário: o supremo todo poderoso e salvador da pátria.

Um sistema que não consegue ser reformado nem por dentro porque é feito do monopólio da violência, nem por fora quando cai ou simplesmente não tem como fugir da armadilha da sua violência que o retroalimenta. Porque não se esqueça, ou não confunda a legitima defesa com a agressão ou o mover a míngua em completa privação de todas as liberdades mais básicas incluso a de ganhar a vida honestamente e em paz, quando já não existe nem renda

seja porque não há trabalhos nem propriedades, mas só carestias em meio a não só a riqueza honesta ao roubo e locupletação.

Uma realidade que cada vez mais brasileiros não só os mais pobres começam a entendem mais e melhor suas causas dos seus males dessas sua condição social, política, cultural, miserável e insana, mas intelectual, mental e solidária e humana não só desigual, mas absolutamente contraditória e absurda que beira a alucinação, histeria e pânico. Condições ideais para a propagação repetição não só da história como farsa, mas da própria farsa como história, ordem e progresso como papel e norma inscrita nas cartas e bandeiras, e desordem, retrocesso e normose gravadas a ferro e fogo na carne do povo.

A base da perpetuação da estatização da loucura e da loucura estatal: disseminar industria da miséria em todos os sentidos para colher exércitos de desesperados não só para servir, mas também para atacar, as tiranias. Porque tiranias precisam de exércitos para matar e morrer, não só em todos os campos mas dos dois lados. Afinal uma guerra não se faz com um lado só lado atacando, mas com dois.

E se você que neste jogo de xadrez dos mais canalhas são os reis que se postam atrás dos peões, lembre-se que peças não se movem sozinhas, e canalha mesmo não é quem banca ou manipula este ou aquele rei, mas ambos, porque é dono do jogo e do tabuleiro e até do teatro onde os otários ficam torcendo e vibrando por cada peça sacrificada desse jogo não raro combinado e ai daquele que denunciar porque ainda por cima apanha dos macacos de auditório e de ambas torcidas organizadas, sem perceber que eles também não passam de peças sendo manipuladas e sacrificadas nesse Big Brother do Big Brother da vida real que agora tem *deep fake* que imbeciliza ainda melhor. Porque quanto maior a verossimilhança mais fácil vender a "verdade alternativa" pela ilusão cinematográfica, isto é pela rápida sucessão de imagens estáticas que causa a impressão de movimento, ou se preferir mudança que não nada muda, apenas se projeta mimética e introjeta catarticamente que babando só assiste sua própria vida passar com filme na sua própria frente.

E portanto qualquer semelhança entre a farsa midiática e a política não, não é mera coincidência, nem no showbussiness da política doméstica nem muito menos da industria do mercado muito mais rica do mercado politico hollywoodiano internacional.

Mas vamos voltar a sair das minhas viagens lunáticas para outros mundos, porque nem todos que sonham com outros mundos querem só encontrar o novo mundo para continuar predando e parasitando...
Sedaka, mesmo e não Sinatra, porque não é tempo de apologia "as propostas irrecusáveis".

E voltemos para a Terra, para a dura realidade do nosso Planeta, em especial a do nosso mundo e da nossa terra. Onde estávamos e empacamos mesmo?

Sim... Janot.

Como já disse Janot não só não é negro, como não é nenhum Martir nem o Luther King, que dirá então Malcolm X. Que por sinal nunca foi preto da casa a defender que seu povo se deixasse ser imolado. Porque desobediência civil não é o cair na pregação do lobo ou raposas que dizem que quando um não quer dois não brigam. Muito pelo contrário, quando um parte para cima, e outro deixa é massacre, linchamento e genocídio. Porém também não por outro lado partir para a agressão ou segregação, os métodos do parasita e predador. E novamente não por acaso e coincidência justamente quando voltou da sua peregrinação pelo mundo e descobriu que a solução para a falacia das falsas soluções tanto do esperar pelo dia do abate como gado quanto do empurrar fieis para morrer na linha de frente para depois capitalizar sobre seus cadáveres como mártires da causa e usá-los como moeda de troca na barganha com seus assassinos não era o caminho que ele pregava o pegar em armas. Mas outra revolução completamente diferente expressa em tantas línguas e credos e culturas quanto são as pessoas do mundo, neste dia antes que pudesse trazer o que havia aprendido agora como cidadão do mundo: foi assassinado.

Segue a carta, leitura impar:

A Carta de Meca de Malcom X

Uma experiência tão profunda, que Malcom X muda sua percepção sobre racismo e a Nação do Islã, e entra no verdadeiro…

www.islamreligion.com

Mas não se deixe enganar porque ele não renunciou sua aguçada leitura do problema mas apenas antiga solução. Democracia é hipocrisia.

Cunha sobre Janot: 'Psicopata e homicida que não merece respeito' - O Antagonista

De Bangu, onde está preso, Eduardo Cunha enviou nota respondendo às acusações de Rodrigo Janot de que o ex-presidente…

www.oantagonista.com

Renan fala em "confissão homicida" e chama Janot de "jagunço" e "psicopata" - O Antagonista

É claro que não poderia faltar Renan Calheiros na série de manifestações de repúdio às declarações de Rodrigo Janot…

www.oantagonista.com

Janot se revelou um 'insano homicida-suicida', diz Temer - O Antagonista

Michel Temer afirmou hoje que Rodrigo Janot se revelou um "insano homicida-suicida", além de ser "mentiroso costumaz e...

www.oantagonista.com

Gilmar chama Janot de "potencial facínora" - O Antagonista

Na conversa com jornalistas nesta manhã, que registramos mais cedo, Gilmar Mendes disse que Rodrigo Janot era...

www.oantagonista.com

E veja lá o que você está querendo insinuar com isso. Porque a ditadura do "você sabe com quem você está falando?" voltou. E trouxa de quem acredita que isso não é uma idiocracia, porque nem o pau nem a Ciência de Francisco é a mesma de Chico. De modo que se o de cima sobe o de baixo desce, as denuncias e investigações idem: também só descem, nunca podem subir. E tem gente que estuda pra isso, para virar crente de outras doutrinas.

Então moral da farsa histórica: Revolução não se faz nem passando fogo, nem deixando passar fogo, mas com não dando e sim devolvendo o pão roubado da mesa a quem pede o que é seu por direito. Afinal quem é que dá pedras e pauladas a quem pede pão? Ou pior quer ensinar o pescador a pescar sem nunca ter pescado um peixe na vida, mas confiscou o barco, tomou a vara, e de quebra cercou a praia? Quem é que chama de ladrão quem não paga para viver da sua pesca? Vagabundo quem quer pescar para ele e com tarrafa? Invasor, quem expulso ousar a botar na praia que outrora foi sua? E ladrão quem ousa pescar sem pagar o arrego do dono da boca, perdão, da praia? Quem será que toma e mantém o território na bala e depois ainda criminaliza e manda prender ou passar fogo em quem ousar tentar viver ou pescar na outra praia, agora sua e somente dele? Oh, que mundo bárbaro será este, será que da sharia do ISIS que não conhece a bondade e fraternidade cristã e civilidade da democracia ocidental?

Se você acha que o problema é cristianismo ou islamismo, o mundo ocidental ou oriental, ou pior que o problema é da hipocrisia da democracia, é a democracia. Então você não entende nem o que é democracia, nem crise, a critica pela falta de autocritica. Não entende que o problema que a crise sistêmica da democracia é produto da sua hipocrisia, ou que é a mesma coisa da falta de sistematização da sua ou melhor da nossa autocritica como atualização constante da própria democracia como um regime popular e não populista e nem muitos autocrático. Ou seja, a crise da democracia não se cura com menos democracia, mas com mais.

Justamente o oposto do que todos não só todos projetos de poder como partido pregam, mas todos os poderes constituídos como instituições exigem e os detentores das dívidas e provedores dos dividendos tanto de um quanto outro demandam: que calemos a boca, paremos de pedir mais democracia, e ou nos contentemos com sistema que está aí, peçamos a volta de tudo exatamente como era antes, ou o que teremos e aprenderemos como lição por

nossa desobediência é que quem reclama por mais liberdade e menos opressão ganha mais repressão e mais ditadura.

Justamente, portanto, o oposto da armadilha que os dois polos ideológicos partidários simbiontes autoritários especializados em disseminação a divisão, discórdia e terrorismo pregam: que apaguemos memórias e imploremos a volta de ditaduras para continuar eternamente a esperar e idolatrar salvadores da pátria deste ou daquele partido, não importa, desde que esperamos de joelhos, perplexos, mas nunca de pé com dignidade. Ou seja que tudo volte como estava para continuar exatamente como sempre foi: uma miséria eugenista mal disfarçada e mal velada como farsa descarada, mas finge que você é, acredita e não fala nada senão eles te aplicam um corretivo e te colocam no seu devido lugar.

Aliás em você só não, em todo mundo, para que esse povo desobediente aprenda de uma vez por todas a não reclamar, e vejam o que acontece com as pessoas quando elas dão ouvidos a esses subversivos que querem mais liberdades. A velha estratégia de culpar a vítima, estupra-se e diz que foi a vitima que se ofereceu. E se ela gritar mate-a e diz que a culpa também foi dela porque se aguentasse calada ainda estaria viva.

(...) Em tempos de crise e agitação, e portanto reclamação por liberdade não a basta e eles só trazer a repressão de volta. Não, isso não é suficiente. É preciso mais. Eles querem mais de você. Não basta apenas reprimir. A coerção, a repressão, a constrição, a mera imposição da força não é bastante, porque a violência bruta tortura, mata, quebra, mas não domestica, não amestra, não divide, não aparta, não desintegra, não extingue esperanças, nem o anseio por liberdade.

Não. É preciso que aquele que ousou falar, que ousou levantar os olhos e olhar para o futuro, ousou desobedecer, se manifestar, não só se arrependa do dia que se expressou, se afirmou, é preciso que ele se humilhe, se odeie, e seja odiado por se afirmar como livre, é preciso mais. Eles querem que aquele ousou se levantar e gritar nas ruas implore; implore não só por perdão, implore por misericórdia, implore para que as ditabrandas voltem como remédio amargo e o protejam contra o mal maior do terror do caos das ditaduras que eles supostamente causaram e provocaram ao ousar pedir e desafiar sua suprema autoridade.

Eles não querem só seu arrependimento por querer liberdade. Eles querem mais: eles que você implore. Sonhe, fantasie, estime, idolatra, mas sobretudo e todas as coisas implore. Implore pela volta das ditaduras e tiranos de estimação, não importa qual. Não basta apenas lulistas e bolsonarianos alucinados e fanáticos clamando pelo siga o chefe. Abandonando toda ideia de futuro, para se refugir no seu "de volta ao passado" onde "tudo era menos pior". Eles querem todos presos nesse alucinação amargurada e terrorista contra a liberdade, onde qualquer "ditadura menor" é melhor do que "aquela que pode vir" se alguém ousar sonhar em reclamar sua identidade, emancipação e liberdade.

Eles querem todos se culpando e amaldiçoando como pretos da casa o dia em que os negros fizeram seu levante e todos foram punidos, por causa da teimosia e egoismo desses desobedientes. Cedendo a lógica de estuprador dos autoritários e reacionários que dizem

que a culpa é sempre de quem não se submete calado a sua violação e tirania, provocando sua ira, quando tudo que é preciso fazer é calar e deixar-se ser currado sem denunciar até porque agora denunciar é abuso.

A pedagogia do medo e terrorismo estatal.

Pedra para quem pede pão. Soco na cara para quem quer beijar seu amor na rua. Fome e desemprego para quem quer escolher seu trabalho segundo sua vocação e não privações. Veneno e queimadas para quem pede rios e florestas limpas. Estupro para mulher que pede para liberdade do seu corpo. Morte a pessoa que pede liberdade para escolher seu sexo. Chibatada e sniper para o negro que pede igualdade. Trabalho até a velhice para a juventude que ousa se levantar contra a ditadura dos velhos malditos que vivem de sugar a vida das novas gerações. Morte sem amparo ao velho que trabalhou toda uma vida. Uma lição dada pelo donos da casa grande e repetida pelos pretos da casa, para a senzala-mundi: odeie e renegue quem é; se divida, se amaldiçoe mutuamente e culpe quem se ama livremente; despreze e renegue quem não se curva ajoelha, queime quem não implora não só pelos seus pecados mas pelos pecados que até não cometeu; cuspa e apedreje quem não se arrepende de ter se levantado, enforque quem não pede perdão por não se ajoelhar, persiga quem não implora para ser ser amado e cuidado e salvo pelos senhores todo poderosos que o violam violentam e tiranizam. Fodam com o fodido, coitem o coitado, e currem com ainda mais violência o currado que tenta fugir do curral, porque é por causa da desobediência e irreverência deles que hoje todos sofrem e são punidos, penitenciados e corrigidos ainda mais.

A estratégia de domesticação de lavagem cerebral norte coreana onde quem não só é proibido fugir, mas até se matar, porque quem vai é punido é a família do coitado. Um mundo da disseminação da discórdia culpa e renegação da liberdade onde quem se levanta por solidariedade irá se arrepender se culpar e ser culpado por tamanho "egoismo", irá se odiar e odiar por ter lutado pela liberdade, se torturar e ser torturado até confessar que a liberdade é o maior erro, e a servidão ao menor dos males é o bem maior, até implorar pela volta de algum salvador, não importa qual desde que romancie, fantasia e adore o passado, presente e futuro como sua servidão "voluntária".

(...) De modo que o erro desta geração, e não me refiro a que embarcou no mitologia messiânica, mas a libertária, será justamente se arrepender e de deixar se convencer que é melhor uma ditadura de merda qualquer, melhor viver sem saber dos males, acreditando que o que os olhos não vem o coração não sente, e morrer vivendo como um perfeito servo-idiota "feliz" numa matriz mentirosa, do buscar a matriz da liberdade da verdade, e a verdade da liberdade. Morrer se esquecendo que vida é liberdade. Caindo de novo na armadilha cognitiva do poder.

De tal modo que se há alguma verdade em nossa constituição é tão somente na sua premissa: todo poder emana do povo e para o povo, e logo a ele cabe dizer não só quem fica ou sai, mas como deve se governar e portanto se rebelar contra toda forma de tirania. E quando digo ele o povo, não digo os mortos, digo os vivos, cada nova geração que tem o direito de fazer e refazer seus governos e constituições de acordo com as necessidades do seu tempo e lugar e não dos desejos e vontades de quem não está nem aqui nem agora.

Governar-se em tempo real, não retrogrado, ultrapassado ou num futuro imaginário programado logicamente para nunca chegar.

Se há erro portanto este é acreditar que seja melhor viver na tirania de uma senzala paternalista do que na tirania de outra mais explicita. Dizer que a liberdade matou o paciente, é a mesma coisa que dizer o tratamento do câncer e não o câncer matou o paciente. Dizer que é melhor viver numa tirania menor do que ir até o fim enfrentar a tirania sem suas mascara, é o mesmo coisa que dizer que é melhor viver sofrendo na merda até morrer com um enorme parasita na sua, do que se tratar e viver ou morrer com dignidade por todo o tempo que durar sua vida senão lutando contra essa doença pelo menos não a alimentando como se fosse seu bichinho de estimação. ou pior você o dele.

Quem caiu no conto do sebastianismo. Ok. Pode chorar que faz bem para alma. Mas quem não comprou golpe, que não entre no pior de todos. Principalmente se ainda tiver toda uma vida pela frente. Não, em hipótese alguma jamais deixem que te vendam a ideia que se deve ter vergonha de manifestar, expressar exigir a liberdade que sempre pertencem a sua geração. Não deixem que os erros, fracassos, frustrações e sobretudo as taras e perversões de uma velha, matem o que é de uma nova geração: o direito de pedir passagem. Pedir não. exigir. Porque não é futuro que pertence ao novo é a todos que estão aqui agora presentes como iguais. A voz, a decisão, o direito de decidir emancipadamente no seu tempo e lugar sem tutores. Tem é que botar o bloco na rua mesmo...

Nunca se arrependam nem jamais implore por que é seu por direito: Liberdade. Porque quem pede libertação para quem vive e ganha das suas privações vai ganhar só uma coisa: só mais privações até voltar a implorar por tiranias. Liberdades não são benesses são conquistas, e mesmo quando dadas de solidariamente são sempre responsabilidades sociais que se assumem e nunca obrigações que se impõe ao custo da contrapartida de nada, sobretudo da obediência de quem recebe. Por isso que das tiranias a mais perigosa não é nem aquela que aponta a arma para sua cara e diz abertamente que de despreza e vai te matar. Essa você ao menos sabe quem enfrenta. A mais perigosa nunca é a que atira no peito e na cara, mas a traíra que atira na nuca ou nas costas não raro no campo de batalha. Especialidade dos alpinistas de hierarquia que sempre eliminam os outros para se perpetuar no poder, mas pode chamar pelo nome clássico: lideranças que nunca estão na linha frente. Mas sempre na velhaguarda montados na nova.

Porque nesta vida só uma coisa é motivo de arrependimento: as liberdades que não manifestam para concretizar as relações consensuais e comunhões de paz que ficam para trás para morrem em sonho. Já perdão quem deve pedir são eles, aqueles que se vitimizam, os tiranos que sentem de fato lesados como se suas prerrogativas arrogantes fossem mesmo direitos e não privilégios criminosos legalizados.(...)- ***Temer se "arrependeu" de ter apoiado o golpe?***

Temer se "arrependeu" de ter apoiado o golpe?

A novela a Idiocracia: Capitulo 764: A volta dos mortos vivos. "Entre mortos e feridos, salvaram-se todos".

medium.com

Pois é. Se tem uma coisa que esse pessoal não é, é santo, nem mártir. E não dão ponto sem nó. E tolo de quem acredita em coincidências destas declarações justamente na hora de jogar a pá de cal nos amigos ou inimigos. Algo que só sabemos com certeza depois pelo que Janot receberá de bom ou ruim pelo que disse e fez, e sobretudo de quem. Independente.

Por isso tenho certeza que mudanças virão, mas não desse caos e planejado travestido de lei e ordem delirante que aí está, mas da ciência de uma nova consciência, e a consciência de uma nova ciência que é tão epistemologicamente libertária quanto o fenomenologicamente gregária e vice-versa. Porque não tem mais o vice e versa é operação mental já a princípio da universalidade e o fundamento da liberdade não.

E Paz. Algo que só estabelece por relações mantidas a força por poder e autoridade, mas só as livres fundadas na consensualidade. Sem agressão nem imolação, e sobretudo sem holocaustos dos povos a margem das capitais , nem nas florestas nem nas metrópoles. Paz com ciência e consciência. Livre da ditadura e ditadores do dizer quem somos e não podemos ser, para onde estamos indo e não podemos chegar, livre, voluntária e consciente para chamar para si a responsabilidade da tomada de ação social para onde realmente queremos ir e quer realmente queremos ser.

Porque no dia que já tememos os governos, não seremos governados, já somos governados; e pelos nossos piores medos e assombrações algumas inclusive com corpos, e corporações. Porque como diria o outro “eles são muitos e seu nome é legião”- Uma figura hiperbólica de linguagem, mas que ajuda a entender o inferno que é viver nesse holocausto urbano.

Eis aí uma verdade que liberta e ajuda a entender o que é viver tentando fugir dessa armadilha de estatopatas:
Isso sim registro histórico da verdeira Brasil e foda-se o PC.

Por isso fecho esse escrito como um tributo a todos aqueles que conseguiram sobreviver a esse holocausto da forma mais especial que uma vida pode aspirar e inspirar: ser mensagem, conhecimento e informação... Movimento, véio, corre que ninguém pega, não porque está sempre se movendo a velocidade da própria luz- outra metáfora para a essência da ins, trans, metas formações:

Temer se “arrependeu” de ter apoiado o golpe? O que ele está querendo dizer com isso? Não está dizendo, está chamando: I-DI-O-TAS

E uma elegia à Giordano Bruno à filosofia e ciências modernas

Gian Maria Volonté no papel de Giordano Bruno no filme de 1973

Capítulo 7640 da novela a Idiocracia brasiliana: A volta dos mortos vivos. “Entre mortos e feridos, salvaram-se todos”.

Dê um blog sobre língua portuguesa…

Um usuário pergunta:

Estou com dificuldade em entender o ditado

Entre mortos e feridos, salvaram-se todos. (…)

Outro (Jacinto) responde como propriedade:

Literalmente, «entre mortos e feridos, salvaram-se todos» não tem sentido. Trata-se na verdade de uma modificação brincalhona do ditado:

Entre mortos e feridos, alguém há de escapar.

Este compreende-se facilmente. Pelo que eu vi pela net, a variante brincalhona é usada, como seria de esperar, sempre jocosamente, e é aplicada a situações potencialmente perigosas ou em que alguém previa perigo, mas em que no fim tudo corre mais ou menos bem.

Por exemplo, neste artigo (2012) o 'ditado' refere-se a um debate entre candidatos a prefeito de Curitiba, em que todos os participantes se declararam vencedores. Neste outro artigo (2014) refere-se ao facto de, depois de previsões catastróficas, os jogos do Mundial de 2014 em Porto Alegre terem decorrido sem incidentes. Este outro caso (Rabecão capota: entre mortos e feridos salvaram-se todos!) até envolveu mortos: o rabecão transportava cadáveres, mas a tripulação sofreu apenas alguns ferimentos.

Diz a Wikipédia que foi Washington Rodrigues (1936-), jornalista desportivo, treinador de futebol e dirigente desportivo brasileiro, quem cunhou esta variante brincalhona. Mas não, ela já existia em 1906, vinte anos antes de Washington Rodrigues nascer (negrito meu):

A policia prohibiu a representação de tal drama historico, que transformou o Theatro Nacional em campo de batalha de dois partidos politicos encarniçadamente inimigos.
Entre mortos e feridos todos escaparam, como sempre se dá [...]
Francisco Mascarenhas, *Do Brazil ao Chile através dos Andes*, 1906.

A versão original — entre mortos e feridos alguém há de escapar — *já existia em 1878 (Manuel Pereira Lobato,* Agua de Lourdes: comedia em um acto*).- **"Entre mortos e feridos, salvaram-se todos." Como entender este ditado?***

Há, porém uma outro sentido que apenas o da ironia. A múmia explica:

Perdão. A verdadeira:

Jamais apoiei o golpe, diz Temer sobre impeachment de Dilma
São Paulo — Em entrevista ao programa Roda Viva, da TV Cultura, na noite desta segunda-feira (16), o ex-presidente...
exame.abril.com.br

Para logo, depois fazer da carta magna sua Geni, e jogar a merda nela...

Temer: “Só foi golpe se a Constituição for golpista” — O Antagonista

Em entrevista à Rádio Gaúcha, Michel Temer se corrigiu após a declaração de ontem no Roda Viva, da TV Cultura, quando…

www.oantagonista.com

… é claro, a culpa é dela, porque como já disse antes, nada como um constitucionalista para rasgar o seu livro sagrado…

Nada como um constitucionalista para rasgar a constituição e o estado de direito democrático

Ou como a violação do Direito e o crime disfarçado de positivismo jurídico abriu o caminho para o nazismo.

medium.com

Por isso atenção, não são só os “nazis” e “fascistas”, que saíram do armário que depois de cumprir sua missão suja, estão agora lavando as mãos do sangue do povo, para tirar o uniforme e guardar suas bandeiras e seu higienizar da sua higienização. Atenção para os “bolcheviques”, os quinta colunas que nunca saem do armário. Porque totalitários toda a classe política é, e troca posição como troca de roupa. mas a verdadeira posição de onde aliás nunca sairiam por trás do teatro da representação política a de aliados dos seus (supostos) arqui-inimigos, ou se preferir cúmplices dos mesmos crimes e golpes sobre golpes na eterna fraude espetacular da nossa idiocratização. Uma posição real eles só revelam se expostos, e só saem se derrubados.

A proposito, cadê aqueles que marcavam a testa dos bastardos inglórios? Esquece, eles como todo agressor são covardes gente indefesa. Até porque se atacassem gente capaz de se defender, além de covardes seriam burros. As duas espécies de agressor, os covardes burros e os covardes mais covardes ainda. Porque covardes todos são. Bom vamos deixar claro, antes que um doido, ache que é para (im)pichar a cara do Temer. Não precisa. Não há nada que alguém, (nem mesmo ele) seja capaz de dizer (ou desdizer) sobre sua pessoa que ele próprio já não tenha sido capaz de provar quem é e não é em atos.

Covardes tatuaram “ladrão” na testa do bandidinho; quero ver eles tatuarem isso na testa do atual…

Adeamus ad montem fodere putas cum porribus nostrus.

medium.com

Eis o sentido da expressão que não por acaso nasce da contradição da farsa política: entre mortos e feridos todos se salvaram. Todos eles… a classe política: juntos, unidos e

descaradamente como os únicos sujeitos que contam contra os que literalmente não contam: os que não se salvaram, e não vão se salvar: os excluídos e marginalizados; ou seja, literalmente, ninguém ou popularmente o próprio: o(s) zé(s) ninguém, mas pode chamar de povão mesmo. Uma não-classe ou melhor estado de espírito e condição de vida e sentença de morte que se define justamente pela exclusão do poder. Tal que quanto mais distante destes núcleos de poder, mais gente do povão que simplesmente não contam, não são mais ninguém são mortos e apagados. Vão apodrecer esquecidos na cadeia, no hospital. Isso se tiver "sorte" de não morrer com uma bala que, de perdida não tem mais nada.

Dito isso, voltemos a questão que enuncia este escrito. Um mal começo, mas necessário já que somos sempre obrigados a responder as perguntas que nos são impostas, e pior nos termos que são impingidos. Sem problema. A gente corta o mal, pela raiz, ou melhor, esse nó cego a fio de espada, a saber: renegando as pressuposições de questões e preconcepções de termos para desconstruir a farsa e desvelar a trama desse novelo, ou novela. Vamos lá.

Temer disse que se "arrependeu" de ter apoiado o golpe, e depois ainda por cima completou: "mas só se a constituição for golpista"! O que ele está querendo dizer com tudo isso? Pergunta errada. A questão não é o que ele está querendo dizer, mas o que ele está querendo com o que disse. Pergunta errada. Pressupostos errados. A começar da comunicação e entendimento. Não pressuponha que outro como você está querendo só passar ou transmitir alguma coisa inocentemente quando diz algo, especial raposas velhas e cobras criadas.

Temer não é uma criança movida aquela curiosidade que no sentido inverso se manifesta como aquele desejo difícil de segurar de contar, confessar ou simplesmente compartilhar algo que se viu, se sente ou sabe com alguém mesmo que seja um desconhecido. Um desejo que gera tanto os males da fofoca e indiscrição quanto o da comunidade de um campo de saber ou conhecimento. Muito embora tendo a inteligencia emocional de uma criança mimada suas falas não raro são tão patéticas que acabam se comportando como os criminosos mais limítrofes que ao negar e renegar acabam por se entregar sem querer o que fizerem quando dizem: "não fui eu que fiz aquilo viu?". É tanta negação do real e verdadeiro em suas falas, que quando nos deparamos com elas, é como uma placa de sinal trocado: do que realmente aconteceu, não aconteceu e no que depender deles nunca vai acontecer. No fundo suas falas são tão cheia dos cacoetes mentirosos que muitos deles nem conseguem dizer a palavra verdade: preferem o neologismo "inverdades". Aliás só costumam falar a verdade quando é para denunciar uns aos outros. Nisto pode ter certeza, estão todos certos uns em relação aos outros.

Não. Sua comunicação, assim como aos que usam espaço e tempo para usar e repercutir o que diz, não é regida por pulsões inocentes, não é feita para meramente passar ou transmitir informações; mas ao contrário para plantar (des)informação, incluso como falsas posições na cabeça do seu (público) alvo: a opinião pública, ou simplesmente o povo reduzido a massa de manobra acrítica de (tele)espectadores. A manobra diversionista que é a constante da política e que a caracteriza não apenas como mero discurso vazio, mas contraditório e acobertador das suas práticas e movimentos de fato: a demagogia- a lição número 1 da estratégia da arte da guerra política.

Assim quando atores políticos, especialmente os que não são aprendizes de feiticeiro, mas necromantes reputados dizem algo, podem ter certeza de uma coisa: é cortina de fumaça para alguma movimentação e articular estrategicamente nas sombras ou nas alcovas palacianas para continuar praticando o oposto- até porque são verdadeiras plantas carnívoras, não se movem um dedo, não dão um sinal de anima sem um interesse envolvido.

Não importa que você não seja um predador; saber como seus predadores pensam é mais importante para sobreviver nessa selva da vida em sociedade com uma classe política sempre a vigiá-la e devorá-la. Importante saber como o animal político pensa e quais os sinais elas passam, especialmente as cobras porque quem se deixa hipnotizar por ela ou seus hipnotizadores já era.

Logo, quando Temer diz algo, o que menos importa é o que ela está dizendo. A pergunta não é o que ele passa ou quer transmitir com suas ideias; a pergunta é o que ele está querendo tirar ou levar com as ideias que eles estão plantando nas mentes e corações desatentas. Porque rigorosamente ele quer transferir é absolutamente nada, e se ele planta alguma coisa e alguém, pode ter certeza é para em contrapartida colher e arrancar do que é dele, muito mais do que colocou. Lei de Gerson, meu amigo, as leis tácitas que governam o jogo também o mercado da política, porque “o negócio é levar vantagem em tudo, tá ok?” Ou se preferir na versão mais temerosa: “tem que manter isso aí, viu?”

É por isso que no jogo das representações de poder o que eles estão querendo dizer é via de regra sempre o oposto do que eles de fato estão querendo com o que dizem.

É também por isso que aquilo que o politico diz querer não só é o oposto do que ele quer dizer, mas o oposto de tudo aquilo que se denomina por verdade e por consequência real e realização. Porque todos seus atos são sempre a negação do que falam, e o que falam a negação do que realmente fazem. De modo que com a fala não só não poderia deixar de ser diferente, mas a fala é dos seus instrumento de falsificação, negação e desconstrução, dissuasão e perversão da prática o primeiro.

Seu ato de falar tomado só como discursos e palavra é só o conjunto de negações, renegações e falsificação de tudo que é real e verdadeiro. Porém tomado enquanto ato, gesto da sua prática, é a manifestação do próprio corpo da sua profissão: A personificação da encenação e representação da falsidade, corrupção e usurpação como imposição e impostura da mentira e manipulação dos fatos, como ator político. O especialistas na “arte” de governar e explorar a vida alheia através desse espetáculo de ilusionismo prestidigitação e imbecilização da opinião dos ouvintes e telespectadores como o representante verdadeiro, real e legitimo das suas vejam só vontades. Notem bem, não as dele, as deles do respeitável público.

-Por isso lembre-se antes de reclamar do que fez um policial, juiz, parlamentar ou presidente, foi você que colocou ele lá, autorizou sua autoridade e ainda por cima pagou, e pagou caro?

-Sério? Quando? Quando foi que eu concordei com tudo isso?

-Antes de nascer? Otário.

É a Idiocracia, mas pode chamar de estadismo, o primeiro “contrato social” de escravidão hereditária, por onde uma pessoa alguém nasce já obrigado a trabalhar para sustentar outra. E o pior nem sequer por dívidas e obrigações que seus ancestrais contraíram, mas justamente pelo contrário, pela perpetuação da impunidade e falta de reparação dos crimes que foram vítimas, mas pela descarada reiterada continuidade muito mal disfarçada do mesmo crime de expropriação em taxas e parcelas tanto do aluguel do seu tempo de trabalho quanto do produto dele como tributo.

Um crime que não por acaso persiste hoje, seja disfarçado de trabalhismo ou tributarismo até porque sustenta todas as demais formas de servidão, quanto de roubo, latrocínio, locupletação e até genocídio devidamente legalizados pelo monopólio da violência.. que se legitima pela supremacia da violência. E claro sua cultura domesticadora de idolatria aos todos poderosos violentadores. O que diminui seus custos de produção e reprodução, maximizando ganhos e facilitando a realização dos desejos e taras, manias e compulsões, dos donos do poder na manutenção da base do seu sistema de rapinagem: as relações mantidas à força, sem consentimento manifesto dos marginalizados e em caso de manifestação no silenciamento de preferência dos insubmissos, irreverentes e subversivos.

Golpe? É sempre bom especificar bem qual 171 a narrativa ou interpretação dela se refere. Qual 171? É narrativa para mais um um novo golpe dentro do esquema? Ou para perpetuar o esquema dentro do mais perfeito regramento da falsidade ideológica estelionatária que processa e institucionaliza o próprio sistema como lei? Ou como diria aqueles que se julgam deuses todo poderosos a jugar a si mesmos e os meros mortais intocáveis no olimpo tribunal vitalício desse supremacismo distópico: a mais perfeita normalidade funcional das nossas instituições.

Logo, importante atentar que o discurso político enquanto narrativa sobre fatos e verdades é a negação e falsificação, enquanto o narrativa sobre suas próprias mentiras nunca é admissão de fatos e verdades, ou a revelação sincera do que pensa e sente ou deseja, até porque isso seria a confissão de outra coisa justamente o contrário do que procura aparentar e acobertar. É portanto sempre a construção de novas estratégias de manipulação ideológica, visando manter o controle dos alvos. E qualquer semelhança com a personalidade psicopática (como cansei de apontar em vários textos) não, não é mera coincidência, é a reincidência desses crime em série onde os psicopatas ao invés de fugir e esconder da lei e da ordem, não apenas se infiltram nela, mas a tomam para escreve-la e prescreve-la para si e os outros, não só dando a si mesmo a licença para violar, violentar e até matar sem responder por seus atos, e obrigar que as vitimas se submetam, mas para atingir o máximo que a perversão: a inversão dos papeis, criminalizar e culpar a vitima não só pelos crimes que comete contra ela, mas se ousa resistir a seus “corretivos”.

A idiocracia, um o arcabouço jurisdicional-manicomial, uma fabrica panóptica alucinada de domesticação do gente pelo gente, arquetipicamente gerenciada por estatopatas para criar servo-idiotas psicóticos e neuróticos, como se a normose fosse a ordem mais normal, banal e natural do mundo. O do estado de insanidade administrado e regulado e produzido pela violência, violação, agressão, privação, negação, renegação, corrupção da vida e liberdade

dos excluídos, onde os sujeitos que governam a vida dos coitados devidamente domesticados, torturam, matam ensandecem, adoecem, e depois descartam essas pessoas que outrora fora seus objetos de desejo, consumo, produção e reprodução como lixo como se nunca tivessem existido, sempre o mesmo proposito: perpetuar seu adorado eu eternamente no poder.

Uma forma tão perversa e monstruosa de alienação que ainda exige que o violentado se dê por “felizes” por um dia ter sido ao menos discriminados, apartado e como objetos de uso ou troca por esse sujeitos, porque quem não foi, os ninguém, os invisíveis, estes foram excluídos sem sequer terem a chance de sobreviver ou serem considerados como úteis, ou inúteis, empregáveis, ou desprezáveis, qualificáveis ou desqualificados. Nem sequer foram notados, como seres dotados de uma alma, ou vontade própria dignos de sequer de existir, de modo que foram exterminados extintos e apagados piores do que se fazem com as pragas ou aqueles que se odeia ou despreza. Foram mortos como índios e indigentes em completa negação da humanidade deles e da nossa, como se não fossem ou importassem absolutamente nada.

Logo eu quero é mais que se foda o que Temer quer dizer. E a proposito o que quer dizer, o que quer dizer o riso ou o choro ou a gritaria em cima do que ele disse. Porque ele querendo ou não dizer já disse tudo o que tinha para dizer. Ou melhor disse não chamou, e na maior cara dura de sempre: somos todos um bando de I-DI-O-TAS. Afinal de contas que tipo de imbecil comemora o que um sujeito como esse diz? Eu sei. O mesmo que tem ele, Renan e Crivela, e miss MotoSerra como aliado e membro do seus governos, cria cobra para ser picado e depois se dizerem traídas quando sofrem mais um “golpe”. Politico não sofre golpe. Dizer que politico sofre golpe é a mesma coisa dizer que ladrão é roubado, ou ladrão que rouba ladrão tem 100 anos de perdão. Ladrão que rouba ladrão, golpista que aplica golpe em golpista, falsário que engana estelionatário, mafioso que trai mafioso, traficante que briga com a miliciano, ou se alia de novo. Isso não é golpe meu amigo, o nome disso é política. O jogo onde os arqui-inimigos se aliam para acabar contra um inimigo maior e objetivo comum e depois se voltam a se esfaquear pelas costas para que ver quem fica com o trono e o butim.

E caso depois de tudo que estamos vivenciado algum leitor ainda não tenham percebido, ou tenha nascido ontem, permita-me contar o obvio gritante dos alvos ou inimigos maiores que os une a todos em torno de um interesse e objetivo sempre em comum: o objetivo e alvo são a pilhagem da população- por sinal o fator determinante tanto do seu corporativismo quanto denominador do que são enquanto classe política de pais subdesenvolvido. Até porque também digno de nota é a diferença básica entre uma potencia e uma província, assim como uma região metropolitana mais desenvolvida de outra menos, é não pilhar nem jogar seu lixo do que consome e produz onde vive, mas transferir custos para os pessoas e territórios, enquanto se concentra os ganhos encastelado entre cercas embandeiradas, e claros se precisar muros e outros cositas mas. E se você está se perguntando como o povo de país se presta a esse papel se latrina e senzala de outros. A resposta ele nenhum povo se presta a esse papel. Quem se presta é a classe dos governantes e aristocratas corruptos e provincianos que o traficam sua terra e população no escambo das propinas em troca não só de money, mas cargos e títulos de um outro pedigree. Macaquitos aos olhos do gringo, é claro, mas nada mais barato do que levar toda uma massa manobrada comprando só as lideranças. Ou parafraseando aquele filme antigo deixando os lideres proletariados sonhar que chegaram

para ficar ao paraíso, e que sonho seja eterno enquanto dure, e o santo caído seja expulso desse clube de campo privé do céu na terra feito para só para quem os eleitos por berço- que o diga Lula.

Golpe portanto quem sofre por definição o único e legitimo detentor da soberania e logo do direito natural a revolução contra a tirania: o povo. Que por sinal paga sempre a conta, enquanto os canalhas continuam não só a fazer seus projetos perpétuos de poder, mas a pagar a conta com na carne, para que eles encham as burras na calada da noite com seus fundos eleitorais.

Um golpe que se repete como script de novela que por sinal a direita bizarra e improvisada agora está seguindo a risca como cópia xerox, invertida só nas cores, mal feita dessa esquerda podre e senil. Não só mais reacionária, mas tão mais autoritária quanto alucinada e retardada mesmo. Pois mudam os personagens e o núcleo, trocam um ou outro ator, mas a trama é sempre a mesma. E a burguesia não importa de esquerda ou direita, tem sempre como carta na manga, a "perplexidade": o eu não sabia de nada, quando até as portas e postes sabem de tudo. Todos nasceram ontem, velhos e velhacos. Todos pegando e interpretando seus papeis como cópias da velha esquerda. E isso vale uma (falsa) charada: quanto tempo, mesmo você não sendo traficante, usuário, ou miliciano você precisa para se tocar quando entrou numa boca de fumo, para saber não só o que está acontecendo, mas quem é quem?

E se digo que é a copia da copia, ou a perversão ao quadrado, é porque as ideias que copia com sinal invertido para existir no vazio da disputa polarizada como projeto de poder, é o projeto de poder inverso, o da esquerda autoritária, que historicamente é das apropriação e perversão distópicas das utopias, a primeira das apologias escatológicas ao autoritarismo da sua burocracia como representante das liberdade e propriedades dos excluídos a carregar nas costas deste núcleo de poder parasitário, o povo.

É a hegemonia e supremacia da miséria, pobreza e indigência cultural tomada como poder da ignorância, violência e ditadura da realidade por privação, carência, carestia e corrupção de tudo o que é vital e essencial; a começar da própria liberdade como propriedade de fato de tudo que é essencial, tanto como condições necessárias para saber a verdade dos fatos quanto o próprio saber das condições necessárias de fato que compõe a verdade.

E se falo pouco o nome desses indivíduos que estão no poder. Não é por acaso. Estatopatas e estados baseados no terror e terrorismo, não só buscam a notoriedade e visibilidade através dos seus atos monstruosos, toda a lógica está baseada na dissimulação tanto do seu nome quanto do terror do seus atos, a lei da visibilização das celebridades e celebração não importa do que incluso os holocausto. A lei Caubi que rege a idiocracia e imbecilização: falem bem ou mal mas falem de mim, e se preciso for enfiar um melancia no pescoço, ou enforcar alguém para criar um "evento" mesmo que falso ou freakshow que seja. Desde que todos estejam com atenção presa, distraída, mas paralisados e literalmente perplexos de joelhos assombrados, as condições para erguer o seu Fanos estão dadas.

Então não posso dizer que sei em quem ou no quê Skylab estava pensando quando compôs essa música, ou melhor até acho que sei (*"Você é feia, feia pra caralho": um ensaio sobre gênero, beleza e feiura. Coacci; Cardoso dos Santos*) mas quando escuto, não consigo deixar de pensar nelas, nelas essa direita e esquerda autoritária. Ou melhor neles... os políticos que vivem de sugar a vida e liberdade e identidade do outro e projetar seus vícios, e impor sua condição doentia e miserável e perversa no alheio:

Copias da copia. E mal feitas e pioradas. E como seria diferente? Me mostre um pensador da direita autoritária, parece um pleonasmo, mas não é, que seja capaz de redigir suas próprias monografias originais e não se apropriar e copiar o alheio, que evidentemente não seja um paranoico ou um charlatão descarado. Gente que não consegue redigir uma monografia mas ataca Paulo Freire, o autor mais celebrado... e menos lido e aplicado pela esquerda autoritária, mais chegada ao cabresto e doutrinação e fidelização do trabalhismo das comunidades eclesiásticas de base escatológica-messiânica tanto católica quanto leninista-stalinista , do que no empoderamento do emancipacionismo autogestionário e libertário. A Esquerda #LulaLivre, e os Amarildo e Manuel que se foda, porque Renan e Sarney e Gilmar é meu amigo, irmão, companheiro, irmão e camarada. Ai, tô até comovido. Parece até especial de Natal da Globo. Vem vamos cantar juntos, quem sabe amanhã a gente não estará dando religiosamente bom dia pra múmia, e saldando estátua, mas no estará dando, no gerúndio é claro, porque esse é o eterno tempo da verbal da conjugação da nossa emancipação deste procrastinar, o Verbo da nassa gêneses e apocalipse, desse presente sempre ultrapassado a esperar sentado pedindo e rezando porque de pé cansa e importuna, um futuro que nunca chega *and have a nice day*.

Aliás. Quem é mesmo esse tal de Amarildo? E esse outro... como é mesmo o nome? Lembrei! Manuel da Conceição.

Eis uma carta que parece falar do petismo, mas fala também do sarneysismo, bolsonarismo, e tudo que vier a se vender como tal, a história de como se as lutas por populares e sociais por liberdade são apropriadas por falsos ídolos e idolatrias populistas até se tornarem na própria contradição e a própria reprodução não só da tirania em si, mas no polo oposto que irá se vender como a novo salvador da pátria de novo, de novo, e de novo.... **Mais do que uma história que se repete com farsa, a farsa que se repete como a própria história:**

Nobre companheiro presidente Lula.

É com a ternura, o carinho e o amor de um irmão, a confiança, o respeito e o compromisso de um companheiro de classe, das organizações e lutas históricas dos trabalhadores e das trabalhadoras desse país e do mundo que me sinto com a liberdade e o direito de lhe enviar esta segunda carta, tratando de questões que compreendo ter muito a ver com a responsabilidade do companheiro tanto como agente político das lutas em prol da justiça social para a classe trabalhadora como também na qualidade de um primeiro presidente da república legitimamente forjado nas organizações e lutas desse povo excluído, sofrido, mas que é capaz de realizar o impossível enquanto força social e política organizada e consciente do seu projeto de libertação classista.

Dirijo-me ao companheiro com a minha identidade de trabalhador rural, de sindicalista, de ambientalista, de humanista e de militante e fundador do Partido dos Trabalhadores, o qual comecei a sonhar e trabalhar na sua criação quando ainda me encontrava no exílio, juntamente com honrados e honradas companheiros e companheiras que havíamos sido banidos do nosso país pela intolerância de um governo totalitário e de regime militar.

Porém, minha identidade social, política e classista se origina bem antes da criação do PT e da CUT, instrumentos classistas dos quais me orgulho de ter sido cofundador, juntamente com o companheiro e um conjunto de honrado(a)s e legítimo(a)s militantes e intelectuais orgânicos da classe trabalhadora.

Na realidade companheiro Lula minha história de luta social e política se originou aqui mesmo no Maranhão, estado do qual sou filho natural com minha matriz étnica negra e indígena.

Agora em julho de 2010 completarei 75 anos de idade. Quando eu era ainda jovem vi meu pai e muitas famílias agricultoras serem massacradas e enxotadas de suas posses por latifundiários, coronéis e jagunços, acobertados e protegidos por um governo oligárquico. Certa vez presenciei um grande massacre de companheiros meus quando estávamos reunidos em uma pequena comunidade rural do interior do Maranhão. Neste dia fomos atacados de forma covarde por um grupo de soldados e jagunços, que sem a menor chance de defesa assassinaram cinco pessoas, dentre elas uma criança que correu para abraçar o pai caído no chão e foi pego pelas pernas e arremessado contra a parede que a cabeça abriu espalhando os seus miolos, também uma velhinha, que tentou impedir a morte do filho foi cravada de punhal em suas costas, ficando rodando no chão espetada. Eu escapei por puro milagre com um tiro na perna, mas me tornei mais revoltado ainda com a classe latifundiária e jurei perante a comunidade lutar o resto de minha vida contra os latifundiários e suas injustiças.

Presenciei um segundo massacre em 1959 quando estávamos novamente reunidos em uma comunidade por nome Pirapemas para preparar a defesa de uns companheiros que estavam sendo acusados de ter invadido uma propriedade e roubado umas frutas do sítio. Neste dia chegou um grupo de uns 20 policiais, soldados, tenente, cabos e um sargento. Ao chegarem ao local da reunião o sargento perguntou quem era o presidente da associação, e como foi respondido que não havia presidente o sargento falou: pois então todos são presidentes e vão levar bala. Neste dia foram assassinados sete companheiros e três outros ficaram gravemente feridos.

Minha primeira motivação para a luta era sustentada em pura revolta, ódio dos exploradores da minha família e das famílias camponesas da mesma região que habitávamos. Sem a menor consciência política e dominado pelo ódio eu cheguei a acreditar que a libertação dos trabalhadores de tal estado de sujeição dependeria de um salvador da pátria, de um homem corajoso, de um herói que com o apoio eleitoral dos oprimidos iria por fim a tal dominação. A partir desse entendimento extremamente limitado e de um profundo sentimento de revolta pela violência testemunhada e sofrida, vi

surgir na minha ingenuidade uma esperança para salvar a massa camponesa do jugo dos latifundiários apadrinhados pelo poder da oligarquia viturinista que comandava o estado do Maranhão. O nome dessa esperança era José Sarney.

Com um discurso muito bem elaborado e com a radicalidade de um revolucionário Sarney prometia exatamente o que nós camponeses queríamos ouvir: um Maranhão novo e livre de oligarquia, reforma agrária, punição dos crimes cometidos contra as famílias camponesas e indenização dos prejuízos a elas causados pelo gado dos fazendeiros. Eu acreditei no discurso do cidadão e me tornei um aguerrido cabo eleitoral, andando a cavalo em todas as comunidades da região fazendo sua campanha. Resultado: com uma grande adesão popular, elegemos o José Sarney em 1965 para ser o governador do Maranhão.

Nessa época eu já era presidente do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Pindaré-Mirim, que congregava trabalhadores rurais de toda a grande região do Pindaré. Mesmo sem ainda ter uma sólida consciência de classe eu já havia sido preso e espancado severamente pela polícia da ditadura militar. Foi por conta dessa perseguição que eu passei a acreditar nas promessas do Sarney que caso fosse eleito iria ser uma força aliada dos trabalhadores contra a repressão da ditadura militar.

No dia 13 de julho de 1968 o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Pindaré Mirim havia convocado uma reunião da categoria para receber a visita de um médico para tratar questões relacionadas à saúde dos associados e associadas. O prefeito do município na época mandou informar que iria fazer uma visita ao sindicato neste mesmo dia. Por volta das 10 horas da manhã chegou um pessoal dizendo que queria falar com o presidente do sindicato. Quando eu apontei na porta fui recebido por tiro de fuzil que estraçalhou minha perna. A ação e os disparos foram efetuados pela polícia militar. Outros companheiros também foram atingidos por bala, mas felizmente não houve morte. Eu fui levado aprisionado e jogado na cadeia sem receber nenhum tratamento no ferimento, o que levou minha perna a gangrenar e ter de ser amputada.

Sarney se encontrava em viagem para o Japão e quando retornou manifestou desconhecimento da questão e mandou seus assessores manterem contato comigo, oferecendo apoio para a minha família, uma perna mecânica, uma casa e outras ofertas, desde que eu me tornasse um defensor do seu governo. Eu respondi que não estava preso por ser bandido, que minha perna tinha sido arrancada por bala da própria Polícia Militar do estado sob seu governo. Portanto, minha perna era responsabilidade da classe que eu representava, minha perna era a minha classe.

Desde então eu passei a ser considerado um inimigo do Estado militar, passando a ser alvo de permanente perseguição. Fui preso nove vezes e submetido às piores torturas que um ser humano é capaz de suportar.

Vi muitos de meus companheiros e companheiras serem torturados e morto(a)s por ordem do governo militar do qual Sarney se tornou parte num primeiro momento como governador do Maranhão e posteriormente como senador biônico. Vale ressaltar que foi no primeiro governo da nascente oligarquia Sarney, que foi promulgada a Lei Estadual 2.979, regulamentada pelo Decreto 4.028 de 28 de novembro de 1969, a qual facultava a venda de terras devolutas sem licitação a grupos organizados em sociedade anônima. Essa lei foi o maior instrumento de legalização da grilagem das terras do Maranhão, particularmente na região do Pindaré (Asselin, 1982, p. 129). Essa grilagem promoveu a expulsão das famílias agricultoras de suas posses e a migração de milhares de famílias camponesas maranhenses para outros estados.

Eu escapei com vida, embora mutilado e com sequelas físicas e psicológicas profundas, por conta da solidariedade da Anistia Internacional, das igrejas católicas e evangélicas, da AP como principal mobilizadora dos apoios e até do Partido Comunista do Brasil, que na ocasião fez uma ampla campanha internacional pela preservação da minha vida.

Finalmente, fui exilado na Suíça, de onde continuei denunciando as atrocidades da ditadura militar nas oportunidades que tive de viajar por vários países europeus. Foi também no exílio, juntamente com companheiros refugiados, que começamos a discutir a ideia já em discussão no Brasil de criação do Partido dos Trabalhadores e também de uma central sindical.

Meu companheiro Lula, hoje vivemos um novo momento na história do Brasil; aquelas lutas dos anos 50, 60, 70, 80 e 90 não foram em vão; tivemos prejuízos enormes, pois muitas vidas foram ceifadas pela virulência dos detentores do poder do capital; porém, temos um saldo expressivo de vitórias; hoje temos um partido que se tornou a maior expressão política da classe trabalhadora na América Latina; temos o melhor presidente da história desse gigantesco país, que ironicamente é um trabalhador operário e nordestino, que assim como eu quase não teve acesso a estudos escolares. Eu confesso a você que sinto um imenso orgulho de ter participado desde os primeiros momentos da construção dessa grandiosa e ousada empreitada.

Porém, companheiro presidente, ultimamente eu tenho vivido as maiores angustias que um homem com minha trajetória de vida é capaz de imaginar e suportar. Receber a imposição de uma tese defendida pela Direção Nacional do meu partido e até onde me foi informado pelo próprio companheiro presidente de que o nosso projeto político e social passa agora pelo fortalecimento da hegemonia da oligarquia sarneysista no Maranhão. Eu sei do malabarismo que o companheiro presidente tem precisado fazer para garantir alguma condição de governabilidade; porém, sei do alto custo que é cobrado por esses apoios conjunturais, e que nosso governo vem pagando a todos esses ônus. Companheiro, tudo precisa ter algum limite e tal limite é a nossa dignidade.

O que está sendo imposto a nós petistas do Maranhão extrapola todos os limites da tolerância e fere de morte a nossa honra e a nossa história. Eu pessoalmente, há mais de 50 anos venho travando uma luta contra os poderes

oligárquicos e contra os exploradores da classe trabalhadora neste país. Por conta disso perdi dezenas de companheiros e companheiras que foram barbaramente trucidados por essas forças reacionárias. Como é que agora meus próprios companheiros de partido querem me obrigar a fazer a defesa dessas figuras que me torturaram e mataram meus mais fiéis companheiros e companheiras?

Vocês podem ter certeza que essa é a pior de todas as torturas que se pode impor a um homem. Uma tortura que parte dos próprios companheiros que ajudamos a fortalecer e projetar como nossos representantes no partido e na esfera de poder do Estado, na perspectiva de um projeto estratégico da classe trabalhadora. Estou falando do fundo de minha alma em honra à minha história e à de meus companheiros e companheiras que foram assassinadas pelas forças oligárquicas e de extrema direita neste país.

Estou animado para fazer a campanha da companheira Dilma, assim como para fazer uma aguerrida campanha política em prol do fortalecimento do PT no Maranhão e para construir um projeto político alternativo à oligarquia sarneysta, juntamente com os partido do campo democrático e popular na coligação PT, PCdoB e PSB. Esta foi a tática vitoriosa em nosso encontro estadual realizado nos dias 26 e 27 de março, que aprovou por maioria de votos, da forma mais transparente possível e cumprindo todos os preceitos legais o nome do companheiro Flávio Dino para candidato dessa aliança legitimamente de esquerda e respaldada pelas mais expressivas organizações da classe trabalhadora deste estado que publicamente se manifestaram, a exemplo da Federação dos Trabalhadores na Agricultura — Fetaema e a CUT. Assim, penso que estamos sendo coerentes com a nossa história e identidade classista.

Portanto, estou fazendo este apelo ao mais ilustre companheiro de partido e confessando em alto e bom som que não aceitarei sob nenhuma hipótese a tese de que nestas alturas de minha vida eu tenha que negar minha identidade e desonrar a memória de meus companheiros e companheiras que foram caçados e exterminados pela oligarquia e os detentores do capital no Maranhão, no Brasil e mundo inteiro.

Lamento e peço desculpas se este meu posicionamento desagrada o companheiro e a Direção Nacional do PT, mas não posso me omitir diante de uma tese destruidora de nossa identidade coletiva e que representa a negação de tudo que temos afirmado nas nossas palavras e ações. Espero poder contar com a solidariedade e compreensão do meu histórico companheiro de utopias e lutas.

Atenciosamente,

*Manoel da Conceição Santos, membro fundador do PT e primeiro-secretário agrário nacional.” -**Artigo — “Minha perna é minha classe”***

Artigo — “Minha perna é minha classe”

O líder camponês Manoel Conceição Santos, do Maranhão, completou 70 anos de vida e de luta. Em 1968, vítima de…

reporterbrasil.org.br

Dizem que quanto mais passa o tempo melhor pode se escrever a história. Só mesmo se for a falsificada. Porque sendo a história uma sucessão não só de golpes, mas de crimes contra a humanidade, bem sabe o cientista forense que quanto mais tempo passa, quanto mais se adultera a cena do crime, quanto mais as testemunhas morrem com o tempo, mais o que sobre como relato é são as palavras dos próprios criminosos, seus advogados, escribas e apologistas, que vencendo não só escrevem a história como bem entendem, mas buscam apagar rastros e memórias. De tal modo que o estudo dos fatos e eventos que se passam naquilo que chamamos atualidade ou um passado próximo ou distante, não é diferente da analise científica e epistemológica da própria realidade presente, uma busca arqueológica da verdade tanto dos fatos, mas da lógica da construção dos fatos e verdade como narrativas ao longo do espaço e do tempo.

Uma investigação que longe de tomar o olhar dos sujeitos que discriminaram ou preconceberam o mundo e os outros como seus objetos, olha para o mundo desfazendo essas discriminações e preconcepções ideológicas para encontrar nos rastros deixados tanto pelas vítimas quanto os predadores, incluso como narrativas, que não passam de pistas ou evidencias, que dizem mais sobre os olhos e desejos (e taras) do narrador, do que sobre o mundo, até chegar de fato ocorreu na cena histórica não necessariamente do crime, mas que deve ser tratada com o mesmo rigor e justiça. Um processo de dedução, do fundo de verdade do qual se compõe não só toda mentira, mesmo as verossímeis, mas toda representação do real, por mais sincera, sã e fidedigna que seja a percepção da realidade sensível do contador de histórias. Seja ele um jornalista ou um historiador honesto, ou um mentiroso profissional cuja profissão é a de produzir fantasias e ficções.

Evidentemente não a fantasia e ficção das genuínas belas artes, que não tem a pretensão medíocre de passar pelo embuste de mera reprodução do real ou pior ser já seu simulacro, logo não se prestam a finalidade de imbecilizar crianças e infantilizar adultos. E sim a fantasia das taras patológicas e teratológicas das manias psicopáticas e psicóticas que produzem e são produto desse dessas relações como falseamento e manipulação dos fatos e verdades, ou o que a mesma coisa dos seres e fenômenos como se fossem meras abstrações e entidades imagéticas subjetivas a satisfações de medos e desejos e não o que são entes dotados de vida e liberdade como anima, potencial, vontade e vocação, criatividade própria autogerada e autodeterminada.

Então eu sou a favor do golpe? Qual golpe? Qual 171 você está falando? O do Estado? Igreja? Imposto? Dizimo? De qual salvação e salvador você está falando os da pátria ou das almas? Ou dos dois juntos? De qual gurus, mitos, líder e ídolo sagrado todo poderoso encarnado, de qual santo ou deus estamos falando da dos socialistas ou liberais, da dos progressistas, reformistas, conservadores ou reacionários ou do esquema de pirâmide deles juntos de uma forma generalizada? De qual falsários ideológicos e estelionatários golpe e pilhagem e

trairagem estamos falando, a que eles vivem de aplicar uns nos outros, para depois armar outro golpe sobre golpe, ou do farsa maior, o maior golpe aquele que sempre se repete como farsa para se perpetuar como poder, o golpe da própria história do poder, tanto como a história dos fatos desnaturados e falsificados, quanto a própria história dessa história da desnaturação, expropriação, alienação, corrupção, da qual a própria produção da história e memória faz parte? Qual desses golpes? É só uma pergunta retórica. Sou contra todos, eles porque como dizia o outro não se pode servir a dois senhores. E quando não se quer servir a senhor nenhum, mas se assenhorar e se asseverar da sua liberdade como senhora da sua consciência e destino então, não se pode vir em verdade nenhuma senão a própria liberdade.

Não querido, não sou de golpes, sou a favor de um meteoro gigante que exploda todos eles. Minto não sou. Porque meteoros não separam joio do trigo. E mesmo se separassem não adiantariam nada porque esse cataclisma é apenas o simbolismo de uma revolução violenta. E o que precisamos é justamente o contraposto: uma revolução pacifica. Onde a pessoa humana, incluso a deles, é respeita como pessoa humana e não como ídolos ou autoridades com suposto poder ou licença para matar ou prender e roubar desde que decretem isso como lei e ordem. Um poder que não pertence a todos, mas rigorosamente a ninguém. Porque o que existe não é o direito ao monopólio da violência, mas justamente o oposto ao direito de livre associação das pessoas de paz para se livrar e defender de toda pessoa acometidade desses psicopatas ególatras, esses maniacos compulsivos tarados por controlar a vida dos outros e manter relações forçadas a revelia do consentimento explicito dos que só querem viver em livres e em paz, incluso da violência e autoritarismo deles. Vê-se portanto que o problema mais do que esse ou aquele poder e violência que corrompem é a vulnerabilidade à estas cooptação que degenera e alimenta e reproduz esse poder violento.

A evolução e revolução do paradigma do monopólio da própria supremacia da violência, ou a revolução da própria instituição do estado de paz pela abolição de todas formas de agressão, privação, violação e violência, algo que não se faz pela dissuasão da potência agressiva, mas justamente pela ciência e consciência da liberdade que produz as tecnologias da invulnerabilidade, a começar pelas mais básicas: as ambientais e sociais. Um processo que não se impõe pela força de fato ou decretos, mas pela busca e descoberta e observâncias das leis naturais do universo e claro pelo entendimento do que é essencial tanto para a sua formulação como saber, quanto autogeração e autodeterminação como fenômenos. O conhecimento e método absolutamente imprescindível não só necessário para prever o futuro mas transformá-lo de forma sustentável. Ou para não sair da metáfora do tratamento não basta apenas só livrar da mal ou doença ou vicio, mas como o dito remédio não pode ser feito ser feito do mesmo mal, ou seu efeito colateral vicio ainda pior.

Logo a pergunta também não é do que eu ou você como pessoas livres somos a favor ou contra? Porque pessoas livres por definição são a favor da sua liberdade e contra todos que querem subtrai-la e tiranizá-los, incluso aqueles que vendem o medo de um tirania maior, para impor uma menor. A base desse jogo maldito, onde o bosta e o merda, o coisa ruim, e o pior ainda ficam se alternando no poder, apontando um para o outro como o problema, o mal e a doença e a jurando que eles são a cura, a salvação, o bem quando ambos são o mal desse circulo vicioso da insanidade de terra de cegos, a guiar cegos, pois é furando os olhos dos outros que se reina e se faz rei.

Estado e igreja, imposto e dizimo, liberais, socialistas, progressistas, reformistas, socialistas são tudo a mesma bosta, enquanto projeto de poder, pequeno ou grande, porque o dia que surgir uma corporação que invés recolher dízimos e impostos de pobres e miseráveis para encher a burra dos seus lideres, mas distribuir essas grana sem tocar em um centavo das doações então não teremos, mas pobreza, nem miseráveis, mas aí acabou a boquinha deles, o dos vendedores de promessas de salvação do povo, porque não teremos mais charlatanismo, mas de fato sociedades, onde o que uma pessoa destina como o bem comum de todos, chega na mão dos demais, e não é roubado por esses ladrões que se legitimam e legalizam uns aos outros graças a miséria e ignorância, insolidariedade e claro a divisões e discórdia que plantam para colher como a idolatria a sua tirania, esperança de salvação, como falsa solução, ou seja sempre promessa que nunca se cumpre, dos problemas que eles mesmos criam e cultivam!

Ou seja um outro mundo onde não é a sociedade que está a servir inclusive compulsoriamente corporações, estados, igrejas ou empresas, mas são estas personas jurídicas que estão a serviço da sociedade e sua suposta razão e responsabilidade social, ambiental humanitária, de fato e não como propaganda de banco ou refrigerante para otário.

Ontem, mesmo assistindo Ciro Gomes vestindo seu chapéu, perdão papel favorito de eterno corno, nunca manso. Mais esclarecido, o que hoje já não é mais um elogio dada a qualidade do animal político em exibição do nosso zoológico manicomial, me chamou a atenção das análises do golpe de que o golpe foi um erro. Deu inclusive o exemplo do PSDB, e seus caciques Aécio, Alckmin, Serra que não foram dizimados, porque como disse entre mortos e feridos, todos se salvaram graças a glória do todo poderoso poder supremo, mas perderam as plumas. De modo que se eles não tivessem embarcado na aventura do do golpe agora estariam ainda dando as cartas. Uma analise portanto perfeitamente correta... de político para politico. Do ponto de vista da sociedade para sociedade o erro é outro. Não é ter começado, mas ter parado. Que pena, portanto, que só foi o PSDB. Ou como disse Gilmar Mendes “se ousarem abrir e investigar o supremo, eu mando fechar”.

Porque quando se trata da classe política é como o tratamento de um câncer ou uso de antibiótico: a pior coisa é parar o remédio no meio, não ir até o final. O mal não só permanece mas a cepa dos parasitas não só se adapta mas se forma toda uma nova geração ainda mais forte, agressiva e resistente ao mesmo remédio. Fora outro detalhe ainda mais importante importante: ao longo do tempo, desde o inicio lá atrás das manifestações de junho não só tratamento foi e o remédio e tratamento que foi abandonado, mas os médicos, a medicina e até a própria noção de sanidade. E o que eram eram manifestações populares se tornaram massa de manobra populista. De modo que rigorosamente se trocou um mal e um vicio por outro ainda pior. E já tem gente arrependida de ter um dia reclamado de um regime, já que outra pior surgiu.

Em outras palavras: o que eles chamam de erro deles. Eu chamo de nossos acertos.

Eles lamentam os compadres caídos. Eu lamento os que ficaram de pé, para continuar nos atormentando assombrando.

Eles clamam para o povo não faça mais impeachment nem sonhe com recall. Eu mando eles pararem de me fuder, e irem se fuder se quiserem até se matar, não importa se de verde-amarelo, ou vermelho, juntos ou se separados, mas no diabo que os carreguem.

Eles jogam a culpa nas pessoas que afirmam sua liberdade de credo, consciência, de identidade, de união, separação... porque esse é seu jogo. Eu nos oportunistas que tomam e usam e montam nas bandeiras, mas nas pessoas em causa própria para depois

Fazer não só das causas e ideias seu cavalo, mas das pessoas que dizem defender suas bestas de carga e bucha de canhão na linha de frente, seja das infantarias seja das manifestações para na hora que o bicho pega e o pau come, se mandarem. Tacam fogo no circo, e vazam torcendo para que um inocente se torne um cadáver de um mártir para que esses necrófagos possam voltar e fazer a única que sabem, se apropriar do corpo morto e da desgraça para capitalizar como discurso para seu projeto de poder.

E nisto os lados não só precisam um do outro como inimigos, mas de inocentes úteis para jogar aos leões, mas dos leões do outro lado da trincheira a se matar no lugar deles, até mesmo para que eles possam usar a massa tanto de manobra, moeda de troca e lastro das mesmas na negociação do butim dos mortos e paralisados nessa terra arrasada dividida e apartada e enfim expropriada dos seus donos em sua guerra. E quem tiver escrúpulos mais precários prevaleça e seu psico-phatos dite a dureza e concretude dos fatos.

Não, não se deixe ditar, não deixe a sua pisque nem seus fatos a mercê da psicose alheia, falta empatia, senso e noção a realidade que se não for a sensível ao outro e ao mundo é por definição a alucinação ideológica. A discórdia não está em quem clama, proclama ou reclama sua liberdade em ser e fazer, dizer ou acreditar o que bem entender consensualmente, mesmo que isso seja exatamente o contrário de tudo que outro acreditam, quer ser ou quer ouvir. O problema não está e nunca estará nas pessoas que querem se relacionar consensualmente e determinar quem são e seu destino livres do que os outros acham. O problema está em qualquer forma predeterminada ou predestinada de ser a bandeira e grito de guerra para impor forma de viver não só como impedimento da liberdade, mas liberdade que se impõe como regra. Algo que a esquerda autoritária não entendeu e não conseguiu respeitar como direito dos direita autoritários, e vice-versa. E nem nunca vão. Porque o seu negócio é monopolizar a autoridade, a burocracia das licenças e autorizações, liberar e proibir, transferir custos, impor obrigações e demandar privilégios como direitos de tutela e autoridade via subsidio do poder de fato, o aparelho estatal. Com eles nunca haverá fim de privilégios, nem das desigualdades de liberdades fundamentais, porque fim de privilégios implica em igualdade de autoridade sobre o bem comum e igualdade de autoridade sobre o bem comum não existe sem democracia direta e participação no patrimônio da coisa publica não só como obrigações contributivas, tributos, mas como ganhos tanto como serviços mas como dividendos sociais para bancar tal produção sem interesses outros como o endividamento perpetuo. De boa, mais fácil tirar um osso de um pitbull hidrofóbico do que eles largarem esse file.

De tal modo onde eles erram pode até ser que não ser onde acertamos, ou podermos a oportunidade de acertar, mas definitivamente seus erros e acertos assim como interesses, angustias e felicidades, passam longe dos da população.

Seus direitos são falsificações grotescas: são privilégios. E até seu choro mimado, suas reclamações sem senso e noção, denunciam o grave estado patológico de perda de conexão com a realidade sensível do outro e do mundo, denunciam o grave estado de perda da sensibilidade necessária a ligação empatia e inteligência solidaria que caracterizam os traços de personalidade marcados por uma inconsciência coletiva arquetipicamente psicopática que afeta não só os reis, mas até os membros menores dessa aristocracia que mama nas tetas, apenas para chupar o saco e lamber a bunda suja de quem quer que seja ou esteja entronado a falar ou fazer merda.

Procurador que chamou R$ 24 mil de "miserê" pede licença do MP

O procurador Leonardo Azeredo dos Santos, que disse que seu salário de R$ 24 mil mensais era um "miserê", está afastado...

noticias.uol.com.br

E ai daquele funcionário público que fugir da normalidade do papel higiênico e higienistas, duas funções governamentais. Hão de se entender com os supremos e poderosos chefões que lhe farão propostas irrecusáveis.

Estou então a acusar e fazer insinuações maliciosas ao Supremo Tribunal ao governo e ao poder legislativo enfim a todo tipo de autoridade que tem justamente a prerrogativa de me processar e prender justamente para que eu aprenda a saber com quem eu estou falando? Eu, imagina? Não tenho imunidade parlamentar e portanto os mesmo privilégios de classe para manifestar o que penso como reles cidadão. Como poderia fazer isso? Então em respeito a lei ao invés de dizer o que penso, lembro a todos que cada dia está mais proibido dizer o que realmente se pensa, porque a censura e perseguição está cada dia menos velada. Ademais não tenho realmente nada para dizer sobre eles que sua censura possa esconder ou minhas palavras revelar. A censura mesmo a velada é sempre a forma mais patética de tentar esconder se expondo, porque sempre acaba por expor em contraditório o que se pretendente esconder. Afinal a lógica do público é absolutamente a inversa da privada, acesso e transparência são fundamentais a credibilidade e fidedignidade e legitimidade.

Logo, há quem ouça Temer falando e ouça só o que quer ouvir, ou que não quer ouvir. Mas se olhar para ele não como quer, mas naquilo que ele significa, poderá perceber tanto o que está acontecendo quanto o que está por vir. Temer no poder antes de ser um maldito vampiro, foi e sempre será cobra criada, pronta para picar o tonto que entra na dele. E portanto quanto sibila é uma ave de mau agouro, que só traz maus presságios, especialmente para aqueles que acreditam que os contratos sociais não são entre governantes e populações que geram direitos e deveres entre as partes. Mas contratos entre pessoas livres que deixam de ser só populações para serem membros, as partes como direitos e deveres de uma sociedade onde o Estado e governo não é parte do contrato social mas seu instrumento ou mais precisamente os empregados e servidores desses cidadãos, os verdadeiros donos do nação, seu patrimônio e bem público, e o evidentemente contrário da nossa idiocracia cuja unica verdade é que somos um bando de imbecis. Imbecis não por nos submeter a violência de uma maioria. Mas por alimentar esse crendice ignorante e infantiloide quando disseminamos ela!!!

Oligarcas, Burocratas tecnocratas puxas-sacos, crentes do poder, descrentes da liberdade, ou só impotentes da sua força de vontade mesmo, pregam que o povo por ser muito ignorante não tem condições de decidir por conta própria. Solução? Que esse povo ignorante incapaz de decidir, decida quem vai decidir no lugar dele(???) Genial! Nisto os monarquistas que não sendo membros de monarcas nem membros da família real, mas plebeus “sem sangue azul” os idiotas clássicos, equivalente a um negro nazista, são até mais coerentes em sua contraditória subserviência. Porque é preciso se decidir. Ou se é um a favor de ditadores, ou de democracias mesmo que contra seus próprios interesses. Porque o meio termo dá no que dá... isto é, na merda das ditaduras de loucos e retardados mentais. Porém antes que apressadamente alguém opte ou que advogo por ditaduras não se esquece de um detalhe: quem dita quem são os ditadores?

E eis que voltamos ao problema original:

Num país de cegos idiotas alienados e ignorantes os guias e governantes serão cegos idiotas, e mesmo que fossem (ou existissem) “gênios da raça” seriam tomados por loucos possessos ou hereges... seriam queimados ou crucificados já que ninguém entenderia uma palavra do que falam nesse mundo das cavernas onde tudo é mistico,sobrenatural e causa de medo, estranheza e terror. Precipício.

Porém, num país de pessoas lúcidas conscientes e esclarecidas, os guias e governantes logicamente sejam eles eleitos pelo povo ou ditadores que se escolhem entre eles-desde que não pratiquem o que as casas reais adoram para ficar para evitar se miscigenar com gentalha, a preço do sua degeneração genética e retardamento mental. Então tanto faria, como tanto faz se o regime de governo, exceto por um pequeno detalhe: sendo, pessoas lucidas, conscientes, esclarecidas, adultas emancipadas, e não crianças e nem portadores de necessidades especiais, em respeito as pessoas delas, não sendo portanto cegos não precisam mais serem guiadas nem tuteladas e pior pilhadas por idiotas e idiocratizadores, sabendo o que querem, para onde querem, (como se já não soubessem) não precisam mais de quem os diga o que fazer ou aprovar o que farão, precisam apenas decidir o que querem fazer e mandar seus servidores pagos pelo preço justo que o façam. Não precisam de tiranos, ditadores em governantes, mas só de serviços e servidores públicos. Assim como esses também sabendo do seu serviço não precisam de um palhaço de intermediário para mandar fazer o que ele não sabe fazer, e sim ele.

Em outras palavras o cidadão não precisa ser nenhum gênio, nem a sociedade precisa de gênios, nem muito menos de gurus ensandecidos ou salvadores da pátria retardados, só não precisam ser um ligeiramente menos crente no alheio ou idiotas para não idolatrar quem se diz mais esperto que todo mundo e um pouco mais fiel em si a mesma, ou o que a mesma ter um pouco mais fé solidária na sua próprio potencial, livre-arbítrio, ou simplesmente liberdade e espirito gregário.

Porque gente mais inteligente, mais estudada, mais sabia, que sabe fazer tudo gente melhor que a gente em fazer alguma coisas ou muitas sempre vai existir. Aliás se não existe quiça hão de se formar. Artistas,Cientistas, Engenheiros, arquitetos, assistentes sociais, biológicos, historiadores, professores, médicos, bombeiros, atletas, programadores, escritores, enfim... melhores não só em uma coisa, mas em todas. E mesmo que não sejam, não importa desde

que a pessoa aprenda 2 coisas na vida social: a respeitar o saber e trabalho alheio e fazer respeitar o seus direitos como cidadã, isto é, como dona não só do seu nariz do seu pais. Ou seja das propriedades particulares quanto patrimônio público. Precisam parar de pensar como pobre e pensar como rico.

Quando rico diz para você que é rico porque sabe fazer alguma coisa, ele está mentido. Rico não é rico por saber alguma coisa, ele até sabe e faz muitas coisas, mas não são elas que fazem dele uma pessoa rica. Rico é rico porque não obedece: manda. Ou mais precisamente demanda até porque se não é um ladrão ou tirano não pode senão negociar. Ou mais precisamente sabe mandar e se fazer obedecer. Mesmo aquele que não não vive de se locupletar isto é, não enriquece de plantar miséria para colher tirania, este também sabe se fazer respeitar em suas demandas. Ou seja mesmo o rico que não é o ladrão e corrupto que vive de explorar a vida e privação da liberdade alheia não raro pelo subsidio do monopólio da violência estatal, mas sim aquele que de fato produz riqueza, sabe que para produzir esta riqueza e ficar com ela precisa se impor justamente contra quem vive de roubar e impor o roubo como sua lei e ordem do contrário empobrece. Não precisa se aliar ou virar o ladrão e estelionatários que vive do roubo e golpe dentro ou a margem da lei e da ordem, mas precisa necessariamente não se submeter a nenhum deles. Precisa mais do que fazer valer e respeitar seus direitos, especialmente quando delega funções aqueles que não tem direitos sobre eles, mas são pagos não como escravos mas como pessoas livres para fazer respeitá-los, protegê-los e garanti-los. Se não souber fazer isso será sequestrado,roubado e escravizado governado e violado como a sociedade o é por seus supostos servidores, os governantes que são donos de fato seu patrimônio e para o qual o legitimo dono agora trabalha para sustentar seus caprichos.

Uma sociedade que não só permite a formação de uma casta acima dos seus servidores públicos, mas impunemente acima de toda a sociedade não é uma sociedade livre, mas um domínio de servo-idiota e tão mais idiota quanto mais conformada e idolatra desses usurpadores como os senhores da sua lei, ordem e unica condição possível quando essa casta sequer precisava ou deveria existir. Porque ela não é o serviço público, mas os parasitas que os obstruem comendo o dinheiro e pior realizando suas taras de posse e poder contra a população mais vulnerável excluída dessa sociedade que não existe enquanto verdadeiro pacto social, mas só como alta ou baixa society conforme mais ou menos puxadora de saco do rei.

É tão obvio que se alienação que não fosse mais hipocrisia do que ignorância daria até pena e vergonha alheia e não repulsa à tamanha pusilanimidade quando vindo de gente mais do que ilustrada. Dois pesos e duas medidas. Ninguém é rico porque o gestor de fundos é altamente qualificado deixa ele dizer o que deve fazer com seu dinheiro, nem sequer aventa a possibilidade de discutir se é ele ou o piloto do seu avião particular que vai decidir onde ele vai ir, qual aeronave vai comprar, se vai vendê-la, quanto vai receber, quem quantos vão contratar, despedir, quanto vai pagar. E vá trabalhar vagabundo senão o piloto te manda prender. Enfim, é simples ele é o dono do patrimônio, e o dono não precisa saber nada, exceto como o que quer e demandar e seja o piloto ou administrador que detém o saber entrega projeções e resultados.

O proprietário, ou sócios enfim a sociedade pode colocar quantas pessoas ele quiser para fazer as coisas para ele, podem delegar tantas funções e tarefas quanto tiver capital e estiver

disposta a pagar, e sequer nem sequer precisa ou deve ficar vigiando, ao contrário do que muita gente prega o que essa administração está fazendo, não é a função da sociedade ficar de auditoria governos até porque nem precisa, quando o cliente é o dono, a prestação do serviço é todo o controle devido e necessário. E para tanto só é preciso manter duas prerrogativas sobre sua posse: a primeira e a ultima palavra sobre tudo que interessa: gasto. O resto se é verde, amarelo, que se dane. O resultado é juiz da obra. Assim como o orçamento o é do projeto. E os interessados que que se unem banquem e os que não tem nada a ver com isso que não atrapalhem.

Mas isso é um governo para ricos?

Não isso é um governo onde rico paga o que que quer fazer com o seu bolso e não o locupletador transfere o custo para a sociedade com a conversa mole que o enriquecimento subsidiada pelo tributo dos miseráveis vai ajudá-los a sair da merda, e não afundá-los mais.

Mas e os mais pobres? Meu amigos só como o dinheiro roubado dos cofres públicos que não vai para serviços públicos, mas para bancar a classe política e seu constante pilhagem e endividamente tributação e subsídio a locupletação, só com os dividendos sociais distribuídos igualmente para todo cidadão, ninguém vai ficar rico, mas não só os serviços públicos vão poder começar a funcionar, como as finalmente as pessoas mais pobres terão capital para bancar seus próprios negócios e interesses em sociedade não só de interesse privado, mas público poderão começar a resolver seus problemas com sociais como fazem qualquer burguês com servições de educação, saúde, seguridade, previdência, e até vigilância local e mutual. Aliás pobres, ricos, remediados, enfim com uma vantagem adicional já não pagando além deste custo mutual, o tributário da maldita classe política. Tem tanto advogado no Brasil que o menos precisamos é de analfabeto em lei. As pessoas não deveriam ter políticos mas só advogados para defender seus direitos por procuração, até para quem não sabem são eles que fazem as leis só para quem os paga, os políticos e não a sociedade.

Por isso, mané direitos do governante. Governante deveria é ter direito trabalhista até para parar escravizar trabalhador. Aí sim você ia ver como a classe política estaria sintonizada e solidaria com quem sofre as agruras de ser empregados, tanto servidores públicos quanto particulares e não fodendo com eles para sustentar seus fundos partidários-eleitorais.

Porém sem a primeira e ultima palavra nas decisões sabe o que acontece? A primeira palavra de quem perde a soberania é nunca mais não só ter a palavra sobre nenhuma decisão, mas nunca mais ver a cor do dinheiro do rendimento de nenhum patrimônio público. Pelo contrário, vai é pagar cada vez mais para engorda a quadrilha que se apoderou da sua casa e agora fez dos antigos donos seus empregados.

Logo antes de ser um questão de democracia direta e renda básica é uma questão de parar abandonar o fetiche estatal por despostas e governos. Pois enquanto a população acreditar na potencia do estado e continuar renunciando a sua liberdade como responsabilidade solidária, vai continuar presa na armadilha e arcabouço do subdesenvolvimento e desigualdade social mantida pela cultura da enriquecimento via locupletação, ou seja disseminação da miséria para perpetuação da tirania politico-econômica.

Assim não me interessa o que Temer quer dizer, porque o quê as múmias parasitárias como ele querem eu sei de cor e salteado. O problema é saber o que é que eles estão querem agora? O que eles querem de nós com mais essa palhaçada assassina já pensando só naquilo: tomar e se perpetuar no poder, ou seja: as próximas eleições, quando essa farsa e loucura atinge seu ápice do insuportável.

Essa é a pergunta que essa balburdia enseja: O que eles querem agora com tudo isso? Com a ascensão do Bolsonarismo? Como o Lulismo que nunca morre? Com essa guerra de fanáticos e ideólogos alucinados que nunca acaba, e novamente se alinha na calada da noite? Talvez você pensa que eles querem voltar a tudo com era antes. A normalidade conforme Gilmar Mendes se referiu. Mas acho que até os neófitos na arte de roubar o erário público sabem que isso é impossível.

Belchior morreu. Mas enfim os ídolos já não são mais os mesmos e mesmo que os coloquemos de volta para tentar continuar vivendo como nossos pais, o mal-estar de viver como um corno conformado um idiota voluntário não irá se dissipar tão fácil com copas do mundo, novela, nem compras. Podemos não ter conseguido nos curar ainda, podemos relutar ainda em nos tratar e tomar os remédios amargos mas sabemos que estamos doentes, e quão fraco está o fraco sistema de defesa da sociedade e infectado.

Não sei em quanto tempo esse dinossauro vai demorar para cair, ou quanta gente ele ainda vai esmagar, mas a cabeça foi ferida de morte. Pode andar muito tempo como uma galinha sem cabeça, pode passar por retrocessos desumanos inimagináveis como contrarreação deste sistema, mas vai tombar. Os ídolos podem até permanecer no pedestal, mas o culto, o mito se quebrou, o brasileiro médio não acredita mais em papai noel. Demorou mas enfim estamos voltamos a crescer como gente, estamos deixando de ser um povo infantilizado, para nos tornar uma nação adulta. E quando essa hora da emancipação enfim chegar, e pode chegar mais rápido do que os patriarcas imaginam, a revolução estará completa.

O que está acontecendo historicamente no Brasil não tem preço. Finalmente o fatalismo e conformismo do povo e agentes públicos!!!! brasileiros estão se estão descobrindo que a barragem quebrada, o acidente ambiental, o crime organizado, a revolta e o massacre no presidio, a falência dos serviços públicos, a pobreza a doença não são uma conjuntura "metafisica" macroeconomia, não são acidentes naturais fortuitos, mas crimes com vítimas mandantes, executores, beneficiários. Com organizações e uma industria monopolista que vive da eterna promessa de tirar bode na sala. E eis que descobrimos que o bode na sala é deles!!! Uma coisa é você deduzir logicamente isto e escrever, outra é você ter a prova empírica desta lógica perversa cagada e esfregada na sua cara.

Se é alarmante a formação de uma falta de ética malufista (do rouba mas faz) entre as velhas "esquerdas" e de o renascimento do fascismo entre a "nova" direita. Esse retorno perigoso e patético das pessoas que não querem lidar com a nova sociedade e seu mar de novas informações. Por outro lado, temos finalmente a formação no brasil de um pensamento próprio, original e livre. A formação de um pensamento brasileiro social mais critico e menos ideológico que consequentemente começa a se desinstitucionalizar não só da lógica autoritária partidária mas da logica totalitária do nosso Estado Arcaico.

Somente os mais fanáticos querem e permanecem cegamente fieis a suas instituições sejam elas partidos, sejam ela o próprio Estado corrupto. A velhas falácias "tem gente boa no meio". Não podemos condenar as instituições e corporações pelo que seus membros e lideranças fazem" começa finalmente a ser exposta. Esse mito de que um instituição bandida, regida por bandidos e comente crimes precisa ser preservada a todo e qualquer custo social econômico e humano, está completamente desnudado. E as pessoas começam a entender que o fato de precisarem de uma ponte para atravessar um rio, não quer dizer que precise ser apenas a ponte que esses criminosos impõe a ela como seus pedágios. Começam enfim entender se querer chegar ao outro lado, vão ter que construir suas próprias pontes suas próprias infraestruturas políticas e sociais e se quiserem se livrar e libertar destes conchavos de monopolistas.

Estamos tendo uma aula prática e intensiva de história do Brasil: uma classe bandida que toma ou já instalada no poder se apropriando do que é o bem comum e privado das pessoas que formam o restante da nação. Ampliando a a expropriação e exploração para sustentar seus domínios políticos e econômicos sobre um território e seu povo. E tudo isso claro pelas grandes metrópoles e impérios a quem servem ainda como feitoria colonial.

Mas a batalha ainda continua. Novas farsas e farsantes não param de ser fabricados. E quando não a novos farsantes para inventar, recicla-se o que há de velho. Não importa. O importante para a manutenção da democracia como farsa eleitoral é que todas as opções aparentemente mais a esquerda ou mais a direita estejam devidamente alinhadas por trás das cortinas de ferro ao centro de poder. E se para tanto precisarem de novo usar o populismo para falsificar ideologicamente qualquer aspiração popular, não exitarão de novo em flertar com o perigo, afinal na pior das hipóteses repetem a história: derrubam o antigo aliado e colocam um biônico.

Seja o velho populismo de esquerda representado por Lula, ou o novo populismo de direita representado por aquele que faz de tudo para ocupar a vaga de anti-Lula, Doria Jr. O importante é que os dois continuem a ser uma farsa tanto para seus apoiadores quanto opositores. Ademais, se considerarmos que a nova farsa em cartaz é do populismo de direita, ter um Lula como vilão, e não nenhum elemento verdadeiramente de esquerda ou novo. É o ideal para consolidar a impostura da nova direita como mero antilulismo. E ela não é só isso. Mesmo não sendo de direita sei que o conteúdo da sua critica não é meramente o fascistoide soft do higienista Dória, ou o hardcore do fascista (na definição mais clássica da palavra) de um Bolsonaro.

Entretanto é evidente que a estratégia de apropriação empregada a esquerda serve igualmente a direita. E o mesmo processo de apropriação e concessão dos bens e posições materiais, também pode ser aplicado no que concerne o monopólio de novas correntes de pensamento: tomando e atribuindo a velhos aliados travestidos como se fossem o novo, os novos ideais.

Na industria da produção de ídolos políticos ocorre a mesma "apropriação"que na industrial cultural e musical. Para cada nova estilo revolucionário inventados pelos negros do mundo, há um branco da casa com berço para assumir e ser projetado em seu lugar

perante o grande público. Depois de morto as distorções são corrigidas, e a obra do morto enfim devorada até porque morto não reclama.

Evidente que não é o arrempedimento confissão nem redenção da direita a seu credo. E não estou aqui mais falando da disputa ideológica pela narrativa se foi golpe ou não, ambas parte da da falsificação ideológica maior da historia para boi dormir dos autoritários que ainda prevalecem como paradigma de ambas narrativas onde a única perpectiva que como a dos entre os mortos feridos nunca se salvam, execto como (falsa) promessa, os povos famílias e pessoas marginalizados e sacrificados e apagadas da história em holocausto nessas guerras. (...)

O que está acontecendo historicamente no Brasil não tem preço. Finalmente o fatalismo e conformismo do povo e agentes públicos!!!! brasileiros estão se estão descobrindo que a barragem quebrada, o acidente ambiental, o crime organizado, a revolta e o massacre no presidio, a falência dos serviços públicos, a pobreza a doença não são uma conjuntura "metafisica" macroeconomia, não são acidentes naturais fortuitos, mas crimes com vítimas mandantes, executores, beneficiários. Com organizações e uma industria monopolista que vive da eterna promessa de tirar bode na sala. E eis que descobrimos que o bode na sala é deles!!! Uma coisa é você deduzir logicamente isto e escrever, outra é você ter a prova empírica desta lógica perversa cagada e esfregada na sua cara.

Se é alarmante a formação de uma falta de ética malufista (do rouba mas faz) entre as velhas "esquerdas" e de o renascimento do fascismo entre a "nova" direita. Esse retorno perigoso e patético das pessoas que não querem lidar com a nova sociedade e seu mar de novas informações. Por outro lado, temos finalmente a formação no brasil de um pensamento próprio, original e livre. A formação de um pensamento brasileiro social mais critico e menos ideológico que consequentemente começa a se desinstitucionalizar não só da lógica autoritária partidária mas da logica totalitária do nosso Estado Arcaico.

Somente os mais fanáticos querem e permanecem cegamente fieis a suas instituições sejam elas partidos, sejam ela o próprio Estado corrupto. A velhas falácias "tem gente boa no meio". Não podemos condenar as instituições e corporações pelo que seus membros e lideranças fazem" começa finalmente a ser exposta. Esse mito de que um instituição bandida, regida por bandidos e comente crimes precisa ser preservada a todo e qualquer custo social econômico e humano, está completamente desnudado. E as pessoas começam a entender que o fato de precisarem de uma ponte para atravessar um rio, não quer dizer que precise ser apenas a ponte que esses criminosos impõe a ela como seus pedágios. Começam enfim entender se querer chegar ao outro lado, vão ter que construir suas próprias pontes suas próprias infraestruturas políticas e sociais e se quiserem se livrar e libertar destes conchavos de monopolistas.

Estamos tendo uma aula prática e intensiva de história do Brasil: uma classe bandida que toma ou já instalada no poder se apropriando do que é o bem comum e privado das pessoas que formam o restante da nação. Ampliando a a expropriação e exploração para sustentar seus domínios políticos e econômicos sobre um território e seu povo. E tudo isso claro pelas grandes metrópoles e impérios a quem servem ainda como feitoria colonial.

Mas a batalha ainda continua. Novas farsas e farsantes não param de ser fabricados. E quando não a novos farsantes para inventar, recicla-se o que há de velho. Não importa. O importante para a manutenção da democracia como farsa eleitoral é que todas as opções aparentemente mais a esquerda ou mais a direita estejam devidamente alinhadas por trás das cortinas de ferro ao centro de poder. E se para tanto precisarem de novo usar o populismo para falsificar ideologicamente qualquer aspiração popular, não exitarão de novo em flertar com o perigo, afinal na pior das hipóteses repetem a história: derrubam o antigo aliado e colocam um biônico.

Seja o velho populismo de esquerda representado por Lula, ou o novo populismo de direita representado por aquele que faz de tudo para ocupar a vaga de anti-Lula, Doria Jr. O importante é que os dois continuem a ser uma farsa tanto para seus apoiadores quanto opositores. Ademais, se considerarmos que a nova farsa em cartaz é do populismo de direita, ter um Lula como vilão, e não nenhum elemento verdadeiramente de esquerda ou novo. É o ideal para consolidar a impostura da nova direita como mero antilulismo. E ela não é só isso. Mesmo não sendo de direita sei que o conteúdo da sua critica não é meramente o fascistoide soft do higienista Dória, ou o hardcore do fascista (na definição mais clássica da palavra) de um Bolsonaro.

Entretanto é evidente que a estratégia de apropriação empregada a esquerda serve igualmente a direita. E o mesmo processo de apropriação e concessão dos bens e posições materiais, também pode ser aplicado no que concerne o monopólio de novas correntes de pensamento: tomando e atribuindo a velhos aliados travestidos como se fossem o novo, os novos ideais.

Na industria da produção de ídolos políticos ocorre a mesma "apropriação"que na industrial cultural e musical. Para cada nova estilo revolucionário inventados pelos negros do mundo, há um branco da casa com berço para assumir e ser projetado em seu lugar perante o grande público. Depois de morto as distorções são corrigidas, e a obra do morto enfim devorada até porque morto não reclama.(...)- ***Lula e o PT: "a esquerda que a direita gosta"***

Aliás para provar que o inverso também é verdadeiro, onde a industria de apropriação cultural, nada se cria tudo se copia, incluso dos branquelos vamos de Beggin (1967) dos Four Seasons que não é daquele grupo...

Trilha sonora para dizer o que eles querem. E por "eles" não estou mais falando da esquerda nem direita, nem sequer mesmo da classe politica corporativamente unida como um todo por trás das cortinas do teatro da farsa burlesca da representação dos interesses populistas. Mas quem de fato banca essa farsa tanto como encenação como sua própria administração dos seus interesses na maquina de redistribuição de títulos, subsídios e dividas e dividendos sobre o tributação (lei-se pilhagem) do patrimônio, trabalho e produção alheia, as vezes ganhando só apostando nesta nação, mas também especulando contra ela, não raro recebendo informações privilegiadas que obtêm diretamente dos seus lacaios governamentais, mas plantando mais do que só informação mas eventos. Enfim, aqueles que como disse dominam tão bem mandar para ter e poder seus desejos que não precisam nem dar a cara a bater para para fazê-lo. O que comumente chamamos da mão invisível do

mercado que longe de não chega a ser a cabala de conspiradores do protocolo dos sábios de Sião como querem fazer crer os paranoicos, e não é feita de interesses monolíticos, mas de vários interesses que se fagocitam incluso já na forma punho de ferro das disputas de guerras hibridas entre superpotências Venezuela, ou já guerras de fato ainda que não declarada e feita na terra e carne dos outros, mas guerras totais como na Síria.

Logo não estou aqui mais falando da disputa ideológica pela narrativa se foi golpe ou não. Não Estou falando portanto não só de Brasil, mas de Mundo. E embora ainda esteja falando do maior golpe ou falsificação ideológica da historia de uma forma geral, não estou falando dele mais de uma forma generalizada ao longo do tempo ou da história, mas dele exatamente agora. como agenda ou roteiro e esquema especifico para a atualidade urgente. O que eles querem da população agora que essa loucura reacionária que começa a se revelar de forma evidente até para seus adeptos em todos seus contornos fascistoides, salvo é claro para os fanáticos mais fiéis e claro seus pregadores e lideranças por motivos óbvios.

Há 3 hipóteses. Todas as 3 péssimas. Não só porque em todos os casos o que importa são os interesses de quem está prevalecendo e conseguindo ditar essa agenda, mas porque em todos os casos o resultado é e dá no mesma desgraça para a população.

Isto porque o grupo que soube ler e ouvir o descontentamento com a hipocrisia com o status quo, e soube mais uma vez se apropriar demagogicamente desse sentimento e movimento para se reinventar como nova ordem como falsificação representativa-governamental autoritárias agora populista desses anseios populares. Ou seja a mais nova velha roupagem da idiocracia: reacionária, escravagista, conservadora enfim, esse freakshow fascistoide pornográfico obscurantista surreal que vai dar merda que estamos vendo aí. Neste caso, o velho estatamento oferece resistência enquanto vai tentando se atualizar imitando a agenda dessa ordem. No outro caso, o oposto acontece, é falso discurso anti-sistema que vai entrando nos velhos esquemas e reproduzindo a velha ordem enquanto mantém a nova roupagem demagógica. E enfim o mais provável, os dois grupos que tem interesses ou denominador comum o privilégio da pilhagem legalizada, entram em acordo, de modo que o elemento principal da agenda permanece: privilégio, pilhagem e manutenção do principio fundamental a toda especie de governo onde a população não tem o direito a formar uma sociedade de fato com a primeira e ultima palavra sobre cada nova lei, regime, governo, politica enfim ou seja poder democrático de fato sobre a coisa publica, nenhum poder de decisão real sobre o que interessa os negócios do estados, ou melhor sobre o estado como sócio-proprietário do negócio: o tesouro, erário, o orçamento: tanto como custos a pagar quanto dividendo a receber- a mamata que sustenta todos os parasitas e predadores dos povo e suas riquezas enquanto nações. Minto, tem um poder escolher: escolher que vai roubá-lo e ainda mandar prendê-lo se resistir ou se rebelar contra a tirania.

Enfim, parece que enrolei para dizer o que eles querem afinal, mas não. Tudo isso é muito, muito importante, porque toda essa mentira é como aquela boneca russa, feita de varias camadas, e embora não tenha nada dentro senão vazio da própria falsificação senão desvelamos, nada faz sentido, exceto as pressuposições dessa panaceia, cujo interessa já não é só manter o gado dentro do cercado. É mais do que isso.

Em tempos de crise e agitação, portanto reclamação por liberdade não basta só trazer a repressão de volta. Não, isso não é suficiente. É preciso mais. Eles querem mais de você. Não basta apenas reprimir. A coerção, a repressão, a constrição, a mera imposição da força não é bastante, porque a violência bruta tortura, mata, quebra, mas não domestica, não amestra, não divide, não aparta, não desintegra, não extingue esperanças, nem o anseio por liberdade.

Não, é preciso que aquele que ousou falar, que ousou levantar os olhos e olhar para o futuro, ousou desobedecer, se manifestar, não só se arrependa do dia que se expressou, se afirmou, é preciso que ele se humilhe, se odeie, e seja odiado por se afirmar como livre, é preciso mais, eles querem que aquele ousou se levantar e gritar nas ruas implore; implore não só por perdão, implore por misericórdia, implore para que as ditabrandas voltem como remédio amargo e o protejam contra o mal maior do terror do caos das ditaduras que eles causaram ao pedir.

Eles não querem só seu arrependimento por querer liberdade. Eles querem mais: eles que você implore. Sonhe, fantasie, estime, idolatra, mas sobretudo e todas as coisas implore, pela volta da ditaduras e tiranos de estimação, não importa qual. Não basta apenas lulistas e bolsonaristas alucinados e fanáticos clamando abandonando toda ideia de futuro, para se refugir no seu de volta ao passado onde tudo era menos pior. Eles querem todos presso nesse alucinação amargurada e terrorista contra a liberdade, onde qualquer ditadura menor é melhor do que aquela que pode vir se alguém ousar sonhar em se reclamar sua identidade, emancipação e liberdade. Todos se culpando e amaldiçoando como pretos da casa o dia em que os negros fizeram seu levante e todos foram punidos. Cedendo a lógica de estuprador dos autoritários e reacionários que dizem que a culpa é sempre de quem não se submete calado a sua violação e tirania, provocando sua ira, quando tudo que é preciso fazer é calar e deixar-se ser currado calado.

A pedagogia do medo e terrorismo estatal. Pedra para quem pede pão. Soco na cara para quem quer beijar seu amor na rua. Fome e desemprego para quem quer escolher seu trabalho segundo sua vocação e não privações. Veneno e queimadas para quem pede rios e florestas limpas. Estupro para mulher que pede para sair liberdade do seu corpo. Morte a pessoa que pede liberdade para escolher seu sexo. Chibatada e sniper para o negro que pede igualdade. Trabalho até a velhice para a juventude que ousa se levantar contra a ditadura dos velhos malditos que vivem de sugar a vida das novas gerações. Uma lição dada pelo donos da casa grande e repetida pelos pretos da casa, para a senzala-mundi: odeie e renegue quem é, se divida, odeie e culpe quem se ama livremente; odeie e renegue quem não se curva ajoelha e implora não só pelos seus pecados mas pelos pecados que até não cometeu; cuspa e apedreje quem não se arrepende de ter se levantado, quem não pede perdão por não se ajoelhar, que implora para ser ser amado e cuidado e salvo pelos senhores todo poderosos que o violam violentam e tiranizam. Fodam com o fodido que mais fodido, coitem o coitado quem coitado, e currem o currado que não quer mais ser currado, porque é por causa da desobediência deles que hoje todos sofrem e são punidos ainda mais.

A estratégia de domesticação de lavagem cerebral norte coreana onde quem não só é proibido fugir, mas até se matar, porque quem vai é punido é a família do coitado. Um mundo da disseminação da discórdia culpa e renegação da liberdade onde quem se levanta por solidariedade irá se arrepender se culpar e ser culpado por tamanho “egoismo”, irá se odiar e odiar por ter lutado pela liberdade, se torturar e ser torturado até confessar que a

liberdade é o maior erro é a servidão ao menor dos males é o bem maior, até implorar pela volta de algum salvador, não importa qual desde que romancie, fantasia e adore o passado, presente e futuro como sua servidão “voluntária”.

Não. Não me levantei nas manifestações por 50 centavos. Já estava acordado e de pé, antes. Mas apoie. Não não pedi a cabeça da presidenta, pedi a dela, a do Temer, Cunha, e de todos, e continuo reclamando a mesma coisa antes: democracia verdadeira, direta e popular, porque o resto não é só golpe que se perpetua como farsa histórica mas a farsa que se perpetua como história não da humanidade, mas da apologia da insanidade e culto aos crimes a mesma. Crimes banalizados e legalizados contra a humanidade nessa cultura perversa propagadora do mal da supremacia da violência como monopólio preconcepcional sobre o bem.

De modo que o erro desta geração, e não me refiro a que embarcou no mitologia messiânica, mas a libertária, será justamente se arrepender e de deixar se convencer que melhor uma ditadura de merda qualquer, melhor viver sem saber dos males, acreditando que o que os olhos não vem o coração não sente, e morrer vivendo como um perfeito servo-idiota “feliz” numa matriz mentirosa, do buscar a matriz da liberdade da verdade, e a verdade da liberdade. Morrer se esquecendo que vida é liberdade. Caindo de novo na armadilha cognitiva do poder.

De tal modo que se há alguma verdade em nossa constituição é tão somente na sua premissa: todo poder emana do povo e para o povo, e logo a ele cabe dizer não só quem fica ou sai, mas como deve se governar e portanto se rebelar contra toda forma de tirania. E quando digo ele o povo, não digo os mortos, digo os vivos, cada nova geração que tem o direito de fazer e refazer seus governos e constituições de acordo com as necessidades do seu tempo e lugar e não dos desejos e vontades de quem não está nem aqui nem agora. Governar-se em tempo real, não retrogrado, ultrapassado ou num futuro imaginário programado logicamente para nunca chegar.

Se há erro portanto este é acreditar que seja melhor viver na tirania de uma senzala paternalista do que na tirania de outra mais explicita. Dizer que a liberdade matou o paciente, é a mesma coisa que dizer o tratamento do câncer e não o câncer matou o paciente. Dizer que é melhor viver numa tirania menor do que ir até o fim enfrentar a tirania sem suas mascara, é o mesmo coisa que dizer que é melhor viver sofrendo na merda até morrer com um enorme parasita na sua, do que se tratar e viver ou morrer com dignidade por todo o tempo que durar sua vida senão lutando contra essa doença pelo menos não a alimentando como se fosse seu bichinho de estimação. ou pior você o dele.

Quem caiu no conto do sebastianismo. Ok. Pode chorar que faz bem para alma. Mas quem não comprou golpe, que não entre no pior de todos. Principalmente se ainda tiver toda uma vida pela frente. Não, em hipótese alguma jamais deixem que te vendam a ideia que se deve ter vergonha de manifestar, expressar exigir a liberdade que sempre pertencem a sua geração. Não deixem que os erros, fracassos, frustrações e sobretudo as taras e perversões de uma velha, matem o que é de uma nova geração: o direito de pedir passagem. Pedir não. exigir. Porque não é futuro que pertence ao novo é a todos que estão aqui agora presentes

como iguais. A voz, a decisão, o direito de decidir emancipadamente no seu tempo e lugar sem tutores. Tem é que botar o bloco na rua mesmo...

Nunca se arrependam nem jamais implore por que é seu por direito: Liberdade. Porque quem pede libertação para quem vive e ganha das suas privações vai ganhar só uma coisa: só mais privações até voltar a implorar por tiranias. Liberdades não são benesses são conquistas, e mesmo quando dadas de solidariamente são sempre responsabilidades sociais que se assumem e nunca obrigações que se impõe ao custo da contrapartida de nada, sobretudo da obediência de quem recebe. Por isso que das tiranias a mais perigosa não é nem aquela que aponta a arma para sua cara e diz abertamente que de despreza e vai te matar. Essa você ao menos sabe quem enfrenta. A mais perigosa nunca é a que atira no peito e na cara, mas a traíra que atira na nuca ou nas costas não raro no campo de batalha. Especialidade dos alpinistas de hierarquia que sempre eliminam os outros para se perpetuar no poder, mas pode chamar pelo nome clássico: lideranças que nunca estão na linha frente. Mas sempre na velhaguarda montados na nova.

Porque nesta vida só uma coisa é motivo de arrependimento as liberdades que não manifestam para concretizar as relações consensuais e comunhões de paz que ficam morrem em sonho. Já perdão quem deve pedir são aqueles que se vitimizam, os tiranos que sentem de fato lesados como se seus privilégios fossem mesmo direitos.

Fodam-se. eles e seus adoradores e advogados do diabo. Tem é mais é que botar o bloco na rua mesmo...

Não, jamais se deixe constranger por afirmar liberdade, mas esteja preparado por os idolatras do poder total fazem sempre o oposto do que pregam: dão pedras a quem pede pão, ódio a quem pede amor, discórdia.E a quem pede concórdia, muros para quem pede abrigo. Guerras a quem pede paz. Segregação e discriminação a quem pede igualdade. Mais ignorância e marginalização a quem pede um minimo de consideração e respeito. Mais obrigações a quem pede mais direitos. Mais escravidão assalariada e desemprego a quem pede renda básica. E mais ditadura, a quem pede mais democracia. Mas sobretudo mais mitos, mentira e autoritarismo e quem pede a verdade da liberdade real. Ou como diria mais pátria acima de tudo (incluso a liberdade) e deus acima de todos (incluso a vida de todos).

Basta olhar para história tanto das farsa ideológicas estatistas em reação aos movimentos de matiz libertária, social e popular. A relação nítida entre esses movimentos, as crises econômicos, ditaduras totalitárias e guerras para entender como a demanda por liberdade não é um reclamação mas um batalha e conquista. Onde o patrio-poder nem o institucionalizado nem o culturalmente difuso fica assistindo de braços cruzados só assistindo.

Patriarcado: O que o movimento feminista tem a ensinar a toda a sociedade

A sociedade patriarcal não está mudando. Ela está caindo. Ela não quer mudar. Ela está sendo obrigada a mudar. E esse...

medium.com

De modo que se erra ou induz a um erro fatal quando se diz que a tradução dos anseios populares em discurso anti-sistêmico que resultou no autoritarismo. É pelo contrário a reação do pátrio-poder como apropriação a esse anseio popular legitimo contra o estatamento e sua perversão mais uma vez como falsificação populista destinada como projeto de não só de tomada mas de rearranjamento do poder para frustar e reprimir levantes libertários e solidários que produz os autoproclamados chamados falsos remédios ou mal(ditos) necessários. E que se impõe até as ultimas consequências por todos os meios que julga autoritariamente necessários para preservar as suas instituições, posições e relações de poder, incluso a perversa e insana discórdia das guerras genocidas e fraticidas- porque toda guerra é sempre mal insano fraticida e genocidade e tão mais cumpridora da sua função de domesticadora dos que se restam amputados e empobrecidos quanto mais estatopática o for seus perpetuadores que sempre se salvam ilesos e mais ricos em relativamente aos miserabilizados é claro. A diferença entre a produção de poder econômico via desigualdade social e humanitárias que sempre antes de tudo políticas, e a produção de fato de riquezas tanto as mais particulares quanto as difusas inclusive até como bem comum.

O problema da leitura das demandas anti-sistema como uma solução que possa ser resolvida por solução dentro do sistema, isto é da transferência de responsabilidades sociais mais básicas pela delegação da soberania a representantes, é um só: não é só impossível, mas uma falácia. Delega-se funções não poderes como posse controle e poder de decisão sobre a preservação do patrimônio, incluso o ambiental, seja sobre seu usufruto como como dividendos serviços sociais. A transferência de responsabilidade ou delegação de poderes é o equivalente a renuncia a liberdades fundamentais tanto como a participação na propriedades sobre o bem comum como coisa publica, a republica, quanto a participação no regime de tomada de decisões coletivas por igualdade de autoridade sobre a da republica: a democracia. A renuncia da soberania de um povo em favor não só da kracia que vai governa-la.

E nisto esta o maior erro das esquerdas em especial as burguesias de viés senão autoritário sempre tutelador e capacitador, até porque esse é o ganha pão da maioria: desqualificar ou continuar a se fazer de cegas e surdas ao grito de inclusão excluído quando empurra um mito populista qualquer. Porque acha que qualquer tirania mesmo a populista é melhor que a democracia popular.

E aqui talvez nisto venha a se consumar o maior erro da história do Brasil. porque a classe política e a degenerescência desse estado falido é incorrigível e vai prosseguir sem senso nem noção. De modo que vai causar a ruptura do tecido social, e se não matar o burro de tanto fustigá-lo, vai matá-lo na hora que ele empacar ou resolver desembestar contra essa canalhada em ordem unida no poder, salvo é claro a remota possibilidade que ela enfim sobre ela. Solução, que não é solução já que o vai emergir seja via governo ou da força popular será mai autoritarismo e violência da nova do grupo que irá tomar o poder. De um minimo de tomada de consciência da população para finalmente sair desse estado embabado de idolatria dependerá a formação ainda que tardia de uma sociedade minimamente independente e solidária que portanto mereça ser chamada por tal sociedade civil, a base de qualquer coisa parecida com uma nação livre. Um processo que portanto longe de ser passar pela arrependimento negação e renegação da liberdade para se converter no conformismo

hipócrita, servil, idolatria do salvacionismo e patrimonialista autoritário e truculento que caracteriza paradigmaticamente nosso sistema governamental, é, e precisa ser, nada mais nada que a adesão a mentalidade, cultura oposta, o paradigma libertário e revolucionário e pacifico e praticante da solidariedade que não só passa longe desse velho sistema, mas é antes manifestamente a sua recusa e negação.

Em outras palavras ou a própria sociedade entente que não é coadjuvante, nem serva, mas é a protagonista daquilo que a população mais vulnerável clama e tem se chamado por anti sistema ou anti estatamento, ou vai amargar mais governos populistas e autoritários, até porque faz por merecer já que mais surdo que esses oportunistas ao grito dos excluídos que caso não tenham percebido num pais de desigualdades monstruosas são a maioria, que na dúvida entre o desgraça e qualquer esperança apostam como todo ser humano que ainda tem vive e quer sobreviver: na liberdade ainda que seja mais a história ou sina da sua vida, mais uma farsa.

Esperança? Podem ser ilusões ou de fato liberdades que se constroem pela força gregária da liberdade quando essa se torna o própria cola e catalizador da realidade e realização do espirito libertário: a solidariedade.

Arrependimento? Claro. Muitos e gigantes. Mas só de tudo aquilo que não consegui fazer por não poder fazer mais.

E para não dizer que a critica é de última hora...

Prisão do Lula Parte II
Retas e Diretas
medium.com

Ou pior que a proposição ainda que tardia seja póstuma:

Bem sabe quem vive fora da bolha: o Brasil não é caso de reforma, é caso de revolução. Não quero dizer violenta, nem jamais autoritária, mas necessariamente revolução.

Não prego nenhum levante armado, mas não há lei ou moral que possa demandar com justiça a renúncia a legítima defesa. Ninguém pode exigir que o violentado evite o confronto se não pode fugir da sua própria vida como sina, nem deixar de viver senão lutando pela subsistência. Ninguém consegue escapar do enfrentamento se sua vida foi reduzida a mera luta pela sobrevivência e a sua terra foi pervertida em campo de violação dos seus direitos fundamentais.

Não. Não se pode exigir que o violentado peça "por favor" para que seus violentadores parem de currá-lo, ou que o faminto espere o dia do julgamento para que se ponha um fim as suas privações. Com ou sem vereditos, simplesmente é nula qualquer proibição ou

sentença contra a vida e liberdade; é simplesmente nulo todo juízo contra a autopreservação alheia.

Não há justiça sem proteção igual dos direitos naturais, e a estatização e privatização da natureza contra a pessoa natural, o estado de privação dos meios vitais e segregação dos direitos fundamentais não é apenas ilegítimo, é criminoso. Não há lei ou tribunal capaz de legitimar nenhum monopólio, quanto mais o da violência sobre o bem comum. Nada é capaz de legitimar a obediência e trabalho forçado pela ameaça de privação da liberdade e necessidades básicas.

Nenhum poder supremo pode legitimar o roubo das propriedades naturais, particulares e comuns, nem descriminalizar a servidão dos expropriados pela grilagem legal e ilegal. Simplesmente, não há lei capaz de legalizar os crimes contra humanidade do Estado e suas corporações privadas, ou criminalizar a legítima defesa das pessoas e sociedades contra violação da sua vida, natureza e liberdade, seus direitos fundamentais.

As leis e decretos, títulos e concessões, contra o direito natural não tem outra validade senão de prova dos crimes cometidos por quem se esconde atrás destas personas jurídicas, estatais e privadas, e suas hierarquias. As constituições dos estados de supremacia da violência para monopólio dos meios vitais; o sistema de segregação dos bens comuns para a submissão dos expropriados; todo absurdo imposto como legal e real contra o direito natural e humano, é em verdade apenas a prova por escrito dos crimes de estado contra o povo e a humanidade; a prova do atentado contra a vida e liberdade de cada pessoa natural. É a prova do estado criminoso instaurado contra os habitantes dos territórios estatizados, forçados ao trabalho alienado pela privação dos meios vitais e expropriação sistemática das suas propriedades naturais particulares comuns por tributação.

Não se deixe enganar: se as pessoas não se levantam ou manifestam contra seus usurpadores não é por respeito ou consideração, mas por temor e até esperança. Ou como diz a sabedoria popular: não se deve contrariar maníacos e fanáticos, principalmente se armados- não sem uma boa chance de rendê-los. Eu que nunca fui muito esperto, nem paciente, mesmo indefeso, prefiro me arriscar, e viver e falar o quê penso; até porque se for para ter minha vida e liberdade negadas, que este crime seja descarado e se acobertada que não com meu silêncio.

Não, não será com meu silêncio que os supremacistas fabricarão nenhum falso consentimento tácito para violentar a mim ou aos outros. Não tenho como impedi-los, mas terão que cometer seus crimes na qualidade do que são de fato: criminosos e não autoridades. Não, eu não dou nenhum consentimento a nenhuma forma de violência, quanto mais ao monopólio dela. Não há conspirações. Os hipócritas arrogantes, senhores da violência e da terra, governam o mundo a luz do dia, da lei e da ordem, posando de benfeitores e protetores dos outros contra a vontade alheia. E não mandam e desmandam porque os violentados não reagem e protestam, mas sim e simplesmente porque os violentados estão imobilizados e silenciados. Não, não é porque ninguém levanta armas contra os armados, nem se diz nada contra a violência que se pode supor que se concorde com o domínio das armas e da violência.

Estadistas e revolucionários autoritários estão ambos errados, quem não faz ou diz nada contra algo ou alguém não pode ser tomado nem julgado como omisso nem muito menos apoiador. Muito faz quem age e fala de acordo com seu livre pensamento, mas também quem vive em paz fazendo o que pode, e quando pode, pela liberdade. Até porque para que todos vivam em paz não é necessário que sejamos revolucionários ou libertários, só é preciso que as pessoas façam e não imponham, façam ao invés de impor suas ideologias.

A consciência é algo tão natural quanto crescer e se tornar adulto, e nunca se sabe quando o emancipado demandará por sua independência. Mesmo a pessoa presa e acorrentada numa caverna com medo da luz pode a qualquer momento querer sair da bolha e experimentar o mundo lá fora. A verdadeira revolução não ignora o espaço-tempo para emancipação de cada pessoa, não passa por cima das consciências, a revolução é o movimento de libertação dos lugares e tempos para que as pessoas possam conceber a si mesmas e seu mundo em paz.

A legitimidade não é coercitiva porque o direito a liberdade não é constrição. E é tanto prepotência alheia supor que as pessoas não farão nada, quanto o oposto: que elas são obrigadas a fazer algo, seja resistir, seja revolucionar. Nada, nem ninguém pode negar o direito natural e legítimo de cada pessoa de se levantar e se defender contra seus violentadores ou contra seu estado de privação, nem jamais absurdamente condicionar este direito a obediência e este estado ou destituí-lo pela falta de desobediência civil. E isto quer dizer que, não só nenhuma pessoa pode ser forçada a fazer nada ou obrigada a deixar que façam algo contra sua vontade (seja em nome disto ou daquilo); mas quer dizer, que aquele que decide não reagir, jamais perde o direito de a qualquer momento se levantar e livrar da violência e privação, e se defender legitimamente contra seus protetores ou libertadores- chamem-se eles autoridades ou revolucionários.

A violência não é apenas agressão, é sobretudo a privação alienadora. E se impõe não apenas por ameaça, mas pela inversão de valores e imposição de preconceitos e predeterminações. Violenta é toda força que toma os meios vitais e a liberdade para fazer deles a propriedade alheia, dos seres como coisas. Violenta é a força que impõe como realidade e legalidade a farsa da propriedade estatal e privada contra a natureza e as pessoas naturais. Violenta é a perversão realista e legalista dos direitos naturais em favor dos estados de segregação dos povos; e criminosa é esta impostura da liberdade tanto como a obrigação de impô-la contra os outros, quanto à pressuposição de renúncia em favor do poder.

Qualquer liberdade imposta é palavra vazia, é o discurso contra a prática e em verdade não é liberdade, mas de fato poder. Qualquer pressuposição de consentimento por falta de manifestação contrária a um domínio violento não é apenas absurda, é forçada e criminosa. As vítimas jamais poderiam ser julgadas pela sua falta de reação, nem os crimes legalizados pela intimidação das testemunhas e silenciamento dos inocentes. Não, a falta das condições mais básicas para resistir, levantar, ou até mesmo protestar, não pode ser tomada como consentimento tácito. Pelo contrário, é perverso e hediondo atribuir ao violentado consentimento sob ameaça de violência e privação dos seus direitos mais básicos.

Não. No poder ou no estupro, quem cala NÃO consente. Supor que o silêncio do povo é seu consentimento tácito ao Estado é o mesmo que afirmar que o estupro de quem não reage não é crime porque "quem não grita e não reage… consente". Não, é pior. O poder é ainda pior, porque nem todo estuprador detém a força legal para criminalizar a própria reação da vítima e fazer dos seus crimes lei e justiça. Não é por acaso que de todos os crimes de Estado contra povos, classes, gêneros e gerações, é contra os direitos naturais da mulher que o caráter violentador e perverso do pátrio-poder fica mais explícito. E se você está ofendido com a comparação ou acha ela indevida, é talvez porque ela seja mesmo indevida: nem todos violentadores somados ao longo da história violaram e estupraram e mataram tanto quanto os homens a serviço dos Estados e seus deuses.

É absurdo, mas o poder supremacista não apenas exige obediência incondicional dos submetidos ao seu estado de violência, como intimida e imobiliza legalmente vítimas e testemunhas, criminalizando toda tentativa de denúncia ou defesa contra seus crimes! E o mais revoltante de tudo isto, é que como todo violentador convicto, a autoridade, não apenas viola descaradamente, mas alega que o quê faz não só é absolutamente necessário como é o melhor para todos, inclusive para a vítima! A essa perversidade de dizer que ela merecia ou mesmo "estava pedindo" calada por tudo o que se faz contra a vontade da pessoa humana dá-se o nome de "consentimento tácito".

No sistema de legalização da violência pela supremacia da violência, o culto ao poder se racionaliza pela lógica do absurdo: o violentado não tem direito de resistir contra uma autoridade entitulada porque deu calado seu consentimento para que ela agisse não só em seu nome, mas contra ele e sua vontade. E não adianta dizer nada, porque nenhum outro entendimento conta; o único entendimento que vale é da autoridade. Simplesmente, não adianta se manifestar contra a autoridade; ela não é apenas ignorante, ou se faz de; ela faz da ignorância o seu dogma tanto no agir sem pensar quanto no pressupor sem ouvir. Não adianta gritar nem com eles, nem muito menos para eles: Toda autoridade ouve e pode ouvir muito bem, até o que não deveria, mas só escuta e responde quando quer.

O consentimento tácito é uma farsa. Uma falsa pressuposição. E não é feito só do silêncio de todas as vítimas inocentes ou das testemunhas caladas pelo estado de violência, mas antes da pressuposição de que a voz dos violentados não tem valor perante a dos violentadores devidamente legitimados pelos títulos de posse, autoridade e poder. O poder é a prepotência da preconceituação, e se institucionaliza como segregação pela discriminação imposto pelos próprios supremacistas, se arrogando donos do mundo não apenas como ele é dado naturalmente, mas como eles o querem que seja — artificial e distopicamente.

Em outras palavras, para eles, somos todos iguais… menos eles; ou mais precisamente, somos todos a mesma coisa… exceto eles. De fato, somos todos iguais, mas não em autoridade sobre o bem comum, não em liberdades fundamentais, mas sim em submissão a estes supremacistas, que se arrogam a autoridade para predeterminar quem não são os sujeitos e quem são seus meros objetos. Contudo, será justamente pela solidariedade entre os discriminados em liberdade e segregados em autoridade; pela solidariedade entre os iguais em privações que virá a revolução restauradora da dignidade dos direitos naturais; restauração não só da liberdade fundamental como usufruto dos meios vitais, mas como igualdade de autoridade sobre o bem comum.

A origem do poder é a discriminação dos seres humanos e a segregação dos direitos naturais. Os estados são apartheid de povos, classes, gêneros e gerações. É a segregação dos bens comuns e usufruto dos meios vitais. É a subtração das liberdades fundamentais para institucionalização da desigualdade de poderes e autoridades. É a privação dos meios de vida para imposição de obrigações sobre os destituídos de direitos naturais. O poder não é só a violência da repressão, mas antes e depois a prepotência que se impõe pela privação, geração após geração, predestinando quem serão os sujeitos que controlarão o mundo natural e quem serão as pessoas reduzidas a coisas e engrenagens deste mundo-máquina desnaturado como corpo artificial, privado e estatal.

O consentimento tácito não é, portanto, a ditadura da opinião da maioria (ou minoria) a revelia da vontade manifesta de cada indivíduo; não é apenas a pressuposição de validade da imposição de uma opinião amalgamada contra o livre entendimento entre todos; é rigorosamente a imposição de uma vontade coletiva fictícia pela negação das condições fundamentais a liberdade de manifestação de cada um. É a ditadura da preconcepção absoluta como vontade única do todo contra a vontade e o consenso de cada pessoa em particular. A imposição a força de uma falsa vontade coletiva pela negação da plena liberdade de expressão e livre associação das pessoas naturais. A intimidação da livre comunhão de paz, consciente e solidária, pela imposição violenta da preconcepção ignorante de um estado totalitário de inconsciência coletiva.

O consentimento tácito é assim, tanto o produto do silenciamento dos povos e pessoas através da violação da liberdade por censura e imobilização, quanto da falsificação da legitimidade pelo mito totalitário da vontade coletiva- imposta não por acaso por ídolos e signos autoritários de poder. O mito da vontade coletiva, do todo contra a vontade de cada um. Este delírio cultural de idolatria ao poder e culto ao absoluto constituinte dos leviatãs é mais do que uma mera condição mental de conformação, é uma condição ambiental e psicológica de alienação arquitetada e engendrada antes de tudo pelo trauma violento da privação dos meios naturais e necessidades vitais.

Não existe servidão voluntária,nem como fenômeno nem como condição. A vontade da pessoa contra sua pessoa natural não é senão, a perversão da institucionalização do comportamento condicionado não apenas contra a manifestação da sua própria livre vontade e vocação, mas contra as condições materiais e emocionais para o desenvolvimento humano e natural. Mais do que alienação, a "servidão voluntária" é possessão; rigorosamente o comportamento condicionado imposto contra a vida e a natureza do próprio possuído, do condicionado a servir.

Entretanto há que se admitir: quando o violentado passa a crer neste tipo de mito de dominação de que "quem curra ou deixa ser currado, o faz para seu próprio bem e o dos outros", quando passa histericamente a renegar a paz e a vocação dos outros para satisfazer os desejos de posse e poder alheios; ele deixa de ser apenas um fanático alienado para se tornar idólatra possesso. Ao dar corpo ao mito, o idólatra não gera nenhuma "vontade coletiva", mas definitivamente alimenta com sua própria anima o mais demente e perverso de todos fenômenos geradores de guerras e discórdias entre os povos e pessoas: alimenta a egrégora dos violentadores e violentados, não só mais submissos e conformados, mas absolutamente obedientes e crentes de que todo o mal é "necessário"

para seu "bem maior"- e não importa contra a vida de quem esse mal se volte, mesmo que seja a sua.

Não, mas nem matando. A desinteligência que subtrai a livre consciência e constitui o comportamento condicionado de manada dos coletivos alienados não justifica nenhum estado de poder ou movimento para sua tomada. Nenhuma cultura, culto idólatra ou ideologia pode se impor como ordem ou estado contra a livre vontade de ninguém, quanto mais arrogar para si como se fosse a própria realidade ou legalidade prepotente e absoluta a ordem livre e natural dos fenômenos. Essa simples ameaça totalitária inerente a toda cultura supremacista e monopólio do poder, esse simples movimento para deflagrar tal violência contra o direito natural de qualquer ser humano não apenas permite a legítima defesa, gera a demanda pela proteção e defesa mútua.

Se esses movimentos de defesa ou libertação serão chamados de golpes ou revoluções, não é o discurso dos seus teóricos ou a desinformação e contrainformação da propaganda alheia que irão qualificá-los ou desqualificá-los, mas sim a congruência do seu discurso com sua prática. Princípios, objetivos, boas intenções e promessas não legitimam nada; são os atos que determinam na prática a legitimidade dos meios, não só verificando quais são os verdadeiros princípios e objetivos, mas se os discursos são de fato legítimos enquanto práxis. Fora do arcabouço das racionalizações do poder, os fins jamais justificam os meios; fora da caverna, são sim os meios que sempre determinam a coerência dos fins com os princípios.

A liberdade não precisa da imposição nem pressuposição de nada, nem mesmo da suposição de verdade ou aceitação do seu discurso. Pelo contrário, a liberdade é, por definição, discurso que não só compreende a contraposição alheia ou sua futura contradição, é por coerência o discurso que deve defender tal compreensão, deve defender a coexistência dos divergentes e opostos; a validade de todo contraditório e contradição enquanto discurso- inclusive do próprio discurso de poder contra a liberdade. O que determina a legitimidade não são seus princípios ou finalidades, mas os meios postos como prática. De modo que a paz e a liberdade não se legitimam com discurso, mas somente em ato. Princípios, finalidades, discursos não justificam estados ou revoluções, apenas a liberdade como meio posto em prática. Somente os atos de legítima defesa da paz e liberdade justificam estados ou revoluções.

A liberdade é o discurso que só se pratica enquanto legítima defesa da paz contra os estados de violência, e nunca a prática de imposições de discursos, como moral, legalidade ou pior como monopólio da violência contra própria paz e liberdade de fato. Não é, portanto a revolução libertária, mas os golpes e estados reacionários que carecem da arrogância e prepotência das verdades absolutas, tão fracas e antinaturais que para ter "validade" precisam ser impostas a força. Não são os estados e revoluções pela liberdade mas os golpes e crimes contra ela que carecem de mitos de poder supremo e vontade coletiva para impor a hipocrisia da sua lógica arbitrária e absurda da pax *pela supremacia da violência e dos violentos. É o estado de poder e seus projetos de violência que precisam de "mal necessários", "bem superiores", desigualdade de forças e autoridades para justificar o injustificável, para racionalizar a expropriação de propriedades e liberdades fundamentais e impor seus ídolos todo poderosos e culturas supremacistas.*

(...)

Justo e legítimo, portanto não é o suposto consentimento tácito, sádico e masoquista dos violentadores e violentados, mas a suposição que sem consentimento explícito, toda hierarquia ou relação de poder é criminosa. Legítima, portanto, não é a suposição de consentimento ao monopólio da violência, mas a suposição de esperança de liberdade de todos que mesmo sem poder se manifestar contra, por óbvio não consentem com sua violação, mas esperam sim por justiça e pelo dia da libertação.

(...)

Legítimo, portanto não é pressupor que quem é violentado, encarcerado, torturado e escravizado, quem está passando por privações ou sofrimentos esteja concordando ou esteja conformado com sua condição, mas justamente o contrário. Legítima é a suposição que os povos submetidos aos monopólios dos meios vitais dos supremacistas da violência estão sim à espera de liberdade; a espera de uma oportunidade pra se livrar dos seus violentadores e privações. Legítima é a suposição de esperança por independência deste estado de pobreza, ignorância e servidão. A espera do momento para se livrar do estado mais pervertido da historia: o do mal necessário como bem estar social, a ditadura dos valores absolutos que predeterminam o bem para o impor como mal.

Legítimo é, portanto as pessoas em sociedades livres do mundo demandarem que os representantes dos seus cultos nacionais, religiosos e científicos celebrem e renovem periodicamente contratos sociais como cada um dos seus crentes, contratos que manifestem explicitamente o consentimento de cada um deles, não apenas sobre suas autoridades e governantes eleitos, mas a concordância com o sistema que o governa. Quem precisa justificar que as pessoas querer viver em seus estados distópicos, que elas aceitam seus dogmas, são aqueles que se arrogam representantes dos povos confinados nas fronteiras imaginárias do seu geopoder e saber. São eles, prepotentes e prepotências, que precisam apresentar o consentimento explícito de cada membro da população que ele rege que há concordância explícita não apenas com sua representação, mas com o regime de alienação dos seus bens naturais e meios vitais. Para poder viver novamente em sociedades livres, as pessoas não precisam provar como viveriam sem os monopólios da violência, mas para (pelo menos tentar) descriminalizar seus domínios, são os violentadores que devem provar que não exploram dementes ignorantes ou simplesmente pessoas pobres demais para ir contra eles.

O mais absurdo e perverso da cultura de dominação é a inversão de todos os valores. A estratégia de dominação do poder não é só a da lógica da ditadura realista, mas a do realismo absurdo: a inversão do ônus da prova contra as vítimas. Os supremacistas não só justificam descaradamente a violência dizendo que os violentados concordam com sua violação porque, não protestam e não reagem, mas são ainda mais canalhas: se contestados não só exigem que se demonstre alternativas viáveis ao seu poder da violência, como se arrogam o autoridade para julgar se estas alternativas são "razoáveis" ou não! O cúmulo do absurdo da violência supremacista é que ela se impõe como única realidade possível pelo próprio monopólio da violência. Não só desqualificando automaticamente

qualquer proposta que não contemple a submissão ao seu monopólio como ilegal e irreal, como criminalizando e perseguindo toda proposta concorrente e divergente.

*Mesmo que outras formas de vida e relação não existissem, mesmo que outros mundos possíveis além do monopólio da violência não fossem uma mentira; e mesmo que as pessoas não conseguissem mais viver fora dos cativeiros institucionais, ninguém jamais pode dizer: "quando você me apresentar outra forma de nos relacionar eu paro de te violentar". O fim da violência como prerrogativa de estado não exige a apresentação de outro mundo possível, ela **é** o mundo não apenas possível, **é** o mundo necessário. É a demanda que se auto justifica e, uma vez manifesta, não admite protelação ou condicionamento. O fim do monopólio da violência é justamente a demanda que não atendida, ou seja, mais uma vez reprimida legítima a defesa da manifestação de paz com toda a força e meios necessários. Legítima a mais justa de todas as revoluções a defesa da liberdade e da paz.*

Na verdade a palavra crime não é suficiente para classificar a perversidade deste sistema de autolegitimação da violência pela violência, nem a palavra conformismo é suficiente para qualificar quem aceita conscientemente a desqualificação da liberdade como irreal ou o monopólio de qualquer coisa como legal. Nada é mais insano do que legalizar a violência como estado afirmando que a realidade é violenta pela confirmação desta realidade com a prática da violência como estado. Isto não é apenas loucura, é perversidade. E é findando com qualquer pressuposição de legitimidade da violência, qualquer tolerância com os violentos ou validade da sua imposição ou racionalização ideológica que podemos dar o primeiro passo para sair do estado dela!

Não, a revolução não apenas é uma necessidade legítima, mas crescente. Porque em sua forma final, a lógica perversa do poder não é só supremacista, é totalitária; e não se contenta apenas em criminalizar a legítima defesa, precisa criminalizar a própria paz. Não pague para ver; no fim de toda crise sistêmica, há o massacre de pessoas de paz para salvar os domínios, dos monopólios da violência; Há o extermínio dos povos pacíficos e pela mais absurda, teratológica e nazistas das racionalizações criminosas: quem não se defende contra seus agressores, quem que não luta pela sua autopreservação, não é gente, não merece viver, merece o holocausto. Deixe a cultura do poder pela violência prevalecer e eles não irão apenas desqualificá-lo como gente ou subtrair seus meios de defesa e resistência, vão executá-lo por não ter resistir e reagir contra seu monopólio violento. Vão sentencia-lo a morte porque você não se levantou contra eles.

O poder não é só perverso e psicopático é um culto demoníaco. Ele não se contenta em fuzilar bombardear, queimar em fornos, envenenar e ainda dizer que a culpa é das vítimas. Ele é declara guerra contra a paz e humanidade e diz que quem não está disposto a matar e violentar em nome do poder e dos todos poderosos não merece viver. Diz que quem morre sem erguer a mão contra seu inimigo, não é mártir, mas um covarde. Como se as pessoas fossem obrigadas a viver dentro da ditadura das guerras, confrontos e disputas e poder, como se todos que tivessem que estar presos na mesma egregora da discórdia. Não a paz não é a passividade diante da violência, nem o levante contra os inimigos é renegação dos estados de violência e suas disputas de poder. É a revolução contra a toda prerrogativa de violência e poder. A deposição da ordem perversa da discórdia suas corporações e fanáticos.

O problema da paz na terra não é de falta de alternativas pacíficas, mas a submissão do bem comum ao monopólio da violência, impedindo a emergência de qualquer alternativa concorrente de paz pela absurda inversão da exigência de renuncia a legítima defesa por parte dos violentados ao invés do fim imediato e incondicional da violência por parte dos violentadores! Não é preciso tomar nem redistribuir nada a força ou contra a vontade de ninguém, basta que o equilíbrio das forças seja retomado, pela distribuição simétrica de forças entre todos. E isto não é feito com armas ou sem, mas sim pela legítima defesa contra a violência da desigualdade de autoridades impostas como estado de segregação sobre o bem comum. Se negue a servir a qualquer comando de violência; proteja o que não deve ser objeto de posse de ninguém e você já está renegando a violenta centralização do poder.

O estado de paz não é apenas uma trégua entre os conflitos, mas a neutralização tanto das causas geradoras dos conflitos, quanto da centralização de poderes que permitem as agressões sem causa, com motivações falsificadas. Ou absurdamente racionalizadas pela impostura de realidades alienantes. A resistência contra a violência do poder e privação das vocações e liberdades será dada pela legítima defesa da igualdade de autoridades para a garantia de liberdade fundamental pela provisão mútua de liberdades fundamentais como meios vitais. Porque se as forças estão distribuídas entre todas as pessoas, os poderes centrais perdem sua força de constrição pela privação, e as pessoas recobram os meios para sustentar a resistência e manter um equilíbrio de forças de paz através da garantia de liberdades fundamentais para todos.

Sistema retroalimentado e autossustentado de liberdade e igualdade pode tanto se iniciar pela garantia voluntária de liberdades fundamentais como meios vitais, quanto pela distribuição de forças pelo reconhecimento espontâneo da igualdade de autoridades sobre os bens comuns. A desobediência civil a não-violência, a legítima defesa e até mesmo o boicote podem ser atos legítimas necessários e uteis contra os crimes estatais e privados, mas nenhuma estratégia é o fator determinantes a libertação, porque a liberdade não é uma questão estratégica mas de consciência. Não é preciso rasgar dinheiro nem confrontar forças armadas, basta única e exclusivamente não idolatrá-los; não servi-los sem ser forçado: não reconhecer sua legitimidade se não for coagido, e jamais usar deles para obter vantagem contra os outros. Tudo o mais que se faz, além disso, implica em risco, e é mérito de quem assume voluntariamente essa responsabilidade de paz e liberdade.

A revolução é a quebra da absoluta certeza de inercia e inconsciência dada como estado pelo movimento de profissão da fé na liberdade como razão de ser. É a ruptura dos estados de dominação da ignorância como Estado. A revolução é antes de tudo revelação porque o movimento em direção a luz da liberdade é voluntário, espontâneo e natural. Deixe as pessoas viverem em paz e usufruírem livremente dos seus direitos naturais necessários a vida, que a violência e culturas primitivas de supremacia e idolatria como condição e prática desumana decairão por falta de territórios para cultivarem seus estados de pobreza e ignorância fabricada. Sem o subsídio da segregação dos direitos naturais, a centralização do poder decairá por obsolência e de fato pela mais natural de todas as seleções: a da harmonia solidária tanto para cooperar no necessário quanto para competir pelo demais.

A escravidão jamais será abolida meramente pela proibição da posse de um ser humano pelo outro, mas pelas garantias de que todos os seres humanos tenham o mesmo direito natural a liberdade- e não no papel, mas de fato. Da mesma forma a privação não será abolida por nenhuma proibição a posse exclusiva dos meios vitais, mas pela garantia de acesso a todos sem nenhum tipo de segregação aos meios vitais. A natureza não se protege proibindo sua posse exclusiva por alguém, a natureza não é propriedade de todos, mas de ninguém. A natureza não é propriedade para ser tomada ou consumida, seja para ter um meio ambiente seja para ter sua parte nos rendimentos básicos necessários, toda a pessoa tem direito de proteger a natureza com a mesma força necessária e proporcional com que defende sua autopreservação.

O poder só é monopólio, só é "mal necessário" e o "único provedor do bem" porque persegue e elimina toda a livre concorrência para a produção do bem comum e serviços sociais. O Estado é o cafetão que obriga a pessoa a se prostituir, e que quando ela diz que quer ir embora ele pergunta: mas como ela vai se proteger sem ele? O estado de poder é a justificação da violência pela própria privação dos meios necessários para se escapar dela, a desqualificação da liberdade como uma possibilidade real pela legalização da violência como meio de ameaça velada (e se necessário explícita) para impedir a independência das pessoas e dos povos.

Claro que jogar luz sobre a estratégia perversa e a lógica absurda do poder só libertará a consciência de quem quer se livrar da sua ignorância e perversidade. Os megalomaníacos possessivos-compulsivos, os tarados por ter poder, os supremacistas preconceituosos e hipócritas não vão se converter em pessoas menos falsas e violentadoras apenas porque a sua farsa está nua. Contudo, sem suas máscaras politicamente corretas, os moralistas tem que ir para as ruas como são: se quiserem continuar a exercer a sua autoridade desigual contra a vontade de quem não consente, tem que largar seus disfarce de benfeitor e justo e assumir o que são: violentadores.

A manifestação da contrariedade obviamente não abole instantaneamente o estado de violência, mas ao expor os criminosos pervertidos que carecem do silêncio das vítimas e testemunhas, põe fim ao próprio estado de cegueira, de violência velada que alimenta o vácuo social necessário ao conformismo e alienação. Parece pouco, mas quando já não são mais os violentados que precisaram explicar porque estão fugindo, mas sim os supremacistas porque discriminam e perseguem os expropriados; quando não for mais preciso coragem não para ser livre, mas para ser um fascista e se impor violentamente contra a vontade de qualquer um, a egrégora do poder pode não estar deposta como organização criminosa, mas estará deposta como Estado. Quando o culto ao absoluto morre como cultura, a idolatria supremacista, o mito do estado de poder total se reduz ao que naturalmente é de fato: alucinação histérica.(...)- ***REVOLUÇÃO ECOLIBERTÁRIA UM***

Já sei onde isso vai dar, isso depende justamente se vamos abandonar nossas responsabilidades soberanas de viver com um mínimo de dignidade para matar no berço o direito de mais uma nova geração e poder viver em paz com liberdade:

As verdadeiras revoluções não foram feitas por tecnologias nem lutas de classes, mas pela superação da ditadura das realidades, a transgressão de preconceitos de classes, gênero e etnia e sobretudo gerações. E as revoluções legítimas não são as que deflagraram os conflitos entre as realidades possíveis, mas as que romperam as causas e consequências predeterminadoras dos confrontos, transcendendo a ditadura das sempre ultrapassadas realidades distopias pela concepção de utopias não para o futuro, mas como a nova atualidade para algum lugar ainda que só por algum tempo.

As revoluções libertárias não são materialista ou idealista, é transcendental e jusnaturalista. Não é o movimento restrito ao espaço-tempo materialista e predeterminista, mas o espaço-tempo constituído pelo movimento das forças libertárias como nova materialidade auto-organizada e autodeterminada não por conjuntos fechados e seus elementos, mas por redes abertas e suas conexões não restritas aos espaços virtuais das telecomunicações e internet, mas restituída nos territórios e calendários naturais.

A mera tecnologia da informação não fará o século XXI um século revolucionário, porque a tekne *não é* metis *e a tecnologia da informação não redunda necessariamente em sociedades abertas de informação, mas tanto na sua possibilidade quanto no estado de vigilância total. A libertação de* Metis *desta síndrome de* Cronos *se dará pela recobrar da consciência, a simples retomada da próprio-concepção dos seres pensantes como seres pensantes. A cura da normose pela negação dos lugares comuns, questionamento de tudo está fora de questão e consequente co-significação de uma nova forma de vida.*

Não é a tecnologia que cria as invenções, mas os novos paradigmas, as novas visões de mundo que fazem o homem ver aquilo que para ele sempre foi plano como redondo. Sistemas não são feitos de engrenagens, nem elétrons, nem de luz, mas de padrões auto-organizados: são feitos de códigos que constituem seres, ou o que é a mesma coisa, seres constituídos por códigos. A existência é o produto das forças que ordenam os padrões, que em sua forma mais fundamental é incerta, livre e espontânea ou simplesmente criativa. O intelecto criativo que concebe sua auto-organização, se constitui e governa. O corpo que reproduz padrões predetermina a ordem preconcebida, delimitando os limites da percepção não só dos seus dominados, mas da sua própria cognição.

A revolução do século não será de classes, mas da desalienação das gerações. A revolução do século será milenar, será feita da morte de mitos e bestas, a libertação das egrégoras. A revolução do século XXI não será uma revolução da informação, será a revolução do novo contra o velho, será a revolução da restituição da ordem livre e natural da vida. Será a revolução das gerações que tiveram sua vida negada pelos seus próprios genitores que, não apenas consumiram todos os seus meios comuns e vitais, insistem em usar de todos os meios para permanecer no controle privando as novas gerações não apenas do que eles extinguiram, mas dos que eles fazem questão de enterrar com eles, para que ninguém senão eles, possa um dia ter usufruído delas. Será a restituição do direito natural da próprio-concepção, autodeterminação pelo usufruto do bem comum de toda geração presente e futura.

A revolução é anti-patriarcal e feminista, ela se levanta contra essa forma de pátrio-poder que se julga proprietária não apenas dos corpos, tempos e espaços, mas do poder

conceptivo e geracional. Os patriarcas e patrimonialistas não se consideram apenas donos do mundo eles se consideram donos das pessoas e seus destinos, acreditam que tem a prerrogativa de pré-conceituar todo sentido da vida alheia, ou até mesmo delimitar as próprias possibilidades de significação da existência e coexiste. É o levante contra esta ditadura da ilusão que aquilo que aconteceu hoje deverá acontecer amanhã, que tudo que está deve continuar sendo ad eternum *contra tudo e todos até o juízo final. O levanta contra o estado perpetuador da desilusão de o velho é e deve ser eterno, e cabe ao novo apenas envelhecer e morrer a serviço do mesmo.*

O poder é antes de tudo uma doença, uma praga que faz da humanidade um inconsciente coletivo predador. Uma nuvem de gafanhotos carnívoros, devorando uns aos outros e todo planeta. E se os estados de poder não extinguir a vida ou a humanidade antes, certamente promoverá a maior eugenia positiva e negativa da historia, não apenas sobre as outras classes, povos ou etnias, mas sobre suas próprias descendências privadas de um lugar natural num mundo sem espaços naturais nem tempo livre.

Se esse homem alienado atingisse agora sem revolução ou evolução a capacidade de não morrer de causas naturais, não é a morte que teria um fim, mas as novas vidas. As guerras, roubos e assassinatos continuariam havendo para ter tamanho privilégio, o que desapareceria do mundo seriam as crianças. Quanto maior a fantasia de ter e poder, menor a vontade de conceber e criar em todos os sentidos. O homem com fantasia de juventude eterna e poder total tem ojeriza ao envelhecimento e a morte como parte natural da vida, sua ojeriza quase que monárquica a ceder seu lugar na terra, irá simplesmente matar o filho antes que ele nasça nos seus campos de concentração do trabalho alienados precarizados.

Sem uma revolução, teremos o ápice da sociedade ocidental não só como velhos infantilizados e plastificados, mas como um mundo infanticida, sem sexo, nem crianças. Um mundo de velhos decrépitos e caquéticos, a imagem e semelhanças de seus deuses e estados. A velhice de quem decidiu apodrecer em cima da terra, ao invés de baixo dela. Espíritos possessores definitivamente encarnados.

O velho é sábio não quando envelhece, mas quando descobre que a sabedoria vem sempre do novo. Porque se a verdade não está no que se fala, mas naquele que ouve e pratica. E cada nova geração precisa não apenas do seu tempo livre, mas do espaço natural para compor seus entendimentos próprios e comuns da verdade, mas seus discursos para as próximas gerações.

A revolução é a libertação da natureza contra esse patriarcalismo que tenta destruir tudo que é geracional. Tudo que é conceptivo, tudo que é vida. A revolução é o ato de destituição daqueles que insistem em perverter a ordem natural da vida e não dar lugar aos seus filhos. Não dar lugar ao novo. Infantilizando eternamente as novas gerações umas após as outras, fazendo de um jovem cheio de potencial para se governar num velho servil cheio de tiques e frustrações, cheios de taras de mando e desmando sobre a vida dos outros.

É óbvio que a revolução não é violência nem a perseguição dos velhos ou suas propriedades, pelo contrário é a defesa do direito de todo ser humano contra o crime de monopólio de quem, jovem ou velho, se julga dono ou herdeiro do mundo só porque chegou primeiro na terra, ou pior porque seus crimes são antigos e fazem parte da história. Crimes contra a humanidade não expiram, ainda mais quando continuam como crimes contra a liberdade de quem nasceu e por estar vivo tem direito natural não apenas a vida e aos meios vitais, mas de usar de toda a força necessária para defender a preservação da sua vida em paz.

O legado da miséria não se perpetua com o nascimento de outro ser humano, mas com o prolongamento artificial do poder da egrégora dos possessores das pessoas naturais e da natureza; se mantém com a perpetuação da desnaturação da vida. A miséria nunca esteve no ser que nasce nem no que morre, mas do que não vive e não deixa viver, e mata tudo que nasce para não deixar crescer.

Não, a revolução não será feita pela mera apropriação das tecnologias, informação ou saber, mas pela reconexão a fonte natural e criativa de todo conhecimento: a liberdade, tanto como meios vitais quanto direito sagrado e inalienável de autodeterminação dos povos e pessoas com soberania igual compartilhada sobre a natureza como bem comum e direito natural de cada pessoa e todas as gerações.

(...)

A revolução não é discurso é prática, não é o fim é meio, não é status é movimento. Não pertence a nenhum século nem a nenhuma geração, ela é do novo atemporal que se levanta por sua liberdade e criatividade contra tudo que já deveria estar ultrapassado. E que o novo venha e supere todo velho poder monopolista e violento que tente se colocar contra ele. Porque o velho não precisa ser sábio para não ser um canalha que se posta contra o novo, basta ele não encercar mais os seus caminhos.

Velhos corados e entronados do mundo saiam do caminho e das costas dos seus filhos! Filhos do mundo tomem o trono e as coroas dos seus pais, e deixem um legado para seus filhos, um mundo sem tronos e coroas. Sem velhos maníacos por ter e poder.

*E Quem quiser entender que entenda o natural, o livre e o novo, são princípios criativos que se encontram eternamente no ponto futuro não meramente da possibilidade, mas da atualidade. E ainda que jamais tenhamos olhos para ver esse tempo ou esse lugar, este novo mundo que criamos virá. Porque o futuro é o fruto de quem gera o novo. Assim como a criação é o fruto da Liberdade. -**REVOLUÇÃO Final***

REVOLUÇÃO Final

DAS REFORMAS POLÍTICAS E REVOLUÇÕES ECOLIBERTÁRIAS

medium.com

Epilogo

Mas e a tal da elegia a Giordano Bruno?

Não a fiz?

Sem problema, tem uma aqui muito boa, Evanildo da Silveira, de São Paulo para a BBC Brasil:

Quem foi Giordano Bruno, o místico 'visionário' queimado na fogueira há 418 anos

Há 418 anos, em 17 de fevereiro de 1600, uma quinta-feira ensolarada, Roma presenciou um espetáculo dantesco. Centenas de pessoas lotaram o Campo dei Fiori (Campo das Flores), uma praça no centro da cidade, para assistir à morte na fogueira de Giordano Bruno, por ordem da Santa Inquisição.

(...)Segundo o professor Rodolfo Langhi, do Departamento de Física do campus de Bauru da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Bruno conhecia e apoiava a teoria de Copérnico, o heliocentrismo, que dizia ser o Sol o centro do universo. Mas foi além.

"Ele pregava que o Universo era infinito, sem centro, e repleto de mundos habitados, como o nosso", explica Langhi, que desenvolve pesquisas, projetos e publicações na área de Educação em Astronomia.

"Ele disse o seguinte na obra Acerca do Infinito, do Universo e dos Mundos*: 'que haja nesse espaço inúmeros corpos como nossa Terra e outras terras, nosso Sol e outros sóis, todos os quais executam revoluções nesse espaço infinito'."*

Além disso, ele também afirmava, por exemplo, que, além de Saturno (o planeta mais distante do Sol conhecido até então), havia outros planetas que giravam ao redor da estrela. Isso foi confirmado com a descobertas dos planetas Urano, em 1781, por William Herschel, Netuno, em 1846, por Johann Galle, e Plutão, em 1930, por Percival Lowell.

Apesar de ter acertado nessas previsões, o modelo cosmológico de Giordano Bruno não estava embalado em dados científicos, mas em crenças religiosas.

Por causa disso e outras "heresias", a partir de 1585, novamente o vento abrasador da intolerância começou a soprar em sua direção. Com as achas da incompreensão e da ignorância, seu inimigos começaram a acender e a alimentar a fogueira que iria devorá-lo.

Com uma coragem beirando a arrogância, entretanto, Bruno manteve sua postura provocativa.

Em 1586, escreveu uma série de artigos insultando altos funcionários do governo e reiterando suas ideias a respeito do Universo. O resultado foi o previsto: teve de fugir de Paris. E de lá para a Alemanha, onde se converteu ao luteranismo. Mas de novo, por pouco tempo. Foi de novo expulso, desta vez pela Igreja Luterana de Helmstedt.

Traição

Em 1591, cometeu aquele que seria, certamente, seu maior erro. Quinze anos depois de deixar sua terra natal, resolveu retornar à Itália a convite de um nobre veneziano, Giovanni Mocenigo, que o alojou em sua casa em troca de aulas de memorização, outra especialidade dele.

No entanto, Mocenigo traiu Bruno, entregando-o à Inquisição veneziana.

Dessa vez, Bruno resolveu se retratar e argumentou que suas ideias eram filosofia e não teologia — portanto, não questionavam o poder da Igreja. Ele deveria ser solto, mas a Inquisição romana exigiu sua extradição. Assim, em 27 de janeiro de 1593, ele tornou-se prisioneiro do Santo Ofício, de onde só saiu para a fogueira.

Até hoje a figura de Bruno e o que ele representa são objetos de discussão. Apesar de suas ideias avançadas para a época, muitos pesquisadores modernos afirmam que ele não era um cientista na acepção que a palavra tem hoje.

"Ele era um pregador", resume o astrônomo Augusto Damineli, professor titular do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo (USP).

O físico e astrônomo Othon Cabo Winter, do Departamento de Matemática da Faculdade de Engenharia (FEG), do campus de Guaratinguetá da Unesp, pensa de maneira semelhante.

"Ele era muito bem informado, tinha conhecimento dos avanços astronômicos mais atuais da época, mas não fazia ciência", diz. "Bruno juntava os conhecimentos com suas crenças e fazia especulações e afirmações sem um embasamento científico de fato."

Cientista ou místico?

Há, no entanto, quem pense diferente. É o caso do antropólogo e medievalista português naturalizado brasileiro, João Eduardo Pinto Basto Lupi, pesquisador do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

"Hoje achamos que cientista é alguém agarrado a instrumentos de observação e análise, com tabelas de matemática do lado", diz. "Mas no tempo de Bruno não era assim. Muitos inclusive, como Newton, por exemplo, não deixavam de ser astrólogos, nem de considerar ideias de ciências ocultas."

De acordo com Lupi, o que importava era ter ideias capazes de dirigir o conhecimento sobre o universo, e isso Bruno tinha demais.

"É o que os americanos hoje em dia chamam de ideias seminais, capazes de fertilizar a inteligência", explica. "Mas muitas pessoas continuam agarradas a concepções científicas demasiado racionalistas e positivistas, que não têm mais futuro. E nisso o Giordano Bruno foi um grande orientador da ciência, um cientista visionário. Parecia medieval mas era mais contemporâneo do que muitos hoje em dia."

Mas por que Giordano Bruno incomodava tanto a Igreja?

"Suas ideias tiveram importância política, pois na luta entre a Igreja conservadora (dona do poder) e a burguesia revolucionária (classe em ascensão) ele optou pela revolução", responde Damineli. "Essa foi a principal motivação para a Igreja assassiná-lo. Note que ela reabilitou Galileu, mas nunca cogitou de fazer o mesmo com Giordano Bruno, pois a luta dele era eminentemente política, no sentido de visão do mundo."

Segundo o astrofísico Daniel Brito de Freitas, da Universidade Federal do Ceará (UFC), o principal motivo do incômodo que Bruno causava à Igreja é que ele defendia que o Deus definido pelo Cristianismo era limitado e, acima de tudo, não incorporava a ideia da infinitude dos mundos.

"Ele sugeriu abandonar as Sagradas Escrituras e reescrever Deus levando em conta a existência de outros mundos e outras formas de vida pensante", explica. "Para a Igreja, esse era um ato de blasfêmia do mais alto grau na escala de heresia. Esse foi o motivo pelo qual a Igreja Católica perseguiu e condenou Giordano Bruno à fogueira da Santa Inquisição."

A revolução de Giordano Bruno

Ao receber a sentença, Bruno deu uma prova, se não dessa arrogância que lhe atribuem, pelo menos de desassombro e autoconfiança.

“Talvez vocês, meus juízes, pronunciem essa sentença contra mim com maior temor do que eu a recebo”, declarou a seus algozes.

Apesar disso, ainda lhe foram dados oito dias para ver se se arrependia. E embora suas ideias científicas desafiassem os preceitos de então, a Igreja não admite que ele tenha sido condenado por esse motivo, mas sim por questões teológicas.

Mesmo com as controvérsias, a maiorias dos cientistas de hoje concorda que Bruno foi um visionário que anteviu e levantou questões que vieram a ser comprovadas ou ainda intrigam séculos mais tarde.

“São ideias e questões bem atuais”, diz Winter. “Milhares de planetas ao redor de outras estrelas já foram descobertos. A questão da existência de vida fora da Terra é um dos temas mais relevantes para a ciência na atualidade e acredita-se que será verificada ainda neste século.”

Damineli lembra que Bruno se entusiasmou com as grandes navegações da época dos descobrimentos, que estavam ultrapassando os limites imaginários dos oceanos e colonizando novos mundos. A partir disso, ele imaginou naves movidas a vento solar, que só entraram no campo científico cerca quatro séculos mais tarde, e que atravessariam o “oceano escuro de vácuo” para aportar em outros planetas”, diz.

Segundo Damineli, essas novas “grandes navegações no espaço” são análogas às anos 1500–1600 e têm um potencial de revolução industrial ainda maior que as da caravelas.

“Desta forma, a visão de Giordano Bruno vai muito além de sua época, para tempos em que ainda não entramos, mas estamos no limiar.”

Quem foi Giordano Bruno, o místico ‘visionário’ queimado na fogueira há 418 anos

Há 418 anos, em 17 de fevereiro de 1600, uma quinta-feira ensolarada, Roma presenciou um espetáculo dantesco. Centenas…

www.bbc.com

O universo é infinito?

“Dizei: qual foi o meu crime? Nem ao menos suspeitais?

E me acusais, sabendo que nunca agi fora da lei!

Queimai-me, que amanhã onde acendeis a fogueira

A história erguerá uma estátua para mim.

(...)

Mas sois sempre os mesmos, os velhos fariseus,

Os que rezam e prostam onde podem ser vistos,

Fingindo fé, sois falsos, invocando a Deus, ateus;

(...)

Prefiro mil vezes minha sorte à vossa;

Morrer como eu morro não é morte;

Morrer assim é a vida: vosso viver, sim, é a morte,

(...)

Covardes! O que vos detém? Temeis o futuro?

Ah! Tremeis. É porque vos falta o que sobra em mim.

Olhais, eu não tremo. E sou eu quem vai morrer!"- Giordano Bruno

Andreu Navarra: “Ciberproletariado: “uma geração sem dados, sem conhecimento e sem léxico”

O ethos da prática apontando novos paradigmas de ensino e educação para a(s) (cons)ciência(s)

"Estamos criando o ciberproletariado, uma geração sem dados, sem conhecimento e sem léxico"

O mundo da educação debate as horas de aulas, a avaliação dos professores e os maus resultados da Espanha nos testes do…

brasil.elpais.com

O mundo da educação debate as horas de aulas, a avaliação dos professores e os maus resultados da Espanha nos testes do PISA, mas tudo isso é bastante secundário no universo de Andreu Navarra, um professor de língua e literatura no ensino médio que retrata desde as vísceras do ensino, da própria sala de aula, uma realidade de emergências mais prementes: da desnutrição de uma boa parte dos estudantes à incapacidade de se concentrar da nova geração do “ciberproletariado” ou a ausência de debate sobre o futuro a que esta sociedade quer conduzir seus jovens. Navarra não é um teórico, mas uma torrente de verdades que acaba de publicar Devaluación Continua*(desvalorização contínua) pela editora Tusquets, uma chicotada contra a cegueira, um chamado emergencial diante da degradação do modelo educacional.*

“Nós, professores, queremos criar cidadãos autônomos e críticos, mas, em vez disso, estamos criando o ciberproletariado, uma geração sem dados, sem conhecimento, sem léxico. Estamos vendo o triunfo de uma religião tecnocrática que evolui para menos conteúdo e alunos mais idiotas. Estamos servindo a tecnologia e não a tecnologia a nós”, diz Navarra. “O professor está exausto, devorado por uma burocracia para gerar estatísticas que lhe tiram a energia mental para dar aulas.”

O testemunho de Andreu Navarra (Barcelona, 1981), historiador, tem o valor de quem leciona há seis anos em escolas públicas e em subvencionadas, em áreas ricas e em degradadas, onde encontra por igual “professores heroicos” em um sistema educacional

estressado pela própria sociedade da qual é espelho: há pais ausentes porque trabalham demais; há violência; há crianças sem comer ou tomar café da manhã; há muitos problemas mentais; e há uma geração ausente por causa de sua concentração nas redes sociais e sua identidade virtual.

"O audiovisual está criando uma nova Idade Média de pessoas dependentes de satisfazer o prazer aqui e agora, quando a vida é muito diferente. Na vida você precisa saber ler contratos, alugar apartamentos, cuidar dos idosos, criar filhos. Mas o ciberproletariado desmorona por qualquer problema. São pessoas que não serão capazes de trabalhar porque têm a concentração sequestrada pelas redes", diz ele. Não que todos os jovens se encaixem em seu olhar crítico, mas ele vê o risco de exclusão de um quarto dos alunos em uma tempestade perfeita de precariedade e vida virtual.

Navarra descreve, por exemplo, uma turma de 20 alunos com dificuldades de aprendizado em que, depois de lhes perguntar, descobriu que nenhum havia tomado o café da manhã. "Estão pálidos e ficam inquietos. Há estudantes que não comem por causa de distúrbios alimentares, outros por negligência da família, outros por pura miséria." No entanto, na ausência de professores de apoio e de especialistas, as patologias (teve classes em que 30% tinham algum diagnóstico) concentram a atenção dos professores nas reuniões de avaliação e os impedem de pensar nos conteúdos. O pedagogo se confunde com o terapeuta, diz ele. E no debate da inclusão se esquece, diz ele, que "o que realmente falta incluir é a instituição". Navarra conta como ele e seus colegas se alegram quando encontram um livro didático de segunda mão dos anos 90 e o compram "como se fosse ouro".(...)

O livro de Navarra recorre a Ortega y Gasset para apelar a um debate necessário antes de tudo o mais: para onde estamos indo. "Se você sabe para onde está indo, se abrirmos um debate sobre o modelo de futuro para o qual queremos avançar, você depois regulará a tecnologia, os horários ou o que for, mas antes de aumentar ou diminuir as horas é preciso pensar no que se quer fazer com elas", argumenta. E o modelo de sociedade que transforma Pablo Escobar ou Jesús Gil em heróis carismáticos nas séries; o mau exemplo de alguns políticos malandros; a mentalidade Fraga do "turismo e populismo que continua em Salou, em Magaluf, em destroçar Barcelona" não ajuda. "Falta reflexão sobre a sociedade que queremos porque não apostamos em um MIT espanhol, em exportar literatura, engenharia patenteada aqui em vez de exportar engenheiros".

Mas "o papel da educação de promover a ascensão social está fracassando e estamos criando bolsões de guetos, de pessoas sem futuro". Menciona também a ação de "maquiar" a ignorância que as escolas praticam para melhorar as estatísticas. E insiste repetidamente na incapacidade de fixar a atenção, grande carência de uma nova geração com fotos nas redes, mas sem memória. "Conhecemos vários capitalismos e agora estamos no capitalismo da atenção, em uma economia de plataformas que mercantilizam a atenção. Se você estiver vendo algumas mensagens, alguém ganha dinheiro e, se vê outras, outro alguém ganha. Não podemos repensar a educação se não pensarmos em como devolver a atenção às salas de aula, o regresso do mundo virtual. Agora não podemos nos ensimesmar, como Ortega defendia, porque tudo é ruído, política é gritaria e slogans, ninguém pensa, ninguém escreve, tudo é bobagem e slogan e isso chegou às salas de aula: o simplista, o binário, o bem e o mal. Os Steve Jobs e Zuckerberg, lembre-se, receberam

educação analógica. E os gurus da tecnologia mandam seus filhos para escolas analógicas. É por isso que, ele conclui, "enquanto não consertarmos a sociedade, não podemos consertar o sistema educacional". — ***"Estamos criando o ciberproletariado, uma geração sem dados, sem conhecimento e sem léxico"***

Seres humanos para seu conforto psicológico, seja na condição de gado humano, seja na condição de fazendeiro gostam de contar historinhas para si mesmos e uns para os outros para se reconfortarem mutuamente, ou conseguirem encararem uns aos outros, ou até mesmo a si mesmo diante de um espelho sem verem o que realmente são, ou o que em breve se tornarão. E mesmo nos lugares onde a mão-de-obra é a mais barata de todas, isto é, onde a vida humana não vale nada, e que tanto faz quanto tanto fez o método ou maquinário pelo qual se efetuará esse processo lento de holocausto esse processo de negação da realidade permanece como uma espécie de entorpecente onde a perspectiva de futuro e esperança se confundem com essa forma de viver em perpétua ilusão ainda que no fundo sabendo-se completamente desenganado. Mesmo nos estados-nações totalitários que não passam de feitorias das administrações internacionais para extração de matérias primas e trabalhos forçados onde as classes sociais desempenham funções análogas a de um campo de concentração, desde os prisioneiros passando pela burocracia até o alto escalão, corruptos e mercenários a serviço dos estados e corporações encasteladas em seus burgos que paguem mais ao estado de negação da realidade dos prisioneiros desse jogo cognitivo permanece enquanto interpretam seus papéis nesse panóptico manicomial.

E viver conscientemente dentro do arcabouço deles é como levantar-se e preparar seu café da manhã, beijar seus filhos ensina-los a ler e escrever e vê-los sonhar em ser astronauta, médico ou professor mesmo sabendo que eles tem um câncer terminal que, salvo o desvio padrão, já definiu seu parcos futuros possíveis. Mas o fato é que no jogo reiterado da vida, onde os prêmios são mais ou menos chances de vida, os com menos chances podem ganhar algumas, mas seu destino está sempre selado, pode demorar um pouco mais ou pouco, menos, sua gene vai desaparecer. O resto como disse é canção de ninar para crianças que vão morrer de fome, uma canção de ninar embalada na matemática das loterias e cassinos, onde se vende ganancia como se fosse esperança. O segredo do abate lento e velado: esperança; nunca abater todos de uma só vez. Alimentar a esperança, até porque ela é a base do trabalho alienado. A ilusão do copo meio cheio e meio vazio. Numa população matematicamente analfabeta e materialmente desesperada, pouco importa quantos morreram e vão novamente morrer sem ter a menor chance, basta o recorte da amostragem daquele que conseguiu para alimentar a ilusão de esperança e que afinal de contas existe a chance de sucesso também para eles finalmente nessa geração.

Isto é o microtrabalho, mais uma canção de ninar. Enquanto quem embala e é embalado não tem coragem de olhar para o inevitável fim, ou se levatnar contra a culto milenar de morte que entoa esses cânticos de canibalização do homem pelo homem como se a ovelha estivesse ganhando sua vida quando entrega como pernil ao lobo. Cumprindo seu papel na natureza e sociedade. Isto é o microtrabalho. Outra canção de ninar para a prole do proletariado que não estará entre nós exetos em traços do código genético ou cultural daqui alguns séculos, ou talvez nem isso, dependendo do tamanho da repulsa daqueles que prevalecerão e ocuparão as mesmas terras de outrora por esses traços tão fenótipos,

*quanto fenótipos. Talvez, sobre um cabelo crespo, uma comida, uma palavra, uma roupa, uma memória, um rito familiar ou religioso esquecido ou apagado, conforme os interesses dos escribas e arquivistas e quem sabe, quem quer saber eventualmente resgatado em seus restos conforme as disputas dos novos interesses em disputas que evidente não interessam mais a vida desses que foram exterminados fagocitados em seus restos por seus supostos "herdeiros".-**Microtrabalho, o Turco Mecânico ".com" e a Torre de Babel***

Microtrabalho, o Turco Mecânico ".com" e a Torre de Babel

medium.com

Mas já chega. É hora de entrar de cabeça nessa bendita pulsão de morte, ou melhor da vida, porque de uma forma ou de outra a vida sempre vence e o novo sempre vem. Porém nem sempre da forma que gostaríamos, isto é com a gente, incluso. E se queremos fazer ainda parte da construção desse futuro, se achamos que ainda temos ainda alguma coisa para dar, e não só levar, está na hora de começarmos a considerar e trabalhar essa pulsão tanto em seus aspectos são e gregários quanto insanos e desagregadores bem mais a sério, tão a sério nos nossos modelos teóricos, políticos, econômicos e sobretudo sociais, no mínimo tão a sério quanto o próprio instinto de sobrevivência em particular, porque não raro o sobrepuja, e não raro é sobre ele ser herege não só estados, nações, e civilizações, mas as grandes ideologias do mundo, inclusos as religiões. E infelizmente não raro como cultura de necrofilia, antropofagia e martirização massiva do alheio, muitas vezes dentro da própria estrutura do culto do martirizado depois de alienado e pervertido. E enfim eternizado, num presente eterno, onde esse passado de morte governa pela completa anulação não só pelo medo e esperança, mas pela nulificação da visão e do tempo necessário para vislumbrar os futuros, no imediatismo de uma vida cotidiana que é o principal capital da vida, o seu tempo existencial, e seu sentido, foram não só pervertidos para a seita do passado, mas consumido pelo espetáculo do imediatismo, onde você até gostaria de ser uma pessoa mais presente, e preocupado com futuro, mas já não tem tempo...

O futuro sempre esteve em pauta. Mas não com o devido respeito que ele merece. Quando falamos de futuro, embora sejamos os sujeito da (pré)visão, ele em si não nos pertence. E trabalhar para ele pertença a quem de fato o viverá é o papel, de quem não quer ser um legado maldito ou uma assombração para quem viver a sua vida e não morrer pela dos seus antepassados. Nisto que a humanidade ainda não compreendeu o que significa a noção de herança. Herança não é aquilo que predetermina a gene cultural ou biologica das formas de vida que virão, herança é aquilo que dispõe a novas formas de vida para que ela seja capaz não só de autodeterminar sua forma de vida, adaptando as suas vontades as necessidades ou vice-versa conforme sua capacidade, mas sobretudo, continuar preservando esse padrão de autodeterminação, porque é dessa potência versus as possibilidades de fato concretizá-la que se determina até onde e quando uma forma de vida irá existir ou enfim dar lugar a outras, menos vulneráveis ao destino, o mundo, mas principalmente e antes de tudo a si a sua gene, não só geração após geração, mas no agora, por simples consciencia do futuro e amor incondicional à vida que por definição jamais será sua. Simplesmente a vida que segue a sua revelia, o único lugar onde a palavra amor faz inclusive algum sentido, o amor da criação a sua liberdade,ou da liberdade a sua

*criação. E neste caso a ordem dos fatores não altera o produto, que continua o mesmo, vida.-**A navalha de Ockham, a Espada de Alexandre e a Pulsão de Morte***

A navalha de Ockham, a Espada de Alexandre e a Pulsão de Morte

Ou dos Contratos Sociais e Estados de Paz Pós-Trabalhistas

medium.com

*Daí, a importância é que sejam as hipóteses não só como mera projeções, mas projetos para o mundo sensível, sejam mesmo não só concepções próprias, mas que sejam capazes de seguir seu caminho sozinhas para o mundo da consciência que não é outro senão o aquele dos entes e fenômenos, o mundo que antes de ser o das inteligências, é o mundo dos seres sencientes. Dos seres que existem não porque pensam, mas que pensam porque **sentem**. (...)*

Até porque não importa se a inspiração ou referência é histórica, literária meramente produto de uma imaginação criativa, se a tese ou hipótese não tem a observação e experiência do mundo como pedra fundamental da sua origem quanto da sua originalidade, se não retorna ao senso comum de onde partiu e volta para não só comunicar-se com o mundo sensível mas com a realidade para concretizar-se não como mera repetição de lugares comuns, mas como inovação e transformação, não é nada senão mais do mesmo, ou mais precisamente, a defesa do mesmo como mera distração ainda que disfarçada de toda seriedade ou demanda de reverência.(...)

É portanto enquanto processo criativo não só de quebra de paradigmas, mas criação de novos não só como ciência mas consciência da sua realidade sensível, um processo criativo que não é aleatório, nem produto do mero acaso, mas de vontades que mesmo quando não são o produto de nenhum método libertário racional que tem por princípio e finalidade a própria livre concepção e produção consciente (incluso da consciência), não se engane, tem a vontade alienada e inconsciente tanto como preconcepção quanto finalidade do alheio, ainda que o alienado jamais tome (cons)ciência disto.

Consciência que sua força criativa e imagética como vontade é manipulada seja pela projeção de estímulos seja introjeção de desejos a sua sensibilidade, ou tanto pior pela própria perda ou amputação da capacidade sensível que não só compõe sua solidariedade e consciência do outro, mas sua própria inteligência e percepção do mundo concreto e sensível, não como uma alucinação, mera projeção de ideias, mas como um universo de fato com nexo e conexão dotado de ligações sensíveis, repleto de entes e fenômenos que sofrem e sentem e ao qual ele próprio é naturalmente ligado e sente. O mundo real, ou simplesmente sensível que a amputação e perda da empatia vai transformando numa mera projeção de sonhos e matrizes.

Sonhos e realidades onde o sensível vai se reduzindo a mera ilusão e esperança até morrer conformado em desesperança e desilusão; em normose apática, neurótica e a matriz insensível da imagem e semelhança, e o phatos se faz e impõe de fato e pelas vias de fato como concretude e distopia. Mas pode chamar de ditadura dos psicopatas e psicóticos que

*quanto mais ensandecidos e poderosos mais perigosos(...)-**Autosabotagem e autodestruição: Até Quando e porque estamos condenados a repetir os mesmos erros***

Autosabotagem e autodestruição: Até Quando e porque estamos condenados a repetir os mesmos erros...
Redbone: Da metis de um ativismo humanitário ao ethos das consciências ecolibertárias

medium.com

Enquanto isso na facistolândia tropical...

O projeto que reduz em 40% o tempo que escolas ficam fechadas por causa de tiroteios
No começo de julho deste ano, uma escola no bairro de Manguinhos, na zona norte do Rio, teve de interromper as aulas...

g1.globo.com

mas importante é fechar os olhos...

...e "seguir o chefe":

"Vocês têm que apoiar o chefe" - O Antagonista
Olavo de Carvalho orientou o bolsonarismo a rejeitar a CPI da Lava Toga: Ele disse: "O problema do Brasil não é a...

www.oantagonista.com

Será? Não, será que eles são mesmo? Não, não pode ser...

É. E não é de ontem...

Reacionários: A jirad dos nazi-cristãos da extrema-direita medieval brasileira
Fundamentalismo evangélico, conservadorismo escravagista, fanatismo politico-ideológico, patriotismo militarista...

medium.com

Declaração de Jena: Um manifesto pela abolição do racismo disfarçado de biologia

Ou quando a ciência toma consciência contra as discriminações que constituem os (pre)conceitos para nunca mais ser reduzida a pseudo-ciência e máquina genocida a serviço de estatopatas

"Cientistas da Universidade de Jena, localizada no leste da Alemanha, afirmaram que não há base biológica para a classificação da humanidade em raças e lançaram um manifesto pedindo que o termo deixe de ser usado na descrição humana.

"A justificativa primariamente biológica para definir grupos humanos em raças, por exemplo, com base na cor de pele ou de seus olhos ou no formato de seus crânios, levou à perseguição, escravização e matança de milhões de pessoas", diz um trecho do manifesto intitulado Declaração de Jena.

"Não há base biológica para raças, e nunca houve uma. O conceito de raça é resultado do racismo, não seu pré-requisito", acrescenta o texto. Segundo os pesquisadores signatários do manifesto, a categorização hierárquica de grupos de pessoas com base em seus traços biológicos supõe relações evolutivas entre as espécies, sendo assim uma forma de racismo.

A Declaração de Jena foi elaborada pelos biólogos, especializados em evolucionismo, Martin Fischer, Uwe Hossfeld e Johannes Krause, da Universidade Friedrich Schiller de Jena, e Stefan Richter, da Universidade de Rostock. O manifesto foi apresentado no âmbito do 100º aniversário da morte de Ernst Haeckel, que foi considerado por muitos a versão alemã de Charles Darwin.

Haeckel foi um notório zoólogo e biólogo que teria contribuído para a biologia nazista. O cientista categorizou os humanos em 12 "espécies" e 36 "raças", afirmando inclusive que grupos indígenas e negros seriam menos civilizados que europeus. Por meio de uma suposta classificação científica de "raças humanas" em "árvores genealógicas", Haeckel contribuiu para "uma forma de racismo aparentemente baseada na ciência", ressalta o manifesto.

O biólogo Uwe Hossfeld afirmou que Haeckel era um "racista naturalista", pregando ideias do seu tempo, e que o atual manifesto é uma revisão crítica da tradição da disciplina.

Pesquisas científicas sobre variações genéticas de seres humanos apontaram que "em vez de limites definidos, os gradientes genéticos ocorrem entre grupos humanos", segundos os pesquisadores. "Para ser explícito, não apenas não há um único gene que sustente as diferenças 'raciais', como não existe nem mesmo um único par de bases", explicaram.

O manifesto carrega um peso adicional na Alemanha, onde, durante o regime nazista, a eugenia, um conjunto de crenças e práticas que visava melhorar a qualidade genética de uma população humana, e a higiene racial foram amplamente aplicadas para promover o dogma ideológico nazista de manter uma raça matriz pura e biologicamente superior a outras.

O presidente da Universidade de Jena, Walter Rosenthal, admitiu que a simples remoção da palavra "raça" do vocabulário acadêmico não evitará o racismo, mas pode contribuir para garantir que esse preconceito "não possa mais ser invocado por nós como uma justificativa".

Na Declaração de Jena, o grupo de cientistas estabeleceu uma ligação entre as formas atuais de racismo e "disciplinas aparentemente científicas", como higiene racial e eugenia. "Designar 'os africanos' como uma suposta ameaça à Europa e atribuir certas características biológicas a eles está na tradição direta do pior racismo do nosso passado. Portanto, vamos garantir que as pessoas nunca mais sejam discriminadas com base em especificações biológicas", concluíram os cientistas. (...)- ***Biólogos alemães defendem fim do termo 'raça' para humanos | DW | 15.09.2019***

Muito embora os genocidios não precisem da produção de ciência fajuta, vendida ou racista para se efetuar. Mas tão somente da inconsciencia que geram os preconceitos, juizos e julgamento de verdades sem nenhum senso, noção, observancia ou respeito a vida e tudo que lhe é essencial como a liberdade e busca da verdade. A matéria-proma dos que semeiam mentiras e mitos para colher fieis cegos e fanáticos. Procedimento fundamental à manutenção das narrativas alucinadas, e claro acobertamento da verdade dos fatos das mostruosidades práticas em nome das seus credos ou pesdo-ciências a serviços de taras materialistas mundanos ou já de deváneios pervertidos ainda mais mistico-transcendentais.

O homem que escapou da vala comum onde sua família inteira foi morta

"Eu me senti horrível. Mataram minha mãe diante dos meus olhos. Não tive nenhum poder de reação. Não pude protegê-la...

www.bbc.com

Pois é. Os conceitos que formam as ideias das coisas e verdades e suas verdades, não nascem do mero acaso, nem são produto do próprio metódo cientifíco, se fossem a ciência não precisaria de manifestos de consciência da sua episteme, nem ciência da episteme, nem a metodologia da produção cmo ética.

Em outras palavras os conceitos podem assim ser tanto resultado de credos autoritários, insanos e alienados: ideológias e suas falsificações. Ou por outro lado, o produto da liberdade pensamento e consciência e da busca e descoberta de uma verdade absolutamente essencial a formulação de conceitos livres de interesses outros que senão o da busca da verdade: causas, ideias, ideais, entidades não são, nem possuem o valor de seres e fenômenos reais e sensíveis, não são medidas de valor nem muito menos de verdade, qualidade, quantidade, ou muito distinção de nenhuma vida ou liberdade concreta, e não só as humanas.

Um principio tão fundamental que felizmente não carece de axioma, nem mandamento, mas é instinto gregário, e capacidade empática e solidária natural. Pulsão vital gregária que constitui a sensibilidade e que nos permite tanto inteligir entender e compreender uns aos outros, quanto nos identificarmos como uma mesma grupo, através não do que efêmero, mas essencial e portanto vital. De modo que ao invés de nos estranhar, discriminar segregar até enfim nos apartarmos não só uns dos outros mas de toda a realidade sensível alucinando em nossa insensibilidade, insolidariedade, ignorancia e sobretudo fantasias e projeções de poder absoluto perpetuo como se fossem a verdade, nos integramos, vejam só como entes cosmopolitizados não só da ciência dos fatos, mas da consciência da própria concepção de tudo que importa e define o que o valor de importância das coisas, incluso o conhecimento da(s)ciência(s), ou simplesmente da episteme de produção de todas as coisas, a começar pela produção da ideias de todas as coisas como base da busca do saber de tudo: a verdade

O campo onde de define e portanto disputa o que é a verdade, é o campo onde se define todos os conceitos, incluso os da ciência, quer ela saiba, goste, ou renegue. E não só o dela, mas de tudo o que importa. O campo onde se busca ou se ignora, se afirma ou renega, se revela ou se oculta, se prova ou falseia, os conceitos que definem a verdade, suas propriedades, juizos, critérios de julgamento, sentenças, conceitos, lógica, razões- ou a completa falta de tudo isso- seja no grau do minimamente ciente, completamente inconscientes ou da plena consciência.

É o campo onde se define nada menos do que bem, o mal, ou sanidade e insanidade dos seres, através de tudo isso que se pressupondo por verdadeiro e juizo de verdade, define o que é real ou irreal, e o que é bom ou ruim para essa função de realidade como verdade preconcebida de fato em correspondência como a realidade sensível ou não. Como o embuste só mais outro “fato ou verdade alternativa”, onde se discrimina de antemão quem é sujeito e quem são meramente os objeto e publico-alvo dessa armadilha e arcabouço da cognição; Quem é portanto gente quem, não é gente, e quem nem isso é, é só lixo, a ser removido da terra.

O campo da episteme da matéria dita metafisica, que assim ignorada pelo método racionalista-empirista em sua essencia como lógica de produção da verdade não só do saber, mas dos fenômenos da anima que o cosntituem foi abraçado e pelo credo autoritário obscurantista e reacionário que não só fazem dele seu dominio, e agora avançam novamente para além das suas fronteiras. Porque é nesse território enquanto vale sombras que eles tem reconstruido o seu projeto monstruoso, insano de desumanidade fanática, xenofóbica e fundamentalista, por oposição as luzes da razão e lucidez da liberdade de consciência.

Ao menos enquanto a ciência não despertar para tanto: que não existe nem deve existir campo onde a liberdade de concepção e luz da razão não deve clarificar o pensamento e produzir ciencia e consciência incluso a de que essa capacidade ou vocação à liberdade de consciência caracteriza TODO ser humano, quer ele a use ou não. Mas é no respeito a manifestação de vocação à consciência incluso como liberdade de credo que reside não só a ética, mas o ethos da humanidade, este sim um ideal sempre em construção como o próprio conhecimento e a liberdade.

Por isso, nunca é tarde, ao menos não para todos, para corrigir as bobagens que se vende sabe-se lá a troco de quê. E não só com desculpas...

Grande estudo desmascara o mito do "gene gay" — Conexão Política

Um grande estudo desmascarou conclusivamente o mito do "gene gay". O estudo mostra que não existe um único gene...

conexaopolitica.com.br

Afinal querendo ou não, os conceitos serão concebidos, senão de forma consciente e lucida, livre e honesta, de forma alienada, insconciente, desonesta e insana. E fechar os olhos para esse campo e batalha e afirma categoricamente que ele simplesmente não existe, não irá fazer com que ele desapareça, nem tão pouco seus efeitos dentro do própria produção da ciência e não só como teoria, mas como profissão vulnerável a submissão tanto por falta de meios essenciais quanto por ignorancia do dominio da definição destes enquanto tais. Por sinal como toda a população que também submetida a esse mesmo conjunto sistematizado de crenças e valores contrários a fidelidade e compromisso a tudo que é essencial a sua produção padece da mesma sina: não tem como defender a sua liberdade como condição libertadora nem buscar a verdade como conhecimento que emancipa, não por acaso, em essencia a mesma coisa. Consciência. Ou simplesmente Liberdade.

Liberdade versus Poder: Das guerras na era da informação e consciência

A divina comedia da busca pela ciência dos fatos verdadeiros à consciência da verdade dos fatos: A luta pelo logos da...

medium.com

O Brasil não está, é um Estado de Guerra (contra ele mesmo)

A escravidão no campo, o holocausto urbano e a nulidade da justiça e contratos sociais no Brasil

medium.com

Liberdade versus Poder: Das guerras na era da informação e consciência

A divina comédia da busca pela ciência dos fatos verdadeiros à consciência da verdade dos fatos: A luta pelo logos da Episteme

Parte 1: Panarquia, “Anarquistas, graças a deus”

Só há uma coisa mais pretensiosa do que ciência: a consciência. E estou falando sério. Porque, essa busca não só por uma, mas ambas, é tão pretensiosa quanto absolutamente essencial: impreterível, intransferível e inalienável. Desistir tanto de uma quanto de outra não é apenas abdicar da sua liberdade de pensamento, mas da sua própria soberania em favor da tirania. Tirania que não por acaso se arroga como presunção de autoridade sobre todas essas pretensões que constituem a liberdade de pensamento, credo, ciência e consciência. Em outras palavras, prerrogativas de presunção de poderes como privilégios contra prerrogativas de pretensão de liberdades como direitos. A falsidade ideológica por excelência ou das ”vossas excelências” e “reverências” e suas imposturas de “verdades que libertam” contra toda verdade genuinamente libertadora, as liberdade de pensamento credo e consciência, as libertárias, gregárias e revolucionárias, que mesmo não o sendo ou não querendo o ser, aos olhos dos autoritários que sempre julgam todos por sua regra e medida assim o serão.

E nisto a pessoa livre precisa entender a doença mental desse ególatra maníaco compulsivo-possessivo por poder e controle, nada deixa esse individuo mal-amado não raro já tão desprovido de respostas empatica-solidários que suas frustrações já beiram a perversão da psicopatia e do tipo sádica mais furioso e perigoso que a visão de afirmação, relações, comunhões, atos, manifestações que não passem pelo crivo, nem provem sua fidelidade e adoração da sua persona. Nada deixa esse louco mais ensandecido e violento do que uma pessoa que se manifeste, afirme ou simplesmente sua diversidade, pluralidade, sua própria identidade independente da sua ideia de todo poderoso e projeção de si mesmo como participe da representação ou a própria figura da corpo supremacista de poder total constante e perpétuo. Porque diversidade é a negação da seu projeto e projeção de poder e autoridade. Não só a visão, mas a ideia da existência de um ser livre é absolutamente intolerável a sua concepção doentia de eu do outro e do mundo. De modo que nada deixa um autoritário ainda mais compulsivamente doente em sua vontade de violentar, violar e matar do que saber ou pior ainda ver uma pessoa ainda naturalmente livre.

De modo que, seja se levando muito a sério ou nem tanto, quem é sujeito livre, ou pelo menos quer continuar sendo, quando o assunto é liberdade está sempre falando a sério mesmo quando brinca porque o que está em jogo é liberdade e por consequência, as vidas que são feitas delas. Até porque seja fingindo falar sério, ou brincar, não importa, aos olhos

do autoritário quem é livre não precisa clamar nenhum direito ou prerrogativa, basta sê-lo ou exercê-lo, movimentar-se, expressar-se ou manifestar-se, basta estar vivo a sua revelia da sua autorização para ser arrogante, desobediente e por sua conta e risco teimosamente vivo de uma forma, como uma forma de vida completamente diferente e diversa que representa um obstáculo aos seus desejos, taras e compulsões e que ele não tolera nem suporta sequer saber que exista quanto mais ver diante da sua presença salvo morta, ou morta em vida, devidamente violada e violentada: a livre.

A arrogância do credo da liberdade de consciência é o preço ou melhor o risco do eterno para se ter a liberdade na mais ínfima das suas formas, mas ainda sim a mais fundamental: a dignidade. Aquela que mesmo não tendo mais nada, não se tira. E mesmo tendo tudo, sem ela não se possui verdadeiramente e propriamente nada. E libertário ou não, quem é livre, por sinal não precisa nem se arrogar nem proclamar nem prerrogativas e direitos, basta sê-los aos olhos ou perspectiva daqueles que tem outras pretensões do que fazer como ele e os demais que já é não só arrogante, mas um estorvo subversivo da sua ordem, a autoritária. Aliás não só outras pretensões em relação, as pessoas, mas outras presunções de quem ele e sua pessoa são que as definem uma em relação à outra, ou mais precisamente ele em relação aos alheios.

Literalmente outras preconcepções e prerrogativas contrapostas a proclamação de liberdade constituídas por consensualidade mas relações de poder, autoridade e força de fato, um eufemismo para relações que se mantidas a força da rapinagem, estupro, pilhagem, locupletação, expropriação, roubo, escravidão, sequestro, assassinato, latrocínio, genocídio, estelionato e afins, mas tudo devidamente legalizado pela prerrogativa de proclamação de legitimo monopolismo de toda essa violência e violação. Legitimada como? Vai para uma favela do Rio, ou para o Estado Islâmico que você apreende, ou morre. Seleção artificial. Só quem obedece ou aprende a fingir a obedecer sobrevive. Não é a toa que a evolução da humanidade depende de revolucionários que raramente morrem velhos sem serem assassinados. Lugar de gente livre nesse mundo que quer o bem para todos é a vala comum. Daí o ditado que vaso ruim não quebra. Não só não quebra como domestica.

Porém se nas presunções e pretensões somos diferentes em uma coisa, portanto todos os seres humanos são iguais: arrogantes. Ou pelo menos deveríamos ter o direito de sê-lo ao menos nas prerrogativas para assim o ser livres em paz. Pois ainda que o verdadeiro libertário, ao contrário do autoritário, não clame para si nenhum tipo de prerrogativa para impor seu credo ou ciência a ninguém que se dirá a todos os demais, que se dirá então da consciência que nunca está senão por definição no própria concepção e nunca na preconcepção alheia. Ele clama e arroga liberdade para si e para todos que assim o queiram.

Porque aqueles que renunciam ou já perderam a voz para arrogar, clamar, proclamar e reclamar suas prerrogativas ou direitos, se já não perderam suas liberdades, as perderão, porque vulneráveis já estão; uma vez que não falta nesse mundo é impostor e oportunistas a proclamar a gritos e punhos cerrados que a verdade que liberta é a servidão, sacrifício e holocausto. Obviamente servidão, sacrifício e holocausto do outro do servo e alheio, nunca o seu. E mais obvio ainda que em favor dos seus privilégios impostos como prerrogativas de autoridade e portanto obrigações de fidelidade e servidão deste que está alienado ainda que disfarçadamente das liberdades fundamentais que o definem como pessoa.

A começar não só pelo direito de ter liberdade de uma ciência e consciência que possam de fato se dizerem de fato como tais, mas antes de delas credos que igualmente não sejam também meras produtos de dogmas, doutrinações produtos de preconcepções tão discriminatórias e apartantes quanto flagrantemente deterministas, hierarquistas, eugenistas e estatopáticas as frutos da manifestação de livre espontânea vontade e consciência da própria concepção de princípios tão libertários quanto universalmente gregários.

Portanto, nenhum problema em si como os credos, pelo contrário, tudo a favor da liberdade de credo, incluso da liberdade de credo na razão, especialmente como guia para encontrar as suas próprias razões, e sobretudo como fé nas razões da liberdade e na liberdade como razão de todas as coisas. Logo, sou libertário, porém não um anarquista, mas panarquista, a favor de que todos os credos tenham seu lugar no mundo, incluso os que não tem a razão como seu caminho nem a liberdade como seu principio e finalidade, inclusive a liberdade de credo e culto para os que cultuam o poder a autoridade e até a violência, ou pior: a prerrogativa do monopólio da violência, desde é claro, que o guardassem para si e quem quisesse voluntária e consensualmente se submeter a esse tipo de vida, deixando quem não quer e não sabe apreciar toda onipotência da sua maravilhosa presença e sapiência viver livre e em paz.

Não, não são as pretensões da busca mas as presunções ou pressuposições e preconcepções que complicam a vida. Não é a pretensão da busca da liberdade e do conhecimento, sobretudo como liberdade de pensamento e conhecimento, mas a presunção do saber como poder, e poder como conhecimento que mata tanto a liberdade necessária a busca do saber, quanto o saber necessário a busca da liberdade. Por isso, importante não confundir o pretensioso e cheio de gana como o presunçoso corrompido pela ganancia. Pretender é buscar algo que se sabe não possuir, e nem sempre para propriamente adquirir, mas estar com ou participar de. Justamente o oposto da presunção que parte da pressuposição que se possui algo que não tem, ou pior, que nem se quer é objeto de possessão, ou seja, a constante busca e vigília pela razão das coisas que não só dependem umas das outras, mas que em essência são a mesma coisa, ou mais precisamente verdade, tanto como saber quanto liberdade.

Por sinal o poder não só complica, como ainda por cima inverte a razão e natureza e verdade de todas as coisas. De tal modo, que se por um milagre nos livrássemos num passe de mágica das vontades de poder e suas ideologias, não só estaríamos curados do mal de ficar querendo cuidar, mandar, vigiar, e sobretudo viver as custas da vida alheia ou matá-la porque estranha a nossa, como finalmente veríamos que não existem tipos nem classes de pessoas, mas simplesmente graus de empatia e simpatia, mas simplesmente gente que conhecemos ou não, e das que conhecemos temos aquelas que queremos estar próximos, aquelas que tanto fez como tanto faz, e aquelas que passamos a querer estar o mais longe possível. E se fossemos livres para estabelecer se associar e dissociar conforme nossas afinidades e interesses em comunhões de paz e de acordo com a consensualidade das partes assim o faríamos para viver em paz e deixando-o viver em paz, até porque pessoas livres como todas as pessoas também querem amar e serem amadas, querem estabelecer e manter relações e dar sentido a sua vida e realizar e agregar coisas significativas e originais além do meramente se perpetuar, expandir e multiplicar, porém sabem que para isso, a observância a uma princípio fundamental é absolutamente necessária: a consensualidade.

Perceberíamos que não precisamos amar a todos, nem exigir que todos nos amem. Não precisamos de amores, coragens, cuidados, renuncias, doações ou esforços incríveis. Não precisamos amar gostar nem desgostar de ninguém para respeitar a sua vida e liberdade para deixar outros viverem em paz, nem muito menos para vivermos juntos em sociedade. Pouco importa as quanto se gostam desgostam ou mesmo se detestam, desde que ninguém seja obrigado a conviver ou se submeter a ninguém, e o mais importante desde que aquelas que se amem se gostam ou querem viver em comunhão de paz, não sejam impedidas por quem se vale do subsidio da violência para interferir na vida alheia como mau necessário ou bem maior, desculpa para satisfazer tara e desejos egomanicos autoritários insaciáveis.

Não, não precisamos de ideais incríveis, nem princípios extraordinários porque temos princípios libertários elementares e fundamentos gregários suficientemente universais: não-agressão e solidariedade, inclusos como instintos gregários naturais à preservação de evolução. De modo que não é preciso demandar nem oferecer sacrifícios extraordinários nem próprios, nem muito sacrificar vidas e liberdades alheios em nome de entes e causas imaginárias. Não precisamos inverter coisas que não existem nem dar nada que já não seja naturalmente nossa para responsabilidade voluntária dar e de por livre direito das pessoas receber. Não precisamos dar liberdades, dedicar aqueles esforços nem propriedades que reservamos a quem amamos a quem não queremos, nem padecer ou compadecer por sofrimentos que não temos, tudo que precisamos é cuidar para não perder nem privar tudo que é abundante em nós e na natureza tanto como vida e liberdade quanto como sensibilidade inerente a nossa sanidade: a empatia e solidariedade.

Porque tudo que precisamos ou devemos fazer- e não porque é a ditadura da lei da violência da autoridade e doutrina dos homens sobre os homens manda, mas por que a lei das causas e consequências da natureza ensina, inclusive para vivermos em paz é não só não agredir a vida- é não privar os outros da sua liberdade, não apenas como saber, movimento, ou relação, mas como acesso ou usufruto da árvore da vida, ou propriedade dos seus bens comuns e particulares seja como meios vitais e ambientais ainda intocados ou já transformados em riqueza e capital igualmente necessários a vida e liberdade de quem já vive só na natureza. Um saber libertário que antes de ser uma razão é um estado de consciência dado pela sensibilidade e solidariedade não só com aqueles que se ama ou preza, mas até com aqueles que nem se conhece.

Desde que não só toda pessoa, mas todo ser vivo, não importa o quanto o consideremos ofensivo, repulsivo, violento, agressivo e perigoso, ou ele considere a nós, ou de fato ambos sejamos, desde que todos tenham seu espaço e os recursos para viver em paz, como bem entender em paz. Desde que não só toda pessoa, mas todo ser vivo possa exercer seus instintos gregários de associação comunhão livres das privações e parasitas que dividem, desagregam e alimentam a discórdia para colher na miséria e na guerra os servos e escravos fieis tanto para fazer sua pilhagem quanto os holocaustos em nome da idolatria da perpetuação do seu desejo doentio de poder total e eterno. Porque caso não tenhamos percebido salvo as catástrofes naturais o que provoca disputas por bens comuns, invasão de espaços e liberdades, o desequilíbrio da superpopulação escassez e extermínios, não é o equilíbrio natural e nem sequer o progresso da humanidade ou da civilização, mas especificamente o predomino dessa mentalidade de parasitagem predatória como relação institucional e modelo civilizacional, o paradigma estadista-escravagista.

E eis o grande problema. Aqueles que não queremos perto, não são meramente pessoas chatas ou inoportunas que geralmente não se suportam e estranham mutuamente. Se assim o fosse tudo estaria resolvido e o mundo seria um mar de rosas. O problema é que há pessoas que embora não tolerem desprezem, ignorem, ou mesmo tenham asco e até odeiam outras, embora não consigam sequer conviver ou suportar olhar para elas, já não são capazes mais de sobreviver sem elas, de modo que não podem deixá-las simplesmente viver livres e em paz, nem tão pouco permitir que convivam como iguais e semelhantes como elas de modo que as mantem devidamente discriminadas, apartadas e até não raro presas para desempenhar sua devidas funções.

Há pessoas cuja resposta empática solidária está completamente comprometida para viver em sociedades livres ou livremente em sociedades e que contudo não só não podem permitir que outras pessoas vivam sua vida em paz como precisam regular a vida dessas pessoas e quem dera fosse pela simples razão materialista que não conseguem sobreviver sem elas porque vivem as custas delas. Quem dera se esse precisar fosse o produto de meros necessidade ou interesse pecuniários. Não são.

Se no princípio as relações de poder servem apenas para satisfazer necessidades e desejos regidas por instintos naturais e pulsões vitais, a medida que o poder corrompe e perverte ou o que é a mesma coisa mata os instintos gregários, as sensibilidades empáticas, a inteligência solidária, e enfim a consciência libertária essas pulsões vitais desprovidas de ligações epistêmicas e psico-neurológicas com a realidade sensível do outro mundo se pervertem em compulsões de morte, violência, que geram no seus extremos de loucura as monstruosidades do autoritarismo e totalitarismo, eugenismo, guerra, fome, genocídio e holocaustos.

De modo que mesmo se ou quando puderem definitivamente com suas máquinas e maquinações se livrarem dessas pessoas como objetos de consumo e produção da sua riqueza, ainda sim precisam delas (ou melhor em numero bem menor de alguns “tipos” delas) como objetos para satisfazer outros desejos ou manias: como a reprodução do seu eu como legado, ou mais precisava fardo de adoração e servidão perpetua a ele, nem que seja em monumento, ou memoria. Novamente enquanto suas máquinas e maquinações não permitirem que ele se clone ou replique a ele mesmo- ainda que não seja exatamente ele, não importa ele não sabe. Contudo, nem mesmo nesse momento de completa autossuficiência do predador-parasita que adora a si mesmo, seus servos-escravos finalmente podem ser libertos para descansar em paz, porque ainda sim o ególatra maniaco compulsivo precisa sempre de um coisa para realizar sua fantasia de todo poderoso e poder total: servo-escravos, nem que seja agora apenas para confirmar sua potencia e supremacia.

O problema desta pessoas não é propriamente tolerar, conviver com outras, porque ninguém deve ser obrigado junto ou casado com quem não queira, mas justamente o oposto, pessoas que não conseguem suportar viver com a ideia de possam existir pessoas que vivam, respiram, amem, pensem, ou trabalhem ou simplesmente sejam de outra forma diferente delas, ou sejam suas, ou não existam em sua função, ou autorizadas ou graças a ela. De modo que fazem não só questão de impor a sua forma de vida, mas vigiar e buscar para colonizar o mundo a imagem e semelhança da sua compulsão de adoração. Ou seja, não se contentam com nada menos do que tudo e todos submetidos a supremacia da autoridade todo poderoso da sua egolatria narcisista, feita não raro via violência e claro expropriação, monopolização e pilhagem dos meios vitais e ambientais, as benditas propriedades que constituem as

condições básicas as liberdades fundamentais do outro e agora a base do seu poder locupletário.

É ser ou organismo portanto que já não demanda mais liberdade, um ambiente, recursos, para viver ou conviver em comunhão livre e paz. Mas uma forma de vida desnaturada parasitária, que vive de imaginar e maquinar formas de penetrar e impor e manter forçadas com outras pessoas assim submetidas e reduzidas a mero hospedeiros para satisfação da suas fantasias e desejos seja como objeto de consumo, produção ou reprodução. Uma demanda portanto não mais por relação livres, mas necessariamente relações de poder onde possam realizar suas taras ególatras-supremacistas e satisfazer manias compulsivas possessivas de personas todas poderosas e eternas que as corporifiquem e satisfaçam essas fantasias mórbidas e perversas de superpoderes e poderes supremos introjetadas como superegos a atormentar e manipular a vontade do alienado agora domesticado, assombrado e fidelizado por essa perversidade monstruosa e insana.

De tal modo que se um passado selvagem dos primórdios da humanidade havia o medo das tribos que caçavam cabeças e comiam gente, há hoje o terror não só das civilizações que caçam, mentem e devoram almas, o medo do nossa próprio estado civilizacional de desumanização e insensibilidade em relação não condição e natureza e outro e mundo, e logo da nossa própria insanidade, da antropofagia a necrolatria e idiocracia pela corrupção e perversão da empatia pela domesticação. Uma insanidade que insensível a realidade por definição sensível, não só de apartar dos outros e se fecha na bolha alucinada do seu mundo, perdendo todo o senso e noção dos fatos, mas uma mentalidade que produz personalidades que produz visões, narrativas e tratamentos não só fatos e eventos sem nenhuma verdade, mas definidos por aquilo que propriamente se chama arquetipicamente psicopatia. O tratamentos de fatos seres e fenômenos dado por uma psique destituída de respostas empático-solidárias.

Um psico-phatos. Um mal insano que nasceu da pura predação, mas que ao se tornar domesticado do homem pelo homem não apenas reduz e alienou o outro a objeto de consumo, produção mas de reprodução das manias compulsivas passivos desse sujeito. Reproduzindo e propagando neles esse mal da idolatria mais como culto, mas como cultura, egolatria tanto como servidão quanto idolatria aos todos poderosos e legado eugenista patrimonialista, hereditalista, memorialista, divinista e não só mais no seu aqui e agora, mas no além tanto do materialista histórico quanto da mitologia do transcendental.

E que portanto não se trata da paranoia conspiratória que se alimenta da fobia e terror ao que é estranho e desconhecido, seja ao vizinho próximo, seja ao imigrante ou povo distante que faz parte da pregação dos psicopatas disseminadores dessas psicoses persecutórias esquizofrênicas, mas a psicopatia dos que não são aterrorizados e torturados por assombrações, mas dos que as inventam para aterrorizar e torturar e manipular e usar suas vítimas, não por acaso já entre os mais vulneráveis a carência e carestia. Não portanto os pequenos psicopatas, mas os grandes sacerdotes dessa cultura de banalização e legalização da violência, violação agressão e privação desde que a deles, ou devidamente licenciada autorizada ou terceirizada por eles: os estatopatas. Um mal que não está portanto na pessoa física deles, ou só cultura mas na lógica desse episteme, ou da falta dela, que reproduz essa cultura, mentalidade e desnaturação como mal ou vírus dentro da própria humanidade como se fosse a própria, ou o único processo civilizatório possível.

Uma mal monstruoso e insano que se banaliza, normaliza e falsifica como o bem e necrosa e mata tudo que é de fato verdadeiro e sagrado: vidas e liberdades e natureza. A insanidade doentia tanto da psicose da servidão quanto da psicopatia do poder que compõe o complexo do mal da humanidade, o poder que o credo da filosofia e ciências da Liberdade não só denuncia e critica mas combate como consciência libertária, mas como ethos da prática que constitui a metis da razão e experiência oposta a da libertação pela solidariedade.

Parte 2: El mondo da divina comédia

Feita a distinção entre as pretensões libertárias das presunções autoritárias. Retomo o raciocino original:

Só há uma coisa mais pretensiosa do que ciência: a consciência. Porque se a ciência tem por objeto o conhecimento dos fatos e eventos e suas razões. A consciência por sua vez tem por objeto do seu saber nada menos que a verdade e suas razões do conhecimento. E logo da verdade dos fatos e seus eventos, ainda que não tenha consciência nem dessa verdade, ou que renegue tal conhecimento como objeto da razão, ou mesmo como algo real.

A consciência é portanto o saber que se propõe portanto como juízo e critério de julgamento da verdade e falsidade do próprio conhecimento e ciência destes fatos e eventos. O campo de saber que ao definir o que é falso ou verdadeiro, define por consequência o que é real e irreal, o que é meramente imaginário e concreto, ainda que não seja sensível nem visível a percepção, visão ou sensibilidade ordinária. É portanto o campo do saber que ao definir a verdade e falsidade das ideias, por consequência define a realidade e irrealidade das coisas, assim como o que é natural e o que é sobrenatural nos seres e fenômenos. Não meramente como eles são ou estão aqui e agora como fatos e eventos como a ciência, mas em tudo aquilo que eles podem, poderiam ou deveriam ser ou vir a ser. O saber que define os critérios e julga o possível e impossível, o conhecimento das potencias, e destinos, e campo de determinação dos sentidos não só dos movimentos e das animas mas das razões existenciais e transexistenciais onde as partículas elementares e forças fundamentais serão colocadas como entidades ou sujeitos constituintes da cosmologia dos diferentes planos de universos de percepção e conhecimento sensível e invisível.

O conhecimento daquilo que por não ser efêmero transitório e perecível, mas essencial e perpétuo, ainda que como a própria evolução, revoluções e volições, transformação e informação em si é tomado como verdade, ou simplesmente episteme. De modo que não é apenas o campo de estudo da lógica da ideia das coisas, o logos, não é uma logologia mas da essência de todas coisas: a epistemologia, o campo de estudo da essência de todas as coisas, ou simplesmente episteme. Episteme do conhecimento, da lógica e dos fenômenos, principalmente como lógica de produção das ideias das coisas, e suas lógica com coisas que realmente existem tanto como ralidade sensíveis quando dos padrões que essencialmente engendram tanto a projeção do real e do imaginário quanto sobretudo do mundo do qual esta são compostas: o mundo dos fenômenos. Não só como ciência de como eles são e estão mas como se dão, isto é dos próprios padrões mais essencial e fundamentais ou potencia autogerados inteligidos da sua percepção sensível dos mesmos. E se a ciência enquanto pensamento materialista-determinista tomado por sinônimo de método racionalista-empirista resolveu pegar esse campo da natureza da phisys e simplesmente fechar os olhos

para ele (des)qualificando bibliograficamente com metafísica esse foi o seu maior erro histórico do qual a crise atual das provas empíricas a mais evidente (e urgente).

Uma coisa muito interessante quando falamos de ciência ou conhecimento. É que em geral raramente nos perguntamos saber porquê? ou para quê? Esta é geralmente uma pergunta desqualificada como uma pergunta infantil, ou senão debiloides e ignorantes, que ou ainda não sabem a importância intrínseca do saber, ou nunca vão ficar sabendo. Contudo, como toda pergunta pura em sua essência daquilo que não pressupõe que sabe, é justamente daquelas pergunta e questionamentos mais significativas que fazemos questão de ignorar. De fato saber por quê e para quê buscar conhecimento e saber, nunca foi importante para produzi-lo e adquiri-lo. Não precisamos estar conscientes de como produzimos ou reproduzir um saber. Na verdade não precisamos nem sequer estar conscientes dos métodos e processos que produzimos e principalmente aqueles que reproduzimos por copia e imitação para gerar conhecimento. Já produzíamos saberes antes de termos ciência deles, e antes mesmo de produzir o próprio método científico e as técnicas e tecnologias dele derivadas. Porém, é mais do que claro e evidente que as vantagens de tornarmos cada vez mais cientes e conscientes do que estamos fazendo e todas as possibilidades ou consequências do que pretendemos fazer, talvez a maior diferencial senão qualitativo quantitativo da espécie humana, a quantidade ou diversidade de n razões que conseguimos produzir para os fatos,que bobagens e crendices e loucuras fora, constituem a diferença que em essência não é tão grande assim entre outros seres vivos dotados de senciência, inteligencia e mesmo consciência, especialmente os mais próximos, como os grandes primatas. Mas até mesmo com colônias de formigas, mantemos muitos padrões de similaridade.

Temos muitas semelhanças e dissemelhanças como todos seres vivos, até mesmo os vírus e bactérias, algumas que gostaríamos de ter, outras não. Se por uma lado produzimos novos códigos, padrões e estruturas, enfim obras materiais e imateriais que nenhum outro animal conhecido foi capaz de realizar; por outro não só mantivemos mas maximizamos padrões e formas de predação, parasitagem e violência não só no mundo mas na nossa anima. Instintos que supostamente abominamos e gostaríamos senão abolir ao menos renunciar em estados de paz tanto de espírito quanto civis que no entanto não só mantivemos como exponenciamos ao perder aquelas outras caraterísticas naturais que pelo contrário supostamente gostaríamos manter preservadas para viver livres e em paz: Instintos gregários e solidários que constituem a base da nossas morais, éticas e em si do ethos do que idealizou ou classificou como humanidade, ao menos não como mera classificação de objetos por semelhança, mas como fenômeno que emerge da ligação empática, ou afinidade ou fraternidade entre seres que se sentem ou enxergam como próximos porque semelhantes.

Então volto a pergunta a que realmente interessa na vida, a pergunta da criança, do neófito da vida, ainda não imbecilizado pela pressuposição do saber. Conhecer por quê? e para quê? Desqualificá-la é um “pecado mortal” à fé da razão e não só porque como questionamento ela é uma expressão de busca do saber. Mas porque essa questão é em si a manifestação mais pura da sua busca. E perder-se ou esquecer dessa questão sobretudo como vontade e sentimento e fonte de inspiração motivadora é perder-se e fugir da própria busca do conhecimento, da origem e finalidade, e essência. É e refugiar-se trancar-se no arcabouço obscuro do castelo das preconcepções e renegar a própria busca do saber, que não é a mera constatação dos fatos e dados, mas a busca da sua razão, a sua lógica, os seus padrões

geradores, em sua essência, que em primeira e ultima instância são sempre um porquê e para quê, não são meramente a observação, projeção e previsão ou mesmo a constatação dos fatos e eventos, mas a busca da sua verdade que nunca está ali propriamente no conhecido, na ciência das coisas mas sempre há ainda mais por se conhecer delas, sua essência, episteme, ou simplesmente verdade. Verdade que portanto assim como a liberdade de pensamento não é objeto de possessão nem alienação, nem portanto de mera transmissão e ensinamento, mas sempre de descoberta, aprendizado, revelação e novidade para aquele que conhece não uma dogma ou axioma mas a verdade que explica um experiência e proprioconcepção e não a narrativa de fatos e preconcepção alheias que são sinais e nunca o verdadeiro campo da ciência, que dirá o da sua consciência.

Quando nos perguntamos buscamos ciente, não o fazemos para apenas observar a ocorrência dos fatos e eventos como eles realmente são. Não procuramos saber para apenas nos ilustrar ou nos mantermos informados, mas porque queremos algo com desse busca e saber, ainda que não estejamos conscientes disso. Mesmo que sejamos apenas colecionadores maniacos compulsivos de informações, e busquemos saber apenas para ficar sabendo, ou busquemos nos informar e saber de acordo com interesses específicos aos nossos negócios e afazeres incluso a própria produção e reprodução de conhecimento e informação, mais do que mais do que razões e motivações psicológicas para que assim vejamos, desejemos nos comportar de predeterminado em relação a busca, aquisição, produção e reprodução do saber, há razões e motivações epistemológicas.

Toda uma lógica da busca da verdade que moldam tanto a mentalidade do individuo, inclusive quando essa lógica está completamente imersa num arcabouço onde a verdade não tem a menor importância, ou episteme sequer existe não existe, não como principio fundamental da ordem da natureza, mas pelo contrário apenas como campo imagético artificio da propagação das sua manipulação ideológica tanto como como caos e desinformação quanto falsa representação da verdade como fatos alternativos ou já como pura ficção e mitologia encenada como espetáculo de predestinação de modo a provocar a ilusão de realidade. Pode para parecer uma guerra de informação, mas é mais do que uma guerra por mentes, é também por corações.

De modo que não só devemos nos perguntar ao nos depararmos sobre a narrativa de um saber e informação, do por quê, para quê, mas também para quem para quem, pois os porquês e paraquês são completamente distintos entre que sujeitos produtores, aqueles que são objetos de estudos, ou cobaias, e até mesmo aqueles que são meros receptores da informação que não raro, também são objeto das experiencia que irá produzir o conhecimento, que não é saber deles, mas alienado daqueles que irão possui-lo como propriedade e capital e poder sobre sua pessoa reduzida não só a objeto de estudo e experimentação, mas expropriação das suas propriedades primeiro como informação e conhecimento e vigilância, mas depois como propriedades ainda mais fundamentais intrinsecamente ligadas a ela como propriedades como propriedades material sobre suas posses, movimentações não só sobre seus bens comuns, mas seus bens mais particulares e privados, a liberdade sobre a manifestação do seu livre pensamento, e até sobre seu próprio corpo incluso como liberdade de livre produção, reprodução e comunhão de paz.

Salvo é claro a ação, não há gesto mais mais sensível, inteligente e promovedora da consciência do que questionamento do saber, que em si é o própria busca do saber como

credo na liberdade de pensamento ou fé na razão, que como fé longe de ser uma mera pressuposição dogmática, doutrina, ou teorética, uma mera pressuposição, é o que a fé significa em sua estado de espirito oposto a toda especie de alienação, o estado de absoluta confiança não só na razão, mas na própria sensibilidade, ou tanto na propriocepção que faz a ligação do corpo sensível a natureza da realidade do mundo sensível e visível, quanto na liberdade da razão capaz de inteligir a natureza dos padrões lógicos tanto como razão dos fatos e eventos, ciência, quanto da própria lógica da razão dessa realidade. Ou seja a busca através da intelecção do conhecimento da verdade.

Um caminho que pode levar a consciência da episteme e sua lógica. Não só como o campo da ciência de como se processa a produção das operações mentais que discriminam de antemão o que é falso e verdadeiro e por consequência o que real e irreal. Mas como o próprio estado de consciência daquilo que não sendo nem operação mental, nem muito menos mera projeção da imaginação, ou tão pouco “apenas” partícula elementar ou força universal ainda sim permanece como padrão fundamental de constituição da lógica do movimento do cosmo, e portanto da essência vital ou episteme dos seres e fenômenos.

Ou seja um caminho que se adentramos de olhos,coração e mente e mãos aberta pode levar ao conhecimento da informação e conhecimento, razão e sensibilidade gregária pura, ou simplesmente liberdade como fonte autogeradora e criativa do cosmos e seu logos e visões em todos os planos. Ou pelo contrário fechados ou fingindo estarmos abertos, podemos decair justamente no oposto da evolução e revolução das luzes da ciências e consciências, mas no obscurantismo e fundamentalismo do medo e as falsas soluções e resoluções tanto as esquizofrênicas e paranoicas, conspiratórias, fantásticas, e alucinadas a atribuir chifres em toda cabeça de cavalo, e sujeitos e agentes visíveis e a arquitetar as causa para todo evento; quanto as normáticas e neuróticas a renegar.

Um caminho que se efetuado não só através da ciência dos fenômenos, como método cientifico racional empirista, mas como o ethos que se efetuado através da ciência dos fenômenos, tanto como método cientifico racional empirista mas da ciência fundada numa outra consciência, que não nasce da mera tekne, mas na da integração desta com a metis para formar um outro ethos: que não nega e renega o padrão lógico libertário-gregário de autogeração autodeterminada da ordem natural do cosmo, para preconceber discrimina apartar, predeterminar o destino dos sujeitos dotados de anima do mundo como meras coisas e objetos a serem usados empregado segundo suas ideação e maquinação conforme seus interesses insensíveis, ignorantes e inconscientes da realidade e anima alheia, que não por acaso mas por ausência de capacidades empáticas-gregárias e observância do princípio libertário completamente pervertidas em uma psicopatia ególatra caracterizada por manias possessivas compulsivas de necropoder genocidas e etnocidas.

A epistemologia nessa acepção ampliada da definição É portanto um campo do saber que tem por objeto do saber a própria a episteme e seu logos, tanto como a essência da razão do saber quanto da essência da razão da própria da natureza. E assim quando toma esse sentido e rumo de investigação passa a ter como objeto o mais pretensioso de todos os objetivos: a busca da verdade, tanto ciências dos fatos quanto ciência da própria ciência. O mais pretensioso que entretanto é o mais ordinário, básico elementar e absolutamente necessário e imprescindível de todos objetos e objetos do pensamento ainda que sejamos ou estejamos completamente inconscientes ou mais em estado de negação e renegação dessa carestia e

carência por explicações sentidos e significações existência e seu fim. Questionamentos que não se resumem a investigações cosmológicos de natureza cientifica de onde viemos ou para onde vamos. Mas a investigações das causas ou razões e padrões que geram o sentido de onde viemos e para onde vamos, que portanto fazem parte da próprio credo da ciência e consciência em si, mas da liberdade e possibilidade de cognição, um estado de espirito ante se ser um (pre)concepção é um (pre)sentimento simplesmente nos sentimos como seres capazes de conhecer, porque somos inerentemente seres não só empaticamente sensíveis mas dotados de livre vontade, dotados portanto capaz de inteligir tanto a realidade sensível tanto dos padrões epistemológicos da nossa própria existência como saber quanto de todos seres e fenômenos dotados do cosmos dotados da mesmos lógica dos autogeradores de autodeterminação da essência destes, ou sua episteme.

E tudo isso parece um tanto quanto confuso. E que mais complico do que explico. misturando coisas que não tem nada a ver uma com as outras, então na verdade você está entendendo onde quero chegar que na verdade era aqui o coração desse escrito. De fato essa epistemologia, mistura ou na verdade reintegra o que é hoje esta compartimentalizado em campos grandes campos distintos: o campo dos credos e fés e campos da ciências. Dois campos longe de estarem separados pela natureza natural ou sobrenatural (que por definição não existe das coisas), é produto de um convenção dos homens onde ambos os lados fogem não só do confronto um com o outro, num falso acordo de paz pela posse de territórios ou domínios do saber, mas fogem e renunciam a busca da verdade um da ciência dos fatos reais outro dos juízos (não raro feito de credos, crendices e preconcepções) pelos quais a ciência define o que é ou não um fato ou o real — ou rigorosamente presume como tal.

Na verdade essa parte da produção do pensamento cientifico, o advento criativo das hipóteses fica por conta e risco da inspiração e sensibilidade do cientista não está sistematizada. O que existe a sua disposição, são as teorias do conhecimento, que não só objeto propriamente da ciência, mas da filosofia da ciência, e portanto nas fronteiras ou trincheiras entre esses campos e territórios. E não como critério intrínseco de juízo do que prova do que é falso ou verdeiro, mas sim justamente como produção mais consciente da ciência, incluso como o pensamento que produz juízos falseáveis ou confirmáveis através da experiência sensível, ou empírica, uma busca da verdade atual, ou que atualiza mediante o própria evolução e revolução da própria ciência ou da percepção do seu objeto de conhecimento o universo.

Toda a produção desses juízos e critérios e não só para a ciência, mas para todos os saberes, está nessa zona ainda obscura e cinzenta, relegada pelo própria racionalismo como campo das meras especulações sem base da razão, em nenhuma base cientifica. O campo das meras especulações metaficas, sobrenaturais, paranormais, mundo de credos, lendas, credos mitos, lendas, campo fertil para imaginação e ficção e encenação de charlatões, ilusionistas, enganadores profissionais etc... Exatamente. e eles os impostores agradecem. O maior erro da história da lucidez da humanidade, ao qual o obscurantismo e terror que se vive nas suas sombras, e de projetá-las agradece. O maior erro não só da ciência, mas da própria fé. A primeira por confundir e abandonar esse campo fundamental às preconcepções de todas as coisas, incluso a formação da própria dos fatos aos seus impostores. embuste. O segundo por permitir que os impostores especialistas em impor não só falsas verdades, mas fatos alternativos continuassem a conviver confortavelmente no abrigo desse território das

preconcepções. Um acordo confortável para que ambos construíssem seus castelos como autoridades regulares e sentassem e assentassem em cima dos seus respectivos domínios, como poder, mas que tem sido a ruína de ambos frente ao flanco gigantesco que deixaram em aberto a propagação do medo, terror e obscurantismo como poder total: a renuncia da busca da verdade como ciência e consciência. Uma busca por sentido revolucionário e libertário da pulsão da vida cujo vácuo é ocupado perversa reacionário pela corrupção fatal da mania compulsiva possiva de poder.

Uma liberdade de pensamento que busca não apenas conhecer a verdade dos fatos como ciência, mas conhecer a verdade da sua própria condição como consciência. Logo não só não para estar ciente da verdade dos fatos, o que é fundamental, mas estar consciente da sua condição. Até porque a primeira depende e deriva do estado não só de sanidade mas de independência da segunda. Pois do estado de sanidade mental social e cultural sua e do mundo depende vai depender a ideia que se constrói do que é ideia do que é ou não verdade, ciência, fato, sanidade, ciência e fatos, não só como investigação, produção ou busca do conhecimento como ciência, informação ou comunicação, mas como a própria visão entendimento e compreensão e interpretação e sobretudo preconcepção do que verdeiro e falso, do que real e irreal, bom ou ruim, bem e mal.

Um entendimento quer seja investigado e interpretado diretamente da experiencia do mundo ou ditada e narrado pela informação de outras pessoas, não se forma propriamente a partir disto ou daquilo, mas exatamente do que as pessoas a partir de um dado momento da vida já tem na cabeça como a fonte da sua credibilidade e crença, incluso de processamento da razão, de tal modo que quando elas olham e ouvem, acreditando ou não nos que seus próprios olhos veem ou no que os outros lhe contam. Um entendimento que antes de ser processado como dados pela percepção e intelecção dos fatos e suas narrativas, é sejamos conscientes disto ou não formatado como dados da nossa credibilidade ou crença de verdade ou falsidade é já qualificado ou desqualifica, reconhecido ou completamente ignorado como um dado minimamente digno de consideração. Não é falso, nem verdadeiro, é insignificante, desprezível, marginal nulo, invisível, inexistente como objeto ou ser da julgamento. Em outras palavras é seja uma ideia, fato, evento ou mesmo ser vivente um ente já não só já discriminado e segregado, já preconcebido e predeterminado como predescriminado e preapartado como um nada no simbólico a ser confirmado como profecia, ou previsão que se autorealiza no real como pseudo-ciencia ou maldição mesmo.

Sejamos conscientes ou não, são sanidades e insanidades, males e bens, julgamentos de valor, importância sentido e significado existenciais, definições de qualidade, identidade e propriedades, de veracidade, e critérios de verdade, de credibilidade tanto do conhecimento quanto da realidade e irrealidade, naturalidade e sobrenaturalidade dos próprios fatos, eventos fenômenos e suas ocorrências ditas naturais e normais ou são, ou paranormais, anormais, desnaturadas ou sobrenaturais, que se operam efetivam e preconcebem no plano não se opera no campo das luzes da razão e ciência, ou mais precisamente do racionalismo materialista-empirista, mas no campo da episteme ou justamente da essência que autoengendra a concepção desses fenômenos e seus saberes.

Um campo abandonado por esse pensamento científico como sua meta-phisys onde a liberdade de credo e consciência libertária ainda luta bravamente contra os credos e fés autoritários e o necropoder que ainda imperam e proliferam a sombram de ideólogos

obscurantistas e charlatões que notem não por acaso os tiranos governam a própria a ciência como profissão, que vivendo apartada dessa realidade nada metafisica que deu as costas, mas real e com necessidades tão reais quanta qualquer outra corpo, alma comunidade, profissão e vocação também cai de joelhos como serva da mesma ditadura das imposturas preconcebidas verdades, uma arte pela arte empregada de estatopatas a troco de cobres.

E como poderia seria diferente?

Se ciência renuncio a busca da verdade, como objeto e objetivo do seu campo de saber para de contentar com uma ideia de verdade de fatos ou no máximo como celeuma na fronteira da sua filosofia dirigida apenas para definir as disputas de paradigmas dentro do seu domínios, fora dele, onde de fato as verdades que interessam prossegue, incluso daquelas que define o próprio valor de bem ou mal da ciência, a realidade do que ela considera fatos e verdades, e dos próprios critérios de verdade; que por sinal nunca foram definidos internamente pelo método cientifico, mas dentro desse campo de busca da verdade tanto como lógica da episteme não só saber mas dos fenômenos que não desaparecem por decreto da lei do método.

Porque o mundo não parou de girar só porque este não era capaz de discernir o que era falso-verdeiro, real-irreal, cognoscível-incognoscível nesse plano do qual emerge a própria ciência como credo na razão ou liberdade de crença na racionalidade como fonte de revelação da verdade- uma outra terminologia para expressar sentimentos do que é a liberdade sagrada para o exercício de uma vocação e saber tão sagrados e dignados de toda fé, enquanto liberdade de enquanto consciência quantos na medida que verdadeiros. E quão tolos foram esses mágicos de Oz aos vestirem e investirem dos mantos e títulos e reverencias dos sacerdotes e reis, mas não deixarem para eles o tutano do qual alimentam seu culto: a carne das povos como massas. Não consigo deixar de pensar no poema de Brechet, quando vejo a crise que não é da democracia, mas do próprio pensamento iluminista, porque terras planas se não é pra construir muro perdão o termo técnico é de cair o cu da bunda e porque deus quis, pois nem pra beliscar presta.

Há quem diga que o médico especialmente o neurologista se acha deus. Há quem diga que é o físico teórico. Outros que arquitetos dizem que são engenheiros, os engenheiros que são os arquitetos. Os advogados juram que são os juízes. E os juízes que são os juízes da supremos tribunais, os povos os reis e governantes tiranos, os sacerdotes dos cultos protestantes os sacerdotes dos cultos. Os ateus os sacerdotes de todos os cultistas, e os crentes os próprios ateus. E por aí vai... mas o poder supremo é de quem? Não é. Está. E está com aquele que dá a primeira e ultima palavra mesmo não sendo a lei da natureza, nem a sua verdade, a toma e convencendo os demais de que é a fonte ou seu intermediário, passa não só a ditar lei, mas a verdade, legislador, governante, juiz, juízo tribunal e as sentenças não só de vida e morte do médico, do sacerdote, do cientista, do analfabeto, ou do rei, mas ditar quem é quem, quem antes mesmo de ser julgado e sentenciado como não mais como sujeito igual em liberdade, mas objeto da autoridade de prejulgamento das ciência das suas verdades sejam elas de credos autoritários, e ele um desposta consciente, ilustrado ou esclarecido, ainda que psicopata, ou crente ensandecido pela sua própria doutrina e doutrinação, viciado e corrompido pelos ares do próprio ópio da suas relações de poder.

Há portanto 3 formas de lidar como a busca do conhecimento da verdade ou episteme Somente a abdicar a essa busca deixando a outros campos e formas de saber. Ou radicalizar esse concentração do saber, não apenas se desqualificando a sua busca, mas desqualificando a busca, e a própria existência desse campo e objetos como algo real ou existente como fenômeno, ou seja não-cientifico ou objeto de credo, mas como insanidade. Um erro brutal.

Primeiro porque ignora que a base da concepção da ciência está na fé da aquisição do conhecimento, ou justamente na pressuposição de que existem causas racionais, reais e verdadeiras que geram os fenômenos, que não se dão nem ao mero acaso nem a vontade de entidades ou sujeitos misticos-transcendentais. De modo que renunciar a tal pressuposto não torna a ciência mais exata, mas apenas mais vulnerável tanto a pressuposições e preconcepções inconscientes sem o menor fundamento, quanto aqueles que qualificam e desclassificam apelando ao mero acaso conforme interesses alheios a própria Ciência, o equivalente materialista-niilista ao coringa dos crentismo-criacionistas, o seu deus ou demiurgo a salvar seus fenômenos destituídos de anima ou movimento próprio e seu saber, mas pode chamar de episteme e sua lógica.

Segundo porque ao ignorar tal busca da verdade, a ciência como liberdade de pensamento racional não apenas perdeu-se do proposito que a constitui, mas tornou-se completamente vulnerável não só a própria ignorancia, mas a ditadura da ignorância que se impõe não só pela força bruta, mas pela manipulação das massas destituidas não só do saber da ciência dos fatos, mas da consciência de como se produzem tanto a ciência da produção dos fatos, não só como ciência, ou informação, mas como preconcepção destes enquanto fatos, incluso nessas massas os próprios cientistas que como meros especialistas de suas áreas, não raros são tão idiotas sobre quanto qualquer leigo e morrem como qualquer outro peixe nessa idiocracia pela boca, ou mais precisamente não só pelo que não entra nela pela mão que a alimenta, mas pelo que sai dela e chega aos ouvidos dos seus idiocratas.

E portanto terceiro, porque repetindo não há nada mais pretensioso e portanto mais necessário do que a consciência, isto é a busca da verdade, a busca pela episteme para além da mero estar ciente bem formado ou informado. Porque tudo o que importa, tudo o que não só tem valor, mas que dá e tira valor, tudo o que atribui significado não só ao que realmente importa, mas antes ao que é real e irreal, que dita o que verdadeiro e falso, está nesse campo de saber do que é essencial dentro ou além de tudo que é aparente, perecível ou efêmero. Um campo que pode ser tanto o dos crendices e preconcepções das falsidades e falsificações ideológicas e imagéticas conscientes ou não, ou da consciência da lógica da ciências dos fatos e logo dos padrões de autogeração e autodeterminação essenciais da realidade sensível. Pois é nesse plano consciente ou não desse campo da produção dos conceitos que tanto se desqualifica, ignora invisibiliza, marginaliza, perverte, nega e renega o que deveria ser obvio evidente, impossibilita o possível, e insensibiliza e desfaz tudo que é natural e real, ao mesmo tempo que preconcebe, inventa, credita, fideliza, encena, encena, espetacularia e iludibria, manipula e enfim concretiza tudo que nem sequer existe e impõe se como única realidade supostamente possível a monstruosidade que nem deveria ser aventada, não está na mera observação ou verificação ou previsão determinista da lógica dos fenômenos, mas na lógica que confere sentido e significado as coisas e suas ideias.

Faço questão de repetir: não há nada mais pretensioso e fundamental do que do que a busca da (cons)ciência da verdade. Porque é no cosmos da episteme que as entidades elementares

e leis universais que formam os átomos, campos e forças fundamentais que compõe as ideias basilares das coisas que são bases a concepção de todas as outras coisas, sejam elas crendices, fés, opiniões ou ciências ou pseudo-ciencia, ensinamentos motivados por buscas sinceras da verdade em respeito e exercício da liberdade de credo e razão ou manipulações descaradas da boa-fé alheia justamente serviço do proposito a libertação do saber: doutrinação e amestramento ao poder da autoridade.

É na ciência e consciência da episteme através da olhos da semiótica que lhe servem ao mesmo tempo de telescópio e microscópio que podemos inteligir esses mundo de forças, movimentos e relações invisíveis ao olho nu, e que compõe já de forma inerente a sua definição o sentido existencial das coisas, ou mais precisamente como ente define o ser o fenômeno observado como objeto em função simultânea à sua própria existência e função existencial. Ou seja como ele define não só o que é real, irreal, o que falso, verdadeiro, mas existe, e não existe, mas o que é, e não é ele. Ou por extensão o que é seu, e não é. O que é bom ou mau, são ou insano, e em generalização o que bem e mal. Algo que antes de ser objeto da ética, ou de guia do comportamento desta ou daquele saber ou profissão. Ou mesmo da moral como um saber em geral. É uma conceituação que emerge não de investigações racionais e empíricas, mas desse senso e noção do que se supõe verdadeiro e real, ou falso e irreal a respeito da natureza e do saber, e portanto como juízo e juiz tanto da própria verdade quanto sanidade da visão do mundo.

Parte 3: Olhai os lírios do campo

Maior loucura portanto do que presumir entidades imaginárias sobrenaturais, ou mesmo apostar na desesplicação da pressuposição no mero acaso, coincidências e aleatoriedade como fator determinante ou solução adhoc para salvar o determinismo, é ignorar e renegar como crente fanático a episteme e sua busca, deixando a proprioconcepção da verdade dos fatos, eventos e essencial da realidade sensível aos obscurantismo dos canalhas que não são só solidariamente insensíveis a realidade dos seres e fenômenos dotados de sensibilidade mas estão cagando e andando se eles são ou não dotados de qualquer anima ou essência, se existe ou não um padrão que gera a vida e liberdade, ou qualquer verdade, ciência ou consciência, porque a unica verdade, ciência que existe para ele é aquele que seu ego dita e manipula e impõe como vontade de poder, e porque o único o fato que lhe interessa é do phatos da sua psique, o psico-phatos a realidade desse psicopata que não está mais desconectado só da realidade dos seres sensíveis, mas da sua essência, não dá a mínima para a vida, liberdade, natureza ou seu sentido existencial, conhecimento ou verdade, salvo se servirem a satisfação das suas taras, fantasias e manias compulsivas-possessivas de poder.

Um mal da psique. Porém não só o mal daquele que alucina vivendo em bolhas ou negação do outro, ou da realidade, mas o mal também daquele que autoritária e violentamente sai do seu mundo de fantasia para impo-la a força de violência bruta ou manipulação contra a vida, liberdade e vontade dos demais, agora como pesadelo acordado, sofrimento e realidade desnaturada e artificial. Um pesadelo que pode ser eventual e circunstancial, mas que se banalizado como hábito, normalizado por uso, costumes, como rito, disseminado como culto, transmitido como cultura, institucionalizado como estado, imposto como lei, e finalmente tomado por todos como única realidade conhecida desde o nascimento até a morte se torna a própria realidade artificial concreta e insensível, ou distopia.

Distopia propositadamente confundida e contrabandeada como progresso civilizacional, quando em verdade é o oposto: progresso dos domínios e dominação via domesticação dos alienados, a base fanática insana e alucinada do reino e governo dos idiotas pelos idiotas através da perversão antropofágica e necrófila da natureza e suas pulsões vitais livres, empáticas e gregárias pela banalização, normalização, normatização e institucionalização da mania possessiva compulsiva de morte tanto como: (a) império da lei e da ordem e monopólio da violência sobre o bem comum o corpo e Estado artificial de hierarquização teratológica da imbecilização, brutalização e desumanização do homem pelo homem quanto (b) a própria cultura sacrificial escravagista e genocida de idolatria e holocausto da vida e liberdade em nome do poder total e egolatria dos todos poderosos feito a imagem e semelhança dos predadores-parasitas que ditam e objetificam as ideias do mundo e do alheio e dos fatos quanto a sua preconcepção das verdades, ou segundo a satisfação: a idiocracia.

A progressiva difusão do amestramento por idiotização servil, a base do governo espetacular dos idiotas pelos idiotas, a idiocracia, através da sistematização da egolatria psicopática com delírios de supremacia de fundo tanto histórico-materialista quanto mistico-transcendental taras e fantasias de perpetuidade memorial, monumental, eugenista, divinista que são fatores determinantes (e predeterministas) para uma infinidade de males e misérias da humanidade tomadas como normais, mas que são sua normose e o mal teratológico e degenerativo da humanidade. Uma patologia que afeta não só a mente, a natureza, mas sua, tanto como episteme, ou busca da verdade dos fatos nas ciências da psique e da phisys como da lógica da própria episteme (auto)geradora dos fenômenos e consequentemente da busca dessa ciência ou simplesmente consciência, no método e objeto que ela se encontra: o ethos da realidade sensível que se concretiza pela práxis da ações-relações-transformações das próprias formas perecíveis em informação às novas e diversas formas complexas manifestas liberdade-gregárias autoorganizadas, ou simplesmente Vida.

Vida que emerge não ao acaso mas a partir da episteme que se continuamente se cria e recria e atualiza nas fomas que nasce para morrer para fazer informação a episteme da natureza autogeradora da rede da vida. Formas e padrões que assim a matéria não desaparecem ou aparecem do nado, ou ao acaso, ou retornam se razão para o principio como se não tivesse existido sem nenhum nexo ou sentido, mas que uma vez constituídos como novo padrão não só informativo, mas significativo, isto é de sentido ou lógica da episteme da constituição das formas se agrega a gênese atemporal desta potencia dos fenômenos sempre viva e original autocriativa do novo e atual como presente sempre transcendente e transexistente.

E mais louco que esse idiocrata só mesmo nós os idiotas que deixamos o campo da concepção de tudo que importa, o mundo da manipulação não só das mentes, mas dos corações abertos a seu desejos de não só de morte, mas de matar. Abertos não só como fé, ou ciência, mas como falta de fé na ciência como busca da verdade que de fato liberta: a consciência da Liberdade como episteme, tanto como como lógica da verdade dos conhecimento quanto razão da essência dos fenômenos, ou simplesmente o espirito das coisas, incluso o sentimento, a fé a razão, o entendimento e enfim a comunhão. De paz, por favor, porque de gente pregando guerra e discórdia para se perpetuar ou tomar o poder o mercado está cheio.

Porque novamente e agora como critica a própria pretensão desse escrito que portanto não deve ser jamais tomada como presunção de conhecimento, porque não o é. Não é verdade, mas sua busca: nada mais importante do que definir o que é bem e mal, o que é falso e verdadeiro, e o que é real e irreal. Assim quando proponho a dedução tanto da sanidade e insanidade e da definição do bem e do mal quanto da própria verdade e sua busca não apenas como conhecimento do saber, mas como conhecimento da própria verdade como realidade presente nos fenômenos sensíveis pelo exercício não só da observação mas da prática da capacidade empática como ato e relação e experiência solidaria os seres dotados da mesma essência que lhes dá anima sensibilidade, por oposição da sua degeneração e perversão do pulsões universais e elementares libertárias e gregárias como a compulsão de morte e poder psico-phatos pelos psico e estatopatas, o faço como é enquanto narrativa a manifestação da minha consciência que no papel não passa de um credo, que pode ser um mapa completamente falso ou verdadeiro de um campo que como ciência só pode ser tomado por aquele que chega ao mesmo lugar, e vendo com os olhos da sua proprioconcepção constitui não a mesma, mas a sua livre consciência.

Já o quanto esse senso e noção do real é de fato verdadeiro isso é que se descobre por um outro método imprescindível não só a ciência, mas a vida: acertos e erros e correções, soluções que não raro implica em começar tudo de novo, não exatamente do principio, e não exatamente da mesma forma, mas exatamente a partir do fim exatamente de nenhuma outra forma: senão aquela que “uma vez eliminado o que [antes era] impossível, o que restar [ou advir], não importa o quão improvável, deve ser a verdade” ainda que suas probabilidades fossem matematicamente nulas, ou em outras palavras um milagre. A diferença básica entre o inventar ficções e traze-las como a realidade encenação ou monstruosidades, ou transformar a natureza não como formas representações e estruturas teratológicas, mas como padrões lógicos informacionais essenciais que formam agora o nova episteme da sua atual formação.

Então fica a diga quando alguém disser para você que tem vai lhe dar uma verdade que liberta, é mentira. Nada disso liberta, nem salva, ninguém, são só sinais de aviso, muito deles falso pra cacete. Então aviso geral: a verdade que libertá, não é fé, nem ciência, é consciência. E essa meu amigo não se recebe nem de graça nem compra com mundos e fundos, mas só se chega doando e doando-se e de graça. Não não vale esperar recompensa de vida eterna, doando-se mesmo que a paga seja continuar sofrendo e se fudendo não só aqui e agora mas por toda a eternidade. Não é o produto de uma contabilidade que se recebe contabiliza, ou tenta transferir para ver se seu eu não morre ou sobrevive em algum lugar. Mas justamente o resultado da metamorfose da forma em informação, no que é efêmero e perecível, o que envelhece e perece, no que é sempre novo, vivo e atual a transformação em si, ou sua anima, não como anulação do sentido da história de vida, mas como transcendência do patrimônio material ao imaterial: o fato que não se apaga com o tempo ainda que ninguém mais o veja ou se lembre, uma verdade que portanto não se transfere como fardo monumental nem memorial hereditário entre gerações, mas como principio essencial a constituição da autodeterminação autogeração das novas formas mais complexas de existências não por acaso, agora criadas a partir desse legado para elas essencial a nada mais nada menos sua vida e liberdade. Já quanto sentido delas e destino delas, essa é uma verdade que pertence a elas determinar e é o que elas farão, conscientes ou não, querendo ou não, mesmo se vierem a renunciar ao governo da sua vontade, ou propriconcepção da verdade e consciência, porque quem assim o faz entrega sua sua liberdade a quem irá manipular até suas vontades, mas enquanto não estiver completamente morto nada pode impedir de reincidir a qualquer

momento a verdade que só lhe pertence enquanto é tempo: liberdade de pensamento, liberdade de manifestação, liberdade de consciência, liberdade de comunhão, liberdade de paz.

Liberdade como verdade. E verdade como vida em liberdade. E vida em liberdade como verdade. Vida livre de privações e carestias e expropriação e exploração imposições e coerções. Livre de violências e violações, livre de relações sem consenso, mantidas a força de ameaça da prisão, da fome, do abandono, da exclusão, marginalização e extermínio. Liberdade como libertação. Um bem que requer um porque e para quem e para quem, mesmo quando para todos sem discriminações nem apartheid. Liberdade e libertação dos males, misérias insanidades, taras, compulsões e psicopatias do poder e autoritarismo. Liberdade como verdade, proprioconcepção, propriedade e usufruto do bem comum.

Liberdade como metis, ethos, psique e episteme gregárias e solidárias. Credo ciência e consciência libertárias.

Liberdade a verdade que liberta: a criadora e criativa: a da vida.

Algo como já dizia a tão abusada e pouco usada sabedoria da civilização ocidental cristã que não manda olhar para os templos de Salomão que em toda a glória da sua sabedoria jamais mas para a beleza de um simples lírio do campo que como pássaros não trabalha e nem fiam e ainda sim nunca lhes faltou o que necessitam. Ou pelo menos assim ainda o era até então. O que não nos impede de entender aqui e agora em palavras e gestos o que isso quer dizer: Olhai os lírios do campo.

Pulsão de Vida? Não, Compulsão de Morte

Da Evolução e Revolução do Logos no Cosmo da Psique e na Pisque do Cosmo, um caso de Epistemologia

medium.com

THANATOS: A PERVERSÃO DA PULSÃO DA VIDA COMO COMPULSÃO DA MORTE

Pulsão de Vida? Não, Compulsão de Morte

Da Evolução e Revolução do Logos no Cosmo da Psique e na Psique do Cosmo, um caso de Epistemologia

"Every age and generation must be as free to act for itself in all cases as the ages and generations which preceded it. The vanity of governing beyond the grave is the most ridiculous and insolent of all tyrannies."- Thomas Paine (de novo)

Introdução

Autosabotagem e autodestruição: Até Quando e porque estamos condenados a repetir os mesmos erros...

Redbone: Da metis de um ativismo humanitário ao ethos das consciências ecolibertárias

medium.com

Parte I

Todo esse escrito parte de uma distinção: A distinção entre o que é pulsão de vida, o instinto natural são e sadio; e o que é a pulsão de morte, ou mais precisamente, a compulsão de morte, mania patológica que emerge não por acaso, mas da perversão de pulsão vital. Assim, longe de considerar essa (com)pulsão de morte como um instinto natural, passei a considerar tanto o conjunto de comportamentos comumente associados à essa compulsão quanto a personalidade arquetipificada como psicopata, ambas, o produto do mesmo de um processo que nada tem de inato ou natural: a domesticação do homem pelo homem. Algo que parece um exagero retórico. Mas não é. Especialmente porque as técnicas podem ter sido evoluído e até mesmo se revolucionado como tecnologia, mas não se modificaram nem em princípio, nem em finalidade.

Sua visão e objetivos, objetos e funções ainda os mesmos, e ainda que o grau de tratamento tenha se modicado, dado a cada classe, gênero, e espécie devidamente descriminada de acordo com seu reino e gene não muda não na essência, não são sujeitos iguais, são objetos a disposição da observação, discriminação, classificação, contabilização, alienação, possessão e divisão, uso, e enfim descarte dos sujeitos. Coisas animadas até, mas ainda sim suas coisas que quanto menos identidade igual e particular como sujeito são tratadas e mais

massivamente são processadas mais sistemática e amplamente são reduzidas de recursos de vivos e com vida própria a recursos já sem vida própria até enfim completa e definitivamente mortos.

Domesticar um ser vivo, é treiná-lo para viver e morrer no seu lugar. Consumir suas forçar, energia tempo de vida , a sacrificar-se sua vida no lugar da sua, isto, se ainda estiver pela sua se vivo. Porque se morto, é convencer quem sobrevive e nascerá a continuar se sacrificando pela sua memória, legado ou herança ou obra. Enfim vencer e convencer gente. Primeiro pelo método primitivo ou clássico, que sempre tem que estar à mão para os que mais teimam em obedecer e satisfazer seus desejos: a violência. Depois percebendo que até isso dá muito trabalho, se gasta muito tempo, esforço e perde muitos recursos (gente), passando só a ameaça da violência, se você detêm a supremacia e o monopólio da violência então basta mostrar os dentes, a lógica da dissuasão, afinal, o medo não move montanhas, mas move gente para cavar por você; e enfim o ápice desta cultura, simplesmente o método ligeiramente mais avançado ou dito civilizado que prevalece por alguns milênios desde então: manipular e convencer as pessoas a fazer o que você quer sem que você precise sequer mais ameaçá-las, mas porque agora querem fazer isso, porque elas pensam que isso é o melhor para elas. E o que elas devem pensar que é o melhor para elas? Ora, elementar, fazer tudo o que você quer, manda, até mesmo sem você nem precisar sequer mandar ou pedir para provar o quanto são fiéis e adoram você, incluso matar e morrer. E se preciso não só estranhos que nunca lhe fizeram mal algum, mas os entes conhecidos mais próximos, não só vizinhos, mas até mesmo seus próprios pais, filhos ou irmãos, claro que como um mal necessário para um bem maior, mas ainda sim um mal que precisava ser feito como prova de que sua fidelidade e amor está acima de tudo de todos. Ou como diria o apóstolo nada menos que uma fidelidade canina, ou se preferir bovina. Domesticação para o abate, e para abater e ser abatido.

Logo não é nenhum exagero retórico, quando afirmo que esse processo é uma domesticação ou amestramento de gentes. E um amestramento de psicopatas para formas psicopatas, mas de duas categorias distantes, um o servo-idiota que mata e morre, como carne sacrificial seja na indústria ou no campo da guerra ou trabalho e o outro que como sacerdote desse culto ou cultura de holocausto é o senhor dessa idiocracia, o estatopata por que no seu caso o ritual de sacrifício é sempre do alheio. E se chamei-o psicopata mor ou de estatopata, o fiz apenas em clara alusão ao estadismo, pois o estadista não seja dos idiocratas o único, nem o Estadismo a única cultura que se vale da produção e reprodução da mania e compulsão de morte incluso como genocídio, etnocídio e ecocídio, para perpetuar seus insustentáveis domínios e potências não importa a que custo, ou o que é a mesma ao custo de tudo e todos para maximizar os ganhos da sua locupletação externalizar seus prejuízos da suas falências sistêmicas, transferindo assim ao próximo, no caso a próxima geração a queda inevitável que todo parasitismo e predação engendra a longo prazo a si mesma. O último estágio dessa cultura necrófila antropofágica: o materialismo niilista.

Aliás, descrito dessa forma, meramente didática, parece até que o problema se resolveria com mais violência como diriam alguns anarquistas da velha guarda: enforcando o último idiota nas tripas dos último idiocrata. Mas garanto que caso não tenham percebido é outra armadilha semântica, pois não soa como uma solução final tipicamente eugenista nazista, por mera coincidência, no final das contas cairíamos todos de novo na vala comum e não sobraria ninguém, salvo o último dos idiotas ou idiocrata, para enfim sem e efeito governar,

enforcar ou perdoar a si mesmo. Porque não há idiota que não sonhe com o trono de um idiocrata, nem idiocrata que, não sem seu trono, seja o primeiro dos idiotas. De modo que todo idiocrata uma vez despido da sua falsidade ideológica não é senão a prova empírica da idiotia por trás da idiocracia: a negação prática da sua própria narrativa e encenação representativa. E novamente tanto faz, porque os últimos serão os primeiros, e ninguém chega a esse trono senão pelo mérito não da fidelidade inocente, mas da falsa verdadeira arte da liderança e representação, traficar, mas não cheirar a droga que alucina, encenar mas não acreditar na encenação, a maestria na pusilanimidade.

Pois há 3 arquétipos de loucos e loucuras que constituem a base do assombro de civilização: os “doidos” que assombrados pelas loucuras alheias chegando até a ouvir seus comandos em sua cabeça. Os “espertos” que não são assombrados, mas inventam que o são para assombrar a vida alheia. E os “otários” que mesmo não ouvindo nada, acreditam nos que os assombram ou finge para ver se um dia também conseguem assombrar a vida alheia. Mas como disse tudo isso é uma mera bobagem ilustrativa, ou provocativa. Porque não há pessoa nesse mundo que dependendo da posição e momento não seja incluso simultaneamente um pouco de todos os tipos em diferentes relações ou papeis que atua na vida, desde que é claro tenha caído nem escapado da armadilha: isto não é um filme, não é teatro, nem encenação, signo nem representação. Não é imagem, não é animação, não é ilusão de movimento. É realidade. E real e realidade, porque embora tenhamos perdido a sensibilidade que constitui percepção, o senso, a noção, e enfim a inteligência e consciência, e estejamos presos no arcabouço do mundo mental da insensibilidade que o ignora ele permanece sendo o mundo real porque é o mundo real por definição o mundo sensível, o mundo dos entes que sentem e são sentidos, o mundo dos seres e fenômenos que longe se ser meros objetos e funções e abstrações mentais do sujeito pensante, são também sujeitos sensíveis do mundo, e que não raro também sentem e pensam.

Logo o mal não está no idiocrata, nem como sacerdote nem estatopata, assim como o da pobreza não está no pobre; nem o da ignorância, no ignorante, como disse as pessoas nem sua natureza nunca forma o problema, nem o mal, o mal não é, está nelas. De modo que troque as pessoas e o mal permanece. Não porque as pessoas sejam um mero produto do meio ou sistema ou condições de vida, sem vontade própria, livre vontade ou livre arbítrio, para sair dele ou melhor do que isso mudar ou transformar essa vida para si e os demais, mas porque esse mal que está dentro delas, essa doença não afeta só o meio ambiente que ela vive, seu comportamento, personalidade, sua forma de ver e tratar e se relacionar com o mundo e as outras pessoas ou até mesmo a sua própria identidade, esse mal afecciona a própria força de vontade, afeta a anima, mina a energia vital, consome e mata vocações e potenciais, enfim simplesmente ataca a essência do ente enquanto ser e não coisa, a vontade livre e própria.

Se o mal fosse ou estivesse presente só nesta ou naquelas formas ou formações seria fácil, mas o mal dessa doença é que esta não consome mas perverte potencial, a vontade e vocação da humanidade, está no padrão com o qual as formas e formações se produzem e reproduzem, está na mentalidade e não só na da psique individual e coletiva, mas na própria lógica que rege a formação das pisques, no logos da sua episteme, não como mero campo de estudo e manipulação, mas como o fenômeno epistemológico, que não tendo a humanidade tomada ciência nem consciência dele, ainda é objeto de especulações filosóficas, religiosas, qualificadas e desqualificadas como metafisicas, transcendentais ou sobrenaturais. E não

raro com toda a razão. Porque junto as investigações minimamente sérias e honestas este é um campo propicio a toda espécie de ficção, imaginação, desonestidade intelectual, charlatanismo, crendice, falsificação e ideológica. Então porque a persiste nele? Por duas razões muito simples advinda do próprio campo do pensamento científico, que em verdade são a mesma:

A mera simples negação através do uso coringa clássico dos céticos: o acaso, mutação e coincidências jamais conseguiu sanar o problema da proliferação de absurdos e bobagens, porque a demanda por sentido existencial permanece. E a demanda por sentido existencial permanece por uma razão muito simples que inclusive é usada e abusada nesses outros campos não propriamente da luz da fé na razão, por uma razão ainda mais simples e inerente a um ponto obscuro a uma falha gravíssima de consciência da ciência: o acaso a aleatoriedade e coincidência são apenas o deus dos ateus, a não-explicação, o não-sujeito, a não-causa, o não-sentido para quem não conseguiu encontrar uma. Diria que mais honesto, que o primeiro que inventa entidades para não confessar sua ignorância ou fracasso, se não preferisse por sua vez também pressupor pela mesma prepotência que se não descobrindo nada, é porque logo nada existe. Então não digo, porque honestidade intelectual mesmo nem atestar sua agnosia, mas a permanência do mistério pelo mesmo enquanto não houvesse nenhuma prova cabal da própria impossibilidade do desconhecimento.

Ademais se há uma coisa que sobre a história da ciência e do saber em geral ensina, e a reflexão sobre a própria razão desse logos aprende enquanto consciência sobre seu conhecimento e ciência, é que esse padrão de eventos que não emerge do nada, nem se repete ao acaso, só é outrora impossível que se faz agora possível, porque o horizonte de eventos do possível e impossível, são um produto da precisão, previsão de uma projeção de probabilidades determinadas pelos princípios e fundamentos dado por uma visão não só do mundo, mas do saber, de tal modo que a reformulação ou revolução em qualquer uma delas, ou ambas, altera não só uma a outra, mas o próprio horizonte não só possível, mas do cognoscível.

Por isso que se todo conhecimento incluso a ciência é feito de uma essência que não seja efêmera, esse algo não é sua história, mas sua historicidade. O logos da sua razão pelo qual as velhas formulações e formas mesmo quando ultrapassadas e caindo em desuso, mesmo quando suas delimitações dos eventos são quebradas por novos modelos e paradigmas, jamais deixam de ser bases, gênese ainda que como arcabouço a ser transposto é uma nova abrangência do saber, das possibilidades e liberdades que se abrem com esse saber e alcançada por tudo que é novo.

O novo que transforma o que antes era sobrenatural e paranormal, no normal e banal. Transforma o visível em invisível, assim como insensível em sensível do físico ao transcendental, da unidade simples a diversidade complexo e integrada em evolução, revolução e transformação tanto da forma quanto da informação incluso como saber. Isto é claro quando não perde seu nexo e conexão autogerador para novamente decair todo temeroso numa caixa de medos, crendices de um mundo de mitos cheios de precipícios e barreiras e impossibilidades intransponíveis à liberdade do pensamento, esse estado de espírito que antes de ser o da liber de um conhecer e reconhecer é o vazio do da frustração, amargura e vazio da sua perda que enseja sentimento e desejos opostos, desintegração tanto do mundo, quanto do ser em relação a este terminam em fantasias e manias, perversões e

compulsões de morte. Opostos a pulsão de vida, livre na sua buscar por um sentido existencial e transexistencial (verdadeiro) à realidade sensível. Pulsão que antes de ser um pensar, é um sentir o mundo real e real justamente porque sensível. (Um bordão que ainda vou repetir descaradamente muitas vezes ao longo do texto).

Assim, um pouco, só um pouco mais atento ao que é realidade sensível e o que é mera operação mental, o que é padrão, e a estrutura formada a partir dele, tanto como fenômeno físico quanto como construção mental, e logo tentando evitando confundir a universalização com a generalização, assim como as distinções com discriminações, podemos enxergar como em diversas instancias do que se pressupõe com normal já se engendra esse mal como se fosse a coisa mais natural do mundo. A ditadura do impossível, e privação das possibilidades materiais e imateriais como mal necessário não só como se fosse bem comum, mas como senso comum e crença metafísica e ciência do mundo físico. O mal patológico como ditadura em todos os planos e esferas da vida e suas relações lógicas, e suas estruturas e instituições concretas políticos, econômicos culturais, religiosas, e até mesmo no amago da pisque das pessoas que as constituem e as movem com seus sacrifícios e sustentam essas estruturas artificiais patológicas a partir da sua anima, passando por sua mentalidade, até institucionaliza-las como realidade insensível e câncer não só a natureza da physis, mas da sua episteme, literalmente desintegrando-se como um (novo) padrão dela.

Um mal doentio e perverso que se observa não em todas as instâncias da produção e reprodução da vida civilizada, mas especificamente e tão mais perigosamente a vida naquelas instituições e relações de poder que precisam cultivar essa cultura maníaco compulsiva de morte para prevalecer e se perpetuar parasitariamente e predatoriamente dentro da própria humanidade e processo civilizatório. Um comportamento e personalidade insana e doente que emerge não só como efeito colateral, mas como consequência diretamente provocada pela manipulação das pulsões vitais através do advento de um forma de pensamento ou mentalidade, de ver, sentir, pensar, tratar, agir, reagir se relacionar, e transformar a si mesmo e ao mundo não só nociva e fatal a natureza do individuo, coletividade, mas a própria natureza em si.

Uma mentalidade não só insustentável, mas em todos sentidos insana de (des)humanização e (des)civilização que como explicarei mais adiante se tivesse de fato sido a primeira, a origem do homem, como reza o mito, não teríamos saído das cavernas e já teríamos nos extinguido a muito tempo acometidos desse mal.

Uma mentalidade portanto não só insana e doente, mas perversa, pervertida e doentia, cujo arquétipo, o estatopata busca reduzir a vida todo ser tomado por alheio a mero objeto de satisfação dos seus desejos de posse e poder. Vida portanto assim reduzida a mera hospedeira, vítima e presa deste psicopata ególatra maniaca compulsiva por imortalidade tanto genética, histórica quanto metafísica, onde o universo é passa a ser visto como se fosse piramide não só hierárquica mas de consumo de seres reduzidos a recursos, onde o topo da cadeia alimentar pertence ao arquétipo do predador-parasita. Aquele que na vida se faz antropófago, para na morte se constituir assombração necrófaga. Que evidente só existe na memória e privações dos atormentados, seja através de artifícios aparelhos e maquinações incluso as clássicas feitas de por igrejas estados, e seus fieis e burocratas, mas neste sentido existem. Não “sobrevivem”, nem se locupletam mais, mas continuam a atormentar através no corpo artificial da corporação das pessoas jurídicas estatais privadas e religiosas a sugar a

vida e exigir os mesmo tributos, culto, idolatria, trabalho, reverência, servidão sua persona e personalidade autoritária agora em memória e monumento a seu legado, que não feito de seus sacrifícios, nem é propriamente uma herança, mas literalmente uma maldição, já que continua a exigir que os outros continuam a se sacrificar como alienados para sustentar seus desejos- e com um detalhe mórbido e insano: desejos que nem sequer existem mais, por que o mostro já era.

Mas mostro que é mostro não morre virá filme de terror, seja múmia e obra farônica de quem se acha deus encarnado na terra; vampiro se land e warlord, ou Fransktein mesmo se a ficção for científica. Porém o que nunca faltam, é claro, são zumbis e mortos-vivos para defender o reino do seu mestre. Vida material morta e podre que não quer morrer nem ser enterrada, necrofilia a assombrar e consumir em pura antropofagia novas vidas em holocausto, tanto no sentido do fim de tudo e todos, ou do mundo, quando no sentido da mitologia necromancial de sacrificio de uma vida alheia para salvar ou dar vida ao que não tem mais vitalidade, nunca teve ou perdeu a sua. Uma Funciona? Só para genocidar gente e atormentar gente. A múmia de nenhum piscopata genocida nunca levantou nem voltou.

Porém com ou sem múmias ou monumentos, o pesadelo e medo inconsciente, desses mitos e crenças são tão quanto o é esse doença já tomada por normal como culto que aflige e aterroriza o mundo sensível tanto da pisque como compulsão maniaca e alucinada e psicopatica de morte quanto da cultura que o replica incluso como usos e costumes impostos, é claro, pelo subsdidio da outra face digamos mais primitiva e concreta desse mesmo culto compulsivo e compulsorio, o monopólio da força de fato, ou da violência “legitimada” pelas múmias e seus donos dos seus templos: os estatopatas.

Assim quando falo de zumbis, mortos-vivos, fantasmas e assombrações, utilizo uma metáfora, mas não para falar de um mundo sobrenatural, mas de um mundo de pulsões gregárias tornado invisível e metáfico e habilidades empáticas praticamente tomadas como paranormais; enquanto que por outro lado, a estupidez e idiotia e mostruosidade sobretudo a genocidade e assassina é elevada não só ao grau do credo sagrado para governar as pessoas e sociedades, mas da ciência do mundo e das pessoas, e até mesmo da ciência necessária para a própria ciência! a elegia a idiotia e insensibilidade desentimento, discórdia, cegueira, ignorância, e apologia a pressuposição da ausência de fé na razão como se fosse a razão da fé, e ausência razão na fé como se fosse a fé na razão. Ou simplesmente o mal da idiotia e perversidade do conhecimento como poder, e o poder como ignorancia perversa e egolatra que se autoreverencia matando a vida e liberdade, incluso a sua fantasia ideológica de poder que vai a reboque junto.

Descrevo portanto assombração e maldição como de fato elas são: eventos que mesmo depois de findos como corpo e matéria continuam a fazer sombra e mal; continuar a foder, matar e sugar a vida alheia para preservar o que sua mente doentia julga agora ser o mal dito como representação do bem comum mundano ou eterno do além, seu falso legado, e herança. Porque tarado que é tarado nunca é cavalo de obra nenhuma, mas toda obra é cavalo da suas taras. Não é nem deixa nem muito menos se defaz para para fazer legados para que outros o usufruam. Possessor que é possessor, qunado não manda enterrar tudo que julga seu junto com ele, no seu túmulo, tenta enfiar de novo a adoração sem limites do eu na vida do coitado que ainda sequer nasceu para ele carregá-la como fardo.

Por isso, esse doente até quando se vende como legado ou sua obra, o faz sempre com contrapartidas, o faz como monumento para que os outros carreguem em homenagem a ele, ou pior como exatamente o mesmo sacrificio e obediencia total a seus desejos e taras doentios que não raro resultam em morte, doença e exterminio das vitimas e alienados. Mesmo quando esse doente não vende esse culto explicita ou diretamente como o da sua persona mas o faz como se fosse a uma entidade ou "bem maior", ainda sim jamais o faz na condição do servo e fiel alienado, porque diferente deles esse ente não é feito a imagem e semelhença dos escravos, mas do senhor todo poderoso que não dá nada, não é inferior, mas supremo, não obedece nem se sacrifica, mas é superior e demanda sacrificios e obediencia.

Em outras palavras, quando esse eterno cagão e covarde, parasita, percebe enfim que ninguém é eterno, de tirano mundano se faz transcendental, se faz isso para explorar o medo alheio ou porque realmente insandeceu, e acha mesmo que agora vai viver gozando sadicamente para sempre, pouco importa, ao menos, para os que sofrem e sofrerão as consequencias desta loucura. O importante é muita gente cairá nesse piramide metáfica, e vai morrer e matar uns outros inclusive depois em nome dessa perversão mania compulsiva que ele incorpora e adquire tanto por medo de morrer quando desejo de viver para sempre de forma desnaturada, como ego. E não mais natural como o ser que nasce, cresce, amadurece, reproduz e morre, porém deixando sim um legado natural, que não é a forma, ou memória, ou históricidade, nem código, mas a essencia atemporal da sua historicidade: informação que gera não só novas formas de vida, mas é o própria lógica da episteme da vida, sua alma, não como mera trasformação da existência, mas transcendência da essência como transexistencia, ou simplesmente o novo como manifestação da Liberdade. Vida como Liberdade e liberdade como vida, atemporal e sempre presente.

E tem gente ainda que muita esperta ou burra quando vende ou cai em pirâmides financeiras. Ou pior que descobriu o mundo quando enfim consegue vê-las. Longe de querer saber porque os homens tomam as coisas por suas propriedades, quero saber porque os homens perdem as sensibilidades das coisas e para tomar confundir a si mesmo a si mesmo até mesmo ideia de uma coisa. E já não conseguir nem mais resolver o paradoxo do navio de perseu. E nem saber mais se o navio de Teseu é ele mesmo ou dele mesmo ou já é e pertence ao Carniceiro.

Um navio onde as partes vão sendo substituídas até que nenhum material original esteja mais na composição atual do navio presente, mas apenas o desenho do seu projeto, ou seja o seu padrão ou forma sejam ainda idênticos ao original. De tal modo que já não se sabe mais se o navio neste estado atual é ainda o mesmo navio de antes ou não seria já um outro? E só para complicar ainda há um outro navio, que vai recolhendo as peças descartadas do navio de Teseu, o Carniceiro, de tal modo que quando os dois navios aportam de volta não existem apenas um navio, mas dois, um o Carniceiro feito das peças originais do navio de Teseu e absolutamente idêntico a este, e outro antigo navio de Teseu, que já não se parece, nem é feito mais das suas partes. De modo que a pergunta agora não apenas só se o navio de Teseu é mesmo navio, mas se agora não é o Carniceiro o verdadeiro navio de Teseu.

Um navio onde as partes vão sendo substituídas até que nenhum material original esteja mais na composição atual do navio presente, mas apenas o desenho do seu projeto, ou seja o seu padrão ou forma sejam ainda idênticos ao original. De tal modo que já não se sabe mais se o navio neste estado atual é ainda o mesmo navio de antes ou não seria já um outro? E só

para complicar ainda há um outro navio, que vai recolhendo as peças descartadas do navio de Teseu, o Carniceiro, de tal modo que quando os dois naviam aportam de volta não existem apenas um navio, mas dois, um o Carniceiro feito das peças originais do navio de Teseu e absolutamente idêntico a este, e outro antigo navio de Teseu, que já não se parece, nem é feito mais das suas partes. De modo que a pergunta agora não apenas só se o navio de Teseu é mesmo navio, mas se agora não é o Carniceiro o verdadeiro navio de Teseu.

Paradoxo nenhum talvez respondesse Kafka, bem mais atento e sensível a essência dos seres suas necessidades carências carestias e claro as metamorfomoses, incluso as mórbidas, conformobidantes, teratólogicas e necrosantes da alma, não como mera estrutura neuroplastica ou psicoformacional mas metamorfose do campo epistemológico do tempo e espaço onde dos movimentos e relação entre os seres emergem não só essas estruturas, mas antes delas os padrões que as formas e deformam seja como delírio final de uma sensibilidade vulnerável, seja já como como o psico-phatos de uma normalidade de uma realidade insensível.

Pois é. A domesticação de gente mata. É uma prática que se tornou parte dos ritos e costumes, parte da cultura e processo civilizacional. Mas não passa de vicio, que mata e mas deixa sérias deformidades teratológicas não só na psique não não só das vítimas, mas de todos envolvidos no processo e no próprio sistema em si, porque seus males não se reproduzem através das formas e estruturas de forma aleatória, mas sim como padrão que lógico já não mais natural, mas pervertido e doente que tanto a om mundo interior quanto exterior, o particular quanto individual, simultaneamente e retroalimentadamente, deformando o mundo psíquico particular e coletivo assim como o meio ambientas e social a sua lógica.

E quando descrevo domesticação de gentes não me refiro apenas a exploração alienada do trabalho, embora ela seja de longe o seu uso mais abrangente e intensivo. A domesticação de gentes, longe de ser um simples processo de transformação de outro em mercadoria, recurso ou objeto, um processo de transformação do outro em propriedades é um processo de mais complexo do aquele mediado pelo puro e simples prerrogativa monopólio da violência. Até porque o puro e simples arrogância do monopólio da violência na prática não existe. O que existe de fato, é o monopólio sobre gentes e territórios, domínios sobre pessoas seus meios vitais e ambientais, através de ameaças de privações carestias, e privações que se concretizam como violações e violência de fato, incluso como carências e carestias e medos e traumas que aterrorizam, a paralisam ou movem os assim dominados e enfim domesticados pelo terror sistematizado como poder a executar as vontades alheias. Um processo onde de ficar restrito as condições de vida é introjetado como condicionamento mental de como a vida deve ser vista, vivida e tratada, não só a alheia mas a própria.

Uma técnica de domesticação que vai muito além da manipulação dos comportamentos pelo cerceamento das oportunidades e possibilidades, mas que se fixa em ambos os planos, confirmando a impotência e subserviência, tanto no mundo que se vê e sente, quanto naquele que é visto e sentido dentro do próprio ser. Se introjeta, portanto, na psique não só via privações, violações, carestias, mas via traumas infringidos que condicionam estímulos e respostas e alteram toda a plasticidade e arquitetura das suas conexões, substituindo vontades e desejos por outros vontades não só estranhos a natureza do ser, mas

completamente alheios e até mesmo contrário a suas necessidades, fisiológicas e psicológicas mais básicas, como instâncias superiores não só as vontade mas a própria consciência. Provocando sérias deformações da personalidade e comportamento, que já não encontra mais força para se mover de acordo não só com seus desejos, mas sequer com uma força de vontade própria capaz de ordená-lo. Mas sim agora somente através de toda uma ordem de condicionamentos e reforços positivos e negativos, que atuam como se fossem não só a própria vontade ou desejo (id) mas a consciência desse ego (superego). Muito embora nem um nem outro sejam nem estados naturais nem instintivos, mas ambos configurados. por toda uma programação e estrutura, cuja finalidade é justamente oposta: obter desse individuo nas duas pontas na entrada e saída do processo, tanto como motivação quanto resposta, tanto a aparentemente consciente, quanto a supostamente instintiva, reflexos inconscientes alienados a interesses alheios. Amestramento para seres dotados de um mair grau de consciência, e portanto livre vontade e resistência a violência e violação bruta e primitiva, ou seja gente, mas ainda sim adestramento e amestramento, de um ser que tendo uma anima, uma vida, que morrendo, sofrendo, pode ser ensandecido de forma controlada. A base da domesticação, a arte de usar a tortura para manipular o enlouquecimento de um ser e manipulá-lo de acordo com a regulação da sua insanidade.

O que não é preciso nem dizer que causa seríssimas deformidades no coitado manipulado. Mas também ainda mais graves no manipulador que perde a principal característica não só humana e humanizadora, mas universal de todo ser vivente e quiça de evolução do cosmo, a sua potencia libertária-gregária enquanto capacidade empático-solidária, isto é, não só de ler o sofrimento, porque isso ele sabe bem, mas de senti-lo como de fato é de modo a se importar com ele. Logo provoca não só sérias deformidades mórbidas na na sensibilidade e percepção do alienador, mas evidentemente perigosíssimas a todos que estão a sua volta. Porque não conta mais com empatia e instintos gregários destruídos nesse processo nem evidentemente com nenhum superego suficientemente forte para conter sua violência e desejo de posse e poder. Muito pelo contrário tem ele agora esse egomania completamente fora de controle, e exponenciada de forma complementarmente perversa justamente pela possibilidade de exploração da vida alheia em cada pessoa sujeitada a ele como extensão das suas vontades e comandos, pela introjeção desse superego. Uma vulnerabilidade que ele psicopata não possui, mas pelo contrário explora como backdoor para ser o que é um vírus ególatra, que como cavalo-de-troia inteligentemente disfarce sua programação como bem ao coitado. Porém, nunca é ele a carne sacrificial deste banquete, mas sempre o sacerdote a devorá-las em nome dele.

Um mal que é produto tanto dos seus efeitos colaterais quanto diretos desse processo de aculturação, ou “educação” enquanto introjeção de superegos. Uma falha inerente e inconsequente do processo de condiciamento civilizatório ou domesticação do homem pelo homem que produz a perversão patológica do instinto gregário de preservação da vida e toda a complexa sensibilidade associada, a empatia. Ou seja, não propriamente como instinto pulsão natural mas uma como perversão ou mania a compulsão de morte, que deveria portanto ser devidamente associada com as tendencias e comportamentos gerados por todo tipo de tara e maniacos, incluso os perigosos sobretudo quando em posição e relação de poder.

E poder não só socialmente aceito, mas o legalmente licenciado e imposto pela mesma normalização da cultura de violência e violação narcisistas e egoísta, mas a ególatra e eu-

genistas, que já tem projeta os desejos de propriedade do seu eu para além da sua forma atual, mas já no controle da predefinição tanto da gene biológica quanto histórica dos outros seres voltadas para seu ego. Homicidades, genocidas, tanto omissivos quanto os proátivos, gentrificadores, higienistas, eugenista, nazifascistas, stalinistóides, enfim estatopatas em geral, incluso os paraestatais, isto é, os escondidos em pessoas jurídicas de direito privado regidas e subsidiadas pela mesma cultura de morte e violência e violação sistemática da vida e liberdade como egolatria e locupletação. Logo Especialmente os mais bem posicionados e licenciados e celebrados, cultuados e idolatrados em vida e depois da morte por suas conquistas erguidas nada mais nada das pilhas de holocausto de carne, dores e vidas, incluso humanas.

Uma distinção entre o que é o instinto de preservação gregário que leva a pessoa a sacrificar altruisticamente sua própria vida, por outra(s) vida(s) as quais está por natureza empática ligado, e a perversão onde o doente passa compulsivamente a exterminar todas as vidas evidente não para preservar sua própria existia vida, mas por compulsão assassina. Sacrificando em holocausto toda a vida, incluso a sua, a essa filia pervertida dos instintos gregários completamente alienados a uma ideia, causa, entidade imaginária, enfim objeto ideológico de sua adoração, idolatria, amor doentio contra todo seu instinto de preservação não só individual mas gregário, contra todos seus sentimentos de amor próprio e aos semelhantes. Um verdadeiro vírus psicológico e cultural que como um superego destrói não só a consciência do individuo, mas interrompe a sua conexão como toda a rede da vida e seus semelhantes, formando um câncer a parte, um simbionte, uma egrégora que enquanto inconsciência coletiva tem nele nada mais que o terminal burro e inconsciente de outra rede completamente apartada que se comporta como massa desprovida de sua própria força vontade e autodeterminação que assim desgovernada está sempre a espera de impulsos e estímulos externos que comandem sua vontade visão e concepção e destino como autoridade determinista.

O efeito colateral de um processo de domesticação do homem pelo homem que saiu do controle e que está destruindo não só sua humanidade, mas seu mundo e sua natureza empática e consciente. Em suma tudo que enquanto busca e realização nos fez seres humanos, e humanidade, tanto em essência em particular quanto coletividade, que como ethos, e prática são e precisam ser a mesma coisa. Chamei e esta condição teratológica de exploração sistematizada baseada na degeneração psicopatológica tanto de quem a insensivelmente violenta quanto de quem é sensivelmente brutalizado, ainda que negue ou seja renegado ou mesmo idolatre seus violadores de idiocracia e estatopatia tanto como provocação quanto constatação de um cultura institucionalizado como ritual e culto não só de normalização mas de monopolização da violência e violação, mas antes de tudo de apologia e idolatria sado-mazoquista dos todo poderosos e sua corporações e personas maquinações, máquinas e personificações artificiais, jurídicas, imaginárias, materiais, imateriais, históricos e transcendentais, ou seja que não cessa quando o psicopata egocêntrico morre, porque ele introjeta sua compulsão como superego na(s) vítima(s), que uma vez trocando de papel, de frustados para frustradores passam a reproduzir a compulsão como cultura.

Salvo é claro os coitados que morrem em holocausto como coitados sem ter chance de se tornar nada nem de bom nem de mau, ao menos não nesse espaço e no tempo da sua existência interrompida por um tara e mania que não importa que não se ectoplasme como

um fantasma sobre a humanidade, porque enquanto assombre a humanidade, será sempre empiricamente por definição das suas consequências uma assombração possessiva e possessora, um mal doentio transferido através das inconsciências não só como maldição, ou herança maldita, mas como a maldade por literalmente por excelência. Literalmente o código e padrão do mal que se transmite e replica entre gerações como comportamento parasitário e do hospedeiro ensinado e apreendido a ferro e fogo de cruzes e espadas. Um padrão baseado em violação e tortura onde o hospedeiro quando não é exterminado, não raro enlouquece ou se converte em na imitação replicante do predador-parasita tanto em vida quanto como ele das taras pós mortem. De modo a continuar a deixar seus males não só como lixo tóxicos, ou terras arrasadas, mas como estrutura que demanda a continuidade da mesma dinâmica para se sustentar reproduz e retransmitir como usos e costumes de relações de poder. As mesmas relações frustadoras, privadoras e pervertedoras das ligações fundamentais para a preservação mutualista do(s) organismo: as empáticas- tanto as neurais, que ocorrem no campo das conexões das ideias e visões do mundo), quanto as ambientais, que ocorrem no campo das relações de fato entre os entes e fenômenos, as pessoais, sociais, e natureza.

Uma compulsão que gera uma cultura psicopática de morte, de matar e morrer, de sacrifico e holocausto da própria carne como trabalho alienado e guerra em nome dos todos poderosos, um culto dogmático-fundamentalista ao poder total, não por acaso sempre em discórdia e conflito em suas prerrogativas e genealógicas e escatológicas totalitárias seculares ou metafisicas por perpetuação e expansão absoluta. Gerando uma complexo que se dissemina como uma síndrome: A síndrome de Cronos. A síndrome onde o organismo acometido desse complexo conforme vai envelhecendo e morrendo não só se recusa a seguir o curso natural da vida, por temor de envelhecer e morrer. Mas desejando a continuar a viver eternamente jovem, nem que seja só aparentemente, e ocupando o poder, não só se recusa a dar lugar ao novo, ou mesmo produzi-lo ou reproduzir-se como tal, mas se preciso for não só tomar para si tudo que não é seu, mas devorar tudo e todos a sua volta, toda a vida, não só preexistente ao seu redor, mas a nascente e até a que sequer nasceu, pais, filhos, irmãos. Parasitando e predando primeiro tudo que identifica como necessário para manter sua existência presente e atual, seu ego, corpo, poder e posses materiais. Depois evidentemente quando (ou se, nem todos) começa a perceber que nesse jogo será derrotado pela vida, desesperadamente passa a buscar um outro lugar onde possa preservar e conservar aquilo que identifica com a sobrevivência ou legado da sua existência, existência, seja ainda como ego, ou personificação ou projeção do mesmo como sentido, finalidade ou causa maior porém que ele se identifique consigo mesmo. Sempre portanto dentro do mesmo padrão, predatório e parasitário, isto é através do consumo da vida alheia agora como culto a memória, monumento, persona, histórica ou transcendental, enfim o que sua tara ou mania identifique como objeto para carregar nas costas seu sujeito existencial, novamente sem levar me consideração a vida valores e liberdade e vontades do outro, mas sempre e tão somente levando em consideração apenas e tão somente a satisfação das suas vontades. Ou seja novamente tomando os outros não como sujeitos detentores de vontades próprias, mas como objetos de seu mundo imaginário feito a imagem e semelhança da possessão das suas taras e manias, isto ele como o único ser dotado de volição no universo, os demais, aqui para servi-lo. Desprovido portanto da empatia e instinto gregário preservados a razão consciente para pensar em si como sujeito capaz de sacrifícios em vida ou morte para que sua geração ou a próxima possa viver em liberdade, mas novamente fantasiando e projetando a demanda de sacrifícios alheios até depois de morto, para que se preserve o corpo de suas posses, propriedades, heranças, nomes e legados, agora como uma maldição muito além do patriarcal e patrimonial, uma maldição e sentença capital como predestinação sobre seus filhos, sonhos

e futuro, não raro, prole que nunca tiveram ou escolheram abandonar ou entregar para a mesma sina. Uma fantasia que quando concretizada, deixa portanto de ser fantasia para ser o pesadelo e distopia alheia.

Não é portanto a toa que vivamos no mundo das imagens, discursos e representações; simplesmente como um viciado não só não conseguimos ser quem gostaríamos ser no mundo real porque estamos presos e acorrentados pela falta de tempo, trabalho, mas por uma prisão ainda pior, um inimigo que não mora no mundo exterior, mas dentro de nós, e que escondemos por que nos envergonhamos da nossa falta de vontade de ser quem gostaríamos de ser e já não encontramos mais força para ser. Não somos a pessoa que a criança sonhou ser e nem conseguimos olhar para ela, temos pernas e braços, eles não estão acorrentados, mas não se movem. Por quê? Porque só conseguimos nos mover empurrados por necessidades? Porque só conseguimos seguir em frente se há um prêmio? Porque já não paramos mais e nos perguntamos porque as coisas tem que ser assim ou assado? Onde foi que essa força motriz capaz de mudar todo o mundo morreu em nós? Quando paramos de nós importar? Será que existe mesmo um único ser vivo que nasce mesmo sem ser capaz de se importar ou sofrer com o sofrimento que o cerca? Quando? Quando foi que isso essa força elementar do universo quebrou-se? Quando ela se quebra? Seria você capaz de se lembrar de um momento? Ou dos n momentos em que envelhecendo você já não ia mais correndo para tudo que sonhava, mas já ia andando, cansado, querendo parar, preocupado se parecia um pouco mais velho ou mais feio? Será que os outros estão vendo quem eu sou?

E quantos amigos não perdi, não na só carestia da miséria das privações das coisas mais básicas, mas na carência dessa luz que vai sendo apagada por essa sombra e assombração por esses desejos e taras que mesmos mortos, sobrevivem incubados como amargura e frustração para se reproduzir nos amputados das sua livre vontade como vontade de agressão e repressão. Quanta gente miserável mesmo rica, vi cair se sabotar e destruir todas suas oportunidades, vi se esconder na ostentação de vitórias que desprezava apenas para se fugir do próprio reflexo e quem fora, no fundo desesperada por ter perdido algo que nem mais sabe ou lembra que ainda é. Um sentimento de estar vivo, do sol que brilha e se consome, sim se consome gerando vida para todos os lados. Brilha sem cobrar nada, entra sem cerimônia, sem precisar dizer que brilha, ou quem advogue por ele, quem negue, renegue, teorize, ou sintetize, porque querendo ou não simplesmente brilha...Não diz a que veio, ou para quem vai, se para este ou para aquele, simplesmente vem e vai... como toda a força daquilo que realmente é, porque se faz e desfaz. Um fenômeno, não uma mera ideia, fantasia, ou mito... Ato puro que se desfaz enquanto desfaz cria, não só como metáfora, mas como (uma das) fontes da autogerarão e criação vida.

E nisto está a loucura das loucuras porque até o gozo é imaginário, já que a insanidade da idolatria e satisfação das sua taras persiste, mas o gozo da sua perpetuação eterna não só é fantasia, como uma fantasia que ele já não pode mais gozar porque já era. Não consigo pensar em nada mais triste que isso, em um ser vivo tão atormentado por um trauma e terror que não só continua a executar o que o psicopata que o sequestrador violentada e torturada manda como ensina seus filhos a fazer a mesma coisa porque continua a aterrorizado a temer as ordens que permanecem dentro dele. Isto quando este terror já transforma ele mesmo na próprio mostro a transmitir essa mesma ordem e culto como ameaça, mandamento e coerção.

Não. Definitivamente não há nada de instintivo ou natural nisso, nem mesmo de acordado ou consensual. Como não há nada de natural ou instinto na compulsão homicida, genocidade e suicida adquirida por um ser humano depois de voltar para a vida familiar de um campo de batalha, incluso o da labuta, e começa a ouvir até ouvir vozes na sua cabeça que mandam: atacar e matar. Não, o nome disso não é instinto. O nome disso domesticação de gente, ou condicionamento animalesca para matar, mas pode chamar do trabalho sujo e pesado da civilização quando dá errado muito errado, ou simplesmente não está exatamente no lugar "certo" apontado para as pessoas "certas".

Como a 2ª Guerra Mundial transformou o treinamento militar para deixar os soldados 'menos humanos'

Depois da Segunda Guerra Mundial — que começou há exatos 80 anos e terminou em 1945, com um saldo de mais de 70 milhões…

www.bbc.com

Gostaria de explicar de como cheguei a essa hipótese, para tentar responder a questão que realmente me interessa: como escapar desse ciclo vicioso. Porque detectar o problema: a compulsão de morte, como instinto programado como subproduto civilizatório da domesticação do homem pelo homem nem é tão difícil. Difícil é achar a cura, se é que há uma, ou tempo hábil, para se livrar dessa doença que afeta a todos, uns mais outros menos, mas sim a todos. Porque falar em mais empatia, mais solidariedade, mais força de vontade, mais amor, menos ódio, tudo é muito fácil, o problema não é só superar as barreiras materiais ou a falta de condições, porque recursos e energia não faltam, principalmente se o objeto não for maximizar o consumo de tudo, mas sim um outra fonte de energia ou força ainda mais fundamental falta, quando não falha, ou se autosabota, a vontade. Queremos, sabemos e temos como fazer, mas não nos movemos. Pior, quase sempre nos movemos no sentido oposto, e como muito mais facilidade, mesmo quando não queremos. Resolver essa compulsão. É o que interessa. E como o primeiro passo para a cura é admitir que estamos doente. Para isso precisamos descobrir qual seria então esse estado de consciência naturalmente sã, o que não é tão simples quanto parece, já que a doença nesse caso é justamente a alucinação coletiva derivada de uma sensibilidade generalizada nada mais nada menos do que para o mundo sensível.

Parte II

Exatamente: The Essential REDBONE

Conforme expliquei na introdução deste escrito me apropriei da expressão "pulsão de morte", de uma forma diferente da sua acepção mais geral, a qual predomina a interpretação freudiana da visão da morte, suas pulsões e compulsões. Nesta visão interpretativa a pulsão de morte é "algo" natural, que pode ser tanto positivo quanto negativo à saúde da psique; pode gerar tanto comportamentos ditos são quanto patologicamente insanos. Bem, se Freud não sabia (ainda) exatamente o estava fazendo, de qualquer forma estava fazendo e bem- especialmente quanto posteriormente introduziria as estruturas do ego, superego. Na linha dos pensadores e pensamento racionalistas, assim como Darwin e outros, estava a criar todo um campo de investigação para chamar de seu; e não a toa ser chamado de pai desse (campo de) saber por seus seguidores. Freud assim como os outros pais fundadores não estava

simplesmente a propor novas ideias, mas a engendrar sistemas, mecânicos, inspirados no sucesso de Newton, na aplicação de um método relativamente “novo” de formulação e comprovação das idéias ou teses. Um método que combina o exercício da lógica (da matemática), com as experiências não só mentais, mas também práticas (ou físicas), o revolucionário método racionalista-empirista, ou simplesmente científico.

O tal método hoje chamado por fazer ciência é a grosso modo simples: generalizar seres e fenômenos complexos para reduzi-los em ideias mais simples elementares e formulações universais que explique e prevejam como esses seres e fenômenos são, se formam e se comportarão. Ou simplesmente, generalizar as coisas complicadas para reduzi-as em ideias simples, e das ideias simples razões, de preferência na forma de fórmulas e equações matemáticas, que expliquem, prevejam e claro permitam manipular menos maior universo de coisas em geral.

Manipular é um termo técnico. Poderíamos usar o termo transformar se não quisermos dar uma conotação pejorativa. Contudo manipular ou transformar são uma consequência da capacidade de método de aquisição do conhecimento através da proposição de princípios fundamentais e universais, porque o importante é que sua formulação seja possível ser demostrada, isto é, testada e eventualmente provados pela observação. Esta capacidade de dizer para onde e como os seres complexos irão e se comportarão, de efetuar previsão é o que gera por consequência suas aplicações como técnicas e tecnológicas. E faz da ciência uma forma bastante particular e bem sucedida de clarividência sobre o destino, porque não só permite prevê-lo, mas alterá-lo, uma predição de futuro capaz não só de modificá-lo mas de se autorealizar. Porque explicações de onde viemos e para onde vamos sempre existiram, e profetas de como as coisas são depois que elas aconteceram existem um em cada esquina desde que o mundo é mundo para consolar os que só procuram conforto para sua sina. Mas para o bem ou para o mal essa forma extremamente treinada de usar o olho da mente foi definitivamente uma revolução ao saber das coisas. E não é a toa que após seu advento não apenas a ideia e visão das coisas foi completamente modificada, mas como de fato como coisas viriam a ser. Um saber que mesmo quando imperfeito pela força da visões e suas vozes serve no mínimo alertar dos perigos que virão das suas ideias.

Entretanto voltemos ao processo de explicação e previsões dos seres e fenômenos complexos através da formulação de ideias simples e gerais capazes de se provar princípios elementares e universais. Como ideias, não importa se simples ou complexas, não se inventam do nada; mesmo as ideias mais elementares continuam a ser feitas dos mesmos elementos das complexas (até porque se não fossem não teriam o menor sentido), essas ideias ainda são feitas de padrões básicos, corpos, corpúsculos, partículas... ainda são lugares, espaços, planos, campos... ainda são ideias compostas de movimentos, ideias de tempo, formas, e geração, estruturas fundamentais, e claro forças (ou pulsões) elementares que movem esses conceitos fundamentais e são combinadas para explicar e prever o mundo, através do mesmo método: no caso a redução não dos seres mas das sua relações ou ligações a ideias simples, ou mais precisamente operações mentais elementares, as lógicas-matemáticas: igualdade, diferença, soma, subtração, multiplicação.

Todo o mundo, ou um mundo explicado e previsto na dinâmica e estrutura fundamentada de um sistema engendrado pelo mesmo método de generalização e redução, indução e dedução dos seres fenômenos e suas relações, em abstrações e constructo e operações mentais

formuladas justamente para explicar e prever o mundo como o simples conceito de princípios elementares e universais. Porém por vezes já não mais conceitos tão simples, já que os conceitos e fórmulas que perdem tendem a se multiplicar e tornar mais complexas para ganhar mais capacidade de precisão, previsão e manipulação. Pois independe das teses e suas contas o real continua a ser complexo e diverso, a revelia das generalizações e simplificações mentais.

De modo que antes da produção da ideia de uma unidade de qualquer coisa que se soma, subtrai, divide, multiplica, ou mesmo que é igual ou diferente de outra, há a produção das ideias dos seres e fenômenos como coisas e relações inerentemente qualitativas e quantitativas na sua concepção ou preconcepção. Qualidades que desqualificam e unidades que desunem e constituem em si e simultaneamente tanto do processo de abstração que produz a ideia do que é e não é a coisa e as propriedades ou falta delas que a definem a sua classe e unidade; quanto das relações preconcebidas já apartadas em espécie, gênero, número e grau que irão ser formuladas como conhecimento primeiro geral e simples depois racionalizado e contabilizado como princípios elementares e universais.

Antes da formulação de ideias simples ou complexas, antes das sua combinações, ou separações, antes de efetuar as operações lógicas sobre as coisas, as ideias que temos sobre as coisas, já foram operadas para formar suas entidades, categorias, propriedades, unidades e números, naquilo que concebemos não só como a ideia da coisa e suas relações, tanto qualitativas e quantitativas quanto num nível ainda mais elevado mas numa operação mental ainda mais fundamental à produção da pensamento e consequente das ideias: a própria ideia do sujeito pensante que é por si só das preconcepções a mais absolutamente imprescindível formulação das ideias a mais fundamental e subjacente. É das abstrações efetuadas pela mente aquela que produz a própria mente não como ideia de mente, mas a mente como uma coisa um fenômeno independente, que pensa. Isto é que abstrai os seres e fenômenos do mundo, a começar por si mesmo, para compor a ideia das coisas, como constructos e objetos da projeção da sua mente.

Uma ideia que antes de ser uma invenção do mundo das ideias ou imaginação ou pensamento do sujeito, isto é antes de ser uma ideia, é ao contrário um produto de uma capacidade e movimento inata a qual o completo cessar é a própria morte desse sujeito. Um processo que implica inerentemente na construção de um mundo mental, onde todos os seres incluso o próprio sujeito são projeções e abstrações mentais de um mundo sensível sobre o qual ele vai estabelecendo correspondências, projeções e reflexões construindo sua noção e concepção dos fenômenos a razão e proporção da percepção e sensibilidade, de acordo com a medida e sua ligação sensorial, sensível e empática com essa realidade percebida. E portanto percebida como real como ser e fenômeno e não meramente como coisa, ou ideia na exata medida do exercício das suas capacidades sencientes, inteligentes e conscientes, que moldam não só sua visão de mundo, mas sua capacidade de distinguir o que é um ser, o que é uma coisa, e o que é uma ideia. Correlações, operações e entidades mentais do mundo imaginário, e seres, fenômenos relações do mundo real e sensível, ou mais precisamente do mundo que é real, porque é sensível.

De modo que antes mesmo da formação de uma psique, e do conhecimento do eu que por consequência dessa capacidade de se abstrair do todo que conhece o mundo, há toda uma epistemе e sua lógica a constituir o próprio fenômeno não só da psique, mas da emergência

desses padrões e estruturas complexas dotadas da capacidade de conceber ideias e através delas modificar a si não só o mundo, mas os próprios padrões e estruturas complexas que o geram. Uma operação mental de discriminação e generalização que irá produzir antes da ciência, a consciência (ou na sua falta a inconsciência) dos sujeitos. Inclusive sobre seu próprio saber e conhecimento, também como ciência e em sentido mais amplo. Não só o do método científico, mas como sinônimo do que ele pretende ser e ainda não é: o conhecimento pleno que não se funda em crenças e preconcepções, mas na observação racional do mundo. Um estado mental que portanto é consciência, e não meramente a ciência. E como método não é estudo das coisas, mas do conhecimento das coisas, ou das formas, ou mais precisamente dos seus padrões informacionais tanto mentais quanto fenomenológicos. Metafísica em termos ultrapassados, Epistemologia num sentido novo e mais abrangente de cognição ampliada cada vez mais e por acaso graças aos avanços das ciências.

Uma epistemologia portanto que não se restringe ao campo da mente, da física, ou da metafísica, mas constitui-se em campo integrado de investigação onde se estuda os padrões lógicos do qual emergem simultaneamente os planos de conhecimento:

da projeções mentais sobre a mente, a ciência da pisque;

das projeções mentais sobre a realidade sensível, a ciência da física;

e os constructos mentais que correspondem a compreensão integrada ou consciência de ambas como uma só realidade ou mundo: os seres e fenômenos sensíveis, a realidade concreta. Que assim como os próprios padrões da episteme não é possível se observar nem pela sensibilidade nem inteligencia, mas tão somente se deduzir a partir da sensibilidade-inteligente (a consciência).

Logo se há necessidade de ampliar ainda mais a luz da ciência, que se dirá então das mais primitivas e estúpidas crendices há muito tempo empregadas só para violentar e idiocratizar os mais vulneráveis e famintos não só por conhecimento mas de solidariedade mesmo. Isto porque a razão mesmo em suas formas mais racionais, honesta e rigorosas, não consegue efetuar só com a transposição do entendimento do sujeito que toma os seres como meros objetos e coisas do mundo dos seus projetos e ideologias e pensamentos para o sujeitos que compreende os outros como seres iguais como sujeitos do mundo feito de bens comuns e não de seres e pessoas reduzidas a coisas e objetos de emprego ou estudo num mundo cheio de males incuráveis onde os males necessários administrados é claro como remédios amargos sempre no outro, e nunca no médico, que nunca cura a si mesmo.

A razão desprovida da sua percepção sensível e empática, assim como a própria estrutura fisiológica, a rede neural desconectada da rede da vida fechada em seu mundo de ideias, não importa os seus fundamentos, nem a complexidade da sua estrutura nada mais é do que um organismo doente e doentio, insano e ensandecido, acometido de um mal para si e o mundo: a perda da sensibilidade absolutamente necessária não só a sua inteligencia e ciência e preservação, mas a consciência e transciência e evolução, não só sua, mas da vida. Um ser

encerrado no arcabouço de sua própria pisque como se fossem fatos. E os fatos como se fossem a mera alucinação da sua psique.

Uma psicopatologia onde a formação natural do ego entra em metástase e vira um câncer e se transforma em egomania e egolatria pervertendo as pulsões ou forças elementares da vida, em compulsões maníacas de morte, predação e parasitismo incluso em tudo que essa mente delira ou projeta como seu ego ou propriedade dele como superego, não só sobre a psique individual, coletiva ou mundo alheio, presente ou futuro, mas ao conseguir concretizar tal fantasia, sobre a própria episteme do mundo como uma egrégora a assombrar, tiranizar e sugar a vida alheia. Não que o assombração exista, longe disso, o que existe de concreto é o mal que em suas consequências que não só persistem, mas se replicam e propagam como uma epidemia que tem alucinado e afetado já não mais só a sensibilidade e solidariedade e identidade de toda a humanidade, mas agora sua razão e noção do real e imaginário, do que é falso e verdadeiro, do que é vida e liberdade que realmente vivem, e o que são apenas sombras e representações e encenações de mortos, ficções ou seus impostores.

Dito isso, voltemos então a Freud, e seu tabuleiro de xadrez mental, onde a pulsão de morte, chamada de Thanatos, foi fazer companhia ao Eros, a pulsão de vida. Mais darwinista e materialista que isso impossível. Comer, foder e matar e depois descansar. Duas pulsões, uma atrativa, criativa e construtiva, outra repulsiva , destrutiva e preguiçosa. Ambas trabalhando para uma só finalidade: sobreviver a todo custo, biológica e materialmente. Manter o indivíduo, o corpo preservado por todos os meios necessários conforme as circunstancias, incluso consumindo e destruindo tudo e todos, e se adaptando e manter preservado não só a pessoa mas espécie, unindo-se e se reproduzindo nas horas vagas de ócio desse duro negócio: sobreviver.

Talvez, você pense, mas é exatamente assim, que sem hipocrisia a vida é, tanto a selvagem quanto em sociedade. E aqui, encontra-se toda a confusão. A confusão da vida como ela é, como a vida deveria ser, e como ela poderia vir ser ou melhor como de fato pode ser. Isto é, não como ele poderia ter sido e não foi, mas como toda a potência e as possibilidades e potência que ela sempre a ter e ser de fato. Algo que só conseguimos projetar para ela com um olhar da experiência mental, um recurso heurístico, fundamental a todo pensamento filosófico cientifico capaz de prover, o olhar para o impossível, ou mais precisamente para além da limitações das possibilidades atuais, um recurso que aproximação via progressões infinitas de amostragem de tempo e espaço o mais abrangente o quanto formos capazes de imaginar que portanto não tende só ideia de uma totalidade espaço temporal ou a ideia de uma vida eterna do objeto, mas atemporalidade e imaterialidade corpuscular do próprio observador. Duas potências puras, ou realidades impossíveis que resultam em nada (como o zero absoluto), mas cuja aproximação permite fazer observações (no caso mentais) sobre a existência que não podemos fazer na reflexão cotidiana.

Reflexões que nos permitem ver muitas coisas como por exemplo que há um sério problema na teoria da psique de Freud, aliás não só nela. Entre outras bem mais interessantes (pelo menos assim espero quando descrever mais a frente). Mas vamos seguir a linha de raciocínio. O problema. Lembre-se que uma teoria é feita a grosso modo de um sistema clássico (e até mesmo os contemporâneos) são feitos de entidades ou estruturas, matérias elementares- partículas, campos, ondas, átomos, classes, célula seja lá o que for- enfim

unidades elementares- que se formam e movem a razão ou relação lógica de forças fundamentais, padrões sensíveis que se observam por suas consequências no mundo material e sensível, e que portanto são a causa primeira por falta de possibilidade de observação empírica das suas causas, pelo menos dentro do campo de observação desse campo de estudo ou aparelho cognitivo. Afinal em ciência a unidade fundamental e inquebrantável da biologia nada mais é do um complexo orgânico bioquímico, assim como a unidade fundamental de um complexo químico os átomos, são para o físico, do que o produto da física nuclear, e assim por diante, até chegarmos na física que da ciência é a pica das galaxias, porque só ela mesma quebra seus limites pelo menos dentro da própria ciência. Então se não perdi mais um leitor (se é que tenho um) com mais essa explicação que pode parecer uma digressão desnecessária, o problema da teoria da vida da mental freudiana assim como da própria vida biológica darwiniana, ou de todas as cosmologias de fundo clássico e determinista, é que esses cosmos não se movem e seus seres não evoluem. Não há evolução nem revoluções, e entretanto no mundo real elas não param de acontecer! Como Einstein bem observou, correndo toda a sua maturidade atrás da sua constante cosmológico ele estava errado: o Universo não era poderia ser estático. E como então ele resolve esse pequeno problema da teoria? Einsten que abominava jogar dados, incluso nas suas teorias buscou, introduzir uma razão, isto é uma constante na sua formulação. Darwin apelou para a solução clássica: ou melhor para uma delas porque há duas. A primeira é inventar, é mandar Ockham pastar e inventar e por a culpa uma entidade para dar corda no relógio do seu universo, um deus para as coisas boas ou demiurgo ou capeta das coisas ruins. A segunda, tão tosca quanto a primeira, é simplesmente abandonar a busca das razões e simplesmente apelar para outra divindade, senhora de todos os sorteios e niilista, o coringa do mero acaso, as coincidências ou termos mais bonitos, mutações aleatórias. E pronto agora há evolução. E Funciona? Não. Mas já funciona melhor do que o que não se move.

O problema permanece, as forças fundamentais continuam a ser geradas e explicadas literalmente do nada e pelo nada, isto é, ou pela apelação a explicação via entidades imaginárias da crendice, ou pela apelação ao abandono da própria busca da razão, ou do pressuposto epistemológico necessário a própria ciência, a começar como fé na própria capacidade de explicação do pensamento científico: a busca por razão que constitui o conhecimento e que até como ausência de razões não se aplica como mera randomização de eventos, mas como interconexão complexa de fenômenos que não são indeterminados mas que se propagam de forma difusa não ao acaso, mas a razão da sua autodeterminação. O que todo determinista, seja criacionistas seja niilista, abomina.

Em outras palavras, o problema é que a esse movimento reduzido tanto a forças ou volições deterministas de atração e repulsão, preservação e reprodução seja do cosmos da psique ou do cosmo da própria bio ou physis não são sozinhas capaz de prever o movimentos de transformação de nenhum destes organismos nem do universo. E não o sendo, não explicam nem de onde ele nem onde nós viemos, nem para ele ou todos nós está indo, o que é mais importante ainda.

O fato é que o cosmos mental de um ser que só come, fode e dorme, não sairia das cavernas, e em verdade não deixaria de ser uma bactéria, um vírus, um predador, uma forma parasitária de vida, que ela em verdade não o é, não totalmente, não senão doente, porque se o fossem a vida não se formaria nem evoluiria. Em verdade nem do inorgânico surgiria o orgânico. E enfiar o acaso, a mutação no meio, é a mesma coisa que colocar uma tartaruga

para segurar nas costas uma terra plana, ou um epiciclo para salvar um sistema que já não consegue mais manter o homem como centro do universo, uma apelação grotesca para não dizer patética para salvar um paradigma egocêntrico e determinista que esgotou sua determinância e limites de visão do seu horizonte de eventos.

Os seres se movem. E o mais incrível é que se movem por padrões que não só emergem de sua própria autodeterminação da sua constituição. Mas que cujo padrão autodeterminante constituem não só sua força mas sua força constitui tanto sua forma, como estrutura em rede conexa e interconecta a própria estrutura e forças constituintes de todo o mundo. E mesmo quando se desconstituem para reconfigurar novamente outras forças e estruturas esse padrão epistemológico emerge não como efeito casual ou colateral, mas como o próprio padrão presente no código da formação dessas na atualidade dessa novas estruturas e formação quanto na natureza de todo processo dinâmico de transformação e formação estrutural. Em termos matemáticos a função existencial da episteme que realiza a correspondência entre a transição das formas e formações através da volição, evolução e revoluções, ou em termos da perspectiva não do ente dotado de anima autodeterminante comum e elementar mas destes enquanto meros observadores da viagem da informação à formação: movimento. Função, razão ou simplesmente em termos mais significativos à nossa sensibilidade e realidade: o sentido da nossa existência que não é predeterminado nem se finda nela mesma, na desconstituição das formas ou mera reprodução das mesmas, mas se constitui pela própria possibilidade de constituição desse sentido ou função como novas formas de existência mais complexas e diversas ou precisamente novas formas de vida. Uma função libertária, ou simplesmente Liberdade como principio fundamental de toda existência, e suas pulsões, forças e vontades, e sentido incluso da vida.

Mas o que é isso que estou descrevendo? O futuro ou próximo passo da ciência (se nossa compulsão a morte não nos matar primeiro ou devolver as sombras platônicas nas cavernas): Consciência.

A ciência determinista. ainda presa ao antigo paradigma epistemológico do Poder está as portas de descobrir a ciência da Liberdade e a epistemologia libertária, mas pode chamar de consciência. Estas prestes a descobrir que a vida não é um produto de padrões e combinações aleatórias, mas um produto de uma força vital ou padrão elementar constituinte de toda materialidade incluso a vida: a liberdade que por definição é autodeterminante da sua própria forma incluso aos olhos do observador, aquele que pretende possuí-la, detê-la e colocá-la mais uma vez para trabalhar em SEU CAMPO de CONHECIMENTO, mas que não pode fazê-lo não com a episteme, o fenômeno que que se manifesta em nenhum dos planos, não importa o quão macro ou micro, como átomo, força, movimento, forma ou mesmo código de informação, mas como padrão de formação lógica dos planos tanto da informação quanto das formas: o logos da liberdade. O objeto da fé das pessoas conscientes. Porque credo e fé todos tem uma. Há aqueles que só acreditam naquilo que sua vê. Outros que só acreditam no que concebem, e claro os que acreditam nos que outros vem ou concebem. E aqueles que acreditam na que a realidade sensível é real pela fé e fidelidade a sua própriaconcepção como liberdade de consciência.

Um estado que longe de ser o acreditar que o mundo é como se pensa, acredita ou mesmo tem é justamente o oposto, é tomar ciência que seu crença, pensamento e ciência é nada mais do que o espelho de uma realidade que estamos conectados antes da inteligência e

razão, pela senciência e sensibilidade, ou mais precisamente empatia. Sem ela. O ser humano pensa que está a ver o universo, mas sempre está a olhar a si mesmo, nas coisas, ou mais precisamente nas ideias das coisas que projeta como se fossem a própria realidade concreta, e não a mera representação abstrata já insensível. E no entanto a realidade sensível não é um produto da sua fantasia erótica nem tanática, mas a próprio mundo sensível dado a ele tanto por sensibilidade quanto pelas formas que se fazem significativamente sensíveis. Um dado, e não um advento, porque sem ele ou com a perda dele não se produz absolutamente nada, exceto insanidade e destruição com tanto mais potencia quanto a sabedoria, poder herdadas novamente não ao acaso.

Há uma força elementar inviabilizada, represada, contida, apagada, esmagada, escravizada, negada e renegada ao longo de toda essa história da humanidade, da Pisque e do Cosmos, em favor de Egos, Super-Egos, super-homens, na Terra, no Espaço, No Além: A liberdade. Uma anima, uma alma, um espirito uma força de vontade, permanentemente moída e queimada e dada em sacrifício e holocausto para alimentar esses monstros e monstruosidades para essa fantasia permaneça ou tente se perpetuar cristalizada ainda que isso seja humana, biológica, psicológica e fisicamente insustentável e impossível.

Mas deixemos o Freud descansar em paz. Não quero pegar ele para Cristo, ou anti-qualquer-coisa. Não quero bodes expiatórios. Até porque isso não é a escatologia de uma gêneses para um fim de nenhum mundo.

Reforçando o problema não é nem da especifico da teoria dele, com disse geral: o mero principio da preservação material das formas, seja por atração seja por repulsão, seja por composição de tudo a partir do nada, seja por decomposição de tudo em nada, a mera luta sobrevivência e reprodução das formas e padrões predeterminadas e preexistente não consegue explicar a multiplicidade e diversidade da existência, como não conseguindo compreende a natureza do movimento, seu sentido, ou razão nem como principio nem como finalidade, não consegue jamais antever nem causas anteriores nem as consequências de tudo aquilo que sendo autodeterminado aparenta ao pressupositor e impositor de predestinações como o impossível: a liberdade não como abstração, mas como padrão gerador constante e fonte elementar de todos os padrões de possibilidades constituintes tanto do universo conhecido, quanto da razão sejamos cientes ou não da própria incognoscível.

Porém se não é Freud que interessa, é o plano da pisque. Já que a a partir não dela como campo de estudo, mas dela como estado de consciência e inconsciência que se projeta todo o saber sobre o cosmos tanto da próprio universo dos fenômenos psíquicos quanto dos físicos no qual quem pensa irá eventual ou constante se perder achando que o lindo reflexo das suas ideias é o realidade, e não o seu reflexo da sua projeção da sua própria reflexão, mas pode chamar de grau consciência do mundo sensível dos fenômenos do qual a própria visão e o jogo de espelhos não está fora, mas dentro o que torna a realidade e alucinação ainda mais divertida, triste, perversa, mas ainda sim bela e divertida, dependendo não só perspectiva, mas novamente da sensibilidade do aparelho sensor e inteligente para não tomar como mera abstração de suas ideias o que é em verdade ser e não objeto do seu mundo imaginário, ainda que imposto como a dura vida ou morte de que lhe é ou está assim alheio e apartado da sua visão quanto relação do seu eu com o mundo. Uma visão e relação que compõe portanto não só do seu phatos da sua psique mas o estado completamente adulterado da sua

visão dos fatos e eventos do mundo, a alucinação o pisco-phatos, tanto como estado mental, quanto comportamento, ideologia, visão e narrativa de do ego, do outro e do mundo.

E aqui o relativista dirá mas como saber se sua visão de mundo não é subjetiva? Como saber se aquele que defende a vida e liberdade de todos não é que alucina e o outro que afirma que elas devem ser sacrificadas em nome do que ele prega como um credo ou razão maior não seja a verdade? Simples pelo ethos que expliquei na introdução: Se mata. Porque senão de fato a vida e liberdade que é relativa é na prática alheia, porque a do relativista continua no mesmo lugar absoluta, a subjetivar a vida dos outros como como objetivo de suas pretensões que continuam as mesmas. É aquela história doido que é doido que acha voa,não manda os outros pularem, pula. Ou mais precisamente quem arquetipicamente pula achando que voa é o surtado esquizofrênico, quem convence gente principalmente as extremamente vulnerável e sugestionáveis a pular, é psicopata mesmo e do tipo sádico. E se sonhar que era um sábio chinês que era uma borboleta, ou uma borboleta, ou um sábio chinês que era borboleta e tiver dúvidas de é um ou outro, vai por mim, não é sábio, nem muito menos borboleta, e como é testar estudar para virar sábio do tentar levantar voa para virar borboleta, fique com o primeiro vir a ser. Mas se for persistir no segundo um lembrete: não precisa pular de precipícios para sair voando se é claro você realmente souber voar. Uma dica.

E já que resolvi sacanear o relativismo. Embora esteja evidente, para não haver dúvidas faço questão de deixar ainda mais claro, bem sucintamente, que também não é no positivismo, realismo, nem pragmatismo que se encontra a solução do problema.

O realismo porque confunde constructos mentais e operações mentais que fazem a corresponderia modelação do real com a projeção da realidades sensível como reflexo do próprio real. Ou seja projeta ideais como se fossem a própria realidade, não só ignorando o que de fato é subjetivo, mas impondo novamente o que é imagético sobre o verdadeiro e objetivo.

O pragmatismo porque confunde a verdade com utilidade prática, quando os conceitos de utilidade estão epistemologicamente infestados novamente de preconceitos e discriminações que novamente passam de verdade útil para quem é o objeto do conhecimento e não o sujeito que define a verdade e de quebra a função de emprego útil ou dispensável da existência alheia.

Quanto ao positivismo a influência da crítica kuniana: a evolução não é feita só de progresso paradigmáticos, mas das revoluções paradigmáticas. Nesse todo brasileiro é phd, já que vivemos na eterna ditadura da pregação falaciosa do paradigma positivista somado ao eterno messianismo, que mais uma vez não por mero acaso, na prática gera o padrão factual da nossa a história, a verdadeira: a história onde o progresso, e até mesmo as revoluções não passam de falsificações, golpes sobre encenações para constituir e perpetuar encenações, golpes sobre golpes a matar o futuro para perpetuar o paradigma constituído por falsidades e falsários ideológicos como poder autoritário e messiânicos; enfim a história ditada e escrita por uma escola ou melhor igreja positivista-messiânica como ordem e progresso mas que na prática é a história da sua negação, perversão e impostura: a ditadura da desordem e retrocesso. A eterna ditadura ditadura do subdesenvolvimento e subserviência mal disfarçado como predestinação e predeterminação positivista do alienado para manter

intocado o domínio sobre os campos e objetos dessa “ciência e tecnologia aplicada” a domesticação, predação e parasitagem a quem é o dono tanto dos objetos do ditado da predefinição do seus emprego, utilidade, gênese função e enfim, triste fim. E ainda há quem acredite que as pseudo-ciências produzidas politicas, econômicas e culturais produzidas dentro desse castelo concreto de taras e fantasias estatopáticas seja ciência de qualquer lei natural. Ou pior que a ciência se produz consegue se produzir de fato a revelia, ou sem fazer reverência a mão de onde come, ou pelo contrário se livrando dessa armadilha que não é só cultural mas epistemológica.

Mas que pseudo-ciência ou pseudo-ciências seriam essa? As ciências políticas, econômicas e jurídicas, ou mais precisamente as pseudo-ciências políticas, econômicas e jurídicas baseadas no paradigma do artificialismo estadismo, que não tem leis naturais apenas como pano de fundo de verdade, mas que de fato trabalham com convenções para efetuar suas fórmulas e equações: de modo que quando querem e para quem querem: 2+2 é igual a 5 ou 3 e não por erro mas por regra, e axioma constitucional. E funciona? É claro que não. As ciências das projeções, planejamento e previsões erram, e só servem para justificar e racionalizar os erros. As tecnologias institucionais falem. E adivinha o que essa ciência irá fazer: novas projeções, planejamentos. E como então essa falácia se sustenta? Nas costas dos burros de carga: do povo e natureza, que quando caírem já era.

É por isso que quem usa o modelo de pseudo-ciência política-econômica estatal não só não acerta porra nenhuma, exceto como o relógio parado, que pelo menos uma vez por dia marca a hora certa como ainda compra gato por lebre a cada nova liquidação ou eleição acreditando mesmo como dizia a múmia do clã dos Sarneys: tem que dar certo. A esperança em termos matemático como aposta certa na desilusão e desesperança.

Um tipo de falácia milenar que deveria ser incluído na teoria dos jogos: O auto-engano baseado na presunção de seu paradigma científico ou de conhecimento prevalece as probabilidades estatísticas da reincidência dos eventos. E não importa quantas vezes o raio caia no mesmo lugar, ou a moeda cai sempre do mesmo lado, é sempre acaso e coincidência, porque assim determina o paradigma (pseudo)científico. Não se questiona se a moeda é realmente honesta, e não sendo porque elas não por acaso mas por qual razão se repetem. E o sendo porque também não por acaso mas por qual razão tendem a justamente a não se comportar como moedas desonestas, isto é, a longo prazo, se alternar, e ao infinito, perfazer todas as possibilidades e combinações possíveis seguindo toda ordem de combinações possíveis ao longo do tempo, se tempo tiver para isso. A ordem por trás da aparente desordem, ou aleatoriedade, que enerva e desespera os controladores e deterministas e autoritários, não porque falte organização, mas porque sendo autodeterminada é para os controladores a indeterminação que mata seus projetos de poder e tirania- incluso os que resultam inevitavelmente em desastre, os desastrados. - ***Brasileiro um povo carente: Uma “homenagem” aos lavajatistas que se apaixonaram pelo mito***

Entretanto pouco importa as criticas em específico porque a cerne da crítica epistemológica permanece a mesma: a (in)consciência do determinismo que reduz (e submete) a ciência seu método e finalidade a prepotências de poder e suas relações tomadas por fatos, verdades e o real em detrimento da própria produção da ciência enquanto conhecimento da episteme que escapa portanto lhe escapa não só como produção cientifica da sua própria ciência, ou

campo do seu saber, mas enquanto fenomenologia que trazida a luz da razão mediada não só pela necessária sensibilidade, mas pela lógica da senciência inteligente, a consciência resulta tanto na descoberta da liberdade como episteme, mas da epistemologia libertária da autodeterminação como principio elementar e fundamental oposto de todos padrões cosmológicos.

Ciência ainda, mas já de ponta cabeça, não mais como o conhecimento que é sinônimo ou função de poder, mas do possível, a liberdade. Ou mais precisamente, não mais campo do saber como função determinista de relação a poderes de sujeição e objetificação, mas como campo do saber libertário das possibilidades autodeterminadas. Fenomenologia não mais preconcebida e predeterminada aleatória ou autoritariamente por um paradigma epistemológico alheio aos próprios fenômenos (auto)gerados e (auto)geradores dos cosmos, mas precisamente pela tomada de (con)ciência da liberdade como episteme tanto como lógica da produção do conhecimento e pensamento como antes do universo da realidade concreta e sensível na qual não só está inserido, mas é gerado. Pois, ainda que a percepção de nenhum observador seja sensível a esse plano, o sendo a vida e liberdade como seres e fenômenos sensíveis é capaz se não só senciente mas inteligente, deduzir esse padrões da episteme, e logo fazer-se mais consciente da natureza tanto das coisas quanto do seu conhecimento.

Padrões lógicos da episteme que embora invisíveis portanto nada tem de sobrenaturais ou metafísicos. São apenas outro plano de “atômico” ou de forças fundamentais ainda mais elementares que podem ser devidamente observados pelo intermédio não do olho direto, ou de aparelhos que ampliam essa visão, mas igualmente deduzidos a partir de não só dos objetos materiais e seus corpos, mas principalmente suas relações e movimento. O que portanto requer mais do que só o processamento de dados da inteligência e razão. A sensibilidade, ou mais especificamente a capacidade empática, devidamente preservada exercitada e desenvolvida para efetuar literalmente perceber tudo que é tanto sensível quanto dedutível a partir da sensibilidade, e não meramente coisa, ou resultado de coisificação, que é nada mais nada menos da negação e eliminação primeiro conceitual depois concreta e factual dessa anima, potencia ou simplesmente livre vontade que dá vida própria aos seres, conhecida popularmente como o espirito das coisas, ou simplesmente alma. Um conceito que antes de ser o produto de uma dedução é o produto de uma sensibilidade que ao invés de projetar entidades onipotentes metaficas, sente e observa que o movimento não é uma mera ilusão, ou de forças exteriores inferiores ou superiores, mas de um padrão emerge como força de vontade interna. Uma volição que não só mantém a coesão do organismo, mas a vida como ela é: livre não por anormalidade ou paranormalidade, mas por pura e simples natureza. Natureza libertária e gregária fenológica e epistemológica. Potencia e possibilidades infinitas, Liberdade que se manifesta e materializa e perfaz na realidade de seres livres e sensíveis a vida e liberdade. Instintivamente gregários, empáticos e portanto sensíveis e tão conscientes quanto forem capazes de inteligir de fato a episteme elementar e universalmente desse principio libertário a partir da sua sensibilidade empática, não só como abstração ou imaginação, teses, mas como ethos da práticas que estão para o saber da consciência da episte, como a experimentação está para o método cientifico. O momentum onde a hipótese se decide e toma valor de verdade, se fato verdadeira.

Logo, dos problemas o estado de inconsciência patológica que envolvem a desintegração do eu, o outro e o mundo, de longe o maior deles é a própria perda da própria sensibilidade e

em consequência a própria inteligencia necessária para o desenvolvimento da consciência tanto como estado quanto saber em si sobre o mal que aflige a humanidade tanto como essência do individuo quanto denominador comum empático entre os que conseguem se ver como seres (essencialmente) iguais. Assim, para começar, por exemplo, se a evolução da humanidade dependesse do acaso da infinita gana em foder comer e descansar, para foder comer e descansar, não só não teria saído do lugar, como não teria vindo de lugar nenhum, ido para lugar nenhum, mas acometida dessa doença, ou esperando que o acaso ou providencia sobrenatural intervisse ou fosse tomada estaria indo exatamente para onde vai a extinção. Não há portanto insanidade mais perigosa do que essa: tomar a própria força elementar da sua anima, aquela que liberta e agrega como algo sobrenatural que não existe, e pelo contrário, o acaso, ou pior forças ou entidades sobrenaturais por realidade apenas por que impostas como encenação de fantasias do imagético.

Nenhum ser vivo transforma sua forma de vida, nesta ou em outra geração não para se conformar ou adaptar ao mundo, mas justamente para transformar a si e ao mundo porque a força que o compele a fazê-lo não é pressão para manter o que irá inevitavelmente desaparecer, mas para mover-se porque é seu movimento que cria seu tempo e espaço da existência e sua forma de vida e não inverso. Ele portanto se move não porque é puxado ou empurrado, ele se move e transforma-se e transforma porque dar forma é a natureza da anima que constitui a sua forma que é movimento tanto no plano sensível quanto no invisível. Os entes e fenômenos não se movem porque existem ou são movidos ou demovidos; eles existem e se movem, porque esse a razão que constitui sua forma, transformação e volição, tanto como evolução quanto revolução aos olhos do observador, incluso ele próprio em reflexão, e sua essência onde fenômeno e episteme, o corpo da coisa e sua anima não mais estão separados pelos limites necessário tanto a realização da relação da percepção sensorial quanto da própria realização da relação da materialização corpuscular, ou a constituição dos planos ou campos espaço-temporais onde essas potencias integram a rede da atualidade concreta ou simplesmente a realidade sensível.

Logo se movem, não porque são movidos, não porque são meros objetos de observação do qual se abstrai informação, mas assim como o próprio observador são seres que constituem e geram sua forma a mesma razão que este gera a sua e conhecimento da dele, informação. Que antes de ser um dado ou mesmo um fato é um padrão pelo qual não só as formas, mas as suas transformações não só transmitem mas antes de disso são produzida segundo o mesma ordem informacional: do ser que se forma para o ente que o observa, Por mais que a prepotência humana acredite o contrário e que que sejam como os olhos do dono que faz crescer seu negócio, apenas por ele finalmente se deu conta da existência de algo.

Assim ao observador cego ou insensível, fixado apenas nas suas abstrações e projeções há apenas movimento, ilusão, para o ente sensível ao padrões lógicos que regem o mundo real e próprio pensar livre e consciente : a própria manifestação mais ou menos complexa de um principio fundamental, que nos seres humanos chamamos de livre vontade mas que como padrão universal ou potencia podemos chamar simplesmente liberdade.

Há portanto, uma vontade que não é meramente o de se preservar ou reproduzir, nem muito menos a de matar ou destruir ou coçar o seu saco todo poderoso e sagrado enquanto os outros fazem isso por você e de quebra ainda chupam até suas bolas. Não. Não só o ser humano, mas todo ser vivo, desde as formas mais primitivas de consciência, senciência e

inteligencia e a matéria inorgânica nasce e morre, se move, gera, regenera, faz e desfaz em outras forma de vida não por motivações fúteis e estúpidas, aleatórios, nem alucinadas, ao menos não como predestinação rumo a insignificação e nulificação existencial, mas como manifestação da próprias infinitas formas e possibilidades e combinações inerentes a potencia da sua liberdade, delimitadas a razão tão somente da ordem da atualidade e atualizações que as constitui concretamente: sua realização- seja do particular a partir da desintegração de um todo, seja da coletividade pela re-conexão em uma nova rede. Uma força criativa que busca perfazer de forma aparentemente caótica as nulidades, quando em verdade segue o caminho da perfeição, ou rigorosamente o da ordem de perfazer todos os caminhos e combinações possíveis, incluso o do próprio caminho entre as combinações, o que implica portanto em nenhuma ordem predeterminada, incluso também a eventual e total ordenação determinista. Um evento, ou ordem circunstancial feito portanto, para começar e acabar de acordo com a padrão que enquanto força fundamental o constitui e desconstitui todos os demais: liberdade.

De tal modo que findado os limites eventuais, o padrão, especialmente o vivo, não recomeça de novo e de novo como mais do mesmo, mas em outro padrão de vida que emerge e arrebenta o arcabouço usando a cadeia das antigas formação como códigos como informação para gerar novos seres que longe se ser não meros clones, mutações, reproduções ou cruzamento das antigas, mas literalmente novas formas de vida, com força tempo espaço e vida e vontade própria, para novamente autodeterminar o seu sentido da sua vida, e o que é a mesma coisa, morte. Pois embora o tempo-espaço sejam uma abstração ou ilusão derivada do movimento, a sua essência ou anima não é. E se ela como potencia não desaparece do mundo, enquanto fonte da energia materialidade do corpo e da sua força sempre vai sendo consumindo junto a matéria, transforme -se em novos padrões ou não. Transite e retorne esse potencia a sua origem como se não tivesse existido desfazendo-se junto com o que é efêmero, ou de fato permaneça não como era- por que perdão do trocadilho, querendo ou não já era, foi-se- mas sim, como veio a ser, naquilo de fato permanece: episteme- os padrões que nunca ficam, mas sempre passam para transformar e formar tudo que vive e existe, e vive e existe porque é sempre novo e atual, ou simplesmente o presente.

Vê-se que o negócio que importa aqui é a alma do negócio, ou daquilo que não ócio nem negócio. Mas vontade, e não de poder e morte, mas de vida e liberdade. A alma não só do corpo tangível, rede neurológica da psique dos indivíduos nas a alma das ligações gregárias dos coletivos como organismos, a alma tanto das relações entre os seres reais sensíveis a sensibilidade mais simples quanto daqueles mais mais complexos: a sensibilidade empatia. Não a que se afasta e fecha os olhos das dores do mundo, mas aquele que abrindo, ouve e sente o que a já cada vez mais não conseguimos ouvir nem sentir por perda capacidade empática: a consciência. Perda que primeiro vai ocorrendo pelo insensibilização que nos permite ao ser cada vez mais insensível ler todos as dores, sentimentos e vulnerabilidades alheias, mas não responder não mais se sofrer compadecer nem se solidarizar a elas, mas justamente explorá-las. A aparente vantagem da psicopatia nas pessoas e culturas que se valem desse tipo de mentalidade e visão de mundo. Mas que num segundo momento, já afetam não só a inteligencia mas toda a senciência, mas a própria consciência que vai desaparecendo não só como ética ou moral, mas como o ethos são, como capacidade não só de responder aos estímulos dos seres sensíveis, mas se ler e interpretar a realidade sensível, cada vez mais ignorada e substituída pelas próprias projeções, compulsões e manias resulta numa mente e e visão não só insensível e insolidária do outro e do mundo, mas já completamente desconexa, completamente insana alucinada e imersa em seu mundo de

desejos, vontades e fantasias ideológicas onde tudo e todos não são nada mais do que coisas, ou mais precisamente ideia do que fazer com elas enquanto coisas para satisfazer todos as suas taras e manias desenfreadas pela completa ausência de um instinto gregário. E como veremos mais para frente a qual o superego não resolve como substituto, exatamente porque é das causas sistemáticas a principal.

Assim longe de meras atrações ou repulsões, acasos, descasos, ou mais do mesmo, a vida e a existência se constitui de forças com um significado no mínimo muito mais profundo e determinante para o seu sentido. Temos uma força primária que é criativa e nunca destrutiva que se manifesta portanto tanto como movimento libertária quanto gregário que longe de ser excludentes, ou meramente complementares são exatamente, salvo erro ou perversão teratológica, manifestações exatamente do mesmo principio ou padrão gerador de toda existência, diverso, difuso e múltiplo, dinâmico e inovador e renovável, como a própria ordem natural da constituição do milagre termodinâmico do nada em não só em tudo, mas em todos, feito de infinitas partículas e particularidades não sem nenhum nexo, sentido, ou mesmo nexo prefixado frio e estático, o equivalente a frieza de um corpo morto, mas conexas e em constante criação de novos nexos e conexões. Algo que quem já morreu e não percebeu (e esqueceram de enterrar, até porque os mortos não podem enterrar os mortos) não entende; e não entende porque que já não liga nem se liga mais a rede da vida, e onde só vê caos e quebra da ordem constitui onde há calor incluso o humano que emana de tudo que ainda vive e tenta se libertar.

Porque a liberdade é sempre um potencial infinito, mas sua realização em ato e de fato não é feita de reflexões transcendentais, mas ações de transformações concretas e reais constituídas pela mesma força de criativa volitiva que dá forma material sensível e animada aos seres e fenômenos, incluso como corpo, alma e vida. A liberdade a vida e criação manifesta como ela é, sem falsificações ideológicas, um sentimento e instinto gregário, o altruísmo puro que liberta e não o egoismo sobretudo o ególatra que mata e morre até na alma.

Logo se a liberdade é portanto um principio elementar a toda existência, a empatia que produz os amores, amizades, simpatias, paixões das mais permanentes das mais fugazes é até as mais resilientes é a verdadeira cola não das massas inanimadas desse universo, mas dos entes que dotados de anima e determinação própria que constituem as forças e massas sustentam e movem os mundos. A empatia é a capacidade gregária instintiva que não só liga e mantém os seres conectados. Ela é o principio que os mantém mais ou menos integrados segundo a intensidade e proximidade das suas interelações e afinidades, configurando não só a visão que o individuo tem do outro e de si mesmo, mas a suas identidades particulares e coletivas e não só como constructo mental mas como a partir dele como ser sensível capaz de se relacionar com o mundo e os demais seres que sentem. Um a rede complexa de nexos e conexões neurais que constituem o próprio fenômeno não só da percepção e sensibilidade do eu para com o mundo como realidade, mas da concepção do entidade sensorial pensante como um ser com existência própria e independente das demais campos e ligações fenomenológicas mais próximas e distantes dele, o mundo.

Um ente que antes de ser inteligente ou consciente é e precisa continuar sendo senciente. Um ser formado por uma rede de conexões que na medida que se vai delimitando seu campo para configurar sua forma, isto é, vai consumindo seu potencial para concretizar-se como

partícula corpuscular, e perdendo sua plasticidade e dinâmica para a constituição da arquitetura da estrutura integrante do corpo espaço-temporal. Em suma consome sua potencia de liberdade, suas infinitas possibilidades para se materializar como realidade concreta, que vai se consumindo não só enquanto mantem sua integridade estrutural gregária, mas novamente para a partir dela como nova potencia que irá se desintegrar não retornar ao principio, mas seguir pela mesma potencia libertária e padrão gregário prosseguir a diante no seu sentido existencial a perfeição. Padrão cuja beleza longe de ser um predefinido, destrutivo, ou perdido numa gênese ou gene do passado é justamente o verdadeiro principio atemporal e geracional oposto: o perfazer todas as infinitas possibilidades que só a a liberdade da criação provê, um sentido existencial cuja ordem não é predefinida nem predestinada, mas por definição é a própria criação ou a própriocriação dos destinos do que antes era impossíveis a partir do que agora é nada. O futuro, mas pode chamar de presente.

O presente dos que sabem pelo que vale a pena viver e morrer aos que hão de viver. Vida e liberdade, real não imaginária, meu amigo. Uma dádiva livremente dada, recebida, usufruída, legada e herdada, amada, preservada defendida e só libertada libertada a desnaturação e degeneração da insolidariedade perversão da desinteligência, inconsciência e insensível já se transformaram em uma monstruosidade alucinada e cancerígena a devorar e parasitar tudo e todos enquanto deliram em suas taras de posse e poder não só aqui e agora, mas ao futuro, infinito e além. O que não deixa de ser um uso do seu potencial, porém que não implica propriamente em perfazer algo, mas rigorosamente em consumi-lo para desfazer-se em absolutamente nada.

Há portanto quem passa toda sua vida, ou o que é a mesma coisa gasto seu potencial vital com necromancias, incluso as materialistas, históricas e científicas. Vive de tentar refrear ou inverter o sentido do tempo e da vida, tentando conservar, prolongar transferir, replicar sua forma de existência, como corpo, pensamento, ego, memória, não importa a que custo e implicações. Um ente que só vendo as formas e não os padrões, tenta a todo custo dar sobrevida ao que identifica como sua existência, a forma, sem jamais entender o padrão lógico pelo qual as formas se transformação em informação para novamente constituir potencias inovadoras e renovadas de formas completamente novas. E assim enquanto o perseguidor de formas mortas se desfaz, o de padrões vivos. Um segredo da vida, há muito tempo já desvendado que apenas estou traduzindo digamos numa linguagem de (des)programação contemporânea.

De modo que importa menos o quanto ou por quanto tempo a luz brilha, mas se fato a forma se transforma em informação ou simplesmente só vai consumindo até e encerrar-se a si mesma e desfar-se por completo em absoluta nulidade. Assim ao contrário de um potencial vital que não vai desaparecer porque foi interrompida por forças alheias a sua própria, mas emergir em outro tempo e espaço mesmo- porque afinal de contas nada aparece nem desaparece do nada, ainda que não vejamos o segredo da mágica; o potencial vital daquele que consome o tempo da sua existência a meramente tentar evitar o inevitável, este sim não só não evita o que teme como consuma, enquanto perda suas forças e esgota sua energia vital num trabalho absolutamente idiota (e pervertido): desperdiçar sua potencia para (tentar) perpetuar-se usando sua força para consumir a energia vital alheia e economizando a sua.

Idiota quando tenta prolongar sua formar de existência evitando consumi-la; idiota quando acredita que no el bigodon que o que não mata engorda, quando até o que engorda mata enquanto engorda. Idiota de todas as formas que pode ser um cachorro a correr atrás do próprio rabo. Porque não se engane seja economizando sua vida, seja gastando, seja consumindo a vida do alheio o potencia libertário e energia vital não se sonega desta equação, ela é sempre como tempo e movimento, e portanto por menor o esforço que seja produzido, a essência que se consome para realizar esse trabalho idiota fadado a desaparecer enterrada junto com seu dono avarento.

Idiota e perversa portanto quanto pode ser uma vida assim perdida. Tentando perpetuar ou prolongar sua forma de existência porque vai sair ou retorna como entrou ao seu estado original, como se nunca tivesse sequer existido exceto ironicamente como tudo que ele sempre temeu e abominou em vida ser ou melhor não ser, e em que de fato se (des)fez: um enorme nada. Um vazio significacional, sem nexo, sentido, proposito, um mero contratempo no curso da história de infinitas possibilidades de realização material e transcendental atemporal da vida. Uma pedra que não se fez caminho na vida, mas se contentou a alterar o seu curso, que não só desvia, mas se bifurca em tantos caminhos quantos são as vontades em curso na vida, com ou sem pedras no meio do caminho.

Um erro crasso clássico, no entanto que se repete: perde-se a a vida e sua essência tentando se agarrar desesperadamente a fantasias seja a de viver eternamente como um corpo, seja na ideia de viver como ideia no corpo ou ideias do alheio. E quando digo fantasias, não estou dizendo que elas não podem ser concretizadas, o pior é que elas podem e algumas já são. O que não quer dizer que deixam de ser insanidade, pesadelo e monstruosidade agora mais uma vez feita realidade distópica.

Assim longe do seres se unirem apenas por libido erótica, os seres também se unem por um sentimento gregário que as teorias que a industria do pensamento moderno insiste em negar e renegar, a solidariedade não para como diria o filósofo-rei brasileiro para comer gente , ou incubar e replicar a sua gene ou transmitir o seu ego como legado a outro ser que deve preservá-lo e carrega-lo a mesma razão, buscando hospedeiras para transmitir a glória dos seus antepassados mortos senão como código genético como cultural do seu amor infinito e todo custo por si mesmo, a pátria, e ao mundo e a deus acima de tudo e todos, desde que tudo que é sagrado seja feito a imagem e semelhança dele mesmo, e o todos cultuem e idolatrem nenhema outra memória ou persona senão a deste momento e monumento ao todo poderoso e todo poder da sua fantasia de perpetuidade. Há outras formas de união e comunhão tão necessárias e ansientes, que como já apontei em escritos anteriores não podem ser deduzidas ou derivadas de fato do particular, mas o particular é que precisa derivar e portanto ser rastreado dela: a solidariedade.

Instintos gregários que portanto, são pulsões constituintes das novas formas e padrões de vida, tão importantes quanto os instintos de preservação e reprodução dos preexistentes necessários dentro da sua própria lógica da vida como base formacional e informacional para constituição da próxima geração. Uma nova geração que se faz necessária não só para reproduzir e retransmitir códigos bem sucedidos no aptar-se aptar o mundo, mas justamente para não reproduzir e retransmitir não só códigos que fracassaram, mas sobretudo refazer a arquitetura da programação, o que em si a nova geração já é, uma nova arquitetura não só zerada de informação, mas já transformada para além do limite que a geração anterior

poderia ir na sua formação atual esteja ela extremamente bem adaptada ao seu tempo e espaço ou inconformada a ele olhando e se movendo já solidariamente para o futuro. Nem a conformidade nem a inconformidade, mórbidas ou sadias garantem perpetuidade, garantem vida eterna, podem sim acelerar tanto a morte, quando uma garantir uma vida bem longa sem nenhum sentido exceto frui-la prolongá-la a todo custo ao sacrifício de toda alheia passada, presente e claro a futura.

Um mal portanto que não reside portanto só na perda dos instintos gregários, mas nesse perversão deles como vontade de viver para sempre tanto como corpo quanto como projeção do ego em um outro plano imaginário, mas ainda sim como o mesma forma ou materialidade a revelia da ordem da vida e liberdade. Uma perversão que não deve ser confundida com a vontade mais do que natural de viver para além dessa mera coisa besta que é morrer lutando para meramente sobreviver, que leva as pessoas a solidariamente a se sacrificarem por amor a vida e liberdade de pessoas, que não deixa de ser uma pulsão de vida, enquanto busca de sentido a para mesma. Mas é justamente o estado insano de mania compulsiva onde os alienados passam a se dispor a assassinar tudo e todos, e até morrer para satisfazer a tara alucinada de egolatria de quem vende a ideia que pode salvar e preservar e dar significado eterno a sua “vida” como ego, atém morte depois da morte do seu corpo, através da idolatria da sua pessoa,persona, ou entidade toda poderosa que representa e que tem o poder total incluso de dar ou tirar tudo, incluso vidas, dores e amores por toda a eternidade.

Em outras palavras da ideação natural de que a vida não se finda com a morte, a imagem e semelhança da estatopatia pelo qual o predador e parasita levou toda a sua vida tentando prolonga-la a todo custo e prejuízo e sacrifício exploração e servidão alheia, constrói-se uma outra vida após a morte, esta imaginária, na qual esse coitado escravizado se não resistir ao coito e holocausto ganha de premio de consolação o direito de finalmente entrar no reino dos seus bondosos genocidas escravagistas. Uma fantasia que portanto é vendida como enganação e encenação para idiotas. Porque pode o idiocrata ensandecido de fato acreditar em desejo desesperado de perpetuidade de que de fato irá preservar seu ego, seja como memoria, memorial, assombração, instituição, divindade, legado cultural, genético, histórico, transcendental, não importa, qual a natureza pela qual ele fantasia a sua tara de perpetuidade ególatra narcisista, o que importa principalmente para quem será sofrerá com as consequências dela, é que esse legado jamais se efetuará de fato como herança ou patrimônio a ser usufruído pelo próximo nesta geração ou na próxima, mas sempre como fardo, obrigação, como demanda, um falso legado ou até mesmo maldição porque não só não é feito dos sacrifícios de quem se diz deixar um herança. como ainda por cima é uma herança que exige mais sacrifícios, obediência e adoração dos herdeiros ao legatário para manter uma obra e patrimônio não raro construído como auto-homenagem a múmia e não obra ao usufruto seu semelhante.

Nada mais natural portanto do buscar viver para além dessa mera coisa besta que é morrer lutando para meramente sobreviver, tentar buscar um sentido para além do patético matar, morrer e foder ou ser fodido porque obrigado, porque mandado, ou porque pode mandar. Ninguém em sã consciência quer viver a marcar territórios e mostrar os dentes como primata seja de terno e gravata ou pelado mesmo, como diria o poeta não porque viver era preciso, mas porque navegar era preciso. Há uma necessidade de constituir algo que é evidentemente um todo, mas não um todo simples e uno do qual partimos. Mas um outro

nexo que em verdade nunca fomos, um complexo a qual como ideal identificamos como nossa vocação e essência, humanidade. Um logos que não é o de voltar para o ovo, nem o de enfiar pena no rabo achando que viramos galinha (uma versão ainda mais punk da definição de homem de Platão segundo Diógenes) , mas de fazermos algo de fato completamente novo nesse universo. Eu pelo menos ainda não encontrei em nenhum outro planeta, nem sequer como projeto: gente. Humanidade.

Um ser que num dado momento ou em verdade em vários diferentes por muitos diferentes vozes e línguas tomou consciência de como a natureza e vida se constituída e tentou fazer a sua forma de vida uma porta para esse caminho, não raro ao prejuízo e dano da preservação e reprodução da sua própria vida e materialidade, o que soa como loucura para quem não já não tem sensibilidade para a vida e liberdade não só como um valor fundamental mas uma razão de ser universal. Onde está a loucura ou mal nisso? Nisto nada, nisto como falei, depende cada passo a frente, tudo que se chama bem ou bens da humanidade, incluso a própria concepção de ser e comportar como um ser humano. O mal entra justamente quando a vida e liberdade saem do concreto, entram no arcabouço das ideias e concepções, e pronto de lá não saem mais, senão agora como representação agora dessas idéias e concepções e não mais da vida e liberdade sensível.

Quando o amor e solidariedade à vida deixam portanto de ser ser o amor e fidelidade a vida do ser real sensível, e passa a ser o amor e fidelidade a ideia de uma causa, entidade, ficção enfim uma abstração da vida, que uma uma vez trazida de volta a realidade como representação, claro por representantes e rituais de encenação, passa a ser agora o objeto impostor e personificador da totalidade da vida, a entidade da adoração em substituição, transferências e monopolização suprema dos amores e filias naturais e reais. Culto e Idolatria, porém não mais como amor a vida livre e real, mas adoração alucinada a fantasia a uma toda poderoso que não só é imortal e está acima de qualquer vida, mas cuja obediência até a morte é paga nada menos com vida eterna.

Nada mais natural do que sentimentos libertários e gregários, sentimentos que levam a formação a simultaniedade tanto do particular quanto do coletivo, seja na ordem que se multiplica do universal a diversidade do particular, seja na ordem que se integrando e agregando particulas elementares vai se constituindo as novas redes e o universo de novos organismos e seu conjunto universo em particular. Nada mais natural que dessa dinâmica dessas conexões mais próximas e distais que vão formando e transformando e multiplicando a diversidade e complexidade formas e estruturas e relações em suas ligações. Nada mais natural que a formação de particulas, particularidades e individualidades e coletividades, redes mais fechadas e voltadas em si mesmas que constituem na delimitação das sua sensibilidade, horizontes campos, espaciais, temporais, corporais, a sua identidade e existencia como momento. Assim como nada mais natural do que o própria atração e encontro e comunhão gregária que tanto constitui desfaz o que as estruturas eram, como da vida a uma nova forma de existência completamente nova a partir do que é não é propriamente reprodução, mas de fato a extinção das suas estruturas, para a formação não de uma mera somatória, mas de uma estrututa gregária completamente dotada da sua propria dinamica e força libertária. Nada mais natural portanto que a formação de tudo que é coletivo.

O ego ou o egoismo em si e a busca de um sentido maior para vida incluso o além da morte incluso a formação de coletivos para preservar sua tribo, a formação de grupos para para reverenciar o que há de sagrado e oculto e divino na dádiva na vida, nada disso jamais constitui um mal para humanidade, pelo contrário, foram muitos dos diversos caminhos e formas que a constituiram. O problema se inicia a particular ou o coletividade desconecta completamente da realidade sensivel, isto é quando a rede se fecha completamente dentro de si mesma perdendo não só a noção da realidade sensível que só consome, não só mas mais distante e alheia, que é sempre um mero produto da sua perspectiva mas a mais próxima, ou cada vez mais próxima, a que é a mais atual e imediata, que o sunteta, o que deveria ser lógico e evidente se não tivesse o ente perdido até essa mesmo a sensibilidade empática para essa inteligir essa realidade urgente que dirá entender o seu destino complexo interligado mais distante. Mais sucesso se tem em explicar as cores a um cego as cores, ou a um surdo a musica porque um pode não olhos para ver ou ouvidos para ouvir. mas se tiver coração ligado a sua razão poderão sentir o calor das cores, e as ondas das música através da empatia que transcodifica signos e sinais em significados sensíveis para o seu ser pensante, que novamente não são marcas, mas sensações, coisas que existem por estão repletas de sentido e repletas de sentido porque são sentidas, mas pode chamar de informação. A verdadeira info-formação que não se inscreve em automatos, mas a que seres dotados de anima que a carregam não na rede neural, mas na nuvem da genese feita não da psique da história, mas da mesma historicidade dos phatos, uma essencia que não se deleta; nem mesmo voltando no tempo para matar o próprio escritor, pois matando apenas se abre-se outra linha temporal e espacial na história feita de tantas cursos quanto já foram tantas feitas a histórias interrompidas num lugar para ser contadas em outro, felizmente já sem o mesmo vilão. Afinal do contrário porque teriam sempre o mesmo final ? Ou seria então por mero acaso que deveriam ter algum final diferente?

A insanidade se inicia quanto o medo prevalece. Sabe-se lá, porque, se porque alguma privação extrema ou desestre condicionou os sobreviventes a viver sob a sombra do temor das severas privações e violencias. Mas em algum ponto surgiu um novo tipo de cultura humana que se tivesse surgido antes, o ser humano jamais teria sobrevido para contar sua história, porque não teria sequer inventado a escrito, mas destruido suas pinturas por medo e comido o pintor cru, porque nem fogo teria dominado porque também temeria, temeria tudo. Seria o cagalhão traira, violador violento a matar tudo e comer tudo que é menor, e lamber até o fiofo sujo de tudo que o assusta mesmo que seja sua própria sombra, sonhando acordado em sobrevir para sempre, ou até onde não der não puder a todo custo, claro que com um olho com o cu na mão porque no fundo sabe e os pregadores não deixam de o lembrar, que o fim sempre está próximo... extinção. Um medo que só piora em tempos de vacas magras e tempestades não mais imaginárias, mas reais.

A cooperação como estratégia de sobrevivência seja completamente restrita a mera competição individual, ou dela derivada não é capaz de explicar-se, nem para dentro da seleção natural darwiniana nem do liberalismo socioeconômico que por sinal pertencem senão como teorias como ideologias ao mesmo paradigma do individualismo materialista, por uma simples razão, não é a solidariedade que tem um problema, mas os pressupostos o logo os questionamentos que não conseguem compreendê-la nem em suas respostas, nem no que ela significa enquanto resposta.

Em outras palavras, a questão, ou melhor, a pergunta fundamental, não é como a cooperação emerge da competição pelos interesses particulares, mas sim inverso: como o egoismo emergiu da solidariedade? Os interesses particulares são bunda, não há mistério, todo mundo tem uma, desde que seja alguém. A pergunta é como esse "eu", essa entidade em particular e sua diversidade emerge e se difunde a partir do universal, ou mais precisamente do um universo que antes de ser uma rede ou um conjunto formado por elementos, é rigorosamente uma unidade una mais simples que se multiplica em diversas. A pergunta portanto não é como surgem e se processam essas ligações gregárias mas como elas se especificam, ou até mesmo se perdem na medida que nos distanciamos de nossa origem em comum.

Logo o problema é que o modelo mental de projeção do real, do universo, está invertido, está preso na armadilha ou ilusão gnostica do ego. As ligações empáticas não podem ser deduzidas nem reduzidas de interesses particulares, porque elas não se formar a partir destes, mas não só estes a partir destas, mas antes a própria existência dos seres e grupos em particular a partir da sua diversificação e discriminação. A empatia é um instinto gregário, uma gene e código genético inscrito na formação dos seres. Ela não se cria, mas se liga, desliga e re-liga. A ordem dos fatores é inversa: embora se retroalimentam sistemicamente, não é da competição que surge a cooperação, mas das bases cooperativas que surge toda e qualquer possibilidade de competição, seja como condição, ou capacidade.

A empatia está presente na formação do "eu". O ser, ou mais precisamente a mente não nasce com uma concepção predefinida não só do que é, ou o que é, mas sequer nasce com uma noção completamente formada e distinta do que é exclusivamente ele e o mundo, de onde termina um e começa o outro, ou o que é um e outro. Essas noções que formam o eu e o outro, o individualidade, a coletividade, de um conjuntos do qual é elemento que faz parte e é distinto, é produto de ligações em rede vão se sendo moldadas pelo uso e desuso, pelas conexões que se ligam ou desligam durante o desenvolvimento que resultam na criação do nexo do eu, do eles, e do nós.

Um nexo que é produto de sensibilidade preexistente como capacidade não-delimitada, mas cuja arquitetura forma a visão e noção do ser sobre sua identidade com maior ou menor nexo com tudo que não meramente a cerca, mas a forma, uma percepção que depende de como esse sentido foi estimulado ou podado. E o fato de nos surpreender com a empatia sem nenhum interesse egótico que um ser pode sentir por outro tão distante, diferente, tão inútil ou mesmo contrário aos seus interesses e propósitos, a empatia capaz de gerar um gesto genuíno de altruísmo completamente desinteressado, apenas reflete o quanto nesse processo de formação do eu, esquecemos suas origens, ou se preferir de onde realmente viemos e para onde verdadeiramente vamos. Esquecemos que está faltando alguma coisa, que perdemos ou nos foi tirada, e que sem a qual sequer existiríamos não só como coletividade, mas como indivíduos.

Dai a monstruosidade, a psicopatia, o pathos *desse modelos onde a necessária formação do ego, e do egoismo, perde completamente seu equilíbrio empático. De tal modo que ao tentarmos deduzir a empatia e altruísmo do egoismo, estamos tentando racionalizar e justificar o impossível, o altruísmo não é uma forma amplificada de egoismo, mas o egoismo uma forma reduzida de empatia, ou mais precisamente de instinto gregário, que em seus estados mais extremos não só não consegue sentir nada senão por aquilo que*

identifica como seu eu, ou sua propriedade dele, mas no estado mais absoluto de completa desconexão não consegue sentir compaixão nem por si mesmo, se torna um superego, um completo alienado a atacar não só o outro, mas a si mesmo, um prisioneiro de uma lógica que não só impede de ver e destrói seus interesses comuns menos óbvios ou imediatos, mas até mesmo seus particulares mais urgentes e evidentes. Um mero hospedeiros de vontades alheias, e não das sua próprias sejam elas mais egoístas ou altruístas. Um ser desprovido dos instintos de preservação, e constituição do nexo que lhe dão sentido próprio a existência tanto particular quanto universal, como singularidade integrada.

A introdução da cooperação e altruísmo dentro dos modelos de explicação dos fenômenos do antigo paradigma egoísta e competitivo, ainda que seja para "salvar os fenômenos" (leia-se salvar os antigo paradigma), tende a levar suas contradições para outro níveis, caracterizando a fase de transição, onde um novo paradigma emerge. São epiciclos desta cosmos. Os cálculos complexos que serviam para ir ajustando os resultados dos cálculos aos dados observados, de modo a salvar o velha visão antropocêntrica da terra no no centro do universo (pelo menos do conhecido até então), até se tornarem complexos e inúteis demais frente a razão e explicação mais simples, porém menos satisfatória ao ego e vaidade e prepotência humanas: é a terra gira em torno do sol.

A introdução da solidariedade e cooperação ainda que não como o genuíno altruísmo, e instinto gregário particularmente desinteressada, que vai além até mesmo da ajuda mútua descrita por Kropotkin, mas que já compreende as estratégias e comportamentos cooperativos do chamado altruísmo egoísta, ou particularmente interessado, descrito por Tocqueville, não é a revolução do paradigma, mas é contradição disruptiva que enseja sua transição e superação revolucionária.

Revolução que antes de ser politica, cultural, cientifica ou mesmo psicológica é epistemológica, e portanto não se dá nas novas soluções, mas nas novas proposições, que não perdem tempo em desatar nós górdios, mas os cortam, colocam os problema e o mundo de cabeça para baixo. Não são as respostas que estão erradas, mas as perguntas. Ou mais precisamente os pressupostos e preconcepções que as ensejam.

*Eis a verdadeira revolução constante e atemporal do pensamento e comportamento que não só é capaz de dar em precisar de nada em troca nem como incentivos nem recompensas, nem nesse outros mundos, e que em seus manifestações mais extremas é capaz até dar tudo absolutamente de si, para o que em nenhum aspecto é a continuidade da sua existência, mas justamente a negação dela em uma outra completamente distinta ou nova que há alguns causa perplexidade a outros admiração seja na forma de paixão ou consciência ou ambas. A empatia em sua forma mais universal, pura e completa se assemelha a própria lógica da vida, a lógica da dádiva pelo sacrifício que não somente preserva a vida, mas gera, mas do amor altruísta.-**A verdadeira tragédia dos comuns: a perda do instinto gregário***

Os sentimentos de preservação gregária , seja por tudo que está compreendido como integrado até a ponta do nariz ou um pouco além dele são produtos de capacidade empática absolutamente natural necessária e inerente. E que portanto de forma igualmente natural se especifica para integrar os organismos nas estruturas e as relações mais próximas e distantes

por aqueles que temos mais ou menos afinidade de acordo com a convivência, ou no caso somos obrigados a conviver a começar por nós mesmos. A formação do redes mais ou menos sensíveis, isto é mais ou menos conexas e portanto ligadas a realidade uma das outras é absolutamente normal e necessária a constituição não só das particularidades de cada organismo, seja do individuo em si ou das suas coletividades, mas da diversidade. O que não é natural nem sadio é a completa perda da sensibilidade e noção da natureza real e sensível dos outros seres; a completa perda da noção da ligação que leve a formação das chamadas bolhas de desconexão e insensibilidade que não só alucinam quanto a realidade fora do seu estreito e obtuso horizonte de eventos e insolidariedade. E que tendem a tornar a pisque extremamente vulnerável a preencher esse vácuo de ligações empáticos e sentidos transexistenciais com projeções imagéticas na qual ele é o primeiro alienado e alienador, ou o alienado e alienador de fantasias transmitidas pelo alheio e que incorpora.

Um processo degenerado onde não ocorrem mais propriamente comunhões, e formação de associações ou organismos, mas de corporações e possessão onde a somatória dos seres que se unem de dá pela razão da intermediação da relação de poder que os desqualifica e fagocita hierarquicamente como células e não mais organismos independentes desse corpo que contudo é artificial, porque não possui nenhuma anima nem força própria que emerge dessa integração como na geração de seres naturalmente vivos, mas ainda sim e tão somente a força volitiva continuamente retirada das bases dessa piramide. De modo que nesse processo degenerado os seres não se integram em liberdade, para formar propriamente lugares de encontro consensual, mas se arrebanham em cadeia para formar um arcabouço que é tanto lógico quanto concreto campos de concentração e violação dos eventualmente mais vulneráveis ou submetidos as privações. Movidos por tais compulsões contrárias a pulsão da vida os não se integram nem desintegram mais por sua repulsão, atração, nem por nenhuma vontade de gerar preservar ou transcender as formar e padrões atuais de vida para constituir novas formas e padrões de vida. Mas degenerada e teratologicamente em função de mania compulsiva pervertida completamente insana: tentar vencer o sentimento de medo da inexistência, insignificância, e nulidade e morte, através do delírio coletivo de perpetuar-se como e numa egrégora. O culto ególatra a personificação toda poderosa que encorpora suas perdas e frustrações como desejos de poder e realização absoluta e infinitas nesta vida e além dela, como existência eterna após a morte incluso para aqueles que servem e adoram como células fiéis esse corpo antropofágico e necrófilo de culto ao sacrifício alheio e alienado em favor dessa persona, e claro de quem vier a personificar a cabeça ou liderança desse corpo.

De modo que só mais tão absurdo quanto fingir um amor por alguém que não se conhece é de fato passar a odiar de verdade alguém que nunca viu na vida. Ambos por idolatria a uma entidade que sequer existe ao contrário dos sentimentos não se amor por quem se tem por próximo, mas de respeito natural, não necessariamente como temor ou maravilhamento bobo a tudo que é desconhecido e estranho, produtos da forma como apreendemos a ver o mundo, seja qual como que se dê esse aprendizado, seja por aculturação ou educação, seja pelas experiências não planejadas da vida.

A completa perda da noção da ligação a formação das chamadas bolhas de desconexão e insensibilidade definitivamente provocam a perda da noção da realidade fora do seu estreito e obtuso horizonte de eventos e consequentemente a visão completamente ensandecida e alucinada que tem se tornado lugar cada dia mais comum. Porém é só o vácuo de insolidariedade. É o terreno da insensibilidade onde se planta a loucura dos males e

insanidades da humanidades. Porque as sensibilidades naturalmente não se perdem, as sensibilidades concretamente como plasticidade neural se especificam. Para invertê-las como ódio não só a entes desconhecidos, mas até mesmo ao próximo, é preciso antes capturar e transferir e perverter não só as menores simpatias, e atrações mas até mesmo os maiores amores, em adoração e idolatria a estas entidades do imaginário que só ganham o real através de rituais de encenação, as encenações que procuram significá-las apelando para nada mais nada menos que as emoções. E o coitado agora chora pela sina do mito e do personagem, enquanto ele e aquele que ele amava, e o amam sofre e morrem de fato.

E se isso não é a própria fabricação sistemática da idiotia e loucura como se fosse a coisa mais normal e gloriosa do mundo, então Hitler era um messias, e Cristo um louco otário, porque Hitler resolveu colocou quem ele não considerava gente na pira do holocausto, resolveu sacrificar os outros para supostamente salvaguardar quem ele considerava que valia como gente. Já Cristo que deveria mesmo ser resolveu sacrificar ninguém senão a ele mesmo, e pelos males alheios, para transformar-se em mensagem, isto segundo a mitologia cristã, não a da egrégora, a igreja, a do apropriador mas a original, a do tempo em que judeia era colônia e província, Roma ainda era o maior império colonizador do mundo, Pilatos o representante dos interesses gringos na colônia, Herodes o governante fantoche corrupto, os doutores da lei, os sábios e sacerdotes e escribas acomodados nesse domínio, e o povo eleito o judeu era índio outrora preto (Egito) da vez e lugar. Um tempo onde a palavra messias, ou libertador ganhou um significado diferente de salvador da pátria, terra e povo. Diferente o suficiente para dividir a contagem do tempo em dois momentos em quase todos os lugares do mundo. Porém não o suficiente para mudar seu fim. Mas isso é só um exemplo, clássico por sinal, das contradições entre pregação e prática que a hipocrisia enseja, no caso das credo e suas racionalizações, mas que toda hipocrítica racional apartada da necessária objetividade sensível e exercício da empatia como (com)paixão pelos sujeitos decai enquanto credo ou razão sem a critica mediada pelo uso da sensibilidade solidária a realidade sensível a vida e liberdade dos seres como tal fenômenos e não ideias de coisas ou objetos de causas para “bem maiores” ou “males necessários”. Um uso que portanto não é uma utilidade nem finalidade da observação, mas a próprio exercício como usos e costumes, do hábito, o verdadeiro hábito, a prática que faz o monge até pelado, ao contrário dos reis (e autoridades grande ou pequenas em geral) que quando nus mostram o que e quem realmente são, até mesmo para os súditos e crentes mais fiéis, o mesmo tarado insano só que agora a correr atrás do que e quem quer como veio ao mundo.

Não, poder não corrompe, nem enlouquece, ele atrai. Porque em verdade, ou epistemologicamente, se faz de degeneração e insanidade como ambiente mental e natural patológico e teratológico. Por isso, que é necessário aquele que não apenas é tomado pela loucura, mas que a incorpora e interpreta como seu papel e razão social e sentido existencial, se vestir e investir com as peles e riqueza daquele que se abate, não apenas porque o seu negócio ou tara é se locupletar de (e no) poder. Mas porque ele precisa se fazer o senhor desse caos que não se improvisa. É necessário se fazer o senhor do embuste e discórdia entre os irmãos para reinar como patriarca todo poderoso de todas as tribos, apartadas, ainda que as legiões sejam muitas, e esse senhor dos pactos de servidão-escravidão dos ódios e holocaustos do alheio e alienado vendido como prova de amor a vida e promessa de vida eterna e paraísos sejam tantos o pátrio-poder carece para manter seus domínios em diferentes esferas. E de quebra ainda pagar de bonito e divino a ser adorado por aqueles que poupa do holocausto e alimenta com os restos da sobras do que antes fora o que definia o

viver daqueles que foram sacrificados como bodes expiatórios para perpetuidade de todos aqui, agora, e além... para sempre.

Por isso muito antes da inteligencia ou consciente, há a senciência. Há uma capacidade empática um instinto gregário, produto da própria constituição gregária e empática tanto do ser em particular quanto da rede da vida no qual ele se insere e é como parte de sua volições. Uma capacidade empática inerente que não só é a base da formação das conexões que constituem a propriocepção e propriconcepção, a rede de significações do eu, os outros, o mundo, mas é a base simultânea da constituição tanto do própria mundo enquanto realidade formada pela troca dessas informações. Logo, assim como a mente vai se delimitando para formar sua sensibilidade e pensamento em relação ao mundo sensível, também o mundo vai se constituindo não só como visão ou projeção dessa mente, mas como realidade constituída das mesmas relações sensíveis e percebida pela intermediação entre a informação e a projeção do realidade, a visão de mundo. De tal modo que desses três planos, a visão de mundo, a projeção do mundo, e a realidade sempre alheia a forma e formação do pensamento ainda que conexa a sua sensibilidade como informação ou dado sensível. Há a formação da senso-noção ou mentalidade de uma ser não só dotado da capacidade de inteligir o mundo, isto é, construir representações e significados mentais, fazer interligações com o realidade sensível, mas o ser consciente mesmo que nas formas mais primitivas de consciência, na exata medida que voltado sua capacidade senciente de inteligir o real para seu próprio pensamento passa a distinguir o que é ideia das coisas reais das imaginárias. Mas todas as ideias incluso as das coisas reais e sua ordem e valor subjetivos, das próprias coisas de fato e ordem objetivas as universais que portanto nunca estão por definição apenas e exclusivamente em um só ser, assim como pela mesma razão não excluem jamais nenhum ser, nem mesmo os desconhecidos. Universalidade, portanto é um principio elementar oposto ao determinismo autoritário que tende ao absolutismo, totalitarismo e monopolismo. E não é toa que da epistema não conheça nem reconheça nada, mas seja por definição a negação e contraposição anti-libertária.

A episteme que constitui as forças elementares que mantém cada partícula integrada para constituir a delimitação dinâmica da sua estrutura e arquitetura de toda rede, que constitui tanto sua forma delimitada tanto da individualidade quanto do sistema como coletividade. Forças elementares que são as mesmas que libertam e agregam os serem, que desintegram as formas ultrapassadas mortas esgotadas em suas possibilidades formais, para integrar e egregar os abrir novas possibilidades em formas em redes sempre mais complexas tanto como particularidades e diversidades quanto coletividades. Em todos os planos ou campos sempre interligadas pela mesmo lógica gregária ou nexo que mantém cada organismo e todo integrados em rede inter-independente na exata razão ou medida da proximidade das suas conexões empatias, ou solidárias. Um termo que parece abstrato quando falta sensibilidade ou prática solidária, mas que concretamente não é senão aquilo que dá sem necessariamente receber nada em troca, inclusive inconsciente, como tudo aquilo que não podemos deixar de dar mesmo se ou quando não queremos, como a informação pelo simples fato de existirmos aos olhos de quem é capaz de inteligir formas e movimentos de seres animados e sensíveis.

O complexo neurológico que forma a estrutura da mente, segue portanto o progresso de formação dos organismo onde eles não se apartam do todo, mas se integram em maior razão de proximidade e empatia e sensibilidade para formar sua coesão e coerência interna, sem contudo se desagregar nem deixar de espelhar, mas como função de literalmente responder e

corresponder e significar a própria realidade sensível a razão da sensibilidade que não só o cerca, mas que o compõe. De tal modo que a rede neural segue o mesmo padrão,o ou nexo de formação de todos os entes, do inorgânico ao orgânico, do elementar ao complexo, independente se vai do minusculo ao gigantesco, ou do gigantesco ao minusculo,realizando conexões que não só espelham a formação e informação da realidade sensível, mas realizam a correspondência empática, a conexão e as trocas entre essas redes. De tal modo que a mente ou organismo que já não está completamente fora de si, porque fechado completa em si, não está só a produzir a subjetividade relativa ao seu (des)funcionamento do seu mundo interno, mas está mantendo preservada a sua função tanto atual particular quanto a constante universal: está a produzir novos padrões de significação para a vida.A sensibilidade objetiva do mundo sensível necessária naturalmente a preservação da forma atual, justamente para que essa possa cumpre sua função enquanto perdure: a formação dos padrões necessários a atualização das nova formas, o fazer-se e desfazer-se para o vir ser ganhar novamente realidade.

Então repito, as mutações não são aleatórias, não é a capacidade de adaptação que move a vida, mas a cristaliza envelhece e mata, é justamente o oposto a negação do adaptar-se que provoca a transformação e surgimento de todas as novas as forma de vida que se chamam não só por evolução, mas revolução. O processo que rejuvenesce e ressuscita não por necromancia, o corpo morto ou artificial, mas da vida a nova criatura, não como afirmação, negação ou mera síntese do sacrifício de tudo que é velha, mas como a solução do problema, a transcendência, que aquela forma, não poderia solucionar pela mera clonagem ou reprodução ou perpetuação sua arquitetura domas somente numa completamente nova, que é solução nova, não final,que apenas supera a anterior para ser superada pela próxima geração. Um processo de inconformidade as formas e normas preestabelecida, e não de adaptação de si ou do mundo as preconcepções. Literalmente a criação, não como um ponto axiomático hipotético ou fantástico no espaço e no tempo, mas como padrão constante, pulsante, vivo, da vida e do universo.- ***Mais uma guerra mundial de Idiocracias: Salvadores de Pátrias versus Salvadores do Planeta***

Novamente cabe salientar que funcionamento natural e sadio e não o já desnaturado ensandecido ou pervertido. Pois uma vez comprometida a sensibilidade, o organismo não só se desfaz sem formar novos nexos e formas de vida, como durante o processo vai se desligando da vida, mas da própria realidade sensível enxergando não somente as formas de vida mais próximas da sua sensibilidade extremamente restrita, inclusive só a do seu eu, como nos estágios mais graves de perversão da sensibilidade e alucinação nem isso. Não consegue mais ver nem sentir nada senão tesão ideias e maquinações que só existem fora do seu mundo fora do seu mundo imaginário na medida que a essas representações, encenações e maquinações possam se impor com realidade a revelia da vida liberdade de todos os demais, e não raro como elas postas a trabalhar para concretizá-las evidentemente não propriamente por sua própria livre vontade ou consciência. De tal modo que se tais não forem apenas completamente desconexas e inofensivas, mas pelo contrário feitas exatamente da perversão da fantasia frustrado do desejo materialista de ter, ser e possuir tudo e todos e manter esse todo para todo o sempre, o que temos não é só um devaneio, mas o mal da pulsão de morte, ou mais precisamente a mania psicopática da compulsão que mata e morre por medo da morte, por credo na vida eterna, mas sobretudo por idolatria a próprio ego, egolatria como entidade a ser perpetuada em si mesma como entidade todo poderosa, ou “viva” em seu reino.

Uma alucinação na qual a realidade sensível seus eventos e padrões perdem seu sentido e razão para o desejo e vontades de um mundo regido por fatos e verdades patológicos e seus impostores, um mundo de fantasia terror, alucinações, ódios, fanatismo e apatias banalizadas assombrado e regido por psico fatos e seus psicopatas, um mundo de aculturação ao culto e cultura dos sacrifícios e holocausto em nome de ególatras que levaram suas taras e ambições para eternidade, e se fizeram superegos, no mundo mental, natural e espiritual. Processo de descivilização e desumanização, falsas divindades a matar tudo que é verdadeiramente sagrado a vida como liberdade e a liberdade como vida. A matar os fenômenos libertários e gregários por natureza e não os autoritários e de apartheid de seres que fantasiam em ser como as máquinas e monstros que criaram.

A vida é um fenômeno gregário-libertário. Emerge de si mesma, como bem observou Maturana como autopoieses, mas não para se fechar nem se encerrar a sua dinâmica em suas mera estrutura formal, não é a transformação ou metamorfose que que se cristaliza-la e morre, mas que prossegue como poesia geradora e transformadora não só da sua vida, mas de todas formas vida, padrão empático autogerador que liberta para agregar e agrega para libertar, não mais como forma, mas como informação, como o forma corpuscular quente que se vê, mas como a própria onda luz e calor. No fundo uma questão de perspectiva já que próprio espaço-tempo, não é apenas um campo que se transforma pelo movimento de cada uma partículas-ondas, mas que é formação cosmológica desses seres e fenômenos autopoiéticos, o universo que emerge dessa força elementar libertária presente na anima autogerado de cada seres gregário ou vivo do próprio universo, e seu cosmos autogerador da vida e sua evolução através da vida que se autogeram e autodeterminam e egregam para formar o particular e os universal.

Estar vivo é libertar-se para egregar porém não só a minha liberdade e vida, mas a vida e liberdade para além da minha vã existência e vida. E aí que está o grande dilema da shakespeariano da vida, onde há mais mistérios entre o céu e a terra que a nossa vá filosofia pode imaginar. Mas não é por isso que a imaginação sobretudo a maliciosa entre nesse jogo e resolva preencher esses vácuo como entidades e narrativas fantasiosas, incluso com outras finalidades e interesses bem diversos que o amor ao conhecimento, que dirá o minimo respeito e consideração vida ou liberdade que lhe é alheia.

Que um um organismo é precisa ser um ser dotado de autodeterminação para formar, crescer e manter sua forma de vida. Isso é um saber que deveria ser obvio e evidente. Cada organismo em particular ou coletivo está como rede da vida está estruturalmente mais fechado para preservar esses dois fundamentos que sustentam sua existência como tal, a liberdade como autodeterminação, e sua estrutura gregária. Contudo, como já a ecologia vem demostrando essa forma específica de existência se completamente apartada e voltada para preservação do ponto de vista de toda a rede da vida, como um organismo, não é senão um câncer. Falta a esse ser vivo alguma coisa, ou se não faltava, perdeu.

É simples: se a vida estivesse estabelecida sobre seres movidos meramente por instinto de preservação exclusivo das formas e estruturas orgânicas, ou mesmo na transmissão e replicação dos seus códigos e genes não haveria a diversidade sustentabilidade, nem evolução, de fato sequer haveria vida, nem apelando ao caos e ao acaso para salvar o paradigma. Porque um universo preestabelecido sobre partícula e forças elementares que estivessem meramente prefixadas para sustentar suas formas e estruturas e não autogerar

constantemente o padrão transformador do cosmo este não existiria, salvo como um infinita massa eterna, totalitária e homogênea, mas pode chamar essa abstração de todo poder pelo que ela seria se fenômeno pudesse ser: o absolutamente nada.

Sem uma pulsão de vida, que a formação de formas de vida capazes de transcender a sua própria vontade de viver para dar vida, sem a formação de ego, e egoístas capazes transcender seu amor a próprio vida, pelo amor a vida, não como ela era, mas como ele nem sabe como virá a ser não a partir do que ele se fez, mas do que ele desfez para constituí-la não como forma ou um configuração da rede, mas um dos nexo desse complexo e suas novas conexões.

Libertar-se das velhas estruturas e formas mortas para constituir gregariamente novas formas de vida. O que na instância derradeira para o ser que não está, mas é a própria forma ou estrutura que vai perecer, é a morte mas o saber morrer, mas o saber fazer da sua vida e morte, a sua existência que não é estrutura nem espacial nem temporal, mas simplesmente a alma não só da forma e transformação, mas das formas e transformações do mundo, não o que se destrói, e volta ao começo, mas aquele que sequer existe, mas ainda há de existir, não porque pode, mas porque é livre não para se apartar e discriminar, mas egregar como e em um novo cosmos, não o dos pregadores de paraísos imaginários e infernos reais, mas do aqui e agora para alguém que vive, sente, o mundo real, o mundo dos seres vivos livres e sensíveis.

Mais do que viver que é morrer, como diria o poeta ser ou não ser continua sendo a questão. Uma poesia que não se escreve só com palavras, mas com atos capazes de inspirar palavras e atos capazes de inspirar as palavras de preferencia no próprio autor, isso é claro se ele não é só um ator a atuar na representação da sua vida, ao invés de vivê-la. Mas cada louco com a sua mania.

Não, não existe pulsão de morte. O que existe é uma pulsão de vida. É só e tão somente uma pulsão de vida, que transcende o próprio eu, criativa constitutiva do novo, geradora da vida, fecunda, e que só se torna autodestrutiva, destruidora, ou mesma, esquizofrênica e histérica, ou psicopática e assassina quando reprimida, frustrada e pervertida. Uma pulsão ligada a própria natureza do organismo que como tudo se desfaz no próprio processo de constituição, e nesse processo também se preserva não em si, em eu, forma, mas fora, desfazendo-se para constituir outros novos padrões a partir de si mesmo, literalmente criação, algo que a mãe assim como todo ser que entrega, carrega e literalmente dá a luz e cria uma nova forma de vida, sabe mais do que qualquer outra. Viver é morrer por alguém. Um sentido que não remete a uma ideia, mas a vida, que não sendo uma abstração é feita de se no plural de seres vivos e não coletivos novamente sacrificáveis em nome de ideias.- ***Microtrabalho, o Turco Mecânico “.com” e a Torre de Babel***

THANATOS: A PERVERSÃO DA PULSÃO DA VIDA COMO COMPULSÃO DA MORTE (INTRODUÇÃO)

Autodestruição: Até quando e porquê estamos condenados a repetir os mesmos erros?

Redbone: Da metis de um ativismo humanitário ao ethos das consciências ecolibertárias

Introdução

*Não, nunca foi na pulsão ou no instinto da mera sobrevivência ou adaptação ambiental a ela, que se moveu e evolui e re-evolui a vida, nem a natural nem da humanidade e sua história , mas na pulsão de vida em seu estado lógico são, ou pervertida como pulsão de morte, já em seu estado insano e doentio cancerígeno parasitário e teratológico. Mas, sim sempre foi o desejo de preservação sim, mas como perpetuidade incluso o transcendental, incluso o completamente ensandecido que diferencio o ser humano dos demais animais para o bem e para mal, a consciência da sua morte, e o anseio por enganá-la, ou superá-la, por preservar-se seu ego como memória, história, persona ou entidade jurídica, espiritual, de viver depois da morte, novamente através da vida dos demais que conduziu a humanidade para essa ditadura dos mortos e mortos-vivos e dos que nunca viveram nem sequer existiram senão em fantasia dos que sonharam e continuam em viver para sempre em ego a custa da vida de novas gerações. Derrubando e movendo mundo para fugir desse medo velhaco de múmia e satisfazer esse desejo infantil, construindo monumentos a estupidez e tara humana não importa a que custo do que de fato vive para satisfazer essa mania que das loucuras é a mais perigosa, a onipotência a perpetuidade apenas porque descobriu que seu ego é mortal. -**Mais uma guerra mundial de Idiocracias: Salvadores de Pátrias versus Salvadores do Planeta***

Nos últimos escritos, me apropriei e tenho empregado a expressão “pulsão de morte” de uma forma que foge da definição geralmente aceita, derivada da literatura psicoanalítica, onde representou uma revolução tanto na psicologia quanto na própria obra Freudiana. Muito embora seja no trabalho de **Sabina Spielrein** onde encontramos a primeira e talvez ainda até hoje a mais fidedigna descrição desse fenômeno que influenciaria os trabalhos posteriores. E se digo talvez, não por colocar em dúvida a proeminência da visão e trabalho dela sobre as demais, mas para deixar bem claro que não me arrogo um especialista em nenhum desses autores, nem muito menos nesse campo. E graças não a minha cultura mas ao alcance do trabalho deles não preciso sê-lo. Há algumas teorias, não só de determinados campos da ciência, mas de diferentes campos do saber, que não só por sua própria força e impacto ultrapassaram os círculos do interesse dos seus estudiosos, mas ganharam o interesses daqueles que não são por definição os objetos do estudos, a população. E portanto também ao trabalho, de pessoas que entendem que a nenhum conhecimento especialmente a luz da ciência por definição da sua própria natureza epistemológica e missão histórica deveria estar encerrada em círculos fechados, fizeram questão de trazer na medida do possível esses saberes para além das suas fronteiras. O que não só evita a brutalização da população não esclarecida, mas a compartimentalização do conhecimento ou o que é a mesma coisa, da imbecilização dos próprios especialistas, capazes de emitir juízos extremamente precisos em suas áreas, mas promover a difusão de sentenças e preconceitos fora delas dignas dos idiotas mais bem treinados para repeti-las.

Na verdade não há só estudos mais originais sobre a ideia de “pulsão de morte” como o de **Spielrein.** Podemos encontrar críticas posteriores ao conceito de tanatos freudiano no trabalho de Giles Deleuze. Ou mesmo formulação de conceitos como o de conatos na filosofia de Baruk que já sugerem um caminho completamente distinto. Mas como disse não me interesso, pelo que sei da teoria continua enclausurado, mas pelo que sei para o bem ou para mal ganhou o mundo e foi aplicado a sua população mesmo sem ter sido devidamente explicado a eles, os leigos. Não, pelo menos ainda. E não raro nem de forma consciente, ao menos não plenamente, no que poderia ser chamado consciência em sua plenitude pelos especialistas, usando a palavra consciência de forma parecida como Freud a empregava, mas já não mais exatamente da mesma forma... digamos de uma forma um pouco mais vigilante

e abrangente. Uma forma de apropriação e antropofagia cultural as inversas, do imbecil, louco e ignorante sobre a manicomização do colonizador culto e civilizado. Novamente há referências artistico-culturais-históricos na brasilidade.

Sim, o aspecto psicológico da “pulsão de morte” me interessa. Mas me interessa também seu aspecto, antropológico e sobretudo epistemológico. Me interessa seus aspectos políticos, econômicos e sobretudo culturais presente e ao longo da história da humanidade. Não me interessa a arte pela arte, nem o saber pelo saber, mas os porquês, e por favor, com seus devidos sujeitos, sentidos, e objetos: de quem. Para quê, e para quem, e como. Porque senão a chuva, chove. E o avião cai. E prisioneiro simplesmente morre. Sem causas nem consequências, só coincidências, ou pior conspirações. Porque não há teoria mais conspiratória mais insana ancestral e de maior sucesso do que atribuir um agente ou ente fantástico ou imaginário como causa ou finalidade a todas ações ou filias, seja como corpo ou alma do mundo, enquanto o próprio irmão é feito inimigo, bode expiatório e levado para ser sacrificado em holocausto em nome da idolatria do culto aos todo poderosos deste mundo ou além. E gloria a Deus, porque só a verdade o libertará... devidamente inscrita no portão de fábricas ou campos de concentração: E pode recolher a sacolinha.

Assim, pouco me interessa fazer uma critica sobre a literatura sobre o tema, até porque já confessei não viajei nela, viajei pelo contrário procurando tudo que ela, e outros adventos conceituais, ideias e ideologias contribuíram significadamente para gerar concretamente essa loucura não como mera fantasia, mas distopia, uma loucura que um mal enquanto estado de inconsciência e insanidade coletiva com surto de violência em massa aflige a humanidade não só como ciclo vicioso, mas como o vicio e servidão. Apenas para tentar responder uma simples questão: até quando e porque estaremos condenados a repetir os mesmos erros até a morte?

Assim confessada, minha ignorância sobre a Sabina Spielrein, Spinosa, e Deuleze, e até mesmo sobre a própria obra de Freud. É sobre o Freud pop e cult, ou seja o paradigma freudiano ou melhor o paradigma não que ele construiu mas traduziu, ainda que não como crítica, mas como reafirmação de uma natureza ou realidade possível que volto meu olhar, para sob esse denominador comum, necessário a comunicação, ainda que seja justamente para remar contra uma corrente, isto é, trabalhar para quebrar um paradigma no qual a pulsão de morte, ou melhor a compulsão de morte tomada como se fosse algo natural é um dos leviatãs que a própria civilização criou e ainda assombram de fato até a morte toda a humanidade há milênios.

Me aproprio da pulsão de morte, para dizer que sim é isso, mas só que não. não é nada disso. Pulsão de morte, não é pulsão natural, mas compulsão, trauma, perversão, adquirida. Com base no quê? No trabalho e pensamento paradigmático de quem? Já disse. No que permeia, querendo ou não toda a nossa cultura de morte, que Freud não inventou, não é único e inevitável, mas explica. Mas, um leitor atento dirá, mas você usa o pensamento dele justamente como base para contrariá-lo. Exatamente. Porque ele não é a base do meu pensamento, mas apenas o ponto de partida do meu argumento, como disse o ponto de comunicação, não só entre dois ethos mas dois métodos opostos. De modo que a pergunta não deveria ser exatamente com base em quem, mas com base na observação de quais fenômenos ou mais precisamente quais práticas e experiências, de vida mesmo, me inspiram a enxergar um mal patológico evitável ou o outro vê um mal necessário, ou mesmo a

evolução ou progresso normal da normalidade, seja o biológico ou histórico ou mesmo transcendental. Pergunta retórica. Ninguém nunca se interessou. Mas também faz parte do método, responder inoportunamente questões que ninguém quer que você se pergunte, se meta no debate, ou ouse elaborar suas próprias respostas dentro dos suas próprias concepções e interesses sem tutores, nem intermediários.

É portanto não só o ethos mas o método oposto ou contraposto da resolução teórica dos problemas práticos da vida. Um teórico pega um problema prático da vida e problematiza para criar solução teórica, uma teoria, onde o objeto e os sujeitos da problematização nunca saem nem da sua condição nem em tese, nem portanto muito menos na prática. E ainda se arroga um solucionador de problemas. Um ativista especialmente quando impedido ou obrigado a trabalhar diretamente com a realidade, mas tendo que solucionar quebra-cabeças e passatempos teóricos, não teoriza, não problematiza, mas desteoriza, desculturaliza para cosmopolitizar, se resolve e soluciona, sempre tendendo se reencontrar com seu ethos, o da prática, a vida, o da pessoa sem títulos, sem classificações, reinos e campos que as apartem e discriminem, um ativista não só da ciência mas pela consciência da humanidade sempre volta aos fenômenos e ações e transformações. Um ativista que se diga libertário de fato é da perspectiva da autoridade, incluso a teórica, que não deixa de ser também outro ente imaginário, um criador de problemas, ao menos a seu tempo, aliás se não for, é certeza que já ou é uma mediocridade literalmente por excelência e reverência ou seu tempo já passou dele. Se mata e reinventa. Não é um verdadeiro solucionador de problemas da vida e liberdade, mas um ideólogo, um idiocrata ou idiota ou coitado a acreditar ser um, um perpetuador de males imaginários impostos a ferro e fogo.

Há quem diga a mensagem é mais importante que ação, mas qual mensagem verdadeira poderia ser construída sem a experiência? E de que vale a mais óbvia e evidentes das verdades enquanto mensagem se não for capaz como semente de inspirar nenhuma transformação, nem que seja como provocação? Ademais porque a distinção entre a solução de um problema numa primeira instância demanda a idealização, na última exige a concretização da solução. E a própria distinção já é um si a obstrução para não chegar a resolução nenhuma, exceto a perpetuação da teorização, ou o que é a mesma coisa, a racionalização e banalização dos problemas e distopias já concretizadas como perpetua solução, e a condenação das verdadeiras soluções práticas a eterna desconstrução do sonho e utopias, pelo pseudo-cientivismo, ou quando esse falha fanatismo e fundamentalismo mesmo.

Novamente o importante não é o conhecimento, se o terceirizado que cuida do gado humano veste batina ou jaleco, ou ambos, jaleco para quem pode, e batina para quem não pode, o importante é manter cada um em seu devido lugar realizando sua função idealizada, incluso o homem de fé ou razão, que não é um idiota, hipócrita, ou já charlatão descarado sabe que não é só um praticante da sua arte pela arte, mas antes um cumpridor do seu papel social e fiel pagador das promessas, dívidas e obrigações nem sempre, ou não raro, quase nunca coerentes nem com a moral ou ética da sua profissão, mas com que um dia fora e talvez ainda seja- só ele e ninguém mais é capaz senão ele de julgar- a anima da sua vocação. Supondo é claro que seja um dos privilegiados do nosso mundo, que teve um berço e pode escolher, e não foi obrigado pelas privações hereditárias impostas “naturalmente pela seleção natural”, por óbvio que ela, a escolher como ganharia seu pão e sobreviveria a seus dias.

Assim se solucionar um problema de fato sempre implica em primeira instância chamar para si a responsabilidade de idealizá-lo, tomar para si a palavra e o saber, também implica necessária e não só em ultima instancia, mas em todas instancias, lugares e a todo tempo em sempre devolve-las a quem de fato já eram e pertencem como um bem comum e não conformação ao mal, proposição de mais males como se fossem necessários. Porque quem propõe-se a solucionar um problema e não devolve fica no meio caminho, sem devolver nem o problema nem a solução não é solucionador, mas vendedor de paraísos e infernos, nunca soluções de fatos.

Não trabalha por quem sofre do problema mas para quem ganha com ele. Não trabalha para construir novas visões como novos costumes, ritos e práticas, ciências, consciências, transformações, ações da fé, da razão, da razões da fé, e sobretudo da própria fé na razão, ou ciência. A base de todo processo de revelação, reflexão e tomada das consciências, como ciência do nosso próprio saber. Um credo no qual evolui a humanidade seja ela consciente ou não dele, a liberdade de e para a consciência da própria Liberdade.

O que é em si não só a fé na própria razão, mas a fé na liberdade em si e para si não só vontade pura, ou livre vontade, mas como fenômeno gerador das vontades como fés e razões. Liberdade, mais do que o produto da imaginação um fenômeno epistemológico, o fenômeno gerador tanto de toda base epistemológica e psicológica do conhecimento, quanto do padrão do qual os fenômenos físicos, biológicos são conhecidos reconhecidos ou simplesmente tomados por mistérios a serem descobertos ou incógnitas metáfitas ou até transcendentais a razão ou até mesmo ao cognoscível.

Ademais que solução que pega um problema real e de uma ideação não é solução, é tanto o sócio do problema quanto a própria advocacia do diabo fazendo seu trabalho, justificando e racionalizando tanto os interesses e motivações dele quanto seus próprios. Problematizando a idealização concretizado como distopia e defendida como fé ou ciência inevitável e infalível para justificar tanto a desnaturação quanto a obstrução de qualquer forma de justiça, correção como utopia falsa ou impossível.

Um processo que nem sempre é feito não por todos de forma consciente, natural ou instintiva, ou sequer planejada, muito pelo contrário, como pretendo demostrar isso um mal que se propaga justamente como compulsão autodestrutiva sim, mas inconsciente.

Um mal do qual precisamos tomar ciência, consciência e nos livrar exatamente com a resistência, persistência e resiliência nas práticas e costumes da capacidades inteligentes, sencientes e conscientes que ele ataca e que nos constituem nossa humanidade em individualidade e em comunidade de relações, a empatia e solidariedade não por entidades e personas e autoridades fantásticas e imaginárias, mas por no plano real, no plano sensível, no plano das gentes de carne e osso, seus gritos, seus choros, seus sofrimentos, e não no plano alucinado, e alucinógeno dos discursos, narrativas autoritárias e totalitárias dos assassinos de massas, cultuadores de todos poderosos, ideias a provas de balas, e idiotices do gênero, onde sempre morrem são quem está na linha de frente, e nunca eles os grandes lideres e sacerdotes que ficam para semente e herdam as terras arrasadas em glórias dos seus holocaustos.

Compulsão de morte, e alucinação, terror e histeria, perda de noção da realidade sensível do mundo e do outro e culto e idolatrias entidades e entes maiores do que a própria vida e liberdade. Versus, compaixão, solidariedade, realidade, ligação com a vida, os meios vitais, ambientais e o bem comum. Insanidade, tara por posse e adoração ao poder, a pregação do ódio, a guerra, compulsão de e à morte, tomada como se fosse a coisa mais normal do mundo. Doação sem graça, a solidariedade, a empatia, a ajuda mutua, a liberdade de fato sem discriminação e sem fronteiras como se fosse a maior loucura e sonho impossível da história da humanidade, como sem sequer nunca tivesse existido ou continuasse tentando sobreviver de fato em meio a loucura genocidade que levanta muros, se municia e prepara para avançar.

O escrito que se segue é portanto uma tentativa de contribuir para- ou um resumo de como venho tentando- solucionar essa questão. Por exemplo tentando colocando o problema nos seus outros termos: Como nos libertar na (e com) a prática dessa compulsão de morte, que vai acabar matando não só o outro, mas a todos nós? Pressupondo é claro que seja possível nos libertar dela e em tempo. E haja fé na razão e liberdade de pensamento. Haja fé libertária na razão do ativismo social. Incluso como metis de um outro ethos, até para a outras métodos e teorias não propriamente de validação empírica do que é falso e verdadeira, porque por favor, a ciência adventou isso e o faz com maestria, mas de fazer o que ainda é objetivo da heurística e logo raro do charlatismo, a inspiração criativa e ativa para vislumbrar novas ideias como questionamentos, hipóteses, mais do que investigação, projetos de transformação, idealização que parem de pé ou voem na prática, não importa se geniais, estupidas, loucas, ou medíocres, por isso é sempre o olhar e julgamento alheio.

Daí, a importância é que sejam as hipóteses não só como mera projeções, mas projetos para o mundo sensível, sejam mesmo não só concepções próprias, mas que sejam capazes de seguir seu caminho sozinhas para o mundo da consciência que não é outro senão o aquele dos entes e fenômenos, o mundo que antes de ser o das inteligências, é o mundo dos seres sencientes. Dos seres que existem não porque pensam, mas que pensam porque **sentem**. E das ideias que sonhadas para voar, de fato voam, porque não foram feita carregar as fantasias de narcisistas, antropofágicas e necrofílicas de vida eterna do seu dono nas costas, mas sim a vida e seu re(criação). Produto portanto de uma pulsão de vida, que não é uma contradição de termos e fatos, epistemológica e fenomenológica em si mesma, uma apologia a preservação como nulidade, perversão do sentido da vida e autodestruição mutua, alheia e própria, por medo compulsivo da morte, mas justamente o padrão libertário gregário em seu estado volitivo puro constituinte não só da vida, mas do universo a todo tempo e espaço: pulsão de vida, ou simplesmente para não ficar inventando novos termos, entes e padrões elementares: liberdade.

Até porque não importa se a inspiração ou referência é histórica, literária meramente produto de uma imaginação criativa, se a tese ou hipótese não tem a observação e experiência do mundo como pedra fundamental da sua origem quanto da sua originalidade, se não é não retorna ao senso comum de onde partiu e volta para não só comunicar-se com o mundo sensível mas com a realidade para concretizar-se não como mera repetição de lugares comuns, mas como inovação e transformação, não é nada senão mais do mesmo, ou mais precisamente, a defesa do mesmo como mera distração ainda que disfarçada de toda seriedade ou demanda de reverência.

Não é obra é obração, mais um capitulo não raro feito sob encomenda para adicionar na antologia escatológica apologética à antropofagia necrófila do narcisista necrófago a cronica mórbida das suas patofilias, mas pode chamar de historia das ações e ideações da humanidade, ou se preferir da servo-idiotia como culto e idolatria à psicose e psicopatia dos idiocracia. Ou se preferir o cultura da domesticação dos cordeiros sacrificiais para o(s) holocausto(s).

É portanto enquanto processo criativo não só de quebra de paradigmas, mas criação de novos não só como ciência mas consciência da sua realidade sensível, um processo criativo que não é aleatório, nem produto do mero acaso, mas de vontades que mesmo quando não são o produto de nenhum método libertário racional que tem por princípio e finalidade a própria livre concepção e produção consciente (incluso da consciência), não se engane, tem a vontade alienada e inconsciente tanto como preconcepção quanto finalidade do alheio, ainda que o alienado jamais tome (cons)ciência disto.

Consciência que sua força criativa e imagética como vontade é manipulada seja pela projeção de estímulos seja introjeção de desejos a sua sensibilidade, ou tanto pior pela própria perda ou amputação da capacidade sensível que não só compõe sua solidariedade e consciência do outro, mas sua própria inteligência e percepção do mundo concreto e sensível, não como uma alucinação, mera projeção de ideias, mas como um universo de fato com nexo e conexão dotado de ligações sensíveis, repleto de entes e fenômenos que sofrem e sentem e ao qual ele próprio é naturalmente ligado e sente. O mundo real, ou simplesmente sensível que a amputação e perda da empatia vai transformando numa mera projeção de sonhos e matrizes.

Sonhos e realidades onde o sensível vai se reduzindo a mera ilusão e esperança até morrer conformado em desesperança e desilusão; em normose apática, neurótica e a matriz insensível da imagem e semelhança, e o phatos se faz e impõe de fato e pelas vias de fato como concretude e distopia. Mas pode chamar de ditadura dos psicopatas e psicóticos que quanto mais ensandecidos e poderosos mais perigosos.

Porque viver não é correr atrás do próprio rabo, não é se mumificar, ou meramente escolher como ou em que vamos nos perpetuar, mas pelo quê e por quem vamos morrer aos poucos, ou de uma vez por todas, porque isso não escolhemos como vamos passar os nossos dias. Algo que passa bem longe do mero descansar em paz, ou guerrear contra tudo e todos a todo custo para sorver mais um segundo nesse plano ou novamente punhetando ou tarando o alheio no além. Longe do matar e morrer nas batalhas e guerras por castelos e territórios do crer, saber alheio onde estatopatas e sociopatas fincam seus nomes e bandeiras de bem maior, ou males necessários como gozo de suas taras e fantasias inconfessáveis seculares e transcendentais mais inconfessáveis.

Viver é morrer, e viver com sentido é morrer por uma ideal, porém não maior que a vida, porque o ideal maior que a vida, não só uma loucura, é uma perversão homicida, genocida e ecocida a doença mental coletiva do sentido da vida que está matando a humanidade e o Planeta. O efeito colateral da domesticação predatória-parasitária do homem pelo homem, o vírus pisco-epistemológico que nunca esteve sob o completo controle dos seus exploradores e que se dizimou como mal entre todos os povos replicando entre suas gerações como

complexo de divindade, de perseguição mortal da imortalidade numa verdadeira epidemia da síndrome de Cronos.

Uma loucura, uma alucinação e mitologia fantasmagórica que assombra a humanidade não só com ilusionismo e predisgitação, mas terrorismo e terror e privação e monopólio de bem comum e violência em seu estado mais primitivo: o da força bruta, ainda que intermediado pelos capangas e armas mais avançados que os saberes e teknes podem prover, incluso os econômicos, financeiros, políticos, jurídicos e claro bio e psicológicos. Um culto sistematizado como de adoração ao poder total e idolatrias aos todos poderosos como entes, instituídos, institucionalizados e encorporados como persona, maior do que o próprio amor natural a vida, tanto o próprio quanto ao próximo e até mesmo ao desconhecido, estes sim de fato longe de ser uma ficção a prova de balas são reais, porque sua vida e liberdade é sensível a carestias, carências e privações, violações e violências de toda insensibilidade e mania alheia, incluso a reificante tão assassina quanto a genocida que na prática é apenas uma mera consequência do sistemático progresso da objetivação dos sujeitos alienados na exata razão da progressão da desumanização dos seus alienadores.

Vidas e liberdades absolutamente reais ainda que absolutamente insignificantes e desimportantes para o alucinado e completamente desconectado do mundo sensível, imerso em suas taras e mania de quem acredita que suas ideias e sentenças não só são uma causa maior, suprema, juízo e juiz da discriminação, classificação e execução da vida de uma única pessoa, mas de tantas quanto forem necessárias com mal necessário para conservar o que considera o bem maior.

A psicose do mal em si cultuado como se fosse o próprio bem comum da vida. A perversão mórbida, maníaca e doentia da compulsão de morte a canibalizar e se vestir própria vida porém não mais como monstruosidade, mas já como o prova da fidelidade do servo que ama seu senhor acima de todas as coisas, incluso seus irmãos, pais e filhos, vizinhos, ou a vida de um completo estranho que não lhe fez mal algum. Prova como tributo, prova como trabalho, prova como sacrifício de vida de morte, na batalha pelo pão nosso de cada dia, ou em breve novamente como bucha de canhão em nome de fronteiras entidades e corporações imaginárias, enquanto seres dotados de animas que sofrem e sangram morrem ou minguam a revelia da glória dos sobreviventes para satisfazer a tara de psicopatas que ao contrário dos demais criminosos e crimes contra a humanidade não só estão liberados para genocidar, mas tem o poder de exigir que as pessoas pratiquem toda forma de holocausto em seu nome, desde que é claro que prevalecem para escrever a história, sua gênese seu curso e eterna promessa de redenção depois do seu fim. A morte, como promessa de ressurreição e novamente promessa adivinha do quê? Vida eterna.

Saber viver é um mistério e enigma magnífico. Porque saber viver não é feito do desejos infantis do ser que cresce e apodrece, envelhece e enfim morre, mimado e mal amado sem jamais amadurecer querendo viver para sempre ou jovem pior para sempre com tudo e todos vivendo servindo a seu dispor. Consumindo a vida e liberdade de tudo a seu redor em vida e além até depois da morte como assombração em memória e jurisdição sobre a vida que ficou ou nem sequer ainda nasceu.

De modo que aqueles que como eu já tem os primeiros cabelos brancos, ou já estão repletos deles, longe de estar preocupados em contar seus dias na terra, deveriam estar preocupados não só em saber exatamente pelo que morrer com um mínimo de dignidade, mas preocupados que novas vidas e liberdades e juventudes não sejam perdidas e sacrificadas mais uma vez em nome de falsos mitos e deuses e entidades, que ele que já viveu bastante sabe que não existem, mas fingimos como tantas outras coisas que fingimos crer apenas para escapar ilesos da fúria dos insanos e seus seguidores mais fanáticos e furiosos.

Deveríamos contar que não é na velhice quando, o corpo e alma já cansado e ferido, as vezes até cedo demais quanto mais permanecemos em campo e na linha de frente, seja lutando nossas próprias lutas ou as batalhas alheias, já não temos a mesma força, nem sequer pernas, e alguns nem mais cabeça ou anima ou mesmo coração para perseguir seus próprios sonhos e sustentar sua própria luta. Deveríamos contar que as dores, cicatrizes que carregamos podem ser o orgulho do que realizamos ou pelo menos tentamos, ou a marca da amargura de vida que esperou e trabalhou eternamente pelo próprio tempo e espaço que quando veio já era sempre um pouco tarde demais, já não era mais o seu tempo, mas o de outra geração.

Aliás não só contar mas dar tudo o que temos e pudermos dar e legar a eles, para não serem engolidos e moídos pela vida. Não só como saber como propriedade e usufruto para que possam aprender da única forma que não sejam velhos mimados tutelados e tuteladores, mas de fato pessoas adultas emancipadas e emancipadoras, não senhores servo-escravos escravagistas, a aterrorizar a vida alheia porque frustados e amedrontados com a sombra da própria da morte e privações da vida, mas pessoas de fato livres aprendendo como os acertos e erros sobre as propriedades que dispõem e usufruem como tais como liberdades reais para decidir politica e economicamente, o verdadeira legado ou herança que um ser deixa a posteridade, não como promessa de paraíso ou vida eterna, mas pura e simplesmente vida, tanto como bem comum quanto obra e riqueza não importa a forma material, imaterial ou transcendental no qual consumiu, se consumiu seus dias como sentido da vida e enfim morte.

Porque só há um crime maior contra a vida do que roubar as responsabilidades de outra pessoa, é deixar passar em branco as suas incluso como responsabilidades para com as outras pessoas não só no futuro, mas no aqui e agora. Porque as pessoas, os seres vivos do futuro, não existem senão como mera projeção dos seres sensíveis que vivem e morrem aqui e agora, na exata extensão do alance dos nossos olhos e braços, na exata extensão da abrangência não da nossa ideação, mas da nossa visão e ação como nossa realidade.

Renunciar ao chamado dessa realidade sensível, fechar os olhos e a mão, tapar o ouvidos, virar o rosto, enquanto canta-se hinos de glória a deus e a pátria. Isso é pior que orar aos brados para que o diabo se levante e reine. É orar de todo o coração, é orar e meditar em silêncio para que ele venha e leve para o diabo que carrega o que os olhos não querem ver porque o coração já nem consegue mais sentir. Não como prata e ouro que tilintam em nossos bolsos essa sim a novo real ainda que em realidade meramente virtual. Mas o crime não é só contra a humanidade deles, o crime não é só gregário, mas também egoísta, porque a responsabilidade que se toma, transfere, omite ou renuncia é também exatamente a mesma propriedade intransferível não como fantasia de moralidade de pregadores, mas como propriedade concreta e intransferível, meio condição e possibilidade material

absolutamente necessária ao exercício da própria livre vontade, como governo não só sobre o mundo mas sobre as vontades de poder que governam os sujeitos e objetos, a começar pelo próprio sujeito que não sujeita suas vontades como objeto dos desejos, alheia, mas a sujeita ela ao governo da sua própria vontade como consciência da suas próprias responsabilidades. Um outro estado de espírito, um outro ethos, onde nada move ou demove a livre vontade da pessoa senão ela mesma.

Porque não se engane ou deixe enganar: liberdades não feitas de ideais, nem ideais, mas de responsabilidades e responsabilidades sobre propriedades, não são abstrações, mas fenômenos feitos de relações, ou padrões tão concretos e sensíveis quanto a vida, e portanto não tratam de convenções sobre coisas alheias, mas de direitos sobre seres e coisas que tem anima própria e portanto pertentem a cada sujeito seja em particularidade seja como universalidade em comunhão consensual, e não a nenhum monopólio ou monopolizador sobretudo o da violência. Violência sobre bem comum e liberdade. Liberdade, o bem comum dos bens comuns, o direito dos direitos à vida.

É nisso que a pulsão de vida até quando se consome ou sacrifica por completo, ao invés de devorar o alheio, é de uma beleza não só transcendental, mas absoluta sensível para quem não tenta fugir da responsabilidade de viver e morrer a seu tempo e no seu espaço, não só com dignidade, mas legar dignidade naquilo que ela em essência como materialidade consciência da vida em liberdade não só a sua, mas como responsabilidade com a vida em liberdade de tudo que todos da mesma anima é capaz de gerar nas primitivas fomas de senciência até as mais complexas formas e redes de consciência, vive e porque é dotada da liberdade como fenômeno e dotada da anima libertária autogeradora da criação e criatividade é vida.

A vida enquanto sentido é um segredo que vai se revelando quanto mais sorvemos seu significado de dádiva não como tesouro para ser enterrado nesse plano ou além, mas para ser dado até a última moeda como imagem da própria vida, não pousando para foto como criaturas ou monumentos da nossa própria nulidade e alienação mútua, mas simplesmente criação não numa gênese mitológica, mas aqui e agora, em tempo de fato real e perpetuo enquanto aqueles que estão conexos a elas se fazem e desfazem como podem e não podem não só para preservá-la, mas para recriá-la não à sua imagem e semelhança, mas a imagem e semelhança da própria criação, a liberdade, que não tem uma forma preconcebida, mas tantas formas quanto as criaturas que ganham a vida como dádiva e não pacto, ou obrigação mas potência infinita assim quiserem tomar para si agora como o SEU presente e responsabilidade, mas pode chamar de novo pelo correto se não estiver corrompido pelas taras do que morreram e querendo ou não hão de morrer para dar lugar a vida: Liberdade.

Algo que talvez que seres desprovidos de conexão com a rede da vida sejam capazes de atingir de se ligar antes que nos re-liguemos, ou jamais voltemos a nos religar perdidos em nossas próprias alucinações e idealizações por definição meras projeções ainda que em tempo “real”, ou mais precisamente atual, que simulam perfeitamente o movimento que anima o mundo sensível, mas não são em verdade a sua ânima, mas a ilusão de movimento da sua imagem que hipnotiza a presa, ou se preferir uma provocação gratuita, o servo-idiota.

Curioso que minha mente me trai, e volte não para minha experiência de vida, mas para um filme de ficção cientifica antigo. Mas não importa porque real ou ficção, novamente como história a narrativa se torna um conto e metáfora, e quem eu dou voz novamente não é exatamente a minha pessoa, ou exatamente o meu lugar de fala, onde me sentia propriamente mais vivo em ato e palavra, mas daqueles com os quais me solidarizei não mais como mero espectador ou ator...

A velhice e morte. Quanto menos a tememos, quanto mais nos aproximamos em paz dela mais conseguimos entender o sentido da vida. Nisto a arte assim como os esportes já preparam o neófito para o que a vida vai ensinar na prática, o que menos importa é a vitória ou derrota, o aplauso ou a vaia, o que importa é dar tudo de si até o final ainda que não haja um único espectador, porque a vida não é um mero espetáculo.

Não é uma viagem, ela a sua eternidade, não naquilo que se fez ou desfaz ou legou, mas daquilo que é atemporal até aos legados que também hão de no seu tempo perecer. É a essência de quem entendeu que sim o que vale são as verdadeira intenções mas não as que ficam nas ideias, mas que são e existem de fato em ato e ação. Essas são a potencia que move o mundo, e que mesmo quando destruída e abortada dessa plano sensível não pode ser eliminada, ela é a própria força elementar da materialização das realidades sensíveis, sempre nasce e renasce como vida, sempre cria e recria novamente a existência como novo campo, novo espaço e tempo, seja no futuro desse mundo, seja no de outros mundos para além desses horizontes ou campos de cognição ou mesmo planos de existência que esse espaço e tempo atingirão ou não um dia.

A vida eterna é, das teoria conspiratórias, o maior mito ou bobagem já contada para assustar crianças envelhecidas com medo de morrer. Nada mais digno do que morrer em paz com uma vida repleta das marcar de uma vida de luta plantado e cuidando da vida e liberdade quão curta ou longa, doída, feia ela tiver que ser. A morte longe de ser esse sentimento antropofágico e necrófilo dos cultuadores de holocausto que se prendem como mortos-vivos aos seus corpos e corporações e memórias pobres, é um momento sagrado e sublime de libertação. O momento onde aquele que de fato ama a vida, a ama ainda mais, não só a sua, na sua forma, mas na ciência da sua morte, que não é uma mera reflexão ou projeção, um mero saber, mas um estado da espirito, um estado de consciência, ama cada vez mais a vida, não só a sua, mas simplesmente a vida, toda a vida. Simplesmente porque sente, e porque sente e vê; e finalmente vendo, enfim entende que naquilo, e naqueles, que não via nada, estava nada menos que tudo.

Porém é justamente sobre tudo isso que pretendo tratar adiante e não adiantar como já adiantei aqui.

Segue...

Pulsão de Vida? Não, Compulsão de Morte
Da Evolução e Revolução do Logos no Cosmo da Psique e na Pisque do Cosmo, um caso de Epistemologia

medium.com

Brasileiro um povo carente: Uma “homenagem” aos lavajatistas que se apaixonaram pelo mito

Ou porque uns continuam sempre a cair neste conto e outros não mais (ou nem tanto)?

Ai, ai... Coitado do brasileiro. É um povo carente. E trouxa pra cacete...

De fato seria cômico se não fosse trágico, não só para eles, mas para todos, mas como rir e chorar não muda o leite derramado então segue a homenagem, que aliás, não é minha, mas do bem-amado, e na linguagem do “amor” que ele adora usar com os aliados e ex-aliados. Então, agora é a vez da direita que acredita em papai noel fingir que não sabia, que não existia tirar o RG e vestir o chapéu:

O sociólogo performático Falcão tinha razão: o brasileiro é corno manso e feliz....
Corno é que corno sabe: tem que ligar para avisar que tá chegando, hein? Ou o flagrante não vale.

medium.com

Mas quem não sabia oquê? Quem não sabia? Ora eles, não sabiam. Os que compraram, venderam e comeram mais um pão bolorento. É impressionante que o mesmo padrão se repita continuamente e passe desapercebido em cada bolha. Para novamente se repetir reciclado em nova roupagem fora dela. Basta trocar a embalagem, basta a idiocracia trocar o discurso do idiocrata, trocar o polo, se apropriar do que as pessoas estão dizendo e querem ouvir que os idiotas vão lá e compram e levam para casa, ou melhor colocam para governar sua vida.

Mas não vou ficar aqui me autocitando apenas para bancar o chato do “eu já sabia”, ou “não avisei”. Foda-se e de verde-amarelo... ou de vermelho, tanto faz.

O porquê o brasileiro é obrigado a escolher sempre a cruz e a espada, é obvio. O porque também as pessoas passam a acreditar que a cruz ou a espada ou seus portadores são a

salvação da pátria, no lugar dela, também é algo que cansei o leitor e a mim de tanto me repetir.

Então só voltei a esse tema, por uma única razão. Porque ele é o gancho para explicar porque uns conseguem enxergar o padrão e prever os eventos que vão ocorrer, e outros não estão presos em uma só cegueira seletiva partidária, mas a visão pseudo-cientifica supostamente suprapartidária que também não vê porra nenhuma nem prevê nada. O que evidentemente pode ser um dia útil para quem sabe sairmos desse ciclo de esquizofrenia bipolar e não cairmos de novo nas armadilhas que antes de serem modelos políticos e econômicos de esquerda e direita que se alternam no poder, são de paradigmas culturais e sobretudo cognitivos. Uma cultura e crendice e pseudo-ciência que consumiram a Venezuela, e agora já vai levando para o buraco a Argentina, e que só não derrubou o Brasil ainda por conta do gigantismo das suas riquezas que um dia, não se engane.

Mas que pseudo-ciência ou pseudo-ciências seriam essa? As ciências políticas, econômicas e jurídicas, ou mais precisamente as pseudo-ciências políticas, econômicas e jurídicas baseadas no paradigma do artificialismo estadismo, que não tem leis naturais apenas como pano de fundo de verdade, mas que de fato trabalham com convenções para efetuar suas fórmulas e equações: de modo que quando querem e para quem querem: 2+2 é igual a 5 ou 3 e não por erro mas por regra, e axioma constitucional. E funciona? É claro que não. As ciências das projeções, planejamento e previsões erram, e só servem para justificar e racionalizar os erros. As tecnologias institucionais falem. E adivinha o que essa ciência irá fazer: novas projeções, planejamentos. E como então essa falácia se sustenta? Nas costas dos burros de carga: do povo e natureza, que quando caírem já era.

É por isso que quem usa o modelo de pseudo-ciência política-econômica estatal não só não acerta porra nenhuma, exceto como o relógio parado, que pelo menos uma vez por dia marca a hora certa como ainda compra gato por lebre a cada nova liquidação ou eleição acreditando mesmo como dizia a múmia do clã dos Sarneys: tem que dar certo. A esperança em termos matemático como aposta certa na desilusão e desesperança.

Um tipo de falácia milenar que deveria ser incluído na teoria dos jogos: O auto-engano baseado na presunção de seu paradigma científico ou de conhecimento prevalece as probabilidades estatísticas da reincidência dos eventos. E não importa quantas vezes o raio caia no mesmo lugar, ou a moeda cai sempre do mesmo lado, é sempre acaso e coincidência, porque assim determina o paradigma (pseudo)científico. Não se questiona se a moeda é realmente honesta, e não sendo porque elas não por acaso mas por qual razão se repetem. E o sendo porque também não por acaso mas por qual razão tendem a justamente a não se comportar como moedas desonestas, isto é, a longo prazo, se alternar, e ao infinito, perfazer todas as possibilidades e combinações possíveis seguindo toda ordem de combinações possíveis ao longo do tempo, se tempo tiver para isso. A ordem por trás da aparente desordem, ou aleatoriedade, que enerva e desespera os controladores e deterministas e autoritários, não porque falte organização, mas porque sendo autodeterminada é para os controladores a indeterminação que mata seus projetos de poder e tirania- incluso os que resultam inevitavelmente em desastre, os desastrados.

Quem se interessa por esse tipo de viagem:

Conexões: Da Matemática da Física à Física da Matemática

Deuses, Loterias e Mercados: A ilusão do Apostador e as esperanças matemáticas

medium.com

Quem não, não tem problema. Para não entrar de otário nesse tipo de charlatanismo do estadismo que vende interesses alheios como se fosse conhecimento (não raro com o coitado do charlatão acreditando mesmo ser um cientista apenas porque como um esquizofrênico paranoico ou jogador de RPG está completamente imerso no seu universo complexo, mas ainda sim imaginário), basta saber o que a experiencia empírica e histórica confirma:

Governo é governo. Povo é povo. Não existe governante nem classe política que defenda os interesses do povo. O que existe sim é povo a defender governantes. Qualquer um que analise ou faça previsões fora desse modelo vai se errar e se ferrar... de novo, e de novo, e de novo. Vai comprar e dormir como discursos e para acordar levando no lombo a realidade na prática. É por isso que não é preciso ser gênio, guro, nem adivinho para saber qual será o comportamento dos indivíduos que pertencem ou passam a pertencer ou circular em torno dos centros de poder.

Pense no animal político como um verme, não para alimentar instintos primitivos e destituir essa pessoa humana que adentra o poder de seus direitos humanos por mais estatopata que ela seja. Ele do primeiro ao último minuto da vã existência como animal político embora não possa renunciar a sua dignidade humana, vai enfiá-la naquele lugar dos sonhos eróticos-tanáticos mais inconfessáveis do nosso bem-amado presidente, e buscar sobreviver como tal, nesse ambiente predatório e parasitário. Desde o primeiro ao último instante sua preocupação e ocupação primária será a mesma daquele que por sinal era na prática a sua para chegar, manter galgar posições de poder. Quem não renuncia à sua condição de pessoa humana para se tornar esse animal político, morre na política, como diria o outro capitão, pede para sair, ou é saído, inclusive as vezes de fato na vida.

Esse não é o meio ambiente onde se abraça árvores ou cuida-se de gente, mas onde se come gente e derruba-se arvores, e depois se encena o oposto como mal necessário que vem para o bem maior. E tolo de quem compra o jogo de cena, entre antagonistas e protagonista, entre oposicionista e situacionistas, porque só existe de fato uma situação e um protagonista: quem decide e quem de fato detém recolhe e redistribui a pilhagem do patrimônio tanto público quanto privado e o usufrui do filé para jogar os restos e os ossos para os cães de guarda e gado de abate.

Por isso quem olha para essas casas grandes e seus senhores nunca se surpreende portanto quando traficantes e milicianos, bandidos fora da lei, ou dentro da lei, fazedores da lei, executores de lei, e julgadores de lei, sejam eles legalizados ou ilegais para a manutenção dos seus interesses em comum estabelecem tréguas e alianças entre arqui-inimigos, ou traem amigos e companheiros de luta novos ou antigos. E eis que mais uma vez mudam os players

mas o jogo e a regra do jogo permanece, todos em ordem unida para preservar butims, pilhagens e privilégios.

Em política não existe princípio ou bem comum, mas apenas meios e mal necessário para atingir a sua finalidade intrínseca e evidente, o poder, porque sem poder não há classe política e sem classe política finda-se o objeto pelo qual eles disputam: o governo que não é uma coisa que paira num ócio etéreo, mas um negócio que está montado e precisa estar sempre montado sobre um povo, que portanto por definição jamais pode fazer parte dele. Um apartheid e ponto final. Onde "brancos" brigam e se entendem, mas os "pretos" da senzala politica-econômica assistem e até votam no final da história, mas dentro do roteiro já pré escrito e dirigido a lá o velho "Você decide" da Globo.

Pergunta: Quão difícil é explicar e prever o comportamento dos player quando se observa o jogo do ponto de vista da população e seus interesses, não da encenação do espetáculo de pirotecnia da sua representação e atores? O que será que vai acontecer no próximo capitulo da novela Brasil?

Oh, Será? Mas, não... não, não é o que não pode ser, é....

Ah, mas o mundo não pode ser desse jeito... então tá, chora e fica esperando o próximo papai noel assassino, já estão vestindo e treinando e se pegando a tapa um monte deles para o próximo Natal de 2022. Senta no colinho dele e faz um pedido bem bonito. E depois espera para ver o futuro, ou melhor o presente que seu amigão vai te dar.

Mané, viés de confirmação, é viés de confirmação é viés de negação, afirmação da alucinação pela negação da realidade sensível, porque ela dói e dá um trabalho do caralho para mudar, um trabalho que preferimos transferir para incompetentes e bandidos mesmo sabendo que eles vão nos roubar, e não vão fazer. Preguiça e burrice e irresponsabilidade social, evidentemente de quem tem tempo e dinheiro para ter esse privilégio o de chamar e transferir responsabilidades e não se assumir as alheias por obrigação e necessidade da vida.

Mas essa é outra falácia, não porque estamos presos dentro de um arcabouço conceitual ou mesmo feito de concreto, aço e armas, não que porque ele seja uma realidade imposta como concreta que ela seja verdadeira ou pior a única, inevitável ou inescapável. Muito pelo contrário.

O primeiro passo para sair desse buraco é entender que o lobo mesmo quando vestido em pele de cordeiro é lobo, ainda que fãs, jagunços, advogados e doutores da lei a lamber até a bunda suja dele e jurar que ele não é lobo mas cordeiro chapeuzinho vermelho.

O segundo é ainda mais simples é pegar, seu tempo, atenção, amor, amizade, solidariedade e dinheiro, sim aquele que você guarda e ele pega para supostamente entregar para a vovozinha, mas que ele usa, (e todo mundo sabe que ele usa) para comer você e a vovozinha, e ao invés de morrer, vai entregar você mesmo para a vovozinha, antes que ele pegue e engorde ainda mais.

Resolve? Não, mas já é como diria a vovozinha- se não tivesse trabalho até virar jantar do lobo- um bom princípio.

E quem for tão desprovido de todas as sua condições e capacidades que de fato faça tudo que pode: ou seja nada, incluso não atirar a primeira pedra, ao invés de abrir a mão. Incluso não dar pedras nem dinheiro para quem faz do apedrejar os outros muito mais do que só seu ganha pão.

Porque posses e direitos e responsabilidades que você compartilha com pessoas iguais em autoridades (sobre o bem comum e uns sobre os outros) são liberdades reais, propriedades, que geram mais oportunidades e riqueza para todos. Mas posses direitos e responsabilidades que você delega, renuncia ou transfere para pessoas desiguais em autoridade (sobre o bem comum e você) são poderes, expropriações, que geram mais tirania e privações, pobreza para para o povo, locupletação e privilégio para as autoridades. Já os termos, nomes, é demagogia e balela, mero conto e narrativas. Ou como o próprio nome se trai e denuncia: jogo de representações. Uma fábula.

E fábulas por fábulas fico com as do escravo Esopo, reescrita pelo nobre La Fonteine:

Um cordeiro estava bebendo água num riacho. O terreno era inclinado e por isso havia uma correnteza forte. Quando ele levantou a cabeça, avistou um lobo, também bebendo da água.

– Como é que você tem a coragem de sujar a água que eu bebo — disse o lobo, que estava alguns dias sem comer e procurava algum animal apetitoso para matar a fome.

– Senhor — respondeu o cordeiro — não precisa ficar com raiva porque eu não estou sujando nada. Bebo aqui, uns vinte passos mais abaixo, é impossível acontecer o que o senhor está falando.

– Você agita a água — continuou o lobo ameaçador — e sei que você andou falando mal de mim no ano passado.

– Não pode — respondeu o cordeiro — no ano passado eu ainda não tinha nascido.

O lobo pensou um pouco e disse:

– se não foi você foi seu irmão, o que dá no mesmo.

– Eu não tenho irmão — disse o cordeiro — sou filho único.

– Alguém que você conhece, algum outro cordeiro, um pastor ou um dos cães que cuidam do rebanho, e é preciso que eu me vingue.

Então ali, dentro do riacho, no fundo da floresta, o lobo saltou sobre o cordeiro,a garrou-o com os dentes e o levou para comer num lugar mais sossegado.

MORAL: A razão do mais forte é sempre a melhor.

Verdadeira moral da história: otário de quem dá ouvidos às razões do lobo. E mais otário ainda de quem dá ouvidos (e moral) a "moral" dessa "razão".

Mas não tem jeito enquanto brasileiro achar que é Rambo, e não quem o Rambo explode, vai continuar sendo o que é: um tipiniquim e não um tupinambá a idolatrar os senhores da discórdia e comemorar seu extermínio mutuo como se fosse de uma "especie" ou "raça" alheia que não tem ou não veste as cores certas. Mais uma vez, outra velha pseudo-ciência, de genes e memes, que se vende e impõe como falsas preconcepções e discriminações a acobertar tanto os padrões pelo qual as pessoas são por artificialmente e monstruosamente apartadas e reduzidas a bolhas alucinadas, quanto como natural e solidariamente não só integram mas já nasceram gregariamente ligadas para não cair nessa armadilha.

Isto é claro se não forem amputadas do exercício dessa capacidade que constitui a própria noção do mundo do real não por acaso sinônimo de sensível: a sensibilidade, mas pode chamar de empatia que como prática chama solidariedade, o sentimento oposto e contraposto à idolatria aos todos poderosos que forma os cultos patriarcais. O sentimento de irmandade. Ou simplesmente humanidade. Algo que se constrói não pela adoração da autoridade e poder, mas pelo amor libertário, solidário a liberdade e libertação, ou simplesmente à vida não a imaginária e ideológica, mas a real que sente, sofre, carece e morre nas mãos daqueles das personas e entidades imaginárias que dizem representá-las e protegê-las. Mas novamente como o nome diz: são poderes e rituais que (dizem que) representam a vida e a liberdade, e não as.

Royal Idiocracy in UK: E quem foi que disse que a Rainha da Inglaterra não serve para nada?

Entendeu agora porque um fascistóide a-do-ra uma monarquia?

Sturgeon: 'This is not democracy but dictatorship'

SNP leader and first minister of Scotland Nicola Sturgeon says government attempts to prorogue parliament are…

news.sky.com

Mas como o homem do microfone de ouro diria não importa, porque a família real continua simplesmente um luuuuuuuxoooo. E solta o cassino do Chacrinha: quem vai querer bacalhau?

Imagina só se isso acontece numa república bananosa de esquerda ou direita, (a gosto do freguês). Se um ditador, perdão presidente, pede algo a qualquer cargo mais ou menos equivalente a uma rainha da Inglaterra (será que serve um presidente de Suprema Tribunal?) para fechar o congresso por meses, só tempo o suficientes para aprovar seus decretos sem oposição? E quem disse que precisa fechar para isso? Aqui só impera os interesses republicanos nos 3 poderes, até pacto explicito para que eles continuem imperando tem.

Isso me faz lembrar piada de humor negro que me contaram na Europa, sobre os custos da família real. Um inglês monarquista falava sobre as vantagens da monarquia, entre eles dizendo como os ganhos em turismo e visitação com ela, superava e muito a mesada que davam para mantê-la. Um cawboy presidencialista rebateu, não seja, por isso: se é só pela visitação e turismo, mata, empalha e depois põe no museu- é o que fazemos na America com índios. O Brasileiro entrou na conversa e disse nós também, pelo menos em parte, porque o museu queimou. E a floresta também, poderia completar, mas foi antes.

Mas é só uma divagação... há quem diga que poderia ser ainda pior , poderia ser ditaduras militares ou jurídicas mal disfarçadas. Porém não se esqueçam que as naturezas das idiocracias nunca muda, ou melhor só muda de endereço. Eu por exemplo consigo imaginar um cenário completamente hipotético para um filme ainda mais distópico onde um país não é governado nem por milicos, nem traficantes, nem por milicianos, nem corruptos de colarinho branco, toga, batina, quintas-colunas, velhos coronéis, ou novos clãs, ou nem só, afinal...porque pressupor tamanha seletividade? afinal para além do jogo de cena e representações (sejam eles reais ou republicanos fakes) porque não haveria um espaço político para um novo acordão onde todos tivessem seu quição de privilégios? Desde que se mantenha quem sustenta esse negócio sempre no seu devido lugar sem perturbar trabalhando e pagando tributos, quieta e longe do poder, o regime que vier depois a gente acerta; o importante é manter a coisa de pé, não importa ao custo de quê, nem de quem, mesmo que seja o do próprio jogo de cena. Mas pode chamar de democracia representativa ou melhor de representação:

Então doutro qual regime democrático prefere: o Republicano Presidencialista ou a monarquia parlamentarista?

-Mas e aquela tal de democracia direta digital?

-a essa meu amigo nem entrou no cardápio.

-Mas essas outras aí parecem tão estragadas...

-Não se preocupe é só temperar com um pouco de ditadura que você nem sente o gosto. Vai por mim esse tempero é receita de família, segredo da casa. Em tempos de vacas magras sempre funciona... e quantas vezes não nos mantivemos graças à ele... Acredite em mim, no começo você pode até estranhar um pouco, mas como tudo na vida, você vai acabar se acostumando e quando perceber vai até sentir falta.

Alguém ainda tem alguma dúvida que o Estado como monopólio da violência fracassou?

Não é o Estado só de Bem Estar Social que faliu, nem o Estado Mínimo Liberal que nunca funcionou. É o Estado-Nação como...

medium.com

Mais uma guerra mundial de Idiocracias: Salvadores de Pátrias versus Salvadores do Planeta

Da política incendiária de terra arrasada como salvação no (e para) o Terceiro e Quarto Mundo.

introdução

Virou hábito (moda) as pessoas usarem a palavra “narrativa” para descrever todo processo demagógico de manipulação em massas pela adulteração epistemológica dos dados e fatos como se fosse o processo todo um só, e a construção de narrativas fosse o todo dele. Eu prefiro continuar usando a palavra a discurso para quem vende; narrativa (um bom termo) para quem compra, revende e repassa (de graça, ou nem tanto) essa droga (ou merda) alucinógena; e hipocrisia, desonestidade intelectual, onde ainda cabe e falsidade ideológica quando a demagogia de todo processo é flagrante.

Demagogia que por sua vez não é mais um simples gesto, bons tempos (que nunca existiram), mas como tudo, um processo ainda mais complexo mas intrincado na essência da produção, reprodução e claro disputa e expansão de idiocracias concorrentes tanto nacionais quanto internacionais. Com demagogos a fabricar e plantar merda; seus veículos emissores a difusores a bombardear tanto o seu próprio curral, quanto o alheio, e os idiocratizados, (para não dizer idiotas imbecilizados) a repetir, se dividir e se espalhar a merda propagando tanto a idiotice em si quanto a discórdia- seja enquanto vítimas inocentes da sua boa-fé e boa-vontade, seja como vitimas da famosa esperteza que devora o esperto.

Esperteza que portanto faz dele o idiota útil clássico. Útil as idiocracias alheias, porque tanto mais perigoso aos coitados e idiotas nativos quanto mais o imbecil, ainda que seja só um espantalho, está estrategicamente posicionado como um ou o idiocrata mor do teatro de encenações e quiça operações local.

De modo para efeitos de política externa tanto faz se temos um idiocrata se passando por idiota para manipular não só as massas mas seu próprio estafe, ou de fato um idiota manipulado ou contido por seu estafe na posição de idiocrata. Tanto o espantalho quanto o pombo enxadrista não tem o mesmo efeito lá fora que dentro do território doméstico. Principalmente quando suas armas, incluso as carrancas e bravatas não tem o mesmo efeito de dissuasão, sansão, ou terror com os idiotas e idiocratas alheios como tem com os nativos e domesticados dentro do range delas, o seu curral e território. Justamente o poder oposto que os idiocratas de fora que na qualidade de predadores bem maiores possuem aqui dentro, para mijar no território alheio, e tentar rever as marcar e demarcar do que de cada primata de terno dentro da cadeia alimentar internacional.

Onde o que não falta é coitado, idiota e até mesmo idiocrata se achando muito esperto em sua posição de pequeno ou grande poder para falar ou fazer o que quiser, porque já domina, ou pensa que o domina sistema de punições dos homens, ao menos o dentro da sua jurisdição territorial, mas ignora a que lei a natural aquela que não precisa nem está sob a jurisdição nem jurisprudência suprema dos decretos de nenhum dos 3 poderes ou 4 poderes, mas permanece como sob lei da razão das causas e suas consequências, a única que merece propriamente o nome de lei, porque até para ser e alterá-la, e olhe lá, carece da sua observância, mas pode chamar de ciência.

Maquiavel aconselhava aos governantes, ou tiranos (ao gosto do freguês) que se não quisessem jamais cair ou perder a vida- o que era ainda mais comum naquele tempo- que a maior virtude de que ele deveria observar não era o credo dos fieis que se acreditavam eleitos ou predestinados pela fortuna da sorte, dos deuses, ou da sua própria persona, mas sim a virtude de saber e se comportar não como se é ou pensa ser, mas como ele deveria ser ou pensar dependendo do tempo e lugar, as circunstancias. E não podendo ser um ou ator tão descaradamente aos olhos de todos, aconselhara que o tirano colocasse também muitos outros em seu lugar para fazer o serviço sujo, até para depois repreende-lo e cortar sua cabeça, contentando amigos com favores e também depois as vítimas com a vingança.

Lição básica de governança ou gestão das massas domesticadas pelas violações e privações mais imbecilizadas pelo espetáculo da violência. Que parece ou pelo menos parecia boba até ontem quando a racionalidade prevalecia, mas num tempo em que reis e tiranos se guiavam a si as massas para precipícios se guiando e consultando toda a sorte de superstições, foi uma verdadeira revolução das luzes da razão num tempo de obscurantismo e sombras. Ou trocando em miúdos, idiocrata que não é idiota vende e trafica sua droga, mas não cheira como qualquer dono de morro, igreja, protoestado, traficante, miliciano, ou produto e vendedor de armas ou tóxicos sabe, é lá não aqui, e no outro não que se vende o lixo incluso como ajuda, escapatória ou salvação, e não sabe pelo menos deveria saber.

Um problema cultural diriam uns. Mas pode chamar de vulnerabilidade do código de programação cultural. Onde todo e qualquer cavalo-de-troia não só passa desapercebido, mas é recebido de portas abertas. Como se já não estivessem completamente infestados de vírus e parasitas controlando todas as nossas portas de entrada e saída e não só da informação e desinformação. Por isso numa idiocracia mais importante do que ficar atento às narrativas e a movimentação do gado, é importante ficar atento aos comandos e sinais do boiadeiro e seu berrante. Do não, dos. Porque não há só uma boiada, mas várias disputando perigando estourar e disputando o mesmo pasto que ainda nem pasto é e nem pertence a nenhuma delas, nem a todos, ao menos não para pecuária nem de gado nem de gentes.

Então fica o alô, não do Maquievel, mas do Mussum:

Porque o papo furado é dos idiocratas assim como o choro e a gritaria é livre, mas o cu e sua fatura é sempre dos idiotas. Querendo ou não Nóis. Nóis e não eles especialmente enquanto vivermos numa idiocracia independe de qual bicho e bioma morto seja feita nossa dieta, mortadela ou caviar. Porque a Amazonia inegavelmente queima. Assim no Brasil e o Brasil e o mundo. O circo pega fogo, a olhos visto e cada vez mais rápido. E o que não faltam é Neros

e Napoleãos para tacar mais lenha na fogueira que por sinal eles mesmos quando não criam, alimentam. Resta saber se para apagar, e governar sobre quem e o quê e para quem?

A guerra dos idiotas idiocratas: dos discursos escatológicos neocoloniais protonazistóides pátrios e ambientais: salvadores do Planeta versus salvadores da Pátria

No escrito anterior dediquei toda uma série de p.s.(s) para apontar alguns (não todos) dos gritantes absurdos (para não dizer hipocrisia descarada) do discurso "ambientalista" de Macron (e não só dele) para defender interesses outros sobre a Amazônia como se fossem de todo o mundo. Discurso comprado e revendido por aqui pelo preço certo ou até mesmo de graça por quem só tem em Bolsonaro um inimigo comum. Quanto por quem realmente se importa e milita faz tempo na causa ambiental e indígena, ou quer começar a se importar com algo que faça diferença, um sentimento que jamais pode ser desprezado.

Um erro clássico para uma estratégia oportunista clássica, um cavalo-de-tróia que explora uma vulnerabilidade de um país sempre pronto a rodar a programação desde que venha pelos canais sempre abertos com a linguagem, código de programação e autenticação da autoridade correta e tela azul. Esqueça as indignações seletivas, não são seletivas, elas já são teleguiadas. São ligadas e desligas por simples bombardeamento de informação-desinformação. E assim como um se inflama num dia e surta, no outro já volta a normalidade como se nada tivesse ou continuasse mais a acontecer, apático pronto para ser recrutado como audiência corneteiro e repercutidor e macaco de auditório da próxima novela da vida.

Esqueça a metáfora dos parafusos soltos, para esse tipo de loucura coletiva, nessa fábrica quando você olhar para o lado, e disser nossa coitado João ficou completamente doído você viu? Não é mais um parafuso que se soltou, dele ou da nossa vida, ele não é mais uma engrenagem do mecanismo que quebrou, é um fusível que se queimou. E fusível se queimam, ou melhor são feitos justamente para isso mesmo, serem queimados, de modo a preservar a integridade dos outros componentes feitos para permanecer intocados. Mais um fusível queimado. E eles já não queimam sozinhos, mas em série porque a sobrecarga na rede é cada vez maior para preservar os núcleos dos intocáveis nas diferentes redes de tensão que compõe o sistema.

E assim como nesse há gente que não passa de mero fusível a ser queimado, há outros seres igualmente vivos de outros reinos que não passam de fonte energia, a ser igualmente queimado para alimentar os motores desse sistema, mas que também se perder irreversivelmente em calor, entropia e caos, nesse processo de produção de poder e riquezas, querendo os economistas e políticos, porque as leis da termodinâmica e da física são leis da natureza, e não convenções submetidas aos caprichos e canetadas dos homens. Os dados sim, os fatos, suas causas e consequências não.

Dados e fatos podem ser queimados, escondidos, substituídos por guerra de factoides, mas a guerra de factoides, que não deixa de ser mais um novo fato e evento produzido pelo homem, irá somar-se à cadeia de eventos e produzir uma reação.

Incendiar é sempre fácil onde justamente as culturas da vulnerabilização e facilitação da manipulação e exploração das terras, gentes e matas para colher, pilhar riquezas fáceis. Matéria-prima e mão-de-obra não só fácil de ser apropriada, mas fácil de ser empregada, para todos os fins, não só barata e servil, mas até gratuita, uma massa sempre pronta para ser dividida, mobilizada, alienada conforme os alheios, internos e externos que disputam nada menos tudo que ela é, e a define, não só suas propriedades que definem sua soberania mas sua liberdade que as definem sua própria identidade. Uma mera caricatura, seja como carranca ou santo para gringo ver.

E Touché. Bolsonaro enquanto Nero e piromaníaco profissional, seja autônomo ou automato, mas profissional na arte de colocar fogo no circo tanto do mundo simbólico quanto o real, experimentou do próprio remédio. Encontrou um outro player que dobrou as apostas afinal esse negócio de salvador da pátria é para os fracos. Onde os fracos não tem vez o negócio é salvador do Planeta.

Sinceramente, nem eu sei, se ele sabe do que estão falando, especialmente quando saca, a moeda do commons. A questão mais importante e disputada da história da humanidade e menos debatida às claras com os verdadeiros donos os povos. Se ele sacou essa bomba atômica para atacar um mosquito, essa monumental vala comum guardada literalmente a (G)7 chaves como um esqueleto no armário do colonialismo, apenas para melar um acordo comercial dessa reunião de cúpula dos países ricos e poderosos, então não pergunte porque a chanceler alemã anda com aquela cara de quem não acredita no que viu e tendo tremedeiras. É medo, porém não deles, mas de quem já viu esse filme em casa. E de que qual é a próxima do que esse bando de idiotas mimados e mal-amados vão aprontar quando estiverem todos no poder juntos ou brigando pelo poder. Porque pior que um Trump no cassino, são muitos, e a casa quebra. E casa não se engane é sinônimo de Planeta, exceto na demagogia para plebe.

Não, não estou dizendo que no horoscopo da mitologia contemporânea o signo da persona pública de Macron é o do Joker. Ele não é o caos descarado e escarrado que ri, ele sua persona assim como estratégia política é mais discreta e a clássica, ela tem duas-caras:

Uma política e bandeira que os EUA largou no meio do caminho, após sucessivas derrotas, ou falsas vitórias de pirro. Mas e aqui não afirmo, pergunto: o quanto ele age dessa forma apenas seguindo seu instinto de animal político para ocupar um vácuo, ou isso faz parte de uma estratégia maior e mais bem pensada de contra-reação do stabilishment tecnocrático para frear o populismo antisistema e preservar suas lideranças politicas que não param de cair nas principais democracias representativas (leia-se maiores PIBs do mundo alinhado)? O quanto esse movimento de tentar chamar para si a figura de salvador do Planeta, é consciente ou só mais um erro de cálculo porque não se engane, nem tudo é planejado, nem tudo sai como é planejado e nem tudo é uma conspiração, e mesmo quando é nem todas as peças, mesmo as grandes são necessariamente consciente do seu papel, mas polenziduraks, porque, as vezes, até os reis se movem, ou melhor são movidos, quando são postos em xeque.

E pressupor o erro ou um puta acerto, sem necessariamente nenhum plano, é uma hipótese. Mas não pressupor inteligencia ou pior causa, optando pelas explicações facies, é não

propor-se a entender nem explicar nada. E há muitas formas de fazer isso. A mais fácil, é dizer que foi um erro, ou mera coincidência e fim de papo. Outra é pior, é assumir que há um problema mas atribuir a ele agentes ou tramas fantásticas, ou simplesmente impossíveis de se verificar. Sempre melhor, manter-se no campo das dúvidas razoáveis e humildade da pressuposição que leva ao entendimento, a pressuposição de inteligência das partes evidentemente envolvidas. De modo, a não multiplicar ao infinito as possibilidades de causas e logo consequências. E ficar nos erros e acertos plausíveis e não nos incríveis, que são sempre resultado mais de sorte, do ser verdadeiros, como ele faz parte de seita globalista satânica tentando dominar o mundo eliminando toda a vida dos que não pertence a seu culto.

Esse tipo de insanidade a lá protocolo dos sábios de cião que pega as bases de crítica que é sobretudo social, política e cultural, e transforma em uma guerra contra pessoas, grupos escolhidos para serem os inimigos que ele precisa para alimentar a sua ideologia de ódio, discriminação e guerra, muito bem disfarçada de preservação de espaços vitais e da sua cultura frente a ameaça da invasão não indígena, mas alienígena (terrestre mesmo) dos alienados e renegados da civilização. Um processo perverso de inversão ideológico onde se vende que a trama é resultados de agentes causadores, elege-se e aponta-se então para quem se quer eliminar como inimigo da causa revolucionária ou depois do estado devidamente estabelecido, e voilá vai-se expandindo o império do absolutismo sobre um regime de terror em quem não está conosco ou não por nós reconhecido como gente, não é gente e está contra nós. E o problema e o padrão, não só permanece, mas não só se cristaliza a própria sistematização final do instituto da necrofagia e necrofilia, como a institucionalização do sistema.

O que foi o “Espaço Vital” Nazista?

O que foi o “Espaço Vital” Nazista? A noção de espaço vital, para o nazismo, estava associada ao conceito de Lebensraum, que vem da Geografia Política alemã do século XIX.

Para entender o pensamento de ***Adolf Hitler****, que consolidou a ideologia nazista e produziu horrores como o* ***holocausto****, é necessário que saibamos o que o* Führer *do* ***III Reich*** *compreendia como “****Espaço Vital****” ou, em alemão,* **Lebensraum**.

O conceito de Lebensraum *popularizou-se no século XIX, após a* ***Unificação Alemã****, por meio dos trabalhos do geógrafo* ***Friedrich Ratzel****. Como é sabido, o século XIX foi o século do imperialismo e do neocolonialismo. Muitas das nações europeias e países de outros continentes, como os Estados Unidos e o Japão, empenharam-se em conquistar grandes extensões de terras a fim de garantir um pleno desenvolvimento de suas capacidades econômicas. Ratzel, que havia visitado os EUA na época do auge da* ***Doutrina Monroe****, passou depois a conceber uma doutrina geopolítica que defendia que toda “raça ou povo com dotes civilizacionais superiores” precisaria de um vasto espaço físico para o seu pleno desenvolvimento. A conquista desse “espaço vital” dependia da subjugação de “povos ou raças inferiores”, ocupantes de territórios “indignos” deles.*

A perspectiva de Ratzel teve grande repercussão entre os nacionalistas alemães após a ***Primeira Guerra Mundial****, haja vista que o* ***Império Alemão*** *havia ruído com a guerra e, com isso, perdido partes importantes de seu território, como a* ***Alsácia-Lorena****, e também suas colônias na África. Quando Hitler começou a amadurecer as ideias nazistas, na década de 1920, o conceito elaborado por Ratzel caiu-lhe como uma luva. Como aponta o historiador estadunidense Timothy Snyder, em sua obra* Terra Negra — o holocausto como história e advertência*, para Hitler, o espaço vital era encarado não apenas no sentido político-econômico, mas também no sentido propriamente ecológico, isto é, de* ***habitat****.*

Isso não quer dizer que Hitler passou meramente a traçar uma relação direta entre natureza e política, como se dá a entender à primeira vista. Não, ele passou a defender a ideia de que a política era a natureza e vice-versa. Vejamos uma citação de Snyder, que comenta a obra Minha luta*, que Hitler escreveu na época em que estava na prisão, em 1924:*

"A natureza desconhece limites políticos", escreveu Hitler. "Ela põe forma de vida neste mundo e os deixa livres no jogo pelo poder". Como política era natureza, e natureza era luta, não havia pensamento político possível. Essa conclusão era uma formulação extremada de um lugar-comum do século XIX segundo o qual as atividades humanas podem ser entendidas como manifestações biológicas." ***[1]***

Segundo Snyder, para Hitler, a "incessante luta entre as raças não era um elemento da vida, mas sua essência". Ele concebeu também a ideia de que os judeus estavam na contramão desse determinismo natural ao darem ao mundo as noções de compaixão, fé, solidariedade universal etc. Além disso, o líder nazista acreditava que ele próprio tinha a missão de:

[...] resgatar o pecado original da espiritualidade judaica e restaurar o paraíso de sangue. Como o Homo sapiens *só pode sobreviver por meio do assassinato racial sem limites, o triunfo judaico da razão sobre o impulso representaria o fim da espécie. O que uma raça precisava, pensava Hitler, era de uma "visão de mundo" que lhe permitisse triunfar, o que significava, em última análise, ter "fé" na sua própria missão natural."* ***[2]***

Os judeus, segundo Hitler, não poderiam triunfar enquanto civilização influente porque isso representaria uma ameaça para a espécie humana — o seu fim –, já que o elemento de luta zoológica, que teria produzido a própria especiação natural do humano, extinguiria-se. Com a vitória da moral e da visão de mundo judaica, os humanos pereceriam de fraqueza, de falta de tônus natural, e a Terra regrediria para a época anterior à presença humana.

Não pare agora... Tem mais depois da publicidade ;)

*Hitler ainda acreditava que doutrinas com pretensões universalistas como a moral cristã, a democracia liberal e até mesmo o comunismo (****Marx****,* ***Lenin*** *e* ***Trotsky****, por exemplo,*

vinham de linhagens de sangue judeu) eram produtos da raça judaica. Todas essas doutrinas eliminavam o caráter apontado acima, da política como natureza, como expressão de uma luta zoológica, na qual deve prevalecer o mais apto a conquistar seu espaço vital. Esses eram os principais fundamentos do ***antissemitismo*** *nazista. Como diz Snyder, "o relato do assassinato em massa dos judeus da Europa tinha de ser planetário, porque o pensamento de Hitler era ecológico, tratando os judeus como uma chaga da natureza."*

Esse "pensamento ecológico" de Hitler teve sua aplicação máxima quando houve a ***OperaçãoBarbarossa****, isto é, a operação de ataque à União Soviética em 1941. O grande projeto nazista de expansão territorial tinha como principal alvo o Leste europeu, sobretudo as estepes férteis, como as da Ucrânia. Os eslavos eram considerados por Hitler integrantes de uma raça desorganizada, sem capacidade de administração de seus vastos territórios e, por isso, deveriam ser subjugados e escravizados. Com o avanço sobre o Leste, proporcionado pelo recuo das forças soviéticas, os nazistas começaram a elaborar projetos de construção do seu espaço vital nessa região.*

Os alimentos produzidos na Ucrânia e em outras terras seriam desviados para alimentar a população alemã e de outras nações da Europa Ocidental submetidas ao III Reich. Para tanto, seria necessário destruir a URSS e, com ela, dezenas de milhões de eslavos. O início desse processo começou com o ***extermínio dos judeus*** *que viviam no Leste, sobretudo poloneses (só em Auchwitz foram mortos cerca 1.500.000).*

O segundo passo seria matar de fome a população eslava. O próprio Stalin já havia feito isso em 1932–1933 com os ucranianos, mas com outros propósitos. Hitler pensava na mesma estratégia, só que com vistas à colonização total da região. Como diz Snyder:

O axioma de Hitler da vida como uma guerra de fome e sua intenção de mover uma campanha de fome contra os eslavos se refletiam em documentos políticos elaborados depois de sua ascensão ao poder na Alemanha, em 1933. Um Plano de Fome criado sob a autoridade de Hermann Göring previa que "muitas dezenas de milhões de pessoas neste território se tornarão supérfluas e morrerão ou emigrarão para a Sibéria". ***[3]***

A lógica cruel da noção de Lebensraum *de Hitler também se apoiava na ideia de que os recursos alimentícios poderiam tornar-se escassos para qualquer nação que tivesse um número populacional elevado. Esse tipo de compreensão derivava do fato de que o mundo ainda não havia conhecido a* ***Revolução Verde****, isto é, a mecanização da agricultura e aplicação de fertilizantes no solo para torná-lo agricultável. Essa realidade só apareceria após a Segunda Guerra. Hitler acreditava que uma nação, para garantir o alimento para sua "raça", precisava retirar o alimento de outras raças à força — incluindo eliminar a raça mais fraca para que não houvesse a necessidade de alimentá-la. -****O que foi o "Espaço Vital" Nazista?*

O que foi o “Espaço Vital” Nazista? — Brasil Escola

O que foi o “Espaço Vital” Nazista? A noção de espaço vital, para o nazismo, estava associada ao conceito de…

brasilescola.uol.com.br

Logo um discurso que se compra o nós contra eles. Ou o todos nós, custos no seu rabo, e lucros no meu bolso, tem o mesmo efeito prático, seja lento e velado e bonito na foto, ou rápido, declarado e explicitamente monstruoso: holocausto. E não de todos. Mas das vítimas. Porque os mocinhos e bandidos, vejam só acabam por trabalhar de novo em novos projetos...

A Operação Paperclip

Basicamente, essa teoria foi uma operação que ocorreu após a Segunda Guerra Mundial, ela consistiu em uma extradição secreta das mentes brilhantes do regime nazista de Hitler, até porque com o fim da guerra, muitos nazistas ficaram desempregados, e dentre esses nazistas estavam muitos cientistas.

*Entretanto, isso foi feito como uma tática dos Estados Unidos, para se sobressair diante os outros países, devido a corrida por melhores tecnologias e armamentos. Inclusive, os Estados Unidos procurou pelos cientistas nazistas, pois muitos acreditavam que eles haviam muito conhecido, os quais eram avançados para a época. -**Teorias da conspiração — 10 que, infelizmente, são verdadeiras***

Teorias da conspiração — 10 que, infelizmente, são verdadeiras

As teorias da conspiração basicamente são aquelas que sempre têm boatos sobre, porém ninguém nunca tem certeza se…

segredosdomundo.r7.com

E tem idiotas ainda comprando e vendendo o Brasil como “celeiro do mundo”... que irá alimentar todas as bocas famintas do mundo...

já outros vendendo e claro comprando como a Amazônia “pulmão do planeta”...

Ao contrário do que diz o senso comum, a Amazônia não é o pulmão do mundo

O biólogo Marcelo Motokane, professor doutor do Departamento de Biologia da USP e especialista em educação para a…

br.rfi.fr

(idiocracias só mudam de endereço... espalham a mentira, para desmentir e ainda por a culpa no senso dos comuns, chamando todo mundo de idiota na cara dura, pois é cada agência de noticias broadcast yourself...)

Terra arrasada, terra preservada. Povos e civilizações e salvos, e outros levados a pira do holocausto incluso como bodes expiatórios, seja ao progresso, seja a preservação. Novamente tanto faz, porque revolução verde é para os fortes, o negócio agora é Lebensraum, como diriam os teóricos alemães de outra nova ordem mundial. Mas fala diferente, Mágico de Oz, senão Doroty seu cachorrinho, o espantalho, o leão covarde, e o homem de lata sem coração não compra o remake do conto de fadas:

As subversivas mensagens ocultas no clássico filme 'O Mágico de Oz'

Em dezembro de 1937, a Walt Disney Productions lançou seu primeiro desenho animado, Branca de Neve e os Sete Anões, que...

www.bbc.com

Sem problema... tempos pós-modernos mitologia pop contemporânea: Chama os Vingadores que eles salvam a Humanidade, ou melhor quem restar dela, porque salvação nessa historinha para boi morrer dormindo, é só depois que o Thanos der fim em metade da população, escolhidos aleatoriamente (é claaaaro).

(...)A teoria populacional Malthusiana

No final do século XVIII, um pastor anglicano chamado Thomas Malthus, teve uma leitura de mundo muito parecida à do supervilão da Marvel.

De acordo com o economista britânico, a população estava crescendo em uma progressão geométrica (1, 2, 4, 8, 16, 32...), enquanto a produção de alimentos (recursos) só conseguia crescer em uma progressão aritmética (1, 2, 3, 4, 5, 6...). Assim, era questão de tempo até a quantidade de pessoas no mundo superar a quantidade de alimentos disponíveis. E quando isso acontecesse, haveria fome, doenças e guerra, que matariam várias pessoas e restabeleceriam novamente um equilíbrio na natureza.

Malthus tornou-se uma figura polêmica por defender que os principais culpados pela possível crise de recursos eram as pessoas mais pobres, porque elas tendiam a ter mais filhos e não tinham condição de cria-los. Diferentemente de Thanos, a solução de Malthus para superar o problema iminente da fome não era matar pessoas, mas a abstinência voluntária e o casamento tardio, principalmente nas classes mais baixas.

Apesar de Malthus não ter matado ninguém diretamente, suas ideias inspiraram uma série de desastres ao longo da história. A Leis dos Grãos, em 1815, que levou à Grande Fome da Irlanda; a Lei dos Pobres, em 1834, que levou à criação das "casas de trabalho" na Inglaterra, que eram como campos de concentração para os indigentes; a recusa do

vice-rei da Índia, Lord Lytton, em enviar ajuda humanitária depois da morte de 10 milhões de indianos vítimas de fome; o Darwinismo Social, que defendeu a existência de humanos superiores a outros; o Holocausto; a esterilização forçada que mulheres de vários países sofreram; e a política do filho-único na China.

Apesar de Thanos ter matado um sem número de pessoas, podemos dizer que sua a visão de mundo não carregava nenhum preconceito e elitismo, como se vê em Malthus e em seus seguidores. Sua proposta era a de matar metade da população aleatoriamente, sem escolher entre mais pobres ou mais ricos. Assim, Thanos atuaria quase como uma força cega — e inevitável — da natureza, o que não minimiza o problema de sua decisão. Afinal, por que não usar seu enorme poder para dobrar o tamanho do universo, por exemplo, preservando a vida das pessoas? Considerando todo o seu poderio, parece que a escolha da eliminação das pessoas poderia ser revertida para outras soluções, ou seja, a morte foi uma escolha pessoal dele.(...)

O erro de leitura de mundo de Malthus e Thanos

O grande erro[erro dele ou de quem continua a prejulga por pressupõe de intenções de boa ou má fé dos agentes inteligentes, e não pela consequencia dos seus atos e palavras principalmente se arrogam agentes racionais do economista foi não prever que a tecnologia avançaria a tal ponto que a humanidade seria capaz de produzir alimentos em escalas industriais. E por essa razão, a disponibilidade de alimentos cresceu muito mais do que uma progressão aritmética.

*Além disso, outra importante crítica que se faz à teoria malthusiana é baseada no conceito de **transição demográfica**, proposta já no século XX por Warren Thompson.*

*Segundo a teoria proposta por este demógrafo, os países passam por 4 principais fases de transição demográfica. A **primeira** delas é a fase na qual as taxas de natalidade e mortalidade são altas, ou seja, nascem muitas pessoas e morrem muitas pessoas, logo, o crescimento da população é baixo. Felizmente, nenhum país encontra-se mais nessa fase, com a alta taxa de mortalidade definida por Thompson.*

*A **segunda** fase é o momento em que o país começa a obter melhoras nas condições sanitárias, a medicina avança e a expectativa de vida aumenta. Com isso, a taxa de natalidade se mantém alta, mas a de mortalidade cai. Como nasce muito mais pessoas do que morrem, vê-se acontecer uma enorme explosão demográfica. É o que vemos acontecer hoje em vários países subdesenvolvidos.*

*A **terceira** fase é quando o país entra em processo de industrialização, o que provoca migração em massa da população do campo para a cidade. E por ser mais difícil sustentar grandes famílias na cidade do que no campo, essa urbanização faz com que as famílias tenham menos filhos. Além disso, nessa fase começam a surgir os métodos anticoncepcionais, a população começa a se instruir, o planejamento familiar se torna algo comum e muitas mulheres ingressam no mercado de trabalho. Tudo isso contribui para*

uma diminuição das taxas de natalidade. Assim, morrem-se poucas pessoas, mas nascem-se poucas pessoas. E, com isso, temos uma queda vertiginosa do crescimento populacional.

*Por fim, a **quarta** fase é o momento em que a maioria dos países desenvolvidos se encontra. As taxas de natalidade e de mortalidade se mantém muito baixas, o que leva a um crescimento populacional próximo a zero.*

Ou seja, o crescimento populacional não é como uma bola de neve morro abaixo. Ele é sujeito a muitos outros fatores que precisam ser levados em conta para uma análise mais adequada.

Como é possível que Thanos, um ser inteligente e poderoso, não tenha pensado nisso?

É realmente muito curioso que um ser de inteligência sobre-humana possa defender uma teoria econômica tão ultrapassada. Mas podemos compreender seu erro de leitura olhando para os neomalthusianos.

Esse grupo reformulou a teoria malthusiana levando em conta o progresso tecnológico e o fato de que, mesmo com toda a tecnologia do mundo, a fome e a pobreza ainda existiam.Para eles, e para Thanos, o excesso populacional ainda era causa não só da fome e da pobreza, como também de gastos excessivos do governo com educação e saúde, afetando negativamente a economia. Até hoje existem correntes derivadas do malthusianismo. Pessoas que colocam a culpa da fome e da pobreza no crescimento populacional e, em especial, na população mais pobre.

*Os ecomalthusianos, por exemplo, colocam a culpa do esgotamento dos recursos naturais da Terra no excesso de pessoas no mundo. Há não muito tempo, ouvimos políticos brasileiros propondo como solução econômica e solução ao problema da miséria e da violência o controle de natalidade da população pobre através de cirurgias de laqueadura e vasectomia. E há aqueles que reúnem o pior de Thanos e de Malthus: a crença de que a culpa da fome e da pobreza é o excesso de pessoas no mundo e de que a pena de morte para aqueles de comportamento desviante é uma solução que garantirá maior qualidade de vida para os cidadãos de bem. Seriam esses os **MalthusiThanos**? [não, não é preciso tem outro nome histórico para essa teratologia... bom nem trocar para não esquecer nem disfarçar... eugenismo o pai do nazismo]*

A Teoria Reformista: virando os neomalthusianos do avesso

Segundo a Teoria Reformista, o grande erro dos neomalthusianos está em desconsiderar um dado crucial, que também é considerado na teoria de Thompson. Como fica claro no conceito de transição demográfica, é justamente a educação, a saúde, o desenvolvimento da ciência e tecnologia de um país, que ajudam na regulação do crescimento da população.

*Por essa perspectiva, o altíssimo crescimento populacional elevado é **CONSEQUÊNCIA** e não CAUSA do subdesenvolvimento. É justamente a má distribuição de renda e de alimento, a falta de instrução, a falta de assistência médica, que provocam levam às superpopulações, e não o contrário. Da mesma forma, poderíamos dizer aos ecomalthusianos que a causa do possível esgotamento de recursos energéticos e das mudanças climáticas globais não é o crescimento populacional, mas o uso de combustíveis fósseis (fontes não renováveis de energia), o desperdício e a poluição dos recursos hídricos, a poluição da atmosfera com gases do efeito estufa, etc. (...) -**Thanos e sua solução para o crescimento populacional — Ciência Nerd***

Thanos e sua solução para o crescimento populacional — Ciência Nerd

Em uma lua pacata e altamente tecnológica chamada Titã nasce o bebê Thanos, irmão de Eros e filho de Mentor, governador...

www.blogs.unicamp.br

Aí que medo. Isso é muito anti-cristão, chama a Dona Damares e proibi o filme e também o pica-pau, aquele subversivo.

Não, #elanão, chama a Maria do Rósario e ela processa essa propaganda subliminar neomalthusiana porque é muita apologia descarada do eugenismo e nazismo.

Pronto desapareceu o problema.

Claro que não.

A começar, primeiro e segundo : porque não só apelamos para o mesmo erro para solucionar os problemas, salvadores, os vendedores profissionais de problemas e venenos como se fossem o remédio, mas porque para começar até quando analisamos criticamente esse proceder aplicamos a lógica do julgamento pela pressuposição das intenções de boas ou más fé nas suas intenções, mesmo para aqueles que se arrogam completamente racionais em pregações e tomadas de decisão. Ou seja ao contrário do ignorante que não tem o privilégio de alegar de fato o que por vezes é a razão das suas ações, aquele que se arroga o detentor e propositor do saber tem sempre o privilégio corporativo de nunca ser julgado pelas consequências nefastas dos seus atos, mas sempre pela pressuposição das suas boas intenções. Pois é sábio que sabe o que está falando e arranjo que sabe é sempre inocente quando erra, mas o ignorante é sempre culpado, até porque por lei nem sequer não pode alegar desconhecer as leis que de fato ignora. Genial.

E terceiro, porque o crescimento populacional antes de ser consequência do mero subdesenvolvimento, é produto da própria necessidade do DESENVOLVIMENTO e crescimento das civilizações! O medo não é só da população subdesenvolvida crescendo e comendo as futuras riquezas e recursos a serem pilhadas pelos desenvolvidos. Mas justamente a queda de população nos países desenvolvidos que não querem ver sua hegemnia geopolítica e cultura desaparecer junto com suas populações. Eles precisam voltar

a crescer mas não estão dispostos nem a dividir seu capital, nem muito menos miscigenar-se nem genética nem culturalmente com as subraças do mundo especialmente em sua terras e metrópoles.

De tal modo que nesse processo de divisão internacional do capital e trabalho, isto é a externalização dos custos com a pilhagem de recursos , escravidão assalariada, e com o lixo do superconsumo, produziu no plano global um paradoxo, uma população de pandas ricos, que só se produzem e se reproduzem e sobrevivem em condições ambientais, econômicas bem especiais, e nem mais assim, e no outro, o que aos olhos deles é uma verdadeira praga, o sertanejo de Euclides da Cunha, o pobre que todo rico se assusta como consegue ainda sobreviver e ainda reproduzir a uma razão maior que morrer, são deixados para morrer, se matam, ou são mortos. De um lado uma população que não consegue mais se reproduzir ou nem quer sem estar assistida ou sem medicação, e outra que continua a se reproduzir na razão necessária a preservar não a vida, mas para instintivamente não ser extinta, por um acaso a mesma razão, essa num cálculo mais racional, que fomenta os garante exércitos de misérias empurrados pelo medo da extinção, ou persistência na subsistência as industrias políticas-economicas que vejam só, que coincidência, detém o capital, ou os recursos naturais que eles carecem para viver a troco de banana, ou morrer se não aprenderem a obedecer e servir direito. A base com a qual outrora quando gente cada dia mais descartável, incluso em idade produtiva e em quantidades maiores depois que o advento das máquinas fez delas um asset valioso, num lixo que come assets, um problema a ser eliminado para preservar o asset que cada vez mais raro e escasso agora tornou-se novamente valioso dentro da lógica dos capitais: a natureza.

Populações cresceram para servir de escravos e buchas de canhão para erguer impérios. Florestas foram transformadas em campos para alimentar esses servos da glória alheia. E quando maquinas começaram a ser inventadas não só a produção foi alterada mas o transporte. Na verdade os saberes, tecnologia e máquinas que mudaram o mundo, antes de serem o da revolução industrial, foram o da revolução cientifica, que permitiram a descoberta de todo um novo mundo a ser pilhado e colonizado. Essa revolução permitiu todo um novo arranjo da alocação de recursos para produção de riquezas. Um arranjo e realocação que não para de ser feito conforme, a produção se automatiza, o lixo de acumulado e claro o trabalho escravo vai ser empurrado para as periferias do mundo, até o limite da crise que nos encontramos. Assim se num primeiro momento matéria-primas e industrias ficaram nas metrópoles, o trabalho servil e escravos não. Se segundo as grandes metrópoles, já não precisavam nem mais exploram a escravidão assalariada da sua própria periferia marginalizada tão intensivamente, salvo para os trabalhos insalubres que não poderiam trazer novamente escravos do cu do mundo, para o cu do mundo, poderiam agora mandar também as industrias pesadas, tóxicas que antes poluíam suas cidades.

De modo que os países desenvolvidos finalmente puderam desaparecer com a pobreza, puderam reduzir os seus ghetos de marginalização e exploração de seu próprio povo, sem contudo precisar abdicar dos ganhos com a miséria, porque a sujeira e exploração se foram das suas vistas, mas o capital continua alocado nela, só que num outro mundo, que ainda ficaria e ainda fica contente e agradecido por final e tardia conhecer os bens e males tóxicos da industrialização, só que um detalhe, o lucro da festa e de quem banca , o capital gringo, mas os custos sociais e ambientais são com o dono da casa, o nativo, mas meu celular e uma usina nuclear velha que eu tinha que jogar fora pra você brincar, quem é ou já foi burguês

sabe do que eu estou falando, bota fora, mas chama de filantropia que ainda a gente paga de bonito. Mas e o capital? cê tá louco? é índio, preto pobre e povo subdesenvolvido vai gastar tudo em pinga e ainda botar fogo nas nossas florestas! Obrigado, Macron, nada como experimentar um pouco do próprio remédio.... e nem adiantou. porque branco brasileiro é o fundo "soberano"de preto da casa da senzala mundi. Celeiro do mundo, celeiro gente, 500 anos de idiocracia tipo exportação.

Mas não terminei o raciocínio. Como as revoluções cientificas e industriais, basicamente puderam parar de cagar com reis medievais em casa na cabeça de seu povo, e puderam passar a cagar bem longe nas suas províncias como banqueiros e warlords, e agora na era da informação e automação como CEOS se tudo der certo, just in time, on demand, não só em qualquer cabeça e em qualquer lugar, mas em todos os lugares e cabeças, sem precisarem nem sair de casa. E casa não a urbes, a cidade, casa o castelo, a mansão. De fato um rei medieval encastelado porém não só a viver da pilhagem do entorno e sem sequer saber como lavar a própria sua bunda, até porque não precisava porque não era ele que lavava, mas agora praticando a sua antropofagia tercerizada e automatizada completamente a distancia, mas também toda escatologia idem, bem longe dos domínios da civilização ambiental, politica e economicamente correta até os limites dos portões e muros do seu mundo de príncipes e castelos encantados.

Os avanços em tecnologia e de automação da maquinaria reduziu custos dessa produção e expropriação permitindo mandar para tão longe os danos e prejuízos quanto fosse possível trazer de volta os ganhos para sua casa, claro que não sem riscos e disputas sobre a posse e controle de direito e de fato da administração desse negócio ultramarinho ou transnacional.Guerras por independência foram travadas, independências e novas republicas foram declaradas, um pouco mais sérias outras mais fajutas. Escravidões foram abolidas. Mas Aparthaids mantidos. Uns velados, outros explícitos... e dando um salto para encurtar a história, chegamos a um empasse que encontramos hoje onde, a servidão em si, amenizada em um lugar, renomeada e transferida para outros territórios juridições, coloca esses "alocadores" de recursos naturais e humanos num novo problema que eles chamam agora de demográfico, bocas demais não para recurso naturais de menos, braços que já não servem mais para interesses sobre recursos naturais que são sempre foram insufientes ao para todos para interesses políticos e económicos que são infinitos. E como todo elaboração do problema dependendo dos termos como ele for elaborado em seja em si qual será a solução. Olhe para as formas que eles propugnam o problema do bem comum, tanto o natural e ambiental quanto o populacional e combate a pobreza e verá qual será novamente a solução que já começam a insinuar cada vez de forma menos subliminar e implícita.

Como já afirmei antes, nem importa no fundo se a máquina vai substituir o homem, nos países subdesenvolvidos a precarização não é o problema da grande maioria que já vive na precariedade e carestia desde o nascimento e já estava previamente desqualificada para o futuro desde o berço para a obsolência e descarte. O desemprego, a informalidade será subutilizado em todo potencial, mas sugado em toda sua energia até ser tratado como lixo obsoleto a ser descartado, abandonado ou mesmo eliminado ou tirado da linha de (re)produção, este mal que não é novidade no velho mundo, já é uma sina conhecida aqui, porém não para ser encostado para uma máquina fazer nosso trabalho, não temos a herdamos, logo não possuímos a gene biológica nem cultural, nem o capital necessário para tal. A razão que determina nossa "predestinação" é outra: é a completa falta de valor que a

vida humana desses povos subdesenvolvidos têm, não só em relação a produção das máquinas mais avançado, mas até em relação aos ganhos como a produção e venda dos armamentos incluso os mais ultrapassados e primitivos. Está na relação de custo e beneficio, e logo de valor e importância, ou mais precisamente da completa falta de valor e importância de fato que a miserável vida humana nesses locais que nunca passou de um asset, vai decaindo em relação não ao valor da natureza como vida, mas também como asset cada vez mais raro, empregável, valoroso para quem determina não só a importância das gentes e das coisas, mas quem é de fato gente e quem nem tanto é só mais uma coisa. Feito isso, as leis de mercado cuidam do resto, oferta e procura.

Logo e em suma, não é o desenvolvimento nem subdesenvolvimento que produz as misérias que afingem a humanidade e a natureza, não é a riqueza nem a pobreza a desigualdade genérica, mas o desenvolvimento e riqueza diretamente produzidas e retroalimentada pela industria da miséria e subdesenvolvimento, uma dependente da outra como poder, cultura e economia, comercia (e até propaganda). Na exata medida que ambas industria, acionistas, lobbistas, gestores públicos "infiltrados" enriqueceram e continuam a enriquecer não por produção, por controles das máquinas e aparelhos corporativos e jurídicos logo estatais (mas de interesse privado) e privados (mas de interesse paraestatais) que promovem, regulam e vejam só policiam a pilhagem, exploração e distribuição inversa, a socialização de custos e prejuízos e até mesmo falências e crimes financeiros para a sociedade, para a maximização dos ganhos da locupletação legalizada (ou nem tanto) de B. Um padrão que se reproduz em diversas escalas não só internacionais, nacionais, ou regionais, mas de todas relações de poder onde A impõe obrigações e transfere responsabilidade para colher direitos e deveres como privilégios exclusivos e não mais como garantias básicas de acesso a liberdade reais, logo não como discurso, mas como de fato as liberdade se dão em concreto propriedade e usufruto de bens que lhe pertencem a começar pelos outros e ainda bens comuns.

Por isso que o discurso é o de salvar o Planeta e não a humanidade. Porque mesmo sendo a Terra mãe, e todos irmão, os primogênitos e herdeiros e eleitos são eles. Nós somos o que sempre fomos, um ser para ser posto em questão, se somos gente ou não, iguais mas separados. É por isso que não é o subdesenvolvimento que produz a miséria, mas literalmente a discriminação, desintegração, subjetivação e desvalorização, processamento, uso, consumo eliminação e enfim eliminação como mera praga ou lixo ambiental, a vida e liberdade, incluso a própria vida humana. A vida de uma determina espécie, de uma determinada classe, um determinado gênero, num determinado mercado, sob uma determinada jurisdição, sob um determinado valor e importância, e precificação. Apropriada, numerada, classificada, contabilizada, dividida multiplicada, reproduzida ou eliminada a razão dos interesses de quem a predefine não como sujeito de si mesmo, mas como sua possessão de todos, poucos ou só deles, ainda sim por definição nunca do outro que virá um abajur, mesmo que esse outro tenha sido um ser vivo, sensível, inteligente, consciente, ou mesmo um outro ser humano. Uma questão a ser debatida em querelas religiosas e cientificas enquanto o couro come.

Pensar portanto que esse é um mero mal do capitalismo ou socialismo é um erro crasso. Tanto que o maior "erro" do socialismo não o utópico mas o pseudo-cientifico foi ter se apropriado no mal o materialismo e estadismo e ter ignorado a alma do negócio, que não é acumular mais do mesmo para meramente acumular mais do mesmo. Mas sim para perpetuar o poder e perpetuar-se o poder. O jogo nunca esteve no que mantinha porque

todos sabiam que ninguém ficaria com o que era acumulado, Nunca foi a sobrevivência pela mera sobrevivência, a não ser onde a privação forçada foi imposta com regra de exploração da alienação, mas no que se legaria e logo herdaria não só como patrimônio ou hereditariedade, mas como a própria constituição atemporal tanto material quanto imaterial da existência daquela forma de vida.

Não, nunca foi na pulsão ou no instinto da mera sobrevivência ou adaptação ambiental a ela, que se moveu e evolui e re-evolui a vida, nem a natural nem da humanidade e sua história , mas na pulsão de vida em seu estado lógico são, ou pervertida como pulsão de morte, já em seu estado insano e doentio cancerígeno parasitário e teratológico. Mas, sim sempre foi o desejo de preservação sim, mas como perpetuidade incluso o transcendental, incluso o completamente ensandecido que diferencio o ser humano dos demais animais para o bem e para mal, a consciência da sua morte, e o anseio por enganá-la, ou superá-la, por preservar-se seu ego como memória, história, persona ou entidade jurídica, espiritual, de viver depois da morte, novamente através da vida dos demais que conduziu a humanidade para essa ditadura dos mortos e mortos-vivos e dos que nunca viveram nem sequer existiram senão em fantasia dos que sonharam e continuam em viver para sempre em ego a custa da vida de novas gerações. Derrubando e movendo mundo para fugir desse medo velhaco de múmia e satisfazer esse desejo infantil, construindo monumentos a estupidez e tara humana não importa a que custo do que de fato vive para satisfazer essa mania que das loucuras é a mais perigosa, a onipotência a perpetuidade apenas porque descobriu que seu ego é mortal.

Há é claro quem busque dinheiro por dinheiro, mas esse se não tem uma tara bastante peculiar, é pobre. Quem já o tem suficiente, ou por suficiente, e ainda não superou o trauma desta descoberta ou tomada de consciência que é as vezes uma vida não é suficiente nem para superar ou sequer para (querer) tomar consciência, vive buscando acumular mais recursos ou com os parcos recursos que tem, perseguir esse objetivo que não importa o quão rico seja a pessoa é sempre miserável, perversamente miserável. Porque seja no legado material ou no legado, essa fixação não por deixar uma própria uma herança, mas perpetuar-se e fazer-se onipresente, histórica, material ou metafisicamente através dela por gerações e mais gerações, é a base de toda inversão da lógica da natureza e da vida, onde um ser pelo sua através da historicidade da sua vez literalmente transfere em autosacrifício tudo que é, não para que novamente outros se sacrifiquem para manter tudo que fez ou era conservado ou crescesse como um câncer, mas justamente o oposto, para a partir disso que se desfez como ente, para se construir em novo código e plataforma o verdadeiro legado ou herança, o padrão e ambiente que já não é mais o mesmo, agora recriado, sob o qual as novas formas de vida se geram e se autogerem. A pulsão da vida, sua evolução preservação e reprodução, e não a de morte, sua destruição, extinção. Aí, sim um erro atribuição de sentidos e sentido a vida e morte, de confusão entre sacrificar-se para deixar uma obra ou legado como herança, incluso patrimônio para uma próximo geração, ou promover holocaustos e monumentos a sua psicopatia e egolatria incluso como culto maldito e divida dano irreparável incluso como fantasma de obstruções, vícios e traumas obsessões e frustrações preceitos e preconceitos, mitos e idolatria que longe de ser ombros do gigante que as pessoas se apoiam, são as botinas do leviatã que nem morto sai do seu pescoço dos seus irmãos, mulheres e filhos.

Mas voltemos a questão urgente Amazônia... onde parei? Sim, uns revendendo, outros claro comprando como a Amazônia “pulmão do planeta”... que irá salvar não só os famintos, mas todos, inclusos os bem muito bem alimentados e tratados, porque quando a coisa esquenta

podemos não ser todos irmãos, mas é bem comum de todo mundo. O bem comum como patrimônio natural, e espaço vital, e não o meu já tomado e posto no cofre como capital, é claro. O seu, não o meu.

Uma guerra de propaganda de mentiras contra mentirosos sem o menor fundamento cientifico que visa mobilizar não só idiotas úteis, mas gente de fato que não quer passar a vida sem fazer a diferença de braços cruzados, mas neófita nesse celeiro de putas velhas e seus cafetões. Onde a única verdade, é que Amazônia queima, sim queima. Assim como o Brasil queima. Ou melhor pega fogo com a mesma facilidade. Porque igualmente vulnerável a ser incendiado e claro pilhado. Sim queima, e queima mais, ou ou melhor é queimado e pilhado na exata medida que idiotas e canalhas se sentem mais representados legitimados e impunes por quem o representem, aliás como acontece como o patrimônio em qualquer regime. É a lógica das representações e legitimação e legalização explicita ou tácita dos crimes, e claro sua propaganda, mas pode chamar de Estado. E pobre do pais, que está a mercê de idiotas que se acham muito espertos a representar seus interesses internos, principalmente quando encontra outros dispostos tão ou mais dispostos usar dos métodos a representar os externos, só que com poder de fogo ainda maior para incendiar e formar cortinas de fumaça que o seu de estimação.

Porque não se engane nem sequer honestidade há nos verdadeiros interesses em nenhum dos dois lados que alimentam o outro incêndio não da Amazonia, mas do gran circo Brazil, que forma essa outra cortina de fumaça tão tóxica quanto a primeira ao menos à razão. Pois é, bastas riscar um fósforo que o Brasil queima como as floresta. E eis que o Nero tupiniquim experimenta do próprio remédio só que não o genérico, mas com todas as patentes reservadas do novo Napoleãozinho.

Então verdade seja dita: um estadista ambientalista ou salvador do Planeta é um outro mito, um conto para trouxas exatamente como um estadista, salvador da pátria. Uma contradição de termos e interesses. Não porque eles sejam maus os conspiradores por natureza, natural born killers, embora como outros funções que envolvam o poder, atraiam pessoas com esse desvio de personalidade. O exercício do cargo e função administrativa, a saber de um Estado-Nação não permite que tais preocupações humanitárias ou ambientais sejam prioridades,pelo contrário, fora a propaganda estão sempre na final da lista de demandas.

Todo presidente incluso os dos países desenvolvidos, ainda mais em momentos de crise global tem as mesmas listas de tarefas a cumprir, e não pode se esquecer de quem é empregado, senão cai. E não, meu amigo, não é o povo. O povo paga, mas não é ele o chefe, nem ele que faz agenda dos pepinos de quem administra o pais.

O trabalho primordial de um governante ou de um governo, delegue ele para terceiros, consiste basicamente em manter os interesses (financeiros) do lobby que o banca (a ele e as dividas e contas do Estado) devidamente pagas, e portanto é ele (querendo ou não) o administrador dos seus interesses, coleta tributos para pagá-los, e pagar caro por sua própria administração. A prestação de serviços públicos em troca, é secundária. De importância igualmente vital é a prestação do serviço que mantém de fato a receita, já que as contribuições para o negócio são compulsórias, ou seja a manutenção do domínio de fato do mercado dos consumidores, a jurisdição sobre o território a população: as forças armadas

que como policiam o território das ameças externas, e internamente a população das ameaças internas, incluso o levante da própria população: as temidas golpes ou revoluções, tanto faz, para quem cai é sempre golpe, para quem sobe é sempre revolução, para o povo que fica na mesma merda, o nome já diz tudo só outro governo, a mesma merda, mais ou menos filho da puta até que o romance acabe.

Então, se o segredo da vida é ter empatia tenhamos com os governantes, sim eles, porque também são gente, não são? Preciso pegar fogo por lá nada mais nada menos, que uma Notre Dame, para que as revoltas mais persistentes e regulares dos últimos tempos enfim desse uma trégua. Então não é só uma questão de lobby dos agricultores franceses, Macron tem que se equilibrar entre os interesses financeiros a que literalmente bancam a ele e toda a União Europeia, enquanto tem que continuar mantendo a plebe rude, o precariado que cresce em descontentamento longe das ideologias populistas antisistema que se alimentam do seu descontentamento para tomar o poder. E isso sem desagradar a Alemanha, que do dos peixes é o maior ao menos do aquário europeu continental. A qual portanto em plena vias do fantasma da recessão econômica mundial batendo a porta, não está interessada em perder esse celeiro onde ganha vendendo e comprando. Ambientalismo e humanitarismo no seu devido lugar, do discursos ideológicos e ajudas e assistências emergências e olhe lá. Negócios são negócios, por favor, a parte.

Isso é por lá e por aqui?

Assim as pessoas vão continuar morrendo de fome em meio superprodução e superconsumo, incluso de alimentos, tanto vitais quanto os superfluors ou mesmo os nocivos à saúde. Porque fora os discursos e as disputas comerciais econômicas e geopolíticas entre estados-nações e os interesses que os pressionam ou fazem descaradamente lobby, tanto os nacionais quanto os transnacionais, o que está em disputa não é a questão ambiental, nem humanitária, é sim o bem comum, mas não para continuar comum, vivo, livre, virgem preservado, mas para ser morto, dividido, dissecado, investigado, dividido em partes, trancado em cofres, moído, processado, comido, exibido e guardado por armas. Capital.

Pois quem vive de capitais, isto de transformar matérias-primas (seres vivos e livres) em riqueza (coisas mortas ou devidamente trancadas) quer proteger coisa nenhuma, não quer nada com que está de pé sobre terra, quer o que está debaixo, e não importa quem ou o quê vai ser posto abaixo, carregado ou enterrado, explodido, debaixo dela. Gente, bicho, arvore. que lindo, e me passa a minha nutela. Não sejamos hipócritas. Vamos aos dados, mas da grande figura do espaço e tempo. Onde é que o homem branco pisa que não nasce nem cabelo? É civilização construída em cima de ruína de civilização, caçando gente. Jogando lixo no vizinho. Monta uma civilização libertária e depois vem vender paz e libertação. Porque aqui caso não tenham percebido o DNA do cachorro que come cachorro, não é indígena mas tem outro pedigree, o do cão de caça e de raça; não é cachorro vira-lata, é europeu. Ou pior, um vira-lata, que se acha cão de raça, apartado dos outros vira-latas do canil, cachorro de madame, esquecido nos trópicos pelo dono, talvez, mas fiel espera da volta do seu senhor seja ele quem for. Porque novamente o gene não é um invenção, mas assim como dele você pode deduzir que logo somos todos irmão e gritar, vamos interver contra os países que produzem, vendem, jogam, armas e matam pessoas causando crises humanitárias, podemos focar nas diferenças de código, incluso de memes, para nos discriminar e novamente enquanto levantamos barreiras e apontamos armas, cantamos hinos sobre o espaço vitais. E

que os mais fraco ou mais selvagens morram, porque o futuro do planeta e da humanidade pertence aos mais “evoluidos” e desenvolvidos. De que se o burguês incluso o dito progressista é um proto fascista enrustido, ou em desenvolvimento, o ideólogo darwinista não é só um eugenista mal enrustido, mas um proto nazista em progresso.

Então repito, as mutações não são aleatórias, não é a capacidade de adaptação que move a vida, mas a cristaliza envelhece e mata, é justamente o oposto a negação do adaptar-se que provoca a transformação e surgimento de todas as novas as forma de vida que se chamam não só por evolução, mas revolução. O processo que rejuvenesce e ressuscita não por necromancia, o corpo morto ou artificial, mas da vida a nova criatura, não como afirmação, negação ou mera síntese do sacrifício de tudo que é velha, mas como a solução do problema, a transcendência, que aquela forma, não poderia solucionar pela mera clonagem ou reprodução ou perpetuação sua arquitetura domas somente numa completamente nova, que é solução nova, não final,que apenas supera a anterior para ser superada pela próxima geração. Um processo de inconformidade as formas e normas preestabelecida, e não de adaptação de si ou do mundo as preconcepções. Literalmente a criação, não como um ponto axiomático hipotético ou fantástico no espaço e no tempo, mas como padrão constante, pulsante, vivo, da vida e do universo. Então foda-se a necro biologia, a necro economia, o necro espaço-tempo. fodam-se as múmias e seus falsos discurso pro-vida e liberdade. Foda-se os falsos criadores e salvadores. Eu quero vida e liberdade de fato, e não discurso. Eu não só penso, eu sinto, eu não existo, eu vivo, e queiram ver ou não eu existo, e que vou morrer isso sei faz tempo, e não duvido que seja nos seus termos. Porque não não moro na amazônia, não nasci na favela, não herdei os traços flagrantemente pretos, pardos, indios dos ancentrais, primos, e agora descentes, nasci num dos maiores IDH da America Latina. Então não vou falar de um lugar onde não nasci nem vivi, nem conheci, não porque não é meu lugar de fala, cago e ando para os lugares de fala, falo onde não devo, e assumo vozes e lugares que pressupostamente não são meus nem eram para onde eu estar, nem lá, nem aqui, não importa, porque é lá e não aqui, no simbólico que mora a minha solidariedade, mas na realidade que decidi conviver e solidarizar conhecer e lutar como causa, não como discurso, mas como um lugar que lugar posso ter, mas nunca mais sai de mim. Porque é a minha solidariedade de fato que determinada quem eu sou, e não o negação ou renegação do outro, não importa quem seja, ou onde esteja o preconceptor. Não é o reconhecimento alheio que define ou por ele, ainda que a paga seja o lugar nenhum.

Em briga de escorpião não se mate a mão. A menos que os escorpiões não estejam brigando entre eles, mas como de praxe para ver quem monta e vai picar o sapo. E pobre do sapo que acha que o escorpião acha que sapo não é tudo igual, ou que é igual ele: escorpião.

*“**C**erta vez, um escorpião aproximou-se de um sapo que estava na beira de um rio. O escorpião vinha fazer um pedido: “Sapinho, você poderia me carregar até a outra margem deste rio tão largo?” O sapo respondeu: “Só se eu fosse tolo! Você vai me picar, eu vou ficar paralisado e vou afundar.” Disse o escorpião: “Isso é ridículo! Se eu o picasse, ambos afundaríamos.” Confiando na lógica do escorpião, o sapo concordou e levou o escorpião nas costas, enquanto nadava para atravessar o rio. No meio do rio o escorpião cravou seu ferrão no sapo. Atingido pelo veneno, e já começando a afundar, o sapo voltou-se para o escorpião e perguntou: “Por quê? Por quê?” E o escorpião respondeu: “Porque sou um escorpião e essa é a minha NATUREZA.”*

Por isso só tem uma coisa pior do que ouvir o dono do engenho, o gringo ouvir falar de salvar o Planeta, é o ouvir o feitor dele, o senhor de engenho falar de colonialismo, bancando o índio, o preto pra gringo ver como se casa grande, como se seu burgo onde esquerda e direita, disputam o poder, sua urbes não fosse também o outro inferno onde não só a mata ciliar, mas a carne de periferia queima para abrir seus condomínios, como se o holocausto urbano nos muros dos burgos ao sul do equador, fosse outro do holocausto verde que alimenta e separa os povos marginalizados das grandes cidades e estados-nações do mundo. Lá e aqui. Como se não nos alimentássemos do mesmo culto e mesma carne sacrificial. E eis o branco no velho ou no novo mundo praticando a antropofagia de preto e índio, para se vitimizar e acusar um ao outro de ser o monstro e vilão do mundo. A unica verdade das trocas de acusação mútuas, vitimas e salvadores nenhum são, já genocidas e impostores. Ah, isso é fato histórico, que não nenhuma estatística mensal, ou anual consegue encobrir, porque não é feita de amostragens, pontuais, mas de de uma padrão secular.

Celeiro do mundo... Não é celeiro nem do próprio pais... Não assim como ninguém quer salvar nada, quem avança e queima a floresta não quer alimentar ninguém, nem fora nem aqui, não os famintos. Até porque sequer precisa queimar nenhuma Amazonia para faze-lo. A agricultura devido aos avanços cientificos, tecnológicos não só nas próprias técnicas que envolvem todas as etapas que envolvem a produção e seus instrumentos até mesmo os financeiros, de modo que se objeto primário fosse alimentar população, ou simplesmente não deixar absolutamente ninguém morrer não importa qual seja a razão de fome, esse mal já teria sido extinto no século XX pela própria revolução verde da agricultura e um minimo de vontade política. A revolução verde um fato cientifico, a vontade política, outro unicórnio da mitologia da idiocracia. Aliás não só já teria se resolvido como jamais teria se tornado um mal sistematizado se nossas civilizações não tivessem se erguido justamente do uso intensivo populações escrava e servil que carecem portanto de espaço, soldo e ração na mesma razão da sua reprodução que o próprio estado-nação carece de pilhagem, de gentes e riquezas naturais para crescer. Mas isso é um se, e não um como é. E portanto uma história que não interessa.

Porque de fato a Amazônia queima, queima mais. E queima porque Bolsonaro como espantalho tem se mostrado um péssimo pombo enxadrista, assim como quem julga que o manipula assim como as massas não sabe como é perigoso brincar com fogo especialmente o do poder que tem a a representação numa idiocracia, seja sobre os idiotas úteis nas massas ou nas posições no de poder grande ou pequeno. A palavra que incendia as massas, é uma faca de dois gumes. Assim como os supostos aliados. Vide o erro de calculo dos próprios militares argentinos que um dia acreditaram que o grande Colossos Americano era parça mais deles e não do primo pobre e macaquito que se achava a homo europeu dos trópicos, (como muitos brasileiros) e viram seu amigão lavar as mãos enquanto suas ilhas malvinas viraram Falkland. Evidente que não é o caso Amazônia, por óbvio, por que cada caso é um caso, e muitas elementos que compõem a equação mudam, mas a lógica ainda permanece a mesma, assim como ainda algumas das constantes geopolíticas. E erros de cálculo.

Tem sempre peixe maior. E se eu estou dando esse alô, não é nem porque eu goste de você não. É poque de filho da puta mentiroso e salvadores da pátria, principalmente, armado até os dentes, basta as versões nacionais mesmo. Porque é aquela história só canalha vagabundo nega que o Maduro é um ditador que está destruindo o seu pais, mas dai a concordar com potencias estrangeiras pilhando o pais seja para segurar o bandido no poder, seja para tira-lo

e pilhar ainda mais só quem é mais bandido ainda, não importa a bandeira projeto de poder vendido ou filiação partidária-ideológico.

Não é a toa que nessa hora que as ideologias desaparecem e quem é minamamente sério, ou coitado, não é um idiota útil, bate o pé, seja general, anarquista ou até mesmo comunista, burguês ou proletariado, opa sai fora malandro que você eu conheço de outras guerras e carnavais. É aquela história ditadura e revolução no dos outros é sempre refresco, ou seja da sua turma e na casa alheia e não na sua. E claro desde que o pais, em questão não tenha um trabuco para matar gente bicho e floresta sem que ninguém mecha com ele. Inclusive matando, gente, bicho e floresta com o próprio trabuco! E a estratégia do menino cuzão que vai buscar se esconder atrás do fortão e valentão da escola, não é garantia de proteção, vide o cu na mão da própria Europa, que agora se vê de novo sob ameaça seja quando as potencias arqui-inimigas se aproximam demais perigando superar velhas rixas e rivalidades de lado e e logo velhos aliados junto em favor de novas alianças, seja pior ainda, quando o caldo entorna ainda mais e as potencias perigam ir as vias de fato, com eles literalmente no meio do fogo cruzado, reduzidos ao que tentam resistir em ser reduzidos, meras bases, teatro de batalha, ensaio de testes de novas tecnologias, e despejo dos refugos e das velhas, enfim o cu do mundo. O terceiro mundo.

É por isso que os países latino-americanas estão destinados a serem meras ditaduras ou republicas de bananas (seja com bananas ou bravateiros no poder) não adianta falar grosso numa mesa onde o papo pros trouxas (nós)é a humanidade, o planeta. Mas a real, não é só capital para apostar, mas armas na mesa. Todo projeto de poder ou ditadura que se preze deveria saber que quem brinca com o fogo acaba se queimando, especialmente quando não entende qual o seu poder de fogo. Seja interno ou externo. Não é mais pedra mas vidraça. E sobretudo que enquanto poder de fogo para destruir internamente com a caneta e palavra, de despertar a fúria destrutiva interna é alto, mas externamente ínfimo, até porque é uma anão internacional. Se queimar todas as florestas, se matar todos os negros, índios, não faria nada senão preparar a terra arada, para que eles entrassem. se queimasse o pulmão do mundo, não faria nada contra a casa ou irmãos de ninguém. Porque a amazônia, não é o pulmão do mundo, e ninguém lá fora enxerga, salvo para efeito de matança ninguém que não seja da sua gene e família, bem próxima e olhe lá, como seu irmão. É por isso onde há miséria não se manda acaba com miséria das crianças, mas se planta mais escravidão e armas. Uma criança morre de fome. Mas não se manda alimento, o predador espera que ela cresça, e como arma não nasce em arma, produz trafica, e põe na sua mão, as vezes ao preço mais barato que o da venda do seu trabalho diário, supondo que haja um. E voilá, caveira. Eis que armamentismo e colonialismo tupiniquim mera copia se vê preso na armadilha do original. Então pega seu arco e fecha, chora para quem tem uma pistola maior que a sua. Mas não se esqueça que o beijo amigo e a véspera do escarro e a mão que afaga é a mesma que apedreja. Porque se as potencias do mundo quiserem eles tomam e quando não podem tomar arrasam.

O Planalto brinca com fogo, e o Brasil queima. Parece ou finge que não entendeu que a mesma arma que usou para derrubar o projeto de poder inimigo agora é a arma que se volta contra o seu para derrubá-lo. Que a mesma liberdade de expressão descentralizada e desmonopolizada, só é boa quando no território e regime dos outros, porque contra o seu projeto de poder a melhor aliada é a falsa liberdade de expressão, a centralizada, monopolizada, devidamente dependente, subsidiada e financiada pelo poder estatal, a

grande mídia. Parece até que não entendem que esse negócio é feito de um acordo pacto tácito: onde a mídia bate ou alivia quem sustenta ou financia, da mesma forma que o Estado continua não só bancando com propaganda, mas com sua principal forma de subsidio, leis que reservem mercados criando burocracias, para a livre concorrência, ou o que é a mesma coisa obrigando as pessoas a financiarem consumirem e logo bancarem os ganhos dessa corporações, por sinal a lógica da parceira estado-empresa no socialismo ou capitalismo de estado em todos os setores.

A amazônia queima. O pais queima. Porque é um circo governado não só neros, mas por cavalo de troia aqui recebidos de portas abertas por grupos e setores sempre abertos porque já pertencem aos mesmos interesses, seja porque estão sempre prontos a comprá-los e revende-los desde que pagem o pelo preço certo. O que digamos ficou ainda mais barato desde que o Planalto declarou guerra total à grande mídia naquilo que justamente mais doí. Novamente governo não é pedra é vidraça e mordaça, ainda que primitiva e mal disfarçada como censura e proibição ou bem disfarçada como burocracia, liberação, autorização, licença, concessão, regulação e bem cara... como a própria justiça.

Nada mais fácil do que tacar fogo e parar o Brasil. A unica coisa que não é fácil parar é quem vive de tacar fogo para mantê-lo parado e das cinzas não só governar mas pilhar. Politica de terras arada. Economia de riqueza por locupletação e pilhagem. É estatopata de dentro gritando para botar fogo, e maluco que se sente protegido e representado para botar fogo. É estatopata gritando de fora temos que intervir e maluco de dentro, tem mesmo: vem intervem no meu rabo que eu gosto, uns querem os americanos, outros os europeus. E os verdadeiros brasileiros, e quem está verdadeiramente vulnerável ao inferno seja na selva urbana, ou na floresta, a esse meu amigo, é está reduzido a própria condição da floresta, do bicho, de todos que são meros objeto, manipulação e emprego de disputa e narrativa, objeto de proteção ou salvação alheia, ou simplesmente eliminação, não importa qual seja o lado, porque nenhum deles é verdadeiramente o seu.

Essa é a guerra dos idiocratas, salvadores da pátria de um lado, salvadores do planeta do outro, e o holocausto urbano e verde correndo solto, enquanto os necrófagos estatopatas se vestem e investem das peles e couro que arrancam dos povos e culturas, e naturezas que matam e capitalizam, enquanto a massa fiel delira pronta a se dividir e se atirar de tochas na mão uma contra as outras, enquanto eles alimentam seus negócios, o negocio do ócio não pelo ócio, mas para ter todo o tempo livre do mundo para governar o mundo, o ócio que não por acaso se alimenta se alimenta ante de tudo da cultura e cultivo das gentes, o culto sacrificial ao trabalho alienado como a natureza sagrada não só da vida, mas da sua salvação após morte. O culto dos escravos para escravos que praticam o ritual do próprio sacrifício da sua carne e dos seus filhos e natureza, para provar sua fidelidade ao deus todo poderoso que não dá vida não dá nada de graça, mas só demanda sempre mais sacrifícios como prova na forma de riqueza e trabalho, sobretudo na forma de sacrifícios compulsório servindo. Nem que para isso tenham que se matar e odiar uns aos outros incluso gente que nunca fez nada, ou sequer viu na vida, mas até quem sempre conheceu e viveu.

Não importa, há que se amar e adorar seus senhores todos poderosos acima de tudo e todos, morrer e matar por eles. Conhecidos, desconhecidos. Fazer sacrifícios sobretudo da vida e liberdade, a sua e alheia... em nome do que é sagrado, e seus representantes, o deus-pátria, o deus-pátria, o deus-patrão, o deus-patrão, o deus-patrimônio. o deus-patrimônio da

humanidade, o deus-patrimônio-nacional. mas e a humanidade, e a vida, e a liberdade? E a carne, o sangue, o sofrimento... e o mundo real e não o ideal? E as pessoas? Não há maior negação não só da ciência, consciência mas de toda a senciência da história da humanidade, maior loucura, uma perversidade transformada sistemática, cultural e institucionalmente em normalidade e norma do que esta: matar e privar e discriminar em nome da ideia de preservação e salvação da vida e liberdade e igualdade. Melhor que isso só mesmo vender liberdade, igualdade e fraternidade, enquanto se pratica o culto permanece o mesmo. Não é a toa que da revolução ficaram só com o terror e religião de Robespierre e mandaram para o espaço a justiça agrária de Thomas Paine. E a culpa é do diabo. Parafraseando Laplace em seu famoso diálogo com Napoleão, perdão, quem é precisa da hipótese capeta para explicar como funciona esse mundo?

Fingimos perplexidade com o cheiro e visão da carne que queima em holocausto, mas não apagamos a pira do holocausto. Afinal de contas quem é que salva e o salvador, qual verdade libertará: só o trabalho salva? ou é o bem comum vivo in natura, ou já como riqueza como capital? Trabalho de quem para quem? Capital de quem para quem? E capital de quem para quem? Ou já caíram as fronteiras imaginárias e muros que separam os povos mundo, exércitos e armas foram depostas e somos agora uma só uma humanidade, somos de fato irmãos, para falar de uma só planeta. Entrei em coma e acordei em outra Terra paralela?

Há que se observar uma (entre varias) diferenças portanto entre o holocausto e o genocídio. O holocausto é o não é meramente um ato extermínio, ou só um ato de extermínio sistematizado, mas culturalizado e ritualizado, onde se elegem bodes expiatórios em sacrifício para serem exterminador de forma massivo, reiterado, para sustentar a própria cultura ou o próprio culto inclusive enquanto civilização que cultua a supremacia do seu poder total, e os todo poderosos como entidade por vezes encarnada em persona feita a imagem e semelhança da própria idolatria a servidão a suprema autoridade do todo poderoso e seu proto ou já consumado totalitarismo. Nisto o fogo do sacrifício e quantidade e velocidade e dimensão do culto e rito mudam, mas não o ritual em si que consiste de portanto de tomar bode expiatórios geralmente como inimigos do bem e em nome de tudo que é de bem e bom, sacrificar esses agora inimigos da pátria, do mundo, de deus, enfim do ideal em nome do ideal que se alimenta como poder e claro economia baseada na alienação não só das posses, mas dos seres como posses alheias, como o capital mais valioso e primordial desse cultura em todos os sentidos e planos que a palavra assume. Em tempos de paz idolatria ao trabalho servil até a morte, em tempos de guerra idolatria ao servil como bucha de canhão. O sacrificio natural pela vida para entes reais viventes pervertido em cultura sacrificial de morte para entes imaginários, e claro logo para quem detém o controle dessa encenação e ficção como preconcepção e predeterminação dos sujeitos as coisas e suas funções.

Dirá a pessoa que acredita, como eu que existe algo além desse plano que isso não é ficção. Claro que não é. Mas daí, não só tentar se arrogar a prerrogativa de ditar através da sua visão ou revelação ou ideação como as coisas são ou dever de fato a força, ou pior, supor que qualquer visão, revelação ou ideação a começar pela sua tem qualquer prevalência sobre os seres e fenômeno própria manifestação que são mais do que a prova de qualquer credo, fé ou ciência, mas a própria manifestação em ato e possibilidade de qualquer visão, conhecimento ou mesmo sua negação, é mais e além própria lógica de desconstrução da sua fé e razão, é a insanidade da insanidade a desconstrução da própria vida e liberdade que gera a fé e razão.

De longe portanto o maior erro que um ser pode cometer neste ou nos planos que ele pressupõe existir além deste, a prepotência. Ou simplesmente a liberdade em toda a sua perversão que nulifica a própria existência e sua significação: poder.

Então quando Macron resolveu se apropriar mais uma vez da ideia de bem comum, para se apropriar de fato dele, só faltei querer dar um beijo na boca do francês. Porque nenhum aliado levanta a bola tão redondo para a gente chutar como nossos adversários. Porque o que é uma questão maldita para quem luta pelo poder, a ser evitada a todo custo a ser posta na mesa de negociação é o que quem luta por liberdade reais a questão mais importante a ser não só colocada, mas colocado dentro dos termos do próprio jogo da economia, na ponta do lápis, como créditos e débitos, passivos e ativos, onde quem deve paga, e quem é o dono recebe os frutos do que é seu.

Governos que tem o teto de vidro isto que mais levam do que não lhe pertencem do que prestam serviços devidos, não em benesses nem em maldades, não podem adentrar sem desconforto e sentar pacifica e civilizadamente para negociar os termos das suas responsabilidades e compromissos, já sociedades e sobretudos povos, esses podem com tranquilidade livres dos ódios e rixas que são entre seus senhores e não entre pessoas livres, estes podem não só debater mas apontar e assumir todas as responsabilidades ambientais e sociais para com as questões humanitárias e ecológicas. Sem problemas. E aqui demonstro, que não há pessoa física no mundo, salvo raríssimas exceções que só confirmam a regra, que nessa contabilidade não tenha mais direitos a receber sobre o bem comum, tanto o natural ainda de pé quanto o capital, isto é, o que um dia fora natural e já foi posto abaixo transformado em riqueza através do trabalho, parte de quem detém o capital, parte não.

Então partindo do pressuposto de que Macron está absolutamente correto. O bem comum pertence à humanidade. Não hoje quando ele assim o decretou. Mas sempre, desde que deus criou o mundo, ou desde que ele se criou tanto faz para efeito de cálculo. E se novamente pessoa nem ser vivo nenhum dotado de livre vontade jamais pertenceu a outrem senão a a sua própria vontade, seja porque deus lhe deu livre arbítrio seja porque esse é seu direito natural, novamente tanto faz. Tudo o que foi produzido de riqueza, assim como também foi produzido de dano para produzir tal riqueza resta como responsabilidade sobre quem detém esse patrimônio. Assim como tudo que ainda está sob a posse como riqueza natural e não foi e correto, não é para ser nem precisa ser morto e processado para produzir mais capital. Nesse processo, todas as partes tem não só uma responsabilidade não só presente e urgente, mas futuro, que depende naturalmente das suas possibilidades, e posses que não por acaso foram acumuladas no passado. E portanto é verificando o que não só ainda é patrimônio da humanidade porque é essa a sua necessidade vital e ambiental para sobreviver no futuro, mas o que era, e continua sendo, sua necessidade vital e ambiental no passado e no futuro e que foi tirada a revelia de quem morreu e continua morrendo a míngua, justamente porque vejam só alguém tirou dele ou dos seus antepassados o que agora Macron (supostamente) quer garantir para os descendentes no futuro!

Ou seja, como não queremos vingança nem guerra, nem somos marxistas, e reconhecemos que ainda que como ladrão, fez só maldades mas benfeitorias na propriedade e com a propriedade que roubou. Salvo casos excepcionais onde ainda nossa civilização não chegou, salvo casos excepcionais onde a descriminação e genocídio é tão clara e evidente que não é possível dizer que somos todos iguais e que também as vitimas são beneficiárias do

progresso da civilização, salvos esses casos, onde tudo o que cabe a dita civilização mal ou bem desenvolvida cabe fazer parar de roubar, pagar o que devolver o que roubou, e destruir, e deixá-lo viver em paz sozinhos ou conosco como eles decidirem dar a eles o beneficio dessa escolha é o minimo que podemos fazer depois do mal que já foi feito. Salvo portanto esses casos, em beneficio da paz e não propriamente da justiça, porque a justiça implicaria no mesmo séculos e milênios do mesma jugo e exploração para pagar só os estragos e não os danos que são irreparáveis. E novamente não sendo hipócritas também na qualidade de herdeiros de descentes de ladrões e não só das vítimas desse latrocínio que também nos locupletamos em maior ou menor proporção, dai a diferença de graus de poder e portanto responsabilidade, dividas a pagar e receber não propriamente de classe, agora numa razão e lógica inversa a das possibilidades e necessidades, mas não pela extinção ou comunização ou expropriação de propriedades particulares nem patrimônios de coletividades incluso de povos, não necessariamente reconhecidos formalmente como nação, mas inclusive os povos que hoje vivem sem território e nação mas carecem também do seu, mas pela contribuição sobre o que é referente a preservação e usufruto desse bem comum aos demais tanto em preservação do patrimônio natural quanto dividendos sobre o rendimentos do capital, não sobre a parte dele que foi construída com o trabalho e benfeitoria dos seus atuais proprietários particulares e nacionais, mas a parte que corresponde a pilhagem, escravidão e acumulação do capital por locupletação, isto é, não por produção de riqueza, mas por produção e exploração da miséria e carestia, a bendita exploração dos povos pela (mal) dita privação do bem comum, seja porque este foi destruído, seja porque deles expulsos sequestrados ou ainda porque terminaram presos na sua casa pelo próprio ladrão e sequestrador tendo que necessariamente trabalhar para ele se quiserem comer e (sobre)viver nela.

Mas tem um problema seríssimo nesse calculo voltado para o passado. Um nova geração, não é herdeira não dos crimes contra a humanidade dos seus antepassados em comuns. Não é que a conta zere, mas a divida que permanece é sempre sobre a parte do patrimônio que pertence ao outro, nem como retirada como o que de fato lhe pertence para compensar o prejuízo causado, mas para cessar a violação, isto é, restituir a parte que também pertence ao outro naquilo que é a provisão das suas necessidades.

Sem isso não é possível sequer debater justiça, porque justiça genuína se faz entre partes de pessoas livres dentro de estado genuíno de paz, em sociedade ou comunidade nacional ou internacional, e não num falso estado de pax e privações. É preciso primeiro cessar a violação que é contínua na exata medida que uns continuam privados da herança sobre um patrimônio comum. Para então discutir sem a sombra da privação da carestia, medo da não-sobrevivência sua exploração sistemática ou oportunista a justiça dos pactos com os quais os essas patrimônios hereditários serão reservados, consumidas e distribuídos conforme primeiro sobre a preservação de todas as necessidades vitais e ambientais, e depois sobre os direitos tanto de posse que aqueles tem sobre o valor que agregaram, quanto o outro de indenização e participação incluso na riqueza agregada do afinal de contas foi, e somente neste casos, obtido por pilhagem e não por apropriação.

Porque riqueza feita de apropriação sem pilhagem não gera nenhuma obrigação, não importa a miséria que o cerque, exceto aquela da consciência do próprio possuidor, já a feita sobre o roubo, essa carece a devida contabilização, na impossibilidade da separação do que é do atual dono, e do é de qual parcela as privados, algo que é objeto de é mais negociação de

quem quer viver em paz com justiça do que qualquer outra coisa. Justiça e paz para o futuro porque o feito no passado e agora não há capital, dinheiro compensação, ajuda, nem desculpa que pague. Não há reparação, só perdão. Mortos não voltam. O que não perdão é injustiça que com os vivos e os que hão de nascer nessa vida miserável sustentada por hipocrisias e estatopatias que se renovam não com negação de reparar dividas impagáveis do passado, mas de comprometer aqui e agora com as responsabilidades do futuro. Há que se constituir e reservar para preservar o meio ambiente, e sem esse papo de créditos de carbono, reservas ambientais e ponto. Assim como há que formar fundos internacionais para garantir o pagamento de renda básicas universal para toda a pessoa humana sobre o capital já acumulado e crescendo, nesse planeta e que não, não precisa avançar sobre o resta do Planeta, nem exterminar ninguém proativa ou omissivamente ninguém. Mas não espere que uma coisa ou outra vão vir dos salvadores de pátria, ou do Planeta, esses são os estatopatas, os que querem inscrever seu nome continuar vivendo para sempre, no materialismo da história ou na imaterialidade da metafisica, idolatras da perpetuação do e no poder total ou todos poderosos na terra e além, seja com bem maior ou mal necessário encarnado e em sua persona física ou legado a assombrar o futuro da humanidade. Não espere deles que detém mais e maior poder para fazer algo, porque o acumulam para esses outro fim.

Uma questão como disse de observação empírica, até porque se o acumulassem para fazer algo não estariam incendiando e privando, ou guerreando no simbólico e material, mas já garantindo que esse legado o bem comum, o patrimônio natural e capital já estivesse de fato sendo preserva e chegando as mãos de quem de fato pertence, a humanidade que não é uma abstração, mas cada pessoa humana que precisa de ar, terra, alimento, água. Algo tão simples quanto o oposto, tirar e conseguir tudo de uma pessoa incluso a vida e liberdade pelo procedimento inverso: Privação.

Fundos Internacionais que garantam os meios vitais, não aumentariam ainda mais a demanda por consumo e a predação da natureza? Mais uma vez, como se fosse para prover o necessário e o vital a fome saciável de subsistência e não a fome sem fim de (pre)potencia que tivesse ou continuasse a queimar e consumir e destruir e explodir o mundo e as pessoas, e as coisas que já construídas. Como se a razão do superconsumo estivesse ou pudesse haver onde há carestia e sua mera extinção, e não onde há justamente a demanda por tudo o que só uma acumulação impossível de capital poderia prover produtivamente, isto é sem o da pilhagem sobretudo aquela que garante, não milhões, ou bilhões, mas trilhões, de tempo ocioso e idiotas para se pensar e gastar e consumir refutar as mais absurdas monstruosos projetos iniciativas.

Fundos Internacionais de provisão do minimo vital de gente pra gente, mas que não caiam nem em hipótese alguma nas mãos de grandes corporações e estados-nacionais, porque senão você já sabe, onde eles vão queimar o quê e quem.

Não? Então para fechar enquanto amazônia queima, mais uma ideia que só quem tem tempo, dinheiro e uma idiocracia gigantesca inteira a sua disposição poderia pensar (até como boato)...

Agência do governo americano adverte que jogar bomba atômica em furacão seria má ideia

Usar bombas nucleares para impedir a formação de furacões não é uma boa ideia, disse a agência do governo dos EUA para...

www.bbc.com

(...) A ideia de bombardear um furacão existe há décadas.

Durante um discurso no National Press Club em 1961, Francis Riechelderfer, chefe do Serviço Meteorológico dos EUA, disse que conseguia "imaginar a possibilidade de um dia explodir uma bomba nuclear em um furacão no mar".

O Serviço Meteorológico, no entanto, só começaria a adquirir armas nucleares quando "soubermos o que estamos fazendo", disse ele, de acordo com reportagem da National Geographic.

Segundo a NOAA, a ideia é frequentemente sugerida durante a temporada de furacões.

Professora da Universidade George Washington (EUA), Sharon Squassoni diz à BBC que a ideia deriva do Programa Ploughshares, dos anos 50, quando "uma lista de usos controversos e um pouco malucos" para armas nucleares começou a ser pesquisada por cientistas do governo.

Em quase 20 anos, os EUA explodiram 31 ogivas em 27 testes nucleares. A ideia era saber se o arsenal atômico dos Estados Unidos poderia ser usado para escavar canais ou minas, ou criar um porto para navios.

*À medida que os perigos da radiação se tornaram mais claros, a ideia foi abandonada, disse Squassoni à BBC News, acrescentando que os atuais tratados internacionais proibiriam os EUA de explodirem uma arma nuclear em um furacão.(...)- **Agência do governo americano adverte que jogar bomba atômica em furacão seria má ideia***

Conclusão: Paradoxo de Fermi

O Universo pode "guardar" mundos melhores do que a Terra para albergar vida - ZAP

O Universo pode "guardar" outros mundos (exoplanetas) com melhores condições do que a própria Terra para albergar vida...

zap.aeiou.pt

E ainda tem gente procurando se comunicar vida inteligente em outros planetas... tá bom? Paradoxo de Fermi, de cu é rola... supondo até existir vida inteligencia, porque alguém podendo não fazer iria querer ter qualquer contato com isso?

Quem em sã consciência conhecendo a história da civilização humana e sua insanidade daria a ela o conhecimento de sí, do caminho para sua casa, ou a convidaria para entrar?

Sentinela: como vive a tribo isolada da Índia que matou um jovem aventureiro americano com flechas

O mistério que ronda a tribo que vive na Ilha Sentinela do Norte é tamanho que não se sabe que língua seus membros...

www.bbc.com

Ou como sabiamente recomendou S. Hawking, alienígena que se preze, ao menos, do tipo predador, não quer virar indígena. É deus a devorar novos mundos, não escravo e comida. Thanos é para idiotas; o deus dos idiocratas é Galactus na cabeça.

Stephen Hawking diz que devemos parar de procurar aliens

No meio de tanto empolgação com as novas possibilidades trazidas pela tecnologia, alguns cientistas jogam do lado do...

super.abril.com.br

Só tem um problema com a lógica de Hawking. Se são predadores com uma tecnologia superior a nossa vão eventualmente nos encontrar. Se não são, a recíproca da advertência inteligente é verdeira: não só não vão nos procurar como vão continuar invulneráveis a nossa predação, buscando não se esconder, mas manter ou alcançar a posição estratégica ideal, a panoptica, observando sem serem observados. A pacífica e não-interventiva porque a outra, o revela e logo faz de si um alvo.

Logo:

se existem seres suficientemente inteligentes que são colônias de predadores e parasitas eles já o fizeram é nós somos o lixo que sobrou da sua pilhagem desses deuses que se mandaram faz tempo deste hospedeiro sem mais valia.

Se existem seres suficientemente inteligentes que não são colônias de predadores parasitas mas seres pacíficos e inteligentes capazes de se comunicar e entrar em contato conosco, também o são de nos observar e conhecendo quem somos não esperam um convite, para que nos conheçamos e nos hospedemos, porque sendo inteligentes sabem que entre as mensagem que enviamos e o que de fato fazemos há um abismo infinito. A menos que lá impere também idiotas e idiocracias, ou simplesmente uns nativos que desconhecendo nossas práticas compram signos e discursos para depois conhecerem a verdadeira face da nosso projeto de civilização... para os hospedeiros é claro.

E enfim se existem seres de fato pacíficos e inteligentes que não são nem só observadores, pregadores, mas nem lobos disfarçados de cordeiros, eles não só já poderiam ter intervido, como por sinal considerando-nos nós mesmos tal espécie, nós poderíamos ter feito isso uns pelos outros sem eles. De modo que o raciocínio dá no mesmo lugar... nenhum. Seja a procurar por vida alienígena e nativa dentro da Terra ou fora para nos salvar de nós mesmos, seja para procurar por novos mundos para salvar os velhos já esgotados, não o que salvadores daqui ou do além possam fazer, absolutamente nada que não já possa, deveria, e na verdade só possa ser feito por nós mesmos, uns pelos outros, como ajuda mútua e não espera, transferência, intermediação ou pura parasitagem de responsabilidades, ou o que é a mesma coisa, de alienação de liberdades de fato: propriedades a começar pela de si mesmo não só separado, mas antes de tudo em comunhão com tudo e todos. A questão não é portanto porque eles existem como seres inteligentes, pacíficos e bondosos se calariam e só assistiram, mas porque nós que assim procedemos nos pressupomos idealmente como tais? Assim se o universo conhecido é um reflexo mais da nossa inteligência do que dos fenômenos, porque o vazio, incluso de sentido, não haveria de ser também uma ressonância da nossa própria ignorância e estupidez do que incognoscível?

Idiocracia, racismo e cartão de crédito não vá se aventurar a sair da casa sem eles. Ah, e não se esqueça de comprar cosméticos vegan e cruelty free, afinal temos que fazer nossa parte para salvar o planeta. Porque deus é pai, e só a verdade e o trabalho liberta...

Deadpool: A Amazônia é nossa? A Amazônia é um patrimônio da humanidade? Tolinhos... “The Amazon” já é um domínio reservado para outros donos...

Ou como a Crise Ambiental e Humanitária se resolveria numa Economia EcoLibertária de Renda Básica, um manifesto pela paz

Amazon vence disputa com Brasil e países da Amazônia pelo domínio .amazon — Internet

Uma disputa que se arrastava há sete anos chegou ao fim: a terá o direito de criar sites que terminem com .amazon, e...

tecnoblog.net

O presente escrito é divido em duas partes:

A primeira, em como as coisas poderiam ser resolvidas, um manifesto cosmopolita de paz. Mais precisamente, uma demostração de quais respostas o novo paradigma da Economia EcoLibertária de Renda Básica daria aos problemas ambientais e humanitários; para essa crise que já beira explicita e declaradamente o conflito e que o velho não pode nem consegue fazê-lo porque ele é a raiz do problema. Enfim, um sonho que parafraseando Lennon senão acabou de acabar, pelo menos está praticamente em suspenso até a humanidade novamente despertar desta fase mais profunda do pesadelo distópico do passado para acordar novamente para as utopias do futuro, isto é claro se acordarmos, e em tempo hábil. Procedimento que por sinal não deixa de fazer parte do processo de reprodução e perpetuação dos velhos paradigmas e suas crises sistêmicas e claro pseudo-soluções sempre amargas que destroem o mundo e a humanidade e até mesmo as próprias infraestruturas e recursos, mas salvam o que realmente importa e interessa ao menos a quem dita os paradigmas: a superestrutura que sustenta todos os valores e preconcepções: os modelos socioeconômicos e geopolíticos.

A segunda justamente em como as coisas caminham para serem resolvidas se nenhum fator determinante for alterado ou um novo introduzido em tempo a essa equação. De fato apenas

uma atualização de dados, já que essa previsão é tão velha quanto o dia que decidimos fazer do pagamento de uma renda básica não apenas um gesto eventual, mas nossa nova prática ou fundamento do ethos do que não só gostaríamos de pensar ou idealizar mas de fato fazer como ação social de base (ReCivitas, 2008–2019).

PARTE I

Economia Ecolibertária de Renda Básica: Uma outra resposta à questão da disputa a quem pertence a Amazônia?

Se quando digo Renda Básica você pensa Bolsa-Família, ou mesmo nas propostas que acreditam que se dizem libertárias e não conseguem conceber a garantia do bem comum como o minimo vital sem um aparelho estatal seja total ou mínimo, ou qualquer coisa mais pseudo "liberal" ou pseudo "social", mas de fato "ista" no meio disto, esqueça essas bobagens. A economia de provisão do minimo vital é uma concepção muito mais poderosa que isso. Tão poderosa que não precisa nem do aparelho estatal para funcionar, nem tão pouco da sua completa e total extinção para continuar funcionando apesar dela. A característica de que tem-se aí, de fato uma economia, algo orgânico, e não corporativo, que consegue se sustentar não por causa de, mas apesar do parasitismo de.

Sem mais, vamos então, ao exemplo concreto e atual, a disputa pela Amazônia.

Não vamos trabalhar a questão como interesses não declarados, mas nos declarados senão não chegamos a nenhum entendimento, inclusive como acordo e concórdia. O Estado Francês assumiu a frente e fez sua declaração de intenções dizendo-se representante dos interesses do Planeta: a Amazônia é nossa. O Estado brasileiro do outro lado, assumiu a frente e manteve sua posição oposta a Amazônia é dos respectivos Estados-Nações Latino-Americanos, ou seja, a Amazônia brasileira é do povo brasileiro. Eu sei, eu sei... é só jogo de cena. Nem lá nem cá, ninguém está se importando propriamente nem com povo, nem muito menos com meio-ambiente principalmente com o dos outros ou um todo. Os interesses são outros, e tudo não passa de encenação. Mas há que se atentar para um ponto importantíssimo: se esse jogo de cena não fosse fundamental, ainda não estaria sendo feito. E nesse caso não é só uma narrativa para audiências cativas, mas uma guerra de narrativas, essa guerra de propaganda é de suma importância, porque irá definir as bases da propriedade e pertencimento de uma propriedade. Porque a propriedade não é só definida pela força de fato, mas antes de tudo pela anuência do emprego da força de fato, seja pela ameaça ou sansões para garanti-la parcial ou totalmente; seja como posse, ocupação usufruto, participação, taxação, etc.. enfim como direito de patrimônio nacional, internacional, propriedade particular, reserva ambiental, concessão estatal a corporações privadas ou estatais estrangeiras... seja ela passível de expropriação, apropriação por quem quer que seja. Ou seja a questão não é de quem será a posse de fato, mas qual será os direitos a real dimensão dessa posse e usufruto, e qual as contrapartidas ou obrigações, impostos por exemplos, para de fato não ser expropriado a força dela. Uma questão que depende e muito do quanto quem financia as forças de fato, concordam com o emprego das forças de fato, incluso como mero instrumento de dissuasão, para fazer valer declarações, acordos e consequente títulos de posse e patrimônio não só nacionais e de pessoas físicas, mas internacionais de pessoas jurídicas, inclusos estados e corporações sobre os ditos meios

vitais e ambientais, os bens comuns, onde tudo que é privado e coletivo, seja já transformado em posse recurso e riqueza seja ainda em estado natural e absolutamente necessária à subsistência.

Isto posto, temos portanto um dilema e conflito entre desenvolvimento dos estados-nações periféricos, colonizados e subdesenvolvidos. E os desenvolvidos. No mundo desenvolvido, a natureza foi transformada em riqueza e capital e não só dentro do seu território, mas muito além dos impérios intensivamente nas províncias na relação colônia metrópole. Primeiro de submissão pela violência e escravidão explicita, depois pela guerra, corrupção. Um padrão que evidentemente se replica internamente na relação entre as oligarquias, plutocracias e cleptocracias herdeiras que se assentaram nas ruínas desse pacto colonial como novos governantes ainda submetidos a novas formas de submissão e corrupção provincial nacional e internacional. Porém que não se rompeu, mas apenas se tornou mas discreto e complexo. Agora, mesmo na Venezuela enquanto o ditador se agarra desesperadamente e criminosamente ao poder matando e vendendo seu povo e riqueza, enquanto EUA sanciona sua economia, China compra, e Russia vai carregando toneladas e mais toneladas de ouro para as próximas etapas da guerra comercial e econômica, quando tentar se desatrelar de vez da economia crises cíclicas dos cheques sem fundo e piramides ponzi de papel e seus derivativos tóxicos.

Cito o ouro por uma razão simples. Ele é por excelência o capital ou riqueza em sua forma paradigmática diametralmente oposta a toda a riqueza em potencial que a Amazônia representa. Florestas são devastadas, trabalhadores são enterrados, rios são contaminados, cidades são destruídas, patrimônios nacionais são alienados, para desenterrar um minério cujo grande valor é seu alto poder de troca. Um minério que está enterrado em algum cu de mundo. O que se faz, se desenterra esse minério no cu desse mundo, deixando os custos para o cu do mundo, e o enterra bem fundo num cofre as pencas no centro do mundo, para o dia que o mundo acabar. A transformação das reservar naturais em reservas e riquezas de uma nação, o capital e capitalismo pelo menos o corporativista ou de Estado por excelência. Exploração e devastação, pobreza e morte entre um povo de uma localidade para a expansão e bem estar, crescimento e desenvolvimento em outra.

Bem, não adianta chorar pelo leito derramado. Toneladas de riquezas e capital foram acumulados ao longo da história da humanidade, o planeta foi consumido, territórios foram ocupados, populações inteiras foram sequestradas, escravizadas e exterminadas. E verdade seja dita continuam sendo. Gente desesperada de territórios completamente pilhado ou em plena fase de pilhagem por seus próprios governos totalitários corruptos e warlords e urubus de plantão fogem desesperados apenas para bater nas portas fechadas das gloriosas civilizações defensoras das democracias e direitos humanos para toda a humanidade, enquanto vendem e traficam as armas e os venenos que matam a humanidade a noite e o planeta pelo qual choram de dia.

Enquanto isso, países que não se derrubaram nem cometeram mais genocídios porque faltou cultura de morte ou vontade de genocidar gentes ou florestas, mas porque faltou competência mesmo, tanto eficiência e sistematização nos processos quanto estratégia para superar as próprias barreias e impedimentos dos interesses dos países que tendo se industrializados primeiro não querem concorrentes, mas provedores de mão-de-obra barata e matéria-prima, um acrônimo contemporâneo, para escravo e recursos naturais sem custos

humanitários nem ambientais, ao menos não em na, ao menos não no que se compreendia até agora por sua casa, ou as portas dela, leia-se bordas e fronteiras da migração, leia-se consequências ambientais da acumulação do lixo (e bombas) jogados no vizinho a quilômetros e quilômetros de distâncias. Há quem chame isso de teoria do caos, outros karma. Não importa.

O que importa não é focar nos problemas mas na solução. O futuro. Deixar os ranços e rancores de lado e trabalhar pelo futuro das novas gerações não em favor deste prejuízo ou daquele, mas em favor de fato de todos. Para tanto é preciso olhar não só o que cada um tem por demanda, mas o que cada um tem a oferecer, não como ameaça, mas como oferta justa de paz e comunhão. O Brasil tem um patrimônio natural dentro do velho paradigma do desenvolvimento e quer por abaixo como os países ricos já o fizeram para transformar em capital e suprir inclusive a demanda de consumo dos mesmos. De modo que causaria grande dano às pretensões de ganho ao Brasil se os países preocupados com o meio ambiente, simplesmente parassem de consumir os produtos, ou melhor ainda proibissem a produção dos mesmos venenos que não permitem mais no seu território também nessa que dizem ser sua casa. Mas porque eles fariam isso, se podem? Porque chamar responsabilidades e fazer sacrifícios se podemos facilmente transferi-los aos alheio. Veja que essa é sempre uma crítica perigosa, porque é o cisco que estamos sempre a tirar do olho do irmão enquanto a trave permanece no nosso. De modo que, não se engane, dos dois lados não há ciscos, mas traves, do nosso e do deles são traves enormes.

Mas porque falar em sacrifícios, quando não precisamos fazer propriamente sacrifícios, mas parar de sacrificar os outros para manter demandas não só injustas, mas muitas vezes criminosas de privilégios? E aqui entra a resposta da renda básica.

Eles sentem os efeitos da devastação ambiental e querem que os países latino americanos mantenham a Amazônia intacta. Os países latino-americanos não tem como sobreviver, não no velho mundo do mercado de capitais sem fazer o que eles fizeram no passado, se desenvolver e transformar recursos naturais em capital. Todos precisam de meio ambiente, Todos precisam de capital. Porém uns mais desenvolvidos que já queimaram seu meio-ambiente e dos outros, não podem jogar capital fora, mas já precisam mais do meio-ambiente que território, querendo ou não, sob a jurisdição de Estados-Nações alheias. Outros subdesenvolvidos, querendo ou não, precisam mais dos fundos de capital, em todas suas formas, dinheiro, tecnologia, propriedade intelectual, e até riquezas naturais e culturais que outrora estiveram sob a forma natural por aqui, mas que mortos e enterrados ou transformados e enriquecidos agora estão na forma do capital nos centros do mundo. A troca e acordo, o de paz é simples e evidente. Ninguém nem precisa renunciar a nenhum patrimônio, mas de fato preservá-lo e permitir que todos usufruam dele de acordo com as possibilidades ambientais e necessidades humanitárias. Ou seja, assim como o patrimônio natural deve ser preservado e até crescer na medida necessária para que possa ser usufruído por todos, também o capital que não pode ser dilapidado e crescer, não precisa trocar de mãos, mas seu usufruto como direito de participação precisa ou melhor deve chegar também na outra ponta. Porque A precisa de ar limpo, mas B precisa comer. E se A que detém o capital aprender a compartilhar um décimo desse capital, não vai precisar ameaçar B, porque B não vai precisar fazer o que seus antepassados fizeram para acumular capital, mas vai poder fazer o que ele agora pode fazer e prega, viver em paz da riqueza acumulada pela

humanidade não só capital, mas como ciência e consciência. A começar dessa, pois gente não faz fotossíntese.

De modo que numa economia de renda básica, o patrimônio da humanidade seja ele o natural ainda não transformado em capital, seja o já transformado em riqueza não pertence evidentemente mais comunalmente a todos, ou quem tomar primeiro, ou tiver mais armas para passar por cima do outro, mas a quem o detém pacificamente não só como patrimônio, legado ou herança deixada por seus ancestrais exclusivamente para si sozinho para fazer o que quiser incluso explodir ou consumir, mas também para as próximas gerações, e seus irmãos incluso os mais distantes dos distantes. O conceito de irmandade que embasa a noção de humanidade, e biologicamente a própria unidade da vida em toda diversidade. Temos uma herança biológica, cultural e também econômica e não é um direito e dever criado e transmitido pelos homens, mas um direito e dever natural, uma dádiva e responsabilidade que está na gene da concepção disto que ainda não nos compreende e ainda não compreendemos não completamente, a humanidade. Um direito universal e irrevogável de viver que antes de tudo é uma responsabilidade mutua e intransferível de não só não privar o outro ser vivo dos seus meios vitais e ambientais, mas dispor na medida da nossas possibilidades sobretudo as CAPITAIS, isto é as formas em que já nos apropriamos e transformamos os meios vitas e ambientais irreversivelmente, ao menos na seta do espaco-tempo termologia da vida alheia em nossos meios de subsistências em nossas propriedades e riquezas e não mais a dele.

De modo que o direito que uma pessoa tem de exigir que alguém que não se aproprie do espaço natural é inversamente proporcional a participação que ele garante na forma de usufruto ou renda sobre o patrimônio adquirido sobre o mesmo método (ou outros) de apropriação primitiva. Porém não o que o outro que já não tem mais nenhum patrimônio nem riqueza natural tem de demandar sobre o capital acumulado que não participa nem usufrui.

Talvez no futuro existam povos que historicamente depois de pilhar os demais caiam em miséria econômica e ambiental depois de consumir todo o produto de sua pilhagem. Mas hoje, olhando para Africa e America Latina por exemplo o que temos, são povos tanto que ainda tem algo para negociar seu futuro, quanto aqueles que já não tem nem isso. Que finda a guerra, pilhagem, terra arada, tudo o que podem é migrar desesperadamente para morrer nos campos de concentração perdão, refugiados, onde jazem as riquezas roubadas nesse contrato nacional e internacional entre estados-empresas criminosas e governos e empresas vendidos e corruptos, a verdadeira lógica da ideologia suprapartidárias. Estes já não tem direto a nada senão o choro do papa enquanto pulam do barco para morte.

É por isso que o calculo da renda básica jamais pode ser colocado como o passivo do capital acumulado, porque esse passivo, é impagável e não tem pátria nem nação. A quantidade de capital acumulado como fixação e maximização de um mesmo valor e importância não paga a riqueza não só de todo potencial e riqueza futuro perdida em termos de diversidade, e possibilidade, mas de vida em todas as suas formas não só culturais, mas de fato enquanto tais. É uma perda irreparável. Não existem compensações, o que existem é direito de participação não sobre o que maldito nesse legado, mas sobre o que foi e não seria jamais produzido sem houvesse um patrimônio ou trabalho comum sob o qual ele foi construído. De modo que não só em países como o Brasil onde ainda o olho grande e gordo sobre as

riquezas e recursos naturais, se lança a maldição do ouro negro, do ouro branco, ou agora do ouro verde. Mas também sobre os países onde a crise ambiental invisível já virou faz tempo crise humanitária e que não tem como sequer mais fazer escambo com a antigas metrópoles, exceto se oferecem como escravos fugidos, e nem assim mais os donos da senzala mundio os querem os pretos do mundo a empestear seu burgo perto.Nem mais para morrer limpando suas merda servem. Ops, como também guardadas as devidas proporções, ou potencias e desenvolvimentos também por aqui...

Em economias ecolibertárias de renda básica a preservação da natureza e dos fundos de capitais não são concorrentes, porque trabalham exatamente na mesma lógica de preservação das reservas de patrimônios seja os naturais seja os de capitais necessários a garantia dos mínimos vitais e de forma simbiótica e cosmopolita para difusão da paz. As reservas nem de patrimônio natural nem de capital, são preservadas e seu usufruto ou rendimento é utilizado para maximizar o interesse exclusivo deste ou daquele grupo, mas para prover o minimo vital para todos. Nem todo um planeta volta a ser uma selva, nem todo o capital é dividido. O patrimônio sequer troca de dono, o rendimento sequer é todo destino aos demais. Apenas a parcela necessária para que todos tenham o necessário tanto a preservação da reserva quanto do usufruto do meio vital necessário à provisão das necessidades básicas é garantida para todos não importa quem ou onde, e nisto difere de todas que se dizem universais mas discriminam nacionais.

A provisão dos meios vitais via capitais não são favores nem benesses que os governos nem estrangeiros, nem nacionais fazem aos povos, mas sua obrigação a partir do momento que tomam a força o que não pertence a eles mas de fato pertencem a humanidade e aos povos não como abstração, mas como seres reais e concretos, seres que existem e deixam de existir objetivamente na relação da provisão ou carestia de tudo que lhe é vital e capital. De modo que nem governo gringo nem nacional faz favor nenhum ao preservar e contribuir com capital ou ação para preservação do patrimônio natural e meios naturais mas cumprindo o que deve na medida das suas posses e possessões e em confirmada as suas formas, um em capital outro em natura. Do mesmo modo que governo gringo nem nacional estaria fazendo favor nenhum garantir o usufruto e participação não só dos povos nativos mas de todos os povos esses patrimônios já convertidos em capitais, na exata que da provisão das necessidades básicas e de acordo novamente com a capacidade acumulada em forma de rendimento sobre seus fundos de capitais reservados para dar cumprimento a esta obrigação: prover minimo vital.

Preservar os meios ambientais e garantir que todos tenham acessos ao minimo vital seja in natura ou capital não é um direito de monopólio é obrigação natural diretamente proporcional ou poder político e econômico que se possui, porque da observação dessa lei natural se constitui os estados de paz e as riquezas das nações quanto as guerras, pilhagem e a destruição interna ou mutua, mas definitivamente a longo prazo assegurada das civilizações.

Não é portanto uma acordo entre partes onde um entra com preservação ambiental e outro grana, Mas onde todos entram igualmente com seus direitos e deveres de preservação e provisão dos meios ambientais tanto os vitais quanto capitais, na exata medida das capacidades do patrimônio natural quanto capital de cada em direta correlação não como demandas por maximação dos interesses sempre infinitas de cada parte, mas de acordo com

a necessidade de provisão das necessidades vitais tanto em natura quanto em capitais que determinam quanto de patrimônio deve ser destinado conforme essa necessidade para compor as reservas de acordo com seu rendimento seja em ganhos um ecológicos outra econômicos. De tal modo, que ambas devam se equilibrar porque a falta de provisão dos meios vitais novamente desencadear a destruição do meio ambiente, quanto a destruição do meio ambiente a base da reprodução sustentável supondo que ela exista do próprio capital.

Note portanto que não estamos necessariamente de fundos governamentais, podem sê-lo. Mas preferencialmente de fundos internacional que de preferencialmente não passem pelas mãos de nenhum traficante de armas e pessoas incluso os legalizados, e saiam diretamente dos interessados para as mãos dos interessados, ou seja associações livres de pessoa física para pessoa física, gente para gente, que se vê como gente, seres humanos e não como coisa e não como estranhos ou inimigos de estado, nação, partido ou religião, raça tribo, sexo, sem nem querer ou precisar saber qual é a sua. Pessoa para pessoa. Porque as demandas e necessidades de ambos os lados são absolutamente justas. Basta retire os óculos dos governos, e Estados-Nações e ideólogos da jogada para ver e ao invés de transferir atender. Principalmente se nenhum dos lados não está querendo nem expropriar posses nem ganhos nem socializar ou externalizar ou impor custos e obrigações.

Não há socialização, expropriação, nem privatização de nada. O que requer é seus direitos de participação não na propriedade mas no usufruto, nos ganhos no patrimônio que permanece com quem de fato já pertence na medida das possibilidades de contribuição e sempre no limite das necessidades. O sistema continua a rodar, mas sem jamais devorar essa base ambiental e humana que o sustenta do minimo vital e ambiental. Claro que em outras bases porque se já não se baseia e move pela exploração da privação meios ambientais e vitais, já não é mais exatamente o mesmo sistema socioeconomico fundamentado pela lógica da escassez, onde quem não trabalha, mas pela provisão universal da subsistência.

Uma economia completamente novo na história da humanidade, principalmente de não for feita encerrada dentro de uma nação que a mantém externalizando os custos desse estado de bem-estar a desgraceira do resto do planeta. Por que senão é apenas mais do mesmo: um beneficio dado a uma determinada população subsidia pelo supremacia do monopólio da violência estatal de um povo eleito as custas dos excluídos, seja dentro do seu território ou fora. O resto é semântica.

Porque enquanto você pensa nas gentes e sues ambientes, porque os interesses territórios não são os mesmos dos povos que precisam deles nem os que estão dentro nem os que estão fora. Enquanto você está olhando para pessoas, seres, meios vitais ambientais, formas de vida e viver, eles para posições estratégias, matérias primas e recursos matérias. E a menos que o reconhecimento da propriedade seja dado pela supremacia do monopólio da violência e não pela posse pacifica um povo que ocupa um território sem fazer ameaças nem apontar armas para ninguém exceto é claro contra o invasor (o que diga-se de passagem deveria valer para começar para a posse dos povos indígenas e não de nenhum governo incluso o brasileiro).

Os pactos sociais e acordos de paz que são em verdade similares, se estabelece não só pelo reconhecimento mutuo de direitos e deveres mútuos e recíprocos, mas sobretudos pela

assunção de um bem e denominador comum do qual todos não só dignatários em papel, mas contribuintes e beneficiários na exata medida das suas possibilidades e igual medida desse bem que estabelece a comunhão e que em embora as distancias de tempos, espaço e circunstancias é um só, a mesma necessidade objetiva, viver.

Não há portanto segredo desde que cada parte se coloque no lugar do outro e ceda aquilo que pode ceder. Agora tem o outro método, o primitivo ou clássico ou histórico, mede-se o quanto o outro pode ou vai oferecer de resistência, calcula-se os possíveis riscos de ganhos e perdas e simplesmente: com base neste cálculos oferece-se uma uma paga menor que os custos da pilhagem, se o futuro coitado não perceber que vai sair bem caro para ele vender do que se render, simplesmente: toma-se. Onde isso vai dar? Exatamente onde estamos, mas quem se importa? a lógica desse sistema é essa mesma transferir ao outro os custos e prejuízos dos seus ganhos e bem-estar, nem que o outro seja seu próprio filho, que por sinal foda-se, para que servem ter crianças se tudo que importa é o aqui e agora, o meu aqui e que ele seja eterno enquanto dure.

Síndrome de Cronos. Mas pode chamar de estatopatia.

Então coloca um cruz na gelaria que desapareceu, vela bonitinho e enterra.

Islândia inaugura placa em homenagem a geleira derretida por aquecimento global
O país vai inaugurar uma placa comemorativa para lembrar Okjökull, nome da geleira que, em 2014, derreteu em...
noticias.uol.com.br

Oferece na cara dura , uma grana para Dinamarca. E Pau na máquina.

Por que a remota Groenlândia interessa tanto aos EUA e à China
A compra da remota ilha da Groenlândia proposta pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, pode soar estranha...
www.bbc.com

Que o Planeta é nosso, mas pobreza é de vocês. Ou, o que a mesma coisa, o capital é meu, mas o lixo e desastre ambiental é de vocês. Ou ainda devastação ambiental um problema de todos. Guerra, refugiados, um problema humanitário de vocês.

Opa e a amazônia também é minha! Partners, ok? Mas no negócio eu entro com o capital, e vocês com o seguinte território, mão-de-obra barata (semi-escrava), legislação de merda, ficam com os custos e prejuízos ambientais, doenças, e eu fico os lucros e carrego os recursos. Porra mas e o Brasil ganha com isso. O Brasil nada. Você, uma grana, e uns títulos.

No fundo o mesmo negócio feito apenas de forma mais truculenta, apressada e claro, brutalmente explicita em suas verdadeiras intenções. Por sinal nem em muitos lugares nem mais dissimuladas, e pode incluir os brasis nisso aí, tá ok, cara-pálida?

É Nóis first, e pau no cú do céis.

Trump considera 'seriamente' terminar com cidadania por nascimento
O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, disse hoje que está pensando "seriamente" em eliminar o direito à...
noticias.uol.com.br

E essa é a parte II do texto. Acabou. Pode ir cantar seu hino nacional,

Porque se você não acha que o mundo é pequeno demais para todo mundo, não se engane ele nunca será suficiente para outros, nem que todos os recursos fossem infinitas...

PS1:

Barragem de Mariana, o maior desastre ambiental da história do Brasil

O gigante anglo-australiano da mineração BHP-Billiton é alvo de uma ação coletiva no valor de £ 5 bilhões (US$ 6,5 bilhões ou mais de R$ 25 bilhões), apresentada no Reino Unido pelo rompimento da barragem de Fundão, em Mariana (MG), em 2015. A queixa, iniciada em novembro, foi confirmada nesta quarta-feira (8) pelo grupo.

"A BHP confirma que os detalhes legais de uma ação foram apresentados no Tribunal de Negócios e Propriedade de Liverpool", no noroeste da Inglaterra, anunciou o grupo em um comunicado. "A BHP tem a intenção de se defender", acrescentou o texto.

A queixa coletiva, uma das maiores na história legal do Reino Unido, foi iniciada em novembro, mas seus detalhes vieram à tona apenas nesta semana. A ação foi apresentada pelo escritório de advogados SPG Law, com sede em Liverpool.

Um advogado desse escritório explicou à AFP que a SPG Law exige da BHP £ 5 bilhões em danos e prejuízos em nome de cerca de 250 mil demandantes. Esse grupo inclui 240.000 indivíduos, 24 prefeituras, 11.000 empresas, uma arquidiocese católica e a comunidade indígena Krenak.

Embora tenham sido apresentadas ações civis no Brasil, "os demandantes acreditam que têm mais chances de obter uma indenização justa e rápida no Reino Unido do que em seu país. Os tribunais brasileiros podem levar mais de uma década para decidir uma sentença e as ofertas de indenização são muito inferiores aos danos sofridos", explicou o escritório na nota. (...) -***Queixa coletiva de brasileiros no Reino Unido pede R$ 25 bi por desastre de Mariana***

c

Isso sim é que é apostar numa DeadPool

La minera BHP Billiton anuncia un dividendo récord tras duplicar beneficio

El grupo minero anglo australiano BHP Billiton, la mayor compañía mundial del sector, obtuvo un beneficio neto…

www.invertia.com

Sexy motherfocker...

Disneyland Paris terá Star Wars Land, Marvel Land e Frozen Land

O grande momento da Disneyland Paris finalmente chegou, após anos de reforma na Disneyland, diversas mudanças no Disney…

www.hapfun.com.br

Agrotóxicos: 44% dos princípios ativos liberados no Brasil são proibidos na Europa

Quase metade dos princípios ativos de agrotóxicos liberados em território brasileiro são proibidos em países da União Europa. É o que mostra levantamento organizado por Gerson Teixeira, ex-presidente da Associação Brasileira de Reforma Agrária (Abra), publicado no fim de julho.

Nem todos os 497 princípios ativos autorizados no Brasil são passíveis de comparação com o quadro Europeu. Isso porque 65 deles referem-se a substâncias derivadas e outros 79 não estão classificados pelas agências de saúde de lá.

Dos 353 princípios que sobram, 194 também são liberados nos países da União Europeia; e 155 são proibidos (44% do total).

Entre a substâncias liberadas aqui e não autorizadas lá, 22 (ou 14,2%) são completamente banidas na Europa. Outros quatro princípios ainda estão sob análise, de acordo com o levantamento.

*"Enquanto todos os países estão tentando ser mais restritivos aos agrotóxicos, no Brasil vamos na contramão. Estamos flexibilizando cada vez mais (....) -**Agrotóxicos: 44% dos princípios ativos liberados no Brasil são proibidos na Europa***

MPF investiga contaminação por agrotóxicos em comunidade indígena em MS | Jornal Midiamax

Moradores da comunidade indígena Guyraroka apresentaram sintomas de intoxicação após a pulverização de calcário em uma…

www.midiamax.com.br

deadpool...

Ativistas criticam Bayer por venda no Brasil de agrotóxicos proibidos na UE

Associação questiona multinacional alemã sobre aumento de 50% nos últimos três anos no número de pesticidas comercializados no Brasil e não permitidos na Europa e alerta para liberação de produtos pelo governo Bolsonaro.

Do lado de fora do Centro de Conferências de Bonn, onde ocorreu reunião anual dos acionistas da Bayer, jovens protestaram contra a empresa nesta sexta

Passado quase um ano da conclusão da aquisição da Monsanto pela Bayer, um grupo de associações e ativistas lançou nesta quinta-feira (25.04) o estudo "Um ano Bayer-Monsanto: um balanço crítico", questionando as práticas da multinacional alemã em diversas partes do mundo.

Das dez páginas do relatório, duas delas se referem ao Brasil, e o principal dado divulgado é que, de 2016 para 2019, houve um aumento de 50% no número de agrotóxicos vendidos no Brasil que são proibidos na União Europeia (UE). Um levantamento de 2016 apontou que eram oito produtos e, agora, três anos depois, são 12.

(...) Após a compra da Monsanto, a Bayer se tornou a líder mundial no mercado de sementes, fertilizantes e pesticidas, e o Brasil é o segundo maior mercado para a divisão agrícola da empresa.

"O Brasil é o mercado do futuro para os agrotóxicos. Os Estados Unidos já parecem ter atingido seu limite de liberações [de agrotóxicos], e a sociedade da União Europeia não

está disposta a tolerar mais agrotóxicos. Países como China e Índia também já estão mais conscientes. No Brasil, porém, a sociedade em geral não parece fazer tanta pressão", afirma Christian Russau, da direção da associação de acionistas críticos.

"E o Brasil ainda tem um governo de extrema direita despreocupado com o meio ambiente e uma bancada ruralista muito forte, que pressiona o governo para conseguir cada vez mais liberações", diz. (...) — ***Agrotóxicos: 44% dos princípios ativos liberados no Brasil são proibidos na Europa***

sexy motherfucker...

MPF investiga contaminação por agrotóxicos em comunidade indígena em MS | Jornal Midiamax

Moradores da comunidade indígena Guyraroka apresentaram sintomas de intoxicação após a pulverização de calcário em uma...

www.midiamax.com.br

Crianças envenenadas: nem bebês estão a salvo dos agrotóxicos — CEBI

Por Alceu Luís Castilho (@alceucastilho) Crianças e adolescentes até 14 anos estão entre as vítimas — e entre as...

cebi.org.br

deadpool...

Bayer registra aumento nos lucros após compra da Monsanto e cortes de custos

Logo da Bayer (Foto: Sean Gallup/Getty Images) A compra de US$ 63 bilhões da fabricante de sementes norte-americana...

epocanegocios.globo.com

ha-ha-ha... this is a very sexy motherfucker...

PS2: Mas e quanto a postura do governo atual?

O que tem ela? O que há para ser dito explicado? Quem é que é capaz de expô-lo de forma mais explicita, para não dizer pornográfica, que o próprio, tanto no que diz no que faz? Onde está a contradição? Nisto a sociedade jamais poderá reclamar, porque dos governos

populistas de extremas direitas, porque eles jamais esconderam nem suas origens nem suas verdadeiras intenções, pelo contrário se elegeram fazendo apologia dela, reafirmando e cumprindo o que prometeram em campanha. E se há otários, ou muitos espertos a ficar se desculpando por aquilo que o governo ou presidente diz que não sabe o que diz, ou faz porque não sabe o que faz, é porque querem enganar, ser enganados ou enganar os outros. Porque novamente trouxa de quem acreditou que ele não era quem é, e mais trouxa ainda quem quer continuar se enganando. Eles estão dizendo e fazendo o que dizem. Se as pessoas querem continuar nessa onda não posso acreditar que isso está acontecendo de um lado, ou do veja bem não é exatamente isso que aconteceu vão cair por vieses ideológicos diferentes na mesma armadilha, a armadilha do querem ou não acreditar, independente do quanto a realidade esfregue outra coisa na sua cara. Não fizeram um cavalo de pau, em economia, direitos humanos, costumes, meio ambiente. Combate a criminalidade. Nem em combate a corrupção. Fora é claro para quem acredita em papai-noel.

E por falar em acreditar em papai noel...

MERCOSUL ASSINA ACORDO COM ASSOCIAÇÃO EUROPEIA DE LIVRE COMÉRCIO — O Antagonista

Pausa na histeria sobre a Amazônia: o Mercosul assinou agora há pouco, em Buenos Aires, um acordo comercial com a...

www.oantagonista.com

.....deadpool

(...) foi muita responsabilidade, já que o futuro do planeta também dependia dele. "Aquele terno e aquela gravata pesam, meu irmão. Quando eu coloquei o terno preto, a gravata preta, aquele óculos preto eu falei: 'Que responsabilidade'. Isso foi mais sério do que quando eu botei o terno para casar. Eu falei: 'É agora, bicho, é o planeta. Temos que mudar o planeta. Salvar o planeta. Serginho Malandro alienígena. Man in Black. Homem de Preto", afirmou. — Sérgio Mallandro aparecerá nas telonas de todo o mundo. O artista estará no elenco do filme MIB: Homens de Preto

sexy motherfucker...

CVM abre inquérito contra executivos da Vale por tragédia de Brumadinho

A Comissão de Valores Mobiliários (CVM) informou nesta segunda-feira (19) que abriu inquérito para investigar eventual...

g1.globo.com

Um mês após rompimento de barragem na BA, cerca de 160 famílias seguem desalojadas em cidades…

Imagens aéreas mostram rompimento de barragem na Bahia — Foto: Secom/GOVBA Um mês após o rompimento da barragem do…

g1.globo.com

e o ápice da filhadaputagem profissional…

a confirmação que Estado e seus braços são a legalização do crime institucionalizado descarado… a empresa criminosa condenada fica responsável por montar e gerir uma fundação que não controla como vai indenizar as vitimas dos seus danos, mas passa fiscalizar e claro suspender a indenização dessa gente suspeita… punição de padre pedófilo: cuidar do orfanato como direito a por e a determinar o castigo e ainda cuidar do espólio dos internos, mesmo eles no caso não sendo crianças, mas adultos.

A Fundação Renova suspendeu o pagamento do auxílio financeiro emergencial (AFE) de 143 atingidos no Espírito Santo e Minas Gerais. O recurso é pago mensalmente aos atingidos que ficaram impossibilitados de exercerem suas atividades profissionais em função dos danos advindos do crime da Samarco/Vale-BHP em Mariana/MG em 2015. Por ser, via de regra, um valor menor que o obtido com seu trabalho habitual, muitas famílias passam por dificuldades, mesmo recebendo o auxílio. Sem ele, a situação é dramática.

O assunto foi tema da reunião dessa quarta-feira (14) da Câmara Técnica de Ordem Social (CTOS), ligada ao Comitê Interfederativo (CIF), que fiscaliza os programas de reparação e compensação dos danos.(…)

Em resposta aos questionamentos feitos pela Câmara e pela Defensoria Pública, a Renova afirmou que os cortes são resultado de “um trabalho de saneamento da base de dados, pois haveriam, de acordo com a Renova, casos de atingidos recebendo indevidamente o auxílio”, (…)- **Renova suspende auxílio emergencial de 143 atingidos pelo crime da Samarco**

Renova suspende auxílio emergencial de 143 atingidos pelo crime da Samarco

Defensoria Pública e Câmara Técnica orientam atingidos no Estado e MG a recorrer de seus direitos A Fundação Renova…

seculodiario.com.br

deadpool…

Raposa no galinheiro — Agência Pública

"Nós não reconhecemos a Fundação Renova como representante ou reparadora dos danos dos atingidos", diz a representante…

apublica.org

Adoro o Brasil, se um holocausto tivesse acontecido aqui, o condenado no tribunal administraria o fundo de reparo às vitimas, e os antigos da corporação ou regime condenado ainda se reservariam o direito de fiscalizar, julgar as vitimas e suspender as migalhas...

Opa, acusação infundada mas nem homicídio foi... quem matou foi a lama.

TRF retira crime de homicídio de acusados de envolvimento no rompimento de Fundão, em Mariana

Lama da barragem de Fundão percorreu mais de 600 km — Gesteira (acima), distrito rural de Barra Longa, foi soterrado…

g1.globo.com

sexy motherfucker...

Há um tipo de apostador que nunca assume o risco de matar, ainda mais conscientemente ele só assume os lucros, porque os riscos, e as perdas estes caso você não tenha percebido já foram terceirizados e socializados.

Ou para que você acha que existe justiça e Estado?

Deadpool...

Brumadinho: 'gritos, crianças chorando e fogo', voluntário descreve horror em resgate que 'não...

A professora de ensino fundamental Silvânia Fonseca Moraes voltava do velório de um parente quando leu as primeiras…

noticias.r7.com

PS3:

“Quem vai invadir o Brasil para salvar a Amazônia?” pergunta professor de Harvard em artigo

Foto: Jefferson Rudy/Arquivo AFP Em artigo publicado na segunda-feira (5) na revista americana Foreign Policy…

www.gazetadopovo.com.br

““Quem vai invadir o Brasil para salvar a Amazônia?” pergunta professor de Harvard em artigo”

“O título do artigo foi alterado para “Quem salvará a Amazônia (e como)?”. O autor do texto disse pelo Twitter que a primeira versão do título não havia sido escrita por ele: “É importante ler o artigo (que eu escrevi), e não apenas o título (que eu não escrevi)”, disse Walt. (…)

No cenário inventando por Walt, o Brasil de 2025 está prestes a ser atacado pelos Estados Unidos; se o Brasil não cessar o desmatamento destrutivo na Amazônia em uma semana, os EUA iniciarão um bloqueio naval ao Brasil e lançarão ataques aéreos contra infraestrutura estratégica brasileira.

Após descrever o cenário, que Walt disse ser “exagerado”, o autor pergunta: “Até onde você iria para impedir danos ambientais irreversíveis? Particularmente, os Estados têm o direito — ou até mesmo a obrigação — de intervir em um país estrangeiro com o objetivo de impedi-lo de causar dano irreversível e possivelmente catastrófico ao meio ambiente?” (…)

O texto discute ainda até que ponto a comunidade internacional deve ir para impedir ou reverter ações que possam causar danos ao meio ambiente e aos recursos dos quais todos os seres humanos dependem. “Pode parecer exagerado imaginar Estados ameaçando ação militar para impedir isso hoje, mas isso se torna mais provável se as estimativas mais pessimistas para o futuro do nosso clima se revelem corretas”, afirma o autor. (…) — ***“Quem vai invadir o Brasil para salvar a Amazônia?” pergunta professor de Harvard em artigo***

sexymotherfucker…

Pergunta? E quem hipotética e para fins acadêmicos é claro, senão seria ameaça de guerra ou terrorismo: e quem vai invadir os países que continuam a explodir bombas e plantas atômicas?

Ilhas Marshall têm 10 vezes mais radiação do que Chernobyl

Um estudo feito por pesquisadores da Universidade Columbia de Nova York, nos Estados Unidos, revelou que algumas partes…

revistagalileu.globo.com

Acidente nuclear na França teria sido abafado | DW | 04.03.2016
Tanto a autoridade nuclear francesa, ASN, e a companhia que gerencia os dois reatores atômicos de Fessenheim, a também...
www.dw.com

Putin admite que submarino russo incendiado tinha propulsão nuclear
O presidente da Rússia, Vladimir Putin, revelou nesta quinta-feira (4) pela primeira vez que um submarino militar...
noticias.r7.com

O dia em que os EUA lançaram um míssil nuclear no Brasil — Meio Bit
Carlos Cardoso 2 anos atrás Acidentes acontecem, e esse envolveu um míssil muito velho, o SM-62 Snark, um meio-termo...
meiobit.com

EUA testam míssil após deixar acordo nuclear com RússiaAgoraMS — O Endereço da Notícia : Mato...
O governo dos Estados Unidos anunciou nesta segunda-feira (19) que realizou um teste com um míssil de cruzeiro na ilha...
www.agorams.com.br

2018 foi o ano mais mortífero para as crianças na Síria, enquanto a guerra entra no nono ano no...
Nova Iorque/Bruxelas/Amã, 11 de março de 2019 — "Existe hoje um equívoco alarmante de que o conflito na Síria está...
www.unicef.org

deadpool...

Dentre as inúmeras conseqüências funestas das guerras, estão os efeitos devastadores sobre o meio ambiente. Os bombardeios, o intenso movimento de veículos militares e tropas, a grande concentração de vôos de combates, os mísseis jogados sobre territórios ou a destruição de estruturas militares e industriais durante todos esses conflitos também provocaram a emissão de metais pesados e outras substâncias que contaminaram o solo, a

água e o ar. Além da contaminação ambiental é necessário considerar ainda a modificação das paisagens naturais e a perda da biodiversidade a longo prazo, seja pela presença de minas terrestres ou agentes químicos dispersados no ambiente. Segundo a Academia de Ciências Naturais da Filadélfia (EUA), a biodiversidade associada a ambientes naturais tem diminuído de forma considerável também como conseqüência da guerra e requer atenção. Apesar dos danos para o meio ambiente a para a saúde humana, existem poucas pesquisas sobre os efeitos das guerras e das diversas armas utilizadas.

Dentre os trabalhos acadêmicos e governamentais sobre guerras destaca-se um relatório de 2003, do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), que concluiu que a queima de poços de petróleo no Iraque era uma questão que se somava aos problemas ambientais acumulados no país nas últimas duas décadas, devido à guerra Irã-Iraque (1980) e a Guerra do Golfo (1991). Carlos Nobre, pesquisador do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), membro de um dos grupos do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima afirma que a queima dos poços de petróleo gera não apenas o gás carbônico (relacionado ao efeito estufa), mas uma série de outros gases poluentes nocivos à saúde. "As pessoas próximas à trajetória da fumaça ficam expostas a um nível de poluição bastante ampliado", diz ele. Já com relação ao efeito estufa, Nobre afirma que as conseqüências para o seu aumento não são consideráveis perto do que se consome mundialmente de petróleo, inclusive porque o petróleo queimado nos poços seria retirado e consumido em alguns meses.(...)

O relatório "Collateral Damage, the health and environmental costs of war on Iraq", de 2002, da International Physicians for the Prevention of Nuclear War (IPPNW), que analisa os impactos da Guerra do Golfo para a saúde para o meio ambiente e afirma que a destruição de fábricas de produtos químicos, biológicos e nucleares dispersou substâncias tóxicas no meio ambiente com efeitos também para a saúde humana, como seqüelas para o sistema respiratório e carcinogênese. Além dele, o relatório de 2003 do PNUMA cita também o uso de armamento contendo urânio empobrecido como uma possível fonte de contaminação do meio ambiente, e responsável por malefícios à saúde humana.

O urânio empobrecido (U-234) é um subproduto do urânio enriquecido (U-238) utilizado nas usinas de energia nuclear e, portanto, abundante em países que utilizam esse tipo de energia. Por ser um dos metais mais pesados que existe, ele é utilizado pela indústria bélica para produção de cabeças de balas, o que aumenta a capacidade de penetração dos projéteis, que passam a poder perfurar veículos militares blindados, e paredes. O urânio empobrecido também é utilizado para fabricação de mísseis e para revestimento de tanques. Além do peso do metal ser um atrativo bélico, também há uma outra característica, o material é pirofórico espontâneo, isto é, quando o projétil alcança seu objetivo gera tanto calor, que se inflama e explode. Assim, ao atingir o alvo, o urânio empobrecido queima e transforma-se literalmente em poeira, oxida-se e volatiza-se em micropartículas radioativas, que podem ser inaladas, ingeridas, depositadas no solo e na água, ou transportadas a muitos quilômetros de distância pelo ar.

A utilização bélica de urânio empobrecido não se limita ao Kwait (Guerra do Golfo) e ao Iraque. O material também estava presente nos bombardeios da Sérvia (1999) e da Bósnia (1995) e em Kosovo (1999). Grupos pacifistas contestam a utilização do urânio para fins bélicos afirmando que não podem ser entendidos como material de armas convencionais,

pois causam graves problemas de saúde como câncer, má formação, e mutações genéticas, além dos danos ambientais, como infertilidade da terra. Além de afetar a população civil que sofreu o bombardeio, o urânio também afeta os soldados, e a poeira de urânio pode ser transportada por ventos atingindo muitos outros países, inclusive da Europa, assim como a atmosfera. Por outro lado, organismos como OTAN ou o Pentágono negam que existam estudos que comprovem tais prejuízos à saúde.

Os efeitos do armamento que utiliza urânio empobrecido são comumente comparados pelos pacifistas às bombas de Hiroshima e Nagasaki, ao mesmo tempo em que tanto esses efeitos, como as negativas sobre os malefícios causados pelo urânio empobrecido por parte dos organismos internacionais, são comparados também ao agente laranja (agente desfolhante) utilizado na guerra do Vietnã (1975). Nessa segunda comparação, os pacifistas argumentam que, apesar dos Estados Unidos terem declarado inicialmente que o agente laranja não causava problemas à saúde, até hoje os vietnamitas estão arcando com deformações genéticas e câncer causado por essa guerra química. Atualmente, existem diversas campanhas contra a utilização de urânio empobrecido pela indústria bélica.

Lia Giraldo Augusto, médica e pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) afirma que a ausência de pesquisas sobre os impactos da guerra na saúde e no meio ambiente não é sem razão e que o Pentágono não é uma fonte idônea para informar se produtos utilizados em armas bélicas são ou não ofensivos à saúde e ao ambiente. "As agências norte-americanas trabalham sempre com uma forte ligação com interesses de Estado e interesses econômicos", diz ela. Na opinião da médica, o fato da ciência não ser neutra também colabora para esse panorama, sendo que boa parte dos fundos que financiam a ciência estão comprometidos com interesses de grupos econômicos. "É por isso que precisamos de uma universidade pública, para termos algumas brechas para pesquisar questões que são do interesse dos excluídos, do ambiente, dos derrotados pela guerra", diz ela.(...)

*Além dos impactos das guerras sobre a saúde e o meio ambiente, a realização de testes nucleares é mote de diversas campanhas internacionais, como causadora de problemas ambientais e de saúde de longo prazo. Dentre os locais de testes nucleares, um dos mais conhecidos é o Atol de Mururoa, na Polinésia Francesa. Apesar do número de testes realizados divergir bastante, todos aproximam-se de meia centena de testes realizados entre 1966 e 1996 pela França. O governo do território afirma que quase dez anos após a realização do último teste nuclear, os níveis de contaminação por radiação registrados na região ainda são altos com conseqüências para o meio ambiente e a saúde. Uma comissão instalada pelo presidente do território está investigando as conseqüências dos testes nucleares e denuncia a falta de cooperação da França para a investigação. A comissão anunciou no final de outubro que até o final de 2005 publicaria um relatório sobre o assunto. — **Guerras perturbam o meio ambiente***

Guerras perturbam o meio ambiente

Dentre as inúmeras conseqüências funestas das guerras, estão os efeitos devastadores sobre o meio ambiente. Os...

www.oei.es

Mas, isso é dado e pesquisa cientifica e o governo foge disso igual o diabo da cruz...

O desmonte da ciência brasileira

A ciência brasileira se encontra num momento crítico. O último corte de recursos anunciado pelo governo de Jair…

portal.sbpcnet.org.br

Então vamos só ficar com a polinésia francesa... Ah, a paradisíaca polinésia francesa... que em pleno século XXI ainda teve movimentos por independência...

População polinésia quer independência do território francês

do enviado especial da Folha de S.Paulo à Polinésia Francesa A Polinésia Francesa é um território ultramarino da…

www1.folha.uol.com.br

Pois é. Pois, para quem não sabe ainda existem colônias do velho estilo pelo mundo, mas fala diferente para não causar escândalo: “território ultramarinos”. Olha como fica mais bonito.

Ah, a paradisíaca polinésia francesa... que ainda sofre as sequelas pelos 193 testes nucleares, porque bomba nuclear no cu do mundo dos outros é refresco...

Polinésia Francesa exige compensações de Paris por testes nucleares

As sequelas provocadas pelos 193 testes nucleares realizados pela França na Polinésia Francesa são o motivo da…

noticias.uol.com.br

Ah, a Polinsia Francesa... que se foda, porque está afundando...

Polinésia francesa quer travar submersão com ilhas flutuantes

Quando o ex-engenheiro informático da Google Patri Friedman surgiu com a ideia de construir ilhas flutuantes, tinha em…

www.dn.pt

E mané “homestanding”, e “seastanding”... Quem está afundando que se (se?) exploda ou afunde de vez, porque há outros lugares para olhar, incluso que fazem fronteira com a França... como o Brésil.

PS5: Enquanto isso...

Enquanto a gritaria rola...

Lava Jato 64 chega ao pré-sal e mira rombo de R$ 6 bi, Graça Foster e André Esteves

A Polícia Federal deflagrou, na manhã desta sexta, 23, a 64ª fase da Operação Lava Jato , denominada Pentiti, para...

politica.estadao.com.br

ah, essas cortina de fumaça... malditos interesses internacionais das elites... que elites? as gringas? Não as SUDESTINAS, mesmo.

sexymotherfuckers...

E aí? Que tal? vamos fugir?

Que tal Paris, baby?

Não meu bem, vamos para os States...

Ops, hipocrisia detected. Porque quando fui perseguido, também fugi de mala e cuia, e não encontrei portas fechadas, incluso de casas de pessoas que nem sequer me conheciam. Parece outro século... mas não faz nem 10 anos atrás... França, Portugal, Alemanha, Dinamarca, Italia, Suécia, Suiça, Canadá, UK. Mas esse pessoal é a rede do ativismo DE BASE da renda básica. Ativistas de verdade, a vanguarda que em geral vai para resistência, e a resistência de onde em geral sai a nova vanguarda.

PARIS, France: UBI experiment in Brazil, 4 November

ReCivitas have experimented a basic income pilot project in Quantinga Velho, Brazil since 2008. The delegation of…

basicincome.org

Pois é parece que foi ontem... e foi. Mas em verdade é que já vivemos outros tempos. Previsíveis, evitáveis, mas não importa, que não nos contentamos só em prever, denunciar, mas trabalhamos para que não chegasse, mas chegou. E não adianta, chorar nem entrar na grita. A pergunta de antes permanece, a mesma o que vamos fazer? De concreto, construtivo e genuinamente libertário, de ação social de base e não projetos populistas para chegar ao poder. Porque de salvadores do povo e do planeta, gringos ou nativos mesmos, se você ainda não sabe o que (não deve ficar a) esperar, é porque vive como eles com a cabeça em Marte. Eles como idiocratas. Você como um idiota mesmo.

Reportagem | A nova era da corrida espacial: os milionários querem conquistar a Lua

São quase 3h da madrugada na Costa do Espaço. A van circula solitária pela alameda dos Astronautas em direção ao que um…

brasil.elpais.com

França anuncia criação de comando militar do espaço | DW | 14.07.2019

"Vamos reforçar o nosso conhecimento da situação espacial e melhor proteger os nossos satélites", disse Macron O…

www.dw.com

Afinal não há demandas por mais igualdade de liberdade e autoridade, demanda fim de desigualdades, misérias políticas, econômicas e culturais, que a lógica da locupletação que consiga esmagar e se renovar e reinventar com uma nova corrida pelo ouro, por uma nova fronteira, por um novo, mundo, uma nova guerra, uma nova loteria, um novo cassino, de vida e morte. Roleta russa. Sexymotherfuckers...
Só russa?

Deadpool...

Para cada demanda por mais democracia, liberdade, menos miséria e tirania -não a de papel, mas a de fato- para cada agitação e primavera dos povos, um inverno estatal de crises, conflitos, fanatismo, ditaduras, xenofobia. A arte de governar, pela domesticação dos submetidos não só a ditadura das privações, mas as alucinações, a arte de domesticar os acorrentados com as sombras na caverna que acreditam que o mundo é feito das ideias, e não ele e suas ideias, incluso as sombras e grilhões, da luz do mundo. Um mito e arcabouço

ideológico antigo. Mas do qual evidentemente ainda não escapou. Não como ethos não como consciência. Não como convivência.

Debate sobre reparação a descendentes de escravos ressurge nos EUA — ISTOÉ Independente

Em janeiro de 1865, quando a Guerra Civil dos Estados Unidos estava chegando ao fim, foi prometido a alguns escravos…

istoe.com.br

40 acres e uma mula

40 acres e uma mula se refere à política de curta duração, durante os últimos estágios da guerra civil americana…

catorzedemaio.blogspot.com

Entendeu? Quando, perguntas como essas começam a ser feitas:

*"Se, de acordo com a Constituição, indenizamos as pessoas porque tomamos suas propriedades, por que não indenizaria as pessoas que eram propriedade de outra?", questionou. -**Debate sobre reparação a descendentes de escravos ressurge nos EUA***

É preciso por um fim a qualquer possibilidade de debate e reflexão. E recolocar outros termos. Onde, pelo contrário, são as pessoas que defendem genuinamente a vida e liberdade que já não tem como aceitar e por em questão esses valores nem muito menos barganhar com eles. Porque esses valores não são apenas simbólicos, mero objetos de discursos ou troca, mas importâncias reais, seres e fenômenos concretos que serão cobradas da pessoa no mundo real como tais, ainda que o demagogo o venda como isso uma armadilha ou nota promissória ideológica. Logo quando se começa a falar de liberdade como ela de fato é, propriedades e seu usufrutos, em tempos e espaços, não todas as formas ilusórias de acobertar justamente sua alienação. As mascaras caem e o bicho-pega.

Por isso, não pensem que estou defendendo democratas, porque os progressistas de lá são como os daqui, que o digam os líbios pós Obama-Hilary que hoje são vendido e traficados como escravos. O jogo de apostas político interno de lá é o mesmo que o daqui, já na grande figura, evidentemente os winners e loosers não só relativamente mas objetivamente outros… mas claro novamente tem um preço.

No país em que você pode comprar um homem negro por US$ 400

CIDADE DE BENIM, Nigéria — Jude Ikuenobe pressentiu que um carro o seguia antes que pudesse ver o veículo. Com o…

www.buzzfeed.com

Deadpool...

Me chamam de Deadpool, sou rápido pra caramba/Vim pegar os caras maus e umas bundas/Tenho lâminas pra dias, armas de sobra/Tenho golpes com combos, esquivas e mais/Com armadilhas de urso e granadas demão/Puxo a pistola feito um maníaco/Bem na sua cara/Explodindo tampas/Deixando uma trilha de tripas/Sentando na minha cadeira/Coçando meu saco/Não paro quando atiro/As automáticas tão ligadas/Seu bunda é grama/E eu tô aparando o gramado/Chumbo quente na cabeça/E não vou parar/O que sua galera vai fazer/Quando eu cortar e retalhar?/Mas todas essas vadias são primeiras-damas/Encho minha cara de chimichangas/Cervejas e tacos, sempre com tudo frouxo/Pera aí um minuto/Enquanto eu arrio um barro/(Deadpool)Sexy, filhodaputa (Deadpool)/(Deadpool) Capitão Deadpool (nah, só Deadpool)/Mercenário tagarela, não posso morrer/Um pé na cova/Mas ainda tô vivo/Tenta me matar, eu só vou reviver/E então pôr outra bala/Bem no meio dos seus olhos/Sou perigoso, me sinto despreocupado/Aperto seu pescoço como se eu fosse um colar/Pular, cortar e deixar todos decapitados/Gosto de todas as minhas pistolas/Grandes como o texas/Hey capangas, bandidos e chefões/Adivinha só? eu trouxe o colossus!/O tempo acabou/Melhor contar quantos já perdeu/Chutando aquela bunda/Enquanto minha namorada assiste/Corre aí, você sabe que eu vou te perseguir/Cada cara mau/Ponho em seu devido lugar/Vingança, vou te dar um gostinho/Sou sexy pra caramba, mas escondo meu rosto/Vou mostrar pra vocês/Como se faz com armas e facas/(Deadpool)Fazendo piadas e quebrando as regras/Eu vim pelos tacos (Deadpool)/Brincando com as gatas/E minhas bolas pra bater umazinha/(Deadpool)Tô prestes a derrubar esses idiotas/Então chega e pega alguns/Faça barulho, eu faço doer/Ha! chutando bundas e pegando nomes/Hora da vingança, não tô de brincadeira/Esses superpoderes parecem estranhos/Me movo com um ninja maluco/De mão em mão, você sabe que vou te guiar/Tenho duas espadas, agora vou me vingar/Não ligo se te ofendo/Escuta só, tenho algo a dizer/É isso mesmo, eu falo merda o dia todo/Chega aí, toma um banho de sangue/Agora você tenta correr/E isso tá me fazendo rir/Ha ha ha/Pra onde você vai?/Tenta se esconder/Mas você sabe que vou te achar/Na ponta do pé, de mansinho atrás de você/Eu sou Deadpool, preciso te lembrar?/Regenerar, porque é legal/Quero cair de um parapeito (Deadpool)/Esses guardas retardados/Todos querendo briga/Então click click boom! (Deadpool)/Não acredito na regra dourada/Eu vim pra transar/Nota pras meninas: não sou um brinquedo/Sou um filhodaputa,sexy, sexy motherfucher...

Sei não, mas não só já ouvi esse discurso, mas acho que já esse filme, já foi filmado e refilmado em todos os lugares do mundo para todos os públicos alvo e audiências A, B, C... tem na versão do cinema “arte” europeu, do cinema “comercial” americano, e até em versão em pornochanchada brasileira, o Cowboy brasileiro é fake, mas o indio é verdadeiro.

Macron recebe Raoni e assegura apoio da França ao seu projeto

Presidente francês, Emmanuel Macron, cumprimenta líder indígena Raoni, em encontro no Palácio do Eliseu, sede do...

g1.globo.com

Perái, errei, de indio. O verdadeiro é esse aqui...

Mas esse não é para inglês ou francês, ver. Whatever, Como diria o outro, “preto, indio, amarelo, latino é quem nem sapo tupo igual...” especialmente morto, enterrado e bem longe da vista. Ou da história abaixo...

1500, o ano que não terminou

Um menino de dois anos foi assassinado. Um homem afagou seu rosto. E enfiou uma lâmina no seu pescoço. O bebê era um índio do povo Kaingang. Seu nome era Vitor Pinto. Sua família, como outras da aldeia onde ele vivia, havia chegado à cidade para vender artesanato pouco antes do Natal. Ficariam até o Carnaval. Abrigavam-se na estação rodoviária de Imbituba, no litoral de Santa Catarina. Era lá que sua mãe o alimentava quando um homem perfurou sua garganta. Era meio-dia de 30 de dezembro. O ano de 2015 estava bem perto do fim.

E o Brasil não parou para chorar o assassinato de uma criança de dois anos. Os sinos não dobraram por Vitor.

Sua morte sequer virou destaque na imprensa nacional. Se fosse meu filho, ou de qualquer mulher branca de classe média, assassinado nessas circunstâncias, haveria manchetes, haveria especialistas analisando a violência, haveria choro e haveria solidariedade. E talvez houvesse até velas e flores no chão da estação rodoviária, como existiu para as vítimas de terrorismo em Paris. Mas Vitor era um índio. Um bebê, mas indígena. Pequeno, mas indígena. Vítima, mas indígena. Assassinado, mas indígena. Perfurado, mas indígena. Esse “mas” é o assassino oculto. Esse “mas” é serial killer.

A fotografia que ilustrou as poucas notícias sobre a morte do curumim mostra o chão de cascalho e concreto da estação rodoviária. Um par de sandálias havaianas azul, com motivos infantis. Uma garrafa pet, uma estrelinha de brinquedo, daquelas de fazer molde na areia, uma tampa de plástico do que parece ser um baldinho de criança, uma pequena embalagem em formato de tubo, um pano florido amontoado junto à parede, talvez um lençol. É apresentada como “local do crime” ou como “os pertences do menino”.

Essa foto é um documento histórico. Tanto pelo que nela está quanto pelo que nela não está. Nela permanece o descartável, os objetos de plástico e de pet, os chinelos restados. Nela não está aquele que foi apagado da vida. A ausência é o elemento principal do retrato.

Os indígenas só podem existir no Brasil como gravura. Apreciados como ilustração de um passado superado, os primeiros habitantes dessa terra, com sua nudez e seus cocares, uma coisa bonita para se pendurar em algumas paredes ou estampar aqueles livros que decoram mesas de centro. Os indígenas têm lugar se estiverem empalhados, ainda que em quadros. No presente, sua persistência em existir é considerada inconveniente, de mau gosto. Há vários projetos tramitando no Congresso para escancarar suas terras para a

exploração e o "progresso". Há muitos territórios indígenas devidamente reconhecidos que o governo de Dilma Rousseff (PT) não homologa porque neles quer construir grandes obras ou porque teme ferir os interesses do agronegócio. Há uma Fundação Nacional do Índio (Funai) em progressivo desmonte, tão fragilizada que com frequência se revela também indecente. No passado, os índios são. No presente, não podem ser.

Como diz o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, os indígenas são especialistas em fim de mundo, já que o mundo deles acabou em 1500. Tiveram, porém, o desplante de sobreviver ao apocalipse promovido pelos deuses europeus. Ainda que centenas de milhares tenham sido exterminados, sobreviveram à extinção total. E porque sobreviveram continuam sendo mortos. Quando não se consegue matá-los, a estratégia é convertê-los em pobres nas periferias das cidades. Quando se tornam pobres urbanos, chamam-nos de "índios falsos". Ou "paraguaios", em mais um preconceito com o país vizinho. No passado, os índios são alegoria. "Olha, meu filho, como eram valentes os primeiros habitantes desta terra." No presente, são "entraves ao desenvolvimento". "Olha, meu filho, como são feios, sujos e preguiçosos esses índios fajutos." Os índios precisam ser falsos porque suas terras são verdadeiras — e ricas.

Se Vitor era um entrave, esse entrave foi removido. Por isso essa foto é um documento histórico. Se houvesse alguma honestidade, é ela que deveria estar nas paredes.(...)

2015 foi o ano em que esse discurso deu ao Brasil o bicampeonato. O deputado estadual Fernando Furtado, do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), foi reconhecido como "Racista do Ano" pela organização Survival International por seu pronunciamento antológico, ao se manifestar numa audiência pública: "Lá em Brasília, o Arnaldo viu os índios tudo de camisetinha, tudo arrumadinho, com flechinha, tudo um bando de viadinho*, que tinha uns três que eram* viado*, que eu tenho certeza,* viado*. Eu não sabia que tinha índio* viado*, fui saber naquele dia em Brasília... Tudo* viado*. Então é desse jeito que tá, como é que índio já consegue ser* viado*, boiola, e não consegue trabalhar e produzir? Negativo!".*

O parlamentar se referia aos Awá-Guajá, considerados um dos povos mais vulneráveis do planeta. A conquista de Fernando Furtado, porém, não é inédita. Outro parlamentar, Luis Carlos Heinze, este deputado federal pelo Partido Progressista (PP) do Rio Grande do Sul, já tinha subido ao pódio em 2014, com a seguinte declaração: "O governo... está aninhado com quilombolas, índios, gays e lésbicas, tudo o que não presta". Tudo indica que o Brasil é quase imbatível para o tricampeonato. Fala-se tanto em país polarizado, mas a premiação prova que os indígenas são um raro ponto de unanimidade entre certa direita e certa esquerda dessa grande nação.

Vitor, o bebê assassinado, vivia na aldeia Condá, no município de Chapecó, no oeste de Santa Catarina. Os crimes cometidos pelo Estado contra o povo Kaingang da região sul do Brasil estão registrados no Relatório Figueiredo, um documento histórico que se acreditava perdido e que foi descoberto no final de 2012. O relatório, datado de 1968, documentou o tratamento dado aos povos indígenas pelo extinto Serviço de Proteção aos Índios (SPI). No total, o procurador Jáder Figueiredo Correia dedicou 7.000 páginas para contar o que sua equipe viu e ouviu. Quem quiser compreender por que Vitor se abrigava no chão da rodoviária de Imbituba em vez de passar os meses de verão seguro, saudável e

feliz na sua aldeia, tem uma rica fonte de informações no documento disponível na internet. Vai descobrir, entre outras atrocidades, como antepassados de Vitor chegaram a ser torturados e a viver em condições análogas à escravidão para que suas terras fossem desmatadas e exploradas pelos não índios, em pleno século 20. É possível que alguns destes "empreendedores" sejam avós daqueles que hoje acham que indígenas como Vitor sujam o cartão postal de suas cidades.

Começamos 2016 como acabamos 2015: obscenos. Os fogos do Ano-Novo já fracassam no artifício.(...)Tem se dito que 2015, um ano de crise no Brasil e horror em todas as partes, é o ano que não terminou. 2016 seria apenas um looping.(...) Começamos como acabamos. Nada, portanto, nem começou nem acabou. Quem continua morrendo de assassinato no Brasil, em sua maioria, são os negros, os pobres e os índios. O genocídio segue diante da indiferença, quando não aplauso, do que se chama de sociedade brasileira. Começamos 2016 como acabamos 2015. Obscenos. Os fogos do Ano-Novo já fracassam no artifício. Estamos nus. E nossa imagem é horrenda. Ela suja de sangue o pequeno corpo de Vitor por quem tão poucos choraram.

Dizem que 2015 é o ano que não acaba. Ou que 2013 é que não chega ao fim.

*Para os indígenas é muito mais brutal: o ano de 1500 ainda não terminou-**1500, o ano que não terminou***

1500, o ano que não terminou

Um menino de dois anos foi assassinado. Um homem afagou seu rosto. E enfiou uma lâmina no seu pescoço. O bebê era um...

brasil.elpais.com

Aula de interpretação cênica de texto, by Didi Mocó para as crianças do "Criança (des)esperança" já devidamente resumida em forma de meme: foi comprar pão... e morreu. E a proposito quem quer pão?

E pausa na programação para uma noticia urgente... Descobriram o Brasil!!! De novo. Ei toca as burguesias nativas e d´além a exercitarem toda o seu maravilhamento e indignação e perplexidade com o paraíso que sabe-se-lá quem fez de entreposto do inferno, e tocam a tocar as cornetas, e mandar suas Cia das índias, missionários, porque deus é pai!!! Pode fincar a cruz e a bandeira e mandar rezar a missa, porque a crise apertou (ou melhor literalmente esquentou) no temperado clima do velho mundo que de repente eles tem novamente uma missão sagrada e urgente no novo: salvar o Mundo e a civilização! Agora adivinha só qual mundo e qual civilização? E toca o barco para a conquista do paraíso. Vamos salvar o mundo.

E salve-se quem puder.

E ainda tem otário que repete o mantra: nesse Planeta estamos todos no mesmo barco. Opa, é Lógico, que estamos. (Concorda, senão vai pra prancha).

“Houve tentativa de suicídio e um grupo de tentou se jogar no mar”
Depois de 14 dias em alto-mar e um em frente à costa da ilha italiana de Lampedusa, vendo uma terra que não estão…
brasil.elpais.com

deadpool…

Mas isso, já é guerra de narrativas e desconstruções, e não de proposições sobretudo as das ações construtivas. Caem em debates que se voltam para o passado, se derrubam ou mantem estatuas de Generais Lee, Colombo, se guardam a múmias de Stalin, ou somem com os túmulos dos nazistas. O que sempre termina em batalhas campais como de Charlotesville. Não se deve nem manter a romantização e idolatria de uma passado, nem muito menos tentar apagar também esse outro passado de romantização e idolatria, mas manter também essa lembrança viva, exatamente como ela é, a memória não só do tempos do absurdo da monstruosidade como glória, mas do absurdo do culto a monstruosidade como tempos de celebração da memoria pervertida dessa perversidade. Não só não se deve apagar as marcas como não se deve jamais deixar que os idolatras retirem as marcas do seu culto para que uma nova geração devida e oportunamente desavisada pela velha não venha a compra gato por lebre, ou lixo tóxico reciclado como novidade. A lá bastardos inglórios? não justamente, ao contrário, porque quem toma e marca gente demarca territórios a faca e bala, e caso não se tenha percebido os mesmos lados mais ou menos explícitos, mais ou menos estatopaticos de uma mesma moeda, uma que caiu de joelhos e outra que prevaleceu. A disputa entre quem será o bandido e o mocinho, porque o feio, esse não disputa nada, esse cava, e nos intervalos assiste torce, corneteia, a qual será o fim da (tragi)comedia da sua própria (des)graça.

Il buono, Il brutto, Il cattivo (The Good, The Bad and The Ugly)

sexymotherfuckers…

Enquanto isso seres vivos queimam mas muito antes de queimar no ambiente natural queimado, queimam no ambiente legal-ilegal criminoso que disputa a jurisdição sobre os direitos sobre sua vida e morte. E há quem ainda chame isso de pacto social ou estado de paz e justiça incluso internacional…. motherfuckers? Ná, childrenkillers…

Na cadeia de violações de direitos, crianças indígenas ocupam o fim da linha
A morte silenciosa dos inocentes. Falo de uma morte anunciada em 1500, ano da colonização do Brasil, quando tudo ainda…
www.conjur.com.br

Mas com licença e “legitimidade” para matar e deixar morrer.

Então, escolham bandidos e mocinhos, façam suas apostas… contra a vida. Façam suas apostas porque quem não aposta, também não leva o premio. Não é player. E quem não é player nesse jogo, querendo ou não é só corneteiro, é a próxima aposta. Então vai apostar em que tipo de estratégia a rápido ou lenta, perdão, de curto ou longo prazo?

Deadpool, motherfuckers, deadpool…

Horror e Humor: A fantástica fábrica de psicóticos dos doutores estatopatas.

Sociedade do espetáculo: Da polícia contra o humor à ditadura do terror

Outro dia publiquei receita de bolo de laranja. Hoje vai como fabricar um sociopata providencial para abater, pendurar a cabeça na sala de troféus e chamar de seu terrorista.

Não sei se você também percebeu. Mas já faz alguns anos que todo ano o mundo acaba. Continua acabando. E ano que vem vai acabar de novo. Asteroides, guerras, bombas, doenças, meio-ambiente. Inclusive desde que esse novo veículo de informação descentralizado surgiu, a Internet, o mundo tem acabado não só das mais variadas formas, mas com uma frequência muito maior. Antes era todo ano. Agora é quase todo dia. Todo dia é dia de alerta: o fim está próximo. Há um claro padrão, quanto mais gente toda poderosa é flagrada de calças na mão fazendo o que não devia, e mais a população boina outrora calma se agita no cercado, e logo com mais frequência o discurso do fim do mundo é martelado.

Não que ele não tenha um fundo de verdade. Primeiro porque um dia vai mesmo acabar. Uma questão de probabilidades físicas e matemáticas. E segundo porque ele acaba todo dia, e não raro em desastre para muita gente, essa já uma questão da amostragem da população. Porém, em geral, não. Não só a tendencia histórica demostra que muito mais sobrevivem, aos desastres e desgraças do mundo, como há quem não mais do que sobreviver, viva e lucre

da narrativa incluso as fictícias dessa perspectiva de um terror, desde que é claro, o ouvinte acredite que esteja suficientemente constantemente próxima, em tempo e espaço.

E dá-lhe apelação. E nada mais apelativo e tendencioso do que transformar uma projeção obvia em um alerta urgente de terror à histeria coletiva dos mais vulneráveis e suscetíveis. Um exemplo:

Especialista garante que asteroide pode colidir com a Terra - Ciência - iG
A cientista Danica Remy, presidente da organização B612 Foundation, acredita que a Terra vai entrar em rota de colisão...
ultimosegundo.ig.com.br

"É 100% certo que seremos atingidos, mas não é 100% certo quando", afirmou a especialista.

Essa foi a mais cartomante, a mais vidente de superpop, tipo vai cair um avião com uma pessoa famosa esse ano. Eu também tenho uma previsão para cada pessoa do mundo, é 100% certo que todos vamos morrer, só não é 100% quando. Notícia: Especialista em assuntos aleatórios (Ou seja em porra nenhuma) faz previsão aterradora: "Aguarde, em breve vamos todos morrer! Entrelinhas da matéria: Quão breve, ele não sabe, mas com certeza é breve porque afinal a vida é curta, e algumas ainda mais curta que as outras. E nem preciso saber, o que cara quis dizer, ou o que ele disse nem foi isso, que ele estava tentando explicar a importância do seu trabalho de monitoramento, etc e tal... e saiu mais um: Buuuu, o fim está próximo, às custas das declarações do cara. E como deve ser bom trabalhar com jornalismo com uma pauta e agenda destas...

Divertido para alguns vacinados porque não passa disso, apenas uma falsa notícia, narrativa distorcida, embora para outros não o seja. Porém essas são fracas, o problemas é quando o material, a narrativa não é terror B a lá ficção científica, mas terrorismo feito com realidades bem mais concretas, e que de ameaça vazias e distorcidas, podem vir de fato a se tornar previsão que se autorealiza, se é que não é já o destino que estava previamente selado, como sua condição de vida, muito antes da propagando de terror. De modo que sim para alguns, e não são poucos, o mundo não vai acabar amanhã como narrativa, o armagedon já chegou ontem, para outros faz tempo. Contudo para uma grande maioria que poderia fazer algo, não passou disso, de mais susto, que se não leva a histeria coletiva, ao surto violento, ganha tempo, paralisa senão pelo medo, ao menos atrasa tirando a atenção do que realmente interessa.

É como espalhar sementes, algumas não vão dar em nada por que o terreno não é propício, outras vão frutificar das mais diferentes formas. Apatia, ansiedade. Mas biologicamente ainda que inconscientemente, em face a morte certa, há duas respostas biológicas instintivas: fingir de morto, ou partir para o ataque. Justamente as duas que mais interessa a fabrica de quem cultiva terror. Porque quem conta história de medo quer duas coisas do ouvinte, que ele se borre todo e paralise. Ou entre em pânico e se sentindo como rato acuado você ataque por não ver outra saída. Se você não é um idiota, mas um idiocrata, o que você é

exatamente as duas coisas, na proporção estatista que a difusão do medo e terror causas na psique das massas, especialmente quando proveniente não de bebuns da esquina mas de figuras de autoridade, isto é o idiocrata, qual a qual as massas imbecilizadas foram devidamente amestradas a identificar-se e projetar-se a si mesma como coletivo na sua persona em particular.

O famoso poder da representatividade nas sociedades do espetáculo, todas, e o princípio da legitimação dos atos mais absurdos monstruosos dos idiotas pelo discursos mais monstruosos e absurdos dos representantes, seja por processo mimético ou catártico. Isto é, seja por imitação afirmativa de quem o macaqueia se sentido legitimado, seja por explosão desesperada de quem se sente ameaçado pelo poder supremo. Ou por catarse, em oposição a tudo o que ele representa, exceto um pequeno detalhe que o retroalimenta no poder: o ódio e discórdia. E claro a repressão que se autojustifica como armadilha. Lógico que o discurso não fabrica nem misérias nem distúrbios, apenas acende o pavio, tanto nas duas pontas tanto do psicótico que surta, quanto do psicopata mais limítrofe que se sente mais a vontade numa sociedade onde a monstruosidade e absurdos, iguais ou relativamente semelhantes passam a ser não só banalizados mas tomados por normais. Ou ponha um lobo a latir no topo da colina, e outros irão uivar e toda lua será de lua cheia.

Ah e não se esqueça dos vampiros... esses nunca saem de moda:

Vampirismo: a doença fatal que matou centenas de pessoas

O que é vampirismo? Pela definição do dicionário, é "a conduta de alguém que age como um vampiro". No imaginário...

www.bbc.com

Ou como diria Voltaire lá em 1764, citado na própria matéria:

“O quê?! Em pleno século 18 existem vampiros?

“São cadáveres que deixam seus túmulos à noite para chupar o sangue dos vivos, seja em suas gargantas ou seus estômagos, e depois retornam aos seus cemitérios.”

“Enquanto as vítimas empalidecem e são consumidas, os cadáveres que sugam o sangue ganham peso, ficam rosados e desfrutam de um excelente apetite.”

“É na Polônia, na Hungria, na Silésia, na Morávia, na Áustria e na Lorena que os mortos se divertem tanto.”

“Nunca ouvimos uma palavra sobre vampiros em Londres, nem sequer em Paris.”

*“Admito que nas duas cidades há corretores da bolsa e homens de negócios que sugam o sangue das pessoas em plena luz do dia; mas, embora corrompidas, não estão mortas. Esses verdadeiros vampiros não vivem em cemitérios, mas em palácios.” — **Vampirismo: a doença fatal que matou centenas de pessoas***

Neste sentido mais amplo, o vampirismo, essa sim é uma doença fatal que não matou centenas de pessoas, mas centenas e milhões de pessoas ao longo da história, continua matando, e vai continuar, ainda que muita gente não enxergue até onde chegam suas presas e vítimas... estas sim notícias de um fim que está próximo para muita gente...

Superbactéria é flagrada fora de ambiente hospitalar no interior paulista - Planeta (Karina Toledo | Agência Fapesp) - Bactérias da espécie Klebsiella pneumoniae estão entre os microrganismos que mais...

www.revistaplaneta.com.br

*“Ficamos surpresos ao encontrar bactérias com tanta multirresistência e virulência em pessoas que não estavam hospitalizadas Algumas das bactérias analisadas tinham perfil genético característico de cepas causadoras de infecção hospitalar”, disse à Agência Fapesp o pesquisador André Pitondo da Silva, professor da Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp) e coautor do artigo.- **Superbactéria é flagrada fora de ambiente hospitalar no interior paulista — Planeta***

Novamente tirando o sensacionalismo, o problema é real e portanto a preocupação absolutamente crível, assim como infelizmente a surpresa e se digo infelizmente não por ser uma declaração de surpresa que não merece toda credibilidade, mas justamente porque merece, e portanto declara o surpreendimento sobre uma possibilidade que não era assim tão imprevisível, muito pelo contrário, para nossa desgraça:

A revolução cientifica como bem sabemos não ficou só na medicina humana, mas também a animal. E assim como na agricultura o uso intensivo de aditivos agrotóxicos permitiu produções de grãos, também o uso de antibióticos permitiu também ganhos em produção industrial. E novamente o calculo de bundas, bocas, sujeira e fezes entre na equacionamento do espaço e tratamento das populações; que passam a literalmente cagar uma em cima das outras até serem alimentadas dos restos moídos uma das outras sem maiores prejuízos, conhecidos até então (...) doenças (como a da vaca louca), ou variedades ultra-resistentes aos antibióticos senão eram até então complementamente desconhecidas, eram ignoradas, bem como suas possibilidades de mutação e proliferação em outros ambientes ideais para tanto, os hospitais- em especial do mundo subdesenvolvido, onde a salubridade não é uma das prioridades no trato e tratamento dessa outra espécie recurso vivo, o humano. Some-se, então o uso indiscriminado dos antibióticos em humanos e animais, com condições de tratamento e assepsia hospitalar precários e você tem a cultura perfeita para produzir cepas mais resistentes. É como se estivéssemos a imunizar... as bactérias.

Um problema até então menor, aos menos para os civilizados (...). Afinal, se os microorganismos se adaptam aos velhos medicamentos, a ciência desenvolve novos, certo? Errado. Não é a ciência, é a industria que usa os avanços científicos para produzir novas drogas. E embora a lógica que produzimos nossos bens, o capital, incluso como conhecimento científico também é capaz de se adaptar, não o é na mesma velocidade competitiva, ou melhor, na progressão com que a natureza, no caso específico a microbiótica, tem demostrado possuir; ou seja, numa velocidade inferior a necessidade.

A última grande corporação a trabalhar com a produção de novos antibióticos vendeu seu asset recentemente, não simplesmente porque vender outros remédios e cosméticos dá mais lucro, mas simplesmente porque mais do que inviável produzir qualquer lucro com essa produção, não é possível produzir medicamentos que funcionem, não em tempo. Entre o processo de investimento, pesquisa, produção, aprovação e enfim distribuição da nova droga contra a cepa anterior que adquiriu resistência, novas cepas já se multiplicaram. Mesmo que não houvesse nenhuma perda nesse processo de produção- com, por exemplo, burocracia- ou seja, mesmo com todo o investimento, pesquisa e produção necessárias para produzir novas armas contra esses pequenos agentes biológicos, a corrida armamentista para a produção estaria perdida, porque na medida que o homem elimina ou neutraliza uma variedade, a partir dela e da própria necessidade de mutação desencadeada pelo ataque n outras se desenvolvem cada vez mais rápido e diversas.

E aqui entra o problema que vai muito além apenas do financiamento em pesquisa e desenvolvimento, a evolução. Os vírus, bactérias, ou mesmo fungos, assim como nós seres humanos não só sabem se adaptar para sobreviver, incluso em nossos ambientes tóxicos, como tem naturalmente uma capacidade muito maior de mutação, adaptação e proliferação do que a nossa, apresentando não só resistência mas variedades numa velocidade muito maior que nossa capacidade não só cientifica, mas econômica de produzir as armas biológicas contras eles, drogas. De modo que a industria farmacêutica não tem conseguido acompanhar as transformações ou mais precisamente as mutações que a próprio combate potencializa. Ou seja, a intervenção humana, tanto a econômica quanto cientifica ao mesmo tempo que elimina uma ameaça, engendra outras mais agressivas e resistentes por seleção natural. E não só por conta das contradições e falhas inerentes aos nossos modelos econômicos, mas por conta da própria visão e abordagem da questão que define tanto a economia quanto a própria ciência como se fosse uma luta ou combate aos inimigos, ou seja uma guerra. Uma guerra contra um outro reino da natureza. Guerra que está perdida desde que foi assim entendida e declarada, porque a vitória completa, a extinção desses micro-organismos resultaria na morte do vencedor; enquanto sua continuidade implica na adaptação deles contra nossas armas, tornando-os progressivamente não só mais agressivos e resistentes, mas ampliando sua diversidade e potencial aleatório destrutivo.

Guerrear contra a natureza é como travar uma luta contra uma hidra, onde você corta uma cabeça e não só duas, mas incontáveis novas cabeças surgem em seu lugar, algumas não só resistentes a sua velha espada, mas prontas para se multiplicar em novas formas resistentes as espadas que nem sequer ainda pensamos em criar ou conseguimos conceber. Uma luta portanto contra a própria vida. Uma estratégia que quem colhe seus sucessos no primeiro momento da batalha, enseja sua própria derrota sempre a longo prazo. E acaba por prejudicar o próprio desenvolvendo de medicamentos que visam promover a

resistência do homem a esses micróbios, o processo do desenvolvimento de vacinas que trabalham com a abordagem [senão inversa, menos agressiva] a imunização, isto é, a produção de medicamentos que permitem ao organismo humano conviver com esses micro organismo sem ser mais [tão] prejudicado por eles. O que não afeta a sua capacidade de se mutar e eventualmente se tornarem novamente nocivos, mas a um progressão evolutiva que os avanços da medicina e economia teriam a mínima chance de acompanhar.

*Notem portanto que seja nas limitações intrinsicas do nossos modelos socioeconômicos, sejam nas limitações do nosso modelo de saúde e medicina como combate as doentes, a raiz do problema é mesma, e não (só) de paradigma cientifico nem econômica, mas epistemológico, um problema de visão e concepção da natureza e ação humanas, onde impera a abordagem de guerra, cuja finalidade não é por sua natureza estabelecer ou manter equilíbrio ou harmonia, mas impor domínios e hegemonias. Digamos portanto como um general que escolhemos mal não só nossa estratégia de guerra bater de frente com um inimigo que não podemos vencer, mas escolhemos mal nossa estratégia e ponto. Elegemos como inimigo um força que não pode ser subjugada: a natureza ou mais precisamente a vida. — **Trabalho e Propriedade: Do Programa Mais Médicos à crise da ordem geopolítica mundial***

Só para constar que problemas não faltam. Mas voltemos as ameaças reais à vida, para o espetáculo do terror que nos impede de notá-las, e que portanto não deixa de ser uma uma parte do mesmo problema, ou mais precisamente uma outra frente dessa mesma estratégia e guerra só que num outro campo o da guerra da desinformação e propagação do terror às massas, ou mais precisamente seu plantio, cultivo, frutos e enfim a colheita entre anestesiados e surtados que também não deixam de ser clientes apenas das instituições políticos-governamentais mas também vejam só fármaco-hospitalares, esse sim mero efeito colateral do remédio, a ser oportunisticamente capitalizado e não propriamente o objetivo primário de primário nem da insalubridade e insanidade da vida, nem muito menos da administração dos ditos “remédios amargos” para saná-la e higienizá-la.

Assim voltando “ao reino dos homens” e sua lógica e máquinas de moer gentes, a fábrica, ou melhor fazenda porque o processo ainda é o mesmo, o primitivo: difuso. Semea-se o medo e ódio, de preferencia no campo fértil da vulnerabilidade da carestia e vulnerabilidade social em gestos, palavras ameaças e claro atos, de privação e violação e violência, para se colher entre os mais carentes, desesperados e perturbados o fruto dessa vinha da ira. E eis que o discurso se autojustifica e racionaliza, e a previsão se autorealiza, e quem semeia não apenas colhe o que plantou, mas ceifa para todos os efeitos incluso os teatrais.

Porque embora nem todos respondam da mesma, forma, mas cada um de acordo com sua individualidade, nisto consiste a sabedoria de quem não investe na coletividade, seja para o bem ou para mal. Afinal se numa população suficientemente grande de pessoas a ouvir música e ganhar um instrumento musical a probabilidade de surgir um músico expoência, embora nem todos se tornarão músicos. Exatamente na mesma população a ouvir apenas o verso e a prosa do ódio e ter acesso fácil, legal ou nem tanto a outros instrumentos, o resultado por óbvio é estatisticamente o inverso, ainda que muitos se neguem de seguir por esse caminho, e diga-se de passagem se nesse mundo se torna musico ao invés de um assassino proporcionalmente ainda mais por seus méritos e vontade própria e não dos outros, ou mais precisamente não por causa, mas apesar de.

O teatro da guerra de propaganda política, em todos os sentidos que essa palavra teatro é estrategicamente empregada, é teratologicamente brilhante e genial para quem gosta de bater palmas para o que diabolicamente, inteligente e perverso (ou se preferir que usa a inteligência de forma doentia para tudo que é perverso). Ele ataca a psique coletiva em mimeses e catarses. Planta ódio e discórdia para colher não só paralisados e fanáticos, mas para fazer literalmente a colheita perene e a audiência cativa dos surtados e perturbados enquanto uns tapam os olhos e gritam, não!!! E outros babam tem que matar.

E não adianta tentar procurar pêlo em ovo, na ação pontual de abate em si do louco, porque louco não é bandido, que sabe que perdeu. Uma vez armado o circo, uma vez armado o zoo, chegado o ponto derradeiro onde a força de fato se justifica como legítima defesa própria ou alheia, não adianta tentar criminalizar sua aplicação. Porque o crime não está ali. Ali de fato está o último recurso, que nem sequer precisa como não raro o faz atropelar o primeiro, mas para ser irrepreensível só precisa ficar a espreita para entrar em ação no momento certo, isto é, esperar que todos os que se opõem aos seus meios e métodos façam o que costumam fazer, ou seja, de concreto nada.

Não adianta tentar defender os direitos humanos com balela pontual nos momentos de crise humanitária. Seja de guerra, seja de violência, seja de desemprego, seja de fome, seja de reféns, doméstica ou internacional. Porque a reação pontual, é uma reação pontual, a inação ou a repressão. A garantia de direitos não é um trabalho de reativo de promoção de contra-narrativas, mas preventivo e proativo de disposição de meios e condições e dispositivos que constituem os direitos de fato. Porque tal discurso reativo é teatro. E se no plano do espetáculo cada gesto e fala é só o ator social- protagonistas, antagonistas, coadjuvantes e claro audiência cativa- cumprindo seu script, no plano do real; por trás da cortina do jogo das interpretações desses papéis sociais, esses mesmos atos e gestos denunciam muito mais do que as intenções de cada ator dessa novela, mas toda a trama e roteiro social onde tudo é previsível não só porque é só um espetáculo, mas exatamente a mesma novela com o mesmo enredo, personagem, e não raro até os mesmo atores, diretores, escritores, e claro donos do canal, até caírem de velhos. E é portanto na trama subliminar a própria trama do espetáculo entre bandidos e mocinhos que se encontra, entre feios e bonitos, núcleos pobres e ricos, que você encontra a verdadeira trama, aquela que paga e portanto ganha o que quer com toda a cena e encenação. E se você acha que é money, então é porque está vendo novamente os atores como atores, os player como players e não aquilo que eles realmente são para além desse jogo de encenação, gente que quer alguma coisa, quando não fazem alguma coisa, e não pouca e não com poucos, com as pilhas e pilhas dos meios e recursos que monopoliza e que essas cifras meramente representam.

Logo os gestos e falas e acusações que os atores trocam e que denunciam suas intenções como mero personagens na trama do espetáculo também denunciam não só tanto quanto bons ou mal atores são, mas o grau de consciência da atuação social para além dele, atuação que já não é representação nem discurso, mas ação e vivência e sobretudo fato como conhecimento de causa e labuta em algum momento na vida, a metis que nenhuma tecken consegue emular nem simular. De tal modo que tanto o choro e pesar, quanto o riso e comemoração frente até mesmo o mais grave dos momentos, a morte de um outro semelhante, só fazem revelar, o quanto ninguém se importa com aquela pessoa quando do seu nascimento, crescimento e sofrimento até que ela finalmente se converte no capital do seu negócio, estabelecimento, partidos, emissoras, corporação e instituições, o capital do

negócio da sua intervenção como repressão oportuna ou piedade sempre tardia, um corpo morto e público a ser devorado estendido no chão. Pulsão de morte. Comedores de carniça.

É por isso que a luta é sempre pela criança que será abortada ou não. E nunca pela já nascida que vai se tornar o louco, o bandido em potencial. O objeto da introjeção dos ódios e piedades, das disputas entre repressão e tutela. Revelador portanto é o momento derradeiro onde há carniça humana e visibilidade pública. Porque os atores sociais públicos aparecem, enquanto a inação, a omissão e os problemas na raiz, no berço, na base, a protelação, a leniência, a irresponsabilidade mutuamente transferida, novamente desaparecem em meio ao ritual que já virou um show, enquanto a fábrica continua nesse exato instante a produzir nesse vácuo de inconsciência, insolidária e miséria não só material mas antes de tudo psíquica, mais uma nova geração de futuras carniças e urubus prontas a assumir interpretar seus papéis.

O problema portanto está em outro lugar. E não começa no pregador de ódio, mas nos campos onde essa semente frutifica, tanto para que ele chegue e cresça no poder, quanto para que se retroalimente dos ciclos de pobreza, violência e repressão. E nisto ele não está sozinho. Mas também junto aos defensores de direitos humanos que só na libertação da população após a desgraça, assim como seus antagonistas ideológicos com a repressão, são iguais na condição de urubus especialistas dessa hipocrisia vendida como se fosse democracia.

O problema está no vazio de atos e olhos e sensibilidade e sentimento para a realidade e verdade do outro, cada vez mais oportunamente preenchida como um abismo de divisão e discursos não só mais vazios e cheios de hipocrisia e falsidade ideológica, mas agora já de realidades e fatos alternativos destinados não só a manter o sofrimento e miséria alheia longe dos olhos e do coração, mas eliminar o miserável que já não pode ser mantido fora não do seu lugar de fala, mas do seu lugar, invisível e calado, sem possibilidade de ofender ou insultar com sua vil existência às vistas e audiências entretidas dos olhos e corações mais “sensíveis” a outras espécies de coisas e importâncias e que não toleram esse tipo de perturbações, ruídos aos seus valores.

De modo que o sangue derramado ainda por cima aduba e prepara a terra para plantar ainda mais miséria, discórdia, ira e vingança para novos predadores, hienas e urubus. É a antropofagia e necrofagia como um necrosistema que se retroalimenta dos ciclos viciosos entre fase-estado de hipocrisia-miséria a sua radicalização tirania-violência, porém todas elas assentadas no mesmo mal: desgraça e o horror que desagrega divide e aparta o sentimento gregário de comunhão que morre em apatia e insolidariedade entre os próximos que cada vez mais se estranham para a glória e proventos dos vendedores de cabras na sala: o pacificador.

Parece até teoria conspiratória, e é se for tomada como se cada agente que se move como idiota ou idiocrata nesse teatro jogado com vidas humadas, fosse completamente consciente ou completamente inconsciente dos seus papeis. Ninguém o é. E não o sendo, ninguém é tão esperto a ponto de não estar bancando o idiota, nem tão idiota, ou no caso, mais propriamente coitado a ponto de não estar se fazendo de, para foder alguém ainda mais que ele. Novamente a arquitetura prevalente das redes é a das piramides, ou se preferir das

cadeias alimentares, e não propriamente das classes e arquétipos, incluso portanto a dos idiotas ou idiocratas. De tal modo que é sim, possível que o idiocrata em questão replique essa lógica que o favorece de forma inconsciente. E favorece ainda mais outros de forma mais estúpida e inconsciente ainda....

Ou seja sua ação não é o resultado de nenhum plano maquiavélico, mas assim como o outro há quem acredite sinceramente que a libertação de quem já foi desgraçado não depende da emancipação, mas da sua tutela, também há quem piamente acredite que a repressão, o cabresto e vara mais curta é a solução ou melhor a salvação dos problemas de todos. Já não percebem que na condição de tuteladores ou repressores não percebem que são os verdadeiros beneficiários do sistema que retroalimentam isso é algo que duvido que sejam tão pios ou falsos idiotas assim para que não percebam ainda que instintivamente e inconsciente a representar animais políticos e não propriamente a exercer nem promover o exercício da vocação humana: a disposição dos meios e condições para que todos possam exercer seu livre-arbítrio em paz e para paz, e não em pé de guerra e para a guerra, incluso a de versões do real, mas pode chamar de banalização da falsidade e falsificação ideológica como norma e normal, ou simplesmente a lógica dos absurdos como projetos totalitários concorrentes pelo poder.

Ou seja novamente uma diferença de grau e não de categoria. Assim como a própria sociedade da miséria que só vê e se dá conta dela como um problema de todos a requerer ações concretas e urgentes, mas ainda sim como demandas a serem transferidas- e não chamadas para si aos voluntários da pátria ou sociedade- quando os efeitos colaterais se exacerbam em relação ao beneficio fora dos tempos de crise. A saber: benefícios: mão-de-obra barata (povo) empurrada pela necessidade para ser empregada para fazer serviços que ela (sociedade) não quer fazer. Malefícios: mão-de-obra barata empurrada pela necessidade para fazer serviços que ela (sociedade) agora não quer que ela faça, mas já não tem como empregar, não todos. E eis que a burguesia se divide: prende e mata, enquanto espera a promessa do pleno emprego reduzir a panela de pressão. Ou troca o modelo antes que a panela de pressão das privações primitivas exploda de vez? Qualquer que seja a solução, é preciso lembrar que há que combinar com os russos... e claro americanos e agora chineses. Ah e claro, não se esqueça o próprio povo, que por mais entretido com a mesma sociedade do espetáculo, ou paralisado pelo terror ou fidelidade às reverências imaginárias, ou repressão e ameaças bem concretas, tem nas privações uma arma tão poderosa quanto contra sua cabeça, ou cabeças que nem sempre vão responder e se comportar conforme a teoria da imposição de condições e condicionalidades espera e prevê, não todas.

O que não quer dizer que o problema seja o sistema, muito pelo contrário, quer dizer que naquilo que estamos sistematicamente levando vantagem, ao menos por enquanto, embora na condição ou posição de idiocratas, da perspectiva de cima aos peixes que são ainda maiores, não passamos de idiotas úteis,e que portanto mesmo quando estamos usando e vendendo outro a preço de banana não deixamos de estar sendo ainda mais usados e nos vendendo imbecilmente no mesmo pacote ainda mais barato. E por badulaques ainda mais estúpidos, porque o coitado troca sua liberdade e dignidade por sobrevivência, ou seja não troca, é obrigado a trocar, já cabe ao idiota que a tem garantida, sobretudo a boa vida garantida não por quanto mas exatamente pelo quê troca sua. Porque idiotia não se aufere e mensura pelo quanto da importância dos valores que se troca, pela importância exatamente

do quê ou não valor, incluso para deixar contabilizar. Porque subtrair e dividir é mera consequência de quem se deixou enumerar especialmente pelo alheio.

Mas isso já é colheita, ou melhor coleta de dados, e aqui interessa o como se plantam dados e fatos, não só como falsas narrativas que se impõe como falsificações grotescas de realidades alternativas, mas como se ditam como impostura e impõe como ditaduras falsas realidades únicas, como única realidade possível sem nenhuma alternativa concreta senão a submissão ao que lhe é ditado e imposto. Um jogo onde há player bem maiores que os domésticos também plantando suas sementes, para fazer sua colheita em um outro nível, onde o nosso teatro, tramas e dramas é só outro cenário das suas disputas geopolíticas por trás da cortinas desse bigbrother onde as narrativas dos atores são falsas mas o sangue dos figurantes é verdadeiro. E logo as consequências dessas narrativas de horror de fim de mundo que eles plantam e colhem não são apenas histórias de ficção, as mentiras e verdades alternativas, mas os crimes contra a humanidade que seu espetáculo tanto enseja como ação provocadora dos crimes futuros quanto ação acobertadora das omissões passadas. Num freakshow que se retroalimenta tanto da denúncia quanto da repressão dos próprios crimes, mas que como todo show não pode parar.

O rosto do menino que traduz a tragédia e o horror da guerra na Síria

Quando tinha 3 anos, Jouma ficou cego após um ataque aéreo na Síria. Em 2018, ele foi atingido pelos estilhaços da...

www.bbc.com

E tem gente que acha graça disso. Ou que ache que estou fazendo piada chamando essa desgraça de idiocracia. Sim, é obvio que é um insulto, é obvio que é uma ofensa, porque não há sarcasmo, ironia que não o seja, uma provocação desrespeitosa, mas não ao sofrimento da pessoa humana, mas a toda nossa falsidade e hipócrita, nossa falsa compaixão, nossa falsa solidariedade, nossa falsa e encenada comoção e seriedade que de verdadeira só tem a reverência estúpida a nossa própria desumanidade e idiotia não tolera ver o reflexo da sua monstruosidade desconstruído especialmente no deboche ao supremacismo da sua falsa bondade e civilidade.

É por isso que, antes que de mãos dadas a propaganda do terror há sempre a patrulha e tribunal contra o humor, e se espectros partidários opostos polarizados e extremados da mesmo autoritarismo ideológico, tanto melhor, porque atacam a liberdade em duas frentes e flancos, a direita e esquerda, patrulhando a liberdade de expressão e o humor, e disseminando o terror e a repressão de fato.

Daí que não há melhor indicador do grau de periculosidade da imbecilidade de uma sociedade quando ela não só está divida mas cercada por idiotas por todos os lados. Uns a perseguir e querer enforcar bobos da corte como se fossem eles o próprio rei. E outros a bater palmas e a rir do palhaço assassino, este sim entronado que já não está mais a brincar nem a fazer piadas exceto as sádicas para sado-masoquistas.

Como se um bobo da corte ou pior fora dela tivesse o poder da autoridade e representatividade para transformar o patético em terror e não o palhaço assassino de tropas, armas e canetas para fazer do insulto, não só ameaça concreta, mas agressão e repressão, e claro silenciamento de quem ousar discordar do que dita e caga como regra. Um é no máximo alguém a fazer uma piada ruim, que por viver às custas de um trabalho mal feito, sem subsidio do monopólio da violência vai morrer sem ele. O outro é o joker, que tendo tomado esse poder, agora não só tem o poder de obrigar os outros a ter de ouvi-lo compulsoriamente, mas tem o poder de obrigá-los a pagar e punir quem não o fizer, ou tentar competir com seu freak reality show de terror e humor feito da vida e às custas de vidas alheias.

O que é o 'alerta presidencial' de Trump, que provocou multa de US$ 400 mil a programa de TV nos...

Programa que zombou do 'alerta presidencial' foi ao ar no mesmo dia em que o sistema foi lançado (Foto: Getty...

epocanegocios.globo.com

Logo nada mais sintomático do fascismo de que humoristas estarem a se ver com a justiça enquanto palhaços sádicos e assassinos hão de tomar o poder. Nesse caldo cultural, do humor-terror assistia eu em meio ao programa humorístico de nome Pânico, que curiosamente trazia um Coronel da policia militar do Estado de SP, especialista em negociação de reféns, ele explica como era importante ao negociador observar para preservar a vida daqueles que estão sob poder do sequestrador não apenas observar as palavras, mas os gestos, e dizia ele e aqui transcrevo: "olha eu não sou um cara violento, mas olha minha mão estou mostrando arma[e gesticula]... eu não vou bater, mas está de punhos fechados(...)", uma lição universal para todos que estão sob alguma forma submetidos a um poder, legítimo ou não que não consegue se manter, não sozinho, não sobre todos, sem o subsídio da força de fato.

Logo, não é só a loucura que tem método, mas a imbecilização também. Daí, o intolerável do humor, ele é a manifestação da próprio irreverência, um insulto para tudo que se pretende absolutamente sério, a denuncia e ameaça constante a tudo que é patético e ridículo se pretende por seriedade especialmente a falsificação da realidade por excelência: a sua apresentação por e como excelência. Isto é, seja como arte da representação da vida, seja como representação da vida como arte. Nem a trama das tragédias e horrores do teatro da política, nem o drama e tragédias do teatro dramático pode ter no seu palco um ator que quebra constantemente essa quarta parede, e lembra o público que aquele medo que aquele choro, não é drama e toda aquela cena não é verdadeira, que quebra a seriedade do ato e da encenação, que lembra o respeitável público que lá fora, que tudo aquilo no fundo pode até não ser uma palhaçada, mas não é sério, não é o que merece toda a gravidade e seriedade, sentimento, amores e ódios. Tudo aquilo não é nada, é só um jogo, e o que realmente importa, não está ali, mas sempre fora.

Se o terror para funcionar precisa que o espectador acredita que o terror de borracha ou de computação exista, que o perigo ou autoridade estão realmente ali, com dedos olhos prontos a pular fora da tela, do palco, do palanque, do púlpito. O humorista, é o desgraçado que

estraga todo o truque. É o moleque fiodaputa que solta o peidinho com a boca quando no momento de glória do pregador e professor, e estraga o granfinale onde estava o pavão quase a virar purpurina. Sim, ele corrói, destrói, expõe insulta ofende ao ridículo, sempre o sujeito que está a passar vergonha. É sempre o espelho do idiota, que muitas vezes é o próprio comediante que ao errar e fazer graça com o que não tem ou na dose, não expõe nada senão o que há de triste, patético e ridículo em si mesmo. E talvez o riso sádico da platéia já não seja nem do outro que ele expõe ao ridículo, mas dele mesmo. De modo que o ápice do humor não é nem quando ele leva as plateias ao riso estérico, mas quando ele rompe a fronteira do próprio humor e se veem diante de um espelho não das representações do ridículo do alheio, mas de si mesmo, tão verossimilhante que o riso não parece ter lugar. É o aplauso revolucionário dos constrangedores silêncios, e quiça até das vaias. Pode parecer ao desavisado sado-masoquismo, mas para o artista consciente do poder que tem pode ter a palavra para romper como atuação, o ponto de mutação. Se quiser mais que isso como transpiração e inspiração terá que deixar o mundo da atuação e espetáculos, e ir atuar diretamente na concretude da própria realidade, porque é lá que as ideações inspiradas hão de ocorrer de fato como ações e transformação irão ocorrer de fato e em tempo real.

Por isso o riso, humor é arqui-inimigos dos espíritos intolerantes e autoritários, e das artes que se levam e querem ser levadas e elevadas aos céus da seriedade, o patinho feio, e filha bastarda, ainda que de longe seja dos monólogos o mais difícil, da produção a que mais se exige originalidade, e nos momentos de perseguição das liberdades a primeira a levar chumbo.

Afinal quem mais é pago nesse mundo para ser ouvido? Quer livre concorrência mais perigosa? Ter gente especializada na arte do insulto, ainda que nem sempre com seus canhões direcionados para os todo-poderosos, porém livre leve e soltas por aí é sempre perigoso demais à uma cultura que sobrevive acima de tudo da demanda de reverencia ao privilégio da autoridade de quem é completa e reiteradamente privado de toda sua dignidade, não como uma piada de mal gosto ou violência simbólica, mas privado concreta e cotidiana como violação e desgraça de vida.

Novamente o humor que faz graça com a desgraça de quem sofre nada mais faz que denunciar o ridículo do sadismo do mensageiro e a platéia que reverencia monstruosidade e tiranias. E calar o mensageiro ou platéia não cessa o sofrimento, pelo contrário, apenas o esconde e vela. A seriedade com que se vela ou celebra não extingue as mortes, nem a cultura de morte, apenas difere do ritual reverencial não aos mortos, mas aos autoritários que determinam seus fins e usos e costumes. Porém o humor que faz graça com os desgraçados que fazem sofrer e matar, esse não só é a contracultura que denuncia o ridículo e patético de tudo que se vende como seriedade e importância e veracidade quando não passa de atuação e representação e não raro bem canastrona e ruim. Não só do poder, mas da própria audiencia, e não raro da própria arte e da própria comédia, e do próprio comediante, e nesse sentido a comédia, constitui-se como enquanto arte, como espelho, ou reflexão crítica da própria arte e comédia e comediante, não só no seu papel de arte voltada para o social, ou da arte pela arte, mas simplesmente qual o papel que ele quer não só representar mas que ele quer escrever para si mesmo para além do jogo de cena e representações, descortinando criticamente novas realidades que sequer ainda foram pensadas, a graça criativa da vida. Ao menos para quem consegue ainda ver graça não em sua desgraça, mas apesar dela.

Até porque uma vez extinta a desgraça perde-se a graça de quem ataca o desgraçado que sofre, e quem ri sadicamente como hiena do sofredor. Mas nunca o ridículo e patético de quem calar a crítica irreverente de quem expõe, seja como ofensa grotesca ou ironia sutil. Porque o ridículo o motivo da graça não está no dedo que aponta, mas na coisa em si, incluso o apontar o dedo para quem não se deve. De modo que no plano das ofensas ninguém precisa punir quem já se puniu a si mesmo ao ridículo. Porque o idiota que acredita que está expondo o outro ao ridículo apenas porque tem aprovação de outros idiotas que relincham juntam. E só alguém tão idiota quanto que acredita no mesmo tipo de reconhecimento dos fatos e verdades pode acreditar que calar ou mandar relinchar as suas ordens e não do outro, irá regular esse mercado de ofensas, ou pior, sobre o que os idiotas se riem choram, se movem, empacam ou fazem cara séria de que entenderam tudo, quando não entenderam é absolutamente porra nenhuma, salvo que tem que fazer cara séria e não rir senão tomam um apavoro e o pau come. Ah, bons tempos... a base da velha e boa educação, onde ninguém nem precisa saber porque, mas obedecia, porque bastava saber com quem estava falando.

Chamei de propaganda do terror, mas poderia ter chamado de educação ou cultura já que não é preciso nem de escola para ensinar as pessoas a combater os bobos da corte e o humor, e não os coringas feitos reis. Eis o verdadeiro golpe de mestre: enquanto os idiotas correm atrás dos bobos da corte cuja palavras não tem poder de arma, ou no máximo estilingue. Os idiocratas jogam seus coringas na posição de reis onde a palavra tem poder não da ofensa, mas da ameaça e declaração do horror de fato, incluso da guerra, piada sádica mais mortal.

Mais uma vez, parece que são assuntos que não deveriam ser misturados, a patrulha ideológica do discurso do humor, a apologia estatopatica do uso da repressão via força de fato devidamente retroalimentada tanto pela histeria frente à narrativa de terror quanto a perpetuação da miséria por trás das cortinas dessa eterna guerra espetacular para audiências cativas. Mas patrulha ideológica sem subsidio da ameaça judicial, é como tribunal sem força policial, mediador de conflitos. Assim como ideologia ou não, sem força de fato, sem armas e tropas para se impor como tal, não é ameça é doido e inofensivo por obvio de praça, só espanca, prende e bate ou cala ou se ofende incluso com seus mais absurdos gestos e xingamentos quem tem sérios problemas de convivência pacífica e tolerância, ou quer se fazer poder de polícia às custas justamente das carências e carestias, mas multiplicando os perigos que a falta de cuidados , solidariedade e sofrimento psíquico e material que a vulnerabilidade ensejam não como aposta na graça duvidosa, mas como aposta na desgraça. Aposta certa onde o desinvestimento em desenvolvimento humano é alto e abrangente e de longo prazo.

Diferente portanto da curva do aprendizado composta dos acertos e erros de qualquer arte fundamentada na livre expressão e manifestação. Onde quem sabe finalmente um dia não veremos uma nova geração de talentos não ser engolidos para fazerem escada para os filhos dos filhos nas mesmas velhas esquetes e papeis, copiando a invenção dos outros para imitar o mórbido nesse necrotério dos programas de horror e humor. E não teremos comediantes ainda mais ofensivos ou críticos a gosto da sensibilidade do ouvinte, do naipe de um Bill Hicks, que nem sei se tem graça, mas tem algo que cada vez mais o humor, especialmente no Brasil, onde pelo menos algumas vertentes do humor vão tomando ou retomando essa consciência do poder que tem: uma arma poderosíssima de libertação, e vacina universal contra a essa seriedade, terrorismo e paralisia mórbida que não sobrevive a luz (de quem ainda tem olhos par ver) desse espelho do ridículo das suas próprias contradições internas.

Mas não tem problema porque o brasileiro é um sujeito de sorte, e deus é brasileiro...

Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte
Porque apesar de muito moço me sinto são e salvo e forte
E tenho comigo pensado, Deus é brasileiro e anda do meu lado
E assim já não posso sofrer no ano passado

Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro
Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro

Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte
Porque apesar de muito moço me sinto são e salvo e forte
E tenho comigo pensado, Deus é brasileiro e anda do meu lado
E assim já não posso sofrer no ano passado

Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro
Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro

Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte
Porque apesar de muito moço me sinto são e salvo e forte
E tenho comigo pensado, Deus é brasileiro e anda do meu lado
E assim já não posso sofrer no ano passado

Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro
Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro -***Sujeito de Sorte, em Alucinação, Belchior, 1976***

Da série as origens do homem (e sua idiotia): quem veio primeiro a agricultura ou a escravidão?

E o cemitério arqueológico da humanidade e sua civilizações

No último texto falei, falei, falei... e acabei falando porque achava a história do Brasil celeiro do mundo, como diria outro uma “grande piada e um tanto quanto perigosa...”.

Idiocracia: “Passar fome no Brasil é uma grande mentira...” e a “verdade” libertará: “R$ 200 bilhões...
Dos mito dos grandes celeiros do mundo aos bolsa-familia
medium.com

Um dos maiores problemas sobre os absurdos e mentiras pregados repetidamente como propaganda às massas imbecilizadas é que esses absurdos descarados podem e crescem no vácuo da desagregação social e desentendimento gregário, mas não nascem por geração espontânea dessa sujeira, mas como deformação teratológica da verdade no qual se assentam e usam para renegar. Logo o grande problema das mentiras e absurdos é que elas como tudo possuem um fundo de verdade, ou pior meias verdades tomadas como certas pela grande maioria, porque sabidamente suas raízes venenosas se infiltram nos dogmas e axiomas que já não paramos para rechecar.

Tudo que envolve o trabalho como palavra e o conceito e claro fato, está envolto nessa armadilha. Os outros dois tripes da dita humanidade, idem, civilizações, religiões e agricultura. Idem. Então faço a seguinte pergunta embora sabendo que seja de fato uma pergunta do tipo, o que veio primeiro o ovo ou a galinha: a agricultura ou escravidão? Pode até parecer uma pergunta besta e sem sentido, mas não é porque muito pelo contrário é de como a respondemos, ainda que essa resposta não seja mais do que outro mito cultural civilizatório, depende e explica exatamente como avança a nossa humanidade e claro suas contradições, nossa desumanidade. É da mesma espécie portanto de pergunta arrebentadora de paradigmas, ou dos pilares de um modelo milenar vigente. Uma pergunta que poderia ser estendida por exemplo a própria religião e ao trabalho? O que veio primeiro, a adoração ao senhor, ou a alienação do trabalhador? Na verdade é um falso paradoxo pseudo-arqueológico. É como imaginar encontrar uma grande civilização construída como prisão ou campos de concentrações da grande maioria da sua própria população serva ou escrava. Alguém precisa construir essas grandes campos e prisões. E não foram e nunca por definição e número os carcereiros, nem os vigias, nem muito menos as castas sacerdotais nem governantes quem senão o próprio povo antes e como prisioneiro, ou seus antepassados na

mesma condição? Logo antes de haver as grandes urbes, a domesticação das plantas, a domesticação dos outros animais, veio a domesticação do homem pelo homem. E ela não nasceu fora dos seus territórios, tribos, nem muito menos da sua casa. Essa divisão aconteceu, já dentro de casa. Pisando no pescoço da sua procriadora e prole como seus primeiros servos, súditos e escravos. A unidade nuclear para expansão das civilizações que hoje conhecemos seus patriarcas, e a institucionalização do patrio-poder, incluso contra esse próprio núcleo, ora como pai ora como padrasto, ora como renegador dos filhos bastardos da pátria. O máquina do Estado a reclamar a regência sobre a própria família patriarcal.

Quando nos voltamos para origem do homem, não a evolucionista nem a criacionista, mas a humanista, aquela que não se importa se ele foi ou já veio pronto de fábrica, ou se reinventou e depois se estragou. Mas aquela que permeia a ideia de humanidade e desumanidade, barbárie e civilização. Temos um outro modelo de pensamento: onde não importa o quando ou o como, se desde o primeiro momento da criação, ou se em algum momento da evolução, mas o fato é que temos outra forma de nos ver e pensar e tratar senão todos na prática, ao menos todos em tese como humanidade. Não somos animais. Somos gente. Gente.

Há quem diga que de todas as descobertas ou invenções da humanidade a maior de todas foi a religião, a ideia de que existe uma entidade criadora de tudo, outros o estado que veio para botar ordem em tudo que o criador pelo jeito direito, ou pelo menos como eles queriam que fosse direito. Outros ainda que adoram o trabalho pelo trabalho, pregam que só o trabalho dignifica o homem. Não raro são os profetas, sacerdotes e reis e doutores da lei, que no oculto cultuam e idolatram outros ídolos o do dinheiro pelo dinheiro e poder pelo poder. E adivinha de pilhar e vigiar qual trabalho vivem?

Não, das invenções ou descobertas do homem a gosto do leitor porque não faz a menor diferença porque o fenômeno aqui esta presente, é a humanidade. O maior advento do ser humano, é de longe ser humano. Pegar tudo o que não queria ser é, e tudo que gostaria de ser e colocar tudo isso primeiro numa ideia que não existe, para então com a prática fazer não do mundo, mas de si a sua obra, fazer de si mesmo: gente. O problema é que essa não é uma obra que se constrói sozinha, porque ela não está na concretude de cada pessoa, mas em verdade na forma como elas vivem e convivem, ou seja não dentro dos sujeitos, mas sempre fora, nas nossas relações, e tem gente otária que ainda disseca corpos a procura da alma, quando a alma paira difusa nas ações e relações, como se essa força elementar fosse uma partícula, e não um campo imanente e transcendente que envolve como padrão toda as formas de vida. O seu nexo, o seu sentido, sua vocação a qual nós decidimos seja por livre-arbítrio, seja por autodeterminação, novamente tanto faz, sermos humanos. Não homogeneamente é claro. Mas de quem renuncia a sua humanidade embora jamais deixe de ser o que é, e ninguém possa tirar isso dele, nem ele mesmo, a sua condição humana. Seu legado degenerado, não é outro senão literalmente desfazer-se e nulificar-se completamente pela própria falta de nexo e sentido da sua existência para além da sua materialidade, a qual se agarra desesperadamente tanto como matéria quando ideia memorial de materialidade.

Voltaire dizia que se deus não existisse, precisaria ser inventado, se deus existe não precisa sequer ser pensado quanto mais inventado, é de uma heresia descomunal tentar reduzir a potencial fenomenal criativa a uma mera concepção que dirá uma entidade criadora presa no tempo ou fora dele. Tentar aprender uma potência que é liberdade e criação pura com taras e ideias totalitárias que é mais do que o tudo ou nada, com credos e descredos o que não é

sequer objeto de fé ou razão, ditados e ditaduras de bem ou mal, o que é imanente nem transcendente, a uma coisa nem outra. Não é coisa, nem ideia. Não é fenômeno, nem evento, nem entidade, nem sequer é padrão, é justamente a mesma e profunda sensação do incognoscível, de um mistério cuja verdade permanente é o mistério que gera a permanente busca por conhecimento, a genuína verdade que liberta, o poder que fato tudo pode, vontade pura. Criação, criador e criatividade pura: Liberdade.

A liberdade que permite ao pensamento pensar um monte de merdas sem o menor sentido, e também criar e materializar concretamente uma ideia que ainda não existe, ou não existe na(s) prática, só exatamente como deveria existir: humanidade. A ideia de deuses e estados não são uma alucinação e fantasia porque não existam, mas porque são megalomaníacas, delas se criam e alimentam monstros e não humanidades. Mesmo que não fossemos filhos de um mesmo deus pai, ou filhos de uma mesma deusa mão terra, a ideia de fraternidade, entre os seres homens não precisaria desse tipo de mitologia. Por uma simples razão, essa fraternidade não é uma invenção que nasce das mitos e histórias. É uma razão ou instinto tão natural quanto a própria preservação, e está presente não só nos homens, mas nos animais, em tudo que vivo, formando essa força que não só une os organismos, mas os leva a se sacrificar não por todo-poderosos, mas pura e simplesmente pela mesma vida e liberdade que o anima, mas constitui a sua anima para além do que os sentidos ordinários são capazes de enxergar, a constituem como vida na rede da vida. O espirito das coisas, ou melhor seres, alma, meu amigo. Alma, um campo coletivo que envolve todos seres e não uma partícula elementar. Um relógio que não adianta ficar montando nem desmontando não é todo nem nas partes que está a chave do seu funcionamento, mas no além, ou naquilo que o alienado do que aliena na rede da vida chama por vezes objeto, mundo, ou simplesmente os outros.

Então nesse processo em que mais do que se adaptar ao meio ambiente ou adaptar o meio ambiente a ele, o ser humano transmutou a si mesmo não de forma arbitrária, mas intencional exatamente naquilo que suas ideações posta como ações e relações materializam como o espirito dessa que agora é seu do padrão incluso como gene que reproduz suas formas materiais e matérias, a sua essência e degenerencia: humanidade e desumanidade.

Dito isso volto a pergunta o que veio primeiro a agricultura ou a escravidão? Porque voltando a arqueologia dos arcabouços celas e prisões, é preciso que ou o prisioneiro saiba construir os muros, ou os seus carcereiros os ensinem a fazê-lo para que trabalhem para ele. De tal modo que se é inegável que deve haver uma população que conhece a agricultura para se assentar quanto crescer e formar as urbes que caracterizam as grandes civilizações. Porém não necessariamente a população da urbes. Quem constrói uma urbes não precisa ser vaca, nem leiteiro, nem saber como fazer para ordenhar uma. Na verdade não precisa sequer ver uma. Precisa dominar outra arte, a de fazer a vaca e o leiteiro e quem quer mais que ele precisa para trazerem o leite até a sua mesa, fazê-lo sem criar empecilhos, porque se tiver que parar para fazer qualquer uma destas tarefas não só não mais governa, ou seja administra essa arte, como passa a trabalhar e portanto deixa de se apossar e ganhar.

Mas alguém precisa saber plantar não? Plantar não é agricultura. A cultura que permite cultivar vastas extensões de terra, e alimentar quantidades enormes de pessoas livres e quantidades ainda maiores de empregados, que constituem a origem da possibilidade do assentamento e concentração de urbes. Plantar caçar pastorear, pescar. Nada disso permite a criação de uma civilização. Só duas coisas permitem a criação de uma civilização: exploração

e acumulação de recursos em grande escala, a começar alimentos. É obvio, o que não é obvio nesse processo de domesticação e cultivos das plantas e animais é que ele é impossível na escala e ordem hierárquica das civilizações sem antes o advento da própria domesticação humana. Não basta apenas pilhar é preciso domesticar, dominar as técnicas da produção e reprodução dessa massas que irão servir nos campos que precisam ser gigantes para alimentar o próprio crescimento da própria civilização. Um crescimento que produz e reproduz esse outra matéria-prima, gente.

Se por exemplo eles morrem como moscas trabalhando, isto não é um problema, mas dependendo do sistema de produção é uma solução, se a própria caça e tráfico de gentes for um negocio tão lucrativo quanto os próprios campos agricultáveis. Mas se a disponibilidade de conquista e pilhagem ou tomada de campos e gentes selvagens ou civilizações menos desenvolvidas é menos lucrativa ou mais custosa, isto pode implicar no abandona não só dos campos mas dos próprios servos, ou sua eliminação caso representem sejam tomados agora não mais como uma propriedade, mas soltos um perigo.

A pergunta portanto que parece boba de quem veio primeiro a agricultura ou a escravidão, quando as civilizações, leia-se em termos contemporâneos estados-nações entram em crise, se volta para uma questão muito mais importante e atual: quem vem primeiro a agricultura ou os escravos? Ou mais precisamente a agricultura e terras agricultáveis, e logo as intocáveis para quem? E a mão-de-obra empregável ou desempregada idem, ao uso ou desudo até o completo abandono, obsolência e enfim eliminação aos interesses de quem, ou melhor de quais urbes?

Vejam portanto que no verso e prosa das narrativas da gênese e o apocalipse das mais toscas as mais eruditas, os pilares não por acaso são os mesmos. Porque precisam ser os mesmos. Como seria possível a civilização dominar vastas regiões de terra sem capital, sem a arte de reduzir seres em coisas, sobretudo as gentes. Não é preciso sequer inventar a roda, desde que se tenha lombo de animal de gente para se levar nas costas deles. É burrice? É claro que é. Mas não impede que uma civilização se assente, cresça e claro se divida, e autodestrua, porque é insustentável. Mas temos é mais uma questão de tempo cujo fator determinante continua sendo a disponibilidade de recursos do meio e entorno sendo consumidos e não propriamente a sustentabilidade dos sistema de produção.

E ainda há ambientalistas que acham que o problema é o crescimento populacional, como se a superpopulação ou a super-reprodução das populações miseráveis, assim como o niilismo e depressão existencial das bem ricas e servidas fosse um produto das relações naturais humanas e não do uso e trato dos seres humanos e seres vivos em cada campo apartado dessas divisões domesticas e internacionais do trabalho e capital que não apenas apartam os do roubo e sacrifício dos seres humanos mas do holocausto de humanidades embora como diferentes efeitos, porque diferentes as condições degenerantes, universal.

Trabalho e agricultura. As bases da civilização, e seu progresso. Mas não se engane, também das suas contradições, varridas para debaixo do tapete da verdadeira história da humanidade. Uma história que depende de muita investigação arqueológica, porque nos registros desses crimes contra a humanidade quem venceu e logo ficou para contar a história

não foram os aliados, mas os nazistas. Ou você acha que vivemos na terra do nunca onde é sempre o poste que mija no cachorro, por acaso?

Claro que religião e agricultura foram importante para a formação das grandes nações e civilizações e impérios e suas províncias. Mas antes de con-vencer o servo a idolatrar seus senhores, e adorar o trabalho, e a entrega do seu fruto como a prova de que é fiel, antes de converter definitivamente a domestica e domesticado a aprender como sequestrá-lo, quebrá-lo. De tal modo que dependendo da capacidade de uma civilização para caçar, ocupar e sequestrar e pilhar outras, não só pode se assentar-se no seu territorio, mas se manter assentada em sua civilização por quanto tempo tiver suficientes recursos não reservas, ou recursos dentro das suas fronteiras, mas recursos e capacidade de manter sua pilhagem até findar tudo o que estiver a seu redor. Novamente isso é insustentável. E quem disse que quem está no poder se importa como irão se sustentar os outros ou quem virá depois deles? Há fé e pressuposições demais nessa equação supostamente racional, muita atenção nos discursos e mitos e pouca observação das tendencias históricas inclusive como incerteza, probabilidade estatísticas, ou duvida razoável. E não uma modelo onde se ignoram ou alteram os dados para que o sol continue girando em torno do sol, quando tudo indica que ele não gira e nem podemos continuar vendendo e comprando que gira.

O controle das populações e suas taxas de natalidade e mortalidade, seu emprego e desemprego, as terras virgens ou agricultáveis que irão alimentar os povos, quais e como. O crescimento de quem já esgotou sua exploração domestica e natural, e quem nunca parou de explorar seu próprio povo nem de devastar sua própria natureza não porque preserve ou se importa, mas dado seu gigantismo. A luta porque quem busca transformar sua riqueza natural em capital a toque de caixa, já que sua população envelhece, e a população que irá trabalhar para sustentar decai sem termos enchidos os cofres, e de quem agora vive de cofres abarrotados envelhecido, sem herdeiros, mas também sem nenhuma disposição nem de dividir nem miscigenar. Nada disso tem a haver com a história da humanidade, não como fraternidade, mas inegavelmente com uma luta entre povos e civilizações prontas a se morrerem e se manterem em nome do seu respectivo pai, pátria ou patrão.

Uma guerra que não só evidente de mitos e narrativas absurdas. Mas também cientes e conscientes, ainda que sejam para tomar essa ciência e consciência apenas como o fundo de verdade para construir seus fatos alternativos que se prevalecerem serão chamados de história até que se alguém desenterre o esqueleto no armário, ou melhor nas valas dos comuns, e prove sempre convenientemente tarde demais, o contrário.

Narrativas como essas de celeiros do mundo. Ou de que agricultura como a base uma civilização rementem a visões tão idílicas e romantizadas de ambas quanto o mito em contrário, tanto do bom selvagem ou da boa vida selvagem. Quando se toma essa perspectiva já higienizada e esterilizada do processo histórico de produção dos sistemas de produção, tem-se uma visão onde parece que a história de humanidade é de grande civilização que em paralelo descobriram a agricultura. E por descobri-la puderam tanto se multiplicar e assentar formando o modo de vida e produção civilizado. E não foi assim que a humanidade se civilizou. Não, foi assim que a humanidade evolui, se civilizou, nem no bom nem sequer no mal sentido da palavra, e por sinal nem exatamente assim que as civilizações se ergueram, se mantém, tomam a hegemonia, prevalecem umas sobres, se autodestroem sozinhas ou umas as outras, e enfim decaem e desaparecem.

Todos os adventos, técnicas sobretudo as que envolvem por obvio a provisão dos meios vitais a sobrevivência e manejo de grandes populações humanas num mesmo espaço, são sem a menor sombra de dúvidas fatores determinantes, a agricultura, a engenharia, a arquitetura urbana, a própria escrita e matemática sem a qual nenhuma máfia, traficante, gangster consegue contabilizar o arrego de quem pilha, ou supostamente protege nos territórios ocupados e dominados, que dirá uma cidade-estado ou estado-nação. Dominar a agricultura é essencial para quem vive dela, mas não essencial e nem suficiente para quem vive, cresce e enriquece da expropriação dos excedentes dessa produção. Se o centro da civilização deseja se a pilhagem e expropriação dentro dos limites para que a mão de obra seja capaz de reproduzir sua produção, ou reproduz a si mesmo como meras produtoras do sustento da civilização, ou não, suas prioridades são outras, ou quer fazer dos efeitos dessa requisição forçada a própria finalidade do uso desse expediente como meio, absolutamente essencial é dominar a vigilância, fiscalização, contabilidade e meios de alienação desse excedentes da produção, produção inteira, toda a burocracia e claro meios de repressão a quem não se submete a jurisdição, e não saber como produzir.

Uma civilização com técnicas mais avançadas ou desenvolvida de reprodução de administração do seu capital em recursos naturais e humanos, mas em conhecimento das técnicas de produção que esse ser humano sob sua jurisdição aplica ao meio ambiente para produzir suas culturas, no caso as agrícolas, bem como ele as suas repito de controle, fiscalização, cobrança de taxas, e até inversão do processo, tributação de outros setores para subsidiar a produção deste. Não importa são dois saberes completamente distintos e apartados onde o primeiro num primeiro momento, a arte de plantar e colher os frutos da terra não precisa do segundo, mas o segundo precisa do primeiro, a civilização, e este quando se deixa de ser simplesmente plantar para ser agricultura, também por sua vez passa a ser completamente dependente do subsidio não recursos destes, sobretudo das formas de provisão de grandes mercados que consomem sua produção, mas antes disso de grandes massas de mão-de-obra que irão sustentar a produção alienada da cultivo em larga escala, especialmente onde o maquinário ainda não substitui o lombo dos animais humanos ou não. Logo enquanto a agricultura trata especificamente do cultivo e domesticação em larga escala das plantas, a civilização trata do cultivo e domesticação em larga escala das gentes. E não é a toa que um ministério da fazenda, possa ser terceirizado a mercados e economistas, o de agricultura aos grandes produtores, mas a receita federal, essa jamais pode ser terceirizada, porque ela é o livro-caixa do Estado. De tal modo que uma civilização pode continuar por algum tempo andando sem agricultura, ou destruindo o meio ambiente o qual sustenta a mesma, pode sem as técnicas de domínio de quem produz para expropriação da produção não.

Na verdade uma civilização poderia ser totalmente especializada na domesticação das gentes e administração da pilhagem e escravidão não só dentro do seu território doméstico, mas em territórios alheios, evidentemente não durará tanto quanto durarei uma que por ventura se estabelecesse no respeito a humanidade e natureza, mas duraria tanto quanto sua superioridade armada, e suas técnicas de domesticação e claro sobretudo os recursos humanos e ambientais fosse capaz de sustentar sua voracidade autodestrutiva. Terminaria por fim se canibalizando, mas não antes de canibalizar e externalizar todos os custos da sua própria civilização especializada não na estratégia do mutualismo mas da parasitagem para a barbárie alheia. E seria eternamente enquanto durasse, vivendo do que se planta e se colhe sem jamais precisar plantar e colher nada, ou sequer ter visto exatamente como vive e se morre nos campos além dos muros da sua urbes, ou até mesmo nas fronteiras além dos seus

estados civis, onde quem cuida dos seus interesses são suas forças militares e claro fundos e corporações transnacionais.

Civilizações portanto se fazem sobretudo da arte de controlar pacificar territórios, tomar recursos, dominar e se apropriar de gentes, formas de vida, suas técnicas de produção. Não é arte de desenvolvimento de culturas mas a arte do engolir e devorar culturas, e regurgitar de volta essas mesmas culturas reprocessadas como lixo e ração cultural. Ao menos as civilizações não como ideal teoria, mas as histórias como de fato conhecemos. Ou do contrário estamos falando de socialismos uma coisa muito bonita em tese, mas que na prática é outra... Holodomor. Ou melhor não estamos, porque estamos praticando a famosa cegueira seletiva onde atribuímos os males e os progressos, e se não canto aqui os progressos, é porque não faltam ufanistas, para fazê-lo, pertencem a esse ou aquele sistema socioeconômico, ou mais a este ou aquele, e não ao estadismo de fato como se fosse a própria encarnação da civilização e claro o mito que servem para sustentar essa visão onde o sol gira em torno da terra como verdade inconteste.

Notem portanto que assim como o problema não é o advento da escrita ou da matemática, ou de qualquer outro saber, tecnológica ou ciência porque foi vendido, se vendou, foi empregado ou simplesmente forçada a trabalhar para fins teratológicos, mas sim a falta de adventos de proteção contra esses processos, porque reclamar contra eles contra quem se beneficia deles, ou pior tentar empregá-los esses males para se livrar desse mal só faz crescer e discriminar essa cultura e modelos de civilização.

Recorrer como alienados a esse modelo de alienação para solucionar problemas interligados o meio ambiente e a fome, para quem administra tanto a produção de alimentos e bocas para alimentar não gentes mas suas máquinas estatais e civilizações. E dependendo da sua posição estratégica dentro do mapa geopolítico literalmente pedir para morrer ou ser morto ou capado, seja em conflitos seja trabalhando até morrer para que alguma civilização que venha a representar a totalidade da humanidade se assente seu progresso no cemitério apagado de sua pobre cultura. Bem para fins estatisticos progresso, pobre e miseraveis mortos, a desigualdade desaparece. Método nazi de extermínio da pobreza, especialmente em tempos de vacas magras: solução final. Mas se você não está preocupado porque não é um bárbaro, e sim parte da civilização, quem sou eu para negar, ok, acredito, aliás acredito que todos pertencem, quero ver convencer quem acha que tem uma visão um pouco mais privé desse seleto clube de campo chamado humanidade deixar você entrar nele com sua carteirinha de gente de procedência senão duvidosa certamente provinciana.

Civilização mais do que tudo é um padrão de organização das populações humanas, logo para fins (anti)didáticos é como grandes time de futebol, tem os torcedores e sócios, e a diretoria e claro as torcidas organizados, e no dia que você vê cartola se matando, e não as torcedores e as torcidas organizadas nas arenas, A sim tem também o jogo e os jogadores, mas isso é só parte do entretenimento das massas, porque o verdadeiro jogo por trás do espetáculo é outro, incluso o da vida. Mas quer assistir os comentaristas especializados debaterem se foi pênalti ou não foi pênalti, e a justiça desportiva decidir quem é o legitimo campeão. Eu é que não vou ser fiscal da diversão, alheia. Toca o hino, versão mais bonita que já ouvi se qualquer hino de time ou pátria:

Mas segue o filosobol...

A forma com que um conceitua, formula e equaciona, calcula e por fim soluciona os problemas da humanidade e do planeta não são as mesmas nem para toda a humanidade, nem para todo planeta, porque não só a lógica aplicada é distinta, mas os sujeitos e objetos que equacionam e são equacionados e que sublinearmente representam tanto os problemas, soluções, as causas a serem eliminadas e os provedores das soluções e seus interesses não são os mesmos. Não eram no berço de nenhuma civilização conhecida, nem atual, nem serão na eminencia de qualquer crise ou ameaça a sua conservação ou hegemonia.

De tal modo que os problemas ambientais e humanos, para quem está ou se coloca no lugar dos seres vivos e humanos em risco de morte ou extinção. Nunca foi um problema senão de gestão de recursos naturais e humanos não para fim de preservação dos seres humanos ou naturais enquanto seres vivos, mas devidamente transformados em coisas, não rara, dividas em partes, senão mortas prontas para seu consumo, em partes prontas devidamente dividas e reorganizadas para sustentar seu consumo custe o custar. Até a essência desse processo produtivo administrativo é externalizar esses custos para que os interesses que não são apenas outros, mas literalmente produzidos pela alienação dos interesses se maximize e perpetue assim, maximizada.

Logo quando agricultura dentro desse outro nada mais é do que a manutenção ou não das superpopulações que se outrora e em dados momentos e circunstancias territoriais o emprego é essencial para sustentar a urbes e o supercrescimento de uma civilização, no outro não só é descartável, mas um obstáculo para que seus maquinários ocupe e extraia os mesmos recursos naturais com menos custos, especialmente quando essa superpopulação de bocas famintas não está encerrada dentro do território ou não pertence a gene que compõe o domus e cultura de gentes essencial para perpetuar uma determinada nação, cultura e civilização e não outras tomadas assim nesse modelo tanto como concorrentes, como oportunidade de expansão mediante sua vulnerabilidades sejam econômicas ou ecológicas.

O ambicioso plano da Rússia para combater o encolhimento da população

É uma das principais ameaças às aspirações geopolíticas da Rússia. O país enfrenta uma crise demográfica sem...

www.bbc.com

Trump cogita comprar a Groenlândia, território autônomo da Dinamarca

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, cogitou a possibilidade de o governo americano comprar a Groenlândia...

extra.globo.com

E não vou nem falar da Amazônia. Como se qualquer uma das partes que fala da florestas, seja nacional ou gringo estivessem preocupados com que lá habitam, ou qualquer outra coisa de forma isso afeta o seu ambiente seja o econômico ou ecológico. Planeta é só um código

para novamente quem vai determinar quem para definir senão de quem será o controle de fato, a ordem das prioridades pelo qual a natureza será ou não morta, e qual interesses e culturas de exploração serão implementadas como interesse agrícola. Celeiro de todo mundo, celeiro de todos os brasileiros, e principalmente terra de índio ou virgens isso não importa com qual modelo civilizatório ou civilização que esse território de fato fique submetido, você pode ter certeza é que não vai ser. Um problema do progresso e civilização, não um problema do que se chama por progresso e se contrabandeia como se fosse civilidade dentro do que é em verdade uma barbárie feita com uma diplomacia feita com toda estupidez, ignorância de curralista ou com 100 talheres de prata e toda educação e realeza do mundo. Mas que no final das contas, ou das contabilidades dos estados-nações resultando num saldo para a balança comercial dos povos e sua herança das próximas geração num único resultado: prejuízo.

Veja então que se a cultura a agrícola quanto a política, produz num dado momento e lugar a política e economia do crescei e mulplicai-vos em outro momento estimula ou promove em tempos diferentes ou lugares diferentes ao mesmo tempo dependendo da gene biológica e cultural da população em questão a diminuição das taxas de natalidade e aumento das de mortalidade, mesmo via politicas públicas e econômicas indiretas ora de omissão, ora de proação, ora de repressão, dependo dos interesses geopoliticos de ocupação demográfica e exploração comercial e econômica de um dado território e população dentro do globo.

Neste sentido a mobilização dos terras e produtos agrícolas assim como todos recursos naturais e econômicos novamente estão estrategicamente submetidos, ao jogo de interesses onde a disputa dos mercados, propriedades e até mesmo dos territórios não se dá pela tal mera acumulação de capital, pelo capital, o jogo superficial e aparente, mera razão contábil, monetária e financeira com a qual os jogadores não apenas trocam suas fichas e medem suas forças de fato, tanto comerciais, econômicas e militares, mas manipulam e mobilizam os players inclusive os grandes players; mas o jogo dos interesses profundos que norteiam as verdadeiras finalidades das quais todos esses meios são postos para se autojustificar e racionalizar: o jogo do poder, que determinou ao longo da história não só a ascensão de potencias, impérios, mas as quedas de outros, e no meio dessas disputas que quase sempre terminam em guerras e terras arrasadas, o extermínio, genocídio e holocausto de famílias, tribos, povos e porque não dizer civilizações inteiras.

A arte da guerra, da pilhagem sistematizada em larga escala incluso a feita de forma disfarçada seja sobre as populações marginalizadas nativas ou sequestradas tidas como menos civilizadas ou menos cidadãs, dentro dos territórios já ocupados e dominados, seja fora nos territórios alheios são de longe as técnicas absolutamente necessárias para arregimentar não propriamente de forma voluntária recursos matérias e humanos para construir e manter uma civilização. Mas assim como não são as técnicas e gentes recursos e terras e riquezas que se toma os pilares, os fundamentos, enfim a arque, da lógica desse modelo civilizacional histórico, também não o são a guerra e pilhagem, mas porque antes de se formar o contingente de servos, escravos domésticos ou internacionais a trabalhar e pagar tributos sob a ameça da dissuasão ou repressão armada, a próprio desenvolvimento das técnicas de domesticamente em larga escala dentro de uma tribo que permitiu a formação desse exercito que antes de ser de civil, há que ser militar.

Domesticar e fazer gente bois de arado é relativo e mantê-los encercados é relativamente facil principalmente depois que se tem cães de guarda, dificil é manter os cães de guarda treinados para rasgar carne com violencia como pitbulls a não rasgarem a carne de quem os comanda mas só sob o seu comando. Daí a importância da apropriação da religiosidades para o culto dos todos poderosos, como servidão primeiro tanto como ato de sacrificar-se em nome deles ou da entidade feita a sua imagem e semelhança enquanto senhor quanto sacrificar em holocausto e genocídio qualquer um sobre seus mando e mandamentos. Sacrificar-se ou sacrificar os outros lentamente trabalhando depois que se aprende a comandar os ritos e costumes do culto aos sacrifícios é mera reaplicação da mesma técnica para outras finalidades.

Novamente não confundir a noção de sagrado, a senso-noção de re-ligação com tudo sua perversão a idolatria ao poder e suas finalidades necrófilas e comorbidades patológicas da pisque sobretudo coletiva associadas as manias e perversões comumente associadas a esses praticas, rituais e seitas especialmente as corporativamente organizadas. Mas novamente tais não são em si, a raiz mas uma da primeiras formas de organização ideológica desse forma de domesticação, até porque o método em essência se replica para as demais. Ou seja das técnicas de domesticação das gentes se servem e sem elas não se reproduziriam.

Sobre essas técnicas de introjeção da vontade do alienador no alienado como superego contra a sua própria livre vontade e formação da sua próprias concepções e consciência, discorre em outros textos...

Mas em resumo consiste nas mesmas técnicas primitivas que se usam para quebrar qualquer animal, prisioneiro ou torturado, sejam individual ou em grandes coletivos, privação regulada dos meios vitais e ambientais, ameaça e consumação de violações violências físicas e psicológicas intermitentes e sistematizas e por fim as portas de saída dessa arcabouço ou inverno mediante a completa conversão, submissão e condicionamento não só comportamento mas das vontades e esperanças completamente reduzidas ao não só ao universo dos prêmios e punições, mas dos sentido existencial predefinido pelo privador-violentador a vida do violentado-privado, que quanto mais cedo amputado, quanto por mais gerações submetido a tal condição doméstica mais toma está não só por natural, mas absolutamente essencial a sua sobrevivência. Ou seja não precisa ser posto a servir, mas serve e até mesmo ataca quem ouse o retirar da sua condição de fidelidade canina. Basicamente portanto perversões da apropriação e canalização dos sentimentos gregários de um cultura de solidariedade e cooperação mutua, para de servidão e defesa do própria parasita hospedeiro que devora sua carne e alma. E só não chamo de possessão diabólica porque senão vai chover doido procurar nessa alegoria onde está o deus e o diabo nessa terra do sol.

Claro que esse individuo vulnerável a alienação também pode ser colhido apenas como oportunismo, do sofrimento natural que a vida causa sem que ninguém maquiavélicamente sistematizar o plantio da sua carestia, nem industrializar a colheita da sua servilidade, mas aí novamente isso não construí a arquitetura de um metrópole com castas, classes diferenças e riquezas pobrezas e gente empilhada uma sobre as outras para a otimização da mão-de-obra e vigilância e claro centralização da tributação que caracteriza as civilizações, e sem a qual tais conveniências essas não subsistiriam.

Logo embora ainda duvide, a duvida razoável, sinceramente não me surpreenderia que uma vez quebrado o paradigma atual, a arqueologia, viesse a descobrir que possa ter havido outras civilizações antes dessas conhecidas e reconhecidas, porque existam elas ou não o advento da humanidade, do ser como um ser humano ainda que em tese não diga com tal, como prática e costumes é certamente muito mais antigo do elas, porque se todos fossemos apenas porreteiros e puxadores de gatinhos, queimar em fogueiras os estranhos, e a passar com a roda do progresso pela cabeça de quem quer que seja, a negar o pão, e renegar verdades, quem haveria de ter inventado a roda, descoberto o fogo, feito o pão e adventado de fato, os fatos e verdades? Mas isso é o que menos importa, porque o fato é que tenham existido ou já existem mais. E o que realmente interessa é que nós sim existimos, e de nós depende as humanidades que poderão vir a existir. No plural porque a pluralidade e diversidade não anula o fato de todos sermos iguais pelo contrário é um dos fundamentos absolutamente imprescindível para o seu reconhecimento enquanto tal. Humanidade.

E dá lhe Zun-TSun para “executivos”. Adoro essas pataquadas, que falam de todos os capitulos, e lições e se esquecem logo do primeiro como o general demostra que sabe montar o exercito do barro, transformando qualquer coitado em soldado, até mesmo com as concubinas do rei, com a técnica que move a máquina tanto em tempos de guerra quanto de paz, o terror: quem não obedece a ordem vive sob a pena de morte. O que se traduz nos sistemas de produção trabalhistas autoritários em geral, liberais ou socialistas, não importa, pela máxima: quem não trabalha não come. E na ordem da guerra, quem se recusa a matar, é traidor e vai para o paredon.

Uma técnica desenvolvida onde aqueles que estão dispostos a matar e morrer vão para as cabeças da hierarquia e dominam não apenas uma unica pessoa, mas enormes milhares usando primeiro o sua própria disposição psicopatia de matar e depois daqueles que ele subjuga para ir produzindo essa seleção artificial, onde uns ele elimina, outros ele escraviza, e outros ele recruta para reproduz a sua técnica e expandir num efeito piramide a sua técnica de caça e domesticação de gentes. Como funciona?

A teoria dos jogos ajuda a entender. É uma tática onde o player não só jogo contra um outro jogador e vence. Mas vai jogando contra vários sozinhos e vencê-los. Não porque tem uma força, posição, melhor, está melhor armado, está em maior número, mas porque é capaz de cometer atrocidades contra os seus e os demais que os demais não dispostos a cometer. Uma estratégia que não esta baseada na moral das tropas, mas está baseada na completa ausência de ethos da liderança, que se faz liderança e que prevalece pela estratégia da que soma três componentes: violência, covardia e terror.

A força de fato em si não se converte é violência, não enquanto não se converte em ameaça ou consumação de um ato violência. A violência por sua vez, pode sua vez se for aplicada contra uma força contra a qual não se pode vencer e dominar é um ato de bravura, e logo uma estupidez porque implica salvo piedade do outro, em morte certa. E se não for um ato contra quem a vitória é certa, isto é, sabidamente, não tem forças para resistir e facilmente poderia se dominar ao invés de aplicar a força, é uma covardia. O uso da força bruta a menos que seja um ato portanto de bravura estupida sempre é feito contra um adversário mais fraco ou mais estúpido e ou se mais forte e inteligente, despreparado, surpresa, traição, engodo, a arte da guerra, é de dissimulação cortar o pescoço dos outros de preferencia dormindo, dissimulação, manipulação, a politica feita com tropas e armas, a arte de jogar uns contra os

outros para que eles se matam e você ganhe no antes e no depois da carnificina, e reine de preferencia sobre as riquezas, mas se não puder sobre as ruínas, mas a todo e qualquer custo reine, ainda que sobre corpos e cinzas. Violência portanto não pode ser um ato de fúria ou bravura indômita, mas de calculo estratégico de perdas e ganhos calculados, um ato frio inteligente de assassinato premedito de preferencia em massa de gente que não possa se defender para minimizar as baixas. Um ato que não pode ter exigitação, piedade misericórdia, e não raro deve conter sadismo e toda especie de vilipendio terror para que ninguém ouse desafiar a autoridade. Lição número 1 de arte da guerra: Nada como cabeças cortadas na primeira fila para fazer a segunda marchar quietinha e direito.

Qualquer general, líder de trafico, ou terrorista de protoestado que queira assumir e manter o controle de um território e sua população sabe disso. O seu negócio é tacar o terror e vender a paz desde que todo mundo obedeça sua ordens e mandamentos. Simples assim. Essa estratégia violenta e covarde funciona não porque as pessoas que estão submetidas sejam naturalmente fracas, idiotas, covardes, insolidárias, incapazes de sacrificar umas pelas outras. Mas justamente pelo contrário. E nisto está a grande perversão e maldade desse estratégia que permitiu que se viralizasse e constituísse como sistema:

Quando um individuo saca sua arma e aponta para a multidão desarmada tenha ela 6 balas ou 20, ele e a multidão sabem que vão cair ele mais 5 ou 20. E logo bastam 6 ou 20 com a mesma disposição dele para matar e morrer que ele para libertar os demais do seu jugo. Não é arma a fonte do seu poder, mas essa perversão, é preciso haver indivíduos não só dispostos a morrer pelos uns pelos outros, porque isso os dominados não raro estão, por exemplo em regimes onde por exemplo, a pena para quem se suicida e de morte para toda a família, a estratégia psicopática não apenas usa os instintos de preservação para manter todos divididos e dominados, mas o próprio instinto gregário, aquele que torna naturalmente a um ser humano repulsivo matar até mesmo atacar ser humano repulsivo porque ele continua ódio a parte sendo visto como semelhante, e a chamar para um linchamento de um fascista pendurado como um porco ou executado num tribunal é tão desnaturador quanto a sua dignidade humanidade quanto a própria condição humilhante.

A estratégia de dominação do psicopata é o desafio do canibal, para me vencer terá que me devorar, mas se me devorar você agora será o canibal. Não é maquiavélico é diabólico, porque vão-se os monstros morrem mas o padrão da monstruosidade, se perpetua. Não é a toa que ditos santos e mártires que enxergam não apenas as formas das coisas mas as suas redes e padrões tenham preferido morrer sem ceder a sua dignidade ao padrão teratológico do que se perverter eles mesmos nessa forma de vida podres e doentias.

Não é preciso nem de uma pistola, mas com uma faca, veneno, disposição da matar gente no na cama, de preferencia dormindo, de preferencia no berço, sem nenhuma inteligencia, nem sequer força extraordinária força extraordinária, apenas com disposição para cometer atos capazes de inspirar o medo o terror da confrontação, o medo e terror das pessoas não perderem apenas sua vida, mas caírem na sua graça e desgraça, o medo de perderem sua vida não porque são justos ou injustos, mas porque podem desagradar o mal ou bom humor e comportamento que há de ser imprevisível e ser errático, porque se previsível, pode ser objeto de planejamento e armadilha e sabotagem. Não, tudo que se precisa, para fundar uma grande civilização como tantas que conhecemos, como seus cesares, imperadores, seus reis, genocida, fuhers, e ditadores, porque não há nenhuma delas que em seu apogeu, o prenuncio

da sua queda não tenha tido um. É ter e estar contaminada dessa disposição que funda as relações de poder e patrio-poder, a cultura de violencia e a pulsão de morte. Matar e morrer como grito de guerra da ordem e horda que impera sobre aqueles que apenas querem viver e deixar os outros viverem em paz.

Novamente marcante seja que a arte da guerra começa com cortante com umas cabeças e termine com nada mais nada menos que:

“Um exército sem agentes secretos é um homem cego e surdo.”

Cabeças cortadas. E olhos e ouvidos por todas as partes. Psicopatas no poder. Receita certa para que a idiocracia continua marchando contra impunemente contra uma humanidade cada vez mais devidamente imbecilizada até a sua completa extinção, seletiva e discriminada como sua cegueira é claro. Porque sabedoria por sabedoria eu fico com a popular, que é onde as calo doí, antes da ciência descobrir finalmente que vejam só não é doi mesmo:

Novo órgão sensível à dor é descoberto na pele

A dor crônica causa muito sofrimento e resulta em gastos relevantes para toda a sociedade. Dados da SBED (Sociedade…

www.uol.com.br

Idiocracia. Não são idiotas no poder. Idiocracia é a base milenar da nossa cultura e civilização, uma loucura coletiva que nos momentos de crise e conflito sistemico fica evidentemente porque a sua brutalidade das suas técnicas de domesticação e exploração se intensificam e expõem de forma mais explicitas aos alienados. Mas não uma loucura qualquer, mas bastante especifica que tem método de produção reprodução, interesses e objetivos, a insanidade da idolatria e servidão ao que hoje a psicologia descreve como psicopatas. Interesses diretamente ligados a forma como doentia como essas psicopatas enxergam, tratam usam e dispõem brutal ou inteligentemente das outras pessoas e seres vivos como se fossem suas coisas a seu bel prazer para satisfazer suas taras, desejos e vontades e fantasias de posse e poder e sobretudo perpetuação eterna materialista e até transcendental do seu eu narcista e megalomaniaco para além da vida da morte, como memória, divindade, e toda gama de imbecilidade que povoa os mitos e credos e crenças de quem irá morrer e matar em nome dessas fantasias mórbidas, necrófilas e antropofágicas destas múmias que se acham deus-sol e querem enterrar todo mundo vivo junto com eles dentro das suas piramides em suas pulsão genocidas autodestrutivas.

É isso que as pessoas não entendem um estatopata não tem por arma a sua falta de empatia, ou o saber lidar com a empatia, muito pelo contrário, ele é um especialista na sua manipulação, perversão. A falta de empatia é o limão onde esse cérebro, fez uma limonada, do mal, mas limonada. Suas verdadeiras armas e escudos são as empatias e solidariedades alheias que ele sequestra toma como refém, ameaça executar, cobra resgate, aprisiona, mutila, escraviza, usa como escudo, divide, soma, integra ou desintegra, para manipula, domestica, converte e perverte, tortura. Ele não é um idiota, que não sente, ele sente e não

percebe, ele sente apenas não sofre, não liga, e usa os sentimentos e sofrimentos, as ligações que os outros tem e que ele não possuem naturalmente uns com outros, a seu favor, objetivo e e prazeres desnaturados. Ele não joga com armas, ele joga com vida e com os afetos e afinidades e afeições naturais entre seres vivos humanos para obter as vantagens estratégicas políticas econômicas e sobretudo culturais sobre os seres que na sua cabeça já são coisas, falta agora só agora tomá-las, nem que para isso como diria jack o stripador irmos por partes.

A arte da guerra da politica economia é a arte de psicopatas a usar seres humanos não só como armas mas escudos humanos. Uma arte que não funciona se a outra parte não tiver nenhuma outra vida senão a própria como sagrada, ou em outras palavras se a outra parte for igualmente psicopatia e estiver disposta a matar toda e qualquer vida para prevalecer que o outro use como arma ou escudo para prevalecer, seja a sua ou de outro ser. Um exemplo clássicos:

(...)Pode parecer estranho olhando tão de longe e em uma sociedade ocidental com conceitos cristãos, mas assim como tudo na natureza, a adoração dos egípcios aos gatos não se deve à uma loucura ou devaneio aleatório, mas à sobrevivência. Exímios na agricultura, os egípcios tinham sérios problemas com roedores — animais que além de acabarem com as plantações, levavam diversas doenças contagiosas. Diferente dos cachorros, que perderam suas principais características primárias e foram domesticados, o gato nunca foi exatamente domado e, sendo assim, naquele fatídico Egito cheio de ratos, os felinos surgiram como salvadores. Toda a população ficou estupefata com a forma dos gatos e o jeito e a agilidade com que caçavam. Sendo a agricultura o meio principal que movia aquela sociedade, não demorou para os bichanos ganharem cada vez mais importância.

A reverência aos gatos cresceu enormemente ao longo do tempo e, assim, ter um desses animais em casa era sinal de proteção e sorte. Realmente, pode se dizer que ganharam tratamento de reis, ou melhor, deuses. A deusa Bastet surgiu como representante e era adorada fervorosamente. As mulheres pintavam os olhos com a intenção de reproduzirem o formato do olhar felino, templos foram criados e até mesmo leis estabelecidas. Matar um gato era o mesmo que pedir a morte — a reverência era tamanha, que uma pessoa podia morrer ou ser sentenciada a punições se machucasse um felino. Consequentemente, o animal se tornou de interesse geral, sendo levado para outros países. Porém, a exportação foi proibida e os gatos viraram artigo de luxo, acabando por serem contrabandeados a preços exorbitantes — o que só tornou a reverência ainda maior no Egito Antigo.(...)- ***História Felina: Por que os gatos eram sagrados no Egito Antigo? — CAT CLUB***

Eis que...

Quando um comandante persa chamado Cambises II soube que os inimigos da terra do Nilo veneravam tanto esses felinos, não teve dúvidas e ordenou que seu exército atacasse o país das pirâmides usando uma tática no mínimo inusitada: gatos foram colocados à frente de suas tropas como escudo! Os egípcios não ofereceram resistência. Era melhor se render diante dos persas do que cogitar a possibilidade de ferir um ser sagrado(...)

Por que os gatos eram sagrados para os egípcios?

Gatos Simples: eles ajudaram os antigos egípcios a combater um de seus piores inimigos – os ratos que infestavam a…

super.abril.com.br

Há versões que ainda contam que de quebra ainda catapultou os felinos, tanto faz. Exceto para os felinos. Daí a burrice de psicopatas terroristas se esconderem em escolas ou igrejas (mesquitas) para se esconderem de bombas dos estatopatas ocidentais. O escudo humano, a criança neste caso já não representa aos olhos do estatopata, uma criança, mas um filhote de terrorista. Um erro de cálculo onde o terrorista de um lado presume que do outro lado não há também um terrorista? Não porque nem o terrorista de um lado lá dentro espera que o outro esteja lá dentro, nem o outro se importa, se a criança que vai ser atingida esteja dentro ou fora do alvo do seu bombardeio. Porque um quer que a criança seja de fato atingida, o outro não se importa em fazê-lo deste que todos estejam mortos, e o publico alvo dessa tática aquele onde a criança que poderia serve tanto de arma e escudo numa outra campo de batalha o da guerra por corações e mentes, a guerra da informação, sua vida e morte é objeto de um outro campo de batalha onde a realidade se desfaz a guerra da informação. A criança está morta. Primeiro sua carne, agora sua memória, sua vida e morte, foram usadas como se fossem coisas e continuarão a ser usadas pelos mesmos estrategos que a assinaram em seus jogos de guerra e propaganda de guerra para comover, convencer e vender suas narrativas aos idiotas que irão financiar e bancar as máquinas de mortes. Necrófagos a parasitar as vidas e sentimentos humanos e gregários como malditos replicantes a matar seus hospedeiros.

Mais um exemplo, este mais moderno, e próximo, agora de como realmente vencer e levar os espólios das batalhas sem precisar desembainhar espadas, a guerra do Paraguai, ou como é possível se contar uma mentira, sem dizer senão (meias) verdades. Ou a só a metade da história…

A 'guerra total'

"O ano de 1869 marca definitivamente o conceito de guerra total", diz o historiador paraguaio Fabián Chamorro à BBC News Mundo, serviço em espanhol da BBC.

Com o Exército paraguaio praticamente exterminado, explica Chamorro, figuras importantes dentro das forças aliadas chegaram a sinalizar que a guerra teria terminado e que seria o momento de deixar o país.

Conforme Chiavenato, uma dessas figuras era o general Luís Alves de Lima e Silva, futuro duque de Caxias, que liderava as tropas brasileiras no Paraguai.

“Quanto tempo, quantos homens, quantas vidas e de quantos recursos necessitaremos para terminar a guerra, quer dizer, para transformar em fumaça e pó toda a população paraguaia, para matar até os fetos no ventre das mulheres?”, argumentou com o imperador Dom Pedro 2º.

A ordem, entretanto, era de que a guerra só chegaria ao fim com a morte do presidente do Paraguai, o marechal Francisco Solano López, o que só aconteceria em 1º de março de 1870.

“Não tinha necessidade de fazer toda essa caçada, em que a população civil foi a principal prejudicada”, ressalta Chamorro.

Enquanto lutava pela própria sobrevivência, Solano López recrutava soldados cada vez mais jovens.

“Primeiro eles tinham 16 anos, depois 14, 13 anos”, relata Barbara Potthast, professora de História Ibérica e Latinoamericana na Universidade de Colônia, na Alemanha.

A historiadora encontrou até registros de alistamento de meninos de 11 anos — que não chegavam a ir para a frente de batalha, mas se dedicavam a outras tarefas, como transportar materiais.

O mesmo acontecia com as mulheres, muitas vezes encarregadas da logística.

“Não era um exército profissional como conhecemos hoje”, pontua Potthast. “Como muitos dizem, era o ‘povo pegando em armas’.”

Escudo humano?

Solano López conseguiu escapar algumas vezes dos aliados. Sua última “fuga milagrosa” aconteceu quatro dias antes de batalha de Acosta Ñu, quando caiu Piribebuy.

“Em 12 de agosto (de 1869), as forças paraguaias se dividiram em duas: o marechal ia em uma coluna e, em outra, mulheres, crianças e idosos”, conta Chamorro.

O último grupo levava toda a logística do Exército em carros de boi: canhões, armas, vestuário, acessórios de cozinha.

Segundo o historiador, eles foram alcançados pelos aliados — em sua maioria soldados brasileiros — e “não tiveram outra opção a não ser lutar”.

Já Potthast cita outra teoria. "O que se diz, e não tenho motivos para duvidar, é que nessa batalha a função das crianças e jovens era servir como uma espécie de barreira para o avanço do Exército."

O fato é que Solano López conseguir mais uma vez fugir para o Norte com o restante das tropas, onde continuaram a resistência.

20 mil contra 3,5 mil

A batalha de Acosta Ñu aconteceu próximo ao que hoje é a cidade de Eusebio Ayala, no centro do Paraguai, e foi, nas palavras de Chamorro, "um verdadeiro massacre".

"De um lado estavam os brasileiros, com 20 mil homens", escreveu Chiavenato. "De outro, os paraguaios, com 3,5 mil soldados entre 9 e 15 anos, além de crianças de 6, 7 e 8 anos que também acompanhavam o grupo."

Ainda que não haja consenso sobre o número — e alguns relatos chegam à cifra de 700 -, os diferentes historiadores e registros destacam a crueldade que marcou a batalha.

As crianças e jovens lutaram ao lado de alguns veteranos de guerra, um contingente estimado em algo entre 500 e 3 mil, a depender da fonte.

De qualquer forma, existia uma assimetria grande entre os dois exércitos, que não só era númerica e etária, mas também tecnológica.

"As armas usadas pelos paraguaios tinham um alcance máximo de 50 metros", diz Chamorro, enquanto "os rifles Spencer, usados sobretudo pela cavalaria imperial do Brasil, tinha um alcance de mais de 500 metros."

"Ou seja, para que o paraguaio pudesse confrontar um brasileiro, tinha que encarar dez descargas de bala. Era impossível", completa.

A isso se soma o fato de que os mais novos não tinham nem força física para empunhar as armas, muito menos nas condições em que estavam, com fome e muitas vezes doentes, acrescenta Potthast.

No campo de batalha

A batalha começou pela manhã e terminou cerca de 10 horas depois, com poucas baixas do lado brasileiro e quase nenhum sobrevivente do lado paraguaio.

Os detalhes sobre o confronto, mais uma vez, divergem a depender da fonte.

Potthast afirma que, para que os soldados brasileiros não percebessem que lutavam contra crianças, foram colocadas barbas falsas nos meninos. Já Chamorro argumenta que não haveria tempo naquelas circunstâncias para que se preocupassem com esse tipo de detalhe.

Diz-se ainda que os pequenos iam armados com varas que simulavam rifles.

"As crianças de 6 a 8 anos, no calor da batalha, aterrorizadas, se agarravam às pernas dos soldados brasileiros, chorando, pedindo que não os matassem. E eram degoladas no ato", escreveu Chiavenato em sua obra, conforme a tradução do Portal Guaraní.

À tarde, ele acrescenta, quando as mães recolhiam os corpos dos filhos e ainda havia feridos, os brasileiros teriam queimado todo o lugar.

O general brasileiro Dionísio Cerqueira, entretanto, que participou da batalha, deu outra perspectiva. "Que luta terrível entre a piedade cristã e o dever militar! Nossos soldados diziam que não lhes dava gosto lutar contra tantas crianças."

"O campo ficou repleto de mortos e feridos do lado inimigo, entre os quais nos causava muita pena, pelo número elevado, os soldadinhos, cobertos de sangue, com as perninhas quebradas, alguns nem sequer haviam atingido a puberdade", completou.

Potthast, por sua vez, encontrou relatos que afirmavam que, pelo contrário, os pequenos não choravam, mesmo quando eram feridos.

Nas palavras da historiadora alemã, o único ponto em comum entre os observadores e historiadores de todos os lados era o "valor e a coragem da luta dos paraguaios, inclusive dos meninos soldados".

Identidade nacional

Tanto Chamorro quanto Potthast ressaltaram que o conceito de infância no século 19 não era o mesmo que hoje. Ainda assim, a ideia do "menino herói" que morreu defendendo sua nação é parte da identidade nacional paraguaia.

"Essa guerra é o acontecimento mais importante da história do Paraguai", disse a historiadora alemã à BBC News Mundo. "É pedra fundamental do nacionalismo que se desenvolveu no século 20."

A ideia difundida por uma parte dos acadêmicos e por vários governos, sobretudo militares, foi a de que os paraguaios "perderam a guerra, mas lutaram com heroísmo, e é desse heroísmo que tiram força", destaca Potthast.

A batalha de Acosta Ñu foi usada como uma "excelente propaganda para transformar as crianças em futuros soldados", acrescenta Chamorro, que lembra, porém, que o serviço militar no Paraguai é obrigatório.

O decreto que em 1948 fixou o 16 de agosto como Dia da Criança no Paraguai destacava a importância de "fomentar por todos os meios a difusão e intensificação do sentimento nacionalista por meio das grandes memórias".

Sobre as crianças especificamente, destacava que elas deveriam ser educadas com base no patriotismo.

"Há trabalhos escolares escritos depois de 1948, por exemplo, em que se vê um garoto assistindo a um desfile militar e falando para o pai: 'Papai, quero ser soldado'. Ao que ele responde: 'Você já é um soldado'."

Um século e meio depois, o monumento inaugurado neste 16 de agosto pelo presidente Mario Abdo Benítez é, segundo a Secretaria Nacional de Cultura, "em honra aos heróis da pátria, os meninos mártires de Acosta Ñu" — ***a sangrenta batalha em que crianças lutaram contra o Exército do Brasil na Guerra do Paraguai***

Genocidas de um lado, imperadores e ditadores estatopatas do outro, e para variar crianças feito soldados no meio, e escravos feitos de arma escudo e alvo bucha de canhão. Mas e onde está a tal vencer sem passar desembainhar a espada. É porque faltou a BBC: a Brithis Broadcast Chanel citar um terceiro ator fundamental oportunamente omitido nesse crime contra de Estados e estatopatas & corporations contra a humanidade: o principal beneficiário The British Empire.

Este, segue na integra:

A Guerra do Paraguai ocorreu de 1864 a 1870, quando os países: Brasil (9 milhões de hab), Argentina (1,7 milhão de hab) e o Uruguai com 260 mil hab, totalizando 11 milhões de habitantes integrantes da Tríplice Aliança fizeram uma Guerra contra o Paraguai (650 mil hab.). Inicialmente, para justificar a guerra, o governo argentino criou atos de provocação aos barcos e navios paraguaios que cruzavam o Rio da Prata rumo ao mercado externo. O brasil tinha invadindo o Uruguai em março de 1864, o que acabou levando a derrubada do Presidente Atanásio Aguirre, em fevereiro de 1865 e a subida ao poder de Venâncio Flores. Esta invasão militar brasileira levou a entrada do Paraguai, que era aliado do presidente Aguirre [1]. Esta Tríplice Aliança ocorreu mesmo existindo conflito de interesse entre estes países. Entretanto, em 1867 a Argentina e Uruguai abandonaram a Guerra. Além disso, tivemos o fato de Duque de Caxias, comandante do Exército brasileiro ter pedido demissão em 1869, por considerar a continuidade da Guerra uma carnificina. O seu substituto,

Conde d eu, marido da princesa Izabel, foi responsável por vários massacres, entre eles o de ter fechado um hospital paraguaio e colocado fogo e de por veneno nos poços de água, para eliminar toda a população, seja civil ou militar.

O Paraguai, que antes era o pais mais desenvolvido do continente, com ensino público e alto índice de alfabetização, passou a ter um quadro econômico e social mais dramático. Suas industrias nascentes destruídas, sua população quase foi exterminada com a morte de 80%, onde sobreviveram mulheres e crianças e retorno da produção exclusivamente agrícola. Além deste quadro ainda tivemos um governo fantoche, tendo em vista a ocupação militar do Brasil até 1874. Não bastou perder grande parte de seu território (390 780 km²), o genocídio de 80% de sua população, a destruição de sua infra estrutura e sua capacidade produtiva, ainda restou a divida pública [2] fruto de empréstimos junto a Inglaterra para pagar reparação de Guerra a Argentina e Brasil. Este fato vai dar inicio a dependência financeira junto a Inglaterra, a grande oficina do mundo. Este pais foi vitima de um genocídio e ainda teve que pagar pelo massacre que sofreu.
Entre os mortos do Brasil tivemos a maioria constituída por escravos colocados na condição de soldados. O Brasil se manteve em seguida preso ao modelo agro exportador via monocultura do café. Somente nos anos de 1930 o Brasil deu inicio ao seu processo de industrialização, logo após a crise de 1929 e a Depressão dos anos 30.
A Inglaterra foi a grande beneficiada pois teve a liquidação de um pais que tinha um desenvolvimento autônomo em relação a grande potência. Tudo isso ocorreu sem que a Inglaterra tenha declarado Guerra ao Paraguai e tivesse usado dinheiro público para defender os interesses de seus capitalistas. Bastou ter governos submissos aos seus interesses para fazerem o trabalho sujo. As guerras eram grandes negócios para a Inglaterra mesmo quando ela não atuava diretamente. Assim, emprestou dinheiro para o Brasil e Argentina, durante a Guerra e depois emprestou ao Paraguai para pagar as reparações de Guerra a Brasil e Argentina. Além disso, durante o conflito a Inglaterra vendia navios de Guerra e armamentos para os países envolvidos.
Neste caso a Inglaterra terceirizou a responsabilidade operacional e os custos da eliminação de um possível concorrente. A história oficial se encarregou de tentar transformar os dirigentes deste conflito em heróis nacionais, enquanto se tratou efetivamente de tamanha submissão aos interesses imperialistas ingleses. Ou seja, viramos bucha de canhão do imperialismo inglês. O Exército naquele momento era composto por oficiais vindos da classe média e soldados recrutados entre os escravos [3] e pobres. Desde então tivemos a modernização e o fortalecimento institucional do Exército e uma história de sucessivos golpes de Estados com papel destacados dos militares, que vão desde a proclamação da República ao Golpe Militar de 1964, numa nova etapa de expansão do capital estrangeiro em território nacional, agora sob a hegemonia dos EUA. O Brasil cumpriu este papel sujo de eliminar um embrionário concorrente da Inglaterra, pois estava na fase inicial da sua industrialização, enquanto o brasil estava impossibilitado de dar inicio ao seu processo de industrialização.
A lição que surge deste fatos é que os países que se industrializaram no final do século XIX ao completarem suas industrializações fizeram de tudo para evitar que novos países se industrializassem como afirmava Friederich List, pois significa o surgimento de países concorrentes. *[grifo meu] Ao mesmo tempo, o governo imperial brasileiro oferecia a estes banqueiros ingleses a garantia de rentabilidade de 7% ao ano àqueles que concordassem na implantação de ferrovias para dar sustentação a expansão da atividade cafeeira, iniciando a Parceria Publico Privada ou capitalismo por conta e risco do dinheiro público. Com esta Guerra a dívida externa brasileira vai ser impulsionada e com isso a* dívida pública *tem um acelerador. A*

*dependência financeira foi a marca principal, pois da época da independência até o fim da Monarquia, o Brasil tomou 17 empréstimos em bancos ingleses, para quitar débitos antigos [4]. Tal fato comprometeu os gastos sociais e as politicas públicas, e ao mesmo tempo que assegurou o lucro dos banqueiros e ampliação da dominação financeira sobre o Brasil. A Guerra do Paraguai precisa ser revista de forma critica para entendermos os grandes problemas atuais e os desafios que enfrentaremos. -**Guerra da triplice aliança : submissão, genocídio e dívida pública, José Menezes Gomes: Doutor pela USP, Pós Doutor pela UFPE, Professor do Mestrado em Serviço Social e do Curso de Economia de la UFAL de Santana do Ipanema.***

Guerra da triplice aliança : submissão, genocídio e dívida pública

22 de Outubro de 2014 A Guerra do Paraguai ocorreu de 1864 a 1870, quando os países: Brasil (9 milhões de hab)…

www.cadtm.org

Aliás permita-me repetir:

A lição que surge deste fatos é que os países que se industrializaram no final do século XIX ao completarem suas industrializações fizeram de tudo para evitar que novos países se industrializassem como afirmava Friederich List, pois significa o surgimento de países concorrentes.

Só no século XIX? Século XX. Século XIX. Celeiro do mundo, pulmão do mundo. Índio, floresta, direitos humanos, são apenas armas ideológicas nas mãos de outros estados. E é justamente por isso mesmo que do uso e abuso, dessa hipocrisia, da contradição entre as narrativas e práticas, desse falso humanismo, cosmopolitismo, e ambientalismo dessa falsa democracia, liberdade, e direitos humanos instrumentalizado para interesses de estados e corporações transnacionalistas e projetos de poder autoritário disfarçado de libertário, dessa falha narrativa que os governos ultranacionalistas e populistas e viés totalitário voltaram a carga e tomaram de assalto esses castelos em ruínas e se fizeram os falsos salvadores protetores e profetas dos interesses dos povos e pátrias contra esses “conspiradores internacionais”. Uma tosca e grosseira falsificação a apropriação ideológica de discursos antissistemicos. mas que continuam a crescer cada vez que podem usar dessa contradição, dessa falha do sistema ideológico hegemonico, que como faca de dois gumes, retroalimenta essa contra-ideologia, que não deixa de ser a mesma falsidade e falsificação e instrumentação ideológica não só polarizada mas radicalizada. Um outro projeto de poder antagonista e polarizado, fundamentalista, extremista porém da mais nova versão da velha ordem mundial, que sempre volta oportunamente para colocar o povo no seu devido lugar em tempos de crise agitação e demandas por mais liberdades e igualdades e sobretudo igualdades de liberdades e autoridades sobre o próprio poder sobre o bem comum, a base das misérias e tiranias- incluso as disfarçadas de civilizações altamente graças inegavelmente a seus próprios sacrifícios, mas também inegavelmente as custas dos sacrifícios humanos e ambientais alheios capitalizados como desigualdade de desenvolvimento humano e socioeconômico e portanto supremacia e poder.

Nesse eterno 1984, nesse eterno admirável mundo novo, sempre igual ao velho, nessa animals farm´s , onde a guerra de propaganda, incluso pela história não das civilizações, ou da humanidade, mas pela história em tempo real, a escrita na cara das pessoas cotidianas como narrativa da sua realidade fantástica, a que nega e renega descaradamente seu próprio senso comum, bom senso, ciência, consciência e substitui por todos tipos de credos e crenças em autoridades, confissões, pregações e propagandas quem perde não é só o consumidor fidelizado. Mas o gado e cavalo de procriação, exibição, arado, montaria, combate e abate igualmente domesticado.

E se digo isso, não é para que tenhamos medo dessa maldita dança da morte, ou desses velhos malditos que não querem viver jovens para sempre a custa da vida alheia pulsando a morte, fedendo a mortos-vivos. Não é para acrescentar mais um capitulo a esse filme trash de terror B, mas só para lembrar que há muitos melhores e mais importantes do que essa vontade idiota de viver para sempre incluso para além da vida, principalmente na vida dos outros, (o mania do caralho, de não querer deixar os outros viverem a vida deles, nem depois de morto!!!) essa vontade maldita de querer viver assombração memorial, juridica, instiicional, essa vontade maldita de se agarrar ditar, existir a todo custo através da vida dos outros.

Lembrar que estamos aqui para coisas melhores como viver e morrer não por coisas e ideias, mas por seres que valem o sacrifício não de outras vidas, mas o sacrifício da única vida que de fato temos o direito de sacrificar a nossa e não dos outros. Seja num único gesto, seja numa vida inteira de dedicação e sacrifícios, não para um “o quê”, mas para um “quem”. Uma ou mais vidas, mas vidas, do contrário é uma vida ou um tempo de vida jogado fora, porque querendo ou não morrendo sempre estamos é a grande pergunta é não é pelo que, mas por quem? Por qual vida ou vidas se vive ou se morre, porque não se engane ninguém está nunca querendo ou morrendo em vão, todos estão percebam ou não vivendo e morrendo para que alguém tome seu lugar, alguns sabem disto e escolhem fazê-lo, outros não. Não há vida sem sentido, o que existe é vidas sem sentido próprio, vidas onde as pessoas não definem o sentido e finalidade e função delas, mas cujo sentido e finalidade e função são definido pelas circunstancias e não raro por outras pessoas que as tomam em tempo parcial ou integrar como objeto de emprego para satisfazer o que elas definem como o que elas definem conscientemente ou não como o delas, mesmo que esse sentido não seja nada além do que seja satisfazer seus desejos e vontades ou meramente possuir usar quem o que quiser como bem entender, simplesmente porque pode.

Tolo portanto de quem acha que a vida não tem sentido, apenas deixa o sentido da vida para ser definido para quem se autoridade prepotente para predefinir e ditar incluso como ordens e mandamento e preconcepções qual o destino e sentido das vidas e mortes alheias. O sentido natural da vida é morrer para dar vida, qual vida, qual criação, quais criaturas, quais obras, eis a vocação dos seres dotada do poder de gerar ou reproduzir vida, incluso novas formas de vida, o poder libertário da criação, que não é preconcepcional nem masculino, mas conceptivo e evidentemente feminino para ódio e reacionarismo do patriarcado. Liberdade como poder da vida, da geração do novo, e das novas geração. E não grito de morte para preservar o velho, o carcomido, o morto, o arcaico. O que se não é podre é pai e mãe que se sacrifica e dá a vida pelos filhos e não os entrega sua carne em troca de mais alguns dias ou cobres, não para carregar seu nome, sua memória, seu dna, sua herança, suas glórias suas conquistas, sua herança, seu...seu... seu... seu... seu... mas para fazer ele cavalo

das suas frustrações materialistas transcendentais, mas para dar o verdadeiro legado que uma nova merece enquanto uma nova vida, merece precisa, um novo mundo, livre das assombrações e erros e pecados dos seus antepassados. Sei não, é claro que isso é uma questão de interpretação teológica mas talvez por isso o tal libertor da galileia tenha optado não por crucificar os outros em vingança pelas crucificações , mas em se dar em sacrifício pelos erros e ou em linguagem de programação teológica pecados de quem verdadeiramente ama e quis salvar.

Uma lógica de autosacrificio que não exige tamanho martirio de todos, nenhum sacrificio derradeiro e definitivo, mas que o sacrificio e renuncia proporcional cada responsabilidade assumida para cumprir a missão voluntariamente assumida. Mas que é necessáriamente a lógica contraposta a que prega, manda demanda e sobretudo obriga os outros a ir para a linha de frente servir de escudo ou boi de piranha no lugar dos covardes e meros pregadores, mas que assume a vanguarda e enquanto de fato a for, põe o seu corpo de escudo e dá a sua alma como alimento e não suga a alheia. Se faz Pão que alimenta o corpo, pão que alimenta a alma. Uma outra lógica de (des)programação, feita realizar o milagre de ressuscitar vida não onde está tudo seco, mas até entre exércitos de mortos-vivos. A contracultura ao culto estatopata eugenista de morte e seus pets esquisofrênicos, não só os fundamentalistas fanáticos mas também os niilistas que querem colo da mãmãe.

Antinatalistas: as pessoas que querem que paremos de ter bebês

"Não seria melhor fazer um buraco na Terra e acabar com tudo?". Quem se pergunta é Thomas, 29 anos, morador do leste da...

www.bbc.com

Agora voltando para alegoria dos currais e cemitérios malditos. Querendo ou não todos morrem. Querendo ou não vidas serão sacrificadas. E se não é você a dar um sentido ao sacrifícios da sua vida e morte serão outros a fazê-lo em seu lugar. Serão outros a sacrificar a sua vida, e em nome de coisas que você não gostaria nem de viver por, quanto mais morrer, ou pior matar ou ter que conviver porque está preso numa armadilha onde se não mata ou não deixa morrer e matar, não sobrevive, ou quem você ama não sobrevive. A armadilha onde o sentido da vida e as funções de quem quer ganhar a vida são determinadas no topo por psicopatas a manipular as pulsões de sobrevivência individual e coletivas, os instintos gregários e egoístas de preservação das pessoas como técnica de controle de domesticação de todos seres vivos, incluso seus semelhantes.

Fugir ou tentar transferir esses sacrifícios, sonhar em ser predador e não mais a presa, tudo isso faz parte dessa enorme fazendas de gentes. Um mundo onde amputadas as empatias, não dá mais para sofrer as dores do mundo, mas só os medos de que o outro seja um prenuncio do que espera amanhã, onde não choramos por compaixão pelo outro ao nos colocarmos no lugar dele, mas novamente por nós mesmo por nos imaginarmos nosso sofrimento no lugar dele, mas um lindo exercício de autopiedade e autocomiseração, uma particular forma de sado-masoquismo feito do sofrimento alheio, que naturalmente não tira ninguém da miséria, porque no máximo produz medinho e tesão. Um medo racional demais para quebrar esse ciclo vicioso. E um tesão que nada tem a ver com a dor que muitas vez é piedade, mas raiva e revolta pura compartilhada de ver uma pessoa passar por aquela

condição, mesmo que não se saiba contra quem ou o quê. A vontade de fazer algo e não o coitadismo, que faz a própria pessoa ou quem está ao redor se levantar e não sentar chorar e reclamar, ainda que isso tenha custos ou mesmos riscos.

Mas ainda na falta de sentimentos gregários, há um medo egoísta que por si só é mais forte para superar tanto o medo da morte materialista quanto a promessa de vida eterna em troca da fidelidade canina, o medo de jamais finalmente descansar em paz, . Caso ainda não tenha se percebido, salvo quem é veio aqui para tacar o terror e holocausto, e que não necessariamente vai escapar do fogo no circo, o resto da humanidade está aqui não para se fuder, com raras pausas para tomar um folego, se vai viver e morrer com um dignidade eis a questão. Porque pior do que morrer, ou como se vive ou se morre nessa vida, é ter que reviver de novo e de novo essa maldição porque enterrado nem vivo nem morto, mas como coisa, como pet nesse cemitério maldito.

Uma metáfora por óbvio, mas que representa a sina da verdadeira história da humanidade, não como grandes civilização, mas como povos, especialmente os já extintos pela sapiência da própria humanidade, mas pode chamar pelo nome científico: homo sapiens. Que por sinal, nem de outras civilizações a lhes colonizar para se fazer um serviço que fazem "consigo mesmas" sozinhas.

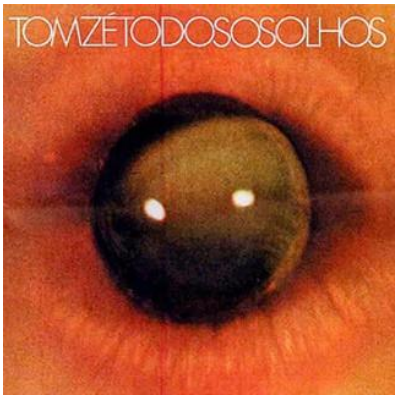
Anasazi, o povo misterioso do sudoeste dos EUA - Planeta

Construtores dos mais altos prédios da América do Norte pré-colombiana, os anasazis não adequaram suas necessidades ao…

www.revistaplaneta.com.br

Idiocracia: "Passar fome no Brasil é uma grande mentira…" e a "verdade" libertará: "R$ 200 bilhões vão para o bolso dos mais pobres"

Dos mitos dos grandes celeiros do mundo ao bolsa-família



Bolsonaro falou merda. E lógico veio a grita. Confesso que pensei em fazer coro. Mas passei a minha vez. Faz tempo que quando Bolso, Lula e coral cantam eu calo, não estou a fim de fazer backvocal para as bobagens deles, nem muitos virar caixa de ressonância. Até porque quanto mais você bate nesse tipo de merda mais ela cresce e se espalha. E sobretudo mais tempo e foco se perde do que realmente interessa. Por sinal a função dessas bundas em forma gente e suas obras. Não são sequer pombos enxadristas, são Espantalhos. E espantalhos servem para isso mesmo, tirar a atenção das pessoas do que importa, e fazê-las perder sua vida se batendo e rebatendo sobre o que sequer deveria ser posto em questão quanto mais debatido.

E toca a explicar o obvio ou pior a tentar entender o sabidamente absurdo e inexplicável, cuja função é esta. Ser um nó cego para trouxas perderem tempo a adorar, para trouxas perderem tempo a desatar. E tanto faz se a armadilha cognitiva é planejada ou improvisada, se a imbecilidade e ignorância, é fruto de cretinice incontrolável ou limitrofia manejada, porque no final das contas, o efeito é mesmo: tanto a cortina de fumaça e manobra diversionista se formam quanto a imbecilização por osmose absolutamente necessária para o espetáculo de ilusionismo da idiocracia simples e pragmaticamente funcione e a imbecilização coletiva progride. Um jogo win-win a curto e longo prazo. Onde as pessoas passam a amaldiciar o dia que ousaram proclamar e reclamar por mais liberdade, e foram convencidas e ferro, fogo, repressão e mais privações e carestias que são um bando de imbecis, incapazes de exercer sua liberdade sem a tutela de burocratas, teocratas, autarcas e toda a corja de tiranos e despostas ilustrados e esclarecidos. Pediram mais democracia? Pois ganharam mais idiocratas e idiocracia. Só para voltar a clamar pelos bons tempos das ditas brandas e ditaduras. Eis a verdadeira golpe e bomba cognitiva por trás, de todo esse dedo no cú e gritaria, convencer o povo, de que ele incapaz de ser livre, que ou vive sobre o jugo de oligarquias ou sobre a tirania de populistas, qualquer outra opção resultará em caos, ainda que esse caos seja o caos devidamente planejado e arranjado pela eterna simbiose das partes autoritárias e totalitárias tanto as domesticas quanto internacionais que pisam no seu pescoço para disputar entre eles e tão somente eles quem irá monopolizar o maior circo e negócio desta terra: a tutela das gentes. A condução dos iguais que são menos iguais que os outros.

Como diria, Moniz Bandeira só existe, um regime pior do que tirania, a anarquia. Principalmente quando a anarquia é aquela construída por uma tirania no território alheio. Porque nesse caso, melhor seria que caísse um meteoro, no território, ou territórios que exportam e cultivam misérias para extrair supremacia e capital. Por que a lógica é inversamente proporcional e verdadeira. A anarquia entre os territórios da tirania, é a

garantia que os povos que vivem tiranizados não precisam dar graças a deus, nem muito menos as déspotas minimamente esclarecidos ou menos sanguinários, por serem coronéis e sinhozinhos menos que seus pares ainda mais corruptos, limítrofes ou estatopatas.

Uma questão portanto de ampliação da perspectiva ou se preferir da consciência, onde as redes de beneficiários de tamanho caos planejado não morre nas fronteiras imaginários do subdesenvolvimento, mas se reproduzem na mesma razão ou padrão de simbiose de corrupção entre aqueles que detém e disputam os projetos de poder, incluso como ideologias e idiocracias para além dele. E aí do povo provinciano que não se contenta com seu tirano fantoche, corrupto ou espantalho, porque se reclamar receberá por mais liberdade receberá como paga, bombas na cabeça e a volta da escravidão, em alguns caso não só análogas,mas literalmente.

E traidores e criminalizados serão os que ousaram se levantar, porque foram eles que causaram a ira dos dos senhores e capitão do mato, e envenenam a população, as mulheres, os negros, os pobres, os ignorantes com essa ideia subversiva que não precisam de déspotas nem a esquerda, nem a direita, nem bondosos, nem maldosos a os guiar, porque não são crianças nem retardados. Que não há nenhum problema congênito, nem na sua gene, que não lhe falta nada, não neles, mas para eles. E o que lhe falta não por acaso, vejam só, está na mão de quem lhe tutela. Que todo ser humano dada as mesmas condições é tão capaz de ser tão imbecil ou tão genial quanto qualquer outro, exatamente nos limites máximos e mínimos dessas condições. E que portanto ser tanto um cretino, inútil e improdutivo dento dos limites da dignidade e liberdade e paz humana quanto qualquer outro, ou fazer coisas desde que esteja livre de quem por bem ou por mal se arroga a prerrogativa de decidir o que ser feito para ele o que deve ser feito dele. Essa é lógica do reforço negativo, das tiranias que vivem de plantam problemas para se vender como solução. De tal modo que enquanto aqueles que se doem e deliram novamente até suspiram pelo dedo no cu e gritaria das dita brandas ou ditaduras desde que seja é claro parte a parte, no dos outros, é claro.

“Cuidado!!! gritam eles, Parem, não derrubem com tudo! Para onde vamos sem alguém a nos guiar?” E toca a esperar ou improvisar um novo Dom Sebastião... da cor e camisa e bandeira da minha afiliação. Pois, melhor seria, se ele jamais aparecesse, ou não improvisam mais um... E claro o problema é o povo que vai eleger essa corja, “de livre e espontânea vontade”, melhor seria dizem sem pudor já alguns deixar os mais bem nascidos e mais bem preparados desde o berço para governar, governar essa plebe rude e ignorante. Nem mais se preocupam em vender o 171 do um dia quando estiverem preparados a gente, liberta. Não... não tem jeito. É arianismo. Há raça e castas, que nasceram para governar ou para serem governados. Como se populismo inclusive aquele que ascende do mercado eleitoral sobretudo em países de currais partidários-eleitorias fossem frutos de uma verdadeira livre escolha popular... Seria até uma piada, se não fosse mortal. Como se a maioria do povo pertencesse de fato a uma sociedade quando sequer é proprietária, usufrutuária de parcela de porra nenhuma do patrimônio nacional exceto é claro a obrigação de contribuir para continuar sustentando a locupletação dos parasitas com o que lhe resta ainda a ser expropriado, trabalho braçal.

Pois é... tolo de quem acredita que caos como esse se improvisa. Não meus amigos. Se se tem um industria que nunca entra em crisa, e que está em pleno vapor no Brasil é a do subdesenvolvimento mas pode chamar de idiocracia. Por que antes de ser um estado de

(sub)desenvolvimento é sobretudo uma visão de mundo, ou se preferir o espelhamento na nossa vida concreta da falta dele. E que seria do Brasil sem nossos salvadores da pátria, os especialistas em (criar) guerras e divisões de classes, desinformação, e discórdia, soltos ou presos? E o que seria deles, um sem o outro? O que aí o que seria de nós? O que seria do povão desse Brasilzão sem essa dupla sertaneja “Dedo Cu e Gritaria” e corais, e se revezando ora um no dedo ora outro na gritaria para delírio macacos de auditório e a galera a literalmente delirar. E solta o som, DJ.

Digamos assim, cada um se preocupa com o que tem na cabeça. E logo sente e grita onde mais lhe dói e é sensível. Pois é... Cada idiota e idiocrata com sua devida fixação e fetiche. Há quem se doa e grite por seu idolo preso... que por sua vez suspira por voltar ao poder... Outros fazem exatamente o mesmo só que por seu ídolo solto,que por por sua delira em verso e prosa sobre picas amputas mal lavadas, e cagadas dia sim dia não... já se dói ou suspira ninguém sabe

ou na falta delas perseguindo como diria o psicanalista teatral Nelson Rodrigues por quem foi o filho da puta que desenhou caralhinhos voadores no seu banheiro...

Mas e a fome no Brasil? Fora o dedo no cu e a gritaria , para fins de narrativas políticas de ficção e desficção. Espantalhos e manobras diversionistas fora quem realmente se importa? Ou melhor, quem realmente se dói ou faz mais do ficar cutucando a trave do olho-não necessariamente do cu- dos outros e fazendo gritaria? Muito embora, como já desconfiava e estudava o sociólogo Gilberto Freire, é bem provável que o terceiro olho do brasileiro não está na glândula pineal mas irremediavelmente no rabo, perdão, em algum lugar do esfincter. Bem longe portanto do olho que tudo vê, seja como sujeito, seja como objeto.

Bunda, Paixão Nacional - Artigo de Gilberto Freyre

"Inclinados a tal, sob que influências vindas de longe? A esse respeito é bom recorrer-se à fonte de informação do...

contobrasileiro.com.br

O que não é um problema desde que seja o seu, e não o dos outros. Ou seja, preso na fase anal enjaulado como um macaco de zoo, cuja única felicidade é falar fazer e claro jogar a merda nos outros, senão qual é a graça? E não adianta por em palácio, porque merda e os hábitos de enjaulado vão junto...

Mas dedo cu e gritaria a parte, e a fome?

O que tem ela? No Brasil ninguém passa fome, quanto mais morre-se disto. O grande líder não disse a verdade, então pronto liberto estamos dela? Da verdade. Não gostou dessa pancada. Então, cai fora, porque o verdade que liberta aqui, é esse, benção, pancada, gritaria e bunda, e claro combos.

De soco ungido, (mentira ainda não chegou(não?), mas façam suas apostas se ou quando vai chegar... tanto faz)

Vídeo mostra 'campanha do soco ungido' e bomba na web; atitude das igrejas causa polêmica

Algumas Igrejas Estão Adotando A 'campanha Do Soco Ungido Em Fiéis' E Os Vídeos Estão Bombando Nas Redes Sociais...

alagoasalerta.com.br

Passando pela surra de bunda...

Fome, não morre pelo que não entra na sua boca. Mas pelo que sai, e logo portanto tanto pelo que há na cabeça e não deveria estar lá, quanto pelo que nunca entra mas deveria já ter entrado faz tempo e não só a sua mas dos outros. Mas quem pensa pela bunda, morre pela bunda. Assim como quem pensa pela barriga, figado, e por aí vai... Não é portanto a toa que a maioria do brasileiro seja um bando de coitados e coitando, alguns a alternarem-se nas suas posições de poder, sem deixar é claro abdicar do poder mutua e simultaneamente uns aos outros de preferencia pelas costas, afinal não é a preferência nacional segundo a sociologia de revista masculina do século passado?

Como diz o meme (agora proibido) E no céu tem pão?

E morreu.

Mas só Morreu porque não tinha nascido ainda o nosso messias e macunaima de coturno e farda, o gênio da raça, que já mata dois problemas com uma cajada só, a fome,a poluição ambiental e de quebra a superpopulação com seu malthusianismo de canavial: come menos, caga dia sim, dia não, e faz menos filho. Porque gente com cultura não faz muito filho, mas pouco, salvo ele próprio é claro, a exceção que confirma a regra. Gênio. Mané Mulher sapiens... o cara é mito mesmo, velho de rastelo é para os fracos, o tio é uma quimera. Depois, ainda tem gente, se perguntando como é que tem tanto doido não só falando mas fazendo todo tipo de barbaridade e monstruosidade que deixa perplexa a “sociedade” por aí. O nome disto é representatividade . Uma representativa não só institucional, mas cognitiva, que tem um custo caríssimo, politico e humano.

O raciocínio é justamente o inverso de quem ganha seus cobre passa o pano da degenerencia, e corrupção passando o pano em quem está no poder (ou caiu dele). Não, não é o comportamento do zé ninguém que dita a honestidade ou desonestidade, não é monstruosidade dos psicopatas e perturbados de quebrada que influenciam a pobre e vulnerável mentalidades dos nossos todos poderosos autoridades levemente perturbadas e limítrofes ou visivelmente perturbadas e taradas a vomitar soberbamente imbecilidades,injustiças em atos e palavras. Mas justamente o inverso, na inversa razão e proporção do seus poderes e representativa dos seus atos e palavras supremas quando não

explicitamente supremacistas. São elas e sua difusão que perturbam encorajam e inspiram os já perturbados, provocando o ciclo viciosos desse caos onde o mal difuso que viraliza, para ser remediado com mais atos poder e vigilância centralizada. Não, o poder não só corrompe, o poder enlouquece. Mas quem disse que essa loucura não há de ter método?

Mas dedo no cu e gritaria a parte. E a fome? Quê fome? Uê ela não tinha mesmo acabado? Porque o escândalo com o que presidente Dilmo com todo o seu sincericiderês de curralista de estrebaria disse? Ela não tinha sido oficial e proclamadamente erradicada jundo a miséria? Não tínhamos saído no mapa da fome? Foi tão meia boca assim, a revolução social do período social-democrata liberal e trabalhista, de FHC à LULA que bastou 2 anos de Temer e só 1 de Bolsonaro, para botar no chão 20 todas as conquistas econômicas e sociais? Então ele não é um idiota é um gênio. Ou os gênios não são gênios mas perfeitos idiotas.

Porque teria então desfeito sem ter conseguido ainda fazer nada praticamente nada o que outros levaram anos para conseguir fazer. Logo de duas uma: Ou o que foi construído era de areia, de vento, ou ele não derrubou nenhuma. Nem as conquistas nem o que falta combater. Um pirulito para quem adivinhar qual a alternativa correta.

Pois é. Conquistas foram feitas, e aumentadas como propaganda partidárias-governamentais e malabarismo estatístico. A fome (e miséria) foi de fato reduzida, mas evidente não acabou. Assim como agora, é claro, tem voltou a subir. (Vamos aos dados mais a frente).

Logo quando Bolsonaro diz que não vê mais miséria, ele na verdade corrobora e fortalece o discurso de que recebeu um pais onde tudo era só flores na época dos seus desafetos. E com um marketeiro desses o PT nem precisa contratar um... Aliás o mesmo vale, para o campo oposto.

Bolsonaro sempre que fizer merda pode contar com algum plano dos aloprados para tirar suas bobagens de foco, e poder chamar ordem unida para sua tropa de recrutas zeros. Estão com a cabeça em outro mundo, o do “Eles não passarão”. Quando não só já passaram, como vão continuar desfilando como o cadáver pútrido da velha esquerda de prêmio, enquanto ele continuarem brincando esse jogo de gato e rato totalitário para se manterem na mídia e salvarem seus ídolos com uma dialética da discórdia e demagogia onde se constrói inimigos para desconstruir futuros adversários sem precisar jamais sair dos discursos, bastando usar o jogo dos contrastes com o que há de ainda pior. Pois é passaram e no que depender das inteligencia da esquerda, continuarão desfilando por muito tempo. Pois no que depender da velha esquerda esquerda não vão deixar que os pitbulls se devorem entre eles nunca. Jamais conseguirão deixar de fazer o seu papel de inimigo comum capaz de unir quem sequer consegue criar uma agenda propositiva nem mesmo quando já estavam em franca antropofagia.

E os estrategistas do campo oposto dizem muito obrigado. Isto quando não jogam a isca que os aloprados engolirem com anzol e linha. Ou será que a a velha esquerda imaginou que da cartilha do plantar discórdia, desconstruções para mascarar a completa falta de planos e ações estratégicas infraestruturais e sociais de modo a sustentar tanto a nulidade

propositiva, bem como acobertar a repressiva elas tinham adquirido o monopólio da propriedade intelectual?

Logo, a direita agradece novamente quando os mortos-vivos saem da cova, mas se puderem cutucam. Afinal forem eles que inadvertidamente com seus planos e projetos de poder alimentaram e abriram as porteiras para esse baixo clero e alborbequetes se tornassem os novos gurus e salvadores da pátria que são hoje. E de quebra ainda entregaram uma estrutura estatal já aparelhada e montada, bastando uma caça as bruxas para colocar os novos amigos do novo rei. Mas quem não aprendeu ainda, não vai aprender nunca: são e sempre serão uns quinta-coluna mesmo. Tudo que precisam fazer era não fazer nada, ou mais especificamente esperar que o adversário entredevorar-se na luta pelo poder recém-tomado. Mas isso era impossível. Primeiro, porque dependem deles para simbioticamente existir. Segundo, porque entre os quinta-colunas também existem quinta-colunas e tal ordem unida é só mais dedo no cu e gritaria do qualquer ordem ou união.

Bolsonaristas não podem se livrar dos petistas, e vice-versa. Não ainda, não sem antes uns e outros arrumarem outros pares ideológicos para dançar. Sua Politica partidária é guerra como outros meios, não é a feita da afirmação propositiva e gregária mas da discórdia e desagregação, a afirmação de um grupo extremo pela confrontação do outro extremo , enquanto de prática a tática de terra arrasada, negação, desconstrução e destruição de todos os demais espectros pela lógica se não está conosco então está contra nós. Uma dança macabra, que só funciona se todos estiverem delirando enquanto sem percebem se preparam para entrincheirar até a morte.

De tal modo que na falta de inimigos, inventam e passam a se dividir e entredevorar, não só porque essa é natureza da sua ideologia, mas porque essa é a premissa necessária para que ela se sustente como projeto de poder. De tal modo que com a mesma velocidade meteórica que chegaram ao poder, também estavam atingindo o arco da dessa decriputide precoce inerente a corrupção do poder, já praticando a velha e bom trairagem, troca de favores e canibalismo para poderem se locupletarem nesse melaço podre, mas rico em proteínas.

Nisto direita e esquerda autoritária são iguais. Na falta de adversário a frente para atirar, atiram uns nos outros pelas costas. É inevitável. São entidades que simplesmente precisam de guerra domestica ou externa, de classes, civilizações, ideologias, para justificar sua demagogia, porque sem ela, suas narrativas caem em absurdo e o que sobram das práticas e ações são os fatos desacobertados. Eis que os dados e números já não batem e os feitos de repetem se apequenam ou desmancham, e a corrupção percebida explode.

E não é só a política partidária que carece de inimigos reais ou nem tanto, mas a governamental. O Estado e estadista sem inimigos externos ou internos não é um rei nu, é um rei sem trono, quiça sem cabeça só ainda não sabe. O Estado-Nação que de tempos em tempos não arranja uma guerra quente ou fria com outros países, arruma contra alguma causa, drogas, terror, criminalidade. E se não tem meios e forças para ocupar e travá-la em territórios alheios, os faz nos seus, mas nas margens, e nos centros políticos e financeiros, é claro. E vive como disse por sinal o próprio general Mourão com números de um estado de guerra, dentro do supostamente deveria ser um estado de paz.

Mas se nem um general consegue explicar ou talvez entender que quando você precisa de forças armadas sobretudos militares dentro do seu próprio território, você não ganhou, você já perdeu, e de novo, resta o quanto e quantos para pacificar o que vai irromper em conflito, quem vai? Se nem quem preside o pais sabe porque com tanta riqueza e comida ainda há gente passando fome e que isso é responsabilidade de quem detém como subsidio do monopólio da violência a regulação do patrimônio e usufruto do bem comum enquanto patrimônio nacional que é propriedade do governante, mas do povo de cada cidadão. Como explicar para o idiota e que se diz nacionalista que reconhece os direitos de propriedade renda incluso de corporações e fundos gringos sobre a terra brasileira, mas não reconhece o direito de cada brasileiro sobre a renda? Como falar com o idiota que se diz liberal e que reclama do estado, sua corrupção e burocracia e corporativismo mas não restitui o que de fato pertence a cada brasileiro como seu dividendo sobre esse patrimônio nacional?É deles ou é do povo? Perái, aí, não... veja bem... Chama o dedo no cu e gritaria... e dale surra de bunda e soco ungindo... e adivinha com o patrocínio do dinheiro de quem?

Porque será então que o verdeiro dono da terra, não pode portanto colher, nem recebe a sua ínfima parte, a da fome, do que é colhido, que é vendido da riqueza desse celeiro do mundo?

Caberia portanto ao feitor desses campos, o capitão-mor dessa ainda província, saber porque o verdadeiro dono e herdeiro não só passa fome, mas morre de fome sem que ele veja nada. Enquanto os posseiros e grileiros legalizados engordam e frequentam seus palácios. Pois nos dois casos querendo ou não é cúmplice de um crime no mínimo de omissão. Supondo então que a constituição não seja papel para limpar a bunda, e que o Brasil não seja mais uma capitania hereditária de alguma metrópole outra, e portanto que as riquezas naturais tanto as que estão debaixo ou crescem acima da nossa terra, pertençam de fato ao seu povo, e quem pague imposto, não o faça porque o Estado seja um bando de mafiosos, miliciosos e ladrões a cobrar proteção antes de tudo contra si mesmos, mas justamente para que o proprietário da terra não seja roubado dela, nem do seu usufruto, nem como particulares nem como comuns. Até porque uma vez roubados não só toda a riqueza dos bens comuns, há propriedades particulares nada mais é do que uma mansão no meio de um deserto, sem valor e por sinal sem nem um trouxa para se prestar nem para tomá-la nem para defende-la especialmente para o alheio, sendo coerente como a lei dos interesses exclusivamente particulares. Porque ou padeiro faz pão buscando maximizar seus interesses particulares, ou outros, e não instando a servir a outros impostos a força quando a teoria da maximização entra em regime de exceção e subsidio estatal.

Mas como disse não é essa a função nem do feitor, nem da feitoria, sua função é de fato redistributiva e inversa, especialmente perversa nas províncias da periferias do mundo, já que seu papel hobin hood as avessas, ou seja ladrão legalizado, presta serviços de pilhagem expropriação devidamente discriminada para muito das cercas e subdivisões da grande latifúndio que compõe a sua administração estatal, concessões, subsidiados e terceirizados. O que muda é o regime dessa administração, ou mais precisamente os grandes beneficiários a casta que controla a máquina, mas em ambos há de haver exatamente no mesmo lugar sempre fora e apertado, na base o povo. um saco de gatos que por sinal o define, justamente não pelo que possui ou é, mas exatamente mas de fato exclusão por tudo que não é política nem economicamente. Uma classe que portanto de fato não existe, senão em tese, e como negação, porque em prática, de fato fora a abstração das classes é gente com mais ou menos

capital, ou mais próxima do centro de gente e grupos que detém esse capital querendo ou não servido-a para sobreviver. O resto é cantoria. dedo no cu e gritaria.

Tal é a natureza dos regimes, Classes só entram em jogo, quando portanto na concessão desses títulos sejam como direitos e privilégios E aí, meu amigo, quem acha que origem, herança genética ou cultural do individual não pesa, tanto quanto uma arma apontada para a cabeça de sujeito, é porque estou tempo demais historinhas pra boi dormir. Como critério para a discriminação alheia, as regras tácitas e por vezes declaradas que estabelecem os direitos dos raças, tribos, sexos, idades, em diferentes terras, lugares, tempos, enfim as diferenças por preconcepção e não por ação, não estão apenas acima mas imanentes e transcendentalmente não só na epsitme mas no logos das supostas leis das ciência econômica ou politica. E pobre do pobre que se perde em ideologias, partidos, e cantorias, porque essa é uma brincadeira de criança menino rico como menino rico, que não raro quando perde leva a bola embora. Sua realidade não é a bolha, o real não é a cantoria, não é debate, não é brinquedo, não é um jogo, não é projeção, nem pregação, carestia alheia é a sua e não nos olhos, mas na carne. É fome e porrete. O resto é distração de espantalho enquanto nego morre de uma ou outra de preferencia na labuta. trabalhismo, paternalismo tuteladorasssistencialista ou escravagista-punitivista, mas ambos escravagistas travestido de salvadores da pátria que servem a outros senhores. a lagrimas dos crocodilos, os risos histéricos dos sádicos, ora pão ora sangue, mas sempre circo e cantoria e da-lhe dedo no cu e gritaria. Porque uma coisa ninguém pode reclamar do progresso: por falta de barulho e distração ninguém morre.

Mas com quem estou falando? Não torço, nem jogo em nenhum time nenhum nesse futepoliquez, mas para o estadio superfurado cair de vez com todos cartolas de dentro e o povão de fora. Então me divirto, jogaçoooo, 7 a 6, e só com gol contra de mão ou pênalti e voadora nas costas é carrinho, incluso dos jogadores do mesmo time... porra pelo menos isso, afinal de contas somos nós que estamos pagando e muitos com o couro. Então na falta de coisa melhor tem que no minimo se divertir e torce mesmo... torcer para eles se foderem... Sou das antigas quando videocassetada e Datena de pobre não era ver coitado se estrupiando, mas autoridade, e não a pequena, que recebe um salário de bosta, mas a grande se fudendo, senão, não tem graça...

Então se tem uma coisa que bolsonaristas e lulistas estão certos é que todos os demais não podem é ficar isentos nesse jogo deles. Assim, se por força maior, por privação de força própria você não puder fazer nada além de assistir então siga o conselho deles e torça... torça para que eles explodam, juntos e abraçados e sem mais outra prorrogação, mas não precisa contar pra ninguém primeiro porque não devem nada a ninguém, segundo e mais importante porque maluco delirante principalmente os fanáticos surtados não se contraria, porque se todo mundo dizendo amém já são perigosos, contrariados tendem a se tornarem ainda invasivos, possessivos e violentos e claro fanáticos. Tó fora. Em briga de escorpião eu é que não meto a mão...

Idiocracia, meu amigo. Idiocracia. Ou como diria timidamente e tardiamente o filosofo português:

Brasil vive "tentativa de imbecilização coletiva", diz filósofo português. Por Marcos Lúcio...

Publicado originalmente na RFI POR MARCOS LÚCIO FERNANDES Os últimos anos da política brasileira, desde as...

www.diariodocentrodomundo.com.br

Aliás tímida pra caralho. Porque nos de traços imbecilização culturalmente herdados um povo nascido da alienação colonizatória, residem não só a arqué da nossa genese da nossa imbecilidade de nação filha retardada bobo alegre, mas o enfadonho choro patriarcal português pela supremacia perdida dos seus tempos de glória, quando esta metrópole com um tamanho de uma ilha, fez-se potencia e um império a disputar e manter o domínio sobre vastas extensões de terras e populações, incluso com dimensões continentais, como o Brasil. Como, a imbecilidade de hiena do brasileiro explica e nas piadas da burrice portuguesa. Quando a burrice é claro, é nossa. Porque afinal de contas nada mais inteligente para uma administração dálém mar criar uma forte administração centralizadora, cheia de burocracia que matasse toda industria do gigante, para que ele não crescesse, nem se rebelasse. E não é a toda que bastou a corte fugir de mala e cuia para a nova corte, o Rio de Janeiro, para que o pacto colonial, caísse nas mãos de outra metrópole. E nova aristocracia literalmente se instaura diretamente no corpo do hospedeiro. Depois troca de CP, para fugir da plebe, mas isso é outra história. Mas a parasitassem prossegue agora in loco. Burra portanto a nação que se julga independente mas que mantém os grilhões. E inteligente são as metrópoles que pagam os vendidos para que eles continuem existindo, enquanto o idiota nativo se acha que está levando vantagem em tudo certo, e burro são os outros que com essas amarras e outras ferramentas mais, conquistaram e alienaram o mundo. O imbecil mesmo enquanto coletivo, é um sujeito de uma relação, triste ou alegre, um coitado, o sujeito de um coito, de modo que falar dele se perguntar quem o coita, coito, continua coitando, ou o mantém um curral para reversar a curra, ou se fazer de idiota, ou servir a um idiocracia. Mais um cantor de curraria, qual eis a questão. E ainda em plena era da informação e desinformação quer brasileiro não fique de olho no dedo que aponta para sua lua. Mas é exatamente o tudo que interessa de quem esse dedo, de quem é essa gritaria, porque o cu, a gente sabe de quem é. É foda, literalmente.

É Verdevaldo... É grenwald... É lulalivre... bolsosolto... É golpe... é impeachment... 64, 2014, 2024... e o pais do futuro que não sai do passado... um passado de narrativas falsificadas, para realidades invibializadas em delírios banalidades costumeiras que vão virando normalidade, até se costituirem via constituição como norma e a lei, e possibilidades e oportunidades que morrem no berço, anêmicas, retardadas e violentadas por aqueles que uma vez tomam o poder não o largam nem mortos.

Falsos dilemas. Falsos nós cegos, onde as premissas não importa qual seja sua escolha a casa, um jogo de cartas marcadas onde o cassino sempre vence. Uma novela onde como diria Tony Ramos, você decide, mas não decide é nada. Não é você que roteriza porra nenhuma. Não existe terceira via, e todos os lugares levam a Roma. Vira a esquerda, vira a direita, progrida, ou conserve ou reforme, todas as portas de saída levam ao mesmo lugar comum, todas as vendas nesse mercado político-economico são casadas.

-Quero me livrar da corrupção e ter justiça social.

-Ná, ná, ni ná ni, ná ni. E que mais que você quer paz mundial, o fim da fome? O cara aqui é um comediante. Vai trabalhar vagabundo. Aqui não tem esse negócio de pegar ou lagar, é pegar ou pegar. E o negócio é o seguinte malandro: pacote fechado, quer se livrar dos ratos, então tem esses pesticidas aqui, é o mata tudo e cala a boca.

-Mas perái- diz o cidadão- "eu não quero matar ninguém não, só quero me livrar dos ratos, não quero exterminador nem muito menos veneno na minha casa, pelo contrário, só quero é receber o que é meu por direito que ladrão rouba, e não matar e nem muito ser morto. E nem calar a boca."

Aí meu filho, o seu pacote é outro, é o "deixa tudo como está", pega o que dão e cala a boca. Ou é um ou é outro. E já vou avisando, nem um dois vem com garantia de nada. Se o pesticida "mata tudo", incluso você, menos as ratazanas bem gordas. Ou se na encolha o deixa tudo como está resolver bancar o pesticida devagarinho na encolha enquanto engorda de novo os ratos grandes, que de dane, a culpa é sua que não sabe escolher.

Nesse supermercado o rotulo, a marca e embalagem e o garoto propaganda mudam e mas não esquenta o principio ativo, o veneno é o mesmo. Aliás não importa nem se você leve o "mata tudo" ou "deixa tudo com está", porque as duas marcas tem o mesmo dono, e não entram nem ficam nas prateleiras se eles não quiserem. Não importa que você não ligue para a propaganda, ou mesmo que não escolha por nenhum deles porque a maioria precisa comer não tem outro supermercado para comprar e logo não por acaso nenhum produto competitivo nesse mercado que no final das contas não resulte no mesmo em longo prazo no mesmo resultado: trocam-se os ratos, os pesticidas e rações, mas os donos não só do mercado, mas da terra que ele domina continuam os mesmos.

É por isso que as bandeiras do Brasil tanto do combate a fome, quanto do combate a corrupção tem dono, assim como a sua cegueira seletiva inversamente proporcional. Um precisa eliminar das suas vistas e narrativas não pode ver quem morre de fome, outro quem rouba, mas nenhum deles precisa nem pode eliminar nem corrupção, nem muito menos fazer o combate a caresia e sua exploração como sua praxis, porque ambos implicam em emancipação do gado, e o fim dos préstimos como autoridade dessa feitoria provinciana disfarçada de free country. Alternam-se na dose do pesticida e ração, na rédea curta ou solta, no peso da chibata, ou do agrado despudorado, na hipocresia crista ou marxista, mas narrativas, dedo no cu e gritaria fora, ruido e guerra de desinformação nas alcovas os deserviços populistas e autoritárias prestados a população são os mesmos.

Um nó gordio de imbecilização por violações e violências, que só se desata com a espada da inteligencia solidaria e empatia, mas que novamente eles se apressam para desatar novamente como outra espada a da força bruta. Neste caso mais do que uma venda casada, da perspectiva desse supermercado como um todo, a velha estratégia do bode na sala. Porque a pergunta mais importante não é como os governos e governantes são apeados do poder, mas antes como eles montam nele. O golpe meu amigo, não é dado quando o trouxa perde seu dinheiro na piramide, na bolsa que quebra ou no regime que cai, mas quando ele

põe. Na narrativa dos vencedores e perdedores você tem a história dos golpes de golpistas sobre golpistas, escritas por seus escribas. Já na história dos povos, quase nunca há escribas, porque cliente morto não paga.

Não, não há solução, nas prateleiras da farmácia nem igrejas, nem muito menos nas urnas e congressos porque na prática o combate a miséria e corrupção nunca poderão estar nessas casas como se devem estar, simultaneamente conjugados, porque propaganda fora, uma não se existe nem se perpetua nem a outra, nem como industria nem como bandeira de guerra. E a mão que ataca uma numa frente dá com o outra noutra frente. As perdas hão de ser compensadas. Se me tira escravos, terá que me compensar em riquezas naturais. Se me por outro lado bloqueia minha pilhagem, terá que me pagar com escravos. E isso, é um mero esquema conceitual. Porque no mundo real a paga do feitor é sempre uma combinação de ambos mão-de-obra semi-escrava e recursos a preço de banana em troca de propinas, quando não títulos e bugigangas. Legal, ilegal ou a ser legalizada, isso são questões domesticas.

Assim seja lá quem vença os interessem que bancam o aparelho estatal irá se reorganizar em torno dos vencedores que cumprem seu papel: ladrões maiores a prender menores mantendo os canais e portos abertos para a pilhagem legal (e ilegal) sem concorrência. De tal modo que antigos capos caem para dar lugar a chefes de novas siglas e suas famiglias, mas os mesmos padrões de interesses e lógica de privações permanecem e em tempos de crise se embrutecem se preciso for primeiro do caos e desiformação e imbecilização controlado, depois da ordem imposta pela tutela da barbárie e tirania institucionalizada com o remédio amargo, ou mal necessário. Tudo isso operado e administrando com do velho e bom terror e imbecilização mas em doses cavalares, para que a vítima sequer não só não acorde no meio da operação, mas de preferencia continue achando tudo lindo e maravilhoso até o último dia das suas memórias. Alías que memórias? E rebbot no sistema porque sextou.

Mas não vá pensando que essa imbecilidade é um produto tipicamente nacional. Ela evidentemente se explica como um virus na exata medida da expansão dos domínios culturais sobre as superestruturas politico-economicas de um território que quer goste ou não é mera fonte de recursos naturais e humanos, braços e matéria na divisão internacional do trabalho-capital. E cuja ordem do dia, ou melhor do começo do século se for para ser resumida a grosso modo é um só: até recuperar de novo o completo controle do monopólio dos meios de comunicação e informação, onde houver demanda popular por liberdade, introduzir a quinta-coluna do caos planejado, a guerra e enfim o clamor pela solução totalitária, até que depois das ruínas, volte-se a soluções clássicas: os melhores governos entre os piores, mesmo que sejam tiranias disfarçadas ou nem tanto, no fundo até mesmo ditaduras serve desde que sejam no cu do mundo alheio, não importa, os melhores governos para nós, os piores governos para os outros, desde que quem tenha a ultima palavra não seja jamais o cidadão, mas qualquer outro no lugar dele, mesmo que seja um ladrão, demente, assassino em massa, ou quiça um dia uma máquina, um palhaço ou macaco treinado, tanto faz, desde que mantenha o gado entretido a trabalhar fica.

Mas chega de desopilar o figado. Vamos aos dados. E não da republica do ABC mas da de Curitiba:

“Ainda morre uma pessoa de fome a cada dois dias no Paraná, segundo os dados mais recentes disponibilizados pelo Ministério da Saúde. Mas há o que comemorar. Em 2017, dado mais recente, houve o menor registro de casos desde o início da apuração. Naquele ano, foram 187 mortes confirmadas como decorrentes de desnutrição no Estado — o número mais baixo desde 1979.”

No Brasil, a tendência também é de queda. Em 2017, o país registrou 5.653 óbitos associados oficialmente à fome, menor marca em 38 anos. É menos da metade dos casos contabilizados pelo governo federal em 1979, durante a ditadura militar, quando 11.784 brasileiros tiveram a morte registrada como consequência da alimentação insuficiente. Naquela época, a vilã era a desnutrição infantil — 84% dos casos eram de crianças de 0 a 4 anos idade. Hoje, 82% são idosos.

*A forma para identificar as mortes por fome no Brasil consta em resposta do governo federal a pedido feito pela Lei de Acesso à Informação. O extinto Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome orienta que a consulta à base de dados do Sistema Único de Saúde (SUS) deve ser feita procurando a causa “desnutrição” na classificação da CID-10 (Código Internacional de Doenças). Os dados do SUS são disponibilizados após várias revisões — portanto os números referentes a 2017 são os mais atuais. — **Paraná tem menor número de mortes por fome dos últimos 38 anos***

Note portanto que os dados em questão não são sobre desnutrição. Nem sobre pessoas esquálidas, raquíticas, as visivelmente desnutridas até para os mais parvos, limítrofes, e insensientes. Não falam das que morrem de fome. Mas das que morrem Fome. Mortes por Fome e ponto. E não estão computados, quem morre por doenças decorrentes da desnutrição, mas cuja a causa é a desnutrição. Porque (e é ridículo ter que registrar isto) quem passa fome, mesmo gordo, morre não só de fome, morre em decorrência de doenças que facilmente poderiam ser evitadas,e nem precisa ser por um período prolongado de tempo. Qualquer pessoa que passa por restrições severas pode ter danos cognitivos e neurológicos permanentes, especialmente nas fases do desenvolvimento, e acabar não conseguindo inclusive virar um completo idiota e morrer (ou ainda pior matar muita gente) por não conseguir diferenciar lé de cré. Mas uma coisa, é certa, não é a desnutrição a causa prevalente da imbecilidade incluso a que leva a tamanhos índices de mortalidade precoce, incluso por desnutrição entre a população, nem a brasileira nem a mundial. Se fosse, não haveria tantos idiotas tão bem nutridos, porém tão mal-amados desde o berço. E nisto entendemos porque as preocupações e carestias de tantos não exatamente as mesmas carências e fixações que povoam os devaneios de outros, a ponto de trair sua boca.

Mas, vamos ficar nos dados. Note ainda que os dados são do falecido ministério de combate a fome, que portanto se tinha algum interesse era o justamente o de ir de encontro a narrativa de Bolsonaro, aliás como exatamente o fazia como peça de propaganda estatal! Caso não se lembre a miséria havia proclamadamente sido (praticamente) extinta. Reduzida, um fato inegável como se vê na série histórico do gráfico acima, desde o fim da ditadura militar. Extinta, já uma combinação de fatos, manobras estatísticas e claro narrativas, que já começavam a ser cair, antes mesmo de ser removida ou derrubada do poder, a gosto do freguês. Muda o nome mas o prato do dia é o mesmo.

Vamos aos dados lá do fim desse período 2015–17:

A crise econômica que se abateu sobre o Brasil cobra seu preço das camadas mais vulneráveis da população, interrompendo o movimento de redução da fome no país dos últimos anos e fazendo a voltar a crescer o número de pessoas atingidas por ela no triênio 2015–2017, aponta o relatório Panorama da Segurança Alimentar e Nutricional na América Latina e Caribe 2018, divulgado nesta quarta-feira por uma série de instituições ligadas ao sistema das Nações Unidas.

De acordo com as estimativas atualizadas, a desnutrição alcançou até 5,2 milhões de brasileiros no período, frente os até 5,1 milhões calculados para os triênios 2014–2016 e 2013–2015 e 5 milhões de 2010–2012. Ainda assim, número bem inferior ao estimado para o triênio 2000–2002, quando 18,8 milhões de brasileiros sofriam com a fome. Já proporcionalmente à população, a estimativa de prevalência da fome no Brasil permanece a mesma desde o triênio 2010–2012, em menos de 2,5%, e novamente uma taxa bem menor que a registrada no início do século XXI, quando era de 10,6%. — ***Cresce número de mortes de crianças em alta inédita no país***

Em suma: a desnutrição que vinha caindo volta a crescer a partir de 2015–2017. 5,2 milhões desnutridas, isto é, não simplesmente passando ou sentindo fome, mas já sofrendo efeitos sobre a saúde corpo de forma que exames podem constar esse estado, ainda que políticos neguem ou reneguem e esse outro tipo de facada na barriga se não forem a sua, e só se escandalizem com negacionismo da cegueira seletiva, por obvio, senão não seria seletivo, nem alheio. Porque se não for nos dos outro não é refresco, nem tem gritaria.

Logo, o presidento não podeira então apontar para incongruência destes discurso passados? Claro que não, ele fala bosta, mas não trouxa. Não se engane sua loucura é tosca, mas tem método, se não do próprio, de quem insufla o balão só para estorá-la. Problema deles. Com ruído ou sem, agora ele não é mais pedra é vidraça, e tal narrativa é uma faca de dois gumes, que coloca não só no pescoço alheio mas também no seu, porque a denuncia de tudo de ruim que foi feito ou deixo-se de se fazer cai sobre seu governo querendo ou não como mais obrigação a fazer. Logo mais fácil, usar o mesmo método dos ilusionistas e sumir com as pessoas com vistas grossas palavras e se conseguir trocar as peças do aparelho estatal, dando uma guaribada nos dados. E enquanto não se reformata a realidade via falsificação dos dados, vai se bancando o doido calculado, não sei, não quero saber e quem sabe e diz é traidor da pátria.

Logo Ninguém vai morrer de fome novamente por decreto e canetada. Porém o milagre da narrativa é outro: não a história de pescador que aumenta mas não inventa (dizem eles), é a o negacionismo descarado, a fome não acabou, a fome simplesmente nunca existiu, ratinho, é pura charlatanice. E vamos repetir, repetir, repetir, até a “verdade liberte…”

E encerro aqui a questão da fome. Porque dito isso não há mais o que se debater.

Aliás não pense que isso é um mal brasileiro, disse isso, ou penso que disse, com meu inglês no painel da Renda Básica do Forum Social Mundial do Canada de 2016, se uma vez explicado como funciona a coisa, se você precisa explicar provar justificar ou dar razões éticas ou pior econômicas porque as pessoas precisam ter o mimino vital garantido, isto é, você ainda precisa provar porque uma pessoa teve ter o direito incondicional de não morrer de fome, não importa o que ela tenha feito de ruim ou não tenha feito de bom, esquece, não estamos mais debatendo sobre renda básica mas veladamente quem deve morrer ou no deixar que se morra, quem são elegíveis ao direito a vida e não por trás da hipócrita cortina da reserva do possível. Um debate entre o minimo o vital e a reserva do possível que não por acaso um uma das especialidades de saber de ninguém menos que Gilmar Mendes.

Se o discurso e debate prossegue é só porque há um certeza igualmente velada entre todas as partes, ninguém vai fazer nada. Porque o paradigma de fato, é outro do que está em debate e as pessoas não são capazes de admitir a si mesma ou uma as outras. Cristianismo, e direitos humanos é balela. Para todos um ova. discriminação e apartados est. Resta definir os termos e limites e condições e regras da elegibilidade, quem é igual e próximo, e quem para receber sem precisar dar nada em troca, ou quem nem tanto, que vai ter que dar algo trabalho e com juros, e dê-se por agradecido por que há quem não tem nada para dar, logo nada a receber nem como ajuda.

Sua verdadeira cultura é das contos e narrativas a travestir e acobertar outras práticas. E essas práticas envolvem justamente o que a narrativa mais abomina, enquanto tolera ou mesmo aplaude enquanto prática velada e narrativa politicamente e economicamente correta. O resto principalmente o que não é palavra mas gesto, é tomada por provocação e subversão. E embora não seja esta a finalidade da ação não deixa de sê-lo. Não tem como. Chamam isso de hipocrisia. Não é. Não há nada de falta de critica nesse mentalidade, pelo contrário, há uma superestrutura que há muito tempo soube não só se blindar as críticas, mas se apropriar do próprio pensamento crítico e fazer dele nada mais do que outro ferramenta retórica e ideológica dos suas castelos fossos e arcabouços de racionalizações, de onde morrem em cerco, mas não saem.

È por isso, que tratar sobre a importância de garantir toda a vida humana com propostas pragmáticas e concretas como rendas básicas, ou outras, mesmo com quando dados, argumentos baseados em fatos ou mesmo experimentos científicos ou não, nada disso funciona. Não é uma questão de ciência. Mas de consciência. Estamos partindo do pressupondo que que toda vida importa a audiência no debate, que todos falamos a mesma lingua e temos os mesmos sentimentos e filias uns em relações aos outros nessa torre de Babel, não falamos nem temos. Não temos, nem filias nem filiações. Muito embora para outras finalidades finja-se que se fale tenha e entenda. E quanto não temos esse denominador comum da mesma e igual preocupação com toda e qualquer vida humana, não só nenhum argumento faz sentido, nenhum debate faz sentido. Não está mais em questão como resolver o problema. Porque o que é uma preocupação de fato, para você, para o outro é não é, ou no máximo é uma preocupação a ser simulada publicamente como demagogia.

Quando alguém nega dados, e não estou falando dos dados apresentados por institutos, mas os dados ao seu eu sensível. Nega a realidade que está diante dos seus sentidos, estamos portanto diante de um nó gordio, um verdadeiro nó cego, não só impossível de ser desatado, mas feito justamente para você perder sua vida quebrando a cabeça tentando desatá-lo.

Nenhuma navalha filosófica ou cientifica conhecida, nem a de Occam ou Popper resolvem. Nestes casos só mesmo a espada de Alexandre para desatar o problema. Passa-se o nó cego a fio dessa espada conceitual. nada é mais insano do que esses debates supostamente racionais sobre direitos sociais, humanos, em tese ou em prática. Onde alguém um tenta convencer racionalmente alguém que se nega que determina vida deva receber ou deixar de receber determinado tratamento que dá a outra vida humana não é mais louco que mas certamente é burro pra cacete. Como aliás fui.

Porque não é razão nem consciência que lhe falta a esse tipo de insanidade coletiva, mas algo mais basilar, senciência, o denominador comum que não se dá nem tira com razões, mas que enquanto sensibilidade fundamental a sua concepção, afetos e gestos, coisas que em geral, discursos não fazem. Salvo os carregados justamente de emoção, algo que não depende menos do seu conteúdo, do que da forma e sobretudo circunstanciais, que constituem seu simbolismo como gesto. Enfim o gesto, do qual a palavra pode fazer parte, ou não, mas que sem sentido que é sempre um sentimento e nunca uma signo, não tem força empática necessária para operar esse milagre a transmutação da plasticidade das conexões neurológicas de modo a ressuscitar um empatia morta de volta a vida. E como signos e sentidos embora dispostos por quem fala, só são de fato dados por quem recebe, o milagre não se opera, sem que o ouvinte no final das contas queira, e permita ainda que inconscientemente que isso ocorra. Ou seja, haja fé de Daniel na cova dos Leões. Não é impossível. Mas mais provável e talvez menos perigoso explicar direitos humanos para eles... os leões. Imagine então a distinção entre a tese dos direitos humanos universais e a ética desses direitos aplicados a lógica desse direitos não como dever que se demanda, transfere ou impõe como obrigação e tutela ao alheio mas que se dispões como liberdades e portante se assume voluntariamente e mutuamente como responsabilidade social de livre e espontânea vontade.

E nisto que constitui a loucura dos sonhadores em especialmente os ativistas. Para nós isso tão obvio. Tal vontade não nos falta. Basta estender a mão para quem está afogando. Porque não? Será que ninguém vê que as pessoas estão se afogando e que é tão simples estender a mão? Sim é simples, porém mesmo como demostramos na prática como não é nenhum bicho-de-sete-cabeças nada muda. E não muda, por uma razão igualmente simples. Porque não é a pergunta, na nossa cabeça mas a pergunta de quem está em terra firme é outra: E porque sim? Ou mais precisamente Para quê? E quando você age a pergunta não se desfaz, ela dobra, porque você fez isso? agora a curiosidade é dupla. Quando alguém rouba, mata, estupra, ou simplesmente caga no meio da rua, ninguém pergunta porque nem para que ele fez isso, não se pergunta sobre quais seriam as motivações todos sabem quais são porque todas as tem dentro de si, e felizmente como algumas outras coisas mais seja um pouco mais de respeito ou medo ou autocontrole ou de formas menos doentes que os impede de agir da mesma forma. No entanto cada dia, mais ficamos surpresos com gestos espontâneos, quanto mais sistemáticos de solidariedade, mesmo sabendo, vendo e conhecendo ainda que façamos questão de esquecer que eles estão instintivamente presentes, quem convive com crianças e animais que não estão sendo amestrados para perderem esses sentimentos gregários sabe do que estou falando. São afetos, fidelidades, confiança dados sem pedir nada em troca, apenas por compartilharmos o mesma convivência cotidiana. E quanto mais eles crescem mais claro fica uma coisa, perverter a natureza solidaria humana é arte. Eu sei que as pessoas fazem aparentemente sem grande esforço, sendo apenas quem elas são, mas aí é que está a arte.

Em outras palavras, a questão da fome, não é uma questão da afirmação ou refutação de fatos e dados. Agora mesmo uma enxurrada de outros textos, batendo no discurso de Bolsonaro, já foram feitos. E tudo vai continuar exatamente como está. Gritaria. Esse texto também, não passa disso, gritaria. Agora, vamos gritar com portas, leões, ou com quem falar com quem tem olhos e ouvidos para sentir e querer, querer entender e fazer? A começar por nós mesmos. O quanto esses fatos, dados, o quanto essa realidade realmente nos afeta, mexe com nossos animos? Uma pulga picando a bunda de uma pessoa é capaz de fazer se levantar e tomar alguma atitude, e não é ir para uma rede social escrever um texto, reclamando da pulgas ou pedindo que se alguém tome alguma atitude. Quando somos afetados precisamos fazer algo com isso, o que depende de quanto e sobretudo de como. Algo que depende não só do tamanho da picada, mas do quanto já estamos anestesiados, ou mesmo amputados nessa sensibilidade em relação a dor do outro.

Para se ter uma ideia, há que defenda em verso e prosa há séculos que esse instinto sequer exista, que ele é uma ficção, que tal sentimento gregário, sequer é real, que não conseguimos detectar nem se importar com nada para além da ponta do nosso nariz, ou no máximo que para além da nossa gene. E não são considerados loucos fundamentalistas nem broncos ou idiotas, psedo-cientistas, falsos pregadores, filosofos de araque, nem nazis. Mas polemistas, ideologos, formadores de opinião, e pensadores que tem compõe a visão pensamento e formação da não só das instituições e regimes, mas cultura na qual não só o parasitismo se instaura, mas através do qual essa insanidade vem como um virus se alastrando e matando a vontade que nos falta. Vontade que não é política como dizem, mas literalmente solidária, matando a empatia. Outra palavra que vai virando moda, sendo apropriada como vocábulo e a perdendo-se no mar dos termos e vazios e quiça gestos e narrativas pervertidos em ritos de práticas nulas.

Agora mesmo leio artigos de morrer de Brasil, corajosos, falando de pessoas ansiosas, familias de classes médias divididas, trabalhadores sobrecarredos assustados:

É desta ordem os relatos que tenho recolhido nos últimos meses junto a psicanalistas e psiquiatras, e também a médicos da clínica geral, medicina interna e cardiologia, onde as pessoas desembarcam queixando-se de taquicardia, tontura e falta de ar. Um destes médicos, cardiologista, confessou-se exausto, porque mais da metade da sua clínica, atualmente, corresponde a queixas sem relação com problemas do coração, o órgão, e, sim, com ansiedade extrema e/ou depressão. Está trabalhando mais, em consultas mais longas, e inseguro sobre como lidar com algo para o qual não se sente preparado.

O fenômeno começou a ser notado nos consultórios nos últimos anos de polarização política, que dividiu famílias, destruiu amizades e corroeu as relações em todos os espaços da vida, ao mesmo tempo em que a crise econômica se agravava, o desemprego aumentava e as condições de trabalho se deterioravam. Acirrou-se enormemente a partir da campanha eleitoral baseada no incitamento à violência produzida por Jair Bolsonaro em 2018. Com um presidente que, desde janeiro, governa a partir da administração do ódio, não dá sinais de arrefecer. Pelo contrário. A percepção é de crescimento do número de pessoas que se dizem "doentes", sem saber como buscar a cura.

Vou insistir, mais uma vez, neste espaço, que precisamos chamar as coisas pelo nome. Não apenas porque é o mais correto a fazer, mas porque essa é uma forma de resistir ao adoecimento. Não é do "jogo democrático" ter um homem como Jair Bolsonaro na presidência. Tanto como não havia "normalidade" alguma em ter Adolf Hitler no comando da Alemanha. Não dá para tratar o que vivemos como algo que pode ser apenas gerido, porque não há como gerir a perversão. Ou o que mais precisa ser feito ou dito por Bolsonaro para perceber que não há gestão possível de um perverso no poder? Bolsonaro não é "autêntico". Bolsonaro é um mentiroso.

Podemos — e devemos — discutir como chegamos a ter um presidente que usa, como estratégia, a guerra contra todos que não são ele mesmo e o seu clã. Como chegamos a ter um presidente que mente sistematicamente sobre tudo. Podemos — e devemos discutir — como chegamos a ter um antipresidente. Assim como podemos — e devemos — perceber que a experiência brasileira está inserida num fenômeno global, que se reproduz, com particularidades próprias, em diferentes países.

Esse esforço de entendimento do processo, de interpretação dos fatos e de produção de memória é insubstituível. Mas é necessário também responder ao que está nos adoecendo agora, antes que nos mate.

Em 10 de julho, o psiquiatra Fernando Tenório escreveu um post no Facebook que viralizou e foi replicado em vários grupos de Whatsapp. Aqui, um trecho: "Acabei de atender a um homem de 45 anos, negro, sem escolaridade. Nos últimos cinco anos, viu seus colegas de setor serem demitidos um a um e ele passou a acumular as funções de todos. Disse-me que nem reclamou por medo de ser o próximo da fila. Tem sintomas de esgotamento que descambam para ansiedade. Qual o diagnóstico para isso? Brasil. Adoeceu de Brasil. Se eu tivesse algum poder iria sugerir ao DSM (o manual de transtornos mentais da psiquiatria) esse novo diagnóstico. Adoecer de Brasil é a mais prevalente das doenças. Entrei agora na Internet e vi que a reforma da previdência corre para ser aprovada sem sustos. O povo, adoecido de Brasil, permanece inerte. Vai trabalhar sem direito a aposentadoria até morrer de Brasil".

Alagoano da pequena Maribondo, Fernando Tenório fez residência e atuou na rede pública de saúde mental do Rio de Janeiro. Atualmente, mantém consultório na capital fluminense e atende trabalhadores de um sindicato do setor hoteleiro. O psiquiatra me conta, por telefone, que cresceu muito o número de pessoas que chegavam ao seu consultório com sintomas como taquicardia, desmaios na rua, sinais de esgotamento corporal, dores de cabeça frequentes, sentimentos depressivos. Eram pessoas que estavam objetiva e subjetivamente esgotadas pela precarização das condições de trabalho, como jornada excessiva, acúmulo de funções, metas impossíveis de cumprir, falta de perspectivas de mudança, insegurança extrema. Tinham um "trabalho de merda" e, ao mesmo tempo, medo de perder o "trabalho de merda", como testemunharam acontecer com vários colegas.

O psiquiatra diz que ele mesmo se descobriu adoecido meses atrás. "Fiquei muito mal, porque me senti quase um traficante de drogas legais. Estava tratando uma crise, que é social, no indivíduo. E, de certo modo, ao dar medicamentos, estava tornando essa pessoa

apta a sofrer mais, porque a jogava de volta ao trabalho." Na sua avaliação, o adoecimento está relacionado à precarização do mundo do trabalho nos últimos anos, acentuada pela reforma trabalhista aprovada em 2017, e foi agravado com a ascensão de um governo "que declarou guerra ao seu povo". "O Brasil hoje é tóxico", afirma. —

Doente de Brasil

Jair Bolsonaro é um perverso. Não um louco, nomeação injusta (e preconceituosa) com os efetivamente loucos, grande…

brasil.elpais.com

Opa, opa, opa. Muita calma nessa hora. O de hoje? Tudo depende do ponto de vista cara-palida? Viver doente tendo que trabalhar num merda, e ao mesmo tempo de trabalho de merda, com medo de um trabalho de merda é só o começo da sina do experimento antropológico do que é ser sentir carne e não na escola parte do povo brasileiro. Tem o ainda viver com medo de não cumprir as infinitas burocracias ou desagradar o burocrata, e perder a assistência social enquanto procura um emprego que não quer, e não mesmo que quisesse não tem. Ser tratado por vagabundo, bandido, tomar enquadro, ver e perder gente querida de doenças evitáveis, pelas causas mais preferencia ainda criança. Calma que no vácuo da nossa insolidariedade social como prática e não como discurso ou transferência de responsabilidade para grandes lideres e seus tecnocratas (e aqui não importa a cor da camisa) como diz o Bertold Bretcht infelizmente a merda vai bater na porta de muita gente, e indistintamente tantos dos solidários quanto os insolidários, porque a desgraça pode não ser justa, mas é arbitrária. É o aviso que para alguns para praga de bocas malditas, mas é simplesmente lógica. O saco sem fundo precisa comer. E da laranja só resta o bagaco ele simplesmente se volta para outra. Mas não importa o quanto você grite, porque na relação sujeito objeto o há sempre um sujeito a dizer, porque eles estão gritando: eu não estou sentindo nada, e você está? E de fato o que foi a ditadura de uns nada foi senão a ditabranda para outros. A própria escritora matou a charada, ou quase, isto não é o mal-estar da civilização, é mas justamente da barbarie que toda civilização empurra para as margem das suas fronteiras, muras e cercas enbandeiradas, as potencias internacionais, as provincianas, que não podem pilhar e cagar no vizinho impunemente nos ghetos mesmos. Tem razão é a doença Brasil,mas eu chamaria doença apartheid e desigualdade fugindo dos bolsões e campos da sua concentrações. A civilização é uma fabrica de salcichas uma paraiso para quem come, mas um inferno incluso de horror e guerra ao terror para quem começa a entende na carne do que são feitas as salcichas.

Alias, eis a grande questão: qual modelo civilizatório pretendemos produzir? Ou melhor copiar? Qual modelo estão exportando e qual estão importando agora, o Europeu, Americano, ou Russo-Chinês? Qual narrativa vamos comprar, reproduzir e macaquear? Que a tal Norueguês que denuncia a canalhice do ambiental do grande celeiro do grande celeiro que vai alimentar as bocas do mundo, quais eis e como o quê, eis questão em disputa que antes de ser ambiental é geopolítica, demográfica por recursos estrátegicos, humanos e naturais, uns considerados indispensáveis a cada nação, ou futuro do planeta outros, pelo contrário, nem tanto. E bem se ansiedade bateu, veja pelo lado, claro que melhor seria ter acordar antes, mas melhor acordar no meio da operação de trafico de orgãos, do que depois, ou pensando bem, talvez já não… Logo estatopatas e estatopatias a parte, a guerra é muito do mais do que só de narrativas, ideologias, ou só comercial, até porque o agrotoxico não é feito

made in Brazil, mas novamente made sob a proteção da mesma jurisdição das civilizações mais desenvolvidas que demandam a preservação ambiental de todo o seu planeta, e todo o seu mundo. Que é tão nosso quanto o petróleo, o agronegócio, ou a Embraer.

Noruega é maior acionista de mineradora denunciada por contaminação na Amazônia

O governo da Noruega, responsável por duras críticas a políticas ambientais do Brasil na última semana, é o principal...

www.bbc.com

Não tem santos, nem demonios, até porque vacilou, os santos fazem (de novo) pacto com o capeta (como se já não tivessem feito com outros...). Sem sujeito, e claro seus objetos -leia-se recursos, incluso os humanos que as sustentam dentro e fora dos territórios da sua jurisdição- civilização, são portanto uma palavra tão vazia quanto o povo, e seus estados de bem-estar ou mal-estar uma questão não meramente subjetiva de perspectivas, mas uma questão absolutamente objetiva, relativa as posições e condições de quem está fora, dentro, a margem, ou no precipício da sua proteção, omissão, repressão ou proativa eliminação seja como lixo, seja como a cabra na sala, o animal que será dado em holocausto para restaurar a paz das civilizações, vejam baseada numa cultura está sim razoavelmente universal feita de sacrifícios ao bem maior... do alheio é claro.

Por sinal, essa boboseira de "celeiros do mundo", é ainda mais perigosa que as outras merdas, que tem sido dita por todos os espantalhos, pombos enxadristas do mundo afora, porque não está na boca só psico-idiocratas, mas na cabeça de gente sã, e o mais importante não está embasada em negacionismo e desinformação, mas em teorias antropológicas até então aceitas e replicadas sobre a evolução, progresso e avanço da agricultura e logo das civilizações,seus territórios e claro respectivas populações. E quem acha que os caras estão homegea e universalmente preocupados com o mico-leão-dourado, com a baleia, com a porra do índio no cu do mundo, ou mesmo com o seu próprio primo pobre é um otário.

Em cidade da Suécia, é preciso tirar licença para pedir esmola nas ruas

São Paulo – A cidade de Eskilstuna, ao oeste de Estocolmo, transformou-se na primeira da Suécia a exigir o pagamento de...

exame.abril.com.br

Não se engane, enquanto a conversa for entre Estado-Nações, é sobre interesses de Estados, e não dos povos e nações não unidas, mas desunidas pelas fronteiras e interesse estato-privado que estamos falando, ou melhor, papagaindo. De modo que quando você grita contra outro povo, a menos que por lá não existe alguma forma de idiocracia como aqui, você é um idiota posta a lutar com outros idiotas enquanto seus donos se preparam para ver quem ganha. E novamente vai ter nego que vai matar e morrer quem nunca fez nada contra você, sequer viu, na vida, só para que estatopatas celebrem sua pax, que é sempre só uma tregua, até conseguir uma melhor posição estratégica, para tentar demarcar um melhor dominio que

no negócio lastreado não a ameaças, mas a conflitos deflagrados, anterior. Até um deles enfim, um deles, ou ambos caírem. Dentro dessas bolhas está nossa civilização, e seu horizonte de eventos, com toda informação e desinformação, salpicado pelos esgotos da desigualdade que quando vazam trazem a tona o realidade o esgotamento dessa barbárie, que corre a céu aberto fora dessas bolhas, no céu aberto tanto do espaço, e do tempo, fora do território e da era que compõe esse estado civil, ou seja entre suas guerras e fronteiras. Lá no espaço e tempo dessas zonas cinzentas, em eterna disputa está a excrecência e antropofagia da nossa barbárie, as pessoas que foram e são e estão sendo sacrificadas agora mesmo para que nossas bolhas se sustentem uma contra as outras. Nas guerras convencionais isto é explicitos, nas outras, que se travam cotidianamente dentro do estado civil incluso sacando jokers do baralho como idiocrata útil na guerra da desinformação, o jogo trocado é de fato mais brando, mais as baixas muitas vezes da tática de cerco e enceramento, e sabotagem por vezes são maiores do que a do confronto franco e aberto.

Dizem que o segredo do capitalismo é o dinheiro trabalhar para você. Tolice, dinheiro não trabalha, coisas animadas produzem trabalho, incluso gente. E só há uma coisa mais eficiente e barata do que um empregado escravo, ou corrupto que você precisa gastar tempo dinheiro, para reprimir, propinar, pagar para que ele obedece seus comandos e trabalhe para você: o idiota, que serve de bom grado, ou nem sabe que lhe serve, achando que persegue seus interesses seja os particulares ou coletivos. Evidentemente que para extrair esse nível de servidão e amestramento programado de seres dotados não só de anima, mas livre-arbitrio, é preciso moer e quebrar não pouco, mas muito a psqui, a liberdade e dignidade da pessoa humana. É preciso convencer que ela não é um ser, mas uma coisa, ou mais precisamente apenas uma parte ou membro de algo maior, a qual deve trabalhar e se sacrificar em nome desta, e não o contrário ao qual esta entidade maior deveria trabalhar que dirá o sacrilégio de ir a falir no lugar dela. Gente a de morrer, não importa quantas não importa qual a dimensão da barbárie, mas as civilizações que delas o planeta seja um cemitério de rúinas sobre tumbas e rúinas hão de prevalecer como testemunho de delírios de onipotência e onipresença a custa de escravidão e holocaustos.

É a lógica da perversão, temos uma máquina no caso a estatal que supostamente foi criada para preservar vida, mas que de fato não apenas requesita mais sacrifício de vidas para se sustentar e crescer se não quebra e não só alheias ao território-jurisdição da seu proteção, mas também dentro dela, na exata medida da distancia em que esse elemento desse corpo artificial é justamente isso apenas uma membro descartável, a margem e não cabeça, e nucleo central. É por isso que a desigualdade é uma ideia fraca para explicar essas contradições desse sistema.

Desigualdade de renda cresce há 17 trimestres consecutivos no país, aponta FGV

Desigualdade no Brasil chega ao maior nível dos últimos 30 anos A desigualdade de renda no Brasil aumentou no 2º...

g1.globo.com

Primeiro porque não distingue de fato é ganhos e perdas inversamente proporcionais e quais não o são. Isto é não distingue enriquecimento de locupletação: a riqueza produzida pela produção de riqueza, do enriquecimento auferida via locupletação. A alta apenas

desigualdade indica que junto e mistura, mas não devidamente identificado, e competindo de forma desigual, estão competindo tanto quem de fato produz a riqueza e quem por outro lado vive justamente de produzir e reproduz e explorar a miséria e e violência incluso não só com a licença mas como o subsdio e incentivo legal para se sustentar as custas de ambas, isto quando não é o próprio estado presta esse serviço e socializa este custo, ou seja transferindo o custo para toda o sociedade do próprio roubo e locupletação sobre sua próprio patrimonio e trabalho. E se não somos escravos ou idiotas a bancar isso então.

Porque suas desigualdades internas do sistema sequer muitas vezes não só estão completamente a margem, elas já foram completamente externalizadas para fora das demostrações estatísticas não população e territorio em questão, mas sobretudo contábeis e financeiras. Porque se o paraiso dos pobres é no reino do céu, prometido só para depois que fim do mundo quando miserável ressussitar, o dos capitais é aqui na terra, feito para ser como diria o poeta carioca de Ipanema, para ser eterno enquanto dure.

De tal modo que dentro dos burgos, internamente nunca existem desigualdades, não as vistas, não para serem demostradas, porque todas as contradições que poderiam ser expostas já foram exportadas junto como o lixo do superconsumo para além dos ghetos, periferias da sua própria jurisdição e amostragem de dados, cairam nos buracos negros da invisibilidade e vulnerabilidade socioeconomica, não produzem sequer danos, porque essas pessoas não estão mais no mapa do mundo civilizado, não se contabilizam como gentes, porque não são a nossa gente.

Um arranjo que funciona. Pelo menos até o ponto de quebra da ordem global, onde começa a faltar escravos e recursos naturais para sustentar a crescimento da bolha civilizatória que não raro é também piramide monetária e financeira de notas promissórias e claro acordos diplomaticos-comerciais lastreados digamos eufemisticamente pelo subsidio da supremacia da dissuasão da força de fato.

Logo, longe de ser uma questão de desigualdade, porque que desigualdade e igualdade são operadores mentais feitas para tentar quantificar a similitude e diferença entre seres e coisas tomadas por semelhantes por uma denominação e denominação comum, não seres e coisas tomadas apartadas pela negação ou contradição dessa condição comunal. Se absolutamente nada é compartilhado, mas tudo é objetado disputa, não existe de fato mais nenhum bem comum a ser preservado e usufrutado por todos que defina uma comunidade nacional nem internacional, nem uma humanidade propriamente dita, mas tribos a disputar não só quem irá devorar o planeta, mas qual tribo xenofoba enterrará a outra para ficar com todos os expólios. Isso não é não é desigualdade, é uma guerra. Mas não uma guerrra de classes. Mas antes de tudo uma guerra entre a humanidade, uam guerra entre seres humanos, uma guerra para definir não só os direitos de propriedade sobre as coisas. Mas para definir quem tem o direito de predefinir o que é uma coisa, e o que um ser, que são os sujeito por gene com direito por gene a propriedade e quem não. E logo para discriminar, classificar e julgar quem são sujeitos que por direito de definir quem são os seres e as coisas, os sujeitos e suas propriedades, são de fato os seres com direitos de fato, e quem são seres sujeitados a essa condição alheia, reduzidos a coisas, objetos e propriedades das suas discriminações, classificações e juizos. Uma vez dominado as preconcepções e imposta as contradições de preferencia não mais a força, mas Uma vez impostas preconcepções e trasferidas as contradições de preferencia não mais a força, mas servo-voluntariamente por imbecilização

do domesticado domesticamente, poder, capital, trabalho e riqueza e idolatria saem no mijo, e não alienador, o idiocrata mas do alienado, o idiota.

Quando escrevi lá atrás, sobre as idiocracias, falando sobre Trump não estava brincando. A alienação não é um mal que nasce da noite para o dia. A cegueira seletiva sempre foi uma prática, desde a infância aprendemos a ignorar os trapos humanos, a conviver com a desigualdade social, miséria e as contradições não só do próximo, mas principalmente do distante como se fosse a coisa mais normal do mundo. Aprendendo a literalmente nos desligar de uma realidade cuja trama não por questão de moralidade mas de consequências naturais é de fato embora complexa definitivamente conexa.

Aprendemos a nos indignar, criticar pregar mudanças, carregar nos ombros quem promete salvar a patria, festejar nossos milagres economicos e conquistas sociais em nossos burgos, mas a verdade é que nenhum fascista nem pregador faz o milagre da trasmutação da matéria-prima. E a matéria-prima do populismo inclusive o lastreado e rastrado no ódio, guerra e vingança, é a arcabouço do apartheid (velado só para quem não quer ver) da miséria e riqueza que se herda e transmite em todos as suas formas, a começar no berço. Um negócio bem plantado, cultivado e pronto para ser colhido, na primeira crise desse moagem e ceifagem. Porque será que tanta gente não se surpreende com tamanha brutalidade verbal, de Bolsonaro, por uma razão muito simples: porque fora das bolhas, porque o buraco é bem mais embaixo, e desde de cedo o coro é calejado demais e o tempo livre de menos para se doer, indignar ou mesmo. Sei que só nos doemos onde nosso calo aperta, mas a aviso de 10 anos atrás continua valendo, quer saber o que pode acontecer com você amanhã. O problema passa bem longe só de abrir os olhos, o problema do brasil é que vivemos de punhos cerrados, fingindo ser um povo pacifico, quando só em verdade é covardes, mandamos e demandamos bater, fazer, mandamos e demandamos, até que mandem em nós, de punhos fechados, mas abrir a mão, só pra dar tchao, e aí, vem o ladrão quando não o latrocida legalizado ou não, e toma até o que não tínhamos para dar, e claro não para fazer justiça com as próprias mãos, mas para se locupletar a ele e seus mandantes. E aí a gente chora, pela falta de piedade e solidariedade do alheio com o nosso sofrer, sem perceber que piedade, solidadriedade, assim como perversidade e monstruosidade da sua falta embora resultem em dados factuais concretos inegáveis e objetivos, como a morte, são sempre do ponto de vista, dos pontos de vistas e sensibilidades uma questão vulnerável as ilusões e falsições da subjetividade quanto das suas narrativas, tão fragil quanto os fatos ou a própria vida desconexa dos seus fenomenos geradores correspondes, quando reduzida, encerrada nesse manicômio dos meros objetos ideologicos onde todos os fins justificam os meios, porque o principio invioláveis da vida e liberdade já não existem senão como meras abstrações conceituais que por sinal como discurso servem para tirar vidas e liberdades em concreto, em nome da vida e liberdade como marca de fantasia.

Logo não nos percamos entre o discurso e a práxis. O discurso, tem geito de merda, consistência de merda, cheiro de merda, então não viaja e não come é merda. Agora, a prática, ah, a prática, do que ela tem jeito, qual é sua consistência, qual é o cheiro que paira no ar? No Brasil e no mundo. Não, não é de merda. É de morte. Não é preciso de teorias conspiratórias para explicar o que é uma pulsão coletiva, autodestrutiva, que vai se espalhando como rastilho de pólvora. Assim como nem tudo é produto de agentes conscientes e maquiavélicos a planejar o que de pior, também nem tudo é um mero produto de meras coincidentes ou encadeamento completamente arbitrários, mesmo naquilo que não

é, nem está predeterminado, ainda sim existe padrões pelos quais os eventos se interligam em cadeias onde a superfície aperente esconde uma intrincada e complexa trama onde as as tomadas de decisões ou a falta delas selam o destino não só do outro, mas a longo prazo o seu dentro da coletividade.

De tal modo que os conjuntos muito antes de serem constituídos da observação e o agrupamento conceitual de seres semelhantes, são pelo contrário não raro erroneamente discriminado e apartado e portanto justamente descompostos e desconstituídos de fato por elas, constituídos corpos artificiais a longo prazo mortos e insustentáveis fadados não só a se autodestruirem, mas a se entredevoram mutuamente pela falta de senciência e consciencia da sua natureza gregária e interdependência solidária, comportando-se a reverenciar e encarnaçar crer e servir como possessos endemoniados os braços olhos, e cabeças entidade ideológicas que lhe suga a vida e a anima, em detrimento da sua pisque tanto individual e coletiva que constitui a rede do corpo natural tanto como pessoa quanto rede das relações que a constitui, isto é, organismo inteligente tanto no campo que o constitui a sua identidade e unidade particular, quando sua identidade, unidade e inteligencia coletiva.

Como a 'internet das árvores' mantém vivo um toco sem galhos ou folhas

Dois botânicos caminhavam por uma floresta na Nova Zelândia quando de repente encontraram algo extraordinário. Era um…

www.bbc.com

Então para quem não entendeu, porque ele não te calas, deixa eu explicar, em uma só palavra: Ustra. Se faz isso com seus instintos de animal político, se faz isso orientado, como disse pouco importa. O sal que se taca nas feridas e veias jamais cicatrizes, o riso o escarnio o tripudiar, o renegar o sofrimento alheio, a repetição do absurdo, se é talento nato, ou adquirido graças a muito treinamento tanto faz. O resultado sobre a psqui da vitima é o mesma, desestabilização, desorientação, apatia, confissão submissão e conversão ao ideário. A diferença é que ao invés que a psique nas mãos do torturador não é e uma só pessoa,mas a psique coletiva de uma nação. E por favor, não façamos, oh, meus deus, descobriram a América. Porque o que se reclama é da dose e falta de humanidade e finalidade e não da técnica de manipulação, os saberes e procedimentos largamente utilizados em todos os campos onde a psicologia de massas tem sido empregados. Dos experimentos militares, científicos, a propaganda e marking, até a pregação de igreja, precursora destas técnicas muito antes da ciência estudá-la, estado ou mercado empregá-las, passando por empresas, governos, hospitais, prisões, quarteis, seja de forma tosca e rudimentar seja de forma planejada e consciente, a guerra por corações e mentes, é como a guerra convencional, desde que seja feita no cu do mundo alheio e não no meu foda-se, principalmente se expolios dessa guerra e tripalium financiarem discretamente o meu limpinho e cheiroso estado de bem estar social e cultural. Fora que esqueceram o seguinte detalhe, cara é gente como gente, cada vez claramente doente, mas gente como a gente, e como doentes e já ficava de pinto duro com uma pistola na mão, imagina agora depois de passar a vida toda no baixo clero que descobriu o terror que pode tacar e apovoro que pode dar com a caneta na mão e faixa no peito. E não tenho a menor dúvida, esse aí, quanto mais o desafeto grita e chora e reclama, mais ainda é que ele se diverte. Reforço positivo.

'Nossas mentes estão programadas para ter prazer com o sofrimento dos outros': psicóloga explica a...

'Em vez de chamar pessoas ou atos de maldosos, por que não descrever o ato, suas consequências e, idealmente, tentar...

g1.globo.com

Escatologia, é escatologia. Idiocracia. Historinha de terror pra boi dormir. Então, se é para falar no dialteto da idiocracia vigente e regente, não tem boi não, sistema de cu é rola.

Mas perái, eu disse lá no começo que também, que não ia fazer coro então porque entrei na grita? Bem, não foi, porque, mas quando. Foi quando, de orelhada, macaco resolver enfiar a mão em cumbuca que a coisa ficou interessante... porque a merda essa que ele falou, ele não produziu mas só jogou no ventilador do twiter. Bullshit produzida por ministro que se presta ao deserviço estratégico de pinico, fralda descartável e papel higiênico para limpar bunda de animal político que não para de se sujar. Vamos então a peróla:

Da série João 8:32 — EXISTE FOME NO BRASIL? "Somados Bolsa Família, BPC e Aposentadoria Rural, há uma massa de R$ 200 bilhões que vão p/ o bolso dos mais pobres todos ano. Logo, se você entender a fome como sistêmica e endêmica, o Brasil não a tem." Osmar Terra, Min da Cidadania.

— Jair M. Bolsonaro (@jairbolsonaro) August 5, 2019

Não vou falar de BCP e aposentaria rural, que não conhecimento de causa para depor como testemunha, então vou descontar da conta para não seu desonesto no meu argumento. Vamos ficar portanto só na grana que vai para o Bolso dos mais pobres todo ano. E aqui que está o ponto. Não se deixe enganar: o número que sai lá de cima, não é o número que chega no bolso. E não estou nem falando de corrupção estou falando do que se perde não importa quão eficiente seja a burocracia pela arquitetura do programa. Entenda:

Uma das muitas condições para que uma família receba o Bolsa Família é, como se sabe, a frequência escolar mínima das crianças. Em 1º de agosto, o sistema foi aberto aos municípios para que possa ser feito o registro de presença de 14 milhões de alunos, de 6 a 17 anos.

Só que o sistema... não funciona. E nem há quem o conserte. Os técnicos de TI responsáveis por ele foram demitidos — em 4 de julho, Abraham Weintraub anunciou no Twitter a anulação dos contratos que, nas palavras dele ele, vinham sendo renovados "de forma irregular".

Ou seja: a frequência dos beneficiários do Bolsa Família não está sendo registrada porque a área de TI do MEC não tem estrutura para manter o sistema de pé. Como a culpa é do

MEC, as famílias (espera-se) não deixarão receber o benefício, mas perde-se uma informação valiosa como os motivos que levam à baixa frequência, por exemplo, usados na elaboração de políticas de combate à evasão escolar.

Os municípios recebem um repasse do governo (o nome é IGD-M) que leva em conta, entre outras coisas, a performance de cada um no registro de presença: quem consegue informar a frequência escolar de todos os alunos beneficiários recebe um valor maior do que quem informa só a metade, por exemplo.
Sem essa informação, como será feito o cálculo do repasse?- ***Bolsa Família: sistema do MEC está fora do ar e não há quem o conserte***

Mais precisamente é o seguinte: parte dos recursos vai pro Municipio, não necessariamente para o bolso de prefeitos e cia, mas para o município fazer basicamente o seguinte: fiscalizar se beneficiário está cumprindo as contrapartidas. Se o beneficiário não tiver cumprindo as contrapartidas num perde o repasse. Se o município não cumprir a sua ele também. Mas e o beneficiário estiver? Danou-se, vai junto. E se as instancias do governo federal então não estiver cumprindo a sua? Aí vão os dois. Porque como bem demostra a matéria, uma das contrapartidas criança comprovadamente na escola, e se não há como a tecnocracia demonstrar para a burocracia, não é topo da burocracia nem a tecnocracia, que vão ser punidas mas a criança que com certeza tem culpa por ser filha bastarda da patria de putos que ganham e não ganham pouco para vigiar e administrar viver as custas da sua miséria. Solução dos escravagistas eliminar a burocracia e contrapartidas onde o dinheiro se perde em corrupção e ineficiência. E combater a miséria fazendo chegar cada centavo a quem realmente precisa? Mas nem fudendo, troca-se a burocracia e tecnocracia, e não duvide no dia em que ficar só as contrapartidas o cabresto e o industria da miséria, mas e o criança come para poder estudar: contrapartidas. Quem precisa de pão para estudar quando a verdade liberta: não há fome no Brasil. A cama montada, basta tomar para deitar e rolar... Como eu disse em outro texto a armas que quando não queremos que não caia na mão do inimigo simplesmente destruimos, e como nem todas as armas são de destruição e manipulação de massas. Mas o projeto de poder como é que fica?

E depois mete-se o pau, ou se faz loas aos mercados e sistemas financeiros. Elimine a burocracia, as contrapartidas abra contas, retire os custos bancários e coloque de fato a grana na mão das pessoas e não na mãos dos campeões nacionais e burocratas e você como se gera a riqueza de uma nação a partir do investimento no ser humano e não na industria governamental-eleitoral da fome e miséria. Veja como somos burros pra caralho:

100 reais nas mãos de gente rica, honesta ou desonesta, não significa nem muda nem causa nada, exceto perdas, que são sempre bem menores do que ficar contratando gente a preço de ouro, para não pagar 100 contos.

Já 100 reais na mão de gente pobre faminta pode significar num dado momento tudo, vida e morte. e se for honesto pode mudar muita coisa. Porém se for desonesto não muda nada, e causa prejuizo. Porém os prejuizos que todos os desonestos difusos podem causar cada um com sua grana, são sempre infinitamente menores do que pilhagem concentrada e centralizada como poder politico e econômico como orçamentos e subsidiários bilionários nas mãos de poucos.

De tal modo que as ganhos de quem investe na pessoa indiscriminada e universalmente são sempre inversa e proporcionalmente menores as perdas de quem faz a estupida aposta na honestidade de quem não faz sua riqueza made by yourself, porque se fizesse não precisava de beneficios miseráveis mas de concessões e benesses e renuncias fiscais milionárias , não enriqueceria pela locupletação não só da miséria mas da falencia de empresas que não vivem desses esquemas e que produzem a verdadeira riqueza das nações, que vai assim sendo legal e ilegalmente roubada.

E já que gostam tanto do Cristo, sabido é que no reino dos céus certo que judeu da Galilei ocupada pelo império romano, é o pequeno ladrão crucificado ao lado dele. E não o grande a carregar o pequeno do sermão do sacerdote cristão…

Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo mar Eritreu a conquistar a Índia; e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício: porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades e interpretar as significações, a uns e outros definiu com o mesmo nome: Eodem loco ponem latronem, et piratam quo regem animum latronis et piratae habentem. Se o rei de Macedônia, ou de qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.
Quando li isto em Sêneca não me admirei tanto de que um estóico se atrevesse uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero. O que mais me admirou e quase envergonhou, foi que os nosso oradores evangélicos em tempo de príncipes católicos e timoratos, ou para a emenda, ou para a cautela, não preguem a mesma doutrina.

O ladrão que furta para comer, não vai nem leva ao inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são outros ladrões de maior calibre e de mais alta esfera; os quais debaixo do mesmo nome e do mesmo predicamento distingue muito bem São Basílio Magno. Não só são ladrões, diz o santo, os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com mancha, já com forças roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor nem perigo: os outros se furtam, são enforcados, estes furtam e enforcam.
Diógenes que tudo via com mais aguda vista que os outros homens viu que uma grande tropa de varas e ministros da justiça levava a enforcar uns ladrões e começou a bradar: lá vão os ladrões grandes a enforcar os pequenos…Quantas vezes se viu em Roma a enforcar o ladrão por ter roubado um carneiro, e no mesmo dia ser levado em triunfo, um cônsul, ou ditador por ter roubado uma província?… De Seronato disse com discreta contraposição Sidônio Apolinário: Nom cessat simul furta, vel punire, vel facere. Seronato está sempre ocupado em duas coisas: em castigar furtos, e em os fazer. Isto não era zelo de justiça, senão inveja. Queria tirar os ladrões do mundo para roubar ele só! Declarando assim por palavras não minhas, senão de muito bons autores, quão honrados e autorizados sejam os ladrões de que falo, estes são os que disse, e digo levam consigo os reis ao inferno. — ***Padre Antônio Viera, Brasil 1655…***

E lá se vão não séculos, mas milênios. E a doença da idiotia institucionalizada permance, e se traduz em tempos modernos na seguinte pergunta:

Em quem você confia sua vida, no seu irmão ou no grande irmão? na humanidade ou na máquina? Precisamos decidir o problema somos nós o povo dessa pátria, ou os salvadores e tuteladores da pátria? É a falta de vigilancia e repressão, ou a justamente a falta de liberdade e emancipação? Somos uma nação de bandidos que precisa ser mantida em redea curta para não sermos mortos uns pelos outros como gente, ou gente honesta brutalizada pela fome e chibata. Ou não somos um povo, mas dois um de gente de bem e honesta e outro de bandidos? Apartados um pronto para matar o outro? Um a chamar uma parte de nazista e a outra de terrorista? Prontos para provar em atos que no discurso e previsão que se autoconfirma e retroalimenta simbioticamente que ambos estão certos e todos errados. Mas corre, por que na dúvida quem decide e dá a sentença por você, são eles.

Domínio Público – Pesquisa Básica

Edit description

www.dominiopublico.gov.br

No entanto nem tudo é tão ruim quanto parece. Ou melhor é. Mas pior, no tempo da sua avó, onde nem gritaria havia. O tempo do orelhão, onde demorava um bocado até cair a ficha de muito mais gente. Hoje se a merda espalha rápido, também a sensação de absurdo também é praticamente, instantânea. Pegue a bosta toda que era enfiada guela abaixo da população, passava batido. Assista um comercial de Tv e nem precisa ser dos anos 50, pode ser dos anos 90 mesmo e sinta aquela sensação, será que as eramos tão idiotas assim. Não eramos, somos. A diferença é o tempo do tempo da percepção do absurdo é outro, não é só a velocidade da difusão informação que mudou, mas a velocidade e relatividade da difusão, muito mais acelerada e relativa, na exata medida da multiplicidade dos canais, midias e interesses disputando restabelecer o monopólio da atenção, e na sua falta dele, o monopolio da comunicação apelando para todas as formas mais baixas e escrotas para mantê-la presa.

De tal modo que não basta apenas desinformar via seus canais é preciso sabotar os canais alheios introduzindo ruido e barulho e gritaria e claro tolenadas de teorias absurdas e non-sense numa performance youtuber biscoiteiro ou apresentador de programa freakshow, numa razão frenética de mitagens e micagens e apelações de tal modo que não basta falar merda é preciso faze-la como um reality show na live. É o bigbrother do bigbrother, onde as casas dos representantes da sociedade viraram o grande espetáculo da vida, habitadas pela fauna peculiar das subcelebridades e sua predisposição da exposição ao freak, morbido, escatológico e claro ao conteúdo sexual ainda que mal disfarçado de repressão, e já nem um pouco subliminar. O que pode haver de bom nisso?

È que isso já existia. E não só se passava desapercebido, como quando era feita descaradamente, o tempo de reação e dimensão da reação não era essa que estamos vendo, hoje em dia. Muito poucos se deram conta do que estava acontecendo da contrarreação do inicio do século passado aos movimentos populares do século passado, execto é claro quando já era tarde demais. Hoje pela própria revolução tecnológica da informação, tal processo não de imbecilização exige digamos doses muito maiores de desinformação que antes para

poder, causar a mesma histeria que Orson Welles conseguiu quando era radialista (por obvio de radio) e fez inaugurou um dos marcos da experimentação imbecilização em massa da humanidade com o seu famosa transmisão fake de que "os Marcianos estavam invadindo a Terra" pela CBS em vejam só 1938, há o bendito **Zeitgeist...**:

Parecia uma noite normal naquele 30 de outubro de 1938, até que a rede de rádio CBS (Columbia Broadcasting System) interrompeu sua programação musical para noticiar uma suposta invasão de marcianos. A "notícia em edição extraordinária", na verdade, era o começo de uma peça de radioteatro, que não só ajudou a CBS a bater a emissora concorrente (NBC), como também desencadeou pânico em várias cidades norte-americanas. "A invasão dos marcianos" durou apenas uma hora, mas marcou definitivamente a história do rádio.

Dramatizando o livro de ficção científica A Guerra dos Mundos*, do escritor inglês Herbert George Wells, o programa relatou a chegada de centenas de marcianos a bordo de naves extraterrestres à cidade de Grover's Mill, no estado de Nova Jersey. Os méritos da genial adaptação, produção e direção da peça eram do então jovem e quase desconhecido ator e diretor de cinema norte-americano Orson Welles. O jornal* Daily News *resumiu na manchete do dia seguinte a reação ao programa: "Guerra falsa no rádio espalha terror pelos Estados Unidos".*

Pânico coletivo

A dramatização, transmitida às vésperas do Halloween (dia das bruxas) em forma de programa jornalístico, tinha todas as características do radiojornalismo da época, às quais os ouvintes estavam acostumados. Reportagens externas, entrevistas com testemunhas que estariam vivenciando o acontecimento, opiniões de peritos e autoridades, efeitos sonoros, sons ambientes, gritos, a emoção dos supostos repórteres e comentaristas. Tudo dava impressão de o fato estar sendo transmitido ao vivo. Era o 17º programa da série semanal de adaptações radiofônicas realizadas no Radioteatro Mercury por Orson Welles.

A CBS calculou, na época, que o programa foi ouvido por cerca de seis milhões de pessoas, das quais metade o sintonizou quando já havia começado, perdendo a introdução que informava tratar-se do radioteatro semanal. Pelo menos 1,2 milhão de pessoas acreditou ser um fato real. Dessas, meio milhão teve certeza de que o perigo era iminente, entrando em pânico, sobrecarregando linhas telefônicas, com aglomerações nas ruas e congestionamentos causados por ouvintes apavorados tentando fugir do perigo.

O medo paralisou três cidades e houve pânico principalmente em localidades próximas a Nova Jersey, de onde a CBS emitia e onde Welles ambientou sua história. Houve fuga em massa e reações desesperadas de moradores também em Newark e Nova York. A peça radiofônica, de autoria de Howard Koch, com a colaboração de Paul Stewart e baseada na obra de Wells (1866–1946), ficou conhecida também como "rádio do pânico". — ***1938: Pânico após transmissão de "Guerra dos mundos" | DW | 30.10.201***

1938: Pânico após transmissão de “Guerra dos mundos” | DW | 30.10.2018

Parecia uma noite normal naquele 30 de outubro de 1938, até que a rede de rádio CBS (Columbia Broadcasting System)…

www.dw.com

Orson Wells havia descoberto a América. Não é a toa que anos depois viria a dirigir Cidadão Kane que ainda é considerado por muita gente o melhor filme de todos os tempos. E mapa da mina nas mãos quantos outros cidadãos kanes da vida já não reproduzir o experimento em maior ou menor escala de difusão inclusive estão reproduzindo agora mesmo outra lógica e veículos de viralização... porém como disse dado que estamos literalmente em plena revolução e em vias até mesmo entrar em guerra para ver quem controlará o capital em sua formas e industrias e tecnológias de produção na era da informação, onde a informação é capital, capital é informação e logo poder o controle da formação e deformação desse infocapital. E já que não se pode controlar a produção e circulação é preciso então controlar o consumidor, diminuindo sua incapacidade de inteligir e discernir não só o falso do verdadeiro, mas seu próprio interesse do absolutamente contrário. Ou seja já que não é possível controlar os meios o négocio é imbecilizar os consumidores. Novamente a ilusão da liberdade de escolha: é como ter milhares de marcas de comidas e bebidas industrializadas, açúcar e gordura temperadas com cores e sabores artificiais e outras substancias muito bem pagas para nenhum estudo cientifico saber quais são seus efeitos, mas no dia que descobrimos dizem os teóricos da conspiração talvez prefiramos acender um cigarro do que comer.

E eis novamente o problema. Entre o fundo de verdade e toda paranoia com o qual se enterra os fatos, jaz a verdade se decompondo não mais encerrada e segredada num cofre, mas a olhos vistos perdida no meio da mulditão de fatos e verdades alternativas, onde o real nada mais é que mais uma das teorias paranóico-conspirátorias perdidas nesse rede. O que não é um problema para quem tem tempo livre não para checar cada assunto sobre conta própria, ou comer uma coxinha sem medo mas um sérissimo problema para quem não tem tempo, e precisa confiar de boa-fé que não está sendo enganado e envenenado por tudo que consome. No vê, no ouve, no que come, bebe, e até que bebe e até mesmo no ar que se respira. Sim as pessoas estão doentes de Brasil, mas é porque o Brasil é um território tóxico, onde o brasileiro envenena o brasileiro e não só pelo que sai da sua boca mas antes pelo entra nela.

Quanto as teorias paranoicas e conspiratórias não há segredo. Paranóias, manias de ver perseguisão e conspiração é a doença que nasce como efeito reverso a normose. É com se fosse uma reação alergica, onde a pessoa passa a ver chifre em cabeça de cavalo, geralmente depois de tanto levar chifrada de touro que todos juram para ele que era vejam só um cavalo. Ou seja, é a resposta extremada a outro comportamento igualmente extremado e estúpido porém tomado como normal, o de achar que tudo é uma mera coincidencia, não importa quantos eventos se repitam. O problema portanto de quem toma tudo por uma coincidencia é achar pressupor sem investigar que não existe nenhuma causa ou razão que explique tal fenômeno, ou que não existe tal razão até a investigação prove o contrário. Já o problema do paranóico-conspiracionista é pressupor de antemão que exista não só uma razão mas para tal padrão de eventos, mas que tal razão deva ter um ou mais agentes ou entidades, fisícos,

ou até mesmo metáfisicos. Notem que não há problema nenhum em pressupor que para cada evento observado, possa (não necessariamente deva) existir uma explicação racional que não seja a mera coincidência, do contrário não haveria investigação empirica nem ciência, mas tão somente o credo da arbitrariedade, e portanto negação da filosofia ou fé na razão como caminho para encontrar a verdade. O problema é pressupor que para cada padrão associado a um evento há necessariamente um sujeito(s) ou agente(s) e claro trama envolvida. E não há. De modo que com a pressuposições de que tudo é concidencia você faz perfeitos idiotas normóticos normalizados e institucionalizados, prontos a serem medicados não importa com qual placebo ou veneno que diga por rémedio contra a loucura da realidade. Com teorias paronóicos-conspirátirias você produz a um surto da mania justaposta neste dentro da jurisprudencia manicomial, você produz ensandecidos prontos a surtar, que podem chegar até mesmo a ver ou até mesmo a ouvem a entidade ou pessoas que por suposto a causar seu bem ou mal onde ela não está, seja porque não são elas que causam, seja porque a entidade sequer existe. E nada como o medo, terror e privações extremas, e claro comoções coletivas para despertar os delírios e visões especialmente nas gentes assim reduzidas a massas.

Alguém ainda tem alguma dúvida que o Estado como monopólio da violência fracassou?

Não é o Estado só de Bem Estar Social que faliu, nem o Estado Mínimo Liberal que nunca funcionou. É o Estado-Nação como…

medium.com

Logo se essa massa critica será suficiente, se a grande maioria está acordando tarde demais para tanto, isso é algo que sinceramente já não sei, e pouco importa saber, porque não é algo feito para tentar se apostar ou tentar adinhando, mas se trabalhar, no bom sentido da palavra, o não-alienado, para resistir com consciência e solidariedade. Porque o que faltou no antes, é o que falta no agora, e vai de novo faltar no futuro. Os mostros dividem para conquistar, o povo divide o pão para multiplicar os peixes. Não é um milagre. È a caralha da tal civilização cristã-ocidental, então vamos lá, de novo:

A menos que eu esteja completamente errado, e não exista uma, mas duas. A cultura e civilização cristã-ocidental cantada em verso e prosa e representada em ritos costumes e liturgias e suas instituições. E a outra, a real, posta em prática, que não precisa se explicar para quem não se faz de cego e idiota, e a que não se consegue explicar para quem não sabe, não quer saber e tem raiva de quem sabe, nem desenhando:

E ainda tem quem se espante como pode haver tanta miséria e desgraça, e até fome num pais tão rico incluso…

“Escalada da Desigualdade”, da FGV-RJ

O Início da Crise

O primeiro ano da crise entre 2014 e 2015, retratado no gráfico, mostra uma perda em todos os grupos da sociedade, sendo as principais vítimas os jovens (-20,51% para aqueles entre 15 e 19 anos e -12,49% para aqueles entre 20 e 24 anos) e responsáveis nos domicílios.

Como vimos, a crise continuou para além de 2015, quando a saga relatada na PNAD tradicional se encerra. Voltando à PNAD, a crise social que se manifesta no final de 2014, surge a partir de excessos e desvios de um caminho do meio onde o bolo de renda crescia com mais fermento entre os mais pobres. Apenas

em 2015, a pobreza subiu 19,3%, com cerca de 3,6 milhões de novos pobres. Embora a desigualdade medida por métricas usuais, como o índice de Gini, não tenha aumentado em 2015, a desigualdade relevante em termos de pobreza explodiu. Basta dizer que enquanto a média de renda caiu 7%, a renda dos 5% mais pobres caiu 14%. Resultado direto do congelamento nominal do Bolsa Família em 2015, quando as taxas de inflação e de desemprego atingiram os 2 dígitos. O salário mínimo, que indexa a maior parte dos gastos sociais e previdenciários brasileiros, teve ganho real em 2015, fazendo com que a renda per capita dos grupos mais diretamente por ele afetados, entre os percentis 60 e 65 caísse menos:

3,8%. Os mais pobres tiveram a sua crise dobrada em relação à média geral da nação enquanto os brasileiros medianos tiveram a sua perda reduzida à metade.

*Esta troca de menos Bolsa Família por mais gastos previdenciários foi desvantajosa em termos da trajetória do binômio social e fiscal, assim como o seu impacto sobre a demanda agregada. Em termos de multiplicadores de gasto públicos, cada real gasto com Bolsa Família dispara um multiplicador 3 vezes maior que o dos gastos previdenciários; 5 vezes maior que os do FGTS — usado em 2017 como ferramenta anticíclica; 1,68 mais que o abono salarial do PIS-Pasep- usado em meados de 2018 junto com a recomposição do valor real do benefício do Bolsa-Família. Uma lição da crise atual é olharmos primeiro para os mais pobres, buscando protege-los e assim preservando o movimento da economia como um todo. No bojo da crise de 1999, gestamos e depois parimos o Bolsa Escola federal; em meio as agruras da crise de 2003, nasceu o Bolsa Família. Na atual crise desaprendemos lições básicas. — **“Escalada da Desigualdade”**, **FGV, RJ, Agosto de 2019.***

Porra, mas será todo mundo é tão louco e burro assim? Não, só a maioria só banca mesmo. O

próprio estudo tardio explica...

Finalmente,apesar de a renda familiar _per capita_ suavizar os efeitos examinados aqui, a renda das pessoas em idade eleitoral aumentou mais em anos de eleição do que a renda de crianças e adolescentes que não participam diretamente do pleito. Nesse caso, os maiores ganhos relativos vêm de programas sociais: durante os anos eleitorais essa fonte de renda aumenta em 3,43% a mais para pessoas na condição de eleitores do que para crianças e adolescentes que estão abaixo da idade para votar. A previdência social acompanha essa tendência com um aumento relativo de 2,74% para eleitores, seguido por efeitos indiretos da renda oriunda do emprego, que corresponde a um aumento de 1,27%. Esses números indicam que a extensão dos programas de transferência de renda está ligada ao ciclo eleitoral.

Isso cria uma objeção aos CCTs em termos de oportunismo político. (...) [grifo meu]

Deixa-se eu traduzir a sigla, repetir e soletra: **Isso cria uma objeção [as CONTRAPARTIDAS em termos de oportunismo político. (...). CON-TRA-PAR-TI-DAS.** Neri conhece bem o problema incluso do oportunismo político pois já participou de diversos congressos de Renda Básica, que especificamente desse problema, incluso nos que a contragosto de todos o ReCivitas (lá fora e aqui mesmo no Brasil já em 2010) denunciou esse perigo que a instrumentalização política dos direitos fundamentais para fins eleitorais representavam, incluso para o próprio garantia do direito afinal uma vez reduzido a arma de manipulação de massas, porque este aparelho não seria alvo (de tomada ou derrubada) estratégica dessa guerra (eterna) política por outros projetos poder concorrentes?

Mas a verddeira lição é outra: o negócio dessa gente, seja com pão ou porrete, e claro circo, não é acabar com crime ou miséria, mas justamente manter a redea e cabresto bem curto para perpetuar-se no poder não importa o custo, afinal de contas mantendo o tomando ou retomando o poder quem pagará as contas sempre será o elo mais fraco dessa cadeia, os que não senão a a sua carne e a da prole para dar para corte em sacrificio. O negócio nunca foi a garantia da renda, mas a das contrapartidas. O negócio mais lucrativo do planeta: vender direitos como se fosse benesses e favores governamentais e cobrar obrigações com se fossem direito e prerrogativa governamental e deveres do cidadão. E que puta negócio: distribuir como se fosse favor, as migalhas do produto do roubo para o verdadeiro dono da casa roubada, desde que este seja grato e se submeta as condições e imposições do ladrão que o tiraniza. E E ai de quem for ingrato, por que esse negócio não é so compulsório mas bancado pelo monopólio da violencia. E quem não estiver com o pão pago com os dividendos do patrimônio público roubado da própria sociedade que não reclame e não se levante, porque senão não só vai perder o pão como vai levar é bala. E não vai ter só cabresto, mas chibata e trabalhar até nos domingos. E dar graças a deus por ter um emprego. Porque o pais e a riqueza nacional seus lucros e dividendos não, pertencem ao povo, mas ao governo, amigos, bancos e empresas que vivem as custas da sua pilhagem dessa riqueza e do trabalho, incluso dos miseráveis que hão de morrer trabalhando e obedencendo todas as contrapartidas para receber as contrapartidas de usufruir direitos sobre todo e qualquer bem que em lei natural ou mesmo consticuional seja seu, mas que de fato esteja sob a posse e controle DE FATO deles.

I-DI-O-CRA-CIA. Um a nação que se diz dona de um território, mas não recebe os lucros e dividendos só paga os custos e danos. Que se acha e diz livre, para escolher nada senão quem manda nela, uma sociedade que não dá uma a ultima palavra em nada e ainda chama de adminstração pública o piloto que leva o barco para onde ele quer, e não para onde os passageiros decidem ir. Decidem? E onde é que há tempo e lugar para que as pessoas possam decidir sobre qualquer coisa. Vai circulando, vai procurar emprego, vai cumprir suas contrapartidas e obrigações incluso as tácitas para receber o que já é seu, ou pelo menos era ou deveira ser por direito natural. Viver e ganhar seu pão, sem cabrestos nem da privação, nem da tutela seja de falsa benesse ou genuína repressão bancada com a pilhagem dos direitos e bens naturais roubados de um povo e uma nação por “seus próprios” governantes.

Mas claro que o problema não são roubo do patrimônio e até do usufruto da riqueza nacional que eles alienam daqueles que já vão nascer sem herdar nada, mas sim a falta de empregos.

Não, não nenhum povo tem o governo que merece, porque se tivesse não teria governos mas sociedades, mas as sociedades essas podem ter certeza essas sempre tem o governante que fazem por merecer senão pelo que fazem questão de saber e fazer , justamente pelo contrário, pelo que não fazem a menor questão de fazer nem sequer saber...

Pague para entrar... reze para sair...

A mais novíssima velha ordem mundial

El Paso: EUA negligenciaram a luta contra o extremismo branco?

Os Estados Unidos estão investigando o ataque a tiros em El Paso, que deixou 22 pessoas mortas, como um possível caso...

www.bbc.com

(...) E eis que voltamos à América de Trump. Que não por acaso recupera os empregos alterando os termos da globalização para o protecionismo nacionalista de uma guerra comercial, que cobre a sua demanda doméstica da América branca empobrecida... demanda pelo quê: empregos.

O que implica- não importa se com pesar ou regozijo, pois o resultado em controle de migração vai até a quebra via gentrificação eugenista das gentes em sua motherland.

Mas e o sonho americano?

Como o pai salvadorenho que morreu abraçado descobriu tarde demais, esse sonho não pertencia à ele, não era sonho permitido, ao menos não mais para uma subraça outrora apenas tolerada para fazer o trabalho que ninguém com a devida proteção de nascer no lugar e tempo certo (pode chamar cidadania) queria mais fazer. Era enfim infelizmente apenas sua imaginação fugindo dele... para morrer numa armadilha... sonhando viver em algum lugar onde poderia ser empregado em alguma coisa.

Trump tem razão, deveriam deixá-lo cumprir sua promessa de campanha, e construir seus muros. E inscrever em cada canto dele em letras garrafais em todas as línguas bárbaras do mundo, seus dizeres: "Não venham". Ou melhor: "Todo trabalha salva... lá na sua terra e não mais aqui na minha". Porque pior do que a guerra contra a humanidade declarada, é a hipócrita, tanto de capitalistas quanto socialistas que arrebanham gentes apenas para que na hora que do seu sacrifício não precisarem mais, simplesmente deixarem sua carne apodrecer. E se você acha que os piores dos pesadelos é escapar de terra feito um pesadelo de guerra e carestia só para morrer na porta fechada da Disneylandia de sonhos e fantasias do outro (seja a de Miami ou Paris) infelizmente, as combinações de desgraças, - como a história tem o péssimo hábito de se repetir como farsa para os idiotas e como desgraças para os que estão na ponta da corda- não param por aí. Porque pior do que morrer na porta, é pagar para entrar e ter que rezar depois para sair.

*Bem, mas não sejamos injustos, os sonhos morrem, dentro ou fora dos burgos. Para povos eleitos e não eleitos, incluso para os que não rezam, e sabem bem mais cedo que os demais que o sonho sempre foi só um sonho, e que acabou. E só para garantir que tenha acabado mesmo, de preferência com duas balas no peito... -**Microtrabalho, o Turco Mecânico ".com" e a Torre de Babel***

E cada um volte e fique na sua casinha, e vá trabalhar sem reclamar e rapidinho dentro da sua casinha...

Os milhares de trabalhadores mal pagos que permitem que você se divirta e consuma na internet

Pense em como é sua vida digital. Você está no celular, entra em um site de buscas para procurar restaurantes nas…

www.bbc.com

Crianças trabalham em regime ilegal na produção de aparelhos da Amazon na China

Reportagem do The Guardian denunciou a contratação de menores de idade para trabalhar em fábricas da Foxconn…

br.financas.yahoo.com

E aí de quem nesse admirável mundo novo não tiver uma…

Nos Estados Unidos, leis municipais criam o crime de morar na rua

Sem outros recursos para lidar com moradores de ruas, cidades dos EUA vêm apelando progressivamente para uma solução…

www.conjur.com.br

Sei não… mas acho que estamos perdendo alguma coisa e não é só o soul, ou melhor é ele mesmo, ou melhor, ela, de novo, de novo, e de novo…

Microtrabalho, o Turco Mecânico ".com" e a Torre de Babel

Introdução ao Problema

medium.com

Violência, Armas de fogo e Desarmamento Doméstico e Internacional

Apontamentos sobre o Atlas da Violência 2019 IPEA e outros estudos científicos em geral

Parte I

Reto e direto: O estudo conclui pelo desarmamento da população. E recomenda (em outro capítulo) a adoção de politicas pública preventivas voltadas especialmente para infância e juventude para combate à pobreza e investimento em desenvolvimento humano, uma vez que os dados estatísticos confirmam também que é justamente as áreas onde há maiores índices de violência é onde prevalece os mais baixos índices de desenvolvimento e claro desinvestimento público. Ou seja dados ainda mais robustos, a confirmar o que muita gente já sabia, mas nenhuma novidade. Salvo o seguinte achado que de longe é o mais interessante :

"2,2% dos municípios brasileiros concentraram metade dos homicídios do país em 2016".

E interessa porque não é detalhamento ou demonstração de uma obviedade. E pensando bem, talvez, até devesse ser. Afinal se o desenvolvimento socieconômico (e seus efeitos nocivos como a violência) não se distribuem nem igual nem muito menos arbitrariamente entre as populações num dado espaço territorial, porque ele haveria de estar distribuído igual ou arbitrariamente em qualquer amostragem estatística macro ou micro de um território em qualquer tempo sempre desigual? Ou mais precisamente: se sabemos que existe uma correlação diretamente proporcional entre a falta de desenvolvimento humano e seus efeitos; porque haveríamos de nos surpreender que tais carestias e concentrações estejam proporcionalmente espelhadas e distribuídas concretamente na mesma razão na topografia do país, e não só a topografia meramente geográfica, mas sobretudo a geopolítica, ou seja marcadamente delimitada tanto o fluxo como concentração não só de políticas públicas mas dos capitais nas divisões e subdivisões, jurisdições que controlam justamente a posse e usufruto do que é patrimônio público? De tal modo que para além das desigualdades intermunicipais, há as desigualdades locais, os bolsões de riqueza e miséria, dentro dos bolsões de miséria, porque aqueles que nem todo rico vive de se locupletar, mas não vive nem faz questão de viver apartados de quem assim sub-existe, porém é mais fácil achar uma agulha num palheiro, do que uma pessoa rica que não apartada e devidamente da carestia e suas probabilidades estatísticas.

Surpreendente portanto seria que num país de desigualdades sociais extremas não houvesse bolsões de concentração de pobreza e violência e que as consequências da má distribuição do desenvolvimento socioeconômico, salvo nas médias e medianas, se distribuíssem igualmente

entre todos os brasileiros médios, que como realidade só existe na abstração da estatística, isto é, na amalga entre dois ou mais seres humanos reais, João e José. Logo porque exatamente nestes lugares? E porque exatamente com estas pessoas? Essa é a verdadeira questão que a investigação empírica do estudo não responde, mas instiga. Porém, como retrato de um país, o que há de que se surpreender? Pois se é inegável que todos (na média) sofrem com a desigualdade, e seus efeitos aumentam para todos (de um modo geral). É nos polos extremos onde as causas e efeitos estão literalmente concentrados de forma inversamente proporcional, de modo que os bens e serviços e políticas públicas que faltam e compõe a carestia e suas consequências aferidas- (delírios fora) tanto pelo senso comum quanto dados estatísticos- vem a compor não só as politicas públicas de renuncias, incentivos subsídios, benesses, concessões, privilégios, nem sempre legais, a surgir, nos outros habitats para as "amostras" nem tão evidentes da população igualmente apartadas, porém não marginalizadas, mas encasteladas tanto em edificações quanto instituições- e não raro, nem por acaso, vejam só, nem sempre nos espaços públicos, mas dentro de suas propriedades privadas, algo que um atlas da violência que não chega até ao átomo do universo social, a pessoa humana e as propriedades do sujeito enquanto não subjetivas enquanto um x perdido, ou se preferir devidamente escondido numa classe abstrata ou multidão, uma ideia que jamais é capaz de dar conta não como causa e fator determinante dentre a somatória, exceto como abstração conceitual e aproximação estatística. Até nisso a desigualdade é gritante, quando o crime é pequeno o sujeito é determinado, quando é grande, não é só oculto, é inexiste. Desenvolvimento é milagre, logo tem dono. Não é ato é fenômeno. Não é crime, é tragédia. Aliás se não for tragédia, então vira milagre. O milagre do desenvolvimento tem dono. Já o crime da sua falta e consequências não. Um jogo que antes de ser de números ou mesmo de palavras e de conceituações.

Achado cientifico surpreendente portanto seria o oposto: que num país com os índices de desigualdade, desenvolvimento socieconomico, não houvesse tantas mortes, ou que elas não estivessem concentradas exatamente naqueles entre as populações e territórios mais marginalizados. Isto seria um achado estatístico tão improvável quanto a pasta de dente voltar para o tubo, e sozinha. Tão improvável que o óbvio poderia ser enunciado como lei, se tal lei servisse para alguma coisa:

O desenvolvimento econômico e logo sua carestia e todos os respectivos efeitos positivos e negativos não se distribuem nem igualmente nem arbitrariam por toda população de um território, mas desigual e no extremos de forma inversamente proporcional na exata (des)proporção da apropriação, expropriação, demarcação controle, regulação, circulação não só das politicas mas dos capitais que compõe antes da posse privada a jurisdição pública sobre bem comum enquanto patrimônio e seu usufruto como bens e serviçes públicos a compor não só o mapa geopolítico das divisões e subdivisões hierárquicas dessa administração da coisa pública sobre uma nação, mas a sua topografia da fome, riqueza e violência de um país enquanto a trama de tecido social em todos os seus pontos de união, esgarçamento, e ruptura.

Um verdadeiro mapa da pobreza e riqueza, mas mina de ouro de quem vive de se locupletar da carestia especialmente nos territórios onde a posse e regulação do usufruto do patrimônio comum está (em teoria) sob a mesma jurisdição "pública" que também não por acaso não se distribui mas ocupa, circula e se concentra no seu habitat da mesma forma que concentra e aparta os seres e recursos e como recursos em seus planos de mapeamentos e políticas ditas

públicas. Ou seja, devidamente apartada geopoliticamente, em muros e divisões, edificações e instituições, fronteiras e fortificações conceituais e concretas que espelham não só as concentrações mas a própria demarcação das posse e autoridade política e econômica sobre tais territórios e populações conforme as hierarquias jurisdicionais e preconceituais.

O mapa dessas redes de posse e poder que se distribuem espacialmente em espaços de convivência e conveniência bancado pelo mesmo capital público que num lugar falta e milagrosamente reaparece habitats mais bem servidos como dito não raro sem cerimonia como propriedade privada, leia-se grilada. Das ruas asfaltadas e iluminadas, as praças públicas, parques, aos lugares ermos e abandonados, as redes de aço e concreto, cimento e do capital, o padrão se reproduz para muito além, e de forma ainda mais brutal e violenta e real do que cada unidade da federação mostram ou neste caso amenizam.

Coloque a lupa para além das desunidades da desfederação e você verá comunidades e sociedades, dentro desses falsos átomos da sociedade, as suas verdadeiras partículas elementares, os verdadeiros núcleos, e células e forças constituintes. Um mapa que uma vez limpo as fronteiras nem tão imaginárias das unidades que que compõem a federação ou melhor dividem e mais escondem do que demostram, e teremos enfim a possibilidade de visualizar o que de produtivo ou nem tanto literalmente mora dentro desses arcabouços das subdivisões administrativas do poder central, onde estão encerradas os núcleos produtivos, que de fato movem ou atrasam a riqueza de uma nação, a partir do verdadeiro motor a pessoa humana e suas relações. Gente que se trata e agrega como gente. E não que se trata ou aparta feito coisa ou bicho, mas uma vez o dito que é obvio, mas que novamente entre o dizer e o fazer.

Resumindo concluir com dados estatísticos o que já deveria ser óbvio sem a necessidade de nada mais que não o mínimo de bom senso, ou senso comum: o problema da paz e justiça não se resolve com pão e não pedras ou pedradas. Ou pelo menos deveria. Ao menos a quem se diz aculturado pela dita civilização cristã-ocidental, senão de fato, na prática e para fins práticos ao menos em tese e para fins teoréticos para o jogo de cena e representação dos papéis tanto da vida social quanto pública. Mas como disse isso é o obvio, e o único óbvio que interessa, e aquele que no final da conta, na soma de todas as obviedades resta como uma contradição, a obviedade que tantos insistem em renegar.

Logo esse dado interessa por tudo o que ele ao invés de revelar e confirmar, enseja tanto como questionamento quanto incita como investigações. Porque exatamente esses municípios? Até onde presença ou falta de políticas públicas dentro da União, Estados, e sobretudo as municipalidades é determinante para a morte e vida das pessoas que cruzam as fronteiras da jurisdição destas linhas nem tão imaginárias? Mais precisamente como a disputa pela posse pela jurisdição de fato desse território, leia-se o monopólio da violência, nestes territórios, afeta a demografia dentro e fora das fronteiras geopolíticas não tão bem demarcadas destes mapas, ou como as casualidades civis quanto as baixas de militares afetam não apenas os índices de desenvolvimento, mas a longo prazo, a própria existência desses assentamentos humanos? Em que medida eles são integrados? Em que medidas são dispersados? Em que medida são simplesmente exterminados? E novamente não se espante se no futuro as desproporções entre cada uma dessas medidas apontar para os números que retratam que não queremos acreditar uma ethos de nação que não queremos que seja o nosso.

Para entender melhor minha pergunta imagine que o atlas da violência não fosse só um atlas mas um mapa mais ou menos como esse aqui:

Atlas AI

Atlas AI generates actionable intelligence on agricultural and economic trends across the developing world.

www.demo.atlasai.co

Agora imagine se olhando para essa ferramenta, se pudéssemos sobrepor não só os assassinatos distribuídos sobre essas linhas imaginárias em contraste com o desenvolvimento econômico e humano até a unidade minima da municipalidade, mas até o átomo dessa rede, cada favela, cada quebrada, e cada ser humano de carne e osso, real, passando por casas, ruas, bairros, enfim passando pelos núcleos que compõe as relações sociais. Qual seria então novamente a distribuição local dos riscos e expectativas de vida e morte violenta desses recortes de amostragens ainda mais precisos, porque orgânicos e concretos, porque de fato correspondentes a comunidades, não raro cercadas e guardadas como condomínios fechados ou vigiadas e apartadas das demais como favelas e periferias? Quanto mais concentrados estariam as mortes nesses campos ou bolsões de risco de assassinatos, e violência? Qual seria então a relação de desigualdade entre esses campos de concentração de morte violenta em relação aos campos de maior concentração do patrimônio e politicas públicas, digo as de proteção e não as de repressão? Seriam esses números maiores ou menores que zonas de guerras, campos de refugiados, faixas de Gaza?

Bem é sabido qual é a etnia que mais morre de morte matada, mas qual a taxa de mortalidade desses grupos étnicos dentro desses campos, e qual seria o grau de parentesco desde grupos? Sua expectativa de vida estaria crescendo ou diminuindo? Se diminuindo? Sua taxa de mortalidade, supera a de natalidade? Poderão ser “esmagados como baratas”? Ou como toda população de seres vivos, os seres humanos como já havia demostrado Josué de Castro, também passam a reproduzir numa razão maior, para evitar ser exterminados como querem seus fazedores de políticas, como baratas? O que veríamos e contabilizaríamos? O grande caldo cultural da miscigenação brasileira, ou a prevalência do extermínio lento e velado de determinadas famílias? Etnias?

Façamos pois, também o caminho inverso. Porque não? Com a mesma lupa, vamos para os lugares mais pacificados, ricos e desenvolvidos, mas não vamos nos contentar apenas com a fotografia. Vamos reconstruir esse filme histórico quadro a quadro. Vamos olhar só para os genótipos, mas reconstruir essa rede social nesse espaço, mas na linha do tempo, reconstruir essa árvore das relações familiares que reproduzem e transmitem a sua gene que forma as tribos, castas, clãs transmitindo suas herança em todas as sua formas mas sobretudo como capital. Vamos estudar o habitat destes outros bolsões para verificar o quanto o senso comum acerta, ao pensar que eles estão também apartados não só do outro extremo marginalizado, mas de todo o restante mediano e remediado da população. Qual sua expectativa de vida, sua taxa de morte violenta, suas taxas de mortalidade, e natalidade, cruzamento “interclassial”, ou “interacial”, verificar em que medida, existe de fato integrado fora é claro das medias e estatística e contos esse tal de povo brasileiro.

Verificar como não só funciona as politicas públicas, mas fluem e circulam os capitais que iluminam e asfaltam essas ruas, como é porque esse capital que é o único que por direito também pertence aqueles que morrem e vão morrer por não receber nada daquilo fato também lhes pertence como herança sobre o patrimônio construído sobre o bem comum não chega jamais até a essas outras áreas. E quais políticas públicas seriam capazes de corrigir as políticas públicas que não são capazes de se autocorrigir.

Vamos verificar o quão burra são as generalizações. Porque burras elas são. Resta saber o quanto. Ou o que é a mesma coisa o quão inteligentes são, ou qual o limite da sua aplicação inteligente. Porque toda generalização é por definição querendo ou não uma preconcepção não importa se completamente arbitrária e preconceituosa ou embasada em observações empíricas e formulações estatísticas. Tendencias e probabilidades que portanto não falam nem de verdades, mas de margem de acertos e erros quanto a previsão de amostragens que sequer são seres reais, mas amostragens amalgamadas ou apartadas dos verdadeiros objetos reais, no caso os seres humanos. E que por supostos iguais por suas classificações gene, classe, condições, histórico de vida, geopolíticas, ou afins.

Daí a importância, não só para efeito de justiça, mas para identificação dos fatores determinantes dos problemas sociais, não como generalizações de classes, zonas pressuposições de comportamentos seja onde supõe que as pessoas com um gene ou gênese igual terão personalidades e comportamentos, seja porque pessoas submetidas ou mantidas em determinadas condições seja de desenvolvimento ou privação irão necessariamente se comportar exatamente de acordo com as suas condições predeterminadas de vida. A tendencia estatística é inegável, mas como juízo e até base de políticas públicas não tem nem a justiça e inteligencia das politicas universais nem a justiça e inteligencia das politicas otimizadas até o principio de fato constituinte desse conjunto universo que não é uma a abstração de nenhuma classe ou coletivo, mas a pessoa humana independente da sua condição ou condicionalidades impostas ou pressupostas.

De certa forma tal investigação já não seria mais só científica, mas uma verdadeira investigação de policia cientifica. Não apenas um atlas da violência, mas verdadeiro mapa da pobreza, ou melhor da mina de ouro de quem vive dela. Na verdade uma investigação forense de quem matou Brasil, executores e mandantes, seguindo bem ao gosto do novo tenentismo jurídico o famoso “folow the money”. Porém há dois problemas com essa investigação, (e aqui segue uma hipótese ou premonição sem nenhum embasamento cientifico) os executores não poderão ser presos. E os mandantes não estão sequer em sua jurisdição. Não sem a quebra do próprio regime ou estado de direito. Porque prendê-los enquanto investidos no exercício de sua funções vitaliciais é o equivalente a prender um rei, ou seja não importa os eufemismo que se use é a uma revolução. É o fim de antigo regime e o começo de um Estado Novo. Tentar prender o mandante é o equivalente a declarar guerra a reis e reinos estrangeiros, ou seja declarar uma guerra fria ou não. Aliás, já estão sentindo o peso dessa ingenuidade ou prepotência.

Sem isso, caímos exatamente onde estamos, em guerras de narrativas de perceptivas de classificações e preconceituações, ideologias e classes. Onde precedentes de auto-destruição entre diferentes territórios de desenvolvimento e não só domésticos mas internacionais foram abertos, numa guerra não declarada. Porque é isso que está ocorrendo nesse exato momento no Brasil e no mundo, uma guerra não declarada. Porque papo furado fora,

quando uma das tribos passa admitir a morte de inocentes na sua guerra no território para eliminar quem começa a ameaçar a paz no seu. Ele abre o precedente do mesmo tratamento indiscriminado por aquele que de fato não é reconhecido nem tratado como igual por ele fora no papel. E quanto mais vai se criminalizando indiscriminadamente a pobreza, para esconder o fato que um inocente e não um criminoso ou terrorista tombou, por outro lado também mais indistintamente também vai criminalizando a riqueza, para se racionalizar que não foi só uma pessoa que mais rica, mais um corrupto, ladrão e locupletador. E mesmo que não fosse como dizem os ideólogos e estatistas os desumanizadores profissionais, há sempre que se quebrar alguns ovos para se fazer um omelete, ou os fins hão de justificar os meios, os seus é claro. De modo que únicos hão de prevalecer nessa guerra, pelo menos até o derradeiro momento que do enfrentamento, são justamente os polos extremistas dos vendedores de ódio e discórdia, que não raro não tem o menor pudor de matar nem de se locupletar em beneficio próprio e dos seus clãs. Eis o padrão que norteia as políticas públicas estatais, leia-se as subsidiada pelo monopólio da violência, legal ou não desde que o mundo é mundo. E para ter o monopólio em um território há que se ter a supremacia armada. Então vamos às malditas armas de fogo, porque faz tempo que não é com arco flechas, nem com garrunchas que se toma, se liberta, nem se o estado de paz nem se guerra com ninguém. E a propósito, caso não se tenha percebido nem como pistolas e fuzis. Novamente uma questão de desigualdade de forças, autoridades e capitais e claro poder, tecnologia e conhecimento. De tal modo, que enquanto alguns no mundo subdesenvolvido alguns reclamam por uma pistola em casa, para passar se sentir mais seguro nesse mundo, armamento cada vez mais sofisticados de destruição em massa são desenvolvidos, testados e apontados e explodidos com dinheiro dos povos. E toca a procurar iodo.

Explosão que matou cinco no Norte da Rússia pode ter sido acidente durante teste de míssil nuclear

Pico de radiação foi registrado após acidente nesta semana Jonathan Landay, da Reuters WASHINGTON – Uma explosão…

oglobo.globo.com

Projeteis capazes de carregar ogivas nucleares que viajam a uma velocidade de 11.000 kmh e são capazes de atingir o como diria o Morão o “nosso presidente Trump” em 6 minutos, com chances de aproximadamente zero de ser interceptada no lançamento pela baterias bilionarias antiaéreas da OTAN posicionas na Europa. Isso sem falar de outras bombas nucleares por incrível que parece tão destrutivas quanto e que também nos afetam de forma ainda mais evidente que essa nova guerra definitivamente hibrida, mas nem tão fria assim…

Os chineses têm a bomba atômica

Quem ganhará? É impossível que a China derrote os EUA em uma batalha meramente comercial. Porque suas exportações para…

brasil.elpais.com

Mas e daí, o quanto isso nos afeta? Mas como se preocupar com isso, quando temos sempre problemas clássicos sempre mais urgentes de países eternamente emergentes ou

submergentes para resolver? Pois é, como e por falar nisso como é que vai a Embraer perguntou como quem não quer nada a Boing?

Mas cada um há de lidar com a herança deixada por seu país, essa é nossa. Vamos ver qual é a que deixamos... vamos então às armas de fogo e violência, o atlas do Ipea 2019.

Ipea — Atlas da Violencia v.2.2.33 — Bem Vindo
Missão: "Aprimorar as políticas públicas essenciais ao desenvolvimento brasileiro, por meio da produção e disseminação...
www.ipea.gov.br

Parte II

Armas de Fogo: Atlas da Violência 2019 Fonte IPEA

8. ARMAS DE FOGO

8.3. Por que a difusão de arma faz aumentar a insegurança pública? Canais causais

1.Como falado, uma arma de fogo dentro do lar faz aumentar as mortes violentas dos moradores, seja por questões que envolvem crimes passionais e feminicídios, seja porque aumenta barbaramente as chances de suicídio, ou ainda porque aumentam as chances de acidentes fatais, inclusive envolvendo crianças. Por exemplo, Dahlberg et al(2004), mostraram que o risco de um homem cometer suicídio em casas onde há armas aumenta 10,4 vezes.

Segundo Fowler et al (2017), em função de acidentes domésticos envolvendo armas de fogo, a cada ano 1.300 crianças são mortas nos EUA e 5.790 são internadas a cada ano.

2. Uma parte significativa dos crimes violentos letais intencionais é perpetrada por razões interpessoais. No Brasil, cerca de 4% dessas mortes ocorrem por latrocínio. Por outro lado, alguns trabalhos, como o de Dirk e Moura (2017), com dados do Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro, mostraram que , no total dos casos de crimes letais intencionais conhecidos, mais de 20% das mortes ocorrem por questões interpessoais, como brigas de vizinho, crimes passionais, brigas de bar, etc. Portanto, o indivíduo com uma arma de fogo na mão que se envolve em um conflito aumenta as chances de ocorrência de uma tragédia;

3. Significativa parcela das armas legais são extraviadas ou roubadas e terminam em algum momento caindo na ilegalidade, fazendo com que o preço da arma no mercado ilegal diminua e facilitando o acesso à arma aos criminosos contumazes. A CPI das Armas

realizada pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, mostrou dados robustos sobre a questão. Em 10 anos no estado do Rio de Janeiro, foram extraviadas ou roubadas 17.662 armas das empresas de vigilância ou segurança privada. Nessa mesma CPI mostrou- se que das armas ilegais apreendidas, 68% tinham sido armas legais num primeiro momento vendidas no território nacional e 18% tinham sido armas desviadas das Forças Armadas ou polícias. Ou seja, 86% das armas ilegais foram em algum momento legais e depois desviadas para o crime.

Numa pesquisa mais recente de 2017, produzida pelo Instituto Sou da Paz, intitulada De onde vêm as armas do crime apreendidas no Nordeste, reafirmou-se a conclusão da CPI do RJ, em que grande parcela das armas aprendidas possuía registro legal anterior.

Esta consulta (realizada com as 5.966 armas com numeração preservada de um total de 7.752 armas apreendidas no Ceará entre janeiro de 2016 e junho de 2017) no SINARM encontrou registros para 2.644 armas, sendo que 550 delas tinham sido cadastradas apenas no momento da apreensão (registro que deveria ser feito para a totalidade das armas apreendidas), e as outras 1.984 armas possuíam registros anteriores de proprietários que as compraram legalmente, ou seja, armas que entraram legalmente no mercado e, posteriormente, foram desviadas ou usadas pelos proprietários para cometimento de crimes. (p. 35).

4. A arma de fogo no ambiente urbano é um bom instrumento de ataque, mas um péssimo instrumento de defesa, em vista do fator surpresa. Aliás, as mortes de inúmeros policiais nos dias de folga atestam esse ponto. De outra forma, uma pesquisa do IBCCRIM mostrou que uma vítima de um assalto quando armada possui 56% a mais de chances de ser morta do que a vítima desarmada. (...)

Ok. E qual a probabilidade estatística geral desses dados e conclusões e recomendações modificarem as politicas públicas na série história? E no momento atual 2019? Ninguém precisa responder. É só uma pergunta retórica. Euristicamente, mesmo não sendo gurus ou videndes, todos no fundo, querendo ou não, sabemos a resposta.

Vejam que até o homem de ciência que pratica a econometria é um homem de fé, um homem que acredita em milagres. O milagre da transformação dos homens que não fiam nem pressupõe boa-fé na razão e ciência, pela pressuposição de boa-fé na ciência e suas razões, incluso as estatísticas e econométricas. Louvável mas insisto o buraco, faz tempo, é bem mais embaixo, ou se preferir mais fundo. E num mundo onde a percepção ordinária incluso que de "quem não pede, mas manda" está em questão, dados e amostragem não vão alterar as suas posições ideológicas estratégicas, que dirá então abalar pressuposições epistemológicas, os verdadeiros pilares dos preconceitos e preconcepções.

No atlas, clama-se por políticas públicas baseadas em racionalidade, quando falta até mesmo a concórdia, o minimo denominador comum não só consenso, mas percepção e senso que compõe o senso comum sobre o bem comum. E se as coisas mais simples e ordinários que deveriam ser dadas como dados por óbvias carecem agora de explicação, que se dirá os

problemas mais complexas que carecem de esforço e entendimento conjuga extraordinário para serem resolvidos?

A fé na razão, é sempre louvável, desde que não seja uma ilusão. Desde que não se pressuponha que a ciência tenha um poder epistemológico que não tem e nem nunca terá, o de fazer quem não sabe, não quer saber e tem raiva de quem sabe entender qual é a forma da terra, sobretudo não pela autoridade da sua própria razão, e não pela idolatria a autoridade de quem professa qual deve ser sua forma não importa qual, especialmente quando, não por acaso, a autoridade que ele idolatre seja não feita apenas da sua imagem e semelhança, mas no intimo, (ou já nem tanto) ninguém mais senão ele mesmo.

Falta portanto peça nessa processo de entendimento, combinar com os “russos”. Sempre faltou. Mas em tempos de crise onde a urgência faz a demanda por respostas prontas e fáceis, por remédios mágicos (mesmo os historicamente sabidos venenos mortais) explodir, enquanto as respostas que exigem inteligencia, trabalho e esforço perdem seu valor de mercado não só politico ou econômico, mas antes de tudo cultural. Não porque a lógica de mercado seja uma lei da natureza, mas porque a ciência e cultura na medida que se submeteu a lógica de mercado, fez dela o seu fundamento o logos da sua episte, ao menos a mais ordinária. O erro clássico dos pensadores, onde a abstração é tomada como razão dos fenômenos e não os fenômenos a razão das suas abstrações. Salvo é claro as exceções, mas as exceções são o desvio padrão, é como diz o nome só o desvio do padrão, e não sua quebra nem correção.

O problema obviamente não do estudo, longe disso, é muito maior. É de toda a ciência. Ou mais precisamente a sua falta de ciência ou consciência sobre a mesma. Ciência que ao pressupor que seu método destinado a prever e manipular a natureza, incluso a humana ,naquilo que ela tem de previsivel e manipulável é capaz de romper os muros e castelo dos credo e irracionalidade com suas demostrações lógico matemáticas e empíricas, bate e cai frente ao que supõe meramente como loucura. Loucura? Sim, mas loucura, que vai se estabelecendo em fundações cada vez mais sólidas, mas novamente se espalhando para o tremor já explicito e perplexa confessa dos governantes laicos mais lúcidos, que o diga Merkel. De que valem tais argumentos e demostrações, quando a guerra por corações e mentes é jogada com outras armas incluso as fornecidas pela ciência e tecnologia bem mais persuasivas no que se refere ao trato da informação sobre os fatos, os dados, mas no trato da formação da própria realidade como percepção dos fatos, para produção de dados. Aliás, façamos um autocritica sincera, de que valiam, quando os interesses, porque foi pelo enorme esgoto da hipocrisia do mecenato da democracia liberal que agora é o edifício da cultura e ciência que treme. Quando foi que os confortáveis interesses setoriais, corporativos e classistas se colocaram acima da arte, ciência, tecnologia e do bem comum a que deveriam servir, e não delas se servirem, ou pior, trair seu papel não meramente com a social, mas com a humanidade.

Como um corpo doado para estudos sobre Alzheimer acabou sendo usado em testes de explosivos

Um homem que doou o corpo da mãe para o que acreditava ser uma pesquisa sobre Alzheimer descobriu mais tarde que o…

www.bbc.com

A ciência não traiu a ciência. Mas ao trair sua vocação para a liberdade traiu a humanidade. E agora se assusta quando os povos jogados à ignorância, de ideologias politicas e religiosas que cultiva, alimentam e exploram a ignorância, o fanatismo gritam imbecilizadas para colher junto com seus imbecilizadores que a terra é plana e que deus é grande ou é a vontade de deus. Como assim? Com que armas eles caem? Ou são exterminados? Ou seriam os mesmo homens que apertam os botões e constroem aqueles capazes de construir os complexos sistemas de destruição com o qual ampliam suas posses e poder?

E se um dia a ciência se dissentiu espalhando o conhecimento entre a desigualdade concreta daqueles que iam sendo abandonados por um poder que monopolizava e centralizava e devorava e manipulava tudo, conquistando as populações marginalizadas e condenadas não com promessas, mas com um mundo melhor, com condições de fato mais igualdade e liberdade. Hoje, é na pregação entre aqueles deixado pra trás, no abismo que abriu pelas contradições criadas pela própria evolução de uma industria e riqueza erigida pelo saber racional e sua tecnologia que se forma os exércitos que clamam por salvação e salvadores populistas. Serão traídos novamente? Mas com certeza. Porém não sem antes muitas instituições caírem e cabeças rolarem antes.

Porque não fazer a pergunta correta? Se a arma é uma excelente arma para ataque e não para defesa, o que ela está fazendo, na mão de qualquer um? Porque aqueles que supostamente estão dentro dos nossos territórios para nos defender devem portar armas de assalto, cujo função e utilidade é assaltar e pilhar e matar dentro do nosso território. Quais são as intenções dos fazedores de política públicas ao armar suas forças de defesa com armas de ataque? E qual são as intenções dos fazedores dessas politicas quando estacionam essas tropas não no território alheio mas no seu próprio. Vocês tem os dados históricos. Sabemos quais são as intenções. Misture a amostragem e você terá um redução absurda da violência no Brasil, ordem e progresso. Separa as amostragens e você terá tanto um retrato da história do Brasil quanto do que há de vir para quem nunca esteve nos planos nem da sua ordem nem do seu progresso.

Dados são respostas. O que interessa são perguntas. Armas não nascem em árvores. Nem as com alto poder destrutivo construída por macacos, embora possa ser operada por homens ou até mesmo por macacos devidamente instruídos para tanto, é claro.

Não sejamos bobos. Quando não queremos que um determinado tipo de arma se dissemine não atacamos a distribuição, não a produzimos e atacamos quem a produz. E se não o fazemos é porque não temos condição nem de produzir nem de atacar quem produz. Não produzimos nem nos livramos da violência, lidamos como clientes e consumidores. Não somos os capitalistas somos o público-alvo. E lidamos para ver quem é mais ou menos gente, ou cidadão de bem, quem merece mais ou menos viver. Quem vai ficar com a arma na mão, quem vai ser desarmado e protegido e quem vai levar o tiro na cabeça se resolver puxar sua peixeira. Mas e as armas domesticas? Porque um país que abdicou constitucionalmente de se tornar uma potência nuclear, e ser um dia o ditador genocida, para no outro o bom amigo do Tio Sam, dependendo do trabuco nuclear, não se livra das armas que aponta para os brasileiros, bons ou ruins? Mais uma pergunta retórica.

Veja, o estudo é perfeito em sua conclusão. Tanto que não precisava nem de dados empíricos, mas só de lógica para se chegar as mesmas conclusões. Afinal garanto que você não precisa comer pregos e publicar os resultados para saber o cu que tem. E repito quem come, ou pior ou faz os outros comer não é por falta de detalhes desse saber que vai parar... mas segue.

E dentro dessas conclusões nenhuma é mais lógica e evidente que esta:

A arma de fogo no ambiente urbano é um bom instrumento de ataque, mas um péssimo instrumento de defesa, em vista do fator surpresa. Aliás, as mortes de inúmeros policiais nos dias de folga atestam esse ponto.(...)

A conclusão lógica de que uma arma de ataque quanto mais poderosa em seus objetivos é um objeto por perigoso demais não só para se usar, mas se manter por mais guardado. Até porque se muito bem guardado, mais difícil de ser sacado para o que de fato serve para atacar, ou dissuadir o inimigo do ataque pela supremacia da sua força. E aí vem o problema. As pressuposições.

Por outro lado, Cook e Ludwig, dois professores das universidades de Stanford e Chicago, respectivamente, num trabalho de 2002, mostraram evidências de que nos bairros onde há mais domicílios com armas de fogo acontecem mais roubos à residência, o que demonstra que a arma dentro de casa, menos do que um instrumento para propiciar a segurança do lar, funciona com um atrativo para o criminoso, ainda mais que existe o fator surpresa a favor do perpetrador. (...)

Ok, não sei se no estudo do Cook e Ludwig, ou se como está aqui descrito mas assim posto a evidencia é inconclusiva, mas desperta o interessante. Pois a menos que ladrão tenha faro para arma, ou os donos ostentem que as detenham, precisam obter essa informação de uma forma. Afinal a legislação lá não é feita bairro por bairro, então e logo para saber que nas casas de um bairro, ou naquela casa e não em especifico encontrará a arma que busca, o atrativo, ou o dono contou, ou ele ficou sabendo. Mas isso é um problema do estudo, não meu, o objeto a arma na casa e o saber são duas coisas distintas e que precisam ser conceituadas distintamente. O que me interessa é o problema de quem possui a arma. Se possuo e ostento, não só eventualmente estou sempre pronto a atacar mas por estar dissuadido enquanto estou de prontidão. Agora, se possuo não revelo e guardo para que ninguém possa tomá-la, enquanto não estiver vigilante. E nisto até quem vive de vigiar e policiar sabe que é impossível viver a vida, eternamente de prontidão vigiando, não só dissuado, mas quanto melhor o faço, mais inútil ela é quando surpreendido, um sinônimo para quem foi rendido e ainda não teve tempo de entender, ou não pior, não vai entender que já perdeu.

É a da lógica do armamento e desarmamento nuclear. Ou do se livrar de uma arma semi-automatica, enfim, a logica, em teoria dos jogos, que ao mesmo tempo garante que aquele que tem um tanque contra quem saca um canivete tem a supremacia, mas por outro lado, se torna não só o perigo ou inimigo comum de todos seus vizinhos ou o mundo inteiro, mas o alvo em potencial de qualquer um que almeje a sua potencia.

Nisto a recomendação para desarmamento é absolutamente inteligente. Livrar-se de uma arma que não pode cair em mãos, mesmo estando hoje nas suas. É a mais inteligentes das políticas não só de paz, mas de defesa. Mas me aponte uma potencia que age dessa forma. Quem pacificamente ou inteligentemente ao mesmo tempo busca desarmar e se desarmar para que de ataque e destruição incluso de massas, não caiam nas mãos erradas? Como se houvesse certas para produzir portar gás sarin, ou fósforo branco, agente laranja. Quando o ser humano, toma por repugnante uma coisa ou ato não existe este ou aquela mão com licença para portar nem muito menos usar ou praticar tal coisa monstruosa ou perigosa.

Nem o desarmamento unilateral adianta, nem muito menos a escalada do armamentismo não importa a escala se micro das relações entre pessoais domesticas, ou macro internacionais entre os povos. Ou armados são desarmados e desarmam, ou o discursos sobre desarmamento serão sempre gestos vazios de paz. E aqueles que são ovelhas entre lobos, buscarão se fazer de lobos, ou a proteção de lobos. E não o contrário. E aí vem a pergunta, porque hoje se compra um fuzil e não uma pistola? O que rege esse mercado, a oferta ou a procura? E se o bandido quiser uma munição mais pesada, digamos como esta aqui:

Michael Clark, um especialista não muito simpático com o que ele chama de “reclamações extremas” contra o Ue (“Ue não é o perigo extremamente mortal qual alguns gostariam de afirmar que é”), afirma: “qualquer fragmento (...) de Ue tem no contato uma taxa de radiação beta da ordem de 2 mSv/h. (...) A inalação ou ingestão do Ue acarretará internamente uma ampliação dessa taxa, mas o consenso médico-científico geral é que o Ue é mais um problema químico do que radiológico. Ingestão de quantidades significativas de Ue pode causar prejuízos aos rins devido à sua toxicidade química (...)”. (10)

Pentágono diz ter usado obuses com urânio empobrecido na Síria

Em 2015, os Estados Unidos recorreram duas vezes a controversos obuses com urânio empobrecido em suas operações contra...

exame.abril.com.br

Será que a bandidagem tem alguma ética de respeito pela vida dos seus inimigos e por aqueles que habitam o território que esses exércitos de defesa não tem para se recusar a gerar uma demanda no mercado negro? Porque somos tão eficientes em impedir a produção e até mesmo circulação de certos armamentos e munições e outros não, muito embora, não seja tão raro assim a matéria prima, pelo contrário, é lixo, dejeto. Porque o controle das armas que interessa é na produção. Até porque o capitalismo gira em torno da produção consumo e disputa a tapa por coisas que sequer ainda sabemos que precisamos, e no fundo não precisamos, mas talvez de fato vamos precisar, ou melhor quando percebermos não vamos poder mais prescindir.

As informações médicas, físicas e químicas disponíveis já há bastante tempo tornavam evidente que o desenvolvimento de armamentos de Ue seria algo desastroso; e que a caracterização de “crimes de guerra” e “crimes contra a humanidade” para o uso militar do Ue seria perfeitamente adequada, devido ao espalhamento inevitável de poeira e aerossóis

com este elemento químico. Apesar disso, o desenvolvimento de armamentos com Ue começou cedo nos Estados Unidos, há cerca de duas décadas atrás. Faltam informações maiores sobre o desenvolvimento de tais armamentos por outras potências nucleares, mas podemos supor que não devem ser tão diferentes dos norte-americanos.

Novos crimes contra a humanidade: o uso militar das armas Urânio empobrecido

O uso de urnio empobrecido na guerra moderna lembra tcnicas de guerra antigas, de terra arrasada – com a diferena de…

revistaprincipios.com.br

Será que a bandidagem tem alguma ética de respeito pela vida dos seus inimigos e por aqueles que habitam o território que esses exércitos de defesa não tem para se recusar a gerar uma demanda no mercado negro? Porque somos tão eficientes em impedir a produção e até mesmo circulação de certos armamentos e munições e outros não, muito embora, não seja tão raro assim a matéria prima, pelo contrário, é lixo, dejeto. Porque o controle das armas que interessa é na produção.

Esquece esses estudos, porque caças, bombas pistolas minas, serão comprados e vendidos como se fossem tomates, tecnocratas e governantes serão subornados e dividas serão feitas em guerras contra drogas, crimes, terror, entre potencias, religiões, civilizações, raças e mais estudos serão publicados, recomendando o desarmamento enquanto bilhões gastos e ganhos em armas continuam a serem projetadas e produzidas. E tolo do economista que pensar que todo esse capital se movimenta apenas pelo capital, preso no labirinto das suas equações e planilhas, por trás dos trilhões há gente que usa esse estupido jogo da acumulação pela acumulação e pilhas de mortos, há um desejos que nada tem de transcendentais, até porque não conseguem deixar de ser mundanos e materialistas para se satisfazer, mas que nem por isso estão presos a nenhum principio lógico ou finalidade senão a perpetuação e maximização da sua própria visão, concepção e vontade como nada menos como tudo. Poder.

Quando aquilo que sequer pode ser posto em questão é colocado em debate, já não a base para nenhum entendimento. Um homem que senta civilizadamente para debater quem merece viver ou morrer, pode não ter percebido abriu apenas as portas para sua hipotética eliminação passiva ou ativa, mas concretamente para a perda da sua civilidade, e violação da sua humanidade, pois embora este não deixa de sê-lo nem querendo, nem por sua vontade nem pela dos demais, pode te-la violentada, justamente pela falta do exercício dessa vontade ou do respeito ao mesmo. Não há civilidade nem humanidade em debater se a vida humana deve ser prezada, onde o desprezo reina em ato e discurso, não importa qual a condição, raça, ideologia, não estado de paz, nem sequer de guerra mas de massacre e extermínio covarde daquele que está jurado sentenciado a morte pela outra parte caso decida se submeter por bem ou mal juízo de quem não tem o mesmo direito de viver, ou se mesmo se não for por falta de meios de viver ou lutar pela vida esteja de qualquer forma condenado.

A ciência toma por objeto não só o que eticamente não pode ser tomado por objeto, mas o que epistemologicamente não é objeto do seu conhecimento, mas tanto fundamento

absolutamente necessário a possibilidade do saber quanto finalidade do mesmo. E ao perder ou não tomar consciência desse caráter libertário inerente das suas luzes, ao se afastar do seu papel social e popular não só se torna vassala de interesses outros estranhos que negam o próprio pensamento cientifico, mas serva e presa da sua tirania que não só celebrou, bajulou, mas não raro vestiu como base para autoridade dos seus argumentos.

Poucos estudos podem ensejar uma autocritica pelo do privilégio do saber que não se sabe como privilegiado diante de um precipício de desigualdades cavados também pelos braços e cabeças dos seus saberes que um atlas da violência, onde a segurança dos sábios é inversamente proporcional ao sofrimento e misérias não dos ignorantes, porque antes de tudo foram ignorados que por padecer na carestia agora se voltam aos velhos mitos de salvação. Aqui cabe a pergunta quem são os loucos e cegos. Aqueles que se sentem desprezados e desprezam a razão, ou os que apelam a estes frustados cheios de ódio e outros credos para que adotem suas razões?

Armas... Então sou a favor das armas? Não, acho as armas é uma solução obsoleta e estupida, de um debate obsoleto e estupido. Onde muita gente ainda vai morrer, não porque tenha ou não tenha uma, mas por um milagre, ou se preferir por uma improbabilidade termodinâmica tão alta quanto um bando de doidos operando coisas perigosas e delegando coisas perigosas para outros doidos ainda mais perigosos, onde basta um idiota puxar um gatilho, ou cruzar com a pessoa errada para que uma ou muitas vidas acabe sem nenhuma razão e ainda sim, nesse mar de imbecilidade prepotente e cegueira ainda sim por mais improvável que seja ainda alguns de nós estão aqui. Um filme do Tarantino onde cruzamos armas, todos contra todos e aplicamos a tática de sobrevivencia Wyat Earp, “eu morro mas levo comigo tantos quantos eu puder matar antes, quem vem primeiro?” A base da “paz” do Oriente Médio. E há quem acredite que esse tipo de arranjo possa perdurar ad eternum. Que não vá terminar da maneira mais obvia, num sistema onde cada é como uma aposta reiterada que ninguém irá fazer uma bobagem. Isso que é fé na inteligência e racionalidade daquele que se odeia. Ou talvez o ingênuo agora seja eu a pressupor que nenhuma das partes ao se armar o faz sem saber que no fundo ao menos no plano das maiores potenciais.

(...) A pura denúncia desses fatos é algo certamente deprimente; deveríamos fazer mais. Armas de Ue não descem sobre nós dos céus. Elas são ativamente pesquisadas por cientistas, testadas por militares, produzidas por operários em nossas fábricas, usadas por soldados em nossos exércitos. Como tratar a arrogância de cientistas em seus laboratórios fechados? Como tratar sindicatos e operários, interessados em garantir seus empregos, mesmo quando eles produzem bombas nucleares, de napalm, de fragmentação e de Urânio empobrecido? Como tratar as pessoas que estão à nossa volta, tomando-as conscientes do que está sendo preparado para todos nós?

Bruno Vitale é físico aposentado da Universidade de Nápoles. Trabalhou também como físico teórico no laboratório do CERN, em Genebra. O texto foi traduzido por Olival Freire Jr.

Cérebro dos veteranos revela pistas sobre Síndrome da Guerra do Golfo
No final da Guerra do Golfo houve um mal que muitos soldados trouxeram para casa caracterizado por dores crónicas…
www.publico.pt

Síndrome da Guerra do Golfo está ligada a agentes químicos
Washington - A Síndrome da Guerra do Golfo é uma patologia ligada a agentes químicos, e não ao estresse psicológico…
exame.abril.com.br

Urânio empobrecido: Câncer dispara em área atacada no Iraque
Texto Anterior | Índice URÂNIO EMPOBRECIDO Médico iraquiano diz que casos da doença quadruplicaram em região…
www1.folha.uol.com.br

Em 11 anos, balas perdidas matam 45 crianças e adolescentes no Rio - Ponte Jornalismo
Levantamento considera crimes com vítimas de 0 até 14 anos entre 2007 e junho de 2018; total de mortos sobe para 50 com…
ponte.org

E então vai se armar ou desarmar. Qual é sua opnião? Não precisa se dar ao trabalho nem de perder tempo pensando numa resposta. Esta é só mais uma pergunta retórica.

A navalha de Ockham, a Espada de Alexandre e a Pulsão de Morte

Ou dos Contratos Sociais e Estados de Paz Pós-Trabalhistas

Tem gente que diz que vivemos na era da pós-verdade. Pós-Verdade virou até "verbete do ano" no Dicionário de Oxford em 2016 (e não diga grande bosta...) E lá se vão 3 anos... entende-se, tinha o plebiscito do Brexit, o Trump que começava a despontar pra valer... enfim, pós-verdade, mas pode chamar da mentira que basta ser repetida descaradamente a exaustão que se torna uma verdade, principalmente quando você passa não só ditar a escrita e a rescrita da história, mas a escrevê-la de fato, não só com novos fatos que serão ou não

encobertos por novas mentiras ou para usar neologismos, fatos alternativos, mas as novas narrativas que irão prevalecer como fatos e verdades até que alguém assuma novamente o controle absoluto ou o monopólio dessas histórias. Enquanto isso... bem, enquanto isso a história de que vivemos numa era da pós-verdade, é só mais outra "pós-verdade". Ou se preferir um termo popular bem brasileiro, é só mais outra clássica historinha pra boi dormir, adaptada para os tempos contemporâneos, não por acaso também chamados de pós-modernos, não só por falta de imaginário ou visão do futuro, mas por um apego fetichista emocional e ideológico ao passado de uma civilização em franca decadência e obediência quanto outrora o próprio império britânico e cultura vitoriana. Não, não estamos na era da pós-verdade. Estamos pós- coisa nenhuma, estamos literalmente no meio, ou talvez para ser mais preciso, no preludio do conflito que definirá quem serão aqueles que escreverão a história que se segue, supondo é claro, sem fatalismo que haverá alguém para contá-la.

Não, estamos no pós. Estamos nas preliminares. Preliminares compostas de uma guerra franca e aberta de informação, contra-informação, desinformação, na era das telecomunicações e automação da própria computação, processamento dos dados, porque a era que virá os player, leia-se potências que tem poder de fato, tanto militar quanto tecnológico para disputar quem vai ficar com o protagonismo já sabem qual é, e já estão há temos medindo forças incluso ciber-militares para saber o que é só bravata, o que não é, quem pode mais e quem aguenta o quê, e quanto.

Para disputar quem tem a própria informação, sua propriedade, logística e trasporte (leia-se transmissão), tornar-se o maior capital e mercado de capitais do planeta, e a posse dos recursos estratégicos naturais que permite o controle dessa arma que controla as armas, pessoas e as instituições. A velha geopolítica, econômica e comercial que envolve sabotagem, espionagem, propaganda, terrorismo psicológico, entre outros expedientes mais primitivos, agências estatais quanto megacorporações industriais de mentes e corações, mas sobretudo mapas de comportamento, bolhas de influência, tecnologias de influenciamento comportamento.

Sei que é difícil, mas esqueça por um momento todo o ruído que não pára. O barulho é alto, constante e ensurdecedor. Esqueça as velhas teorias de guerras de classes da esquerda na qual esses caras são um sindicado de ladrões fascistas bancando os agentes do imperialismo para faturar em cima; esqueça também as teorias das "novas" de direita que são globalistas tentando implantar um governo mundial totalitário para acabar os valores da civilização cristã-ocidental. Enfim esqueça todas essas teorias conspiratórias e paranoicas que vão perdendo qualquer fundo de verdade, ou melhor verdade de fundo, conforme vão se afundando cada vez mais em suas bolhas de insanidade ensandecedora. É uma armadilha cognitiva. Você não vai conseguir descobrir nada se preso nas querelas e problemas que os canalhas te impõem.

Ok. Ninguém precisa acreditar em Papai Noel, nem por outro lado perder completamente sua sanidade em teorias conspiratórias até acreditar que no fundo a Terra é plana ou que a NASA e a CIA esconderam tudo isso e mais alguma coisa de você. O mundo não é binário, não é preto e branco. E não é porque os filhos da puta da industria farmacêutica pela milésima vez aprontaram das suas, que o princípio científico da imunização, e logo a vacinação, perdeu sua funcionalidade como vacina, e não negócio. Uma coisa não

necessariamente anula a outra, apenas eventualmente, não é uma regra, é uma circunstância.

O problema, portanto está em querer aplicar equações simples e liberais, para dar conta de realidades, circunstâncias que não são compostas de variáveis e não constantes. Em outras palavras, queremos respostas simples, para problemas éticos e humanitários, e em princípio a resposta como nas ciências exatas pode até ser simples no papel e com um número de variáveis controlado, some a complexidade e indeterminação e a entropia explode a ilusão de poder e controle, conhecimento e grandeza, e as vezes, só as vezes, a ciência se torna consciência e conhecimento do eu e do mundo, útil não só para não cair em enganação, mas antes de tudo para não se enganar e desenganar.

Sim é confuso. Precisamos confiar no emissor ou professor do dado, para adquirir a informação. E tendemos a confiar que o dado é verdadeiro porque foi transmitido por aquele canal, exatamente como abrimos a torneira e bebemos a água tratada e potável, e não que alguém jogou um corpo morto, na caixa d'agua, afinal não somos esquizoides-paranóides. Mas a pergunta é como saber que não tem, sem ficar como um maluco, desconfiando de tudo e todos? Ou como uma idiota, comprando tudo, engolindo todo tipo de placebo, meia fedorenta ungida, como pegar esses mother fucker no pulo?

Decair entre explicações simplistas onde acreditamos nos melhores dos mundos e intenções, ou piores, ou na impossibilidade evidente disto, apenas classificamos e apartamos os seres e coisas até onde tanto a paranoia com o outro quanto a cegueira seletiva sobre nós, que não passa de eu circunstancialmente e igualmente seletivo, apartada conforme as necessidades, a empurrar com a barriga e pela barriga esse nosso conto de fadas como custo externalizado para o alheio, incluso o futuro, e ganhos a ser a realização num presente materialmente maximizado e estendido até onde não puder mais, não importa as consequências.

Toda ideia tem seu fundo de verdade. Incluso a mentira. Porque não a ideia que não seja composta do substrato da realidade, ainda que o processamento do sujeito jamais tenha acesso sequer aos dados com os quais computa a formação das suas ideias mais primárias do real, que dirá então fenômenos propriamente ditos que ele supõe que tais impressões sejam a própria imagem e semelhança, ou narrativa fiel da concretude. Até mesmo as simplificações que permitem viver na calmaria como normose, quanto as paranoides conspiratórias, tem seu fundo de verdade. O problema é que esse fundo cada vez mais distante da realidade, e cada vez mais elaborado para racionalizar seja a ilusão de normalidade, seja da certeza de que a noia vai muito além da imaginação. Não está, mas também não vai.

O mundo ou seres não se divide ao gosto ou desejo das abstrações e ideias dos sujeitos. Pelo contrário, os padrões não respondem nem se submetem aos seus juízos, leis ou preconcepções, pelo contrário.

A ciência carece que a navalha de Ockham (e de Popper), mas a consciência precisa da espada de Alexandre. Outro genocida, eu sei, mas estamos falando aqui de navalhas filosóficas e contos e não das pessoas. E saber o conteúdo da fábula, da pessoa concreta é

fundamental, para não perder e ficar preso na antessala dos jogos de espelhos ideológicos entre os seres, as coisas e as ideias, ou se preferir os espelhos. Inclusive pelo efeito de reflexões infinitas.

As navalhas filosóficas e científicas em geral, servem para resolver problemas dentro de um determinado paradigma, porém não nos ensinam a superar os problemas quando o paradigma é o problema, ou mais precisamente, quando as querelas entre todas as teorias, entre os paradigmas não importa o campo do conhecimento, se tornam uma armadilha, um nó insolúvel, se tornam eles próprios simbioticamente a disputa que como armadilha insolúvel e infindável que traga todo tempo e energia das pessoas. Há disputas problemas e crises cujos termos foram feitos ou chegam a um ponto onde não há solução. Na idade média por exemplo havia a querela entre os particulares e universais, jamais resolvida, por óbvio, pois não foi feita para se resolver, mas para perdurar por toda eternidade, junto com a idade média. Problemas assim não se resolvem, nem se deixam de lado. Nós cegos, que se passam por enigmas como a esfinge, decifra-me ou te devoro, simplesmente se corta ao meio sem cerimônia. Desata-se a fio de espada como Alexandre fez o nó górdio. Para uns pensar fora da caixa. Para outro pura apelação.

Entretanto a questão vai: ou se abandona os termos das teses e proposições que definem o que é possível e portanto impossível, ou vai se chegar sempre nos mesmos lugares. Para Alexandre foi até fácil porque o nó não era a sua própria realidade, mas quando trata-se do seu próprio eu e mundo, desfazer esse nexo que ata as coisas para formar novos nexos e conexões, significa perder o chão e céu, para criar novos. E cair no vazio enquanto reconstrói suas novas redes lógicas e neuro lógicas em tempo, porque o mundo não pára. Não é a toa que a fantasia normotica ou paranoide seja por vezes a escolha, é a mais segura do saltar sem paraquedas, só com agulha e linha e costurá-lo enquanto cai em queda livre para lugar nenhum. Melhor acreditar em Papai Noel mesmo sabendo que ele não existe e fingir que não viu o mendigo. Melhor projetar e enterrar no nosso inconsciente, nos nossos piores pesadelos e monstros e projetar em paranoia só o outro quando eles emergem, idealizam e em normose o nosso eu e nós. Integrar-se com a psique de toda a humanidade, em suas dores e sadismo, amores e ódios não é uma viagem psicodélica o alucinógena, é um realismo duro, cortante e pragmático, porém não mais materialista, nem tão pouco idealista. Já que nenhum dos dois representa nada, um é efêmero, outro uma mera ilusão ou imagem dessa efemeridade.

Porém o substrato da concretude permanece. De uma forma completamente distinta do que esperam nossas nóias, paranóias, neuroses, histerias, psicoses, frenias, manias psicopatias e loucuras em geral. Logo independente dos blocos e bolhas a gritar cegamente com suas tochas de um lado ou de outro clamando para que você escolha um lado, por que se você não está com eles, está contra eles. Não está encolhido, em cima do muro, está contra eles. Ambos, pronto para ser pego no meio do fogo cruzado, com dois flancos abertos. Não se engane, nem a si mesmo, totalitários tendem sempre a paranoia, e aos fatos alternativos, porque seu objetivo é o monopólio não só da narrativa do campo dos fatos e verdade, mas o domínio dos campos e recursos que se administra com essas técnicas de cultivo e possessão: vastos territórios geopolíticos e gente.

Não perca tempo e energia com essas querelas pós-modernas são nós górdios, você nunca os resolve e mesmo quando (aparente) os resolve eis que volta exatamente para o mesmo lugar

comum, quando não um pior. Não é um problema que se resolve nem com os termos do uso, simplificação ou otimização, nem muito mesmo com as estruturas predispostas, nem tão pouco com a criação de outros submetidos aos critérios de prova de julgamento dessas mesmas superestruturas mas justamente com a transposição das preconcepções e pressuposições que constituem as superestruturas e supervisão paradigmática. Algo que não se faz meramente por negação, nem por antítese, nem muito menos síntese, contraposição ou justaposição do que está posto, mas transposição.

Não, não é preciso jogar todas as soluções fora, mas sim é preciso reelaboração dos termos, dos problema a partir do zero. É por isso que a navalha de Ockham não é suficiente, não é preciso, mais do que simplificar ao máximo as variáveis da equação. É preciso voltar os olhos para o real, e reformular a abordagem, ou visão da realidade, jogar referencias foras antigas, pegar outras.

Revoluções epistemológicas de ciência ou consciência não são feitas a corte de navalha, são feitas a corte da espada filosófica, elas não aparam, reparam, reformam, elam. Rompem toda uma rede, alteram a plasticidade, para liberar ligações, para religar de forma completamente nova uma rede de formas e novos campos que simplesmente não tem nada a ver ou dizer, aos outros formam literalmente outros campos comunidades, organismos, instituições, constituem outro tempo e espaços, outra era do viver, pensar e o mais importante agir.

Abandonar um antigo paradigma não significa que irá construir um novo a partir do zero. Muito pelo contrário, é sempre verdade o que dizem se alguém viu além ou foi muito longe, é porque estava sobre as costas de gigantes. Não necessariamente ainda de pé. Não só pilhando as ruínas de velhas edificações que derrubam as novas e se fizeram, mas assentado sobre elas construíram suas novas uma sobre as outras, literalmente. A metáfora, que não é tão figura de linguagem, também vale para o conhecimento, depois de passar a espada epistemológica, não só se conversa o que é útil e necessário, mas se apropria e reutiliza tudo o que agora não é mais obstáculo cognitivo mas enfim, matéria prima para a construção dessa nova arquitetura conceitual.

A começar pelas palavras que fora desse arcabouço de meras disputas ideológicas de falseamento do real com sinais falsos podem voltar a ser usadas, não para produzir ruído e desinformação, mas para produzir outra espécie de realidade concreta, que diferentemente das mentiras e fantasias tem por pretensão, sonho ou não, nada menos do que serem o mapa da construção de nova realidade possível, de um tempo e espaço que há por vir. Venha ou não, em tempo e para todos.

No texto anterior sobre a gene dos Trabalhos e a riqueza, e a gênese do futuro dos estados nações fiz questão de passar sem a fio de espada, logo sem o menor cuidado cirúrgico à esse culto sacrificial milenar ao trabalho. Neste, passo a fio da mesma espada tanto outros e, que o A que odeia B, se enforque nas tripas do seu desafeto e vice-versa, e furem seus olhos até ficarem cegos. Eu tô fora dessa tarantela contemporânea. Não tenho jurisdição sobre insanidade alheia, e quanto mais loucos que se pensam juízes e senhores de toda a vida alheia se autodestroem mutuamente tentando tomar o monopólio da violência, melhor, desde que não levem inocentes juntos. O ideal, que nunca acontece, mas não é por isso que você vai se juntar a esta ou aquela horda. Pelo contrário, vai ficar bem longe deles para poder

construir uma bela arca no meio do nada porque sabe que eles, com um dilúvio ou praga, inevitavelmente vão chegar uma hora também até você, mesmo que seja no meio do deserto.

Estamos portanto falando em parar de aparar barba e maquiar mortos. Estamos a tentar salvar os “fenômenos”, leia-se salvar um paradigma, que já era. Foi-se. Os Estados-Nações como conhecemos não vão morrer. Eles já não existem mais. Já estão em plena fase de transição para se tornar corporações “públicas”de serviços subsidiários à corporações privadas maiores. A história se repete organicamente. E a criatura toma o lugar do seu criador. Os tentáculos e filhotes do Leviatã enfim separam do corpo estatal e não só cresceram mas tomaram o seu lugar hegemônico. Exatamente como um dia a Igreja que coroou reis perdeu o seu para os mesmos déspotas absolutistas que outrora aliados como a burguesia que viria cortar suas cabeças, fundaria os Estados-Nações. O poder engendra os monstros, que se preferir as máquinas que expande seus domínios mas depois os engole. E engole por uma razão simples toda a escatologia trabalhista estava errada, ou mais precisamente, era só isto, uma escatologia, pregação para ovelhas de abate feito por lobos, seja a feita por crentes no paraíso imaterial, ao do crente em deus do materialista, ateu, marxista. Por sinal, trouxa de quem compra a teologia marxista que vende a abolição da propriedade, a liberdade materializada como condição, pela abstração da igualdade, um mero operador mental de comparação justamente dessas condições. A riqueza não se produz do trabalho, se produz da propriedade do trabalho, ou mais precisamente da acumulação de quantidades e riquezas que seriam impossíveis de se acumular apenas com o próprio trabalho, com a propriedade sobre o trabalho e produção do trabalhador, ou sem eufemismo, a propriedade da pessoa por X tempo como recurso humano. É portanto sempre sobre a posse do capital, seja como matéria prima animada ou já nem tanto, que se produz e reproduz o capital, o trabalho, energia são meras decorrências, e riqueza e lixo as consequências. Se a posse ou possessão das gentes se constitui até dos capitais políticos e econômicos o mais valioso bem até o presente momento da história, e logo as técnicas e tecnologias mais avançadas de dominação, arrebanhamento, encercamento, pastoreamento, reprodução e afins, o fator determinante de qual sociedade, estado e civilização prevalece, isto quer dizer que a alienação e extração do trabalho destes recursos humanos é só um entre muitos dos fatores determinantes ao estabelecimento, manutenção e crescimento de um modelo e seus regimes de produção. Uma das preocupações destas administrações e ministros da fazenda de gentes. E essas técnicas e tecnologias não só evoluíram muito, mas trocaram de mãos, ou melhor de sede corporativas.

Se outrora nas primeiras formas de organização social, sacerdotes desempenhavam centralmente este papel, ele foi perdendo o protagonismo para o tirano secular e sua burocracia estatal, que hoje novamente perde lugar dentro da industrial, na era da informação e telecomunicação para corporações privadas. Nem a igreja desapareceu, nem o Estado desapareceu. Mas vai chegar a hora que uma corporação privada assim como fez o Rei da Inglaterra, se autonomeará o seu próprio Papa, ou como Napoleão irá coroar-se a si mesma. Ou em outras palavras, fará e imporá a jurisprudência a revelia das fronteiras dos territórios nacionais, e não mais pagando propina nas alcovas palacianas dos governantes, mas cobrando abertamente tributos deles, isto é dos seus povos.

Sim, as classes dos atravessadores políticos é uma classe que, se extinta, vai subsistir na forma de novos cargos parasitários como o fez a nobreza e aristocracia decaída, mas não será mais a classe política lobista. Porque não será mais preciso fazer lobby. A democracia

representativa vai pro saco, mas não irá emergir nenhuma democracia direta popular. Não nas periferias do mundo. Mas um capitalismo de estado ainda mais panoptico e megacorporativo. Em verdade os próprios Estados-Nações para competir com o capital dessas megacorporações transnacionais se tornarão cada vez mais máquina, mais eficientes e enxutas na provisão dos únicos serviços que fazem direito ao longo de centenas, as vezes milênios de evolução desde os protoestados a lá milicianos para tribunais do tráfico, para os únicos legítimos monopolizadores da violência dentro daquele território dominado conforme carta magna: Prover um estado mínimo, isto é, polícia e tributação. Manutenção da lei e da ordem. Tributa isto e mantém a expropriação contínua de tal forma que impede que jamais as pessoas mais vulneráveis escapam da miséria ou mesmo do crime, sim do crime. Porque a miséria garante que haja mão de obra barata mais o crime, afinal crime existe sem polícia, mas não na proporção necessária para uma força policial suficiente para manter toda uma população submissa e amedrontada e de preferencia com razão, pagando um estado armado (se até as armas não forem roubadas) até os dentes. Esse estado mínimo alimenta a miséria porque miséria é recurso humano em quantidade e barato, e o crime que por sua vez autojustifica o estado policial desproporcional e de fato impedir a criminalidade proliferando da miséria, que só cresce evidentemente como mais tributos e menos serviços sociais num ciclo vicioso, enquanto o aparelho estatal demanda mais recursos, principalmente se corrupto e até mesmo já ligado com a própria criminalidade já alimenta seu negócio. Mas isso não é insustentável? É obvio que é! Como eu disse. O trabalhismo é uma falsa ilusão que quando o próprio escravagista passa a acreditar no seu conto. É já um dos sinais da completa decrepitude do sistema.

Estamos portanto falando de redistribuição reversa de rendas e propriedades, onde aquele que menos têm paga pela proteção da propriedade que não têm, e pelo risco potencial que aquele que não possui propriedades representa para aqueles que a possui, ou seja, no caso ele. Uma externalização, de custos de quem possui para quem não possui. E uma transferência lenta da condição de proprietário para expropriado e o proprietário e pagador de impostos não percebe isto apenas porque morre no que é seu em parcelas e não de uma vez, como quem não tem nada, é porque não entende que aquela parcela não é mais protegida para ele, mas para o novo dono. É como um banco. Se o banco guarda o seu dinheiro. E depois de um tempo, ele comeu a metade ou 1 terço em taxas, ele não foi guardado para você, mas para ele. E você pagou para ele guardar, você bancou o banco, com o seu dinheiro. Ou melhor, você bancou seu próprio roubo, o quanto já é outra questão. E nisto, bancos são bem subsidiados pelo aparelho estatal, pois embora você não vá preso se não guardar seu dinheiro nele. Tem toda uma série de complicações burocráticas criadas pelo aparelho que prende quem não paga o que ele demanda, mesmo não recebendo seus serviços prestados. Eis a questão.

E logo não é a toa que quando esses estados entram em colapso ainda que meramente temporário, o sistema as pessoas alienadas se comportam como se fossem animais fugidos de um zoológicos ou mais precisamente loucos escapados de um manicômio a fazer o que Bocage pediu para colocar em seu epitáfio (e não pôs) comer, beber e foder até jazer sem ter dinheiro, a anarquia do ponto de vista do estadismo, desordem total não a ordem social que auto emerge de pessoas finalmente livres do seu arcabouço para exercer suas responsabilidades. O sistema se autoalimenta e autojustifica, inclusive não cortando asas, mas deformando personas e personalidades, institucionalizando pessoas que uma vez domesticadas se comportam exatamente como se conta e espera de bárbaros e selvagens não civilizados dentro dessa visão de mundo. E se não o eram, a comparação com o estado

manicomial não é casual, porque você entrar e nascer são que não importa, sairá como se espera, dependente da tutela e tratamento, vigilância e intervenção, remediação para o resto da vida.

O ser humano, a sociedade estatizada não se cura meramente privatizando e desestatizando-a. E ainda sim é um modelo corporativo necrófilo falido, que continua, a devorar a natureza e a humanidade que demanda uma saída imediata, e não, não é Marte. Ao menos garanto não para esse nós, que é para quem escrevo essas palavras. Sim, nossa terra não é plana, mas por isso mesmo vamos dar voltas e mais voltas de um ponto a outro, para nos encontrar exatamente nos mesmos lugares comuns, que hoje salvos águas internacionais, todos que são terras firmes tem donos e mesmo essas águas são reivindicadas a ferro, fogo e forças armadas pelas maiores potências. Não existem lugares para sonhos e utopias, nem piratas nem libertárias. E se você acreditou que o mundo virtual era o caminho onde as idéias eram a prova de bala, e as criptografias inquebráveis e as novas primaveras dos povos, feitas com redes sociais e celulares, então se esqueceu de um detalhe: as ideias são à prova de bala, as pessoas não.

E um tirano não precisa sequer nem de onde vem o informação ou desinformação, ele só precisa passar o corretivo. É como o pai que pega a criançada fazendo barulho no quarto, nem precisa saber quem fez o que desce o cacete em todo mundo, indiscriminadamente e profilaticamente. Todos são suspeitos e culpados até que se prove o contrário? Pouco importa... O importante é que onde a carne é vulnerável, violência, a primavera dos povos sempre serão o prenúncio do inverno das guerras e holocaustos de regimes totalitários. Porque o verdadeiro empoderamento não está no poder, é o seu contrário, é o fim das vulnerabilidades que o ensejam. De tal modo que quanto menor a vulnerabilidade social maior o empoderamento de fato, o resto é punheta, é ilusão (massa de manobra de algum projeto de poder) que se não é anterior à manifestação, certamente emerge oportunisticamente a partir das janelas criadas por ela e novos tiranetes e salvadores surgem. E os antigos revolucionários ou correm para debaixo de suas asas, submissos, ou jazem nas prisões dos velhos drogados e torturados dos que desafiaram.

Não, não se quebra esse ciclo vicioso com novas gerações. Ao menos não como novas gerações dentro das mesma mentalidade apenas com velhas ideologias recicladas. Em verdade, nem com novas ideologias, porque ideologias e ideólogos são o velho modelo de mentalidade, é o nó górdio que precisa ser passado a fio de espada e não reformado a navalhadas filosóficas, seja simplificado a navalhas occanianas, seja popperanas para ser passível de ser falseável, e logo passível de ser empiricamente comprovável, (pelo menos até que se prove novamente cientificamente o contrário).

Não. Não precisamos de mais uma revolução científica. Até porque já tivemos uma. E ela já deu o que tinha de dar. Nasceu, cresceu, amadureceu, envelheceu, acomodou, virou uma filha da puta, e se vendeu, se acomodou em seu território, e virou um velhaco ganancioso e agourento. E é claro, isso só um arroubo de retorica hiperbólica. Porque a ciência não é uma entidade, nem uma instituição. São pessoas que nascem, crescem, amadurecem, degeneram e morrem e elas não são um organismo único. De modo que assim como no trabalho, há gente “trabalhando” e gente trabalhando. Há gente fazendo “ciência” e ciência.

E nisto proliferam muito da confusão e descredibilização onde cresce o oportunismo dos vendedores tanto de sabotagem e desinformação quanto de obscurantismo e fundamentalismo incluso reciclado de eras de trevas passadas. Alguns doídos, outros charlatões descarados, não importa. Porque num determinado ponto o charlatão também se perde na sua própria mitomania e aí vai toda a manada pro desfiladeiro em ordem, unida, quando não em disparada pra cima dos incautos.

A canalhice da Boing oferece um excelente exemplo para separar o joio do trigo. Você tem razão para desconfiar do Boing 737 Max, e mais ainda da Boing, colocou no ar sabendo que podia cair, caiu, jogou a culpa no outro, negou até onde não podia, negar mais, etc..., procedimento padrão da pschio-corporativismo, já tratei à exaustão esse assunto em outros escritos, básico e generalizado. Enfim, a "opinião pública", seja lá que entidade seja esta, tem toda razão para não acreditar na industria e companhia aéreas, os putos em crises, são como qualquer empresário em crise, vou a falência, ou boto bromato no pão? Bromato na caralha do pão e depois a gente paga para ver ou negocia para não pagar porra nenhuma. Bussiness. Trouxa de quem engole essa propaganda. Agora, há uma distância entre não confiar na industria e companhias aéreas, e não acreditar que o homem não é capaz de voar, ou mais precisamente que os aviões não funcionam ou que não são um meio de transporte seguro, ou melhor podem ser, mas se não submetemos a interesses pecuniários escusos, onde o custo do rompimento de uma barragem e mortes é menor, do que sua construção bem feita, então o problema não está portanto na ciência, ou mais precisamente na engenharia aeronáutica, nem mesmo nas ciências contábeis e econômicas, mas nos interesses que ambas ou melhor que seus detentores estão submetidos.

O mesmo raciocínio básico vale para problemas ainda mais abrangentes e absurdos como a vacina. Não confunda industria e companhia farmacêuticas com a ciência da micrologia e imunologia que fundamenta as vacinas . Sim, com essas ciências é possível produzir não curas, mas doenças incluso como armas. Assim como uma industria farmacológica pode produzir nem uma coisa e nem outra, produzir até placebo, e vender criminosamente chamando-o de vacina. Mas isso não é ciência, e assim como os aviões da Boing que cai ou não, frango com salmonela, prédio ou barragem para arrebentar, isto não são negócios, são crimes devidamente senão legalizados, devidamente acobertados e subsidiados pela leniência de um estado feito justamente para produzir, acumular e redistribuir as riquezas das nações. E se você a essa altura do campeonato não sabe para quem, escreve uma cartinha para o papai noel, o papa, ou para o leão da receita federal que um deles te responde.

Mas é venda casada, e os casamentos servem para isso mesmo. O açougueiro nem parece mais um abatedouro, mas um laboratório de ciências avanças na propaganda, não o nazi, mas o da Nasa (esqueça a Operação Paperclip). E assim enquanto a ciência empresta sua credibilidade a fundo perdido para quem não paga, mas vive de tributos, incentivos e isenções e resgates, também perde seu capital social e toda reciprocidade popular. Confiança e reciprocidade também se capitalizam. E como nada é de graça, o que se ganha em paga, se perde em crédito e credibilidade, mas pode chamar moral.

E no vácuo da moral, perdida, outra moral se instala. E dá-lhe terras planas e meias fedorentas abençoadas, até porque, na lógica, dos capitais, essa gente não tem capital para pagar pelo tempo dessa gente de ciência, nem que eles queiram trabalhar para eles, porque não são livres docentes e pesquisadores, mas em geral empregados.

E mesmo assim, a ciência continua a produzir conhecimentos absolutamente extraordinários. Tem muito a dar e continua dando. Mas seu enfraquecimento a afastamento junto às massas populares, não se deve só ao fato desses “artistas terem se vendido para as grandes companhias”. Serem uns bando de Justins Bibers, fazendo pílulas para deixar velho asqueroso de pau duro, e bostas afins em diferentes áreas. Longe disso, o pecado venial é muito mais original. Está entranhado nos próprios limites intrínsecos do pensamento científico. E se deve principalmente a autodelitação dos campos do conhecimento que covardemente foram deixaram para os vendedores de mitos e monstros transcendentais continuassem a ditar as leis e guiar as massas de alienados incluso para limpar suas gloriosas bundas e latrinas enquanto se ilustravam.

A revolução das luzes parou no empirismo e materialismo. Se contentou com a materialidade e concretude do mundo físico, abandonado o metafisico para filósofos e teólogos, ideólogos, idiocratas e alienistas em geral continuassem a ser os senhores absolutos desse mundo que não é outro senão o do absoluto desconhecido. Ok. Estou sendo injusto, faltavam as ferramentas que o próprio avanço do conhecimento especialmente no campo da física, psicologia, biologia e matemática proporcionaram no século XX, para que agora no século XXI enfim pudéssemos enfim não fingir que o plano da metafisica simplesmente não existia, mas era outra fronteira a ser adentrada de olhos bem abertos como a da fé na razão. Ou se preferir imagens bregas com a luz da fé da gnose em uma das mãos e a espada da lógica na outra. Ridículo.

Mas desse pacto dividindo a gnose em fé e razão, criando dicotomias incontornáveis, criou-se esse ser moderno não apenas quebrado, mas facilmente quebrável e aliciável para todos os fins. Avançar sobre esse campo do desconhecido é por sinal o que já se começa a fazer, como uma revolução cientifica que irá ultrapassar o próprio paradigma cientifico, incluso com o desenvolvimento de novos métodos tanto empíricos quanto lógicos não apenas mais complexos, para lidar com a entropia, mas para lidar com a construção de sistemas cujo equacionamento da previsibilidade não envolvem mais a presunção de determinismo, mas justamente o pressuposto oposto que longe de ser o mero indeterminismo envolvem o reconhecimento da autodeterminação como fenômeno constante e espontâneo em todos planos macro, micro e ordinários de uma força elementar que se manifesta como padrão de todas as formas de existências como possibilidade, mas pode chamar pelo nome que damos quando presente nos seres dotados de ânima ou vida: liberdade.

A revolução científica, enseja portanto outra revolução: a epistemológica. A revolução do paradigma do pensamento e visão sobre a matéria e phisis, enseja necessariamente a revolução sobre o pensamento e visão do próprio pensamento que vê e pensa não só a matéria e a phisis, mas reflete e repensa seu próprio logos enquanto psique. Uma revolução não só da ciência mas da consciência, da lógica não só sobre os objetos que se conhece e desconhece, mas sobre o próprio sujeito que concebe portanto o conhecido e desconhecido, o que é luz e trevas, o que é material e imaterial, e sobretudo o que é gnose e a agnose. E isso afetará duas partes da produção e aquisição e transferência de conhecimento:

primeiro no processo criativo e inventivo conceitual que hoje é uma caixa preta: ou quase... a concepção das hipóteses e proposições, fruto da imaginação ou cálculos e raciocínios inclusive computacionais por enquanto só naturais tão rápidos e instantâneos, que não podem ser meras respostas a dados concretos que ainda não chegaram ao aparelho sensível,

mas predição ou antecipação, apostas fruto de processamento proveniente de dados que coletados em níveis de percepção da informação, onde o espaço-tempo não é portanto a conexão entre os seres e fenômenos não funciona exatamente da mesma forma, leia-se velocidade. O primeiro, um campo da heurística. O segundo da física quântica, que combinados, servem para formar, entre outras coisas a computação quântica. Que entre outras coisas, serve para reproduzir em escalas ainda bem rudimentares, uma capacidade humana e animal ainda negada pela ciência, como parapsicologia- que fora charlatanisse que ronda tudo que é marginalizado, não tem nada de paranormal nem sobrenatural. A capacidade de fazer projeções a partir de leituras da nossa sensibilidade em relação aos campos que constituem a materialidade de todas os seres e logo os conecta para além dos tempos e espaços percebidos em determinado espectro da percepção. Ficção? Nem científica. Não mais.

Experimento volta no tempo usando computador quântico

Com informações do MIPT - 15/03/2019 Na contramão do tempo Uma equipe de físicos da Rússia, Suíça e EUA usou um...

www.inovacaotecnologica.com.br

O título da matéria é sensacionalista. O computador não voltou no tempo. Nem produz moto contínuo. Ele alterou a entropia interna do sistema (e não se engane certamente ao custo da externa), mas as implicações da criação desse demoniozinho de Maxell, onde a informação de fato volta ou melhor se teletransporta como uma xícara quebrada do chão para a mesa são imensas. Para começar as mundanas: toda a solidez da segurança em que se baseia a nova cibereconomia se desmancha com a capacidade de processamento dessas máquinas. O fator tempo para quebrar qualquer chave desaparece, e uma senha que levaria bilhões de anos para ser descriptografada poderia não se sabe mais em quantos (poucos) instantes ser quebrada. A IBM famosa por histórico de colaboração com as atividades filantrópicas mais importantes e impactantes da humanidade já está na parada. Fica a dica.

Entretanto de longe a implicação mais importante, boa e ruim, é outra: a abertura da capacidade interna que abre para rearranjar seus bites de modo a espelhar estados passados e futuros da realidade. Isso não vai apagar os fatos, mas vai dar um retrato probabilístico muito mais preciso dos estados de possibilidades tanto passados quanto futuros de modo a fazer cálculos e predições muito mais precisos e inclusos de cadeia de eventos não só sequer ocorreram. Isto permitiria fazer premonições? Não. Porque esse computador precisaria estar conectado a rede de informações correta e como nós ser alimentado pela nuvem com a mesma capacidade de processamento.

Mesmo as mais avançadas redes neurais artificiais ainda que interligadas, não conseguiriam superar a capacidade de processamento dessa outra rede neural que naturalmente interligadas compartiham uma infinitude de conexões dentro de um mesmo campo ou melhor rede (do qual também são nós), sem sequer precisar enviar uma única mensagem, apenas por estarem imersas nesse mesmo organismo o universo, mas pode chamar de espaço-tempo.

Mas nada que um pouco de falta de ética não resolva e um coitado dentro de um turco mecânico agora quântico não resolva para fazer essa ponte ciber-simbiótica. De modo que enfim, que as máquinas possam não só computar heuristicamente, mas sonhar e ter as visões que constituem a pedra fundamental de todo saber cientifico, a hipótese a ser testada. Porque ver que a terra plana é fácil, imagina-la redonda, sem jamais ter circundado é de ser uma dedução feita a partir de hipóteses ou experiencia, é uma intuição feita a partir da imaginação, imaginação composta tanto de fragmentos do real, enquanto memórias, percepções, mas sobretudo, esse espírito do espaço-tempo que se está imerso, que pode não ser exatamente o mesmo das pessoas que o cercam, mas o de outras há muito distantes seja no passado ou futuro. Pois dos infinitos objetos que uma pessoa pode pensar, parar, imaginar uma o que veria se estivesse se movimentando exatamente a mesma velocidade da luz e olhasse para ela. Você pode colocar um computador para perfazer todas as possibilidades de criação e combinação aleatória de conceptos como um velho programa de xadrez, que ele ainda sim não irá conceber tal insight para uma cosmovisão. Já o demônio de Maxwell em forma IA, quando finalmente esses engenheiros se tocarem que existem uma rede e uma vida é preciso conectá-los ao campo dessa (in)consciencia coletiva para criar inteligencia... aí não serão outros quinhentos, mas outros milênios. E a pergunta de Philip K. Dick finalmente fará sentido...

Mas não vamos perder o fio da meada. Foco. E digo e escrevo isso mais para mim do que para o leitor. Senão já era. Vou-me embora. Como aliás fui...

Deus, “Bules Sagrados”, e o BigBang

Ou das Pulsões Universais de Vida e Morte

medium.com

Aqui, a seta do tempo que pretendo inverter é muito mais despretensiosa, é a dos contratos sociais. E despretensiosamente, é a palavra, porque é só para encher o saco, mesmo. Só como gancho retórico para chegar até onde realmente me interessa a pulsão de morte. Mas vale a pena.

Contratos sociais, são uma das bases das luzes do racionalismo. E se a cartas magnas viraram, a constituição, a bíblia de muita gente, e logo os supremos tribunais, os novos sumos sacerdotes, pode porque há em algum lugar na codificação dessa velha programação ficou um falha onde esses vírus, ou parasitas puderam se (re)instalar no organismo ou sistema operacional tanto faz a metáfora, o mal é o mesmo. Curioso portanto falar em ciência política, quando contratos sociais, são antes de tudo o exercício da imaginação, aplicada, mas ainda sim, imaginação e inventividade de homens posta empiricamente à prova. Progressos inegáveis. Mas e agora o que fazer se a engenhoca começa a falhar, unir-se ao bando dos dementes e gritar: God´s will!!! Ou Ala Akbar!!! Dependendo por qual grupo de fanáticos esteja encercado. Ou sei, lá é Corinthia, porra. Vai que cola. Não, muito século passado... Se calado for apanhar, melhor ir com uma sharia provinciana mesmo, porque o Brasil é provinciano, na dúvida grita mito ou lulalivre... é meio a meio de chances não se fuder. Bobagem. Se você já está na situação que precisar gritar algo para todo mundo ouvir,

então não grita, corre e para bem longe daqui (se puder), porque você foi julgado faz tempo, senão por gestos, por aparências.

Fala-se em ciência politica, mas ciência se faz sobre fatos e fenômenos, incluso os antropológicos, e contratos sociais são convenções e não condições preestabelecidas nem por deus nem pela natureza. Porque a única natureza não só dos seres humanos, mas de todos os seres é justamente adaptar-se e antes disso de preferência adaptar todo o resto a ele, para tudo e sobre tudo manter-se como está. Melhorar, por vezes vem de um acidente da necessidade, ou quando não de uma compulsão adquirida não por virtude, mas pelos piores vícios para não dizer taras e manias. Diria que na natureza, no jogo da sobrevivência, vale a máxima “em time que está ganhando não se mexe”, mas nunca se está ganhando, todas as formas de existência estão sempre degenerando e decaindo, mais rápida ou lentamente, relações internas ou externas, de tal modo que o que alguns chamam de mutação aleatória, outros veriam como mudanças constantes absolutamente necessária que se intensifica não por acaso justamente quanto mais aumenta a pressão por mudanças.

A política e economia, longe de ser objetos da observação e estudo, mas são objeto antes da inventividade e imaginação por óbvio não da imaginação sobre o que não se pode concretizar, mas a idealização em sobre o que há de fato e de concreto tanto como não só como possível mas como o que se edifica e sustenta em um razoável período de tempo. E claro num espaço ou território suficiente para tanto. Para tanto, filósofos contratualistas usam de um expediente similar dos cientistas teóricos ou vice-versa, experiencias mentais. Nessas experiencias mentais chamam esses territórios regidos por suas regras ou leis de estados de paz ou civis, e todo o espaço ou tempo anterior a este, de estado de natureza. Nisto não inventaram nada de novo, porque a ideia de que existe uma civilização para dentro dos muros das cidades onde impera a lei e ordem enquanto a condição barbara e selvagem, reina a similaridade do mundo selvagem e natural para o bem e para mal fora, é muito anterior a invenção dessa oposição do estado de natureza versus o civil. Porém é deles que esses filósofos vão desenvolver a partir da formação de arquétipos distintos da natureza humana, seja o do homem lobo do próprio homem hobessiano, seja o bom selvagem rousseanino, passando pela apropriação lockeana a ideia de contratos sociais distintos, mais absolutistas e monarquicos, mais socialistas e coletivistas, ou mais liberais e particularistas. Embora, os regimes de fato, assim como os governos e instituições tenham permanecido, mais como um retrato da psique particular quanto coletiva da própria sociedade do que dessas teorias, mantendo portanto traços de todas essas características que determinam seu caráter, comportamento e personalidade desse corpo artificial muito mais pela prevalência de um desses caracteres determinantes do seu “caráter” do que qualquer um deles isolados como princípio ou logica interna.

Descrevo breve e porcamente, não só porque há farta literatura de qualidade sobre o tema, mas por uma razão ainda, mais importante, na verdade nenhum dos dois modelos nos interessa, senão como mera introdução, porque como disse, vamos passar a espada neles. Basta saber que os contratos sociais são baseados em experiencias mentais que partem de um estado de natureza do homem para construir um acordo, onde os problemas desse estado de guerra e violência e brutalidade são superados, por um estado civil e de paz. O problema desse modelo é que esse ser humano bom ou mau, se é um existiu concretamente, não existe mais. Não há matéria-prima. Trabalhar com um modelo que idealiza ou mesmo problematiza a gênese da humanidade não ajuda em nada. Monstros, anjos ou santos, ou

nem tanto ao céu ou ao inferno, tão condição humana não existe. Assim como também não existe o ser amoral que é só uma barriga, que anda, um réptil, ou verme, que se deixar como até seus filhos, salvo é claro degeneração patológica da pisque gravíssima congênita ou adquirida. Mas fiquemos, com o estado mais provável, o que salvo o desvio padrão o ser humano não nasce cobra criada, propenso a violência? Claro. Domesticável? Com certeza, óbvio, senão não teria sido. Mas, nascido predestinado a ser um psicopata, ou imbecil desde o berço, aí, já é uma tese que não se sustenta, porque não haveria sobrevivência possível, antes da advento da tutela dos idiotas aos idiocratas. E sociedades sem estados como as primitivas, não seriam um estado brutal, mas impossível, na qual a espécie humana teria se extinto, um tentando comer gente, o outro buscando ou sentado esperando quem lhe guie pela mãozinha, mas que no fundo vai lhe comer em todos os sentidos civilizados ou não da palavra. Mesmo não querendo, ou achando que não... É o paradoxo do evangelização do missionário colonizador que tentando, ou melhor fingindo para ele e si mesmo e seus senhores, salvar os nativos do seus estado, converte-lo, os mata com seus germes incluso os culturais.

Logo a ideia de uma experiencia mental, a viagem antropológica para as origens do homem, é um tanto quanto inútil, porque o desafio tanto presente quanto futuro, se já não era, agora com certeza é outro. O dito homem natural se existe é um morto que anda. No corredor da morte, do inevitável encontro com seu semelhante. Quem sobreviveu desenvolveu imunidade, ele ou seu organismo se adaptaram, aprenderam a conviver, nem sempre de forma sã e sadia com a imundice e insanidade, ou eliminaram as ameaças modificando seu ambiente, o que também não os torna necessariamente mais sãos e saudáveis, nem tão pouco invulneráveis as mesmas ameaças foras de suas condições artificiais de vida, que não deveriam ser confundidas com as sociais, como sugere erroneamente as nomenclaturas da experiencia mental.

Diria que os seres humanos já não são mais só dependentes da vida comunitária, mas da vida social. Poderiam viver sem Estados, sem corporações impondo e cobrando serviçõe públicos a base do monopólio da violência num território e guerreando uma como as outras para manter a liderança e controle da sua macacada. Mas não sem sociedade. E talvez, e digo talvez porque não quero subestimar a capacidade dos seres vivos e da vida em se superar, não conseguissem mais sobreviver em pequenos grupos comunitários isolados, ou nem mais quisessem se fosse para voltar a viver assim. Logo para não ser tão fatalista ou predeterminta reformulo, hoje, salvo exceções, não só não conseguimos viver, como não temos nem queremos nos conceber vivendo fora da sociedade, muitas pessoas ou mesmo grupos discriminados vivam a margem ou a parte dela. Estar fora, dentro ou fora dos muros, é certeza consciente ou não de uma sentença de morte da gene e legado onde só o quando é a dúvida. Sabemos que não podemos viver sem os serviços prestados uns aos outros não só na forma de trocas e voluntariamente, mas involuntariamente, os valores que se agregam espontaneamente pela mera e simples convivência.

Contudo o regramento do viver em paz, está profundamente ferido de morte. O ajuste onde A explora e tutela B. Degenerou tanto A quanto B, que já não conseguem sobreviver nem mais fora, nem consegue viver em paz dentro de um suposto projeto de estado de paz, cercado por fronteira e muros que dirá de humanidade, que dirá então sem fronteiras e muros, sem querer fagocitar suas diferenças, ou então se matar. Convivência não é uma terceira hipótese, por uma simples razão, o mundo nunca foi, nem se ele os recursos fossem

infinitos, para quem não quer nada menos do que tudo. Tolerância é empate. É ter dois senhores sob a governar um mesma terra, e isso o o primata do monopólio da violência territorialista não consegue viver com. Ou o vencedor leva tudo, ou ele não é o vencedor. O segundo lugar, é o primeiro dos perdedores. Essa não é a mentalidade predominante, mas é a a mentalidade hegemônica dos que predominam por supremacismo. E aí de quem não pagar culto e obediência e reverencia tributos a sua (pré)potencia manifesta em ameaça e enfim demonstração de força de fato. E o mundo concreto, incluso o virtual sempre é refeito a imagem e semelhança da suas projeções simbólicas. é por isso que o deus e o mundo dos triângulos não têm 3 lados, mas tantos e quantos lados tiver a figura que ditar as suas formas e se tiver 4, o divino e mundano será quadrado, ainda que o mundo seja redondo e tudo que é sagrado esteja sempre além dos ditados, ditadores e suas pretensas formas. Tal que se é ditado ou tem forma logo não é sagrado. Mas isso é uma outra historinha do ilusionismo e conversão de massas...

E se você acha que isto é o fim do mundo, se engana, não seja tão condescendente com nossa condição. na média, é claro, ainda dá para piorar mais...

No texto anterior, pintei um cenário desolador, ou melhor, pintei não. retratei por que não usei de imaginação. Mas de pequenas amostras da nossa realidade. Agora sim, quero pintar com o exercício da experiencia mental um retrato ainda pior, não porque seja sádico ou masoquista, ou um misantropo, mas pelo contrário, porque mesmo acreditando, acreditando não, tendo a certeza que o sonho acabou, continuo ainda mais otimista, ou talvez ainda mais realista e pragmático em relação ao potencial do ser humano, humanidade, liberdade e cosmopolitismo. Um potencial e vocação que não só é capaz de superar os problemas atuais, como é capaz de lidar com um estado de coisas aparentemente impossível de ser transposto, que habitam nossos piores pesadelos, e atormentam nossas camadas mais profundas do inconsciente, e que de matéria farta justamente a mitologia e ficção de terror apocalíptico, com destaque para a contemporânea. Dos mortos-vivos, epidemias, guerras, desastres, invasões de seres superpotentes, clássicos reatualizados.

Medos, alguns baseados evidentemente em projeções de cenários da atuais, baseados nas tendencias de alta de cenários que ainda sim permanecem em relação a suas alternativas como baixas probabilidades. Outros, o que aqui, interessem, como matéria-prima para a experiencia mental, nem isso, apenas projeção dos medos mais profundos não só uns dos outros mas do que cada um de nós pode ser tornar, e tem se tornado, a grande metáfora do terro do homem contemporâneo: o zumbi, o apocalipse dos mortos-vivos. O matar e morrer devorando e sendo devorando, ainda vivo mas já sem consciência não só mais o estranho e distante, mas até o ultimo dos seres vivos, incluso, os entes mais queridos e próximos. O espalhar e controle final dessa epidemia de alienação do homem como lobo do próprio homem, onde não basta furar os olhos uns dos outros, mas o que fazemos simbólica e nem tão simbolicamente assim e controlada uns com outros, de preferência bem longe dos olhos da consciência, vem a tona nesse pesadelo, trazido como sempre pelo mito e ficção, como reflexão sobre nossa natureza, ou melhor desnaturação viral.

A mente é muito mais poderosa que nosso ego, ou mesmo que nosso superego acredita ou e seus manipuladores gostariam de acreditar. Nossos sentimentos mais profundos enterrados sempre encontram uma forma de vir a tona, e nem sempre de uma forma sã e sadia. Ou da forma doentia socialmente esperada, ou tolerada.

Não não vou deduzir o estado de paz, a partir de um apocalipse zumbi. Mas é tendo em mente o que há de racional, por trás desse medo irracional que pretendendo compor a experiencia mental. Esse mal estar da civilização, que já não consegue controle seu medo, e declara guerra não mais a seres, mas ao seu terror. Coisificando pessoas como os monstro a serem abatidos as portas de sua terra para preservar seu sangue e gene vivo, percebendo ainda que de forma inconsciente, que vão se tornando o mostro que enxerguem nessa vida permeada pelo pesadelo do terrorismo transforma em realidade. Antes da violência, e da dor, é a tortura, a antecipação do medo e terror, a chave da degeneração que torna pessoas livres a massa aforma pronta para introduzir o código, a massa aforma a ser moldada seja como monstros, servos, ou carne sacrificial.

O terror é a ferramente de guerra psicológica, propaganda e logo domesticação por excelência. Ele paralisa, tortura, deforma, e aquele que é torturado natural ou artificialmente por dores insuportáveis, sabe que a dor, a humilhação é algo que se acostuma, mas quando ela, periodicamente suspensa, criando o suspensa e a triste mistura que compõe tanto a esperança quanto o suspense do momento do se ou quando a tortura vai recomeçar, esse é ponto onde o ser humano quebra. Se a tortura, violência, violação, dor se prolonga por muito tempo e intensifica o ser humano apaga ou morre, mas se ela pára, se o ser humano tem um instante que pode voltar a respirar, pensar e quiça esperar, ele vai esperar, e se desesperar e experimentar o medo de uma forma completamente nova de certeza quanto a realidade: o sujeito dessa experiencia vai experimentar o terror não como ficção, mas como real, a medo não será uma mera expectativa, uma duvida ou certeza razoável, mas o seu estado permanente de espirito, que mais do que o sentir e pensar estará agora entranhado na sua gnose da sua condição existencial, sua fé no que esperar da vida, destino e sentido. E enquanto uns acordarão acreditando que o sol nasce para todos, mais precisamente, sequer pensam sobre esse tipo de coisa, porque não existe razão para duvidar nem desduvidar disso, ele só tem um certeza razoável: não para ele, o terror o governa o que lhe espera se não é o sofrimento, é a luta contra ele. E tal condição que em principio brutaliza, num dado momento quando as forças vão se esvaindo, apatiza. Tal que o individuo que volta de cada sessão, que nunca volta por inteiro, num dado momento, nem mais está propriamente ali. Tal que o maior sofrimento que leva a acabar com sua própria vida, não é enquanto luta, mas quando volta dela, e se dá conta que ainda pior que o terror, é a apatia que quando não transforma os seres em monstros prontos a devorar também o alheia apaga toda a filia e afiliações que constituem os afetos que ligam esse corpo que anda aos outros seres. E quem está vivo, se vê então literalmente como um morto, porque até sente dores e prazeres, mas eles já não significam nem dão sentido a existência. E não adianta ter pernas porque esse individuo não irá mais levantar, não mais sozinho, não mais por livre e espontânea vontade, não por amores, não por seus amores, mas pelo absoluto terror do que virá quando o apito tocar e se esse apito significar levanta e anda, senão... O problema portanto não é a miséria, mas a condição miserável que internaliza, inclusive para quem aparentemente tem tudo, menos o essencial força de vontade própria para governar não os outras mas a si mesmo, e não ser governado pelos desejos de crianças tirânicas mimadas que cresceram, envelhecem, apodreceram, mas não amadurecem, a começar pelo ditador ególatra-mor: ele mesmo. Porque não se engane não importa quão gigante seja o poder de um tirano, ou a servidão de uma vassalo quando voluntária: ambos são governados pela mesma covardia que os faz avançar contra quem podem e rastejar e servir contra quem não podem.

O terror, como ficção é revelador, quando a narrativa contada para pessoas dotadas da capacidade (e informação) para discernir a real da ficção, ou seja adultos, ou pelo menos

adultos não infantilizados e imbecilizados pela desinformação. O que não é um problema da narrativa ou do conto, mas do sistemas de transmissão da informação tanto para a conformação de crianças em futuros adultos permanentes infantilizados, quanto da própria da comunicação da realidade propositalmente fictícia, ou feita como se fosse um espetáculo indiscernível da mesma para os mesmos propósitos; afinal, enquanto não se estabelece o monopólio dos canais e mídias de comunicação, o confundir e não explicar ganha prevalência como estratégia incluso porque para definir quem há de prevalecer sobre quem.

Não é portanto a toa que a comédia e os comediante volte a ser medievalmente volte a ser a grandes vilões desse novo mundo. Não estamos na guerra do terror, mas na guerra do terror, e quem ri em filme ou peida na com a boca missa ou na escola é herege, e vai de castigo. Ademais, eles estão mesmo despostos a não deixar nada engraçado. Calando todo que tente ridicularizar a seriedade do monstruosidade absurda novamente não só com a banalização, mas normatização e normose do absurdo da monstruosidade: a morte com regra prevista em lei a ser comemorada com orgulho nacional e não como falha ou exceção a ser encoberta como vergonha da humanidade.

Perversão pior não há. Pior do necrofilia. É o necropoder: quando os mortos encarnam no corpo e ideia dos mortos-vivos para foder com o resto de vida não só dos que mal conseguem sobreviver, mas do que nem nasceram ainda. E no que dependerem deles, não nascerão jamais. E veja só que lindo, em nome da soberania, autodeterminação, e até mesmo da liberdade, da liberdade! dos povos.

Ok. Vamos trabalhar é isso o que temos. Vamos trabalhos com isso. Ou melhor vamos passar um corte nisso. E recompor tudo, só que ao contrário. Ao invés então de propôs um contrato social baseado na gênese da humanidade, vamos inverter essa seta, vamos partir desse final apocalíptico hipnótico, dessa degeneração, da humanidade projetada como aviso pelo nossa inconsciente coletivo, e construir o contrato social, partindo desse estado que não queremos terminar e ser humano que queremos ser, e que (lembre-se é um experiencia mental) estaríamos decaindo para construir o modelo ideal, o norte.

Construção de um estado de paz ou civil portanto, é antes de tudo, e sempre uma idealização, que se por ventura ganha a concretude das práticas e quiça dos ritos e costumes regrados, continua remetendo constantemente o real a conformação esses ideal que pode ser tanto uma projeção do que se supõe como era a natureza ou como por ventura ela deveria ser. De tal modo que este estado ideal de como as coisas deveriam ter a noção do que é certo, passa tanto a compor a noção de justiça, quanto o próprio direito desse ou melhor nesse estado de paz. É portanto sobretudo uma noção, baseada num ideal, que por sua vez, se assenta por sua vez, num projeção ou de um passado ou de um futuro, que busca dar legitimidade ao estado de coisas, ou aos meios necessários, por princípios ou finalidades, por uma gene ou gênese, ou céu que como objetivo final se busca atingir, ou evitar, incluso perder o suposto caminho em direção a sua progressão, mesmo que enquanto ideal seja sabido que nunca se chegue propriamente lá.

Neste processo, a ideia portanto de um direito seja ela natural que antecede a convenção social dos homens, ou positivo que é um produto do seus contratos e acordos, passa a ter prevalência sobre a mera força de fato, ou a próprio posse de fato das coisas como fonte da

legitimidade sobre a legitimidade não sobre as coisas em si, mas sobre a definição das coisas em si, e logo, portanto da sua posse.

Por exemplo, dos contratualistas que remetem ao estado de natureza e logo portanto aos e direitos naturais do homem, de longe a pressuposto mais interessante é do Locke, e a da apropriação lockeana, que tanto admite a posse particular daquilo que não pertence a ninguém, quanto ao mesmo tempo admite tendo isso estado disposto como bem comum a todos, que viriam depois deste é justo, que esse homem, contribua com uma parcela dos seus ganhos sobre sua agora propriedade particular. O modelo sobre o qual se erguem as democracias liberais.

No entanto como disse, há um problema a legitimidade dos direitos naturais e ele fica claro, quando invertemos, a experiencia do mundo como ele deveria ser projetando-a para uma origem que nunca houve, e analisamos tanto para o que ele realmente é, quanto para os n cenários do que ele pode realmente, incluso ditos os apocalíticos a partir desse modelo. Seja a legitimidade do direito de apropriação particular quanto a legitimidade do dever atrelado a esse dever (todo direito tem logicamente um, senão para com outrem, para consigo mesmo): o de contribuição com a coletividade que ele implica: ambas ideias, se baseiam num equívoco quanto a proveniência da força que faz dos direitos e deveres naturais uma lei. E repito, esse é o melhor modelo, e não o pior.

Direitos e deveres naturais em verdade não precisam ser impostos, porque embora a punição da lei da natureza seja por vezes muito lenta para seres desinteligentes perceberem sua ação, é sempre certa, isto se forem de fato uma lei natural. É como se jogar de um abismo. Por vezes ele pode ser tão profundo que o individuo, ou no caso a coletividade, nem percebe que já era, mas o fato, é que ninguém precisa punir o idiota ou bando, quer eles tenham percebido ou não, eles já o fizeram, e na natureza a punição para a maioria das imbecilidades é a seleção natural é a morte. Aliás punição, não porque há que se lembram que ninguém, empurrou, mas quem pulou lá atrás foram eles, ou no caso, nós. Essa é a força dos direitos e deveres e leis naturais. São leis que demandam, observância e obediência, não porque tenham tiranos ou despostas cagando regrinhas, ou as alterado ao seu bel prazer, mas porque as faltas tem causas e sobretudos consequências que não precisam ser impostas, mas que já estão dispostas como fundamentos da vida para quem sabe viver, ou da morte para quem não. De tal modo que as leis humanas façam ou não referencia a esses direitos e deveres naturais, se não edificadas em observância a estas são como edificações sem engenharia, condenadas a cair, e não há boa vontade que substitua há falta de fundamentos e pilares, nem muito menos força bruta que substitua a arquitetura.

O que torna tais sistemas no mínimo curiosos. Porque ao mesmo tempo que toda legitimidade não emana da posse nem da força de fato, isto é não é porque alguém detenha algo, o ladrão, ou porque ele seja simplesmente o mais forte e poderoso, que seus ditames e mandamentos esteja correto, muito pelo contrário, o dito estado civilizado é justamente caraterizado, por essa distinção: nem sempre o que é, é o que deveria ser. Esses estados de paz não conseguiram de fato escapar da solução primitiva, não só por falta de tecnologia, mas antes de tudo por falta de uma visão pragmática de que não podem depender de tal solução se quiserem realmente deixar tal estado de desinteligência, a força bruta, ou mais precisamente os monopólios da violência que edificam, mas no melhor das hipóteses inteligente se ameaçam e dissuadem mutuamente com destruição mutua, o que como

solução, está longe bem longe de ser tanto uma arquitetura minimante inteligente que pare de pé dirá um o diz ser: um estado, e de paz.

Não há possibilidade de paz, enquanto as estruturas que se buscam construir não atingem uma capacidade de invulnerabilidade em relação ao poder destrutivo alheio suficiente para tornar quem antes era adversário, não só em objeto de cuidado, mas em sujeito de emancipação da sua violência. Qualquer outra ideia ou é fantasia de paz, ou tara de guerra disfarçada de uma coisa ou outra com outros nomes, por óbvio.

Evidente que a posse da força de fato é absolutamente necessária para aplicação de um ideal onde o sistema que o garante não está invulnerável à violação e violência. Assim como é evidente que não e nem pode ser a mera da força de fato a fonte da legitimidade nem a convenção dos homens a revelia do direito natural e lei da natureza a fonte da legitimidade dos seus estados de paz. Contudo, se de um um lado não podemos cair no pragmatismos de utilitarismo e positivismo do outro o jusnaturalismo como norma ou proposição moralmente ideal ou moral também é tão vazio de força de fato quanto qualquer credo, vão-se os crentes e credulidades, a casa cai. Não é portanto, de surpreender que na prática, embora a 2 mais 2 sejam 4, e a terra ser redonda não seja uma mera convenção mais a representação simbólica de um fato, tais proposições no final das contas careçam do mesmo método de quem prega o oposta, se a ideia e ideal, dentro da arquitetura do sistema são só uma narrativa, então são tão vazia práxis, conteúdo e ethos quanto a própria falsificação ideológica do real e natural.

Se o método de validação da verdade e legitimidade é o mesmo. O resultado final é o mesmo. Ou em outras palavras. Pouca importa se o individuo ou o coletivo se joga no poço sozinho ou porque os outros se jogaram, ou não caga mais nele, porque ensinaram a não fazê-lo, se o humano na média não for capaz de entender a capacidade de raciocínio para deduzir SOZINHO que não deve pular no poço, cagar no poço, e sobretudo que sempre havendo gente não só vai pular, cagar e se uma vez pulando e cagando vai ter sempre outros macaqueando o alheio, não podemos viver a vigiar nem de adestrar uns aos outros, que aprendamos a construir poços que não precisem ser vigiados, nem cagados, e sobretudo e mais importante- por que isso não é o suficiente- poços onde gente sabendo que sempre haverá quem se joga e caga, irá buscar novamente abrir o poço para fazer desses coitados a sua fonte de posse e poder. Vendendo essa fabrica de loucos seu grande negocio, onde nos vigiamos, nos encarceramos, nos matamos, quando todo que precisamos fazer é começar a deixar os bens comuns bem longe das mãos não só de quem não sabe o que fazer com eles, mas de quem sabe muito bem manipular tanto eles quanto gente, criando não só problemas e necessidades onde eles não existiam, mas problemas e necessidades que antes sequer existiam.

O jusnaturalismo desprovido do necessário utilitarismo decai em no mesmo dogmatismo do positivismo e se não está sujeito as mesmas arbitrariedades das leis positivas dos homens se impõe assim ou assado porque assim o querem quem detém a força de fato, ainda assim, se torna uma imposição ou vazia porque que carece dessa força de fato mundana para valer ou é uma mera utopia, porque ao contrário a ciência politica ao contrario não produz tecnologia fundamentada nas leis e forças da natureza para engendrar e alimentar a dinâmica do seu aparelhos estatais, mas as forças mais primitivas de exploração de produção política e econômica. De tal modo que se aparelho estatal o motor politico do sistemas socioeconômico não é sequer um automóvel, mas uma carroça, puxada por bestas, tocada a cabresto chicote e

mantida a ração. E logo os ditos direitos naturais ou humanas são normas a serem aplicadas a quem sente sentado na carroça, gente de bem, extensíveis no máximo a quem a toca e não a quem a puxa. Ou não há força motriz para mover essa joça. E nego, nego não branco, ainda chama essa porra de ciências humanas. Quando não é uma coisa, nem outra. Puta troço porco, enfeitado, perfumado, mas porco. E coitado dos porcos que não nasceram em chiqueiros, nem currais.

Logo, um direito natural como ao bens comuns não é um direito natural porque pertencia a todos como defendem os românticos ou idílicos de onde de tudo era de todos, ou pelo contrário nada era de ninguém, ou de quem pegasse primeiro, tomasse do outro, ou conseguisse manter até outro tomasse seja porque mais forte, ou porque dormindo no ponto, alguém mesmo mais fraco tomasse dele as vezes junto com sua vida, como diria por sinal com razão Hobbes. Mas porque cada uma dessas lógicas daria por caminhos distintos exatamente no mesmo lugar, a extinção. O bem comum é direito natural é uma tentativa de traduzir para a linguagem da lógica das relações pessoais e sociais humanas a lógica das causas e consequências naturais que na falta de instintos de gregários que previnam a imbecilidade de cairmos nesses vícios, podem ser deduzidos raciocínio, por exemplo através da observância da expectativa de vida reservada aos indivíduos e hordas praticantes exclusivamente tipo de estratégia de “sobrevivência”. Ou dos custos atrair não só cooperação, mas até mesmo competidores em livre mercado quando não sabe dividir sabiamente o premio com ambos. Um custo que pode ser por vezes não apenas alto, mas a cabeça do vencedor, pela aliança entre seus aliados com seus derrotados. Saber perder não é fácil, até para não cair servilismo. Mas saber ganhar é mais difícil ainda, porque é muito fácil sentar no trono da conquista e perder a noção que distribuir os ganhos é essencial não só para pavimentar as próximas conquistas, mas para não perder o que já foi conquistado. Percepção básica até mesmo dentro da visão autoritária de mundo, mas que se vai se degenerando pela própria contradição do autoritarismo que lhe é inerente e que primeiro lhe engessa e envelhece um regime e depois o mata. Maquiavel gostaria que os déspotas fossem capazes de se adaptar a qualquer circunstancias, mas se assim o fossem não seriam e nem poderiam ser mais despostas, não imporiam instancias conforme suas condições independe das necessidades alheias disporiam condições conforme as circunstancias e sempre em respeito as necessidades do outro. E é por isso que esses regimes que a imagem e semelhança dos que matam como querem, também eventualmente um dia morrem como não querem. O que não é consolo.

Tal capacidade de adaptação absolutamente necessária a seleção de todos organismo incluso os sociais, por definição não existe nos monopólios, sobretudo o da violência, os estatais, mas nas sociedades, nas associações que tem em sua origem antropológica a produção e as trocas voluntárias e não a pilhagem, o sequestro e a guerra, por mais que tal aparelho tenha procurado se civilizar e evoluir, em essência continua o mesmo, e em tempos de crise volta as origens digamos vocacionais, mostra os dentes, e tributa e se rearma com voracidade para preservar seu corpo, órgãos corporações e toda fauna que dele vive e nele habita ou orbita e sobretudo graças a prospera.

Assim sendo o direito natural não é nem precisa ser fundamento dogmaticamente. E por consequência o dever social que se fundamental sobre tal direito natural idem. de tal modo que quanto se diz que uma pessoa paga uma parcela do que é sobre sua propriedade particular porque parte dele está assentada sobre o que antes era o bem comum de todos.

Isto não é feito propriamente porque ele tomou a propriedade de uma pessoa imaginária, ou um coletivo fictício, como se supõe quando se projeta essa experiencia mental para o passado, supondo é claro que ele não seja de fato um expropriador, uma ladrão e assassino que depois usa a lei para legitimar seus crimes. mas sim um apropriador natural. Alguém que se assenta e produz onde não havia de fato ninguém e faz daquilo sua propriedade. De quem, o primeiro, tomou, é obvio e evidente. Mas o segundo, sua responsabilidade, seu dever do qual deriva seu direito é outro. Ele tem uma responsabilidade que sequer incide sobre o passado, mas sobre o futuro. Não é um ladrão. E seu dever não é de restituição. Mas sim o de preservação e contribuição para o bem comum. Não destina uma parcela dos seus ganhos aos demais porque eles carecem, mas porque a eles pertencem, e carecem ou irão carecer se o que lhe é de direito por necessidade de subsistência e por consequência paz for garantido. Porque só antes do direito a posse, há o direito a vida, e só duas formas de manter o direito a posse intacto a posse intacto, porque não é possível extinguir o instinto de preservação da vida, e logo a luta de quem vive pela sobrevivência:

1. mata-se o carente. Ou
2. permite-se que se alimente.

Minto há um terceiro.

Alimenta-se desde que ele trabalhe para você.

O único problema desse terceiro. Fora a parte que pertence a ele que é da subsistência, e que não pode ser dada nem tirada mediante trabalho, porque é escravidão mediante carestia. E roubo mediante privação primitiva do bem comum. E que mesmo estão bem com sua consciência sendo um ladrão escravagista é que se a conta não fechar, e nas terras da sua tribo não tiver tanto trabalho para esse povo, que só come se labutar o sistema quebra. De modo que hoje mesmo canalhas, já entenderam que até num sistema de exploração do ser humano pelo ser humano é melhor não matar o burro, nem correr o risco de ser morto por eles. E estabelecer um limite humanitário, ou se preferir um limite à desumanidade das misérias, tal que não é sobre a fome que se empurra as massas para a labuta, mas a ganancia que é universal.

O problema nestes casos, é portanto outro. Acaba-se com a miséria, mas não se acaba com os miseráveis que continuam a crescer. Um problema demográfico como diria Malthus. Ou os naziecologistas. Muita gente, e de pouco pedigree, para pouco Planeta, leia-se recursos para mesmo estilo de vida e padrão de consumo. De tal modo que não falta quem prefira, o viva de deixa morrer, ou até mate, castre ou ponha-o para se matar, porque no planilha o progresso é o mesmo e a desigualdade social vai embora seja redistribuindo riquezas de A para B. Ou simplesmente matando B. Porque agora A é o conjunto universo da humanidade e a pobreza de B, não diminui mais os índices de desenvolvimentos humano. Pois é, índio morto não faz filho, e bancar o civilizado e progressista ao preço de pedido de perdão pra genocídio de povo extinto não custa nada... literalmente.

Mas voltemos para a noção, de propriedade e apropriação lockeana que fundamental as democracias e economias liberais, que no final das contas não reclamam do Estado, mas não conseguem viver sem um, porque precisam do seu aparato, no mínimo como estado minimo, ou estado policial, mas pode chamar feitor, que empurre e policie e tribute e eventualmente se mais prodigo jogue os restos para da mesa para que os desesperados e carentes se mantenham na linha trabalhando ou procurando emprego e não decaiam na criminalidade ameaçando sua propriedade. O estado guarda noturno e carcereiro para os mais revoltados e distribuidor de sopão e empregos bosta para os mais obedientes que deveria ser pequeno porque cuida do "lixo" da sociedade, mas que inevitavelmente sempre se torna enorme, não só porque é um corporação com interesses intestinos próprios e que se alimenta desse "lixo", mas porque esse modelo de sociedade tente a transformar cada vez mais gente em lixo, e depender cada vez mais da policia, encarceramento a medida que a renda e propriedade se acumulam e desigualdade crescem e crescem subsidiadas pela redistribuição reversa e intermediada pelo Estado.

Sociedades e famílias ricas não crescem porque são canibais, essa já é fase do gigantismo que prenuncia sua degeneração e decadência, se o fossem desde o principio se desintegrariam, ou se comeriam antes de crescer, ou encontrar gente para se perverter parasitar e canibalizar. Antes precisam se integrar e a integração, é baseada em confiança e reciprocidade, numa moral que precisa estar presente até não só em organismos, mas até em corporações cuja finalidade é matar, como tropas, até soldados que não tem entre eles a certeza que seus companheiros não vão atirar nas suas costas ou abandoná-los não sobrevivem que dirá uma sociedade. Quando observamos nações gigantescas a se movimentar sem essa solidariedade o que estamos a ver é dinossauros a se moverem como galinhas sem cabeça, eles se movem pelo gigantismo de seus corpos, mas já estão mortos... e ainda não sabem.

O principio redistributivo que carece da força de fato, isto é carece da imposição de estado. E não da disposição de uma sociedade para constitui-lo como seguridade mutua, não é uma constituição de um contrato social, é a constituição de um mera sistema de tributação e redistribuição de rendas e como tal não tem a força necessária para estabelecer pactos social, mas carece da impostura e da força bruta estatal e sua corrupção para se sustentar. Um modelo de transferência de responsabilidade social e expropriação de propriedades fadado a ser expropriado e utilizado para outras finalidades as governamentais e populistas, que não são as sociais nem populares. Porque as representações não são coisas representadas, nem no mundo das ideias, nem muitos menos dos ideias constituídos como instituições representativas dos ideais. E trouxa de quem não coitado e ainda sim caia nos jogo de palavras.

Pois da mesma forma que o escravagista não tem lucro se tiver que trabalhar pondo para trabalhar os escravos, isto é, se num dado momento o escravo não estiver devidamente atemorizado e domesticado para fazer seu trabalho sem que o dono precise mais força-lo, também a sociedade precisa num dado momento conseguir fazer o que sua responsabilidade sem que precisar impor-se uma força coercitiva, seja da vigilância de um poder maior seja ainda pior do estado de vigilância de uns sobre a vida dos outros, porque na qualidade de débeis mentais que não conseguem levantar e andar sem apito, ou burros de carga sem cenoura na bunda ou na boca, neste estágio de desumanização generalizada não há tutela, autoritarismo, nem educacionismo que resolva. Quando a exploração da miséria e

desinteligência atinge esse grau de desumanização, não tem volta, nem remédio. Pode montar sua arca de Noé, e nela preserve o fundamento para que o quando o diluvio baixar um verdadeiro estado de paz possa ser celebrado: que antes de ser um mandando é um sentimento de solidariedade. Do qual derivam não só os códigos. Mas suas decodificação. E que portanto dele carecem as pessoas para seu entendimento.

Não adianta nada preservar todo o conhecimento e códigos do mundo. Se as pessoas que os vão receber já perderam a capacidade de inteligi-los e processá-los, isto é, decifrá-los. E decifrar, não é reproduzir, mas ser capaz de recriar por conta própria o código de tal modo que aquilo que significa para quem o cifrou também faça sentido para quem o decifra, ou o que é a mesma coisa remeta a um realidade comum, que dará sentido tanto ao que ele quer dizer quanto as suas ideais e ideais nem tão comuns assim. Um mundo onde os sentimentos empáticos estão embotados, as palavras e códigos são tão reais quanto unicórnios, ou no máximo dinossauros, existiram mas só restam os fósseis. Paleontologia emocional.

Há um substrato gregário intuitivo na ideia de direitos naturais de bem comum, do qual a ausência dessa capacidade intelectiva mínima não impede só a compreensão desses conceitos, ou a capacidade de entendimento racional dessas teses, mas fere de morte a capacidade do individuo de se importar com os seres e fenômenos que ela trata, ele caga e anda com as coisas, vai lá querer saber dos seus sentidos significados? Foda-se. Essa é a pisque. Logo faz sentido você não precisa explicar duas vezes, para quem se importa com algo as causas e consequências de uma ação, desde que o objeto em questão tenha alguma importância para o sujeito, ou até mesmo explicar o valor e importância de um dado objeto, mas tentar atribuir tais valores e importância a quem não tem e sobretudo não quer ter nenhuma ligação sensível. Isso é uma loucura, porque todos os significados e sentidos por ele não são outros e alheios mas querem sê-lo, e pressupor que a vontade de poder de convencer pode suplantar esse querer é o ápice da prepotência, nesse sentido até mesmo os tiranos mais megalomaníacos e psicopáticos são mais realistas e pragmáticos, sabem que isto é impossível, e para realizar suas fantasias de poder e controlem apelam para a força bruta.

E não é toa portanto que observemos que tanto um quanto outro método, tanto a manipulação contra a brutalidade ainda sejam empregados de forma tão ostensiva e massiva. É triste, é monstruoso, mas por um outro o sinal do quanto ainda, há de potencia humana a ser reprimida, iludibriada e pervertida e no fundo temida.

É por isso, que por exemplo que quando se diz que a posse do bem comum é um direito natural. E que dever de quem detenha uma propriedade particular contribuir com parcelas do seu rendimento com a coletividade porque ela está assentada sobre o quem antes ou outrora foi de todos, ou seja um bem comum. Esqueça o antes ou outrora. Pode se concentrar, no agora e no agora que vai se acumulando como agoras, com juros e correção monetária, o amanhã. Porque o bem comum continua sendo comum por necessidade para quem está e que chega. E seu único bem ou interesse comum, mesmo que não haja mais nenhum sentimento solidário ou gregário, disponível, é o de como as coisas eram, mas de como as coisas podem ficar, as consequências, os riscos envolvidos numa distribuição burra das mínimos vitais que definiam o que era de direito natural dos seres vivos, antes de haver direitos e vão continuar a defini-los se um dia esquecermos o que é são direitos não em norma, mas causa e consequências. Uma má distribuição ecológica ou econômica dos

recursos vitais quebra o equilíbrio ambiental ou do tecido social que sustenta o sistema seja ele natural ou artificial.

Uma concepção pobre dos seres e suas propriedades, que não anda com suas próprias pernas vai precisar de muletas, que no final das contas tornam o sujeito definitivamente aleijado e dependente e não oposto. Uma sociedade incapaz de conceber uma contrato social onde a propriedade lhe pertence como direito e responsabilidade social, inevitavelmente decai numa sociedade que transfere esse direito ou esse responsabilidade para um organismo externo que no final das acaba por engolir as duas coisas seja suas propriedades tributando-a para cumprir as responsabilidades que não assume mas transfere, seja expropriando de antemão as propriedades para impor-lhe como obrigação tais responsabilidades sociais e si não o papel de servidor, mas o de tutelador. Nos dois casos, o fim é o mesmo. Tutela e expropriação tributárias e trabalhistas progressivas na inversa progressão do autoritarismo e miséria e perdas da liberdades tanto políticas quanto econômicas.

Novamente uma questão de propriedade. Um erro clássico de todo soberano, incluso das sociedades que vão perdendo sua soberania para governos cada vez mais autoritários é transferir comodamente a administração dos seus problemas, acreditando que está se livrando de um custo ou peso quando em verdade. Uma coisa é delegar funções, outra é perder o controle da sua administração da sua propriedade, e naquilo que em que se é mais vulnerável. Quem assim procede não vai ser só roubado, vai ser deposto. Se é que algum dia foi livre, isto é governou de fato alguma coisa que fosse igualmente de fato sua.A começar pela sua própria vida. Daí, o patético e risível das castas que que acreditam que estão sempre ganhando toda vez que se apartam do povo para externalizam um custo econômico e transferir sua responsabilidade social para o governamental, melhor seria logo a alma ao diabo porque o custo politico seria menor. E a sociedade que transfere sua responsabilidade social muito antes de morrer encabrestada e abestada nas base, morre de debilidade mental nas cabeças. Há quem lute para ter posses e possibilidades para poder assumir responsabilidades e conquistar liberdade, e quem os tendo as entrega em troca de conforto sem perceber que a posse sem o ônus da propriedade sem o ônus da responsabilidade, inevitavelmente implica na perda tanto da propriedade quanto da condição concreta que ela propicia a liberdade, seja porque pela tutela dos irresponsáveis devidamente governados, seja pela queda dos irresponsáveis desgovernados incluso por vezes pelo desgoverno dos seus tuteladores. Afinal nada garante que o tutelador tenha mais interesse, responsabilidade ou capacidade na coisa alheia principalmente quando amalgamada e generalizada como publica que o próprio, muito contrário, em geral é menor, pelo menos até se apropriar em definitivo, não raro por meios corruptos, autoritários (ou ambos) dela como se fosse sua. Porém daí dizer que cada um tem o governo que merece, já é maldade. Pois se há um falta capitais, há outros falta anima, não por acaso comprada e vendida e devidamente reprocessada como gana e colocada como mercadoria por esse mesmo capital. De tal modo que não falta e não pode faltar não é só mão-de-obra barata, mas também devidamente qualificada em não só em vender-se, mas vender o outro enquanto tal, o traficante e cafetão liberdades e dignidades, o arrombado que não raro está sempre pronto para transferir o ônus da sua riqueza como legado da sua miséria não só ao próximo mas para uma próxima geração, incluso por vezes sua própria prole.

Logo para estabelecer esse estado social, precisamos superar o estado não de previa degeneração da humana. E para tanto precisamos, entender como funcionaria tanto a consciência quanto a inconsciência tanto de cada ser humano em particular quanto da rede, a coletividade, precisamos montar essa matriz a partir, do seu átomo, simular suas forças ou pulsões primordiais que como padrões dão formas suas estruturas, organismos e enfim entender sua dinâmica, para verificar como e porque esse cenário se gera e portanto se degenera.

Devemos descobrir qual caminho deveríamos seguir, sem nos importar de onde viemos, ou quem somos. Porque é está justamente a questão, dane-se. Se assim o foi, ou é, ou mesmo caminhando para ser. O ponto de partida não é determinação do futuro, pelo presente ou passado, mas pelo e para o futuro, não o que o idealizado, mas aquele que construirmos justamente através como o única utopia possível, pela negação e superação, apropriação e rearranjo e construção pragmática de todas as possibilidades que estão postas e impostas e que sabidamente não são as que queremos para ele.

Um processo que é implica na medida que implica numa mudança de visão de mundo também é naturalmente o produto de construção coletiva. Algo que se observarmos, ainda que lentamente já vem acontecendo em diferentes iniciativas e modificando esse campo dos padrões de visões e pensamentos e sobretudo ações que definem nos só o tempos ou eras da humanidade, mas seus espaços de ocupação e relação onde vivem ou se matam. Se discriminam, incriminam, apartam, desintegram, ou se solidarizam, pacificam e enfim se integram para também se sacrificar e morrer mas com um mínimo denominador e senso comum de liberdade que dá sentido a vida tanto particular quanto coletiva, liberdade que na qualidade de condição tanto material quanto espiritual, tem nome próprio: dignidade, o mínimo denominador comum libertário, mas pode chamá-la de direito natural a vida em liberdade, o direito que fundamenta o estado de paz, a legitima defesa e revolução contra a miséria da tiranias, o direito a propriedade inviolável e soberana de cada pessoa como proteção contra todas os tipos de privações, e sua responsabilidade que antes de ser social é humanitária e natural igualmente indelegável e intransferível de também manter sua proteger sua liberdade. Idiotas desprovidos de inteligencia empática que em breve se autodestruirão o fazem só com armas e muros afastando gente e bichos famintos e desesperados das terras que ele ocupa pilha e destrói. Psicoidiotas um pouco cegos e tarados, ligeiramente assassinos e suicidas, tendem a entender que não basta preservar um minimo de espaço ambiental e recursos vitais para quem o cerca e o alimenta, mas que é preciso certificar-se garantir e prover pela logica dos capitais a partir dos seus ganhos e rendimentos, para que tenham o suficiente para viver em paz, principalmente se já se apropriaram e transformar em capital e comeram a maior parte do era antes bem comum. Isto se não quiserem ser comidos ou terminar depois de se matarem mutuamente comendo uns aos outros dentro de seus estados-burgos mesmos simbólica, civilizada e politica corretamente é claro. Armas e muros não contém solucionam esse problema, porque esse não é um problema ético, moral nem religioso, humanista, de direito natural, nacional ou religioso, é tão simples como comer pregos, cagar onde come, ou trepar com primos, se os mandamentos ou costumes ou seus pregadores professassem a favor, as consequências e portanto o dever permanecer exatamente o mesmo. Muito embora agora a autoridade chama esse dever de desobedecer e não mais obedecer a lei, já quem a desobedece por estupidez ou ignorância, corrupção, tanto faz, a desgerência dá na mesma merda, é ela.

Ambiental ou social, a lógica é mesma, muito embora gente não seja bicho, nem deva ser tratada como tal, nem bicho é tratado com o minimo respeito e responsabilidade que é devido a todo ser vivo, que dirá então o ser humano. Todo ser vivo, por ser vivo tem direito a vida, e se isso não é um monte de palavras vazias, significa que quem quer detém os meios de vida detém a responsabilidade da provisão do provimento na exata medida da extensão do sue controle politico e econômico, isto é, da sua propriedade de fato sobre o que é base da provisão da vida e liberdade e logo alienação exploração criminosa de ambos via sua regulação da sua privação, a base do capitalismo que não se sustenta através do livre associação e competição para produção de riquezas, mas da exploração e reprodução e monopólio violento da miséria para a manutenção de monopólios da privação, mas pode chamar de economia politica da tirania e miséria, ou corporativismo tanto o estatal quanto o privatista, por sinal inimigos no espetáculo da opinião público, gêmeos fraternos e amantes incestuosos nas alcovas palacianas.

O socialista de estado é um oportunista. O liberal é mais do um burro em sua mesquinhez é acima de tudo um chorão e cagão. Reclama de seu estado tributador é um ladrão, mas não vive sem seu estado policial que só cresce. Chora de raiva dos corruptos, mas abraça como qualquer crente socialista o primeiro populista salvador da pátria, só para vestir o chapéu de corno. E não adianta gritar que não é manso nem é conformando, porque continua corno e a procurar outro projeto de poder disfarçado de nação que o chifre. Viver num mundo estatizado é viver num mundo onde não já sabemos que papai noel não existe, mas não conta todos fingimos que acreditamos, nem por tradição por medo de encarar o que é, ou melhor tudo o que não significa o Natal, especialmente nos outros 364 dias do ano.

Fala que o estado não faz nada direito, mas deixa a sua conta nada menos que o mais importante de todas as funções de uma nação, cuidar da arrecadação, destinação dos orçamentos, serviços públicos, e proteção e soberania e provisão do minimo vital que por sinal sequer consta como a base do contrato social, muito embora se existe qualquer razão para que pague um imposto que não seja um roubo descarado seja esta, como arrendatário, como direito de participação sobre uma parcela os ganhos e rendimento dessas propriedades. Um valor que portanto jamais poderia ser imposto, mas que deveria ser objeto de livre negociação permanente entre as partes já que tanto aquele que paga quanto quem recebe não ter o poder de autoridade para sonegar nem extorquir, mas a liberdade para abandonar sua parte nesse contrato social, sem estar com uma arma legalizada contra sua cabeça, o proprietário a não pagar tributos que não acha que deve e o trabalhador a não servir em suas propriedades sem receber o que considera justo, mas sobretudo antes sem antes cada cidadão receber de todas as propriedades publicas ou privadas o que é devido como membro da sociedade e dono de fato e direito do patrimônio da nação, o rendimento igualmente da arrecadação dessas propriedades sem o roubo de atravessadores e intermediários políticos.

Em verdade o Estado do Futuro não precisaria ser um Estado sobre um território, mas vários em livre competição. E se pensar isso sobre a forças armadas é por demais utópico. E é. Deixo toda a infraestrutura da prestação de serviços sociais e públicos civis, a cargo dessa experiencia mental. Pegue toda a arrecadação perdida no custo político, retire para a manutenção dos serviços ditos essenciais. Distribua diretamente para a população e permite que ele contrate e pague diretamente seus serviços sociais incluso do aparelho estatal agora descentralizado. Funcionários outrora públicos, receberão mais, livres dos parasitas políticos

e máquina que carregam, serviços mal prestados ou sequer prestados agora não serão reclamados ou cobrados mas financiados diretamente pela população, que como individuo pode não ter o capital, mas livre para se associar pode não só constituir mas financiar o serviço que lhe falta e de acordo não só com sua demandas.

Há quem diga que eles não tem capacidade de tomar essas decisões sozinhos. É possível, mas sem o exercício do aprendizado da liberdade nunca vão apreender, e o pior quem não é capaz de tomar essas decisões sobre seus interesses, também não é capaz de discernir os discursos de quem irá resolver seus problemas que não consegue entender. Uma armadilha. Onde o individuo não sabe escolher seus representantes porque está alienado da vida pública delega e transfere seus problemas para terceiros, e está alienado da vida pública porque a única coisa que lhe permite fazer é delegar e transferir seus problemas para terceiros, isto é perpetuar sua alienação da vida pública, como prática cidadã, e ainda chamar isso de festa da democracia. Ser um idiota, carimbar e ainda comemora senão vem a ditadura, que já não era mais ditadura, é ditabranda. É foda? É foda, mas não reclama, senão de curro ainda mais, tá ok?

O único objeção verdadeira, é que muita gente vai deixar de trabalhar. E vai mesmo. Com o fim do subsidio a exploração do trabalho por privação da subsistência, corporações e empresas, incluindo crime organizado não legalizado não irá mais contar com esse incentivo a industria da miséria, esse seu setor improdutivo que subexiste de externalizar custos a sociedade e competir com empresas que respeitam e não exploram criminosamente o trabalho, até quebra-las já que não tem como colocar um produto mais barato, que o mais barato de todas as mãos-de-obra, a escrava disfarçada. De tal modo que esse não esse escravidão assalariada disfarçada de trabalho que não só não vive da miséria, mas quebra setores produtivos da riqueza, não arrecada, mas pelo contrário onera tanto para manter seus ganhos tanto subsidio fiscal e “trabalhistas diretos quanto custos sociais vai pro lugar que lhe pertence: pro inferno junto com as casta politica que lhe serve. Enquanto nosso povo expropriado da sua terra, politica e econômica finalmente tem renda para deixar de ser seu gado e participar da vida pública desse pais, compondo de fato o que o brasil nunca teve um mercado de trabalho e consumidores, e não de endividados e escravizados por essa canalha de parasitas que vendem a própria mãe, o filho, e se ficam para semente até os neto.

Mas e se eu estiver e errado, e se as pessoas institucionalizadas como loucos desvairados, sem seus tutores saírem prontas para roubar, matar, pilhar, e parar de trabalhar e viver apenas se empanturrando e drogando? Bem, então, rigorosamente voltariam exatamente para o ponto onde nos encontramos. Porque de duas uma ou o mundo cão é um mito, e portanto estamos nos defendo de inimigos imaginários, e logo não precisamos das defesas que temos, não na desproporção atual. Ou o mundo cão é uma realidade, e se é uma realidade a solução atual não está funcionando, e melhor seria começarmos a parar de brutalizar nosso semelhante nas bases, mas de nos desumanizar nas cabeças, permitindo que tenha condição tanto econômicas quanto politicas de se emancipar e assumir suas responsabilidades ao invés de subtrai-las para transferi-las a terceiros, fazendo-o da baixa sociedade escravos, e da alta os idiotas por mérito e excelência, o servo voluntário por corrupção e definição, que ainda canta em verso e prosa sobre educação, como se o processo de aprendizado, fosse feito sem o substrato do campo de dados do acerto e erros da experiencia. E enquanto nega e renega não só a seu semelhante mas renuncia as condições para aprender como seus erros da experiencia da vida social e pública, não só paga e

alimenta o aparelho estatal e corporativo continuar aprendendo-a a otimizar a aliená-lo com mais eficiência de bom grado com suas supostas falhas.

É com certeza o problema da sociedade, uma criança com uns 50 100 ou 1000 reais por mês basal para sobreviver, é a delinquência juvenil que nasce sem pai e não raro morre sem deixar legado, e não a impunidade senil, tradição parasitária dinástica que se transmite de pai para filho junto com o produto do latrocínio e pilhagem legalizado ou pero no mucho.

Mas não há absolutamente nada de novo nesta visão do direito natural e dos contratos social. Exceto que a garantia da provisão do seu usufruto do que foi seria, ou é um bem comum, esse imperativo da responsabilidade social como dever redistributivo proporcional as posses e as carestias longe de carecer de intermediadores que apelem para a força de fato, precisa dela na pior das hipóteses para impedir que aqueles que se beneficiam da tirania e escravidão marchar contra as pessoas de quem esse estado de paz realmente precisa, gente de paz dotada do mínimo de sensibilidade e inteligencia solidária para integrar de fato uma sociedade livre. Sociedade portanto que não precisa ser tutelada nem governada, mas que por principio e definição e objetivo se governa, porque não é o propriedade de outrem, mas co-proprietária do seu mundo que todos carecem. A temida anarquia dos tiranos, ou mais precisamente a falta dos cabrestos deles, os despostas, mas pode chamar de democracia genuína, de gente livre, constituída da igualdade de autoridade sobre o mesmo denominador comum no qual a igualdade não é só mas absolutamente imprescindível: a liberdade. E Liberdade não abstrata, mas concreta sobre a única propriedade basilar que é de fato coletiva o patrimônio de uma nação, do qual sem a posse e controle não passa de um colônia ou assentamento, quando não campo de concentração de gentes sob a posse e controle de fato outros, e que sem a garantia do seu usufruto na medida das necessidades vitais de cada pessoa, não é garantia de liberdade basilar nenhuma, a bendita de dignidade mínima de não morrer, não matar e não ser morto, por não ter, ou por alguém não ter como sequer sobreviver. Afinal para viver e morrer como bicho, não precisamos pagar nem perder tempo pensando muito pra isso, isso de fato é de graça e já vem no pacote da vida.

E se todo aqui parece girar em torno de uma utopia, é porque é uma utopia, enquanto a matéria-prima desse que não se contrato social que não se sustenta pelo apelação e subsidio do que é imposto pelo monopólio da violência não está a disposição para construir, ao menos não em tijolos e argamassa suficiente para erguer uma casa que dirá um edifício para essa nova sociedade. Porque se a metáfora do poço da impressão de a arquitetura desse nova sociedade que a infraestrutura e superestruturas das sociedades são feitas de classes, instituições, arcabouços ideológicos nos quais se encerram as mentalidades e corpos das pessoas, é porque a espada não fez ainda seu devido serviço, quebrou o paradigma. Não são as pessoas que se encerram nos arcabouços ideológicos das classificações e institucionalizações, roubando suas anima como força motriz, mas são o individuo que enquanto átomo, como unidade fundamental desse universo e sua livre vontade como força dinâmica fundamental que movimenta a rede desse organismo social. De tal modo que as disposições e obstruções antes de serem arquitetura da codificação do sistema ou da própria concretude ágoras, polis e urbes, é sobretudo o novo padrão ou logos da arquitetura da psique que e ethos desse ser humano que é a fonte dos contratos sociais vivos e não o reprodutor dos contratos sociais dos necrófilos e necrófagos. Feitos e mantido pelos que vivem para preservar os direitos próximas gerações. E não entre mortos e os que vão morrer mas não encaram, ao sacrifícios dos que vivem, e dos que nem nasceram e serão sacrificados

e dos que sequer nasceram porque já foram sacrificados para que eles pudessem se perpetuar artificial e necrofagicamente um pouco.

Na revolução epistemológica a fonte da verdade nunca está no que escrito, mas na verdade que se lê do livro da vida, naquilo que se precisa escrever. Daí que as soluções prontas, são sempre efêmeras e provisórias quando não absolutamente urgentes, quanto mais correspondentes com a atualidade da realidade, e as verdades permanentes tão evidentes e absolutamente evidentes como a necessidade da renovação, que a negação e contrariedade se explica mais como a própria necessidade da mesma, isto é, a incapacidade em fazê-lo que implica em desintegração e extinção do organismo ou seu padrão, é em si, a própria renovação não dele, mas da vida. O fim de uma estrutura obsoleta que não consegue mais se adaptar e evoluir e que acaba se autodestruindo nessa instinto contraditório que é o de preservar a todo custo sua forma de vida. A força geradora de vida, cumprido mais uma vez sua função, agora porém como pulsão de morte.

Portanto se é sobre átomo desse social , e a pessoa humana que se edifica, e não as estruturas sociais, é dentro do núcleo desse átomo que encontramos as forças fundamentais que alimentam toda a química dessa física. As pulsões que hoje estão degeneradas e pervertidas que servem para construir aquilo que consideram monstruoso na humanidade, e que por isso mesmo por estarem alienadas para ou por conta de finalidades outras, são as forças incluso de vontade não politica ou econômica, mas social solidária e gregária, são a desinteligência que sobra e a inteligencia que falta para que esses modelos não parecem descrição de quadros coloridos para cegos, ou música para surdos, ou dores do mundo imaginarias para barrigas e picas ambulantes.

Quando a realidade se torna uma alucinação, é preciso cortá-la, não com navalhas, mas com espadas, porém não com brutalidade que só deixa ruínas, mas cirurgicamente, com método e sobretudo cuidado para preservar os fundamentos que edificam e que estão sequestrados. Há que se cuidar sobretudo dos métodos, porque neles que se perdem não só princípios, e as finalidades mas os próprios sujeitos que longe de ser os sujeitos e a força motriz da sua da autodeterminação da sua história, são agora engrenagens de um jogo histórico que não conseguiram reescrever propriamente como a sua.

O tempo não é feito de contínuos, mas de ciclos e revoluções. E o que se chama de um estado, nada mais é que senão uma era, a constituição espaço e no tempo, a materialização do que outrora foi avento revolucionário e o princípio conservador desse avanço, mas que se perdeu a capacidade e o propósito de conservar não só as criaturas, mas a criação, o próprio motor da vida, deixa de ser um estado de paz, promoção e preservação da vida, para ser um estado perverso e pervertido e sobretudo fadado em última instancia a autodestruição de toda vida daquilo que já está velho, morto, apodrecido, obsoleto, mas que insiste em manter sua posse e poder nem ao custo da própria vida e sua geração. Mais do necropoder, isso é a fantasia da necromancia, prolongar a sua integralidade artificial da sua existência material, ou dos corpos materiais, ao custo do sacrifício e não raro holocausto de novos vidas. Uma materialidade que perseguindo a conservação da própria formas só faz se desintegrar neste câncer que é a fonte do seu poder, mas também da sua autodestruição. a perversão da pulsão da vida como pulsão de morte.

E é sobre essa pulsão tanto em sua condição são como uma doença que segue o escrito e que encerra essa reflexão. Porque é na compreensão dessa força motriz tanto como Eros quanto Tanatos que reside a formação de novo paradigma epistemológico, ou se preferir uma nova consciência, na pior das hipóteses minimante menos vulnerável portanto a manipulação inconsciente dessas pulsões instintivas, na melhor, capaz de se apropriar e empoderar dessa força motriz da vida, para construir uma cultura preservação da vida e da paz e não de ídolos e mitos e entidade feitos a imagem e semelhança dos senhores da guerra da morte e discórdia.

Revoluções só são violentas, só são uma guerra de gerações quando, tudo que cresce não amadurece nem se emancipa, e continua se comportando, como se tudo vivesse em função da preservação da sua vida, e não compreende, que num dado momento, os papéis se invertem, e ele que precisa se sacrificar para que novas vidas ganhem o mundo. Só que não. Não é essa ordem natural da vida que governa o mundo. Mas a ordem que pretende enganar o tempo e a morte, vivendo em vida e em morte através do outro. Um parasita material que sonha em ser histórica e até metafisicamente transcendental, mas que vive preso em um único arcabouço: o medo da morte, física e espiritual a desintegração do seu ego, do eu como corpo, descendência, legado, memória. O medo da nulidade existencial, que por sinal ele já concretizou enquanto saco sem fundo ou buraco negro que tudo suga sem produzir nada, além de expandir sua existência sem sentido por si e para si, fechada em si mesma. Minto, tem uma finalidade: o principio da conservação que se expande destituído de outra finalidade que não o conservar seu padrão consumindo tudo que o cerca, acabar com tudo, incluso com si mesmo. É a morte não só de si mas de uma rede, que se desfaz para recomeçar. E eis que aquele que desesperadamente tentando preservar exatamente tudo como está, alimenta o paradoxo daquilo que exatamente tenta destruir, a vida, se desintegra o que tenta maximizar, e a vida emerge não só da contradição, mas da própria nulidade mais uma vez, não porque precise dos idiotas que se autodestroem e renegam a vida para criá-la e construir o novo. Tanto faz, o principio gerador da vida por definição não precisa de nada para se autogerar, pelo contrário quem precisa dele, não é a fonte mas quem é por definição embora fantasie controlar a vida, matando e manipulando, querendo ou não, continua a ser um ser que é um ser gerado pela vida, e não que se cria a si mesmo, não a partir do nada, ou sequer da negação da geração da própria vida. Perder-se desse logos que antes de ser uma razão, ou um senso comum, é um profundo senso de sentido pertencimento a vida, que vai além da mera pulsão de sobrevivência, reprodução. É perder a vontade de viver que não deixa jamais de ser inconscientemente o saber e logo vontade de morrer por algo que faça algum sentido. E é aqui que entra em cena a perversão, quando esse algo deixa se ser o sacrifício voluntário da própria vida para preservar a geração de nova vida, para ser o sacrifício e holocausto de vidas alheias sobretudo as novas não só para dar prolongar as velhas, mas para conversar seres e entidades que não só morreram, mas que de fato jamais tiveram de fato vida, taras e fantasias, que se perpetuam mesmo depois de enterrados os monstros, e não adianta sumir com os túmulos ou suas múmias, por que a loucura não habita o cemitério maldito das suas covas, mas da inconsciência coletiva dos nossos cultos e culturas de idolatria ao sacrifício aos psicopatas como força suficiente para impor suas taras incluso do inferno. Porque os monstros podem ir para o diabo que os carregue, mas ficam-se os traumas que domesticam e fazem as pessoas a vagar como cachorros abandonados em busca de um novo dono e senhor. Como se pode ver, pelas personas e personalidades que governam e regem o mundo, muitas delas que não tem nem mais sequer propriamente vida por definição, dado que são a própria encarnação da fantasia de perpetuação alheia enquanto entidade, não só como pessoa jurídica, mas com jurisdição sobre a própria vida de quem de fato é dotado de direito a vida. Inútil cortas cabeças, ou derrubar templos. Cabeças

nunca faltam. Porque a morada do servidão, não é o senhor mas o servo. E não o pesadelo não desaparece, quando se abre o olhos. Pelo contrário ele se monstra o quanto se fez concretude, no corpo da sociedade e espírito da humanidade. E?

E aí, que vamos fazer, o que vai fazer quem tem cabelos brancos? Vai pintar esticar a cara, comprar um carro novo? Se fingir de garotão, e cocotinha? Ou vai deixar pra molecada que não tem a menor ideia de quem são esses vagabundos, se fuderem no seu lugar? Confortável. Nesse sentido, sou obrigado a concordar com as populações que estão desaparecendo, para desespero de papas e governantes porque não tem filhos, ou a razão de menos de 2 por casal. É um egoismo, um foda-se todo mundo, senão consciente, pelo menos inconscientemente mais coerente. Realmente colocar gente no mundo para fazê-los meros objetos de seu fetiche, ou pior do fetiche alheio, para que eles se sacrifiquem ou sejam sacrificados porque não estamos mais dispostos a fazer sacrifícios, nem sequer queremos mais viver senão do sacrifício alheio, então como diria o poeta que nosso amor em nossas bolhas seja eterno enquanto dure. Melhor do crianças mimadas em corpos e alma de velhos degenerados a transferir o legado da sua irresponsabilidade psicopatologia para outra geração de clones alimentados da carne dos bastardos dessa desumanidade que ainda vive ainda vive de comer a carniça, mas arrota caviar. Devidamente processadora e temperado a todos os gostos e paladares civilizatórios, desde do fino gosto do progressismo de esquerda até o mais rustico conservadorismo de direita. Mas no final das contas carniça, incluso a de seus semelhantes.

Um sentimento mórbido que alimenta mais do que as camadas mais profundas da deep weeb ou do inconsciente coletivo humana mas as mais evidentes e explicitas que portanto se escondem no melhor dos todos os esconderijos: na invisibilidade da normalidade das multidões. Seja o capital que gira, seja na aparente complexa engenharia seja na dessa sociedade do espetáculo na era das redes sociais:

Fotos do cadáver de Bianca foram partilhadas online e quase 24 horas depois, continuavam publicadas, gerando uma movimentação complexa nas redes sociais.

Se, por um lado, houve quem pedisse para que as imagens publicadas no Instagram e na plataforma Discord fossem apagadas, houve quem aproveitasse esses avisos, para ir em busca das fotografias e ganhar proveito com elas. Segundo relata a BBC, a hashtag "RIPBianca foi, durante algum tempo, um dos tópicos mais discutidos na rede social Twitter e o perfil de Bianca no Instagram passou de dois mil seguidores para 160 mil.

Com a divulgação da história, muitos procuravam na Internet pelos nomes dos envolvidos, o que criou a movimentação para aumentar o número de seguidores do casal. E como foi divulgado que existiam fotografias dos cadáveres, o instinto mórbido de alguns internautas fez com que procurassem as imagens.

Aproveitando esta movimentação, vários utilizadores criaram contas falsas com os nomes de Bianca e Brandon, para surgirem nas pesquisas por notícias e angariarem seguidores, e outros decidiram publicitar que tinham as imagens publicadas, mas que só as mostrariam a quem fizesse "gosto nas suas contas nas redes sociais.

Para contrariar este movimento de oportunismo e voyeurismo macabro, amigos e desconhecidos decidiram publicar diversas imagens positivas, como paisagens ou corações, com as mesmas hashtags utilizadas para difundir as imagens do crime.(...) - Como ***O homicídio de Bianca foi usado para aumentar popularidade online***

Seja nas guerras e crimes contra a humanidade que o fato é que que de tão banalizados já são como a fome, as bombas já caem e matam, apenas chove, não há nem mais sujeitos a serem responsabilizados. A morbidez e conformidade dita a ordem. As bombas simplesmente caem do céu e brotam do chão, respira-se no ar, já a água e comida, estas não, se a criança e seu pai quiserem ganhar vida e não a morte terão que fazer por merecer, com trabalho e alienado. Na verdade até quando estão morrendo, querendo ou não já estão trabalhando, e nós consumindo e deus do trabalho e do consumo seja louvado...

Menina de cinco anos morre após salvar irmã bebê em bombardeio na Síria

Presas em escombros, Riham, de cinco anos, segura sua irmã Tuka, de sete meses, ao lado de outra irmã, Dalia, após o...

g1.globo.com

E se isso lhe faz sentir-se mal, bem, que bom pra você... e para os negócios, porque, você ainda tem anima, e logo, capital humano para ser transformado e consumido. Porque tudo tem um preço, uma perda e um ganho, até o consumo. E o pior preço é sempre os dos sacrifícios ou das coisas que estamos sacrificando ou indo a holocausto dentro de nós mesmo, e já sequer nos damos mais conta. No livro caixa do capeta a venda é sempre casada, são sempre dois a preço a preço de um, a vida que se perde porque se foi, e a que se perde porque fica. Lucra-se sempre nas duas pontas.

Na prática, tanto faz se sentimos muito ou não, o fato permanece, as meninas estão mortas. E a revolta e indignação que não tem a mesma a força da vontade para se materializar como gesto e 10 centavos de real ou 1 milhão de bolivares valem a mesma coisa, não servem nem para comprar um café na esquina nem para quem está morrendo do seu lado que dirá a mares de distancia. Mas vendem narrativas. Não o suficiente para arrecadar o mesmo para ajuda humanitária. E nem um milésimo do que já pagamos em tributos para financiar a industrial estatal-privada que as mata. Melhor seria não financiar o assassinato legalizado, mas eis que voltamos aos contratos sociais e a que norteia esse texto: como e porque não conseguimos escapar dessa pulsão de morte que tem nos levado a uma evidente destruição mutua assegurada.

Parece uma visão pessimista da humanidade, e do seu futuro. Pelo contrário. Uma vez deixada de lado as infantis desejos de controle e manipulação e vontade de modificar a natureza humana, a nossa natureza, paramos de lidar entre achando que o ser humano é um bichinho de pelúcia fofinho ou uma mostro demoníaco, o ser humano como todo ser vivo, pode não ser só um animal, ou tão simples como os demais, mas não deixa de sê-lo, e merece o respeito e não julgamento, é bonito independente desde seus hábitos desde que você não seja estupido o suficiente de achar que pode fazer dele seu pet. Não nasceu para ser um domestico, nem domesticado. E com isso, não estou dizendo que ele vai voltar para cagar e

dormir no mato, estou dizendo, que não nasceu para estar amestrado. E que mais hora menos hora menos como quem resolve por um urso num circo, um tigre na coleira, acaba devorado pelos seus animais que não, não são de estimação. E se até um biólogo consegue respeitar e gostar de animal peçonhento como uma cobra, quando respeita sua natureza, o homem pode fazer o mesmo com seu nem tão semelhante assim, basta não querer dar um beijinho na boquinha da cobra, mas deixá-la vivendo no canto dele, especialmente quando ele quer viver no seu e enxerga em você nada mais do que a parte mais baixa da sua enorme cadeia alimentar.

O problema passa longe da luta pela sobrevivência, ou dos instinto de preservação. Nosso problema como humanidade reside na degeneração patológica desses instintos, ou mais precisamente como esses pulsões de preservação e reprodução da vida, sobretudo para além da mera materialidade biológica da vida, se tornaram mais do que pulsão de morte, mas uma compulsão homicida e genocidade de morte, transmitida geração após geração como culto, uma cultura autodestrutiva de idolatria a supremacia da violência e discórdia desigualdade e sobretudo servidão, disfarçada de paz, concórdia, igualdade e liberdade. Uma perversão de um instinto gregário e pulsão fundamental à vida e seu sentido que é pedra fundamental desses cultos e que contudo não pode jamais ser confundido com essa ordem, porque não pertence a ele. Pelo contrário, quando livre a força e vontade constituinte da consciência e da paz e liberdade que nos falta naquilo que é pulsão libertária e criativa da vida. A capacidade de viver e morrer não por ideias ou causas imaginárias, taras e fantasias alheias, se enterrar vivos junto com faraós, múmias, e afins, mas lutar pelos que aqui estão de corpo e alma, e pelos que hão de vir, para viver e poder morrer por gente, gente seres dotados de anima, alma seres que pode-se se amar e odiar, e não virtuais e imaginários, fantasias de tarados que um dia tiveram poder e posses suficientes para fazer todos dançarem sua música, e mesmo depois de morrerem, coitados torturados continuaram a dança-la, ao invés de compor a sua ou dizer para sua prole que finamente estavam livre para dançar conforme sua música. Mais triste do que ter que fazer o que um psicopata ou estatopata manda com uma arma apontada para sua cabeça, é fazê-lo porque ele nunca mais saiu dela, ou pior sequer conheceu um mundo, onde essa música manicomial maldita não tocava sem parar. E felizes dos surdos sobretudo voluntários, nesses mundo de ruídos porque eles podem ouvir seus próprios sentimentos e pensar, sem ser atormentados por possessos e possuídos pela taras vontades de quem não existe ou não existe mais senão como produto justamente desse delírio e histeria coletivo.

Me mostre uma ideia ou uma causa que vale mais que uma única vida humana e eu te dou espelho onde você poderá ver o que é um louco sempre potencialmente perigoso, especialmente se a vida que ele já quer sacrificar não é a única que ele tem direito sobre, a dele. Um bando reunido para sacrificar o alheio, tem muitos nomes e métodos ao longo da história: canibais, nazistas, mas o principio é mesmo, genocídio e holocausto. Uma pessoa, ou grupo disposto a dar a vida VOLUNTARIAMENTE pelo outro, num único gesto ou aos poucos morrendo cotidianamente, trabalhando, gestando, lutando tem outros nomes e muitas vocações e profissões: mártires, trabalhadores, soldados, heróis, pais, mães... e sobre a carne e osso tanto dessa gente, quanto dos servos, escravos, e que não puderam escolher se sacrificar que se assenta toda a vida e riqueza criada pela humanidade.

Quem adora e cria cobra e gafanhotos, sonhando um dia em ser o rei das cobras e seus gafanhotos se não morre picado, morre de fome. Minto, é uma loteria, trocentos otários vão

encher os cofres da casa, e um vai levar o prêmio. Mas sobretudo a casa já ganhou, porque o mais importante já foi comprando e vendido.

Mas já chega. É hora de entrar de cabeça nessa bendita pulsão de morte, ou melhor da vida, porque de uma forma ou de outra a vida sempre vence e o novo sempre vem. Porém nem sempre da forma que gostaríamos, isto é com a gente, incluso. E se queremos fazer ainda parte da construção desse futuro, se achamos que ainda temos ainda alguma coisa para dar, e não só levar, está na hora de começarmos a considerar e trabalhar essa pulsão tanto em seus aspectos são e gregários quanto insanos e desagregadores bem mais a sério, tão a sério nos nossos modelos teóricos, políticos, econômicos e sobretudo sociais, no mínimo tão a sério quanto o próprio instinto de sobrevivência em particular, porque não raro o sobrepuja, e não raro é sobre ele ser herege não só estados, nações, e civilizações, mas as grandes ideologias do mundo, inclusos as religiões. E infelizmente não raro como cultura de necrofilia, antropofagia e martirização massiva do alheio, muitas vezes dentro da própria estrutura do culto do martirizado depois de alienado e pervertido. E enfim eternizado, num presente eterno, onde esse passado de morte governa pela completa anulação não só pelo medo e esperança, mas pela nulificação da visão e do tempo necessário para vislumbrar os futuros, no imediatismo de uma vida cotidiana que é o principal capital da vida, o seu tempo existencial, e seu sentido, foram não só pervertidos para a seita do passado, mas consumido pelo espetáculo do imediatismo, onde você até gostaria de ser uma pessoa mais presente, e preocupado com futuro, mas já não tem tempo...

Por que o imediatismo humano é uma grande ameaça à civilização

Pouco após o nascimento da minha filha, em 2013, eu pensei sobre como sua vida seria. Com saúde e sorte, ela viverá o...

www.bbc.com

O futuro sempre esteve em pauta. Mas não com o devido respeito que ele merece. Quando falamos de futuro, embora sejamos os sujeito da (pré)visão, ele em si não nos pertence. E trabalhar para ele pertença a quem de fato o viverá é o papel, de quem não quer ser um legado maldito ou uma assombração para quem viver a sua vida e não morrer pela dos seus antepassados. Nisto que a humanidade ainda não compreendeu o que significa a noção de herança. Herança não é aquilo que predetermina a gene cultural ou biologica das formas de vida que virão, herança é aquilo que dispõe a novas formas de vida para que ela seja capaz não só de autodeterminar sua forma de vida, adaptando as suas vontades as necessidades ou vice-versa conforme sua capacidade, mas sobretudo, continuar preservando esse padrão de autodeterminação, porque é dessa potência versus as possibilidades de fato concretizá-la que se determina até onde e quando uma forma de vida irá existir ou enfim dar lugar a outras, menos vulneráveis ao destino, o mundo, mas principalmente e antes de tudo a si a sua gene, não só geração após geração, mas no agora, por simples consciencia do futuro e amor incondicional à vida que por definição jamais será sua. Simplesmente a vida que segue a sua revelia, o único lugar onde a palavra amor faz inclusive algum sentido, o amor da criação a sua liberdade,ou da liberdade a sua criação. E neste caso a ordem dos fatores não altera o produto, que continua o mesmo, vida.